

**ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL DAS OBRAS
DE IMPLANTAÇÃO E PAVIMENTAÇÃO DA
RODOVIA BR285/RS/SC**

**SUBTRECHO SÃO JOSÉ DOS AUSENTES (RS) –
TIMBÉ DO SUL (SC) – 30,3 km**

**DIAGNÓSTICO AMBIENTAL
MEIO SOCIOECONÔMICO
VOLUME III**

AGOSTO DE 2010



**ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL DAS
OBRAS DE IMPLANTAÇÃO E
PAVIMENTAÇÃO DA RODOVIA
BR285/RS/SC**

**SUBTRECHO SÃO JOSÉ DOS AUSENTES (RS) –
TIMBÉ DO SUL (SC) – 30,3 km**

COORDENAÇÃO GERAL

Prof. Dr. Eduardo Ratton

EQUIPE TÉCNICA

Eduardo Ratton

Gilza F. Blasi

Marcia Andrade Pereira

Gabrielle De Almeida Mendes

Philipe Ratton

Sony C. Caneparo

Everton Passos

Fabio Luiz Troian

Daisy Bessa

Marcio Luiz Bittencourt

Marcela Barcelos Sobanski

Cassiano Roman

Felipe Bortolotto Peters

Paulo Ricardo De O.Roth

Maurício Da Silveira Pereira

Rodrigo Caruccio Santos

Ademir Alfredo Jeronimo

Luís Felipe Schmidt De Aguiar

Rodrigo Fonseca

Lucas Castello Costa De Fries

Jocelim Lotario Costa

Fernando Poerschke

Vagner Luis Camilotti

Giovanni W. Ferreira

Elizabete Cristina Bassani

Sergio Leite

Renata Almeida Leite

Kamilla Chemin Assumpção

Fernando Augusto Birck

Alexandre Monteiro



Brasil. Universidade Federal do Paraná. Estudo de Impacto Ambiental - BR-285/RS /SC.

Elaboração: Instituto Tecnológico de Transportes e Infraestrutura. Curitiba, agosto de 2010.



SUMÁRIO

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1

1 IDENTIFICAÇÃO DO EMPREENDEDOR E DA EMPRESA CONSULTORA.....	1-1
1.1 IDENTIFICAÇÃO DO EMPREENDEDOR.....	1-1
1.2 IDENTIFICAÇÃO DA EMPRESA CONSULTORA.....	1-4
1.3 DADOS DA EQUIPE TÉCNICA MULTIDISCIPLINAR.....	1-4

CAPÍTULO 2

2 DADOS DO EMPREENDIMENTO.....	2-1
2.1 CARACTERIZAÇÃO DO EMPREENDIMENTO.....	2-1
2.1.1 Histórico.....	2-1
2.1.2 Objetivos do Empreendimento.....	2-3
2.1.3 Justificativas.....	2-4
2.1.4 Localização Geográfica.....	2-5
2.1.5 Inserção Regional.....	2-9
2.1.5.1 Planos e programas do setor público.....	2-9
2.1.5.2 América do Sul.....	2-10
2.1.5.3 Governo Federal.....	2-12
2.1.5.4 Governos Estaduais.....	2-16
2.1.5.4.1 Governo do Estado do Rio Grande do Sul.....	2-16
2.1.5.4.2 Governo do Estado de Santa Catarina.....	2-17
2.1.5.5 Governos Municipais.....	2-18
2.1.5.6 Planos e programas do setor privado.....	2-19
2.1.6 Órgão Financiador / Valor do Empreendimento.....	2-22
2.2 DESCRIÇÃO DO PROJETO.....	2-23
2.2.1 Informações Básicas.....	2-23
2.2.1.1 Lote 1 – São José dos Ausentes – Divisa RS/SC.....	2-24
2.2.1.2 Lote 2 – Divisa RS/SC – Timbé do Sul.....	2-39
2.3 ASPECTOS LEGAIS.....	2-64

2.3.1	Considerações Iniciais	2-64
2.3.2	Da partilha Constitucional e das Competências	2-64
2.3.2.1	Da Competência Administrativa.....	2-64
2.3.2.2	Da Competência Legislativa da União e dos Estados	2-65
2.3.2.3	Da Competência Legislativa dos Municípios	2-66
2.3.3	Dos Bens da União.....	2-67
2.3.4	Do Meio Ambiente e da Constituição Federal	2-68
2.3.5	Da Política Ambiental do Meio Ambiente.....	2-69
2.3.5.1	Da Proteção aos Recursos Hídricos	2-70
2.3.5.2	Da Proteção Ambiental nas Comunidades Indígenas.....	2-71
2.3.5.3	Da Proteção à Flora.....	2-72
2.3.5.4	Da Proteção à Fauna.....	2-75
2.3.5.5	Da Proteção à Qualidade do Ar	2-76
2.3.5.6	Do Controle da Poluição Sonora.....	2-77
2.3.5.7	Da Proteção ao Patrimônio Cultural.....	2-77
2.3.6	Das Unidades de Conservação	2-79
2.3.6.1	Dos Parques Nacionais	2-80
2.3.2.1.1.	Do Parque Nacional de Aparados da Serra.....	2-81
2.3.2.1.2.	Do Parque Nacional Serra Geral	2-81
2.3.2.1.3.	Da Zona de Amortecimento	2-81
2.3.2.1.3.1.	Das Zonas de Amortecimento dos Parques Nacionais de Aparados da Serra e Serra Geral... ..	2-83
2.3.2.2.	Da Área de Proteção Ambiental.....	2-83
2.3.3.	De Outros Espaços Territoriais Legalmente Protegidos	2-84
2.3.3.1.	Mata Atlântica	2-84
2.3.4.	Do Zoneamento Ecológico e Econômico	2-86
2.3.4.1.	Do Uso e Ocupação do Solo Urbano.....	2-86
2.3.5.	Dos Estudos Ambientais e do EIA - Estudo de Impacto Ambiental	2-87
2.3.5.1.	Da Abrangência do EIA	2-89
2.3.5.1.1.	Do Conteúdo do EIA.....	2-89
2.3.5.1.2.	Das Medidas Mitigadoras e Compensatórias.....	2-90
2.3.6.	Do Licenciamento Ambiental	2-90

2.3.6.1. Da Publicidade do Licenciamento	2-92
2.3.6.2. Da Competência para o Licenciamento	2-92
2.3.7. Conclusões	2-94
2.3.8. Legislação Ambiental Incidente sobre o Empreendimento	2-94

CAPÍTULO 3

3 ALTERNATIVAS TECNOLÓGICAS E LOCACIONAIS.....	3-1
3.1 ALTERNATIVAS LOCACIONAIS	3-1
3.1.1 Alternativas Locacionais para o Lote 1 – São José dos Ausentes – Divisa RS/SC.....	3-1
3.1.2 Alternativas Locacionais para o Lote 2 – Divisa RS/SC – Timbé do Sul.....	3-14
3.1.3 Alternativa de não Realização do Empreendimento	3-17
3.2 ALTERNATIVAS TECNOLÓGICAS	3-19
3.2.1 Alternativas Tecnológicas: Lote 1 – São José dos Ausentes – Divisa RS/SC.....	3-19
3.2.1.1 Ponte sobre o Rio das Antas	3-19
3.2.2 Alternativas tecnológicas: Lote 2 – Divisa RS/SC – Timbé do Sul.....	3-21
3.2.2.1 Justificativa para Adoção do Pavimento Rígido.....	3-21
3.2.2.2 Pontes sobre os Rios Rocinha e Serra Velha.....	3-22
3.2.2.3 Viaduto V1 – km 48+780,445 m.....	3-23
3.2.2.4 Viaduto V2 – km 50+338,330 m.....	3-24
3.2.2.5 Viaduto V3 – km 52+138,390 m.....	3-25
3.2.2.6 Viaduto V4 – km 54+357,640 m.....	3-26

CAPÍTULO 4

4 ÁREAS DE INFLUÊNCIA DO EMPREENDIMENTO.....	4-1
4.1 ÁREA DIRETAMENTE AFETADA (ADA)	4-1
4.2 ÁREA DE INFLUÊNCIA DIRETA (AID)	4-4
4.2.1 Meio Físico.....	4-5
4.2.2 Meio Biótico.....	4-6

4.2.3	Meio Socioeconômico.....	4-7
4.3	ÁREA DE INFLUÊNCIA INDIRETA (AII)	4-8
4.3.1	Meio Físico.....	4-8
4.3.2	Meio Biótico.....	4-8
4.3.3	Meio Socioeconômico.....	4-9

CAPÍTULO 5

5	DIAGNÓSTICO AMBIENTAL	5-1
5.1	MEIO FÍSICO.....	5-1
5.1.1	Metodologia Aplicada.....	5-1
5.1.1.1	Metodologia Aplicada ao Clima	5-1
5.1.1.2	Metodologia Aplicada à Geologia	5-2
5.1.1.3	Metodologia Aplicada à Geomorfologia	5-2
5.1.1.4	Metodologia Aplicada ao Solo	5-8
5.1.1.5	Metodologia Aplicada aos Recursos Hídricos.....	5-8
5.1.1.6	Metodologia Aplicada aos Níveis de Ruído	5-15
5.1.1.7	Metodologia Aplicada aos Níveis de Poluição Atmosférica	5-16
5.1.2	Clima.....	5-17
5.1.2.1	Precipitação e Temperatura.....	5-17
5.1.2.2	Balço Hídrico (Lote 1 – Lote 2)	5-26
5.1.2.3	Circulação Atmosférica (Lote 1 – Lote 2).....	5-30
5.1.3	Geologia.....	5-31
5.1.3.1	Geologia Regional	5-31
5.1.3.2	Geologia Local.....	5-32
5.1.3.3	Geologia Econômica.....	5-37
5.1.3.4	Geotecnia	5-41
5.1.4	Geomorfologia.....	5-51
5.1.4.1	Unidades de Paisagem.....	5-57
5.1.5	Solos.....	5-64
5.1.6	Recursos Hídricos.....	5-68
5.1.6.1	Hidrologia e Hidrogeologia.....	5-68

5.1.6.2	Qualidade da Água	5-79
5.1.7	Níveis de Ruído.....	5-93
5.1.7.1	Considerações Iniciais	5-93
5.1.7.2	Efeitos e Tolerância a Poluição Sonora	5-93
5.1.7.3	Principais Fontes de Ruído em Áreas Urbanas e Rurais.....	5-94
5.1.7.4	Controle de Ruído.....	5-95
5.1.7.5	Diagnóstico da Situação Atual e Futura.....	5-96
5.1.8	Níveis de Poluição Atmosférica.....	5-97
5.1.8.1	Padrões de Qualidade do Ar.....	5-97
5.1.8.2	Diagnóstico de Situação Atual e Futura.....	5-99
5.2	MEIO BIÓTICO.....	5-100
5.2.1	Metodologia Aplicada.....	5-100
5.2.1.1	Flora.....	5-100
5.2.1.2	Fauna.....	5-108
5.2.2	Flora	5-133
5.2.2.1	Área de Influência Indireta	5-134
5.2.2.2	Área de Influência Direta	5-137
5.2.2.3	Levantamento florístico	5-153
5.2.2.4	Material coletado.....	5-159
5.2.2.5	Estimativa de área com vegetação florestal a suprimir.....	5-159
5.2.2.6	Resultados para Floresta Ombrófila Densa – Santa Catarina	5-159
5.2.2.7	Resultados para Floresta Ombrófila Mista – Mata de Araucária – Rio Grande do Sul.....	5-189
5.2.2.8	Percentual de cada fitofisionomia na Área de Influência Direta.....	5-207
5.2.2.9	Descrição fotográfica do trecho	5-207
5.2.2.10	Corredores ecológicos	5-221
5.2.3	Fauna.....	5-225
5.2.3.1	Mastofauna	5-225
5.2.3.2	Avifauna.....	5-264
5.2.3.3	Herpetologia	5-293
5.2.3.4	Ictiofauna	5-337
5.2.4	Unidades de Conservação (UC)	5-362

5.2.4.1	Estação Ecológica de Aracuri	5-366
5.2.4.2	Parque Estadual do Tainhas.....	5-366
5.2.4.3	Área de Proteção Ambiental Rota do Sol	5-367
5.2.4.4	Parque Nacional de Aparados da Serra	5-368
5.2.4.5	Parque Nacional da Serra Geral.....	5-369
5.2.4.6	Floresta Nacional de São Francisco de Paula	5-370
5.2.4.7	Floresta Nacional Canela.....	5-373
5.2.4.8	Áreas Legalmente Protegidas.....	5-374
5.2.5	Bioindicadores.....	5-375
5.2.5.1	Macroinvertebrados Bentônicos.....	5-377
5.2.5.2	Anfíbios.....	5-379
5.2.5.3	Peixes	5-381
5.3	MEIO SOCIOECONÔMICO.....	5-389
5.3.1	Metodologia Aplicada.....	5-389
5.3.1.1	Material	5-389
5.3.1.2	Metodologia Aplicada.....	5-390
5.3.1.3	Procedimentos Metodológicos	5-391
5.3.2	Caracterização Populacional.....	5-396
5.3.2.1	Caracterização Populacional da Área de Influência Indireta.....	5-396
5.3.2.2	Caracterização Populacional da Área de Influência Direta	5-445
5.3.2.3	Aspectos das Imigrações.....	5-471
5.3.2.4	Planos Diretores	5-477
5.3.3	Caracterização das Condições de Saúde e Doenças Endêmicas	5-480
5.3.4	Estrutura Produtiva e de Serviços.....	5-483
5.3.4.1	Aspectos Econômicos da Área de Influência Indireta	5-483
5.3.4.2	Aspectos Econômicos da Área de Influência Direta	5-548
5.3.5	Uso e Ocupação do Solo	5-605
5.3.5.1	Caracterização da Paisagem dos Municípios integrantes da All	5-605
5.3.5.2	Núcleos Populacionais e Evolução da População nas Áreas de Influência Indireta e Direta do Meio Socioeconômico	5-651
5.3.5.3	Uso e ocupação do solo nas Áreas de Influência Indireta e Direta do Meio Socioeconômico	5-663

5.3.5.4	Aspectos do Turismo nas Áreas de Influência Indireta e Direta do Meio Socioeconômico	5-669
5.3.6	Reassentamento e Desapropriação	5-683
5.3.7	Caracterização das Comunidades Tradicionais e Quilombolas	5-688
5.3.8	Caracterização das Comunidades Indígenas.....	5-688
5.3.9	Patrimônio Histórico, Cultural e Arqueológico	5-688
5.3.9.1	Evolução dos Estudos Arqueológicos no Brasil	5-688
5.3.9.2	A ocupação do Planalto Sulbrasileiro	5-690
5.3.9.3	Arqueologia Regional.....	5-696
5.3.9.4	Pesquisas sobre as tradições ceramistas Taquara e Itararé	5-703
5.3.9.5	Arqueologia Local	5-705
5.3.9.6	A pesquisa realizada.....	5-708
5.3.10	Turismo Regional	5-712
5.3.11	Pesquisa de Campo - Enquete sobre a pavimentação e implantação da BR-285.....	5-717
5.4	PASSIVOS AMBIENTAIS.....	5-754

CAPÍTULO 6

6 ANÁLISE INTEGRADA.....	6-1
---------------------------------	------------

CAPÍTULO 7

7 PROGNÓSTICO AMBIENTAL E AVALIAÇÃO DOS IMPACTOS AMBIENTAIS	7-1	
7.1	PROGNÓSTICO AMBIENTAL.....	7-1
7.2	IDENTIFICAÇÃO DOS IMPACTOS AMBIENTAIS	7-11
7.2.1	Metodologia.....	7-11
7.2.1.1	Análise do Projeto e Seleção das Ações Impactantes do Empreendimento.....	7-12
7.2.1.2	Avaliação da Significância dos Impactos sobre os Componentes Ambientais	7-12
7.2.1.3	Descrição dos Impactos Ambientais Significativos	7-25

7.3	DESCRIÇÃO DOS IMPACTOS AMBIENTAIS.....	7-26
7.3.1	Desapropriações na faixa de domínio	7-27
7.3.2	Licenciamento Ambiental das jazidas e bota-foras	7-28
7.3.3	Carreamento de particulados às drenagens naturais e as Micro-Bacias	7-31
7.3.4	Instabilização de encostas naturais e taludes artificiais	7-33
7.3.5	Incremento temporário das Emissões Sonoras – Ruídos	7-35
7.3.6	Perda Temporária da Qualidade do Ar na ADA e AID	7-37
7.3.7	Interferências na Qualidade das Águas Superficiais.....	7-38
7.3.8	Geração de Passivo Ambiental ligado à disposição inadequada dos materiais oriundos da Terraplenagem	7-41
7.3.9	Interferência nos padrões Hídricos Subterrâneos	7-44
7.3.10	Interferência nos padrões de Drenagem Superficial – aumento da Erodibilidade Potencial.....	7-45
7.3.11	Redução da Diversidade Vegetal pela supressão da vegetação na Faixa de Domínio.....	7-47
7.3.12	Interferência no Fluxo Gênico entre remanescentes e redução da Biomassa Vegetal Florestal	7-51
7.3.13	Perturbações nos Habitats para a Fauna – fragmentação, dispersão da fauna e favorecimento da caça ilegal.....	7-53
7.3.14	Comprometimento dos Ecossistemas e Biotas Aquáticas	7-57
7.3.15	Aumento do Risco de Acidentes com Animais Peçonhentos.....	7-59
7.3.16	Ocorrência de Acidentes de Trabalho.....	7-60
7.3.17	Aumento Temporário da Oferta de Empregos no Setor da Construção Civil Pesada	7-61
7.3.18	Transtornos aos habitantes em função do Aumento temporário da População Masculina	7-63
7.3.19	Aumento Temporário da Renda Familiar – Melhoria do Poder Aquisitivo – Melhoria da Qualidade de Vida	7-64
7.3.20	Incremento da Demanda por Bens e Serviços.....	7-66
7.3.21	Transtornos Temporários no Sistema Viário e Tráfego Local	7-68
7.3.22	Deficiência no Manejo dos Resíduos Sólidos durante as Obras.....	7-69
7.3.23	Transtorno aos moradores próximos à Área Diretamente Afetada (ADA) ..	7-71

7.3.24	Modificação no cotidiano da população das Áreas de Influência Direta da rodovia.....	7-72
7.3.25	Contenção dos Processos Erosivos.....	7-74
7.3.26	Comprometimento e/ou Contaminação das Águas Superficiais e Subterrâneas	7-75
7.3.27	Favorecimento a Exploração em Remanescentes de Vegetação Nativa....	7-76
7.3.28	Aumento do Risco de Incêndios Acidentais	7-78
7.3.29	Favorecimento da Dispersão de Espécies Vegetais Exóticas.....	7-79
7.3.30	Aumento das Ocorrências de Atropelamentos de Animais Silvestres.....	7-80
7.3.31	Incremento das Informações Ambientais da Região.....	7-81
7.3.32	Melhoria das Vias Contíguas a Rodovia e dos Acessos Vicinais.....	7-82
7.3.33	Aumento da Renda Regional, Local e das Arrecadações Públicas	7-84
7.3.34	Redução dos Custos de Transporte de Mercadorias, Bens e Divisas	7-85
7.3.35	Aumento do número de Acidentes na Rodovia e nas Áreas do Entorno	7-87
7.3.36	Valorização e Especulação Imobiliária do Entorno da Rodovia	7-88
7.3.37	Modificação do Uso do Solo.....	7-90
7.3.38	Transtorno aos Habitantes da Área de Influência Direta.....	7-92
7.3.39	Dinamização do Turismo Regional	7-96
7.3.40	Pressão sobre a Infraestrutura Urbana nos Municípios da Área de Influência Direta	7-98
7.3.41	Modificação das Características Cênicas Locais	7-100
7.3.42	Interferência com o Patrimônio Arqueológico.....	7-101
7.3.43	Dinamização da Economia Regional e melhoria da Qualidade de Vida ...	7-103

CAPÍTULO 8

8 MEDIDAS PREVENTIVAS, MITIGADORAS, COMPENSATÓRIAS E PROGRAMAS AMBIENTAIS	8-1
8.1 MEDIDAS PREVENTIVAS, MITIGADORAS E COMPENSATÓRIAS	8-1
8.1.1 Avaliação das Áreas e Procedimentos legais para a Desapropriação, Indenização ou Reassentamento das Populações e Propriedades atingidas	8-2

8.1.2	Controle e Averiguação dos Processos de Locação e Licenciamento Ambiental das Áreas de Empréstimo e Bota-fora.....	8-3
8.1.3	Controle e Contenção de Processos Erosivos durante a Terraplenagem.....	8-5
8.1.4	Avaliação da Estabilidade das Encostas na Serra Geral – LOTE 2.....	8-7
8.1.5	Prevenção, Controle e Contenção dos Processos Degradadores da Qualidade Atmosférica.....	8-10
8.1.6	Controle e Contenção dos Processos de Emissão de Ruídos.....	8-12
8.1.7	Contenção e Controle dos Processos Comprometedoras das Características e Qualidade das Águas de Superfície e Subterrâneas.....	8-15
8.1.8	Cuidados e Controles na Retirada da Vegetação na faixa de domínio e nos acessos de trabalho.....	8-19
8.1.9	Recomposição Florística das Servidões, Áreas Degradadas, de Empréstimo e Bota-fora e Acessos de Trabalho – Proteção dos Remanescentes.....	8-23
8.1.10	Controle e Conscientização sobre os Deslocamentos de Fauna Silvestre sobre rodovia.....	8-25
8.1.11	Valorização da Área de Influência Direta.....	8-27
8.1.12	Monitoramento e Controle do Tráfego do Entorno Imediato e dos Acessos principais durante a Implantação da rodovia.....	8-32
8.1.13	Prevenção da Ocorrência de Acidentes do Trabalho.....	8-34
8.1.14	Manejo e Controle dos Materiais oriundos da Terraplenagem, dos processos Construtivos e Domésticos – Resíduos Sólidos.....	8-36
8.1.15	Gerenciamento das Intervenções nas Proximidades do Gasoduto – GASBOL.....	8-45
8.1.16	Avaliação do Patrimônio Arqueológico e Valorização dos Aspectos Históricos e Culturais da AID nas Fases de Preparação e Inicial de Implantação da Obra..	8-47
8.2	PROGRAMAS AMBIENTAIS.....	8-50
8.2.1	Programa de Gestão e Supervisão Ambiental.....	8-50
8.2.1.1	Plano Ambiental da Construção - PAC.....	8-55
8.2.1.1.1	Sub-Programa de sinalização das estradas, desvios e acessos durante as obras.....	8-88
8.2.1.2	Programa de Controle de Ruídos, Gases e Material Particulado.....	8-90

8.2.1.3	Programa de Monitoramento e Controle de Processos Erosivos e de Contenção de Instabilidades de Encostas Naturais e Taludes Artificiais	8-94
8.2.1.4	Programa de Monitoramento da Qualidade da Água e Proteção de Recursos Hídricos	8-97
8.2.1.5	Programa de Gerenciamento de Riscos Ambientais	8-101
8.2.1.5.1	Programa de Transporte de Produtos Perigosos	8-101
8.2.1.5.2	Plano de Redução de Acidentes na Fase de Implantação da Rodovia	8-106
8.2.1.6	Programa de Recuperação de Áreas Degradadas e Passivos Ambientais	8-112
8.2.1.6.1	Sub-Programa de recomposição florestal	8-117
8.2.1.6.2	Sub-Programa de aproveitamento científico da vegetação da área afetada pelo empreendimento	8-120
8.2.1.6.3	Subprograma de controle de supressão vegetal	8-122
8.2.1.7	Programa de Monitoramento da Fauna e bioindicadores	8-128
8.2.1.7.1	Sub-Programa de controle de atropelamentos da fauna	8-131
8.2.1.8	Programa de utilização de mão-de-obra local	8-132
8.2.1.9	Programa de Comunicação Social	8-134
8.2.1.10	Programa de Indenização, Reassentamento e Desapropriação	8-138
8.2.1.11	Programa de Prevenção de Endemias, Controle e Monitoramento de Doenças Endêmicas na AID, Canteiro de Obras e Áreas de Apoio	8-142
8.2.1.12	Programa de Educação Ambiental	8-147
8.2.1.12.1	Subprograma de Educação Ambiental às Comunidades Lindeiras ...	8-147
8.2.1.12.2	Subprograma de Capacitação Funcional dos Colaboradores e Terceirizados	8-150
8.2.1.13	Programa de Monitoramento Arqueológico	8-152
8.2.1.13.1	Subprograma de Valorização Cultural e Patrimônio	8-154
8.2.1.14	Programa de Fiscalização e Controle da Ocupação da Faixa de Domínio	8-156

CAPÍTULO 9

9 CONCLUSÕES	9-1
--------------------	-----

CAPÍTULO 10

10 BIBLIOGRAFIA.....	10-1
----------------------	------

CAPÍTULO 11

11 GLOSSÁRIO	11-1
--------------------	------

LISTA DE TABELAS

CAPÍTULO 1

TABELA 1.3.1 – REGISTRO DE EQUIPE TÉCNICA.....	1-5
---	------------

CAPÍTULO 2

TABELA 2.1.1 A – COBERTURA VEGETAL E USO DA TERRA NA AID DO MEIO FÍSICO E BIÓTICO.....	2-8
---	------------

TABELA 2.1.1 B – COBERTURA VEGETAL E USO DA TERRA NA AII DO MEIO FÍSICO E BIÓTICO.....	2-9
---	------------

TABELA 2.1.2 – MATRIZ DE TRANSPORTES PROPOSTA NO PNLT	2-13
--	-------------

TABELA 2.1.3 – DADOS DO EMPREENDEDOR.....	2-22
--	-------------

TABELA 2.1.4 – CUSTO TOTAL DO EMPREENDIMENTO – LOTE 1.....	2-22
---	-------------

TABELA 2.1.5 – CUSTO TOTAL DO EMPREENDIMENTO – LOTE 2.....	2-23
---	-------------

TABELA 2.2.1 – CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS DO PROJETO – LOTE 1	2-24
--	-------------

TABELA 2.2.2 – ESTIMATIVA DE TRÁFEGO – LOTE 1.....	2-26
---	-------------

TABELA 2.2.3 – LOCALIZAÇÃO DAS DEFENSAS METÁLICAS – LOTE 1	2-31
---	-------------

TABELA 2.2.4 – LOCALIZAÇÃO DOS BUEIROS – LOTE 1	2-32
--	-------------

TABELA 2.2.5 – LOCAIS DE BOTA-FORA – LOTE 1	2-34
--	-------------

TABELA 2.2.6 – LISTAGEM DE EQUIPAMENTOS – LOTE 1	2-36
---	-------------

TABELA 2.2.7 – MÃO-DE-OBRA NECESSÁRIA – LOTE 1	2-36
---	-------------

TABELA 2.2.8 – CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS DO PROJETO – LOTE 2	2-40
--	-------------

TABELA 2.2.9 – ESTIMATIVA DE TRÁFEGO – LOTE 2.....	2-42
TABELA 2.2.10 – LOCALIZAÇÃO DAS DEFENSAS METÁLICAS – LOTE 2	2-44
TABELA 2.2.11 – LOCALIZAÇÃO DAS BARREIRAS SIMPLES DE CONCRETO – LOTE 2.....	2-44
TABELA 2.2.12 – LOCALIZAÇÃO DE BUEIROS – LOTE 2	2-50
TABELA 2.2.13 – LOCAIS DE BOTA-FORA – LOTE 2	2-53
TABELA 2.2.14 – DIMENSIONAMENTO DO PAVIMENTO FLEXÍVEL – LOTE 2	2-57
TABELA 2.2.15 – DIMENSIONAMENTO DO PAVIMENTO RÍGIDO – LOTE 2	2-58
TABELA 2.2.16 – LISTAGEM DE EQUIPAMENTOS – LOTE 2	2-60
TABELA 2.2.17 – MÃO-DE-OBRA NECESSÁRIA – LOTE 2	2-61

CAPÍTULO 3

TABELA 3.1.1 – SUPRESSÃO DE VEGETAÇÃO.....	3-3
TABELA 3.1.2 – RESUMO DAS CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS E DESCRIÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS SOCIOAMBIENTAIS DAS ALTERNATIVAS LOCACIONAIS PARA O LOTE1.....	3-7
TABELA 3.1.3 – COMPARATIVO DAS CARACTERÍSTICAS SOCIOAMBIENTAIS ENTRE AS ALTERNATIVAS LOCACIONAIS PARA O LOTE 1	3-12

CAPÍTULO 4

TABELA 4.1.1 – COBERTURA VEGETAL A SER SUPRIMIDA E INTERFERÊNCIAS NA ADA PARA O LOTE 1.....	4-4
TABELA 4.1.2 – COBERTURA VEGETAL A SER SUPRIMIDA E INTERFERÊNCIAS NA ADA PARA O LOTE 2.....	4-4

CAPÍTULO 5

TABELA 5.1.1 – PARÂMETROS FÍSICO-QUÍMICOS UTILIZADOS NA CARACTERIZAÇÃO DAS ÁGUAS SUPERFICIAIS.....**5-10**

TABELA 5.1.2 – PARÂMETROS PRECONIZADOS NA RESOLUÇÃO CONAMA 357/05 PARA AS ÁGUAS DOCES.....**5-12**

TABELA 5.1.3 – TEMPERATURAS MÍNIMAS DOS ANOS DE 1999 A 2009 E RESPECTIVAS MÉDIAS.....**5-17**

TABELA 5.1.4 – TEMPERATURAS MÁXIMAS DOS ANOS DE 1999 A 2009 E RESPECTIVAS MÉDIAS.....**5-18**

TABELA 5.1.5 – TEMPERATURAS MÉDIAS DOS ANOS DE 1999 A 2009 E RESPECTIVAS MÉDIAS.....**5-18**

TABELA 5.1.6 – PRECIPITAÇÃO DOS ANOS DE 1999 A 2009 E RESPECTIVAS MÉDIAS.....**5-19**

TABELA 5.1.7 – PRECIPITAÇÕES MÁXIMAS OBSERVADAS NA ESTAÇÃO PLUVIOMÉTRICA TAQUARUÇÚ – ARARANGUÁ/SC.....**5-21**

TABELA 5.1.8 – DADOS CLIMÁTICOS MEDIDOS PELA ESTAÇÃO METEOROLÓGICA ARARANGUÁ – LATITUDE 28°53” – LONGITUDE 49°31” – ALTITUDE 12,3 METROS.....**5-22**

TABELA 5.1.9 – DADOS CLIMÁTICOS DISPONÍVEIS NAS ESTAÇÕES METEOROLÓGICAS DE TURVO E TIMBÉ DO SUL/SC.....**5-25**

TABELA 5.1.10 – VARIEDADES DO CLIMA NO RIO GRANDE DO SUL E EM SANTA CATARINA.....**5-31**

TABELA 5.1.11 – UNIDADES DE VERTENTE E PROCESSOS GEOMÓRFICOS ATUANTES.....**5-52**

TABELA 5.1.12 – DADOS QUANTITATIVOS PARA UNIDADES DE PAISAGEM.....**5-63**

TABELA 5.1.13 – AÇUDES E NASCENTES ENTRE O KM 45+800 M E O KM 54+176 M.....**5-69**

TABELA 5.1.14 – INTERFERÊNCIAS.....	5-71
TABELA 5.1.15 – FICHA DE TESTE DE BOMBEAMENTO.....	5-76
TABELA 5.1.16 – RESULTADOS OBTIDOS NO MONITORAMENTO DA QUALIDADE DA ÁGUA SUPERFICIAL.....	5-80
TABELA 5.1.17 – COLETA E PRESERVAÇÃO DE AMOSTRAS.....	5-90
TABELA 5.1.18 – NÍVEIS DE RUÍDOS EM VIAS URBANAS.....	5-94
TABELA 5.1.19 – PADRÕES PRIMÁRIOS E SECUNDÁRIOS DE POLUENTES ATMOSFÉRICOS (RESOLUÇÃO CONAMA N.º 003/90)	5-97
TABELA 5.1.20 – CRITÉRIOS PARA EPISÓDIOS AGUDOS DE POLUIÇÃO DO AR (RESOLUÇÃO CONAMA N.º 003/90)	5-98
TABELA 5.1.21 – CLASSIFICAÇÃO DA QUALIDADE DO AR ATRAVÉS DO ÍNDICE DE QUALIDADE DO AR.....	5-98
TABELA 5.2.1 – LOCALIZAÇÃO DAS UNIDADES AMOSTRAIS PARA DA VEGETAÇÃO, ABRANGENDO AS FITOFISIONOMIAS ENCONTRADAS NA FLORESTA OMBRÓFILA Densa (MONTANA E SUBMONTANA) NA AID.....	5-106
TABELA 5.2.2 – FÓRMULAS UTILIZADAS PARA CÁLCULO DOS PARÂMETROS FITOSSOCIOLÓGICOS.....	5-107
TABELA 5.2.3 – PONTOS DE AMOSTRAGEM E RESPECTIVO AMBIENTE INVESTIGADO PARA DETERMINAÇÃO INDIRETA DURANTE O COMPLEMENTO DE DADOS PRIMÁRIOS REFERENTES A MASTOFAUNA DAS ÁREAS DE INFLUÊNCIA DA BR-285, SUB-TRECHO ENTRE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES, RS, E TIMBÉ DO SUL, SC.	5-112
TABELA 5.2.4 – TRANSECTOS NÃO-LINEARES (TLN) REALIZADOS A NOITE COM AUXÍLIO DE AUTOMÓVEL E FAROL DE MILHA DURANTE O COMPLEMENTO DE DADOS PRIMÁRIOS REFERENTES A MASTOFAUNA DAS ÁREAS DE INFLUÊNCIA DA BR-285, SUB-TRECHO ENTRE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES, RS, E TIMBÉ DO SUL, SC.	5-114
TABELA 5.2.5 – ESFORÇO E LOCALIZAÇÃO DAS ARMADILHAS FOTOGRÁFICAS DURANTE O COMPLEMENTO DE DADOS PRIMÁRIOS REFERENTES A MASTOFAUNA DAS ÁREAS DE INFLUÊNCIA DA BR-285, SUB-TRECHO ENTRE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES, RS, E TIMBÉ DO SUL, SC.....	5-115

TABELA 5.2.6 – PONTOS, ESFORÇO E RESPECTIVO AMBIENTE AMOSTRADO DURANTE O COMPLEMENTO DE DADOS PRIMÁRIOS REFERENTES A MASTOFAUNA DAS ÁREAS DE INFLUÊNCIA DA BR-285, SUB-TRECHO ENTRE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES, RS, E TIMBÉ DO SUL, SC.5-116

TABELA 5.2.7 – PONTOS DE COLETA DE EGAGRÓPILOS E FEZES DE PREDADORES DURANTE O COMPLEMENTO DE DADOS PRIMÁRIOS REFERENTES A MASTOFAUNA DAS ÁREAS DE INFLUÊNCIA DA BR-285, SUB-TRECHO ENTRE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES, RS, E TIMBÉ DO SUL, SC.5-116

TABELA 5.2.8 – PONTOS DE COLETA DE EGAGRÓPILOS E FEZES DE PREDADORES COLETADAS DURANTE O COMPLEMENTO DE DADOS PRIMÁRIOS REFERENTES A MASTOFAUNA DAS ÁREAS DE INFLUÊNCIA DA BR-285, SUB-TRECHO ENTRE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES, RS, E TIMBÉ DO SUL, SC.5-117

TABELA 5.2.9 – PONTOS DE INSTALAÇÃO DE REDES DE NEBLINA E RESPECTIVO AMBIENTE INVESTIGADO DURANTE O COMPLEMENTO DE DADOS PRIMÁRIOS REFERENTES A MASTOFAUNA DAS ÁREAS DE INFLUÊNCIA DA BR-285, SUB-TRECHO ENTRE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES, RS, E TIMBÉ DO SUL, SC.5-118

TABELA 5.2.10 – PONTOS DE CONTAGEM DA AVIFAUNA.....5-120

TABELA 5.2.11 – LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DOS PONTOS DE CONTAGEM DE AVIFAUNA, AMOSTRADOS DURANTE CAMPANHA REALIZADA ENTRE 21 E 25 DE JUNHO DE 2010.....5-121

TABELA 5.2.12 – LOCALIZAÇÃO DOS PONTOS DE VOCALIZAÇÃO PARA CONTAGEM DE ANUROS NA ÁREA DA INFLUÊNCIA DIRETA (AID) DA IMPLANTAÇÃO DA BR 285, MUNICÍPIOS DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES/RS E TIMBÉ DO SUL/SC, DURANTE O PERÍODO DE 05 A 10 DE OUTUBRO E 08 A 12 E DEZEMBRO DE 2009.....5-127

TABELA 5.2.13 – LOCALIZAÇÃO DOS PONTOS DE VOCALIZAÇÃO PARA CONTAGEM DE ANUROS NA ÁREA DA INFLUÊNCIA DIRETA (AID) DA IMPLANTAÇÃO DA BR 285, MUNICÍPIOS DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES/RS E TIMBÉ DO SUL/SC, DURANTE O PERÍODO DE 21 A 25 DE JUNHO DE 2010.....5-127

TABELA 5.2.14 – LOCALIZAÇÃO DAS TRANSECÇÕES REALIZADAS ATRAVÉS DO MÉTODO DE PROCURA VISUAL LIMITADA POR TEMPO PARA REGISTROS DAS ESPÉCIES DE RÉPTEIS E ANFÍBIOS DA ÁREA DA INFLUÊNCIA DIRETA (AID) DA IMPLANTAÇÃO DA BR 285, MUNICÍPIOS DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES/RS E TIMBÉ DO SUL/SC, DURANTE O PERÍODO DE 05 A 10 DE OUTUBRO DE 2009 E 08 A 12 E DEZEMBRO DE 2009.5-128

TABELA 5.2.15 – LOCALIZAÇÃO DAS TRANSECÇÕES REALIZADAS ATRAVÉS DO MÉTODO DE PROCURA VISUAL LIMITADA POR TEMPO PARA REGISTROS DAS ESPÉCIES DE RÉPTEIS E ANFÍBIOS DA ÁREA DA INFLUÊNCIA DIRETA (AID) DA IMPLANTAÇÃO DA BR 285, MUNICÍPIOS DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES/RS E TIMBÉ DO SUL/SC, DURANTE O PERÍODO DE 21 A 25 DE JUNHO DE 2010.....**5-128**

TABELA 5.2.16 – PONTOS DE AMOSTRAGEM DA BACIA TAQUARI – ANTAS.....**5-132**

TABELA 5.2.17 – PONTOS AMOSTRADOS PARA BACIA ARARANGUÁ.....**5-132**

TABELA 5.2.18 – LISTA DAS ESPÉCIES IDENTIFICADAS NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DIRETAS DA BR- 285 (RIO GRANDE DO SUL E SANTA CATARINA) COM OS RESPECTIVOS STATUS.**5-153**

TABELA 5.2.19 – ESPÉCIES AMOSTRADAS NOS ESTÁGIOS SUCESSIONAIS MÉDIO E AVANÇADO DA FLORESTA OMBRÓFILA Densa OCORRENTES NA AID – CONTEMPLANDO A AS FITOFISIONOMIAS MONTANA E SUBMONTANA COM SEUS RESPECTIVOS STATUS.**5-160**

TABELA 5.2.20 – PRODUÇÃO QUANTITATIVA POR ESPÉCIE E POR HECTARE DA FLORESTA OMBRÓFILA Densa (MONTANA E SUBMONTANA), LOCALIZADOS NA AID E SEUS RESPECTIVOS STATUS.**5-167**

TABELA 5.2.21 – ESTRUTURA DIAMÉTRICA DA PRODUÇÃO QUANTITATIVA DO VOLUME COMERCIAL, NÚMERO DE ÁRVORES E ÁREA BASAL, POR HECTARE DA FLORESTA OMBRÓFILA Densa MONTANA E SUBMONTANA), LOCALIZADOS NA AID.**5-168**

TABELA 5.2.22 – PRODUÇÃO QUALITATIVA - QUALIDADE DO TRONCO DA FLORESTA OMBRÓFILA Densa (MONTANA E SUBMONTANA), LOCALIZADOS NA AID.**5-169**

TABELA 5.2.23 – PRODUÇÃO QUALITATIVA - SANIDADE DA FLORESTA OMBRÓFILA Densa (MONTANA E SUBMONTANA), LOCALIZADOS NA AID.**5-169**

TABELA 5.2.24 – PRODUÇÃO QUALITATIVA - CLASSE DE COPA DA FLORESTA OMBRÓFILA Densa (MONTANA E SUBMONTANA), LOCALIZADOS NA AID.**5-170**

TABELA 5.2.25 – PRODUÇÃO QUALITATIVA - TENDÊNCIA DE VALORIZAÇÃO DA FLORESTA OMBRÓFILA Densa FLORESTA OMBRÓFILA Densa (MONTANA E SUBMONTANA), LOCALIZADOS NA AID.**5-171**

TABELA 5.2.26 – PRODUÇÃO QUALITATIVA - POSIÇÃO SOCIOLÓGICA DA FLORESTA OMBRÓFILA DENSA (MONTANA E SUBMONTANA), LOCALIZADOS NA AID.	5-171
TABELA 5.2.27 – ANÁLISE FITOSSOCIOLÓGICA - ESTRUTURA HORIZONTAL DA FLORESTA OMBRÓFILA DENSA.	5-172
TABELA 5.2.28 – PARA VERIFICAR A HETEROGENEIDADE FLORÍSTICA AGRUPOU-SE AS ESPÉCIES EM DEZ CLASSES DE FREQUÊNCIA ABSOLUTA.....	5-174
TABELA 5.2.29 – ESPÉCIES AMOSTRADAS NA REGENERAÇÃO NATURAL DA FLORESTA OMBRÓFILA DENSA (MONTANA E SUBMONTANA), LOCALIZADOS NA AID.	5-176
TABELA 5.2.30 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS - INDIVÍDUOS POR HECTARE NA REGENERAÇÃO NATURAL DA FLORESTA OMBRÓFILA DENSA MONTANA E SUBMONTANA), LOCALIZADOS NA AID.	5-180
TABELA 5.2.31 – ESPÉCIES AMOSTRADAS NO ESTÁGIO SUCESSIONAL INICIAL DA FLORESTA OMBRÓFILA DENSA(MONTANA E SUBMONTANA), LOCALIZADOS NA AID.	5-182
TABELA 5.2.32 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS NO ESTÁGIO SUCESSIONAL INICIAL DA FLORESTA OMBRÓFILA DENSA (MONTANA E SUBMONTANA), LOCALIZADOS NA AID.	5-183
TABELA 5.2.33 – RELAÇÃO DOS CURSOS D'ÁGUA INTERCEPTADOS PELO TRAÇADO DA BR285 – DESCRIÇÃO DA VEGETAÇÃO.....	5-193
TABELA 5.2.34 – LISTA DAS ESPÉCIES, VOLUME E QUILOMETRAGEM DAQUELAS QUE SERÃO SUPRIMIDAS NO TRECHO DA BR285 ENTRE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES ATÉ A DIVISA ENTRE OS ESTADOS DO RIO GRANDE DO SUL E SANTA CATARINA.	5-196
TABELA 5.2.35 – RELAÇÃO DAS ESPÉCIES DE MAMÍFEROS TERRESTRES PROVÁVEIS DE SEREM ENCONTRADAS NA ÁREA ONDE SERÁ CONSTRUÍDA / ASFALTADA A BR 285, TANTO EM SOLO GAÚCHO QUANTO NO CATARINENSE. PARA OS ROEDORES OS DADOS FORAM RETIRADOS DO GUIA DOS ROEDORES DO BRASIL (2008) E PARA AS DEMAIS ORDENS FOI UTILIZADO O LIVRO REFERÊNCIA PARA OS MAMÍFEROS DAS AMÉRICAS (MAMMALS OF THE NEOTROPICS) DE 1999.	5-226

TABELA 5.2.36 – RELAÇÃO DAS ESPÉCIES DE MAMÍFEROS TERRESTRES REGISTRADAS NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA BR 285 NO SUB-TRECHO COMPREENDIDO ENTRE OS MUNICÍPIOS DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES (KM 45,8 – PEDREIRA) NO RIO GRANDE DO SUL E TIMBÉ DO SUL EM SANTA CATARINA – INCLUINDO CONTORNO DA ÁREA URBANA DE TIMBÉ DO SUL, ENTRE OS DIAS 05 E 09 DE OUTUBRO E 08 E 12 DE DEZEMBRO DE 2009. (FITOFISIONOMIA: FOM – FLORESTA OMBRÓFILA MISTA, CCS: CAMPOS DE CIMA DA SERRA, MATL: MATA ATLÂNTICA; FORMA DE REGISTRO: P – PEGADAS; C – CAPTURA; E – ENTREVISTA; FZ – FEZES; V – VISUAL; F – FOTOGRAFIA; AF. – ARMADILHA FOTOGRÁFICA; CATEGORIA DE AMEAÇA: VUL. – VULNERÁVEL; PER. – EM PERIGO; CRIT. – CRITICAMENTE EM PERIGO).5-229

TABELA 5.2.37 – LISTA DAS ESPÉCIES DE MAMÍFEROS REGISTRADOS DURANTE O COMPLEMENTO DE DADOS PRIMÁRIOS REFERENTES A MASTOFAUNA DAS ÁREAS DE INFLUÊNCIA DA BR-285, SUB-TRECHO ENTRE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES, RS, E TIMBÉ DO SUL, SC.5-235

TABELA 5.2.38 – FREQUÊNCIA ABSOLUTA DE MAMÍFEROS NÃO-VOADORES DE PEQUENO PORTE REGISTRADOS EM ARMADILHAS NÃO LETAIS, EGAGRÓPILOS E FEZES DE CARNÍVOROS DURANTE O DIAGNÓSTICO COMPLEMENTAR REFERENTE A MASTOFAUNA DAS ÁREAS DE INFLUÊNCIA DA BR-285, SUB-TRECHO ENTRE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES, RS, E TIMBÉ DO SUL, SC.....5-246

TABELA 5.2.39 – LEVANTAMENTO DE DADOS SECUNDÁRIOS REFERENTES AOS MAMÍFEROS DE OCORRÊNCIA POTENCIAL PARA ÁREAS DE INFLUÊNCIA DA BR-285, SUB-TRECHO ENTRE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES, RS, E TIMBÉ DO SUL, SC.....5-249

TABELA 5.2.40 – LISTA DAS ESPÉCIES DE AVES REGISTRADAS NAS CAMPANHAS DE 5 A 9 DE NOVEMBRO DE 2009 E 8 A 12 DE DEZEMBRO DE 2009 PARA A ÁREA DE INFLUÊNCIA DA CONSTRUÇÃO DA BR 285 ENTRE TIMBÉ DO SUL (SC) E SÃO JOSÉ DOS AUSENTES (RS). STATUS: R = RESIDENTE, M = MIGRATÓRIA (BENCKE, 2001; CBRO 2008).5-265

TABELA 5.2.41 – LISTA DE ESPÉCIES AMEAÇADAS DE EXTINÇÃO PARA A REGIÃO DE INFLUÊNCIA DIRETA E INDIRETA DA BR 285.5-276

TABELA 5.2.42 – ÍNDICE PONTUAL DE ABUNDÂNCIA (IPA) EM ORDEM DECRESCENTE DE ABUNDÂNCIA RELATIVA DAS ESPÉCIES DE AVES REGISTRADAS NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA BR 285 NO TRECHO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES, RS.5-279

TABELA 5.2.43 – ÍNDICE PONTUAL DE ABUNDÂNCIA (IPA) EM ORDEM DECRESCENTE DE ABUNDÂNCIA RELATIVA DAS ESPÉCIES DE AVES REGISTRADAS NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA BR 285 NO TRECHO DE TIMBÉ DO SUL, SC.5-281

TABELA 5.2.44 – ESPÉCIES REGISTRADAS NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA BR 285 DURANTE CAMPANHA REALIZADA ENTRE 21 E 25 DE JUNHO DE 2010, CONTENDO A ÁREA DO REGISTRO E O ÍNDICE PONTUAL DE ABUNDÂNCIA (IPA) POR AMBIENTE. LEGENDA: FOM = FLORESTA OMBRÓFILA MISTA (RS) E FOD = FLORESTA OMBRÓFILA Densa (SC).5-287

TABELA 5.2.45 – LISTA DAS ESPÉCIES DE ANFÍBIOS REGISTRADAS NA ÁREA DA INFLUÊNCIA DIRETA (AID) DA IMPLANTAÇÃO DA BR 285, MUNICÍPIOS DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES/RS E TIMBÉ DO SUL/SC, DURANTE O PERÍODO DE 05 A 10 DE OUTUBRO DE 2009 (1ª CAMPANHA), 08 A 12 E DEZEMBRO DE 2009 (2ª CAMPANHA) E 21 A 25 DE JUNHO DE 2010(3ª CAMPANHA).....5-295

TABELA 5.2.46 – ESPÉCIES DE ANFÍBIOS REGISTRADOS E COM PROVÁVEL OCORRÊNCIA NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA IMPLANTAÇÃO DA BR 285, MUNICÍPIOS DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES/RS E TIMBÉ DO SUL/SC, COM BASE EM DADOS COLETADOS EM CAMPO (PRESENTE ESTUDO) E CONSULTA EM BIBLIOGRAFIA ESPECIALIZADA.5-296

TABELA 5.2.47 – STATUS DE CONSERVAÇÃO DA ANFIBIOFAUNA REGISTRADA E LEVANTADA POR BIBLIOGRAFIAS.....5-313

TABELA 5.2.48 – PODEMOS OBSERVAR A PEQUENA VARIAÇÃO DE TEMPERATURA AO LONGO DO DIA.....5-318

TABELA 5.2.49 – LISTA DAS ESPÉCIES DE RÉPTEIS REGISTRADAS NA ÁREA DA INFLUÊNCIA DIRETA (AID) DA IMPLANTAÇÃO DA BR 285, MUNICÍPIOS DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES/RS E TIMBÉ DO SUL/SC, DURANTE O PERÍODO DE 08 A 12 E DEZEMBRO DE 2009 (2ª CAMPANHA).5-322

TABELA 5.2.50 – ESPÉCIES DE RÉPTEIS REGISTRADOS E COM PROVÁVEL OCORRÊNCIA NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA IMPLANTAÇÃO DA BR 285, MUNICÍPIOS DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES/RS E TIMBÉ DO SUL/SC, COM BASE EM DADOS COLETADOS EM CAMPO (PRESENTE ESTUDO) E CONSULTA EM BIBLIOGRAFIA ESPECIALIZADA.5-322

TABELA 5.2.51 – LISTA DE ESPÉCIES E RESPECTIVAS FAMÍLIAS PARA TODA A ÁREA DE ESTUDO.....5-338

TABELA 5.2.52 – ESPÉCIES E O NÚMERO DE INDIVÍDUOS (N) OCORRENTES NOS CURSOS DE ÁGUA PERTENCENTES A BACIA HIDROGRÁFICA TAQUARI-ANTAS.....5-340

TABELA 5.2.53 – ESPÉCIES E O NÚMERO DE INDIVÍDUOS (N) OCORRENTES NOS CURSOS DE ÁGUA PERTENCENTES A BACIA HIDROGRÁFICA DE ARARANGUÁ.....5-340

TABELA 5.2.54 – VALORES DE CPUE PARA AS ESPÉCIES CAPTURADAS (CPUE PARA CAPTURA EM REDE PADRONIZADO EM 50 M ² /24H E PARA CAPTURA EM PUÇÁ E TARRAFA EM 30 MINUTOS)	5-352
TABELA 5.2.55 – HÁBITO ALIMENTAR E A UTILIZAÇÃO DO HABITAT DE CADA ESPÉCIE REGISTRADA.....	5-357
TABELA 5.2.56 – UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA AII.....	5-364
TABELA 5.2.57 – ÁREAS LEGALMENTE PROTEGIDAS.....	5-374
TABELA 5.3.1 – POPULAÇÃO TOTAL, % DA POPULAÇÃO EM RELAÇÃO AO ESTADO E DENSIDADE DEMOGRÁFICA DE SANTA CATARINA (2007).....	5-396
TABELA 5.3.2 – SITUAÇÃO DOS DOMICÍLIOS NA AII DE SANTA CATARINA (2000).....	5-398
TABELA 5.3.3 – TAXA DE CRESCIMENTO POPULACIONAL NA AII DE SANTA CATARINA (2000-2007)	5-399
TABELA 5.3.4 – DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR SEXO NA AII DE SANTA CATARINA (2000)	5-401
TABELA 5.3.5 – POPULAÇÃO TOTAL, % DA POPULAÇÃO EM RELAÇÃO AO ESTADO E DENSIDADE DEMOGRÁFICA DA AII DO RIO GRANDE DO SUL (2007).....	5-402
TABELA 5.3.6 – SITUAÇÃO DOS DOMICÍLIOS DA AII DO RIO GRANDE DO SUL (2000).....	5-403
TABELA 5.3.7 – TAXA DE CRESCIMENTO DA AII DO RIO GRANDE DO SUL (2000-2007).....	5-404
TABELA 5.3.8 – DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR SEXO NA AII DE SANTA CATARINA (2000)	5-406
TABELA 5.3.9 – ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO DA AII DE SANTA CATARINA (1991 – 2000).....	5-409
TABELA 5.3.10 – ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO DA AII DO RIO GRANDE DO SUL (1991 – 2000)	5-411
TABELA 5.3.11 – ESTABELECIMENTOS DE EDUCAÇÃO DA AII DE SANTA CATARINA (2007).....	5-413

TABELA 5.3.12 – ESTABELECIMENTOS DE EDUCAÇÃO DA AII DO RIO GRANDE DO SUL (2007)	5-414
TABELA 5.3.13 – ESTABELECIMENTOS DE SAÚDE E NÚMERO DE LEITOS POR MUNICÍPIO DA AII DO ESTADO DE SANTA CATARINA (2005).....	5-415
TABELA 5.3.14 – ESTABELECIMENTOS DE SAÚDE E NÚMERO DE LEITOS POR MUNICÍPIO DA AII DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (2005).....	5-416
TABELA 5.3.15 – FORMAS DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA POR DOMICÍLIO DOS MUNICÍPIOS DA AII DE SANTA CATARINA (2000).....	5-418
TABELA 5.3.16 – FORMAS DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA POR DOMICÍLIO DOS MUNICÍPIOS DA AII DO RIO GRANDE DO SUL (2000).....	5-420
TABELA 5.3.17 – DESTINO DO LIXO POR DOMICILIO DOS MUNICÍPIOS DA AII SANTA CATARINA (2000).....	5-422
TABELA 5.3.18 – DESTINO DO LIXO POR DOMICILIO DA AII DO RIO GRANDE DO SUL (2000).....	5-425
TABELA 5.3.19 – EXISTÊNCIA DE BANHEIROS OU SANITÁRIOS POR DOMICÍLIOS DOS MUNICÍPIOS DA AII DE SANTA CATARINA (2000).....	5-426
TABELA 5.3.20 – EXISTÊNCIA DE BANHEIROS OU SANITÁRIOS POR DOMICÍLIOS DOS MUNICÍPIOS DA AII DO RIO GRANDE DO SUL (2000).....	5-427
TABELA 5.3.21 – DESTINO DOS DEJETOS / ESGOTOS POR DOMICÍLIO DA AII DE SANTA CATARINA (2000).....	5-429
TABELA 5.3.22 – DESTINO DOS DEJETOS / ESGOTOS POR DOMICÍLIO DA AII DO RIO GRANDE DO SUL (2000).....	5-432
TABELA 5.3.23 – FROTA DE VEÍCULOS EXISTENTES NA AII DO ESTADO DE SANTA CATARINA (2008)	5-435
TABELA 5.3.24 – FROTA DE VEÍCULOS TOTAL EXISTENTES NA AII DO ESTADO DE SANTA CATARINA (2008)	5-436
TABELA 5.3.25 – COMPARAÇÃO ENTRE FROTA DE VEÍCULOS TOTAL EXISTENTES NA AII DO ESTADO DE SANTA CATARINA POR CLASSE (2008).....	5-436
TABELA 5.3.26 – FROTA DE VEÍCULOS EXISTENTES NA AII DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (2008)	5-438

TABELA 5.3.27 – FROTA DE VEÍCULOS TOTAL EXISTENTES NA AII DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (2008)	5-439
TABELA 5.3.28 – COMPARAÇÃO ENTRE FROTA DE VEÍCULOS TOTAL EXISTENTES NA AII DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL E POR CLASSE (2008).....	5-439
TABELA 5.3.29 – NÚMERO DE CONSUMIDORES DE ENERGIA ELÉTRICA EXISTENTES NA AII DO ESTADO DE SANTA CATARINA (2008).....	5-441
TABELA 5.3.30 – NÚMERO DE CONSUMIDORES DE ENERGIA ELÉTRICA TOTAL EXISTENTES NA AII DO ESTADO DE SANTA CATARINA (2008).....	5-442
TABELA 5.3.31 – COMPARAÇÃO ENTRE OS CONSUMIDORES DE ENERGIA ELÉTRICA TOTAL EXISTENTES NA AII DO ESTADO DE SANTA CATARINA POR CLASSE DE CONSUMO (2008).....	5-442
TABELA 5.3.32 – NÚMERO DE CONSUMIDORES DE ENERGIA ELÉTRICA EXISTENTES NA AII DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (2008).....	5-443
TABELA 5.3.33 – NÚMERO DE CONSUMIDORES DE ENERGIA ELÉTRICA TOTAL EXISTENTES NA AII DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (2008).....	5-444
TABELA 5.3.34 – COMPARAÇÃO ENTRE OS CONSUMIDORES DE ENERGIA ELÉTRICA TOTAL EXISTENTES NA AII DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL POR CLASSE DE CONSUMO (2008).....	5-444
TABELA 5.3.35 – POPULAÇÃO TOTAL, % DA POPULAÇÃO EM RELAÇÃO AO ESTADO E DENSIDADE DEMOGRÁFICA (2007).....	5-446
TABELA 5.3.36 – SITUAÇÃO DOS DOMICÍLIOS DA AID EM SC E RS (2000).....	5-447
TABELA 5.3.37 – TAXA DE CRESCIMENTO DA AID E EM SC E RS (2000-2007).....	5-448
TABELA 5.3.38 – DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR SEXO (2000).....	5-448
TABELA 5.3.39 – ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO MUNICIPAL DA AID E EM SC E RS (1991 – 2000).....	5-449
TABELA 5.3.40 – NÍVEL EDUCACIONAL DA POPULAÇÃO ADULTA (25 ANOS OU MAIS) DA AID (1991 – 2000).....	5-450
TABELA 5.3.41 – ESTABELECEMENTOS DE EDUCAÇÃO – 2007.....	5-452

TABELA 5.3.42 – INDICADORES DE LONGEVIDADE, MORTALIDADE E FECUNDIDADE DA AID E DE SC E RS (1991 – 2000).....	5-453
TABELA 5.3.43 – ESTABELECEMENTOS DE SAÚDE E NÚMERO DE LEITOS POR MUNICÍPIO DA AID E DE SC E RS (2005).....	5-454
TABELA 5.3.44 – INDICADORES DE RENDA, POBREZA E DESIGUALDADE DA AID E DE SC E RS (1991 E 2000)	5-455
TABELA 5.3.45 – FORMAS DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA POR DOMICÍLIO DA AID E DE SC E RS (2000)	5-455
TABELA 5.3.46 – DESTINO DO LIXO POR DOMICILIO DA AID E EM SC E RS (2000).....	5-456
TABELA 5.3.47 – EXISTÊNCIA DE BANHEIROS OU SANITÁRIOS POR DOMICÍLIOS DOS MUNICÍPIOS DA AID E EM SC E RS (2000).....	5-457
TABELA 5.3.48 – DESTINO DOS DEJETOS / ESGOTOS POR DOMICÍLIO DA AID E EM SC E RS (2000)	5-458
TABELA 5.3.49 – ADEQUAÇÃO DAS MORADIAS DA AID E ESTADOS DE SC E RS (2000).....	5-460
TABELA 5.3.50 – CONDIÇÕES DAS MORADIAS DA AID E DOS ESTADOS DE SC E RS (2000).....	5-463
TABELA 5.3.51 – FROTA DE VEÍCULOS EXISTENTES NA AID (2008).....	5-466
TABELA 5.3.52 – DADOS DE ÓBITOS POR CAUSAS EXTERNAS DA AID DE SANTA CATARINA (2007)	5-470
TABELA 5.3.53 – TOTAL DOS IMIGRANTES DA AID DE SC E RS.....	5-476
TABELA 5.3.54 – EXISTÊNCIA DE PLANO DIRETOR PARA OS MUNICÍPIOS INTEGRANTES DA AII DE SC.....	5-478
TABELA 5.3.55 – EXISTÊNCIA DE PLANO DIRETOR PARA OS MUNICÍPIOS INTEGRANTES DA AII DO RS.....	5-479
TABELA 5.3.56 – TOTAL DE AGRAVOS DE TIMBÉ DO SUL (2004-2008).....	5-481
TABELA 5.3.57 – TOTAL DE AGRAVOS DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES (2004-2008).....	5-481

TABELA 5.3.58 – TOTAL DE AGRAVOS PARA O ESTADO DE SANTA CATARINA (2004-2008)	5-482
TABELA 5.3.59 – TOTAL DE AGRAVOS PARA O ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (2004-2008)	5-482
TABELA 5.3.60 – PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB) A PREÇO DE MERCADO CORRENTE DA AII (SC) – 2006.....	5-484
TABELA 5.3.61 – PRODUTO INTERNO BRUTO A PREÇO DE MERCADO CORRENTE DA AII (RS) – 2006.....	5-485
TABELA 5.3.62 – PIB, VALOR ADICIONADO NA AGROPECUÁRIA, INDÚSTRIA E SERVIÇOS DA AII (SC) – 2006.....	5-487
TABELA 5.3.63 – PIB, VALOR ADICIONADO NA AGROPECUÁRIA, INDÚSTRIA E SERVIÇOS DA AII NO ESTADO DE SANTA CATARINA – 2006.....	5-488
TABELA 5.3.64 – PIB, VALOR ADICIONADO NA AGROPECUÁRIA, INDÚSTRIA E SERVIÇOS DA AII (RS) – 2006.....	5-490
TABELA 5.3.65 – PIB, VALOR ADICIONADO NA AGROPECUÁRIA, INDÚSTRIA E SERVIÇOS DA AII NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – 2006.....	5-491
TABELA 5.3.66 – NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS AGROPECUÁRIOS DA AII (SC) - 2006.....	5-493
TABELA 5.3.67 – NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS AGROPECUÁRIOS DA AII (RS) - 2006.....	5-494
TABELA 5.3.68 – TIPOS E QUANTIDADES DAS PRINCIPAIS LAVOURAS PERMANENTES EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DO SANTA CATARINA (TONELADAS - T) – 2007.....	5-496
TABELA 5.3.69 – TOTAL DA PRODUÇÃO DAS LAVOURAS PERMANENTES EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DE SANTA CATARINA (TONELADAS - T) – 2007.....	5-497
TABELA 5.3.70 – TIPOS DE LAVOURAS PERMANENTES EXISTENTES NA AII NO ESTADO DE SANTA CATARINA (PERCENTUAIS) – 2007.....	5-498
TABELA 5.3.71 – TIPO E QUANTIDADE DAS PRINCIPAIS LAVOURAS PERMANENTES EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (TONELADAS - T) – 2007.....	5-500

TABELA 5.3.72 – TOTAL DA PRODUÇÃO DAS LAVOURAS PERMANENTES EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (TONELADAS - T) – 2007.....**5-501**

TABELA 5.3.73 – TIPOS DE LAVOURAS PERMANENTES EXISTENTES NA AII NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (PERCENTUAIS) – 2007.....**5-503**

TABELA 5.3.74 – TIPOS E QUANTIDADES DAS PRINCIPAIS LAVOURAS TEMPORÁRIAS EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DE SANTA CATARINA (TONELADAS) – 2007.....**5-505**

TABELA 5.3.75 – TOTAL DA PRODUÇÃO DAS LAVOURAS TEMPORÁRIAS EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DE SANTA CATARINA – 2007.....**5-506**

TABELA 5.3.76 – TIPOS DE LAVOURAS TEMPORÁRIAS EXISTENTES NA AII NO ESTADO DE SANTA CATARINA (PERCENTUAIS) – 2007.....**5-507**

TABELA 5.3.77 – TIPOS E QUANTIDADES DAS PRINCIPAIS LAVOURAS TEMPORÁRIAS EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (TONELADAS - T) – 2007.....**5-509**

TABELA 5.3.78 – TOTAL DA PRODUÇÃO DAS LAVOURAS TEMPORÁRIAS EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (TONELADAS T)– 2007.....**5-511**

TABELA 5.3.79 – TIPOS DE LAVOURAS TEMPORÁRIAS EXISTENTES NA AII NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (PERCENTUAIS) – 2007.....**5-512**

TABELA 5.3.80 – TIPOS E QUANTIDADES DE REBANHOS EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DE SANTA CATARINA (CABEÇAS) – 2007.....**5-515**

TABELA 5.3.81 – TOTAL DE REBANHOS EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DE SANTA CATARINA (CABEÇAS) – 2007.....**5-516**

TABELA 5.3.82 – TIPOS DE REBANHOS EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DE SANTA CATARINA (PERCENTUAIS) – 2007.....**5-517**

TABELA 5.3.83 – TIPOS E QUANTIDADES DE REBANHOS EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (CABEÇAS) – 2007.....**5-519**

TABELA 5.3.84 – TOTAL DE REBANHOS EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (CABEÇAS) – 2007.....**5-520**

TABELA 5.3.85 – TIPOS DE REBANHOS EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – 2007.....	5-521
TABELA 5.3.86 – TIPOS E QUANTIDADE DA EXTRAÇÃO VEGETAL E SILVICULTURA NA AII E NO ESTADO DE SANTA CATARINA – 2007.....	5-523
TABELA 5.3.87 – TOTAL DA PRODUÇÃO DE EXTRAÇÃO VEGETAL E SILVICULTURA EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DE SANTA CATARINA – 2007.....	5-524
TABELA 5.3.88 – PERCENTUAIS EM RELAÇÃO AOS TOTAIS DAS TIPOLOGIAS DA EXTRAÇÃO VEGETAL E SILVICULTURA PARA A AII E ESTADO E SANTA CATARINA – 2007.....	5-525
TABELA 5.3.89 – TIPOS E QUANTIDADE DA EXTRAÇÃO VEGETAL E SILVICULTURA NA AII E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – 2007.....	5-526
TABELA 5.3.90 – TOTAL DA PRODUÇÃO DE EXTRAÇÃO VEGETAL E SILVICULTURA EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – 2007.....	5-528
TABELA 5.3.91 – PERCENTUAIS EM RELAÇÃO AOS TOTAIS DAS TIPOLOGIAS DA EXTRAÇÃO VEGETAL E SILVICULTURA PARA A AII E ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – 2007.....	5-529
TABELA 5.3.92 – FUNDO DE PARTICIPAÇÃO DOS MUNICÍPIOS TOTAIS EM REAIS (R\$) E PERCENTUAIS EM PARA A AII E ESTADO DE SANTA CATARINA– 2007... 5-531	
TABELA 5.3.93 – FUNDO DE PARTICIPAÇÃO DOS MUNICÍPIOS TOTAIS EM REAIS (R\$) E PERCENTUAIS EM PARA A AII E ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – 2007.....	5-532
TABELA 5.3.94 – RECEITAS ORÇAMENTÁRIAS DOS MUNICÍPIOS, TOTAIS EM REAIS (R\$) E PERCENTUAIS EM PARA A AII E ESTADO DE SANTA CATARINA – 2006.. 5-533	
TABELA 5.3.95 – RECEITAS ORÇAMENTÁRIAS DOS MUNICÍPIOS, TOTAIS EM REAIS (R\$) E PERCENTUAIS EM PARA A AII E ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – 2006.....	5-534
TABELA 5.3.96 – TIPOS DE ESTRUTURAS EMPRESARIAIS POR CATEGORIA NA AII E ESTADO DE SANTA CATARINA (UNIDADES) – 2006.....	5-536
TABELA 5.3.97 – TOTAIS DA ESTRUTURA EMPRESARIAL AII E ESTADO DE SANTA CATARINA – 2006.....	5-537

TABELA 5.3.98 – TIPOS DE ESTRUTURAS EMPRESARIAIS POR CATEGORIA NA AII E ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (UNIDADES) – 2006.....	5-539
TABELA 5.3.99 – TOTAIS DA ESTRUTURA EMPRESARIAL AII E ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – 2006	5-540
TABELA 5.3.100 – PESSOAL OCUPADO POR TIPO DE ESTRUTURA EMPRESARIAL NA AII E ESTADO DE SANTA CATARINA – 2006.....	5-542
TABELA 5.3.101 – TOTAL DE EMPREGOS POR TIPOS DE ESTRUTURAS EMPRESARIAIS NA AII E ESTADO DE SANTA CATARINA – 2006.....	5-543
TABELA 5.3.102 – PESSOAL OCUPADO POR TIPO DE ESTRUTURA EMPRESARIAL NA AII E ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – 2006.....	5-545
TABELA 5.3.103 – TOTAL DE EMPREGOS POR TIPOS DE ESTRUTURAS EMPRESARIAIS NA AII E ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – 2006.....	5-547
TABELA 5.3.104 – POSIÇÃO DE TIMBÉ DO SUL EM RELAÇÃO PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB) A PREÇO DE MERCADO CORRENTE DA AII (SC) – 2006.....	5-550
TABELA 5.3.105 – POSIÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES EM RELAÇÃO AO PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB) A PREÇO DE MERCADO CORRENTE DA AII (RS) – 2006.....	5-551
TABELA 5.3.106 – PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB) A PREÇO DE MERCADO CORRENTE DA AID – 2006.....	5-552
TABELA 5.3.107 – POSIÇÃO DE TIMBÉ DO SUL EM RELAÇÃO PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB), VALOR ADICIONADO NA AGROPECUÁRIA PARA OS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS INTEGRANTES DA AII (SC) – 2006.....	5-554
TABELA 5.3.108 – POSIÇÃO DE TIMBÉ DO SUL EM RELAÇÃO AO PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB), VALOR ADICIONADO NA INDÚSTRIA DA AII (SC) – 2006.....	5-555
TABELA 5.3.109 – POSIÇÃO DE TIMBÉ DO SUL EM RELAÇÃO AO PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB), VALOR ADICIONADO NO SETOR DE SERVIÇOS DA AII (SC) – 2006.....	5-556
TABELA 5.3.110 – POSIÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES EM RELAÇÃO AO PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB), VALOR ADICIONADO NA AGROPECUÁRIA PARA OS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS INTEGRANTES DA AII (RS) – 2006.....	5-557

TABELA 5.3.111 – POSIÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES EM RELAÇÃO AO PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB), VALOR ADICIONADO NA INDÚSTRIA PARA OS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS INTEGRANTES DA AII (RS) – 2006.....**5-558**

TABELA 5.3.112 – POSIÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES EM RELAÇÃO AO PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB), VALOR ADICIONADO NO SETOR DE SERVIÇOS PARA OS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS INTEGRANTES DA AII (RS) – 2006.....**5-559**

TABELA 5.3.113 – PIB, VALOR ADICIONADO NA AGROPECUÁRIA, INDÚSTRIA E SERVIÇOS DA AID – 2006.....**5-560**

TABELA 5.3.114 – POSIÇÃO DE TIMBÉ DO SUL EM RELAÇÃO AO NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS AGROPECUÁRIOS DA AII (SC) – 2006.....**5-561**

TABELA 5.3.115 – POSIÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES EM RELAÇÃO AO NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS AGROPECUÁRIOS DA AII (RS) – 2006.....**5-561**

TABELA 5.3.116 – NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS AGROPECUÁRIOS DA AID – 2006.....**5-562**

TABELA 5.3.117 – POSIÇÃO DE TIMBÉ DO SUL EM RELAÇÃO A QUANTIDADE DE LAVOURAS PERMANENTES MAIS SIGNIFICATIVAS EXISTENTES NOS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS DA AII E NO ESTADO DE SANTA CATARINA (TONELADAS - T) – 2007.....**5-563**

TABELA 5.3.118 – POSIÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES EM RELAÇÃO A QUANTIDADE DE LAVOURAS PERMANENTES MAIS SIGNIFICATIVAS EXISTENTES NOS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS DA AII E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (TONELADAS - T) – 2007.....**5-564**

TABELA 5.3.119 – TIPOS E QUANTIDADES DAS PRINCIPAIS LAVOURAS PERMANENTES EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DE SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL (TONELADAS - T) – 2007.....**5-565**

TABELA 5.3.120 – POSIÇÃO DE TIMBÉ DO SUL EM RELAÇÃO A QUANTIDADE DE LAVOURAS TEMPORÁRIAS MAIS SIGNIFICATIVAS EXISTENTES NOS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS DA AII E NO ESTADO DE SANTA CATARINA (TONELADAS) – 2007.....**5-566**

TABELA 5.3.121 – POSIÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES EM RELAÇÃO A QUANTIDADE DE LAVOURAS TEMPORÁRIAS MAIS SIGNIFICATIVAS EXISTENTES NOS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS DA AII E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (TONELADAS - T) – 2007.....**5-567**

TABELA 5.3.122 – TIPOS E QUANTIDADES DAS PRINCIPAIS LAVOURAS TEMPORÁRIAS MAIS SIGNIFICATIVAS EXISTENTES NA AID (TONELADAS - T) – 2007.....**5-568**

TABELA 5.3.123 – POSIÇÃO DE TIMBÉ DO SUL EM RELAÇÃO AO TIPO E QUANTIDADES DOS REBANHOS MAIS SIGNIFICATIVOS EXISTENTES NOS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS DA AII E NO ESTADO DE SANTA CATARINA (CABEÇAS) – 2007.....**5-569**

TABELA 5.3.124 – POSIÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES EM RELAÇÃO AO TIPO E QUANTIDADES DOS REBANHOS MAIS SIGNIFICATIVOS EXISTENTES NOS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS DA AII E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (CABEÇAS) – 2007.....**5-570**

TABELA 5.3.125 – TIPOS E QUANTIDADES DOS PRINCIPAIS REBANHOS EXISTENTES NA AID (CABEÇAS) – 2007.....**5-571**

TABELA 5.3.126 – POSIÇÃO DE TIMBÉ DO SUL EM RELAÇÃO AO TIPO E QUANTIDADE DA EXTRAÇÃO VEGETAL E SILVICULTURA MAIS SIGNIFICATIVAS NA AII E NO ESTADO DE SANTA CATARINA – 2007.....**5-572**

TABELA 5.3.127 – POSIÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES EM RELAÇÃO AO TIPO E QUANTIDADE DA EXTRAÇÃO VEGETAL E SILVICULTURA MAIS SIGNIFICATIVAS NA AII E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – 2007.....**5-574**

TABELA 5.3.128 – TIPOS E QUANTIDADES DOS PRINCIPAIS DA EXTRAÇÃO VEGETAL E SILVICULTURA NA AID – 2007.....**5-576**

TABELA 5.3.129 – POSIÇÃO DE TIMBÉ DO SUL EM RELAÇÃO AO FUNDO DE PARTICIPAÇÃO DOS MUNICÍPIOS PARA OS MUNICÍPIOS DA AII DO ESTADO DE SANTA CATARINA (TOTAIS EM REAIS E PERCENTUAIS)– 2006.....**5-578**

TABELA 5.3.130 – POSIÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES EM RELAÇÃO AO FUNDO DE PARTICIPAÇÃO DOS MUNICÍPIOS PARA OS MUNICÍPIOS DA AII DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (TOTAIS EM REAIS E PERCENTUAIS)– 2006.....**5-579**

TABELA 5.3.131 – FUNDO DE PARTICIPAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DA AID (TOTAIS EM REAIS E PERCENTUAIS)– 2006.....**5-580**

TABELA 5.3.132 – POSIÇÃO DE TIMBÉ DO SUL AS RECEITAS ORÇAMENTÁRIAS DOS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS DA AII E ESTADO DE SANTA CATARINA (EM REAIS E PERCENTUAIS) – 2007.....**5-581**

TABELA 5.3.133 – POSIÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES EM RELAÇÃO AS RECEITAS ORÇAMENTÁRIAS DOS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS DA AII E ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (EM REAIS E PERCENTUAIS) – 2007.....	5-582
TABELA 5.3.134 – FUNDO DE PARTICIPAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DA AID (TOTAIS EM REAIS E PERCENTUAIS) – 2007.....	5-583
TABELA 5.3.135 – POSIÇÃO DE TIMBÉ DO SUL EM RELAÇÃO AOS TIPOS DE ESTRUTURAS EMPRESARIAIS POR CATEGORIA PARA OS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS DA AII E ESTADO DE SANTA CATARINA – 2006.....	5-584
TABELA 5.3.136 – POSIÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES EM RELAÇÃO AOS TIPOS DE ESTRUTURAS EMPRESARIAIS POR CATEGORIA NA AII E ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – 2006.....	5-588
TABELA 5.3.137 – TIPOS DE ESTRUTURAS EMPRESARIAIS POR CATEGORIA NA AID – 2006.....	5-591
TABELA 5.3.138 – POSIÇÃO DE TIMBÉ DO SUL EM RELAÇÃO AOS TOTAIS DE PESSOAL OCUPADO POR TIPOS DE ESTRUTURAS EMPRESARIAIS POR CATEGORIA PARA OS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS DA AII E ESTADO DE SANTA CATARINA – 2006.....	5-594
TABELA 5.3.139 – POSIÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES EM RELAÇÃO AOS TOTAIS DE PESSOAL OCUPADO POR TIPOS DE ESTRUTURAS EMPRESARIAIS POR CATEGORIA PARA OS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS DA AII E ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – 2006.....	5-598
TABELA 5.3.140 – TOTAIS DE PESSOAL OCUPADO POR TIPOS DE ESTRUTURAS EMPRESARIAIS POR CATEGORIA PARA A AID – 2006.....	5-601
TABELA 5.3.141 – ANO DE CRIAÇÃO, DISTRITOS E LOCALIDADES DOS MUNICÍPIOS DA AII DE SANTA CATARINA.....	5-651
TABELA 5.3.142 – ANO DE CRIAÇÃO, DISTRITOS E LOCALIDADES DOS MUNICÍPIOS DA AII DO RIO GRANDE DO SUL.....	5-652
TABELA 5.3.143 – SISTEMA RODOVIÁRIO FEDERAL, ESTADUAL E MUNICIPAL NA ÁREA DE INFLUÊNCIA INDIRETA.....	5-654
TABELA 5.3.144 – SISTEMA RODOVIÁRIO FEDERAL, ESTADUAL E MUNICIPAL NA ÁREA DE INFLUÊNCIA INDIRETA.....	5-656
TABELA 5.3.145 – EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO DA AII DE SC.....	5-658

TABELA 5.3.146 – EVOLUÇÃO TOTAL DA POPULAÇÃO DA AII DE RS.....	5-660
TABELA 5.3.147 – EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO SÃO JOSÉ DOS AUSENTES.....	5-661
TABELA 5.3.148 – EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO DE TIMBÉ DO SUL.....	5-662
TABELA 5.3.149 – TIPOS DE USO E OCUPAÇÃO DA TERRA NA ÁREA DE INFLUÊNCIA INDIRETA DE SANTA CATARINA.....	5-664
TABELA 5.3.150 – TIPOS DE USO E OCUPAÇÃO DA TERRA NA ÁREA DE INFLUÊNCIA INDIRETA DO RIO GRANDE DO SUL.....	5-665
TABELA 5.3.151 – TIPOS DE USO E OCUPAÇÃO DA TERRA NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DIRETA DE SANTA CATARINA.....	5-666
TABELA 5.3.152 – TIPOS DE USO E OCUPAÇÃO DA TERRA NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DIRETA DO RIO GRANDE DO SUL.....	5-668
TABELA 5.3.153 – ÁREAS A SEREM DESAPROPRIADAS NO LOTE 1.....	5-685
TABELA 5.3.154 – ÁREAS A SEREM DESAPROPRIADAS NO LOTE 2.....	5-686
TABELA 5.3.155 – PERCENTUAL DOS LOCAIS DA ENTREVISTA.....	5-719
TABELA 5.3.156 – DISTRIBUIÇÃO POR GÊNERO E FAIXA ETÁRIA DA AMOSTRA.....	5-720
TABELA 5.3.157 – DISTRIBUIÇÃO DE GÊNERO POR MUNICÍPIOS.....	5-721
TABELA 5.3.158 – DISTRIBUIÇÃO DE FAIXA ETÁRIA POR MUNICÍPIOS.....	5-721
TABELA 5.3.159 – PROFISSÃO (SETOR) - TOTAL.....	5-724
TABELA 5.3.160 – PROFISSÃO (SETOR) - MUNICÍPIOS.....	5-725
TABELA 5.3.161 – PROFISSÃO (SETOR) - ESTADO.....	5-726
TABELA 5.3.162 – ORGANIZAÇÃO SOCIAL OU ASSOCIAÇÃO (GERAL).....	5-727
TABELA 5.3.163 – PARTICIPAÇÃO EM ORGANIZAÇÃO SOCIAL – POR MUNICÍPIO.....	5-728

TABELA 5.3.164 – PARTICIPAÇÃO EM ORGANIZAÇÃO SOCIAL – POR ESTADO.....	5-728
TABELA 5.3.165 – PARTICIPAÇÃO EM ORGANIZAÇÃO SOCIAL POR MUNICÍPIO E POR CATEGORIA.....	5-729
TABELA 5.3.166 – PARTICIPAÇÃO EM ORGANIZAÇÃO SOCIAL POR ESTADO E POR CATEGORIA.....	5-730
TABELA 5.3.167 – QUANTOS ANOS MORA NA REGIÃO - TOTAL.....	5-731
TABELA 5.3.168 – PROCEDÊNCIA DOS ENTREVISTADOS.....	5-732
TABELA 5.3.169 – QUADRO: PROCEDÊNCIA DOS ENTREVISTADOS.....	5-733
TABELA 5.3.170 – MOTIVO DA MIGRAÇÃO.....	5-735
TABELA 5.3.171 – IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO DA ESTRADA – AVALIAÇÃO POR MUNICÍPIO.....	5-737
TABELA 5.3.172 – IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO DA ESTRADA – AVALIAÇÃO POR ESTADO.....	5-737
TABELA 5.3.173 – IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO DA ESTRADA – AVALIAÇÃO GERAL.....	5-738
TABELA 5.3.174 – BENEFÍCIOS DA CONSTRUÇÃO DA ESTRADA PARA A REGIÃO – AVALIADA POR MUNICÍPIO.....	5-739
TABELA 5.3.175 – BENEFÍCIOS DA CONSTRUÇÃO DA ESTRADA PARA A REGIÃO – AVALIADA POR ESTADO.....	5-741
TABELA 5.3.176 – BENEFÍCIOS DA CONSTRUÇÃO DA ESTRADA PARA A REGIÃO – AVALIAÇÃO GERAL (TOTAL)	5-742
TABELA 5.3.177 – BENEFÍCIOS DA PAVIMENTAÇÃO JÁ CONCLUÍDA – BOM JESUS E SÃO JOSÉ DOS AUSENTES – AVALIAÇÃO POR MUNICÍPIOS.....	5-743
TABELA 5.3.178 – BENEFÍCIOS DA PAVIMENTAÇÃO JÁ CONCLUÍDA – BOM JESUS E SÃO JOSÉ DOS AUSENTES – AVALIAÇÃO POR ESTADO.....	5-743
TABELA 5.3.179 – BENEFÍCIOS DA PAVIMENTAÇÃO JÁ CONCLUÍDA – BOM JESUS E SÃO JOSÉ DOS AUSENTES – AVALIAÇÃO GERAL (TOTAL)	5-744

TABELA 5.3.180 – BENEFÍCIOS DA PAVIMENTAÇÃO JÁ CONCLUÍDA – TIMBÉ DO SUL – BR 101 - AVALIAÇÃO POR MUNICÍPIOS.....	5-745
TABELA 5.3.181 – BENEFÍCIOS DA PAVIMENTAÇÃO JÁ CONCLUÍDA – TIMBÉ DO SUL / BR 101– AVALIAÇÃO POR ESTADO.....	5-745
TABELA 5.3.182 – BENEFÍCIOS DA PAVIMENTAÇÃO JÁ CONCLUÍDA – TIMBÉ DO SUL / BR 101– AVALIAÇÃO GERAL (TOTAL)	5-746
TABELA 5.3.183 – IMPORTÂNCIA DA CONTINUAÇÃO DA PAVIMENTAÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES A TIMBÉ DO SUL – AVALIAÇÃO POR MUNICÍPIOS.....	5-747
TABELA 5.3.184 – IMPORTÂNCIA DA CONTINUAÇÃO DA PAVIMENTAÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES A TIMBÉ DO SUL – AVALIAÇÃO POR MUNICÍPIOS.....	5-748
TABELA 5.3.185 – IMPORTÂNCIA DA CONTINUAÇÃO DA PAVIMENTAÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES A TIMBÉ DO SUL – AVALIAÇÃO GERAL (TOTAL).....	5-748
TABELA 5.3.186 – QUAL TRAÇADO ALTERNATIVO ESCOLHERIA (SÃO JOSÉ DOS AUSENTES – FRONTEIRA RS/SC) – AVALIAÇÃO POR MUNICÍPIOS.....	5-750
TABELA 5.3.187 – QUAL TRAÇADO ALTERNATIVO ESCOLHERIA (SÃO JOSÉ DOS AUSENTES – FRONTEIRA RS/SC) – AVALIAÇÃO POR ESTADO.....	5-751
TABELA 5.3.188 – QUAL TRAÇADO ALTERNATIVO ESCOLHERIA (SÃO JOSÉ DOS AUSENTES – FRONTEIRA RS/SC) – AVALIAÇÃO GERAL (TOTAL).....	5-751
TABELA 5.3.189 – QUAL TRAÇADO ALTERNATIVO ESCOLHERIA (TIMBÉ DO SUL – FRONTEIRA SC/RS) – AVALIAÇÃO POR MUNICÍPIOS.....	5-752
TABELA 5.3.190 – QUAL TRAÇADO ALTERNATIVO ESCOLHERIA (TIMBÉ DO SUL – FRONTEIRA SC/RS) – AVALIAÇÃO POR ESTADO.....	5-753
TABELA 5.3.191 – QUAL TRAÇADO ALTERNATIVO ESCOLHERIA (TIMBÉ DO SUL – FRONTEIRA SC/RS) – AVALIAÇÃO GERAL (TOTAL).....	5-754

CAPÍTULO 6

TABELA 6.1 – MUNICÍPIOS DA AII.....	6-12
--	-------------

CAPÍTULO 7

TABELA 7.2.1 – FASES DO PROJETO E AÇÕES POTENCIALMENTE IMPACTANTES	7-12
TABELA 7.2.2 – QUADRO: AVALIAÇÃO DA POTENCIALIDADE DE OCORRÊNCIA DE IMPACTOS SOBRE OS FATORES AMBIENTAIS.....	7-14
TABELA 7.3.1 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-28
TABELA 7.3.2 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-31
TABELA 7.3.3 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-33
TABELA 7.3.4 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-35
TABELA 7.3.5 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-36
TABELA 7.3.6 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-38
TABELA 7.3.7 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-41
TABELA 7.3.8 – VOLUMES DE MATERIAIS DESTINADOS A BOTA-FORAS.....	7-43
TABELA 7.3.9 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-43
TABELA 7.3.10 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-45
TABELA 7.3.11 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-47
TABELA 7.3.12 – COBERTURA VEGETAL A SER SUPRIMIDA E INTERFERÊNCIAS NA ADA PARA O LOTE 1.....	7-49
TABELA 7.3.13 – COBERTURA VEGETAL A SER SUPRIMIDA E INTERFERÊNCIAS NA ADA PARA O LOTE 2.....	7-49
TABELA 7.3.14 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-51
TABELA 7.3.15 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-53
TABELA 7.3.16 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-57
TABELA 7.3.17 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-59

TABELA 7.3.18 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-60
TABELA 7.3.19 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-61
TABELA 7.3.20 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-62
TABELA 7.3.21 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-64
TABELA 7.3.22 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-65
TABELA 7.3.23 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-67
TABELA 7.3.24 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-69
TABELA 7.3.25 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-71
TABELA 7.3.26 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-72
TABELA 7.3.27 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-73
TABELA 7.3.28 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-74
TABELA 7.3.29 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-76
TABELA 7.3.30 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-77
TABELA 7.3.31 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-78
TABELA 7.3.32 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-79
TABELA 7.3.33 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-81
TABELA 7.3.34 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-82
TABELA 7.3.35 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-83
TABELA 7.3.36 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-85
TABELA 7.3.37 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-87
TABELA 7.3.38 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-88

TABELA 7.3.39 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-89
TABELA 7.3.40 – TIPOS DE USO E OCUPAÇÃO DA TERRA NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DIRETA DE SANTA CATARINA	7-90
TABELA 7.3.41 – TIPOS DE USO E OCUPAÇÃO DA TERRA NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DIRETA DO RIO GRANDE DO SUL	7-90
TABELA 7.3.42 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-92
TABELA 7.3.43 – ESTIMATIVA DE TRÁFEGO – LOTE 1.....	7-92
TABELA 7.3.44 – ESTIMATIVA DE TRÁFEGO – LOTE 2.....	7-93
TABELA 7.3.45 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-96
TABELA 7.3.46 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-98
TABELA 7.3.47 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-100
TABELA 7.3.48 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-101
TABELA 7.3.49 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-103
TABELA 7.3.50 – MATRIZ DE QUALIFICAÇÃO DE IMPACTO	7-104
TABELA 7.3.51 – MATRIZ RESUMO DOS IMPACTOS AMBIENTAIS..(VIDE VOLUME V)	

CAPÍTULO 8

TABELA 8.1.1 – QUALIFICAÇÃO DE IMPACTOS EM AMBOS OS LOTES	8-2
TABELA 8.1.2 – QUALIFICAÇÃO DE IMPACTOS EM AMBOS OS LOTES	8-5
TABELA 8.1.3 – QUALIFICAÇÃO DE IMPACTOS EM AMBOS OS LOTES	8-7
TABELA 8.1.4 – QUALIFICAÇÃO DE IMPACTOS EM AMBOS OS LOTES	8-10
TABELA 8.1.5 – QUALIFICAÇÃO DE IMPACTOS EM AMBOS OS LOTES	8-12

TABELA 8.1.6 – FONTES DE RUÍDOS ESPECÍFICOS DOS VEÍCULOS AUTOMOTORES.....	8-13
TABELA 8.1.7 – QUALIFICAÇÃO DE IMPACTOS EM AMBOS OS LOTES	8-15
TABELA 8.1.8 – QUALIFICAÇÃO DE IMPACTOS EM AMBOS OS LOTES	8-19
TABELA 8.1.9 – QUALIFICAÇÃO DE IMPACTOS EM AMBOS OS LOTES	8-22
TABELA 8.1.10 – QUALIFICAÇÃO DE IMPACTOS EM AMBOS OS LOTES	8-25
TABELA 8.1.11 – QUALIFICAÇÃO DE IMPACTOS EM AMBOS OS LOTES	8-27
TABELA 8.1.12 – QUALIFICAÇÃO DE IMPACTOS EM AMBOS OS LOTES	8-32
TABELA 8.1.13 – QUALIFICAÇÃO DE IMPACTOS EM AMBOS OS LOTES	8-34
TABELA 8.1.14 – QUALIFICAÇÃO DE IMPACTOS EM AMBOS OS LOTES	8-36
TABELA 8.1.15 – QUALIFICAÇÃO DE IMPACTOS EM AMBOS OS LOTES	8-45
TABELA 8.1.16 – QUALIFICAÇÃO DE IMPACTOS EM AMBOS OS LOTES	8-46
TABELA 8.1.17 – QUALIFICAÇÃO DE IMPACTOS EM AMBOS OS LOTES	8-49
TABELA 8.1.18 – QUADRO: SÍNTESE DAS MEDIDAS.....	(VIDE VOLUME V)
TABELA 8.2.1 – QUADRO: INVENTÁRIO DE RESÍDUOS DO ACAMPAMENTO E FRENTES DE OBRAS DA BR-285	8-62
TABELA 8.2.2 – QUADRO: ARMAZÉM DE PÓLVORAS QUÍMICAS E ARTIFÍCIOS PIROTÉCNICOS	8-73
TABELA 8.2.3 – QUADRO: ARMAZÉM DE EXPLOSIVOS INICIADORES.....	8-73
TABELA 8.2.4 – QUADRO: ARMAZÉM DE EXPLOSIVOS INICIADORES.....	8-74

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

CAPÍTULO 2

FIGURA 2.1.1 – BR-285.....	2-1
FIGURA 2.1.2 – FOTO: CONDIÇÃO ATUAL DA BR-285 NO RIO GRANDE DO SUL	2-2
FIGURA 2.1.3 – FOTO: CONDIÇÃO ATUAL DA BR-285 EM SANTA CATARINA	2-3
FIGURA 2.1.4 – ROTAS SIMULADAS A PARTIR DO SOFTWARE GUIA QUATRO RODAS.....	(VIDE VOLUME V)
FIGURA 2.1.5 A – MALHA VIÁRIA EXISTENTE E PREVISTA E PRINCIPAIS NÚCLEOS URBANOS E RURAIS DA ÁREA DE INFLUÊNCIA DO EMPREENDIMENTO.....	(VIDE VOLUME V)
FIGURA 2.1.5 B – MAPA DE INFRAESTRUTURA – ÁREA DE INFLUÊNCIA DIRETA DO MEIO FÍSICO E BIÓTICO – LOTE 1 (RS) E LOTE 2 (SC).....	(VIDE VOLUME V)
FIGURA 2.1.6 – MÓDULOS DE AEROGERADORES DA USINA EÓLICA DE CAPÃO DO TIGRE.....	(VIDE VOLUME V)
FIGURA 2.1.7 – LOCAIS DA RODOVIA INTERCEPTADOS PELO GASODUTO BRASIL – BOLÍVIA.....	(VIDE VOLUME V)
FIGURA 2.1.8 – MAPA DE COBERTURA VEGETAL E USO DA TERRA - ÁREA DE INFLUÊNCIA DIRETA DO MEIO FÍSICO E BIÓTICO.....	(VIDE VOLUME V)
FIGURA 2.1.9 – MAPA: COBERTURA VEGETAL E USO DA TERRA - ÁREA DE INFLUÊNCIA INDIRETA DO MEIO FÍSICO E BIÓTICO	(VIDE VOLUME V)
FIGURA 2.1.10 – EIXO MERCOSUL – CHILE.....	2-11
FIGURA 2.1.11 – OBRAS PRIORITÁRIAS DO EIXO MERCOSUL - CHILE.....	2-11
FIGURA 2.1.12 – INFRAESTRUTURA LOGÍSTICA RIO GRANDE DO SUL.....	2-13
FIGURA 2.1.13 – INFRAESTRUTURA LOGÍSTICA SANTA CATARINA.....	2-14
FIGURA 2.1.14 – SISTEMA FERROVIÁRIO NO ESTADO DE SANTA CATARINA.....	2-16

FIGURA 2.1.15 – INTERRELAÇÃO DO EMPREENDIMENTO COM PLANOS E PROGRAMAS DE TRANSPORTES.....	2-21
FIGURA 2.2.1 – CARTA-IMAGEM DO PROJETO FINAL DE ENGENHARIA DO LOTE 1 (RS) E DO LOTE 2 (SC).....	(VIDE VOLUME V)
FIGURA 2.2.2 – PONTO SUSCETÍVEL A ESCORREGAMENTO DE ENCOSTA – LOTE 1	2-29
FIGURA 2.2.3 – OBRA-DE-ARTE ESPECIAL PROJETADA E PASSAGENS DE FAUNA – LOTE 1	(VIDE VOLUME V)
FIGURA 2.2.4 – FOTO: INSTALAÇÕES DO CANTEIRO DE OBRA DA CONSTUTORA SULTEPA S.A.....	2-35
FIGURA 2.2.5 – LOCAIS PARA ÁREAS DE BOTA-FORAS E CANTEIRO DE OBRA – LOTE 1	(VIDE VOLUME V)
FIGURA 2.2.6 – CRONOGRAMA FÍSICO – LOTE 1	2-38
FIGURA 2.2.7 – PONTOS SUSCETÍVEIS A ESCORREGAMENTO DE ENCOSTAS – LOTE 2	2-47
FIGURA 2.2.8 – OBRAS-DE-ARTE ESPECIAIS E PRINCIPAIS OBRAS-DE-ARTE CORRENTES PROJETADAS – LOTE 2	(VIDE VOLUME V)
FIGURA 2.2.9 – OBRAS-DE-ARTE ESPECIAIS E PRINCIPAIS OBRAS-DE-ARTE CORRENTES PROJETADAS – LOTE 2	(VIDE VOLUME V)
FIGURA 2.2.10 – LOCAIS PARA ÁREAS DE BOTA-FORAS – LOTE 2.....	2-55
FIGURA 2.2.11 – LOCAIS PARA ÁREAS DE BOTA-FORAS – LOTE 2.....	2-56
FIGURA 2.2.12 – CRONOGRAMA FÍSICO DO LOTE 2	2-63

CAPÍTULO 3

FIGURA 3.1.1 – ADEQUAÇÃO EM PLANTA.....	(VIDE VOLUME V)
FIGURA 3.1.2 – ADEQUAÇÃO EM PERFIL	(VIDE VOLUME V)

FIGURA 3.1.3 – SEÇÃO TRANSVERSAL	(VIDE VOLUME V)
FIGURA 3.1.4 – CURVA HORIZONTAL DO ATUAL TRAÇADO	3-4
FIGURA 3.1.5 – CURVA HORIZONTAL DO ATUAL TRAÇADO	3-5
FIGURA 3.1.6 – CURVA HORIZONTAL DO ATUAL TRAÇADO	3-5
FIGURA 3.1.7 – LOCAL DE ATERRO NO VALE DO RIO DAS ANTAS	3-6
FIGURA 3.1.8 – CARTA IMAGEM DAS ALTERNATIVAS LOCACIONAIS PARA O LOTE 1 – RIO GRANDE DO SUL.....	(VIDE VOLUME V)
FIGURA 3.1.9 – FOTO: FINAL DO TRECHO PAVIMENTADO – KM 45+800,00 M	3-13
FIGURA 3.1.10 – CARTA IMAGEM DAS ALTERNATIVAS LOCACIONAIS PARA O LOTE 2 – SANTA CATARINA.....	(VIDE VOLUME V)
FIGURA 3.1.11 – FOTO: LOCAL DE IMPLANTAÇÃO DE VIADUTO	3-16
FIGURA 3.1.12 – FOTO: TÚNEL DO GASBOL	3-17
FIGURA 3.1.13 – FOTO: PONTO SUSCETÍVEL A DESLIZAMENTOS FREQUENTES	3-18
FIGURA 3.2.1 – FIGURA ILUSTRATIVA DA LOCALIZAÇÃO DA PONTE SOBRE O RIO DAS ANTAS (SEM ESCALA)	3-20

CAPÍTULO 4

FIGURA 4.1.1 – MAPA DE COBERTURA VEGETAL E USO DA TERRA – ADA E AID DO MEIO FÍSICO E BIÓTICO.....	(VIDE VOLUME V)
FIGURA 4.2.1 – MAPA: LOCALIZAÇÃO DA AID MEIO FÍSICO E BIÓTICO.....	(VIDE VOLUME V)
FIGURA 4.2.2 – MAPA: LOCALIZAÇÃO DA AID DO MEIO SOCIOECONÔMICO	(VIDE VOLUME V)
FIGURA 4.3.1 – MAPA: LOCALIZAÇÃO DA AII DO MEIO BIÓTICO E FÍSICO.....	(VIDE VOLUME V)

FIGURA 4.3.2 – MAPA: LOCALIZAÇÃO DA AII DO MEIO SOCIOECONÔMICO (VIDE VOLUME V)

CAPÍTULO 5

FIGURA 5.1.1 – MÉDIA MENSAL DAS TEMPERATURAS MÍNIMAS, MÁXIMAS E MÉDIAS DOS ANOS DE 1999 A 2009.....5-19

FIGURA 5.1.2 – PRECIPITAÇÃO DOS ANOS DE 1999 A 2009 E RESPECTIVAS MÉDIAS.....5-20

FIGURA 5.1.3 – GRÁFICO: TEMPERATURA MÉDIA MENSAL – ARARANGUÁ - SC.....5-23

FIGURA 5.1.4 – GRÁFICO: MÉDIA DA PRECIPITAÇÃO TOTAL MENSAL – ARARANGUÁ - SC.....5-23

FIGURA 5.1.5 – GRÁFICO: PRECIPITAÇÃO MÁXIMA EM 24 HORAS – ARARANGUÁ - SC.....5-24

FIGURA 5.1.6 – GRÁFICO: PRECIPITAÇÃO MÁXIMA EM 24 HORAS – ARARANGUÁ - SC.....5-24

FIGURA 5.1.7 – GRÁFICO: NÚMERO DE DIAS DE CHUVA – ARARANGUÁ – SC.....5-25

FIGURA 5.1.8 – (A) LAVAS DE ROCHAS ÁCIDAS EM TONS AMARRONADOS, DE TEXTURA HOMOGÊNEA E HOMÓFONA, E SEM AMIGDALAS E/OU GEODOS. MAGMAS COM AUSÊNCIA DE VOLÁTEIS NA FASE RESFRIAMENTO E CRISTALIZAÇÃO. (COORDENADAS GEOGRÁFICAS: 28°45'39,7"S 50°00'51,2"W ALTITUDE: 1.215M); (B) FOTOMICROGRAFIA EM LP COM FENOCRISTAIS IMERSOS EM MASSA FUNDAMENTAL CRISTALIZA AO ATINGIREM O EUTÉTICO NA SUA TOTALIDADE VOLUMÉTRICA. ROCHA PROVÁVEL: DACITO.....5-33

FIGURA 5.1.9 – (A) AMOSTRA DE BASALTO - COORDENADAS GEOGRÁFICAS 28°47'92",490 58' 99,7"; (B) LÂMINA A LP DE AFLORAMENTO EM ALTITUDE 1.012M A MONTANTE DA ESTRADA, DENOTANDO TEXTURA PILOTAXÍTICA. LITOTIPO PROVÁVEL: RIODACITO.....5-33

FIGURA 5.1.10 – MAPA GEOLÓGICO ESTRUTURAL LOCAL.....(VIDE VOLUME V)

FIGURA 5.1.11 – CROQUI GEOLÓGICO ESTRUTURAL REGIONAL.....5-35

FIGURA 5.1.12 – (A) FOTO DE CAMPO - COORDENADAS GEOGRÁFICAS: 28°45'66,5" S, 50°00'50,9" W E ALTITUDE: 1.224M. (B) FOTOMICROGRAFIA.....5-36

FIGURA 5.1.13 – (A) AFLORAMENTO DE LAVAS ÁCIDAS DE TEXTURA AFANÍTICA E HOMÓFONA, COM AUSÊNCIA DE AMÍGDALAS OU GEODOS. (COORDENADAS GEOGRÁFICAS: 28°45'76,3" S 50°00'37,9" W ALTITUDE: 1.223M); (B) PIROXENOS ALTERADOS HIDROTERMALMENTE PARA IDINGSITAS. ROCHA VULCÂNICA ÁCIDA PROVAVELMENTE LITOTIPO DE RIODACITO A DACITO.....5-36

FIGURA 5.1.14 – (A) AFLORAMENTO DE ROCHA ÁCIDA A INTERMEDIÁRIA, EM ALTO GRAU DE ALTERAÇÃO BASTANTE FRATURADA, COM PEQUENAS AMIGDALAS. (COORDENADAS GEOGRÁFICAS: 28°47'39" S 49°58'91,1" W ALTITUDE: 1.073M); (B) FOTOMICROGRAFIA EM LP ONDE É POSSIVEL VISUALIZAR AMIGDALA PREENCHIDA POR SÍLICA CRIPTOCRISTALINA E GRÃOS AMEBÓIDES DE QUARTZO HIALINO DE TEXTURA ONDULANTE. LITOTIPO PROVÁVEL: RIODACITO A DACITO.....5-37

FIGURA 5.1.15 – (A) LAVAS INTERMEDIÁRIAS COM ESPESSO PACOTE DE ROCHA ALTERADA E PEQUENA CAMADA DE SOLO DO TIPO CAMBISSOLO.(COORDENADAS GEOGRÁFICAS: 28°48'11,6" S, 49°56'97,1" W, ALTITUDE: 1.172M); (B) FOTOMICROGRAFIA A LP COM FENOCRISTAIS DE PLAGIOCLÁSIOS IMERSOS EM MATRIZ DE MICRÓLITOS DE OPX, E PLAGIOCLÁSIOS DE PRIMEIRA GERAÇÃO NA FASE DE CRISTALIZAÇÃO COMO LITÓTIPO PROVÁVEL BASALTO ANDESITO.....5-37

FIGURA 5.1.16 – ÁREA REQUERIDA NO DNPM PARA EXTRAÇÃO DE SEIXOS.....5-38

FIGURA 5.1.17 – ÁREA REQUERIDA NO DNPM PARA EXTRAÇÃO DE SEIXOS.....5-39

FIGURA 5.1.18 – ÁREA REQUERIDA NO DNPM PARA EXTRAÇÃO DE SEIXOS.....5-39

FIGURA 5.1.19 – ÁREA REQUERIDA NO DNPM PARA EXTRAÇÃO DE SEIXOS.....5-40

FIGURA 5.1.20 – ÁREA REQUERIDA NO DNPM PARA EXTRAÇÃO DE SEIXOS.....5-40

FIGURA 5.1.21 – ÁREA REQUERIDA NO DNPM PARA EXTRAÇÃO DE SEIXOS.....5-41

FIGURA 5.1.22 – DESPRENDIMENTO DE BLOCOS ROCHOSOS EM CORTE DE MATERIAL ALTAMENTE FRATURADO E COM CERTO GRAU DE ALTERAÇÃO – ENTRE A SEDE DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES E A PEDREIRA.....5-42

FIGURA 5.1.23 – DESLIZAMENTOS DE MATERIAL INTEMPERIZADO (ELÚVIO) SOB BLOCOS ROCHOSOS EM CORTE – ENTRE A SEDE DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES E A PEDREIRA.....5-43

FIGURA 5.1.24 – INTEMPERISMO DIFERENCIAL EM BASALTO NA REGIÃO DOS CAMPOS.....	5-43
FIGURA 5.1.25 – DEPÓSITO DE TÁLUS NO TRECHO A SER TRABALHADO NO LOTE 2.....	5-44
FIGURA 5.1.26 – PONTOS DE INSTABILIDADE GEOTÉCNICA.....(VIDE VOLUME V)	
FIGURA 5.1.27 – FOTO: DEPÓSITO DE TALUS.....	5-46
FIGURA 5.1.28 - FOTO: ESCORREGAMENTO DE SOLO E BLOCOS DE ROCHA....	5-46
FIGURA 5.1.29 – FOTO: BLOCOS DE ROCHA NA EMINÊNCIA DE CAIR.....	5-47
FIGURA 5.1.30 – FOTO: TALUS COM RISCO DE INSTABILIDADE.....	5-48
FIGURA 5.1.31 – FOTO: ESCORREGAMENTO DE SOLO.....	5-49
FIGURA 5.1.32 – FOTO: BLOCO DE ROCHA CAÍDO SOBRE A ESTRADA.....	5-50
FIGURA 5.1.33 – FOTO: GRANDE ESCORREGAMENTO DE BLOCOS DE ROCHA EM SOLO.....	5-50
FIGURA 5.1.34 – (A) PLANALTO DOS CAMPOS GERAIS, MODELADO SUAVE E COXILHAS ALONGADAS; (B) PLANALTO DOS CAMPOS GERAIS, COM O IMPONENTE RELEVO SUAVE COM COXILHAS ALONGADAS DE TOPO PLANO; (C) INICIO DAS “ESCARPAS DE RECUO” E (D) INICIO DO TERRENO EM “QUEBRA DE RELEVO” E INICIO DAS “ESCARPAS DE RECUO” NOS PROCESSOS DE INTEMPERISMO FÍSICO QUÍMICO ASSOCIADO POR SOBRE ROCHAS VULCÂNICAS.....	5-53
FIGURA 5.1.35 – (A) VISUALIZAÇÃO DE ACENTUADO PROCESSO PEDOGENÉTICO; (B) BORDA DE ESCARPA EXPONDO DERRAMES BASÁLTICOS QUE AFLORAM A MONTANTE DO TRECHO; (C) RAVINAS SUAVIZADAS SOB PALEO-DUNAS DA FORMAÇÃO BOTUCATU NA PORÇÃO INFERIOR DO TRECHO EM TIMBÉ DO SUL/SC; (D) ESCARPAS VERTICALIZADAS POR SOBRE PALEO-DUNAS TRIÁSSICAS DA F. BOTUCATU NA AID A NW DE TIMBÉ DO SUL/SC.....	5-53
FIGURA 5.1.36 – CROQUI TEMÁTICO GEOMORFOLÓGICO DOS LEQUES ALUVIAIS – TIMBÉ DO SUL.....	5-54
FIGURA 5.1.37 – CROQUI TEMÁTICO DA SUPERPOSIÇÃO SOBRE OS FLUXOS DE DETRITOS SEIXOS / CASCALHEIRAS – TIMBÉ DO SUL.....	5-55

FIGURA 5.1.38 – CROQUI TEMÁTICO GEOMORFOLÓGICO DO SW DO ESTADO DE SANTA CATARINA.....	5-56
FIGURA 5.1.39 A – MAPA: UNIDADES DE PAISAGEM DA AID DO MEIO FÍSICO.....	(VIDE VOLUME V)
FIGURA 5.1.39 B – MAPA: UNIDADES DE PAISAGEM E CURVAS DE NÍVEL DA AID DO MEIO FÍSICO.....	(VIDE VOLUME V)
FIGURA 5.1.39 C – MAPA: UNIDADES DE PAISAGEM COM AS DECLIVIDADES DA AID DO MEIO FÍSICO.....	(VIDE VOLUME V)
FIGURA 5.1.40 – UNIDADE PLANALTO DOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA: AMBIENTES CARACTERÍSTICOS DA UNIDADE.....	5-58
FIGURA 5.1.41 – UNIDADE PLANALTO DOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA, FOTO COM DETALHE DO VALE DO RIO DAS ANTAS.....	5-59
FIGURA 5.1.42 – UNIDADES APARADOS DA SERRA.....	5-61
FIGURA 5.1.43 – UNIDADES APARADOS DA SERRA.....	5-61
FIGURA 5.1.44 – UNIDADE DE PIEMONTE E PLANÍCIE.....	5-62
FIGURA 5.1.45 – UNIDADE DE PIEMONTE E PLANÍCIE.....	5-63
FIGURA 5.1.46 – GRÁFICO: UNIDADES DE PAISAGEM.....	5-64
FIGURA 5.1.47 – (A) CAMBISSOLO HÚMICO ALUMÍNICO TÍPICO NAS PROXIMIDADES DA PEDREIRA EM SÃO JOSE DOS AUSENTES (SOLO BOM JESUS); (B) CAMBISSOLO HÚMICO ALUMÍNICO EXPONDO O MANTO DE INTEMPERISMO COMPLETO DA INTERFÁCIE SOLO/ROCHA (SOLO BOM JESUS); (C) SOLO TIPO COLUVIONAR TRANSPORTADO POR SISTEMA “DEBRIS FLOW” A MONTANTE DA RODOVIA JÁ NA SERRA DA ROCINHA; (D) SOLO CASTANHO AMARRONADO COLUVIONAR, COM OS “STONE LINES” AFLORANDO A MONTANTE DO TRECHO.....	5-65
FIGURA 5.1.48 A – MAPA DE SOLOS DA AID.....	(VIDE VOLUME V)
FIGURA 5.1.48 B – CROQUI DE SOLOS DA AII.....	5-67
FIGURA 5.1.49 – MAPA: HIDROGRAFIA E PONTOS DE COLETA.....	(VIDE VOLUME V)

- FIGURA 5.1.50** – AÇUDES FORMADOS BARRAMENTO NA PORÇÃO PROXIMA À PEDREIRA JUNTO AO TRECHO NO RS, NO INTERIOR DA AID.....5-70
- FIGURA 5.1.51** – PORÇÃO DO RIO DAS ANTAS NA PROXIMIDADE DE SUAS NASCENTES NO INTERIOR DA AID, COM LEITO COBERTO POR SEIXOS.....5-70
- FIGURA 5.1.52** – DETALHE DO RIO DA ROCINHA COM POTENTES DEPÓSITOS DE SEIXOS, DADA A ELEVADA COMPETÊNCIA.....5-71
- FIGURA 5.1.53** – RIO DA ROCINHA EM DETALHE SEUS DEPÓSITOS DE SEIXOS EM ALTA COMPETÊNCIA.....5-72
- FIGURA 5.1.54** – GRAFICOS HIDROPEL.....5-77
- FIGURA 5.1.55** – GRAFICOS HIDROPEL.....5-78
- FIGURA 5.1.56** – EQUIPAMENTOS UTILIZADOS NA MEDIÇÃO DE RUÍDOS.....5-96
- FIGURA 5.2.1** – MODELO DA PLANILHA UTILIZADA PARA A COLETA DE INFORMAÇÕES NO CAMPO.....5-108
- FIGURA 5.2.2** – TRECHO EM SOLO GAÚCHO QUE LIGA SÃO JOSÉ DOS AUSENTES (RS) A TIMBÉ DO SUL (SC) DA FUTURA BR 285. AS MARCAÇÕES “KM 48” E “KM 51” INDICAM OS PONTOS DE INSTALAÇÃO DAS ARMADILHAS PARA PEQUENOS MAMÍFEROS E DAS ARMADILHAS FOTOGRÁFICAS PARA AS FASES 1 E 2.....5-110
- FIGURA 5.2.3** – IMAGEM MOSTRANDO O TRECHO QUE SERÁ PAVIMENTADO DA BR 285 EM SOLO CATARINENSE (SERRA DA ROCINHA). A MARCAÇÃO “FASE 1” INDICA O PONTO ONDE FORAM INSTALADAS AS ARMADILHAS PARA PEQUENOS MAMÍFEROS E A ARMADILHA FOTOGRÁFICA NA A CAMPANHA DO MÊS DE OUTUBRO. A MARCAÇÃO “FASE 2” CORRESPONDE AO PONTO ONDE FORAM INSTALADAS AS ARMADILHAS PARA PEQUENOS MAMÍFEROS E AS ARMADILHAS FOTOGRÁFICAS (N=2) NA CAMPANHA DO MÊS DE DEZEMBRO.....5-110
- FIGURA 5.2.4 A** – TRANSECTOS NÃO-LINEARES REALIZADOS A NOITE COM AUXILIO DE AUTOMÓVEL E FAROL DE MILHA DURANTE O COMPLEMENTO DE DADOS PRIMÁRIOS REFERENTES A MASTOFAUNA DAS ÁREAS DE INFLUÊNCIA DA BR-285, SUB-TRECHO ENTRE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES, RS, E TIMBÉ DO SUL, SC.....5-113
- FIGURA 5.2.4 B** – TRANSECTOS NÃO-LINEARES REALIZADOS A NOITE COM AUXILIO DE AUTOMÓVEL E FAROL DE MILHA DURANTE O COMPLEMENTO DE DADOS PRIMÁRIOS REFERENTES A MASTOFAUNA DAS ÁREAS DE INFLUÊNCIA DA BR-285, SUB-TRECHO ENTRE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES, RS, E TIMBÉ DO SUL, SC.....5-113

FIGURA 5.2.5 – INSTALAÇÃO DE ARMADILHAS NÃO LETAIS DO TIPO SHERMAN (A) E TOMAHAWK (B) DURANTE O COMPLEMENTO DE DADOS PRIMÁRIOS REFERENTES A MASTOFAUNA DAS ÁREAS DE INFLUÊNCIA DA BR-285, SUB-TRECHO ENTRE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES, RS, E TIMBÉ DO SUL, SC.....	5-115
FIGURA 5.2.6 – INSTALAÇÃO DE REDES DE NEBLINA EM BORDA DE AMBIENTE CAMPESTRE (CCS) E FLORESTAL (FOM) DURANTE O COMPLEMENTO DE DADOS PRIMÁRIOS REFERENTES A MASTOFAUNA DAS ÁREAS DE INFLUÊNCIA DA BR-285, SUB-TRECHO ENTRE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES, RS, E TIMBÉ DO SUL, SC.....	5-118
FIGURA 5.2.7 – PONTOS DE AMOSTRAGEM DA AVIFAUNA.....	5-120
FIGURA 5.2.8 – ÁREA DE FLORESTA OMBRÓFILA MISTA AMOSTRADA DURANTE AS ATIVIDADES DE CAMPO.....	5-122
FIGURA 5.2.9 – ÁREA DE CAMPOS DE CIMA DA SERRA AMOSTRADA DURANTE AS ATIVIDADES DE CAMPO.....	5-123
FIGURA 5.2.10 – ESPÉCIME DE ANFÍBIO (MELANOPHRYNISCUS ATROLUTEUS) REGISTRADO ATRAVÉS DE AMOSTRAGENS AO ACASO.	5-124
FIGURA 5.2.11 – ÁREA ALAGADA UTILIZADA NA METODOLOGIA DE CONTAGEM DE ANUROS, MUNICÍPIO DE TIMBÉ DO SUL/SC.....	5-125
FIGURA 5.2.12 – ÁREA ALAGADA UTILIZADA NA METODOLOGIA DE CONTAGEM DE ANUROS, MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES/RS.....	5-126
FIGURA 5.2.13 – MÉTODO DE TRANSECÇÕES DIURNAS PARA REGISTRO DE ANFÍBIOS.....	5-127
FIGURA 5.2.14 – MÉTODO DE PROCURA VISUAL LIMITADA POR TEMPO PARA REGISTRO DE RÉPTEIS EM AMBIENTE FLORESTAL.....	5-129
FIGURA 5.2.15 – MÉTODO DE PROCURA VISUAL LIMITADA POR TEMPO PARA REGISTRO DE RÉPTEIS, EM AMBIENTE DE CAMPO.....	5-129
FIGURA 5.2.16 – AMOSTRAGENS ADICIONAIS (ÁREAS NÃO INCLUÍDAS NAS TRANSECÇÕES) PARA REGISTROS DE RÉPTEIS.....	5-130
FIGURA 5.2.17 – ASPECTOS GERAIS DA ESTEPE GRAMÍNEO LENHOSA NOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA (RS) NA AID DA BR-285.....	5-139

FIGURA 5.2.18 – ASPECTOS GERAIS DA ESTEPE GRAMÍNEO LENHOSA NOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA (RS) NA ADA DA BR-285.....	5-140
FIGURA 5.2.19 – ASPECTOS GERAIS DA FLORESTA OMBRÓFILA MISTA COM ARAUCÁRIA NA REGIÃO DOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA (RS) NA AID DA BR-285.....	5-146
FIGURA 5.2.20 – ASPECTOS GERAIS DA FLORESTA OMBRÓFILA MISTA COM ARAUCÁRIA NA REGIÃO DOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA (RS) NA AID DA BR-285.....	5-146
FIGURA 5.2.21 – ASPECTOS GERAIS DA FLORESTA OMBRÓFILA Densa NAS ENCOSTAS DA SERRA GERAL (SC) NA AII DA BR-285.....	5-149
FIGURA 5.2.22 – ASPECTOS GERAIS DA FLORESTA OMBRÓFILA Densa NAS ENCOSTAS DA SERRA GERAL (SC) E NA AID DA BR-285.....	5-150
FIGURA 5.2.23 – ASPECTOS GERAIS DA FLORESTA OMBRÓFILA Densa MONTANA NAS ENCOSTAS DA SERRA GERAL (SC) NA AID DA BR-285.....	5-151
FIGURA 5.2.24 – DETALHE DA FLORESTA OMBRÓFILA Densa MONTANA NAS ENCOSTAS DA SERRA GERAL (SC) NA ADA DA BR-285 E ASPECTOS GERAIS DA FLORESTA OMBRÓFILA Densa MONTANA E ALTO MONTANA NA ÁREA DE TRANSIÇÃO COM A ESTEPE GRAMÍNEO LENHORA (SC) NA AID DA BR-285.....	5-151
FIGURA 5.2.25 – ASPECTOS GERAIS DA FLORESTA OMBRÓFILA Densa SUBMONTANA EM TIMBÉ DO SUL (SC) NA AID DA BR-285.....	5-152
FIGURA 5.2.26 – ASPECTOS GERAIS DA FLORESTA OMBRÓFILA Densa SUBMONTANA EM TIMBÉ DO SUL (SC) NA AID DA BR-285.....	5-152
FIGURA 5.2.27 – GRÁFICO: DISTRIBUIÇÃO DO NÚMERO DE ESPÉCIES POR FAMÍLIA.....	5-165
FIGURA 5.2.28 – GRÁFICO: ESPÉCIES DE MAIOR PRODUÇÃO QUANTITATIVA DA FLORESTA OMBRÓFILA Densa (MONTANA E SUBMONTANA), LOCALIZADOS NA AID.....	5-167
FIGURA 5.2.29 – GRÁFICO: CURVA RELATIVA AO NÚMERO DE ÁRVORES POR CLASSE DE DIÂMETRO COM ÁRVORES A PARTIR DE 10 CM DE DAP DA FLORESTA OMBRÓFILA Densa MONTANA E SUBMONTANA), LOCALIZADOS NA AID.....	5-168
FIGURA 5.2.30 – GRÁFICO: PERSPECTIVA DE CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO DOS INDIVÍDUOS NA DA FLORESTA OMBRÓFILA Densa (MONTANA E SUBMONTANA), LOCALIZADOS NA AID.....	5-172

FIGURA 5.2.31 – GRÁFICO: ESTRUTURA HORIZONTAL NOS ESTÁGIOS MÉDIO E AVANÇADO DA FLORESTA OMBRÓFILA DENSA (MONTANA E SUBMONTANA), LOCALIZADOS NA AID.....**5-173**

FIGURA 5.2.32 – GRÁFICO: DIAGRAMA DE FREQUÊNCIA ABSOLUTA NOS ESTÁGIOS MÉDIO E AVANÇADO DA FLORESTA OMBRÓFILA DENSA (MONTANA E SUBMONTANA), LOCALIZADOS NA AID.....**5-174**

FIGURA 5.2.33 – GRÁFICO: ESTRUTURA VERTICAL NOS ESTÁGIOS MÉDIO E AVANÇADO DA FLORESTA OMBRÓFILA DENSA(MONTANA E SUBMONTANA), LOCALIZADOS NA AID.....**5-175**

FIGURA 5.2.34 – GRÁFICO: DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIA DE ALGUMAS ESPÉCIES NA REGENERAÇÃO NATURAL DA FLORESTA OMBRÓFILA DENSA..**5-181**

FIGURA 5.2.35 – GRÁFICO: DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIA DE ALGUMAS ESPÉCIES NO ESTÁGIO SUCESSIONAL INICIAL DA FLORESTA OMBRÓFILA DENSA (MONTANA E SUBMONTANA), LOCALIZADOS NA AID.....**5-184**

FIGURA 5.2.36 – (A) DETALHE DO INÍCIO DO TRECHO A SER LICENCIADO, CARACTERIZADO POR CAMPO E PLANTIOS CONTÍNUOS DE PINUS ELIOTTII (B); (C) E (D) SEGMENTO REPRESENTADO POR CAMPO E ALGUNS FRAGMENTOS FLORESTAIS QUE NÃO SERÃO INTERCEPTADOS PELO TRAÇADO DA RODOVIA. (E) DETALHE DO TRECHO ONDE A BR285 PERCORRERÁ, E LOCAIS MAIS SENSÍVEIS ONDE DEVERÁ HAVER SUPRESSÃO DE VEGETAÇÃO.....**5-207**

FIGURA 5.2.37 – (A) DETALHE DE UM DOS SEGMENTOS ONDE DEVERÁ SER CONSTRUÍDO UM DOS PILARES DO VIADUTO SOBRE O RIO DAS ANTAS (COMPRIMENTO DE APROXIMADAMENTE 400 METROS); (B) DETALHE DO LOCAL ONDE SERÁ IMPLANTADO O VIADUTO; (C) APÓS A SAÍDA DO VIADUTO UMA PEQUENA ÁREA COM CAMPO; (D) NA SEQUÊNCIA O TRAÇADO DA RODOVIA INTERCEPTA (À ESQUERDA) UM PEQUENO FRAGMENTO DE ARAUCARIA ANGUSTIFOLIA, SEM SUBOSQUE; (E) E (F) DETALHE DO FRAGMENTO A SER INTERCEPTADO.**5-208**

FIGURA 5.2.38 – (A) E (B) FRAGMENTO COM PRESENÇA DE ALGUNS EXEMPLARES ISOLADOS DE ARAUCARIA ANGUSTIFOLIA, QUE TAMBÉM SERÃO INTERCEPTADOS PELO TRAÇADO DA BR285; (C) PONTO A PARTIR DE ONDE NÃO HAVERÁ MAIS SUPRESSÃO DE VEGETAÇÃO, O TRAÇADO PERCORRE APENAS CAMPO NATIVO E (D) DIVISA DO RIO GRANDE DO SUL COM SANTA CATARINA, COM PRESENÇA DE CAMPO NATIVO, EXISTE ALGUNS CONTRIBUINTES DO RIO DAS ANTAS, MAS DESPROVIDOS DE MATA CILIAR.....**5-209**

FIGURA 5.2.39 – (A) DETALHE DA REGIÃO DO PERÍMETRO URBANO DE TIMBÉ DO SUL, REGIÃO MUITO ANTROPIZADA COM INÚMERAS RESIDÊNCIAS SITUADAS EM AMBAS AS MARGENS DA BR285; (B) DETALHE DO TRECHO, PERÍMETRO URBANO; (C) DETALHE DA RODOVIA EXISTENTE, O TRAÇADO PERMANECERÁ PRATICAMENTE O MESMO, HAVENDO ALGUMAS PEQUENAS RETIFICAÇÕES DE TRAÇADO, MAS INSIGNIFICANTES DIANTE DO MEIO BIÓTICO; (D) DETALHE DO TRECHO. PRESENÇA DE PEQUENOS FRAGMENTOS CONSTITUÍDOS POR ESPÉCIES EXÓTICAS, UTILIZADAS COMO LENHA PARA SECAGEM DE FUMO; (E) PONTE SOBRE O RIO ROCINHA, A MATA CILIAR MUITO ANTROPIZADA, HAVENDO A NECESSIDADE DE RECUPERAÇÃO COMO UMA DAS MEDIDAS COMPENSATÓRIAS E (F) DETALHE DO TRECHO.....**5-210**

FIGURA 5.2.40 – (A) DETALHE DO TRECHO. NÃO SENDO OBSERVADO NENHUM FRAGMENTO FLORESTAL DEVIDO A INTENSA ANTROPIZAÇÃO COM CULTURA DE FUMO E ARROZ; (B) DETALHE DO TRECHO, ACESSOS SECUNDÁRIOS; (C), (D), (E) E (F) DETALHE DO TRECHO.....**5-211**

FIGURA 5.2.41 – (A) DETALHE DO TRECHO; (B) DETALHE DO TRECHO. COMEÇA A DIMINUIR O NÚMERO DE RESIDÊNCIAS, MAS OS IMPACTOS CAUSADOS NO MEIO DEVIDO A PLANTIOS DE CULTURAS ANUAIS PERMANECEM OS MESMOS; (C) PONTE SOBRE O RIO SERRA VELHA, HAVENDO NECESSIDADE DE RECUPERAÇÃO DA VEGETAÇÃO CILIAR; (D), (E) E (F) DETALHE DO TRECHO.....**5-212**

FIGURA 5.2.42 – (A) INÍCIO DA PARTE DA SERRA, O NÚMERO DE RESIDÊNCIAS SE REDUZ DRÁSTICAMENTE DEVIDO AS DIFICULDADES DE ACESSIBILIDADE DE TERRENO. MAS A VEGETAÇÃO AO LONGO DE TODO O SEGMENTO ESTÁ MUITO ALTERADA, OCORRENDO, NA SUA MAIOR PARTE VEGETAÇÃO EM ESTÁGIO INICIAL DE REGENERAÇÃO, NA FAIXA DE DOMÍNIO DA RODOVIA; (B) DETALHE DO TRECHO; (C) DETALHE DO TRECHO, SALIENTA-SE QUE A RODOVIA É RECORTADA POR INÚMEROS ARROIOS DEVIDO A REGIÃO SER PROVIDA DE BASTANTES CORPOS HÍDRICOS (NASCENTES), COMO PODE SER OBSERVADO NA FOTO APRESENTADA A SEGUIR; (D) DETALHE DE UM DOS CORPOS HÍDRICOS; (E) DETALHE DO TRECHO E (F) DETALHE DO TRECHO. OBSERVA-SE CAMPO E PLANTIO DE EUCALIPTO.**5-213**

FIGURA 5.2.43 – (A) NO DETALHE EM AMBOS OS LADOS A PRESENÇA DE EUCALIPTO EM AMBOS OS LADOS; (B) E (C) DETALHE DO TRECHO; (D) DETALHE DO TRECHO, NESSE PONTO HAVERÁ PEQUENAS RETIFICAÇÕES NO TRAÇADO; (E) E (F) DETALHE DO TRECHO.**5-214**

FIGURA 5.2.44 – (A) DETALHE DO TRECHO; (B) DETALHE DE UM DOS CORPOS HÍDRICOS PRESENTES AO LONGO DA RODOVIA. PRESENÇA DE VEGETAÇÃO ARBÓREA PRESERVANDO A MATA CILIAR NESSE PONTO; (C) DETALHE DO SEGMENTO, AO CENTRO UM EXEMPLAR DE ERITHRYNA FALCATA; (D) DETALHE DO SEGMENTO, APRESENTANDO NESSE PONTO PLANTIOS COMERCIAIS DE PINHEIRO-AMERICANO (PINUS ELLIOTTII); (E) E (F) DETALHE DO TRECHO.....**5-215**

FIGURA 5.2.45 – (A) SEGMENTO COM INÚMEROS TALUDES DE CORTE A VEGETAÇÃO NA PARTE SUPERIOR PREDOMINA PORTE MÉDIO, HAVENDO EXEMPLARES MAIORES MAS COM SUSTENTAÇÃO DUVIDOSA DEVIDO AO SUBSOLO ROCHOSO; (B), (C) E (D) DETALHE DO TRECHO; (E) AFLUENTE QUE DESCE A SERRA, MATA CILIAR PRESERVADA E (F) DETALHE DO TRECHO.....**5-216**

FIGURA 5.2.46 A – (A) PROXIMIDADES DO POSTO DE FISCALIZAÇÃO SANITÁRIA; (B) DETALHE DO TRECHO. VEGENTAÇÃO EM ESTÁGIO INICIAL EM TODO O TRECHO, SALIENTANDO QUE ESTE ESTÁGIO SOMENTE NA ÁREA DA FAIXA DE DOMÍNIO; (C) E (D) DETALHE DO TRECHO; (E) DETALHE DE UM SEGMENTO ONDE DEVERÁ HAVER RETIFICAÇÃO, NESSE PONTO A RODOVIA SEGUIRÁ RETA. A VEGETAÇÃO EXISTENTE NO VALE É COMPOSTA BASICAMENTE POR ESTÁGIO INICIAL DE REGENERAÇÃO E (F) UM DOS PONTOS ONDE A RODOVIA É CORTADA PELO GASBOL.**5-217**

FIGURA 5.2.46 B – (A) (B) E (C) DETALHE DO TRECHO; (D) DETALHE DO TRECHO. NESSE PONTO EXISTE O TÚNEL DO GASBOL; (E) E (F) DETALHE DO TRECHO.....**5-218**

FIGURA 5.2.47 A – (A) DETALHE DO TRECHO; (B) DETALHE DO TRECHO. DETALHE DA OCORRÊNCIA DE GUNERA SP.; (C), (D), (E) E (F) DETALHE DO TRECHO.....**5-219**

FIGURA 5.2.47 B – (A), (B), (C), (D), (E) E (F) DETALHE DO TRECHO.....**5-220**

FIGURA 5.2.47 C – (A), (B) E (C) DETALHE DO TRECHO; (D) DETALHE DO TRECH. FINAL DO TRECHO DE SANTA CATARINA.....**5-221**

FIGURA 5.2.48 – LOCALIZAÇÃO DE PONTOS DE AVALIAÇÃO DA FLORA – LOTE 1.....**(VIDE VOLUME V)**

FIGURA 5.2.49 – LOCALIZAÇÃO DE PONTOS DE AVALIAÇÃO DA FLORA – LOTE 2.....**(VIDE VOLUME V)**

FIGURA 5.2.50 – GRÁFICO: CURVA DO COLETOR OU CURVA DE ACUMULAÇÃO DE ESPÉCIES PARA A ÁREA DE INFLUÊNCIA DA BR 285 NO TRECHO QUE LIGA SÃO JOSÉ DOS AUSENTES (RS) A TIMBÉ DO SUL (SC)**5-232**

FIGURA 5.2.51 – GRÁFICO DE SUFICIÊNCIA AMOSTRAL GERADO DURANTE AS DIFERENTES ETAPAS DO LEVANTAMENTO DE DADOS PRIMÁRIOS REFERENTES A MASTOFAUNA DAS ÁREAS DE INFLUÊNCIA DA BR-285, SUB-TRECHO ENTRE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES, RS, E TIMBÉ DO SUL, SC.....**5-238**

FIGURA 5.2.52 – VEADO-VIRÁ (MAZAMA GOUAZOUBIRA) VISUALIZADO DURANTE O COMPLEMENTO DO DIAGNÓSTICO REFERENTE A MASTOFAUNA DAS ÁREAS DE

INFLUÊNCIA DA BR-285, SUB-TRECHO ENTRE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES, RS, E TIMBÉ DO SUL, SC.5-241

FIGURA 5.2.53 – VEADO-MATEIRO (MAZAMA AMERICANA) REGISTRADO EM ARMADILHA FOTOGRÁFICA DURANTE O COMPLEMENTO DO DIAGNÓSTICO REFERENTE A MASTOFAUNA DAS ÁREAS DE INFLUÊNCIA DA BR-285, SUB-TRECHO ENTRE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES, RS, E TIMBÉ DO SUL, SC.....5-242

FIGURA 5.2.54 – ABUNDÂNCIA RELATIVA DE MAMÍFEROS DE MÈDIO E GRANDE PORTE REGISTRADOS EM ARMADILHAS FOTOGRÁFICAS E DETERMINAÇÃO DIRETA EXCLUSIVAMENTE DURANTE O DIAGNÓSTICO COMPLEMENTAR REFERENTE A MASTOFAUNA DAS ÁREAS DE INFLUÊNCIA DA BR-285, SUB-TRECHO ENTRE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES, RS, E TIMBÉ DO SUL, SC.....5-243

FIGURA 5.2.55 – LEBRE (LEPUS EUROPÆUS) REGISTRADA ATROPELADA DURANTE O COMPLEMENTO DO DIAGNÓSTICO REFERENTE A MASTOFAUNA DAS ÁREAS DE INFLUÊNCIA DA BR-285, SUB-TRECHO ENTRE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES, RS, E TIMBÉ DO SUL, SC.5-244

FIGURA 5.2.56 – PUMA (PUMA CONCOLOR) REGISTRADO DURANTE O LEVANTAMENTO DE DADOS SECUNDÁRIOS DE MAMÍFEROS PARA ÀS ÁREAS DE INFLUÊNCIA DA BR-285, ENTRE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES, RS, E TIMBÉ DO SUL, SC, FOTOS: CARLOS COSTELA.5-256

FIGURA 5.2.57 – SINCRÂNIO DE QUEIXADA (TAYASSU PECARI) REGISTRADO DURANTE O LEVANTAMENTO DE DADOS SECUNDÁRIOS DE MAMÍFEROS PARA ÀS ÁREAS DE INFLUÊNCIA DA BR-285, ENTRE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES, RS, E TIMBÉ DO SUL, SC.....5-257

FIGURA 5.2.58 – ÁREA ÚMIDA ONDE FORAM REGISTRADAS AS ESPÉCIES XOLMIS DOMINICANUS E SPOROPHILA MELANOGASTER EM SÃO JOSÉ DOS AUSENTES, RS.5-273

FIGURA 5.2.59 – (A) CINCLODES PABSTI (PEDREIRO), (B) XOLMIS DOMINICANUS (NOIVINHA-DE-RABO-PRETO).....5-275

FIGURA 5.2.60 – (C) LEPTASTENURA SETTARIA (GRIMPEIRO) E (D) SPOROPHILA MELANOGASTER (CABOCLINHO-DE-BARRIGA-PRETA).....5-275

FIGURA 5.2.61 – GRÁFICO: CURVA DE SUFICIÊNCIA AMOSTRAL COM OS RESULTADOS DAS DUAS CAMPANHAS DE AMOSTRAGEM.....5-278

FIGURA 5.2.62 - CURVA ACUMULADA DE ESPÉCIES REGISTRADAS NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DA BR 285 DURANTE AS TRÊS CAMPANHAS REALIZADAS.....5-286

FIGURA 5.2.63 – GRÁFICO: NÚMERO DE ESPÉCIES DE ANFÍBIOS REGISTRADO ATRAVÉS DE CADA METODOLOGIA UTILIZADA NAS AMOSTRAGENS DE CAMPO NA ÁREA DA INFLUÊNCIA DIRETA (AID) DA IMPLANTAÇÃO DA BR 285, MUNICÍPIOS DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES/RS E TIMBÉ DO SUL/SC, NO PERÍODO DE 05 A 09 DE OUTUBRO E 08 A 12 DE DEZEMBRO DE 2009.....**5-300**

FIGURA 5.2.64 – GRÁFICO: DISTRIBUIÇÃO POR ESPÉCIES DA FREQUÊNCIA RELATIVA DAS CATEGORIAS DE VOCALIZAÇÃO EM QUATRO PONTOS DE AMOSTRAGEM (PONTOS DE VOCALIZAÇÃO) DURANTE A PRIMEIRA CAMPANHA DE CAMPO (05 A 09 DE OUTUBRO DE 2009) NA ÁREA DA INFLUÊNCIA DIRETA (AID) DA IMPLANTAÇÃO DA BR 285, MUNICÍPIOS DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES/RS E TIMBÉ DO SUL/SC, ONDE, C1 – SOMENTE UM INDIVÍDUO VOCALIZANDO, C2 – NÚMERO NÚMERO PRECISO DE INDIVÍDUOS VOCALIZANDO, C3 – ESPÉCIE MUITO ABUNDANTE (CONTAGEM IMPRECISA).....**5-301**

FIGURA 5.2.65 – GRÁFICO: ESPÉCIMES DE HYPHOBOS PULCHELLUS REGISTRADOS NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DIRETA DO EMPREENDIMENTO.....**5-302**

FIGURA 5.2.66 – GRÁFICO: DISTRIBUIÇÃO POR ESPÉCIES DA FREQUÊNCIA RELATIVA DAS CATEGORIAS DE VOCALIZAÇÃO EM QUATRO PONTOS DE AMOSTRAGEM (PONTOS DE VOCALIZAÇÃO) DURANTE A SEGUNDA CAMPANHA DE CAMPO (08 A 12 DE DEZEMBRO DE 2009) NA ÁREA DA INFLUÊNCIA DIRETA (AID) DA IMPLANTAÇÃO DA BR 285, MUNICÍPIOS DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES/RS E TIMBÉ DO SUL/SC, ONDE, C1 – SOMENTE UM INDIVÍDUO VOCALIZANDO, C2 – NÚMERO PRECISO DE INDIVÍDUOS VOCALIZANDO, C3 – ESPÉCIE MUITO ABUNDANTE (CONTAGEM IMPRECISA)**5-303**

FIGURA 5.2.67 – ESPÉCIME DE APLASTODISCUS PERVIRIDIS REGISTRADO NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DIRETA DO EMPREENDIMENTO.....**5-303**

FIGURA 5.2.68 – ESPÉCIME DE SCINAX GRANULATUS REGISTRADO NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DIRETA DO EMPREENDIMENTO.....**5-304**

FIGURA 5.2.69 – ESPÉCIME DE DENDROPSOPHUS MINUTUS REGISTRADO NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DIRETA DO EMPREENDIMENTO.....**5-304**

FIGURA 5.2.70 – ESPÉCIME DE LEPTODACTYLUS ARAUCARIA REGISTRADO NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DIRETA DO EMPREENDIMENTO.....**5-305**

FIGURA 5.2.71 – ESPÉCIME DE RHINELLA ICTERICA REGISTRADA NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DIRETA DO EMPREENDIMENTO.....**5-306**

FIGURA 5.2.72 – ESPÉCIME DE MELANOPHYRINISCUS SIMPLEX REGISTRADO NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DIRETA DO EMPREENDIMENTO. O DETALHE APRESENTA A COLORAÇÃO VENTRAL TÍPICA DA ESPÉCIE.....**5-307**

- FIGURA 5.2.73** – ESPÉCIME DE MELANOPHRYNISCUS ATROLUTEUS REGISTRADO NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DIRETA DO EMPREENDIMENTO.....**5-307**
- FIGURA 5.2.74** – ANFÍBIOS REGISTRADOS NA ÁREA DA INFLUÊNCIA DIRETA (AID) DA IMPLANTAÇÃO DA BR 285, MUNICÍPIOS DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES/RS E TIMBÉ DO SUL/SC. (A) LEPTODACTYLUS PLAUMANNI; (B) LEPTODACTYLUS OCELLATUS; (C) PHYSALAEMUS GRACILIS; (D) PSEUDIS CARDOSOI; (E) HYPYSIBOAS BISCHOFFI E (F) SCINAX PERERECA.....**5-309**
- FIGURA 5.2.75** – CURVA DE SUFICIÊNCIA AMOSTRAL OBTIDA ATRAVÉS DA REALIZAÇÃO DE TRÊS MÉTODOS AMOSTRAIS (TRANSECÇÕES, PONTOS DE VOCALIZAÇÃO E AMOSTRAGENS AO ACASO) NO PERÍODO DE 05 A 09 DE OUTUBRO, 08 A 12 DE DEZEMBRO DE 2009 E 21 A 25 DE JUNHO DE 2010, NAS AMOSTRAGENS DE CAMPO NA ÁREA DA INFLUÊNCIA DIRETA (AID) DA IMPLANTAÇÃO DA BR 285, MUNICÍPIOS DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES/RS E TIMBÉ DO SUL/SC.**5-310**
- FIGURA 5.2.76** – EXEMPLAR DE HYPYSIBOAS JOAQUINI, ENCONTRADO NO TRANSECTO 3.....**5-311**
- FIGURA 5.2.77** – EXEMPLAR DE PROCERATOPHRYS BIGIBBOSA, ENCONTRADO NA ENCOSTA DA SERRA DA ROCINHA, DESTACANDO A VISTA VENTRAL, E AS PROTUBERÂNCIAS CLARAS SOBRE OS OLHOS, NA VISTA DORSAL.....**5-312**
- FIGURA 5.2.78** – INDIVÍDUO JOVEM DE RHINELLA ICTERICA REGISTRADA NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DIRETA DO EMPREENDIMENTO.....**5-313**
- FIGURA 5.2.79** – AMBIENTE AMOSTRADO PARA DETECÇÃO DE TOROPA SAXATILIS.....**5-317**
- FIGURA 5.2.80** – DIFERENTES AMBIENTES COBERTOS COM DENSA CAMADA DE GEADA.....**5-319**
- FIGURA 5.2.81** – EXEMPLAR DE HYPYSIBOAS FABER ENCONTRADO MORTO APÓS QUEIMADA.....**5-320**
- FIGURA 5.2.82** – ESPÉCIME DE LIOPHIS JAEGERI REGISTRADO NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DIRETA DO EMPREENDIMENTO.**5-326**
- FIGURA 5.2.83** – ESPÉCIME DE PHILODRYAS PATAGONIENSIS REGISTRADO ATROPELADO NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DIRETA DO EMPREENDIMENTO.....**5-327**
- FIGURA 5.2.84** – ESPÉCIME DE CHIRONIUS BICARINATUS REGISTRADO NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DIRETA DO EMPREENDIMENTO.....**5-328**

FIGURA 5.2.85 – ÁREA DE FLORESTA ATLÂNTICA ONDE FOI ENCONTRADO O EXEMPLAR DE COBRA-CEGA. AO FUNDO NOTA-SE A ESTRADA DA SERRA DA ROCINHA, LOCAL DE ENCONTRO DO EXEMPLAR.....	5-329
FIGURA 5.2.86 – AMPHISBAENA TRACHURA, COBRA-CEGA ENCONTRADA NA ESTRADA DA SERRA DA ROCINHA, AREA DE MATA ATLÂNTICA.....	5-330
FIGURA 5.2.87 – EXEMPLAR DA LAGARTIXA-MARROM, CERCOSAURA SCHREIBERSII ENCONTRADA NO TRANSECTO 1 EM ESTADO DE INATIVIDADE SOB PEDRAS.....	5-331
FIGURA 5.2.88 – PRESENÇA DE GADO NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DIRETA DO EMPREENDIMENTO, MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES/RS.....	5-335
FIGURA 5.2.89 – ÁREA ANTROPIZADA NO MUNICÍPIO DE TIMBÉ DO SUL/SC. AO FUNDO, NOTA-SE UMA PLANTAÇÃO DE PINUS SP.....	5-335
FIGURA 5.2.90 – REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DO NUMERO DE ESPÉCIES ACUMULADAS (AMOSTRADAS) NAS TRÊS CAMPANHAS REALIZADAS NO TRECHO DO FUTURO EMPREENDIMENTO DA BR-285, ENTRE OS MUNICÍPIOS DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES-RS E TIMBÉ DO SUL-SC.....	5-336
FIGURA 5.2.91 – UM EXEMPLAR DE RHAMDIA QUELEN, COLETADO COM REDE DE ESPERA.....	5-342
FIGURA 5.2.92 – PONTO 1, UTILIZANDO O MÉTODO DE TARRAFA.....	5-342
FIGURA 5.2.93 – IMAGEM DO PONTO 14.....	5-343
FIGURA 5.2.94 – RIQUEZA DE ESPÉCIES EM CADA PONTO DE AMOSTRAGEM.....	5-344
FIGURA 5.2.95 – ABUNDÂNCIA DE INDIVÍDUOS EM CADA PONTO DE AMOSTRAGEM.....	5-344
FIGURA 5.2.96 – REPRESENTATIVIDADE DAS FAMÍLIAS DE PEIXES NO DECORRER DOS 12 PONTOS DE AMOSTRAGEM PARA A BACIA HIDROGRÁFICA TAQUARI-ANTAS.....	5-345
FIGURA 5.2.97 – PONTO 7, NO RIO SERRA VELHA.....	5-346
FIGURA 5.2.98 – EXEMPLAR DE HEPTAPTERUS MUSTELINUS, COLETADO COM PUÇÃ.....	5-347

FIGURA 5.2.99 – PONTO 20, A MONTANTE DO RIO ROCINHA.....	5-347
FIGURA 5.2.100 – ARROIO SANGA DO ALÉCIO, PONTO 25.....	5-348
FIGURA 5.2.101 – RIQUEZA DE ESPÉCIES EM CADA PONTO DE AMOSTRAGEM.....	5-349
FIGURA 5.2.102 – ABUNDÂNCIA DE INDIVÍDUOS EM CADA PONTO DE AMOSTRAGEM.....	5-349
FIGURA 5.2.103 – REPRESENTATIVIDADE DAS FAMÍLIAS DE PEIXES NO DECORRER DOS 12 PONTOS DE AMOSTRAGEM PARA A BACIA HIDROGRÁFICA DE ARARANGUÁ.....	5-350
FIGURA 5.2.104 – CURVA DE SUFICIÊNCIA AMOSTRAL PARA A BACIA HIDROGRÁFICA TAQUARI-ANTAS, REPRESENTANDO O NÚMERO DE ESPÉCIES ACRESCENTADAS NO DECORRER DO AUMENTO DOS PONTOS.....	5-351
FIGURA 5.2.105 – CURVA DE SUFICIÊNCIA AMOSTRAL PARA A BACIA HIDROGRÁFICA DE ARARANGUÁ, REPRESENTANDO O NÚMERO DE ESPÉCIES ACRESCENTADAS NO DECORRER DO AUMENTO DOS PONTOS.....	5-351
FIGURA 5.2.106 – LOCALIZAÇÃO DE PONTOS DE AVALIAÇÃO DA FAUNA – LOTE1.....	(VIDE VOLUME V)
FIGURA 5.2.107 – LOCALIZAÇÃO DE PONTOS DE AVALIAÇÃO DA FAUNA – LOTE2.....	(VIDE VOLUME V)
FIGURA 5.2.108 – CONTINUAÇÃO LOCALIZAÇÃO DE PONTOS DE AVALIAÇÃO DA FAUNA – LOTE2.....	(VIDE VOLUME V)
FIGURA 5.2.109 – UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA ÁREA DE INFLUÊNCIA INDIRETA DO MEIO BIÓTICO.....	(VIDE VOLUME V)
FIGURA 5.2.110 – ÁREAS LEGALMENTE PROTEGIDAS.....	(VIDE VOLUME V)
FIGURA 5.3.1 – FLUXOGRAMA: ESTUDO E RELATÓRIO DE IMPACTO AMBIENTAL DO EMPREENDIMENTO – ETAPAS DO MEIO SOCIOECONÔMICO E MEIOS FÍSICO E BIÓTICO.....	5-395
FIGURA 5.3.2 – GRÁFICO: POPULAÇÃO TOTAL, % DA POPULAÇÃO EM RELAÇÃO AO ESTADO E DENSIDADE DEMOGRÁFICA (2007) DE SANTA CATARINA.....	5-397

FIGURA 5.3.3 – GRÁFICO: TAXA DE CRESCIMENTO POPULACIONAL NA AII DE SANTA CATARINA (2000-2007).....	5-400
FIGURA 5.3.4 – GRÁFICO: POPULAÇÃO TOTAL, % DA POPULAÇÃO EM RELAÇÃO AO ESTADO E DENSIDADE DEMOGRÁFICA DA AII DO RIO GRANDE DO SUL (2007).....	5-403
FIGURA 5.3.5 – GRÁFICO: TAXA DE CRESCIMENTO 2000-2007.....	5-405
FIGURA 5.3.6 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO DA FROTA TOTAL DE VEÍCULOS ENTRE O ESTADO DE SANTA CATARINA EM RELAÇÃO A AII E POR CLASSE DE VEÍCULOS (2008)	5-436
FIGURA 5.3.7 – GRÁFICO DA COMPARAÇÃO DA FROTA TOTAL DE VEÍCULOS ENTRE CLASSES DE VEÍCULOS DA AII E DO ESTADO DE SANTA CATARINA (2008).....	5-437
FIGURA 5.3.8 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO DA FROTA TOTAL DE VEÍCULOS ENTRE O ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL EM RELAÇÃO A AII E POR CLASSE DE VEÍCULOS (2008)	5-439
FIGURA 5.3.9 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO DA FROTA TOTAL DE VEÍCULOS ENTRE CLASSES DE VEÍCULOS DA AII E DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (2008).....	5-440
FIGURA 5.3.10 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO DO CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA TOTAL DAS AII E NO ESTADO DE SANTA CATARINA (2008).....	5-442
FIGURA 5.3.11 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO ENTRE OS CONSUMIDORES DE ENERGIA ELÉTRICA TOTAL EXISTENTES NA AII DO ESTADO DE SANTA CATARINA POR CLASSE DE CONSUMO. (2008).....	5-443
FIGURA 5.3.12 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO DO CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA TOTAL DAS AII E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (2008).....	5-444
FIGURA 5.3.13 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO ENTRE OS CONSUMIDORES DE ENERGIA ELÉTRICA TOTAL EXISTENTES NA AII DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL POR CLASSE DE CONSUMO (2008).....	5-445
FIGURA 5.3.14 – GRÁFICO: POPULAÇÃO TOTAL, % DA POPULAÇÃO EM RELAÇÃO AO ESTADO E DENSIDADE DEMOGRÁFICA DE SC E RS (2007).....	5-446
FIGURA 5.3.15 – GRÁFICO: SITUAÇÃO DOS DOMICÍLIOS NA AII E EM SC E RS (2000)	5-447

FIGURA 5.3.16 – GRÁFICO: ADEQUAÇÃO DAS MORADIAS DE TIMBÉ DO SUL (2000).....	5-461
FIGURA 5.3.17 – GRÁFICO: ADEQUAÇÃO DAS MORADIAS DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES (2000)	5-461
FIGURA 5.3.18 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO DA ADEQUAÇÃO DAS MORADIAS DE TIMBÉ DO SUL E SÃO JOSÉ DOS AUSENTES (2000)	5-462
FIGURA 5.3.19 – GRÁFICO: CONDIÇÕES DAS MORADIAS DA AID DO MUNICÍPIO DE TIMBÉ DO SUL (SC) (2000)	5-464
FIGURA 5.3.20 – GRÁFICO: CONDIÇÕES DAS MORADIAS DA AID DO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES (RS) (2000)	5-464
FIGURA 5.3.21 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO DAS CONDIÇÕES DAS MORADIAS DE TIMBÉ DO SUL E SÃO JOSÉ DOS AUSENTES (2000)	5-465
FIGURA 5.3.22 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO DAS CONDIÇÕES DAS MORADIAS DOS ESTADOS DE SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL (2000).....	5-465
FIGURA 5.3.23 – GRÁFICO: FROTA DE VEÍCULOS DO MUNICÍPIO DE TIMBÉ DO SUL (SC) (2008)	5-466
FIGURA 5.3.24 – GRÁFICO: FROTA DE VEÍCULOS DO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES (RS) (2008)	5-467
FIGURA 5.3.25 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO DA FROTA DE VEÍCULOS DOS MUNICÍPIOS DE TIMBÉ DO SUL E SÃO JOSÉ DOS AUSENTES (2008).....	5-467
FIGURA 5.3.26 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO DA FROTA TOTAL DE VEÍCULOS ENTRE OS MUNICÍPIOS DE TIMBÉ DO SUL E SÃO JOSÉ DOS AUSENTES (2008).....	5-468
FIGURA 5.3.27 – GRÁFICO: FROTA DE VEÍCULOS DO ESTADO DE SANTA CATARINA (2008)	5-468
FIGURA 5.3.28 – GRÁFICO: FROTA DE VEÍCULOS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (2008)	5-469
FIGURA 5.3.29 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO DA FROTA DE VEÍCULOS ENTRE OS ESTADOS DE SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL (2008)	5-469
FIGURA 5.3.30 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO DA FROTA TOTAL DE VEÍCULOS ENTRE OS ESTADOS DE SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL (2008).....	5-470

FIGURA 5.3.31 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO DOS TOTAIS DE AGRAVOS DE TIMBÉ DO SUL E SÃO JOSE DOS AUSENTES (2004-2008).....	5-481
FIGURA 5.3.32 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO DOS TOTAIS DE AGRAVOS DE SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL (2004 – 2008).....	5-482
FIGURA 5.3.33 – GRÁFICO: PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB) A PREÇO DE MERCADO CORRENTE DA AII (SC) – 2006.....	5-485
FIGURA 5.3.34 – GRÁFICO DO PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB) A PREÇO DE MERCADO CORRENTE DA AII (RS) – 2006.....	5-486
FIGURA 5.3.35 – GRÁFICO: PIB VALOR ADICIONADO NA AGROPECUÁRIA, INDÚSTRIA E SERVIÇOS DA AII NO ESTADO DE SANTA CATARINA – 2005.....	5-488
FIGURA 5.3.36 – GRÁFICO: PIB VALOR ADICIONADO NA AGROPECUÁRIA, INDÚSTRIA E SERVIÇOS DA AII NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – 2006.....	5-492
FIGURA 5.3.37 – GRÁFICO: NUMERO TOTAL DE ESTABELECIMENTOS DAS AII DE SC E RS E NÚMERO TOTAL DE ESTABELECIMENTOS DOS ESTADOS DE SC E RS – 2006.....	5-495
FIGURA 5.3.38 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO ENTRE O TOTAL DA PRODUÇÃO DAS LAVOURAS PERMANENTES EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DE SANTA CATARINA (TONELADAS – T) – 2007.....	5-498
FIGURA 5.3.39 – GRÁFICO: TIPOS DE LAVOURAS PERMANENTES EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DE SANTA CATARINA (PERCENTUAIS) – 2007.....	5-499
FIGURA 5.3.40 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO ENTRE O TOTAL DA PRODUÇÃO DAS LAVOURAS PERMANENTES EXISTENTES NA AII E NO ESTADO RIO GRANDE DO SUL – 2007.....	5-502
FIGURA 5.3.41 – GRÁFICO: TIPOS DE LAVOURAS PERMANENTES EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (PERCENTUAIS) – 2007.....	5-504
FIGURA 5.3.42 - GRÁFICO: COMPARAÇÃO ENTRE O TOTAL DA PRODUÇÃO DAS LAVOURAS TEMPORÁRIAS EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DE SANTA CATARINA (TONELADAS – T) – 2007.....	5-508
FIGURA 5.3.43 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO ENTRE O TOTAL DA PRODUÇÃO DAS LAVOURAS TEMPORÁRIAS EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (TONELADAS – T) – 2007.....	5-513

FIGURA 5.3.44 – GRÁFICO: TIPO DE REBANHOS EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DE SANTA CATARINA (PERCENTUAIS) – 2007.....	5-518
FIGURA 5.3.45 – GRÁFICO: TIPOS DE REBANHOS EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (PERCENTUAIS) – 2007.....	5-522
FIGURA 5.3.46 – GRÁFICO: PERCENTUAIS EM RELAÇÃO AOS TOTAIS DAS TIPOLOGIAS DA EXTRAÇÃO VEGETAL E SILVICULTURA PARA A AII E ESTADO DE SANTA CATARINA – 2007.....	5-525
FIGURA 5.3.47 – GRÁFICO: PERCENTUAIS EM RELAÇÃO AOS TOTAIS DAS TIPOLOGIAS DA EXTRAÇÃO VEGETAL E SILVICULTURA PARA A AII E ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – 2007.....	5-530
FIGURA 5.3.48 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO ENTRE O TOTAL DE ESTRUTURAS EMPRESARIAIS NA AII E NO ESTADO DE SANTA CATARINA – 2006.....	5-538
FIGURA 5.3.49 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO ENTRE O TOTAL DE ESTRUTURAS EMPRESARIAIS NA AII E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – 2006.....	5-541
FIGURA 5.3.50 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO ENTRE O TOTAL DE EMPREGOS POR ESTRUTURAS EMPRESARIAIS NA AII E NO ESTADO DO SANTA CATARINA – 2006.....	5-544
FIGURA 5.3.51 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO ENTRE O TOTAL DE EMPREGOS POR ESTRUTURAS EMPRESARIAIS NA AII E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – 2006.....	5-548
FIGURA 5.3.52 – GRÁFICO: PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB) A PREÇO DE MERCADO CORRENTE DA AII (SC) – 2006.....	5-551
FIGURA 5.3.53 – GRÁFICO: PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB) A PREÇO DE MERCADO CORRENTE PARA OS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS INTEGRANTES DA AII (RS) – 2006.....	5-552
FIGURA 5.3.54 – PIB A PREÇO DE MERCADO CORRENTE.....	5-553
FIGURA 5.3.55 – GRÁFICO: PIB VALOR ADICIONADO NA AGROPECUÁRIA, INDÚSTRIA E SERVIÇOS DA AID – 2006.....	5-560
FIGURA 5.3.56 – GRÁFICO: NÚMERO TOTAL DE ESTABELECIMENTOS AGROPECUÁRIOS DA AID – 2006.....	5-563
FIGURA 5.3.57 – GRÁFICO: LAVOURAS PERMANENTES.....	5-565

FIGURA 5.3.58 – GRÁFICO: LAVOURAS PERMANENTES.....	5-565
FIGURA 5.3.59 – GRÁFICO: LAVOURAS PERMANENTES.....	5-566
FIGURA 5.3.60 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO ENTRE A PRODUÇÃO DE LAVOURAS TEMPORÁRIAS DA AID – 2007.....	5-568
FIGURA 5.3.61 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO ENTRE A PRODUÇÃO DE LAVOURAS TEMPORÁRIAS DA AID – 2007.....	5-569
FIGURA 5.3.62 – GRÁFICO: TIPOS E QUANTIDADES DE REBANHOS.....	5-571
FIGURA 5.3.63 – GRÁFICO: EXTRAÇÃO VEGETAL E SILVICULTURA.....	5-577
FIGURA 5.3.64 – GRÁFICO: EXTRAÇÃO VEGETAL E SILVICULTURA.....	5-577
FIGURA 5.3.65 – GRÁFICO: RECEITAS ORÇAMENTÁRIAS.....	5-580
FIGURA 5.3.66 – GRÁFICO: RECEITAS ORÇAMENTÁRIAS.....	5-583
FIGURA 5.3.67 – GRÁFICO: TIPOS E QUANTIDADES DE ESTRUTURAS EMPRESARIAIS.....	5-593
FIGURA 5.3.68 – GRÁFICO: PESSOAL OCUPADO POR TIPO DE ESTRUTURA....	5-603
FIGURA 5.3.69 – VISTA PANORÂMICA DE ARARANGUÁ.....	5-607
FIGURA 5.3.70 – VISTA DO BALNEÁRIO ARROIO DO SILVA.....	5-608
FIGURA 5.3.71 – VISTA DO BALNEÁRIO GAIVOTA.....	5-610
FIGURA 5.3.72 – VISTA DE ERMO.....	5-611
FIGURA 5.3.73 – VISTA DE JACINTO MACHADO.....	5-613
FIGURA 5.3.74 – VISTA PANORÂMICA DE MARACAJÁ.....	5-614
FIGURA 5.3.75 – VISTA PANORÂMICA DE MELEIRO.....	5-615
FIGURA 5.3.76 – VISTA DE MORRO GRANDE.....	5-617
FIGURA 5.3.77 – VISTA DE PASSO DE TORRES.....	5-618

FIGURA 5.3.78 – VISTA DE PRAIA GRANDE.....	5-620
FIGURA 5.3.79 – VISTA DE SANTA ROSA DO SUL.....	5-621
FIGURA 5.3.80 – VISTA DE SÃO JOÃO DO SUL.....	5-623
FIGURA 5.3.81 – VISTA DE SOMBRIO.....	5-625
FIGURA 5.3.82 – VISTA DE TIMBÉ DO SUL.....	5-627
FIGURA 5.3.83 – VISTA DE TURVO.....	5-628
FIGURA 5.3.84 – VISTA DE BOM JESUS.....	5-631
FIGURA 5.3.85 – VISTA DE CAMBARÁ DO SUL.....	5-632
FIGURA 5.3.86 – VISTA DE CAMPESTRE DA SERRA.....	5-634
FIGURA 5.3.87 – VISTA DE CAPÃO BONITO DO SUL.....	5-635
FIGURA 5.3.88 – VISTA PANORÂMICA DE ESMERALDA.....	5-636
FIGURA 5.3.89 – VISTA PANORÂMICA DE IPÊ.....	5-637
FIGURA 5.3.90 – VISTA DE JAQUIRANA.....	5-639
FIGURA 5.3.91 – VISTA DE LAGOA VERMELHA.....	5-641
FIGURA 5.3.92 – VISTA PANORÂMICA DE MUITOS CAPÕES.....	5-643
FIGURA 5.3.93 – VISTA PANORÂMICA DE PINHAL DA SERRA.....	5-645
FIGURA 5.3.94 – VISTA DE SÃO FRANCISCO DE PAULA.....	5-647
FIGURA 5.3.95 – VISTA DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES.....	5-649
FIGURA 5.3.96 – VISTA DE VACARIA.....	5-651
FIGURA 5.3.97 – MAPA: MALHA VIÁRIA EXISTENTE E NÚCLEOS URBANOS DA ÁREA DE INFLUÊNCIA INDIRETADO MEIO SOCIOECONÔMICO.....(VIDE VOLUME V)	

FIGURA 5.3.98 – GRÁFICO: EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO DA AII DO ESTADO DE SANTA CATARINA.....	5-659
FIGURA 5.3.99 – GRÁFICO: EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO TOTAL DA AII DO ESTADO DE SANTA CATARINA.....	5-659
FIGURA 5.3.100 – GRÁFICO: EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO AII – RS.....	5-660
FIGURA 5.3.101 – GRÁFICO: EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO TOTAL DA AII DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL.....	5-661
FIGURA 5.3.102 – GRÁFICO: EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES.....	5-662
FIGURA 5.3.103 – GRÁFICO: EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES.....	5-662
FIGURA 5.3.104 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO DA EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES E TIMBÉ DO SUL.....	5-663
FIGURA 5.3.105 – MAPA: USO E OCUPAÇÃO DA TERRA NA MICRORREGIÃO DE ARARANGUÁ.....	(VIDE VOLUME V)
FIGURA 5.3.106 – MAPA DO USO E OCUPAÇÃO DA TERRA NA MICRORREGIÃO DE VACARIA.....	(VIDE VOLUME V)
FIGURA 5.3.107 – AVIÁRIO EM TIMBÉ DO SUL.....	5-666
FIGURA 5.3.108 – MAPA: USO E OCUPAÇÃO DA TERRA DE TIMBÉ DO SUL.....	(VIDE VOLUME V)
FIGURA 5.3.109 – MAPA: USO E OCUPAÇÃO DA TERRA DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES.....	(VIDE VOLUME V)
FIGURA 5.3.110 – REFLORESTAMENTO DE PINUS.....	5-668
FIGURA 5.3.111 – FOTO: POUSADA VALE DAS TRUTAS – SÃO JOSÉ DOS AUSENTES.....	5-675
FIGURA 5.3.112 – FOTO: SÍTIO DE LAZER NAS MARGENS DA BR-285 – SÃO JOSÉ DOS AUSENTES.....	5-675
FIGURA 5.3.113 – FOTO: POSTO DE CONTROLE AMBIENTAL NA MARGEM DA BR-285 – TIMBÉ DO SUL.....	5-676

FIGURA 5.3.114 – FOTO: VISTA PANORÂMICA – TIMBÉ DO SUL.....	5-676
FIGURA 5.3.115 – CARTOGRAMA DA ROTA DOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA.....	5-679
FIGURA 5.3.116 – FOTO: ROTA DOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA.....	5-681
FIGURA 5.3.117 – ÁREAS DE DESAPROPRIAÇÃO – LOTE 1.....(VIDE VOLUME V)	
FIGURA 5.3.118 – ÁREAS DE DESAPROPRIAÇÃO – LOTE 2.....(VIDE VOLUME V)	
FIGURA 5.3.119 – FOTO ABRIGO PARA REBANHOS.....	5-687
FIGURA 5.3.120 – FOTO: PÂNTANO CIRCULAR.....	5-688
FIGURA 5.3.121 – LOCALIZAÇÕES DAS ÁREAS DE DESAPROPRIAÇÃO NO MEIO URBANO DE TIMBÉ DO SUL, SC.....	5-688
FIGURA 5.3.122 – MAPA: CROQUI DA LOCALIZAÇÃO DA TRADIÇÃO TAQUARA.....	5-699
FIGURA 5.3.123 – FOTOS QUE CARACTERIZAM O PLATÔ SUPERIOR.....	5-711
FIGURA 5.3.124 – FOTOS QUE CARACTERIZAM O PLATÔ INFERIOR. (A) +/- 300M, DIREITA DA NOVA ESTRADA, ENTRE A COHAB E A TORRE DE CELULAR. A FRENTE PLANTAÇÃO DE ARROZ; (B) +/- 300 M, ESQUERDA DA NOVA ESTRADA, ENTRE A COHAB E A TORRE; (C) ACESSO AO MORRO DA GUARITA, ÁREA COM GASODUTO; (D) ENTRE O ACESSO A GUARITA E O EIXO DA NOVA ESTRADA. DIREITA, PINUS. ESQUERDA PLANTAÇÃO; (E) TIMBÉ DO SUL PARA SÃO JOSÉ DOS AUSENTES. FIM DO ASFALTO, INÍCIO DA ESTRADA VELHA; (F) TIMBÉ DO SUL PARA SÃO JOSÉ DOS AUSENTES, ESTRADA VELHA, 4M À FRENTE; (G) MARGEM ESQUERDA DO RIO ROCINHA ALTA, CASCALHEIRA, 2 PEÇAS; (H) FRENTE A PROPRIEDADE DE VALDEVINO ALANO, À DIREITA, FURNAS, +/- 7KM. DA NOVA ESTRADA. EM LINHA RETA 300 KM.	5-712
FIGURA 5.3.125 – FOTOS QUE CARACTERIZAM O PLATÔ INFERIOR – LOCALIDADE DE ROCINHA/TIMBÉ DO SUL/SC. GRUTAS: (A) PORÇÃO POSTERIOR DA GRUTA 1; (B) ACESSO A GRUTA 2; (C) PLATÔ QUE ANTECEDE AS GRUTAS, LADO ESQUERDO, MOSTRANDO PAREDÃO ROCHOSO E CASCALHEIRA; (D) FALHA ARENÍTICA, QUE SERVE DE PASSAGEM PARA O LOCAL DAS GRUTAS.....	5-713
FIGURA 5.3.126 – GRÁFICO: LOCAIS DA ENTREVISTA - POR MUNICÍPIOS.....	5-719
FIGURA 5.3.127 – GRÁFICO: LOCAIS DA ENTREVISTA - POR ESTADO.....	5-719

FIGURA 5.3.128 – GRÁFICO: DISTRIBUIÇÃO DE GÊNERO POR MUNICÍPIOS ENTREVISTADOS.....	5-722
FIGURA 5.3.129 – GRÁFICO: DISTRIBUIÇÃO DE FAIXA ETÁRIA POR MUNICÍPIOS ENTREVISTADOS.....	5-722
FIGURA 5.3.130 – GRÁFICO: DISTRIBUIÇÃO DE GÊNERO POR ESTADOS ENTREVISTADOS.....	5-723
FIGURA 5.3.131 – GRÁFICO: DISTRIBUIÇÃO DE FAIXA ETÁRIA POR ESTADOS ENTREVISTADOS.....	5-723
FIGURA 5.3.132 – GRÁFICO: PROFISSÃO (SETOR) - TOTAL.....	5-724
FIGURA 5.3.133 – GRÁFICO: PROFISSÃO (SETOR) – MUNICÍPIOS.....	5-725
FIGURA 5.3.134 – GRÁFICO: PROFISSÃO (SETOR) – ESTADO.....	5-726
FIGURA 5.3.135 – GRÁFICO: ORGANIZAÇÃO SOCIAL OU ASSOCIAÇÃO (GERAL).....	5-727
FIGURA 5.3.136 – GRÁFICO: PARTICIPAÇÃO EM ORGANIZAÇÃO SOCIAL – POR ESTADO.....	5-728
FIGURA 5.3.137 – GRÁFICO: PARTICIPAÇÃO EM ORGANIZAÇÃO SOCIAL POR MUNICÍPIO E POR CATEGORIA.....	5-730
FIGURA 5.3.138 – GRÁFICO PARTICIPAÇÃO EM ORGANIZAÇÃO SOCIAL POR ESTADO E POR CATEGORIA.....	5-731
FIGURA 5.3.139 – GRÁFICO: QUANTOS ANOS MORA NA REGIÃO – TOTAL.....	5-732
FIGURA 5.3.140 – GRÁFICO: PROCEDÊNCIA DOS ENTREVISTADOS.....	5-734
FIGURA 5.3.141 – GRÁFICO: MOTIVO DA MIGRAÇÃO.....	5-736
FIGURA 5.3.142 – GRÁFICO: IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO DA ESTRADA – AVALIAÇÃO POR MUNICÍPIO.....	5-737
FIGURA 5.3.143 – GRÁFICO: IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO DA ESTRADA – AVALIAÇÃO POR ESTADO.....	5-738
FIGURA 5.3.144 – GRÁFICO: IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO DA ESTRADA – AVALIAÇÃO GERAL.....	5-738

- FIGURA 5.3.145** – GRÁFICO: BENEFÍCIOS DA CONSTRUÇÃO DA ESTRADA PARA A REGIÃO – AVALIADA POR MUNICÍPIO.....**5-740**
- FIGURA 5.3.146** – GRÁFICO: BENEFÍCIOS DA CONSTRUÇÃO DA ESTRADA PARA A REGIÃO – AVALIADA POR ESTADO.....**5-741**
- FIGURA 5.3.147** – GRÁFICO: BENEFÍCIOS DA CONSTRUÇÃO DA ESTRADA PARA A REGIÃO – AVALIAÇÃO GERAL (TOTAL)**5-742**
- FIGURA 5.3.148** – GRÁFICO: BENEFÍCIOS DA PAVIMENTAÇÃO JÁ CONCLUÍDA – BOM JESUS E SÃO JOSÉ DOS AUSENTES – AVALIAÇÃO POR MUNICÍPIOS.....**5-743**
- FIGURA 5.3.149** – GRÁFICO: BENEFÍCIOS DA PAVIMENTAÇÃO JÁ CONCLUÍDA – BOM JESUS E SÃO JOSÉ DOS AUSENTES – AVALIAÇÃO POR ESTADO.....**5-744**
- FIGURA 5.3.150** – GRÁFICO: BENEFÍCIOS DA PAVIMENTAÇÃO JÁ CONCLUÍDA – BOM JESUS E SÃO JOSÉ DOS AUSENTES – AVALIAÇÃO GERAL (TOTAL).....**5-744**
- FIGURA 5.3.151** – GRÁFICO: BENEFÍCIOS DA PAVIMENTAÇÃO JÁ CONCLUÍDA – TIMBÉ DO SUL – BR 101 - AVALIAÇÃO POR MUNICÍPIOS.....**5-745**
- FIGURA 5.3.152** – GRÁFICO: BENEFÍCIOS DA PAVIMENTAÇÃO JÁ CONCLUÍDA – TIMBÉ DO SUL / BR 101– AVALIAÇÃO POR ESTADO.....**5-746**
- FIGURA 5.3.153** – GRÁFICO: BENEFÍCIOS DA PAVIMENTAÇÃO JÁ CONCLUÍDA – TIMBÉ DO SUL / BR 101– AVALIAÇÃO GERAL (TOTAL).....**5-746**
- FIGURA 5.3.154** – GRÁFICO: IMPORTÂNCIA DA CONTINUAÇÃO DA PAVIMENTAÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES A TIMBÉ DO SUL – AVALIAÇÃO POR MUNICÍPIOS.....**5-747**
- FIGURA 5.3.155** – GRÁFICO: IMPORTÂNCIA DA CONTINUAÇÃO DA PAVIMENTAÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES A TIMBÉ DO SUL – AVALIAÇÃO POR MUNICÍPIOS.....**5-748**
- FIGURA 5.3.156** – GRÁFICO: IMPORTÂNCIA DA CONTINUAÇÃO DA PAVIMENTAÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES A TIMBÉ DO SUL – AVALIAÇÃO GERAL (TOTAL).....**5-749**
- FIGURA 5.3.157** – GRÁFICO: QUAL TRAÇADO ALTERNATIVO ESCOLHERIA (SÃO JOSÉ DOS AUSENTES – FRONTEIRA RS/SC) – AVALIAÇÃO POR MUNICÍPIOS...**5-750**
- FIGURA 5.3.158** – GRÁFICO: QUAL TRAÇADO ALTERNATIVO ESCOLHERIA (SÃO JOSÉ DOS AUSENTES – FRONTEIRA RS/SC) – AVALIAÇÃO POR ESTADO.....**5-751**

FIGURA 5.3.159 – GRÁFICO: QUAL TRAÇADO ALTERNATIVO ESCOLHERIA (SÃO JOSÉ DOS AUSENTES – FRONTEIRA RS/SC) – AVALIAÇÃO GERAL (TOTAL).....**5-752**

FIGURA 5.3.160 – GRÁFICO: QUAL TRAÇADO ALTERNATIVO ESCOLHERIA (TIMBÉ DO SUL – FRONTEIRA SC/RS) – AVALIAÇÃO POR MUNICÍPIOS.....**5-753**

FIGURA 5.3.161 – GRÁFICO: QUAL TRAÇADO ALTERNATIVO ESCOLHERIA (TIMBÉ DO SUL – FRONTEIRA SC/RS) – AVALIAÇÃO POR ESTADO.....**5-753**

FIGURA 5.3.162 – GRÁFICO: QUAL TRAÇADO ALTERNATIVO ESCOLHERIA (TIMBÉ DO SUL – FRONTEIRA SC/RS) – AVALIAÇÃO GERAL (TOTAL).....**5-754**

CAPÍTULO 6

FIGURA 6.1 – FOTO: SEDE DA FAZENDA**6-9**

FIGURA 6.2 – FOTO: MUSEU.....**6-9**

FIGURA 6.3 – FOTO: PLACA INDICATIVA DO PICO DO MONTE NEGRO.....**6-10**

FIGURA 6.4 – FOTO: CANION PRÓXIMO AO PICO MONTE NEGRO.....**6-10**

CAPÍTULO 7

FIGURA 7.3.1 – PEDREIRA EM SÃO JOSÉ DOS AUSENTES.....**7-29**

FIGURA 7.3.2 – JAZIDA DE SEIXO ROLADO NO MUNICÍPIO DE TIMBÉ DO SUL**7-30**

FIGURA 7.3.3 – DUAS ÁREAS DA ENCOSTA, ENTRE OUTRAS, SUJEITAS A ESCORREGAMENTOS NO LOTE 2.....**7-34**

FIGURA 7.3.4 – RIO DAS ANTAS EM SÃO JOSÉ DOS AUSENTES**7-40**

FIGURA 7.3.5 – RIO ROCINHA EM TIMBÉ DO SUL.....**7-40**

FIGURA 7.3.6 – FLORESTA DE ARAUCÁRIA (REGIÃO DA PONTE) E CAMPOS EM SÃO JOSÉ DOS AUSENTES NA ADA (LOTE 1).....**7-48**

FIGURA 7.3.7 – FLORESTA ATLÂNTICA AO LONGO DA RODOVIA EM SEUS ESTÁGIOS INICIAIS (LOTE 2).....	7-48
FIGURA 7.3.8 – FLORESTA DE ARAUCÁRIA (REGIÃO DA PONTE) E CAMPOS EM SÃO JOSÉ DOS AUSENTES NA ADA (LOTE 1). AMBIENTE QUE PODERÃO SOFRER PERTURBAÇÕES EM SEUS HABITATS.....	7-54
FIGURA 7.3.9 – FLORESTA ATLÂNTICA PRÓXIMA Á RODOVIA COM CONTINUIDADE DA VEGETAÇÃO E AMBIENTES (LOTE 2).....	7-55



5. DIAGNÓSTICO AMBIENTAL

5.3 MEIO SOCIOECONÔMICO

5.3.1 Metodologia Aplicada

5.3.1.1 Material

Materiais Cartográficos

As Cartas Topográficas utilizadas como base nesse relatório, foram as elaboradas pela Diretoria do Serviço Geográfico do Exército (DSG), na escala 1:50.000, impressa em 1980, concebidas com fotografias aéreas do ano de 1975. O Datum horizontal adotado para elaboração dessas foi o do Córrego Alegre e a Projeção é a de Universal de Mercator (UTM). A articulação das cartas para a região em estudo é:

SÃO JOSÉ DOS AUSENTES MI-2938/2 FOLHA SH.22-X-A-V-2	SILVEIRA MI-2939/1 FOLHA SH.22-X-A-VI-1
VILA SANTANA MI-2938/4 FOLHA SH.22-X-A-V-4	JACINTO MACHADO MI-2939/3 FOLHA SH.22-X-A-VI-3

Imagens de satélite

Na elaboração dos mapas de cobertura vegetal e uso da terra (vide FIGURA 2.1.8 A e FIGURA 2.1.8 B localizadas no item 2.1.4 do Capítulo 2) foram utilizadas as imagens do satélite LANDSAT – TM, com resolução espacial de 15 metros, fusionada – bandas 3, 4 e pancromática, do ano de 2008.

Programas para o geoprocessamento:

- Softwares AutoCAD (AutoDesk);
- Software ArcGIS Desktop versão 9.2 (ESRI);
- Idrisi Taiga (Clark University);
- CartaLinx (Clark University).

5.3.1.2 Metodologia Aplicada

Os estudos ambientais devem ser realizados focando-se nas interações entre os elementos sociais e naturais, sob a forma de sistemas, os quais se integram e interagem. Neste contexto, adotou-se como referencial teórico-metodológico a análise sistêmica desenvolvida por Ludwig Von Bertalanffy em 1973, na sua obra *Teoria Geral dos Sistemas*, onde fundamenta que o sistema é aberto e mantém trocas com o seu meio exterior.

Na análise do espaço geográfico, a Teoria Geral dos Sistemas, surge na geografia física, com Tricart (1965), onde afirma que o sistema se trata de um instrumento lógico para o estudo do meio ambiente, uma vez que adota uma atitude dialética. A paisagem é vista com um caráter dinâmico, portanto instável, não é simples adição de elementos físicos, biológicos e antrópicos, mas sim, um conjunto único indissociável, em perpétua evolução.

Segundo Xavier da Silva (2001), um estudo ambiental possui dois tipos de procedimentos: os diagnósticos e os prognósticos. O diagnóstico se trata do levantamento de todas as variáveis que comporão as situações ambientais relevantes da área em estudo, sob a ótica do geoprocessamento é composto por mapas que mostram a realidade da área em estudo, porém levantamento de dados bibliográficos, censitários, entre outros, irão compor o que chama de modelo digital do ambiente. O prognóstico envolve, por exemplo, a construção de cenários, simulações, planos e zoneamentos, enfim, se trata da manipulação e análise das variáveis levantadas e estudadas de forma integrada.

Estas abordagens devem subsidiar estudos ambientais, uma vez que possibilitam identificar unidades de paisagens com dinâmicas semelhantes, encarando como um sistema aberto.

Para o desenvolvimento desse item do presente estudo, será adotada como metodologia a abordagem sistêmica, juntamente com a proposta de Xavier da Silva (2001).

5.3.1.3 Procedimentos Metodológicos

Os procedimentos metodológicos desenvolvidos para o estudo do meio socioeconômico foram estruturados em quatro etapas:

Primeira etapa

A primeira etapa, denominada Objetivos e Metas de Ação, foi composta pela delimitação das áreas de influência direta e indireta, pelos levantamentos e coletas de dados para a elaboração dos diagnósticos dos meios social e econômico, além da realização de reuniões, com representantes de órgãos gestores nos níveis federal, estadual e municipal, denominadas de interações institucionais.

Viu-se a necessidade, ainda, de reuniões com a equipe técnica multidisciplinar para determinação das áreas de influência nos meios físico, biológico e socioeconômico. Salienta-se que, para estabelecer as áreas de influência, foi necessário um levantamento prévio de dados secundários, bem como da bibliografia existente sobre a área de estudo. Após a consulta às fontes bibliográficas, tornou-se possível apontar as áreas onde a implantação e pavimentação da BR-285 trecho SC/RS provavelmente geraria impactos positivos e negativos.

Como resultados dessa etapa, descrevem-se:

- Definição das áreas de influência direta e indireta;
- Delineamento dos principais temas a serem abordados no meio socioeconômico, bem como a definição prévia das tabelas e mapas a serem geradas para esse meio.

As coletas foram realizadas no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), especialmente nos dados referentes aos censos demográficos e econômicos dos municípios localizados nas áreas de influência direta e indireta. A fim de identificar a dinâmica demográfica e o perfil econômico dos municípios, foram coletados dados dos censos realizados em diferentes períodos: 1970, 1980, 1991, 2000 e 2007. Também, foram levantadas informações contidas no Atlas de Desenvolvimento Humano e Social do Brasil, produzido pelo PNUD, sendo esse material de referência nacional. Ainda, foram

pesquisadas bibliografias referentes ao histórico de ocupação e desenvolvimento da região.

No caso dos municípios catarinenses, tem-se que, necessariamente, ter como referência, também, a Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense (AMESC). Já no estado do Rio Grande do Sul alguns dados foram tomados da Fundação Econômica do Estado do Rio Grande do Sul (FEE), além de levantamentos nas Prefeituras dos municípios e consultas em sites oficiais.

Segunda etapa

A segunda etapa do Diagnóstico do Meio Socioeconômico propriamente dito resultou na construção do cenário atual das áreas de influência indireta e direta para esse meio. Para tal, dividiu-se essa etapa em duas fases: na primeira, foram realizadas as coletas finais de dados textuais, estatísticos, cadastrais e cartográficos em órgãos públicos e particulares, para então, serem construídas as tabelas e gráficos. Também, foram realizados os primeiros reconhecimentos e levantamentos de campo, bem como os mapeamentos.

Desenrolados os procedimentos acima descritos, as primeiras manipulações, análises e correlações foram realizadas. Como resultado dessa fase, atingiu-se a plena compreensão do ambiente socioeconômico como um todo, para então serem realizadas as interações com o meio físico e biótico.

Para completar os dados secundários, achou-se necessário a realização de uma pesquisa de opinião – Enquete – sobre a pavimentação e implantação da BR – 285.

Nos tempos atuais não existem fronteiras para a OPINIÃO PÚBLICA. Ela é caracterizada, segundo Da Silva (2009) como o pleno exercício da cidadania. OPINIÃO PÚBLICA é uma expressão da sociedade em que vivemos, das suas ações e do desenvolvimento do seu meio. É um agente de transformação e receptora dos impactos das mudanças.

Por esse motivo e para completar os dados secundários, achou-se necessário a realização de uma pesquisa de opinião – Enquete – sobre a pavimentação e implantação da BR – 285.

Quando se pesquisa sobre o tema “Pesquisa de campo”, vários autores relatam de diferentes maneiras seus conceitos. Para Cervo e Bervian (2002), por exemplo, é a

atividade voltada para a solução de problemas teóricos ou práticos com o emprego de processos científicos.

Segundo Ruiz (1977) é a “realização de uma investigação concreta, planejada, que é desenvolvida e redigida de acordo com as normas de metodologia propostas pela ciência”. Já para Demo (1997), “Pesquisa é um processo interminável, intrinsecamente processual. É um fenômeno de aproximações sucessivas e nunca esgotado.”

Assim, pode-se afirmar que a pesquisa de campo é uma investigação empírica (baseada na experiência) realizada no local. Ao elaborar uma pesquisa, o pesquisador se aproxima do objeto a ser pesquisado transformando o que era só informação em novo conhecimento.

As principais técnicas para a coleta de dados mensuráveis, ou seja, quantitativos, são as observações, questionários, entrevistas individuais e de grupo, testes, índices e relatórios escritos. A entrevista e o questionário são os instrumentos de pesquisa mais utilizados.

Na enquete da BR-285, utilizou-se da técnica do Questionário. Segundo Pereira (2007), uma das vantagens do questionário sobre a entrevista é a de que pode ser aplicado a um grande número de pessoas (ao mesmo tempo), sendo assim, menos dispendioso do que a entrevista.

Coleta de dados

A pesquisa de opinião utilizada foi realizada no período do mês de outubro e início do mês de novembro de 2009 para os municípios de Araranguá, Meleiros, Timbé do Sul e Turvo no estado de Santa Catarina e no município de São José dos Ausentes no estado do Rio Grande do Sul. Ao todo foram entrevistadas 380 pessoas, sendo que 86,8% do estado de Santa Catarina e 13,2% do estado do Rio Grande do Sul. Os locais de aplicação foram: São José dos Ausentes (RS), Timbé do Sul (SC), Araranguá (SC), Meleiro (SC) e Turvo (SC). (ANEXO IV).

Nesta etapa também foram realizados procedimentos, interpretação de imagens via processamento digital, para elaboração dos mapas de Uso de Ocupação do Solo para as Microrregiões de Araranguá e Vacaria e municípios de São José dos Ausentes e Timbé do Sul.

Terceira etapa

Na terceira fase, denominada aqui de Análise Integrada, foram cruzados todos os dados disponíveis nos diagnósticos do meio físico, biótico e socioeconômico, para, então, ser avaliada a situação atual, bem como serem geradas as simulações e cenários.

Nessa fase, os níveis de análise e correlações foram refinados, identificados os atributos mais relevantes e suas dinâmicas através de procedimentos de integração de dados, seja por resultados de discussões com a equipe técnica ou entre a equipe e os atores sociais que atuam sobre o local do empreendimento. Com o resultado foram identificados e avaliados os Impactos Ambientais.

Quarta etapa

A partir da identificação e avaliação dos impactos ambientais, foram elaboradas as Medidas Preventivas, Mitigadoras, Compensatórias e Programas de Controle Ambiental, baseados na análise sistêmica realizada, sobretudo, na terceira etapa.

O fluxograma (FIGURA 5.3.1) mostra as etapas acima descritas.

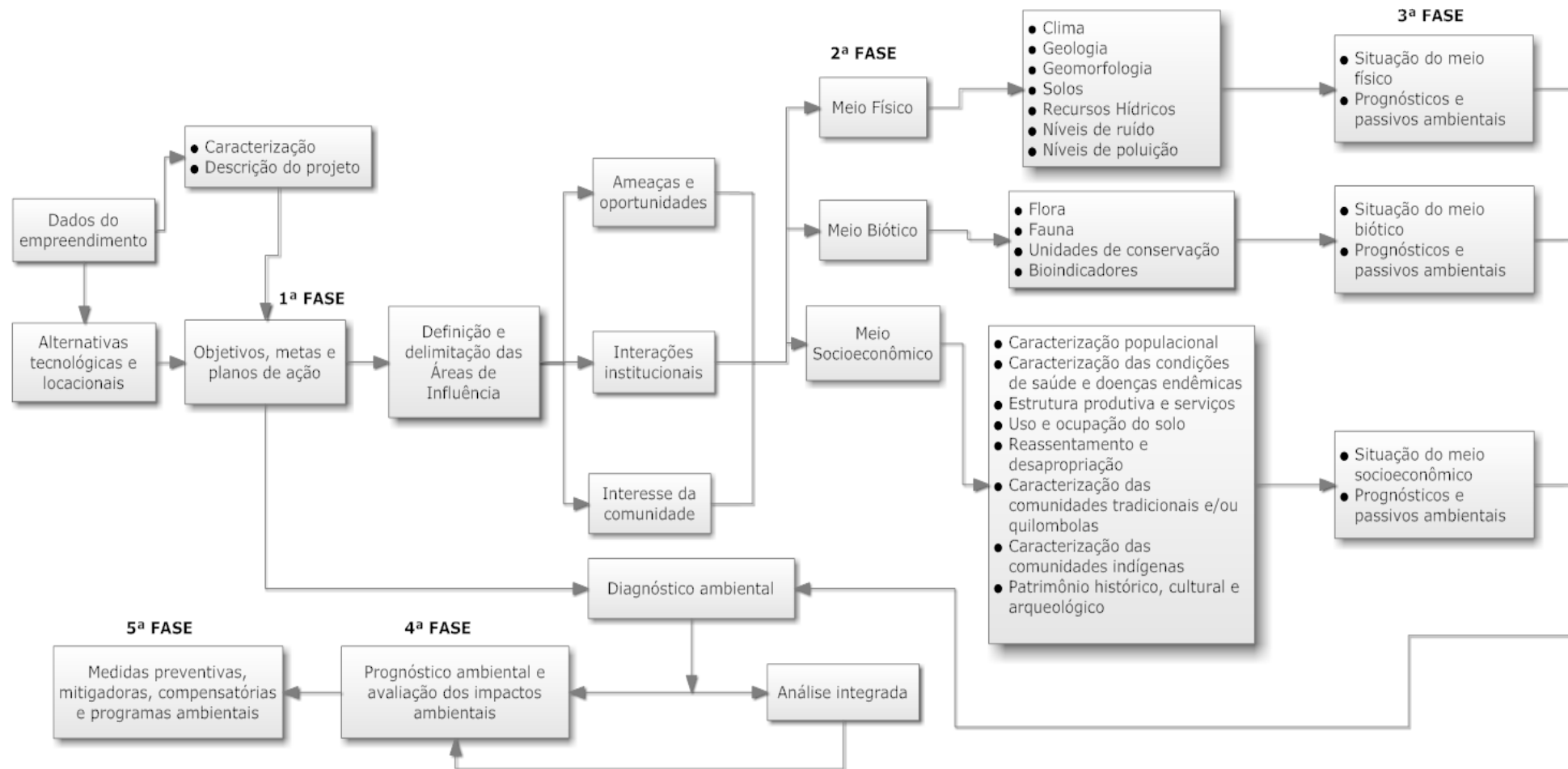


FIGURA 5.3.1 – FLUXOGRAMA: ESTUDO E RELATÓRIO DE IMPACTO AMBIENTAL DO EMPREENDIMENTO – ETAPAS DO MEIO SOCIOECONÔMICO E MEIOS FÍSICO E BIÓTICO

5.3.2 Caracterização Populacional

5.3.2.1 Caracterização Populacional da Área de Influência Indireta

Santa Catarina

Os municípios catarinenses inseridos na Área de influência Indireta ocupam uma área de 2.693 km², abrigando 2,872% da população do estado. É uma área de densidade demográfica variável, pois os municípios localizados na porção litorânea apresentam as maiores densidades demográficas (Araranguá, com 187,89 hab/km²), decrescendo à medida que se tornam mais interioranos. A baixa densidade demográfica indica um modo de organização do espaço com fortes características rurais. Muito embora a maioria desses municípios já possuísse mais de 50% da população vivendo em espaços urbanos, observa-se que seus limites urbanos ainda apresentavam vários elementos do rural. Ou seja, crescimento vertical incipiente, existência de espaços vazios, casas térreas com terrenos grandes contendo, não raramente, pequenas hortas e criação de animais de pequeno porte como, por exemplo, galinhas.

A maioria dos municípios pode ser classificado como sendo de pequeno porte, por apresentarem população inferior a 100 mil habitantes. (TABELA 5.3.1 e FIGURA 5.3.2)

TABELA 5.3.1– POPULAÇÃO TOTAL, % DA POPULAÇÃO EM RELAÇÃO AO ESTADO E DENSIDADE DEMOGRÁFICA DE SANTA CATARINA (2007)

Municípios	População	Percentual da população em relação ao total do SC	Área (Km ²)	Percentual da área em relação ao total do SC	Densidade demográfica (Hab/Km ²)
Araranguá	57.119	0,974	304	0,319	187,89
Balneário Arroio do Silva	8.089	0,138	94	0,099	86,05
Balneário Gaivota	7.307	0,125	148	0,155	49,37
Ermo	1.843	0,031	64	0,067	28,80
Jacinto Machado	10.738	0,183	429	0,450	25,03
Maracajá	5.909	0,101	63	0,066	93,79
Meleiro	6.880	0,117	187	0,196	36,79
Morro Grande	2.727	0,046	256	0,268	10,65

Municípios	População	Percentual da população em relação ao total do SC	Área (Km ²)	Percentual da área em relação ao total do SC	Densidade demográfica (Hab/Km ²)
Passo de Torres	5.313	0,091	95	0,100	55,93
Praia Grande	7.120	0,121	279	0,293	25,52
Santa Rosa do Sul	7.949	0,136	151	0,158	52,64
São João do Sul	6.916	0,118	183	0,192	37,79
Sombrio	24.424	0,416	143	0,150	170,80
Timbé do Sul	5.133	0,088	333	0,349	15,41
Turvo	11.031	0,188	234	0,245	47,14
Total:	168.498	2,872	2.963	3,108	56,87
Total de SC:	5.866.252		95.346		

FONTE: IBGE – Cidades. Síntese das Informações, 2007. Acesso em 19 de junho de 2009

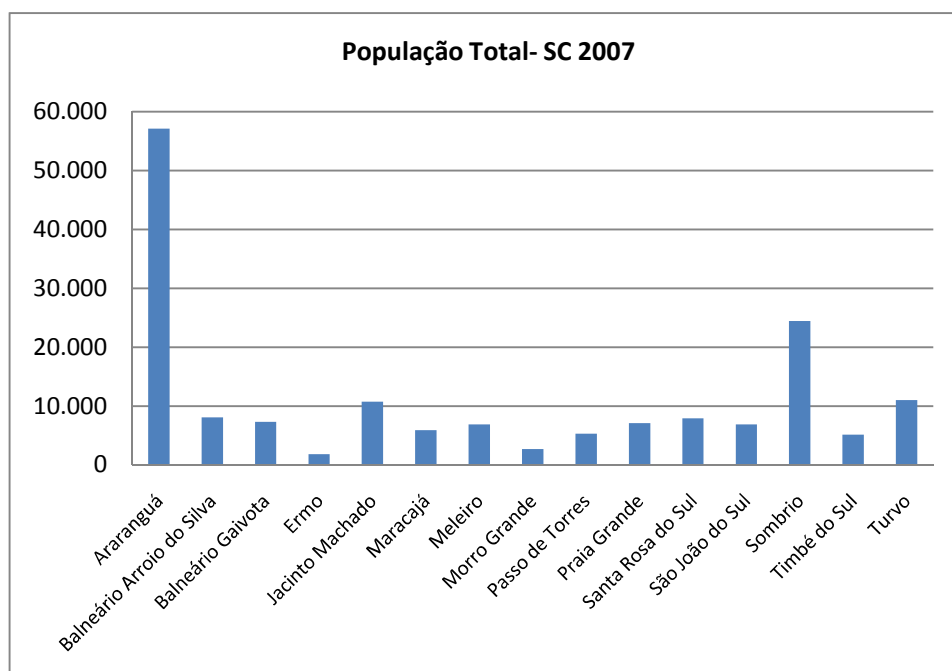


FIGURA 5.3.2– GRÁFICO: POPULAÇÃO TOTAL, % DA POPULAÇÃO EM RELAÇÃO AO ESTADO E DENSIDADE DEMOGRÁFICA (2007) DE SANTA CATARINA
FONTE: TABELA 5.3.1

Dentre os municípios arrolados, alguns são considerados pólos regionais por centralizarem serviços e equipamentos importantes, principalmente ligados a saúde, a educação e órgãos públicos. Este é o caso de municípios como Araranguá e Sombrio.

A cidade de Araranguá se destaca no comércio, no turismo e nas indústrias metalúrgicas, cerâmicas, moveleiras e confecções, juntamente com os setores de

serviços e da agricultura. Já a cidade de Sombrio se destaca pelo turismo das compras, bem como pelos seus atrativos naturais.

Segundo dados do último censo do IBGE, em 2000, 53,4% dos domicílios inseridos na AII estavam localizados em áreas urbanas. Dentre os municípios inseridos na AII, dois se destacam pela taxa elevada de urbanização, são eles: Araranguá (82,4%) e Balneário Arroio da Silva (97,2%). Ressalta-se, contudo, que o processo de urbanização da região foi relativamente recente tendo ocorrido, de forma geral, na década de 1980, onde alguns municípios passaram a ter população vivendo predominantemente em áreas urbanas.

Em 2000 alguns municípios ainda possuíam sua população vivendo predominantemente em áreas rurais, este é o caso de Morro Grande (74,7%) e Ermo (71,2%). Entretanto, é notório que existe uma tendência de aumento geral para o crescimento progressivo da população urbana em todos os municípios inseridos na AII. Trata-se, sobretudo de um processo histórico, iniciado com a aceleração da urbanização na década de 1970, período em que vários municípios passaram a apresentar crescimento progressivo da população urbana. (TABELA 5.3.2).

TABELA 5.3.2 – SITUAÇÃO DOS DOMICÍLIOS NA AII DE SANTA CATARINA (2000)

Municípios	Situação do domicílio				Total
	Urbano	% Urbano	Rural	% Rural	
Araranguá	45.052	82,4	9.654	17,6	54.706
Balneário Arroio do Silva	5.876	97,2	167	2,8	6.043
Balneário Gaivota	2.977	54,6	2.473	45,4	5.450
Ermo	593	28,8	1.464	71,2	2.057
Jacinto Machado	4.538	41,5	6.385	58,5	10.923
Maracajá	3.521	63,5	2.020	36,5	5.541
Meleiro	3.207	45,3	3.873	54,7	7.080
Morro Grande	737	25,3	2.180	74,7	2.917
Passo de Torres	3.522	80,0	878	20,0	4.400
Praia Grande	3.937	54,0	3.349	46,0	7.286
Santa Rosa do Sul	3.042	39,0	4.768	61,0	7.810
São João do Sul	1.143	16,8	5.641	83,2	6.784
Sombrio	15.925	69,4	7.037	30,6	22.962
Timbé do Sul	1.683	31,6	3.640	68,4	5.323
Turvo	5.637	51,8	5.250	48,2	10.887
Total:	56.338	53,4	49.125	46,6	105.463
Total de Santa Catarina:	4.217.763	78,7	1.140.100	21,3	5.357.862

FONTE: IBGE – Cidades. Indicadores sociais municipais, 2000. Acesso em 19 de junho de 2009

Como se observa na TABELA 5.3.2, no período de 2000 - 2007 os municípios catarinenses inseridos na AII não apresentaram taxas de crescimento elevadas. Alguns desses municípios, inclusive, tiveram decréscimo populacional nesse período, foram eles: Ermo (-0,016), Morro Grande (-0,010), Timbé do Sul (-0,005), Meleiro (-0,004), Praia Grande (-0,003) e Jacinto Machado (-0,001). Ressalta-se ainda que estes municípios já apresentavam decréscimo populacional em períodos anteriores, a maioria vinha apresentando taxas de crescimento negativas desde 1970. (TABELA 5.3.3 e FIGURA 5.3.3).

TABELA 5.3.3 - TAXA DE CRESCIMENTO POPULACIONAL NA AII DE SANTA CATARINA (2000-2007)

Municípios	População		Taxa de crescimento %
	2000	2007	
Araranguá	54.706	57.119	0,006
Balneário Arroio do Silva	6.043	8.089	0,043
Balneário Gaivota	5.450	7.307	0,043
Ermo	2.057	1.843	-0,016
Jacinto Machado	10.923	10.738	-0,002
Maracajá	5.541	5.909	0,009
Meleiro	7.080	6.880	-0,004
Morro Grande	2.917	2.727	-0,010
Passo de Torres	4.400	5.313	0,027
Praia Grande	7.286	7.120	-0,003
Santa Rosa do Sul	7.810	7.949	0,003
São João do Sul	6.784	6.916	0,003
Sombrio	22.962	24.424	0,009
Timbé do Sul	5.323	5.133	-0,005
Turvo	10.887	11.031	0,002
Total:	160.169	168.498	0,007
Total de SC:	5.357.862	5.866.252	0,013

FONTE: IBGE – Cidades. Síntese das Informações/População e Domicílios, Censo 2000. Acesso em 22 de junho de 2009

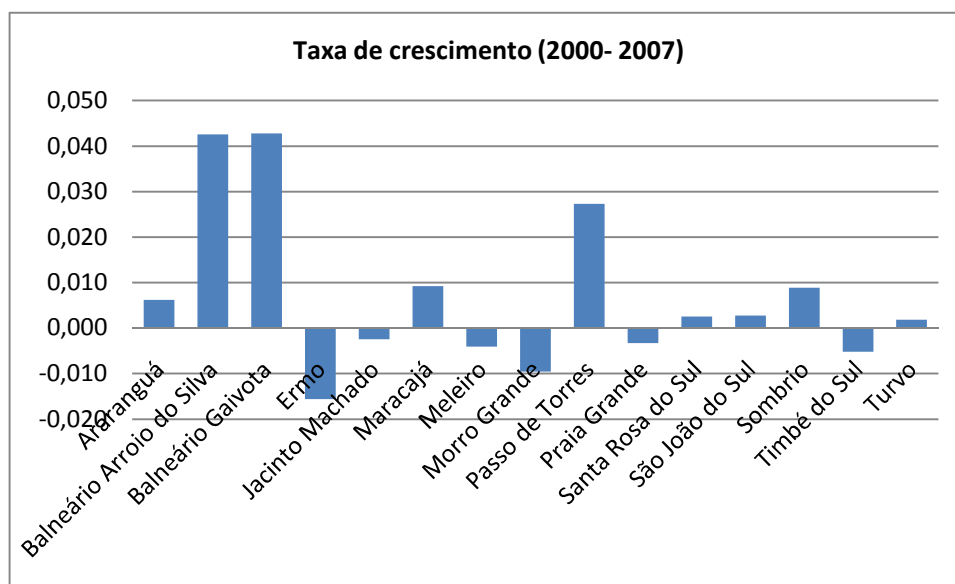


FIGURA 5.3.3 – GRÁFICO: TAXA DE CRESCIMENTO POPULACIONAL NA AII DE SANTA CATARINA (2000-2007)
 FONTE: TABELA 5.3.3

O baixo incremento populacional no período entre 2000 - 2007 pode ainda, estar relacionado com o baixo dinamismo econômico das mesorregiões do Sul Catarinense.

Sabe-se que o interior, principalmente das regiões agrícolas do sul do Brasil, passaram por dois processos distintos de migração após a segunda metade do século XX: (1º) relacionado à crise agrícola iniciada em 1970, quando as áreas urbanas passaram a receber uma parcela significativa da população proveniente das áreas rurais; (2º) a partir da década de 1990 quando as mudanças na economia rural promoveram as migrações interestaduais.

No que tange a divisão da população por sexo se observa que há equivalência na distribuição entre população feminina e masculina. A população feminina residente na AII, em 2000, era sensivelmente maior, 50,1%, ao passo que a masculina era de 49,9%. (TABELA 5.3.4)

TABELA 5.3.4 - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR SEXO NA AII DE SANTA CATARINA (2000)

Municípios	População				
	Masculino	% Masculino	Feminino	% Feminino	Total
Araranguá	27.090	49,5	27.616	50,5	54.706
Balneário Arroio do Silva	2.950	48,8	3.093	51,2	6.043
Balneário Gaivota	2.751	50,5	2.699	49,5	5.450
Ermo	1.068	51,9	989	48,1	2.057
Jacinto Machado	5.472	50,1	5.451	49,9	10.923
Maracajá	2.820	50,9	2.721	49,1	5.541
Meleiro	3.595	50,8	3.485	49,2	7.080
Morro Grande	1.521	52,1	1.396	47,9	2.917
Passo de Torres	2.210	50,2	2.190	49,8	4.400
Praia Grande	3.685	50,6	3.601	49,4	7.286
Santa Rosa do Sul	3.957	50,7	3.853	49,3	7.810
São João do Sul	3.486	51,4	3.298	48,6	6.784
Sombrio	11.473	50,0	11.489	50,0	22.962
Timbé do Sul	2.725	51,2	2.598	48,8	5.323
Turvo	5.396	49,6	5.491	50,4	10.887
Total:	80.199	50,1	79.970	49,9	160.169
Total de SC:	2.670.173	49,8	2.687.691	50,2	5.357.862

FONTE: IBGE – Cidades. Indicadores sociais municipais, 2000. Acesso em 22 de junho de 2009

Rio Grande do Sul

Os municípios do Rio Grande do Sul inseridos na Área de influência Indireta ocupam uma área de 17.259 km² abrigando 1,487% da população do estado. Não se trata de uma área densamente povoada considerando que a maioria dos municípios apresenta baixa densidade demográfica. As maiores densidades demográficas, em 2007, foram encontradas nos municípios de: Vacaria (28,22 hab./ Km²) e Lagoa Vermelha (21,74 hab./ km²). (TABELA 5.3.5 E FIGURA 5.3.4)

TABELA 5.3.5 - POPULAÇÃO TOTAL, % DA POPULAÇÃO EM RELAÇÃO AO ESTADO E DENSIDADE DEMOGRÁFICA DA AII DO RIO GRANDE DO SUL (2007)

Municípios	População	Percentual da população em relação ao total do RS	Área (Km ²)	Percentual da área em relação ao total do RS	Densidade demográfica (Hab/Km ²)
Bom Jesus	11.843	0,112	2626	0,932	4,51
Cambará do Sul	6.959	0,066	1213	0,431	5,74
Campestre da Serra	3.205	0,030	538	0,191	5,96
Capão Bonito do Sul	1.837	0,017	527	0,187	3,49
Esmeralda	3.234	0,031	833	0,296	3,88
Ipê	5.875	0,056	600	0,213	9,79
Jaquirana	4.404	0,042	908	0,322	4,85
Lagoa Vermelha	27.434	0,259	1262	0,448	21,74
Monte Alegre dos Campos	3.122	0,030	550	0,195	5,68
Muitos Capões	2.969	0,028	1193	0,423	2,49
Pinhal da Serra	2.058	0,019	434	0,154	4,74
São Francisco de Paula	21.278	0,201	3274	1,162	6,50
São José dos Ausentes	3.180	0,030	1177	0,418	2,70
Vacaria	59.938	0,566	2124	0,754	28,22
Total:	157.336	1,487	17.259	6,126	9,12
Total do RS:	10.582.840		281.749		

FONTE: IBGE – Cidades. Síntese das Informações, 2007. Acesso em 22 de junho de 2009

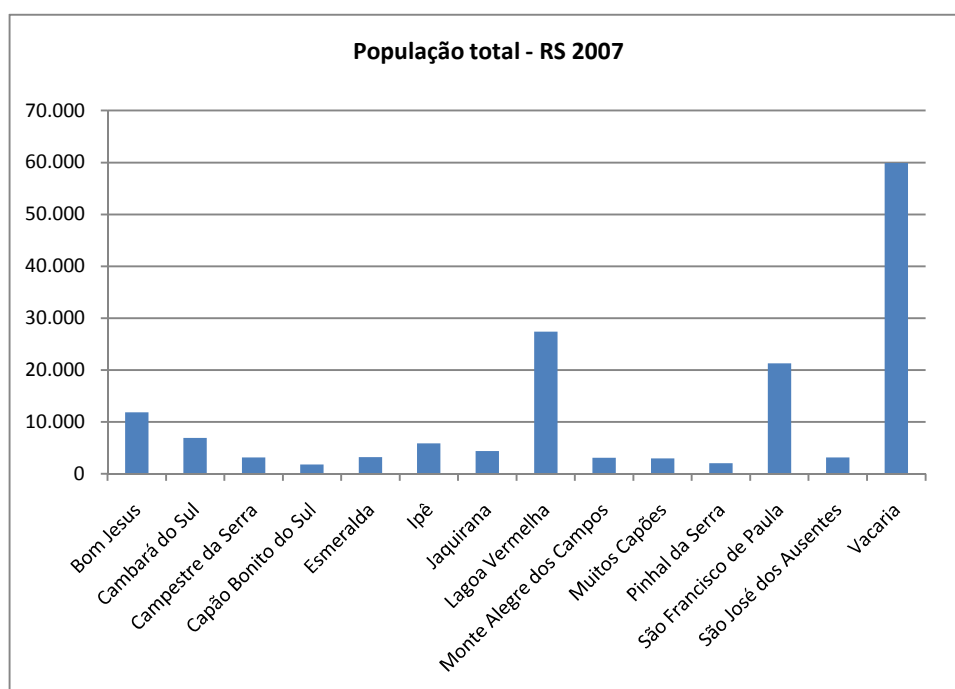


FIGURA 5.3.4 – GRÁFICO: POPULAÇÃO TOTAL, % DA POPULAÇÃO EM RELAÇÃO AO ESTADO E DENSIDADE DEMOGRÁFICA DA AII DO RIO GRANDE DO SUL (2007)
FONTE: TABELA 5.3.5

A TABELA 5.3.6 mostra a situação dos domicílios da AII do Rio Grande do Sul em 2000.

TABELA 5.3.6 – SITUAÇÃO DOS DOMICÍLIOS DA AII DO RIO GRANDE DO SUL (2000)

Municípios	Situação do domicílio				Total
	Urbano	% Urbano	Rural	% Rural	
Bom Jesus	8.376	69,7	3.638	30,3	12.014
Cambará do Sul	3.047	44,5	3.793	55,5	6.840
Campestre da Serra	903	28,5	2.267	71,5	3.170
Capão Bonito do Sul	N/A*		N/A*		-
Esmeralda	2.415	43,7	3.106	56,3	5.521
Ipê	2.363	43,3	3.093	56,7	5.456
Jaquirana	2.819	58,6	1.995	41,4	4.814
Lagoa Vermelha	23.539	83,8	6.294	22,4	28.103
Monte Alegre dos Campos	44	1,4	2.996	98,6	3.040
Muitos Capões	866	30,2	2.001	69,8	2.867
Pinhal da Serra	N/A*		N/A*		-
São Francisco de Paula	12.269	62,2	7.456	37,8	19.725
São José dos Ausentes	1.516	48,8	1.588	51,2	3.104
Vacaria	52.425	91,4	4.916	8,6	57.341
Total:	110.582	74,0	43.143	26,0	149.513
Total do RS:	8.318.667	81,7	1.869.174	18,3	10.187.841

FONTE: IBGE – Cidades. Indicadores sociais municipais, 2000. Acesso em 22 de junho de 2009
NOTA: N.A.* Não Avaliado

Quanto aos totais da população da AII, 74,0% da população vive em zonas urbanas e 26,0% em zonas rurais, seguindo a mesma tendência do Estado. Em 2000, além de Vacaria que possui 91,4% da população vivendo em áreas urbanas, outros três municípios possuíam a maior parte dos domicílios localizados em áreas urbanas, eram eles: Lagoa Vermelha (83,8 %) e Bom Jesus (69,7%). Dos quatorze municípios da AII sete estão localizados em áreas rurais destacando-se: Monte Alegre dos Campos (98,6%), Campestre da Serra (71,5%) e Muitos Capões (69,8%).

Com exceção de Vacaria, cujo processo de urbanização teve início no período de 1970-1980, os demais municípios até a década de oitenta possuíam a maior parte de sua população vivendo em áreas rurais. O aumento de pessoas vivendo em áreas urbanas ocorreu no período de 1980-1991, tendo sido intensificado no período seguinte.

Entre o período de 2000-2007 as taxas de crescimento mais altas da AII foram de Ipê e São Francisco de Paula, cada uma com 0,011%. Os municípios que vinham apresentando maior perda de população no período são: Pinhal da Serra (-0,026) e Jaquirana (-0,013). (TABELA 5.3.7 e FIGURA 5.3.5)

TABELA 5.3.7 – TAXA DE CRESCIMENTO DA AII DO RIO GRANDE DO SUL (2000-2007)

Municípios	População		Taxa de crescimento %
	2000	2007	
Bom Jesus	12.014	11.843	-0,002
Cambará do Sul	6.840	6.959	0,002
Campestre da Serra	3.170	3.205	0,002
Capão Bonito do Sul	1.730	1.837	0,009
Esmeralda	3.039	3.234	0,009
Ipê	5.456	5.875	0,011
Jaquirana	4.814	4.404	-0,013
Lagoa Vermelha	28.103	27.434	-0,003
Monte Alegre dos Campos	3.040	3.122	0,004
Muitos Capões	2.867	2.969	0,005
Pinhal da Serra	2.482	2.058	-0,026
São Francisco de Paula	19.725	21.278	0,011
São José dos Ausentes	3.104	3.180	0,003
Vacaria	57.341	59.938	0,006
Total:	153.725	157.336	0,003
Total do RS:	10.187.841	10.582.840	0,005

FONTE: IBGE – Cidades. Síntese das Informações/População e Domicílios, 2000. Acesso em 22 de junho de 2009

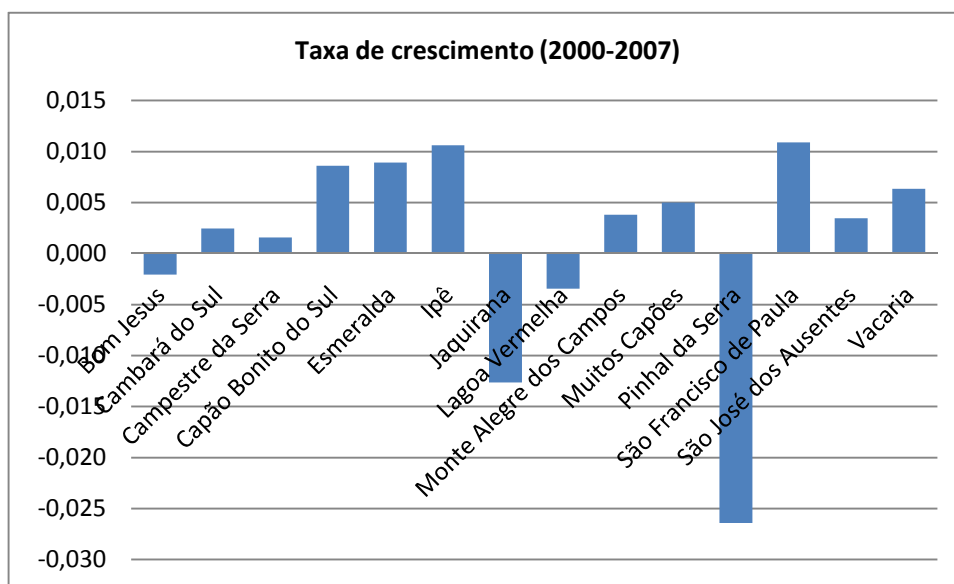


FIGURA 5.3.5 – GRÁFICO: TAXA DE CRESCIMENTO 2000-2007
 FONTE: TABELA 5.3.7

O crescimento da população, muitas vezes negativo, pode ser explicado a partir do histórico de ocupação da região. Talvez a falta de programas para a fixação do homem no campo tenha motivado a posterior migração para outras localidades. Contudo, não se pode esquecer que em muitas localidades parte da mão de obra braçal foi substituída pelo trabalho mecanizado, impedindo a saída destes trabalhadores em busca de melhores condições de trabalho.

Em relação à distribuição da população por sexo (TABELA 5.3.8), verifica-se que o estado do Rio Grande do Sul, em 2000, apresentou distribuição quase que equitativa, pois o número de mulheres é 0,2% maior que o de homens. A maioria dos municípios da All, entretanto, apresentaram um maior número de homens (oito dos quatorze municípios da All) diferença percentual maior entre homens e mulheres aparece no município de Monte Alegre dos Campos com 5,44%, seguido de Jaquirana e Muitos Capões, ambos com 4,16%.

TABELA 5.3.8 - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR SEXO NA AII DE SANTA CATARINA (2000)

Municípios	População				Total
	Masculino	% Masculino	Feminino	% Feminino	
Bom Jesus	5.924	49,31	6.090	50,69	12.014
Cambará do Sul	3.487	50,98	3.353	49,02	6.840
Campestre da Serra	1.647	51,96	1.523	48,04	3.170
Capão Bonito do Sul	N/A*		N/A*		
Esmeralda	1.559	51,31	1.480	48,69	3.039
Ipê	2.796	51,25	2.660	48,75	5.456
Jaquirana	2.507	52,08	2.307	47,92	4.814
Lagoa Vermelha	13.894	49,44	14.209	50,56	28.103
Monte Alegre dos Campos	1.620	53,29	1.420	46,71	3.040
Muitos Capões	1.493	52,08	1.374	47,92	2.867
Pinhal da Serra	N/A*		N/A*		
São Francisco de Paula	10.038	50,89	9.687	49,11	19.725
São José dos Ausentes	1.587	51,13	1.517	48,87	3.104
Vacaria	28.103	49,01	29.238	50,99	57.341
Total:	74.656	49,9	74.857	50,1	149.513
Total do RS:	4.994.734	49,0	5.193.108	51,0	10.187.841

FONTE: IBGE – Cidades. Indicadores sociais municipais, 2000. Acesso em 23 de junho de 2009

NOTA: N.A.* Não Avaliado

Considerações sobre a Dinâmica Demográfica nos Municípios da AII

Como se pôde observar a partir de indicadores, como a densidade demográfica, a taxa de urbanização, a taxa de crescimento, a distribuição da população por sexo, entre outros, os municípios de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul inseridos na AII apresentam algumas semelhanças e correlações.

Nos dois estados, a maioria dos municípios vem sofrendo perdas populacionais nos últimos anos. Mesmo quando a taxa de crescimento não era negativa, os acréscimos populacionais eram praticamente nulos. O que indica que ao menos uma parcela da população local tem emigrado para outras regiões, provavelmente em busca de melhores oportunidades de trabalho. Esse cenário é fortemente influenciado pela economia local e sua capacidade de gerar empregos, absorvendo a mão-de-obra local. Ora, parte desses municípios concentra sua economia em atividades rurais, na maioria das vezes sem agregação de valor. Também se verificou que nos municípios cujas bases econômicas são voltadas à agropecuária e que possuem indústrias e cooperativas, não houve decréscimo populacional nas últimas décadas. Além disso, esses municípios são os mais

populosos e se destacam como pólos regionais por concentrarem maior número de serviços e equipamentos públicos e privados.

Praticamente todos os municípios inseridos na All apresentam economia com características rurais. Também o setor dos serviços é marcante em praticamente todos os municípios.

a) Índice de Desenvolvimento Humano

O IDH é um indicador formulado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) divulga todos os anos o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), cujo objetivo é oferecer elementos para dimensionar o avanço nas políticas de qualidade de vida e de promoção social de uma determinada unidade territorial. Nesse sentido, o IDH veio oferecer um contraponto a outro indicador utilizado, o Produto Interno Bruto (PIB), que leva em consideração apenas a dimensão econômica. O IDH consiste em uma medida sintética de desenvolvimento, pois se acredita-se que a melhoria na qualidade de vida não está restrita à dimensão econômica, englobando outras dimensões, como as condições de saúde e de educação.

O IDH é composto por três sub-índices, são eles: a educação, a renda e a longevidade. As condições de educação são medidas a partir do cruzamento da taxa de alfabetização de adultos e a taxa de matrícula combinada nos três níveis de ensino (fundamental, médio e superior). As condições de saúde são estipuladas a partir da esperança de vida ao nascer. Já a renda refere-se ao poder de compra da população, sendo mensurada pelo PIB per capita em dólar em conjunto com o custo de vida local. O IDH como um todo e cada sub-índice varia de 0 a 1.

Índice de Desenvolvimento Humano – Santa Catarina

Segundo o Relatório de Desenvolvimento Humano de 2007/2008 do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o Brasil possuía em 2005 um índice de 0,800 e em 2006, esse índice passou a ser 0,807. Encontra-se na 70ª colocação mundial, posição que já mantinha no ano anterior, entrando para o grupo de países com elevado desenvolvimento humano. (TABELA 5.3.9).

Segundo o *Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil*, no período entre 1991 e 2000, o Índice de Desenvolvimento Humano do estado de Santa Catarina cresceu

significativamente, em média 9,9%, passando de 0,748 em 1991 para 0,822 em 2000. A dimensão que mais contribuiu para este crescimento foi a Educação com 12%, seguida da Renda (10%). A Longevidade foi a dimensão do IDH com menor crescimento, em torno de 5%. Em 2000 o IDH de Santa Catarina era de 0,822, subindo para 0,840 em 2005, estando em segundo lugar no Brasil, só perdendo para o Distrito Federal (0,874).

Em 2000 todos os municípios da All apresentaram desempenho inferior ao do estado de Santa Catarina, ou seja, não ultrapassaram 0,822. Quanto ao quesito renda, somente Meleiro e Turvo superaram o índice catarinense, com 0,759 e 0,753, respectivamente. Em 2000, seis municípios superaram o índice de longevidade do estado de Santa Catarina (0,811), onde destacam-se: Morro Grande (0,856), Araranguá e Sombrio ambos com 0,829. Outro componente do IDH que merece destaque entre os municípios é a Educação, cujos avanços de 1991 para 2000 chamam atenção, porém somente Balneário Arroio da Silva superou o índice de Santa Catarina (0,906), com 0,980 (2000). Porém observando todos os índices dos municípios da All, esses podem ser considerados bons se comparados a média estadual e nacional.

Quanto ao índice Renda o estado de Santa Catarina apresentou em 2000, 0,750, passando em 2005, para 0,756, ou seja, teve um acréscimo de 0,8%. Em 2000, somente dois municípios superaram o índice do Estado: Meleiro (0,759) e Turvo (0,753). Os municípios que apresentaram o pior desempenho em 2000 foram: Jacinto Machado (0,649) e São João do Sul (0,658).

Em relação ao componente Longevidade, em 2000 esse índice em Santa Catarina era de 0,811, passando para 0,830 em 2005. No ano de 2000, os municípios que apresentaram melhor desempenho da Longevidade foram: Morro Grande com 0,856 superando a média do estado; Araranguá e Sombrio, ambos com 0,829.

No campo da Educação, o índice alcançado pelo estado de Santa Catarina pode ser considerado excelente, quando se compara o índice de 2000 (0,906) e de 2005 (0,934). O município que apresentou ótimo desempenho no campo da Educação, tendo atingido índice superior a 0,900, foi Balneário Arroio da Silva, com 0,908 em 2000. Os demais municípios apresentaram índices inferiores a 0,900, sendo que os menores índices ocorreram em: Timbé do Sul, com 0,844 e em Morro Grande e São João do Sul, ambos com 0,849. Todos esses comentários podem ser observados na TABELA 5.3.9, a seguir.

TABELA 5.3.9 - ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO DA AII DE SANTA CATARINA (1991 – 2000)

Santa Catarina- Microrregião Araranguá (Mesorregião do Sul Catarinense)								
Município	IDH-M		Renda		Longevidade		Educação	
	1991	2000	1991	2000	1991	2000	1991	2000
Araranguá	0.725	0.814	0.644	0.719	0.734	0.829	0.798	0.894
Balneário Arroio do Silva	0.701	0.794	0.604	0.706	0.734	0.767	0.764	0.908
Balneário Gaivota	0.713	0.786	0.609	0.676	0.767	0.806	0.763	0.877
Ermo	0.689	0.769	0.637	0.687	0.704	0.767	0.725	0.854
Jacinto Machado	0.688	0.757	0.600	0.649	0.729	0.767	0.736	0.854
Maracajá	0.707	0.813	0.607	0.742	0.737	0.828	0.776	0.868
Meleiro	0.723	0.793	0.700	0.759	0.716	0.748	0.754	0.872
Morro Grande	0.738	0.790	0.674	0.665	0.792	0.856	0.749	0.849
Passo de Torres	0.696	0.789	0.616	0.673	0.734	0.816	0.739	0.877
Praia Grande	0.687	0.763	0.638	0.673	0.700	0.767	0.724	0.850
Santa Rosa do Sul	0.686	0.762	0.639	0.661	0.704	0.767	0.715	0.859
São João do Sul	0.688	0.758	0.601	0.658	0.729	0.767	0.733	0.849
Sombrio	0.721	0.804	0.620	0.707	0.767	0.829	0.776	0.876
Timbé do Sul	0.682	0.773	0.598	0.708	0.729	0.767	0.718	0.844
Turvo	0.750	0.821	0.718	0.753	0.749	0.821	0.782	0.889
SC	0,748	0,822	0,682	0,750	0,753	0,811	0,808	0,906

FONTE: PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO – Desenvolvimento Humano – Atlas do Desenvolvimento Humano, 2000. Acesso em 25 de agosto de 2009

Índice de Desenvolvimento Humano – Rio Grande do Sul

No período de 1991 a 2000 o IDH do Rio Grande do Sul cresceu em torno de 8,0%, a dimensão que mais contribuiu para este crescimento foi a Educação com 8,6%. A Longevidade do estado cresceu 7,1% e a Renda 6,8%. O IDH do Estado em 2000 era de 0,807 e em 2005 passou para 0,832 ocupando a 4ª posição no ranking nacional. (TABELA 5.3.10)

Na dimensão da Renda, muito embora todos os municípios tenham tido desempenho inferior ao do estado, Vacaria se destacou em relação aos demais. Em 1991 o índice de Renda desse município foi de 0,665, passando em 2000 para 0,734, enquanto que para o estado do Rio Grande do Sul foi de 0,754. Nota-se que, de modo geral, os municípios possuíam um baixo desempenho na dimensão da Renda, o que indica certa estagnação econômica e baixo poder de compra da população.

Em relação à dimensão da Longevidade, todos os municípios da Área de Influência Indireta do RS obtiveram avanços no período de 1991 a 2000. Contudo, em ambos os períodos, apenas dois municípios apresentaram desempenho superior a média estadual (0,785), são eles: Campestre da Serra (0,798), Esmeralda (0,837), Ipê (0,791) e Vacaria (0,798). Ainda em relação à Longevidade, o pior desempenho ocorreu em Lagoa Vermelha cujo índice foi de 0,678 em 1991 e 0,708 em 2000.

O campo da Educação mostrou bons resultados de um período para outro em todos os municípios, ainda que nenhum deles tenha igualado seu desempenho à média estadual. O município de Cambará da Serra apresentou os melhores resultados, 0,865, porém longe da média estadual que era de 0,904, em 2000.

Quando se considera o IDH em sua totalidade, nota-se que apesar de todos os municípios terem apresentado médias inferiores a estadual nos dois períodos, os avanços foram significativos. Esmeralda, por exemplo, passou de 0,682 em 1991 para 0,779, em 2000, obtendo assim um crescimento de 14,22%, e Monte Alegre dos Campos, apresentou o melhor desempenho. Seu IDH passou de 0,614, em 1991, para 0,708, em 2000, aumentando o IDH total em 15,30%.

TABELA 5.3.10 - ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO DA AII DO RIO GRANDE DO SUL (1991 – 2000)

Rio Grande do Sul- Microrregião de Vacaria (Mesorregião Nordeste Rio Grandense)								
Município	IDH-M		Renda		Longevidade		Educação	
	1991	2000	1991	2000	1991	2000	1991	2000
Bom Jesus	0.676	0.750	0.608	0.665	0.663	0.733	0.758	0.853
Cambará do Sul	0.676	0.760	0.617	0.682	0.650	0.733	0.762	0.865
Campestre da Serra	0.713	0.782	0.615	0.690	0.777	0.798	0.747	0.857
Capão Bonito do Sul								
Esmeralda	0.682	0.779	0.554	0.646	0.764	0.837	0.729	0.853
Ipê	0.731	0.780	0.679	0.686	0.744	0.791	0.771	0.863
Jaquirana	0.652	0.734	0.563	0.632	0.650	0.733	0.743	0.838
Lagoa Vermelha	0.704	0.755	0.628	0.699	0.678	0.708	0.807	0.859
Monte Alegre dos Campos	0.614	0.708	0.537	0.579	0.638	0.733	0.667	0.811
Muitos Capões	0.670	0.748	0.584	0.648	0.689	0.755	0.738	0.842
Pinhal da Serra								
São Francisco de Paula	0.697	0.757	0.650	0.687	0.678	0.733	0.762	0.851
São José dos Ausentes	0.658	0.738	0.570	0.647	0.652	0.733	0.753	0.835
Vacaria	0.750	0.805	0.665	0.734	0.777	0.798	0.807	0.883
RS	0.753	0.807	0.702	0.754	0.729	0.785	0.827	0.904

FONTE: PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO – Desenvolvimento Humano – Atlas do Desenvolvimento Humano, 2000. Acesso em 25 de setembro de 2009

É inegável que o avanço obtido no IDH total por Santa Catarina é maior que o obtido pelo Rio Grande do Sul, o primeiro cresceu em torno de 9,9% e o segundo 7,2%. Quanto aos IDHs parciais, Santa Catarina se destaca na Longevidade e na Educação, perdendo no IDH da Renda para o Rio Grande do Sul.

b) Educação

Na TABELA 5.3.11 é possível visualizar os equipamentos de educação existentes, em 2007, nos municípios inseridos na AII para o estado de Santa Catarina. Em todos os municípios o maior número de equipamentos edificados era destinado ao ensino fundamental (157 equipamentos), seguido das escolas voltadas ao ensino pré-escolar (137 estabelecimentos). Em relação ao ensino médio, existe baixa disponibilidade de unidades (25). Não existe nenhum estabelecimento de ensino superior. Em 2007, a maior quantidade de estabelecimentos de ensino pré-escolar aparece em Araranguá, com 38 e Sombrio, com

19, correspondendo a 27,74% e 13,87%, da All respectivamente. Quanto ao número de estabelecimentos de ensino fundamental, se destacam: Araranguá com 54 estabelecimentos (34,18%) e Jacinto Machado, com 19 estabelecimentos (12,03%). Em relação ao ensino médio, somente em três municípios ocorrem mais de um estabelecimento deste tipo de ensino: Araranguá (8), Sombrio (3) e Turvo (2). Esses municípios justamente se destacam por se constituírem como pólos locais, concentrando vários equipamentos e serviços, inclusive equipamentos de educação.

Na TABELA 5.3.12 é possível visualizar os estabelecimentos de educação existentes. Em 2007, nos municípios inseridos na All para o estado do Rio Grande do Sul, o maior número de equipamentos edificados era destinado ao ensino fundamental (162 equipamentos), seguido das escolas voltadas ao ensino pré-escolar (82 estabelecimentos). Em relação ao ensino médio, existe baixa disponibilidade de unidades (26). Não existe nenhum estabelecimento de ensino superior. Em 2007, a maior quantidade de estabelecimentos de ensino pré-escolar aparece em Vacaria, com 26 unidades e Lagoa Vermelha, com 17, correspondendo a 31,71% e 20,73%, da All respectivamente. Quanto ao número de estabelecimentos de ensino fundamental, se destacam: Lagoa Vermelha, com 32 estabelecimentos (19,75%), vindo logo a seguir São Francisco de Paula e Vacaria, ambos com 30 estabelecimentos e com percentuais de 18,52%, cada um. Em relação ao ensino médio, aparecem novamente os três municípios supracitados: Lagoa Vermelha e Vacaria com 6 estabelecimentos (23,08%), e São Francisco de Paula, com 3 estabelecimentos (11,54%). Esses municípios justamente se destacam por se constituírem como pólos locais, concentrando vários equipamentos e serviços, inclusive equipamentos de educação.



TABELA 5.3.11 - ESTABELECIMENTOS DE EDUCAÇÃO DA AII DE SANTA CATARINA (2007)

Santa Catarina	Ensino pré-escolar		Ensino fundamental		Ensino médio		Ensino superior		Total
	Ensino pré-escolar		Ensino fundamental		Ensino médio		Ensino superior		Total
Municípios	Unidades	Percentual	Unidades	Percentual	Unidades	Percentual	Unidades	Percentual	
Araranguá	38	27,74	54	34,18	8	32,00	0	-	100
Balneário Arroio do Silva	3	2,19	3	1,90	1	4,00	0	-	7
Balneário Gaivota	3	2,19	5	3,16	1	4,00	0	-	9
Ermo	5	3,65	8	5,06	1	4,00	0	-	14
Jacinto Machado	10	7,30	19	12,03	1	4,00	0	-	30
Maracajá	6	4,38	5	3,16	1	4,00	0	-	12
Meleiro	8	5,84	6	3,80	1	4,00	0	-	15
Morro Grande	2	1,46	2	1,27	1	4,00	0	-	5
Passo de Torres	4	2,92	3	1,90	1	4,00	0	-	8
Praia Grande	5	3,65	6	3,80	1	4,00	0	-	12
Santa Rosa do Sul	9	6,57	8	5,06	1	4,00	0	-	18
São João do Sul	6	4,38	11	6,96	1	4,00	0	-	18
Sombrio	19	13,87	16	10,13	3	12,00	0	-	38
Timbé do Sul	8	5,84	3	1,90	1	4,00	0	-	12
Turvo	11	8,03	9	5,70	2	8,00	0	-	22
Total:	137	100,00	158	100,00	25	100,00	0	-	320
Total de SC:	3.670	3,73	3.856	4,10	858	2,91	99	-	8.483

FONTE: IBGE – Cidades. Ensino, matrículas, docentes e rede escolar, 2007. Acesso em 23 de junho de 2009

TABELA 5.3.12 - ESTABELECIMENTOS DE EDUCAÇÃO DA AII DO RIO GRANDE DO SUL (2007)

Municípios	Ensino pré-escolar		Ensino fundamental		Ensino médio		Ensino superior		Total
	Unidades	Percentual	Unidades	Percentual	Unidades	Percentual	Unidades	Percentual	
Bom Jesus	7	8,54	9	5,56	1	3,85	0	-	17
Cambará do Sul	7	8,54	7	4,32	1	3,85	0	-	15
Campestre da Serra	3	3,66	8	4,94	1	3,85	0	-	12
Capão Bonito do Sul	1	1,22	4	2,47	1	3,85	0	-	6
Esmeralda	2	2,44	2	1,23	1	3,85	0	-	5
Ipê	3	3,66	10	6,17	1	3,85	0	-	14
Jaquirana	2	2,44	8	4,94	1	3,85	0	-	11
Lagoa Vermelha	17	20,73	32	19,75	6	23,08	0	-	55
Monte Alegre dos Campos	3	3,66	6	3,70	1	3,85	0	-	10
Muitos Capões	2	2,44	3	1,85	1	3,85	0	-	6
Pinhal da Serra	2	2,44	6	3,70	1	3,85	0	-	9
São Francisco de Paula	6	7,32	30	18,52	3	11,54	0	-	39
São José dos Ausentes	1	1,22	7	4,32	1	3,85	0	-	9
Vacaria	26	31,71	30	18,52	6	23,08	0	-	62
Total:	82	100,00	162	100,00	26	100,00	0	-	270
Total do RS:	5.497	1,49	7.278	2,23	1.373	1,89	99	-	14.247

FONTE: IBGE – Cidades. Ensino, matrículas, docentes e rede escolar, 2007 Acesso em 23 de junho de 2009

c) Saúde

A TABELA 5.3.13 e TABELA 5.3.14 apresentam o número de estabelecimentos de saúde e leitos disponíveis dos municípios inseridos na AII. Nota-se que a maior concentração de estabelecimentos de saúde ocorre nos municípios que atuam como pólos regionais tanto em Santa Catarina como no Rio Grande do Sul. A maior concentração de equipamentos de saúde na AII de Santa Catarina ocorre em Araranguá e Turvo. Estes municípios concentram, respectivamente 31,82% e 10,91% do total de estabelecimentos existentes na AII paranaense. Quanto ao número de leitos, esses ocorrem somente em sete dos quinze municípios dessa AII, onde destacam-se: Araranguá, com 120 leitos (28,10%) e Sombrio, com 77 leitos (18,03%).

TABELA 5.3.13 - ESTABELECIMENTOS DE SAÚDE E NÚMERO DE LEITOS POR MUNICÍPIO DA AII DO ESTADO DE SANTA CATARINA (2005)

Municípios	Estabelecimentos de saúde	Percentual em relação ao total	Número de leitos	Percentual em relação ao total
Araranguá	35	31,82	120	28,10
Balneário Arroio do Silva	4	3,64	0	-
Balneário Gaivota	4	3,64	0	-
Ermo	1	0,91	0	-
Jacinto Machado	8	7,27	30	7,03
Maracajá	4	3,64	0	-
Meleiro	9	8,18	50	11,71
Morro Grande	3	2,73	0	-
Passo de Torres	1	0,91	0	-
Praia Grande	5	4,55	37	8,67
Santa Rosa do Sul	6	5,45	0	-
São João do Sul	3	2,73	0	-
Sombrio	11	10,00	77	18,03
Timbé do Sul	4	3,64	46	10,77
Turvo	12	10,91	67	15,69
Total:	110	100,00	427	100,00
Total de Santa Catarina:	3.732	2,95	15.618	2,73

FONTE: IBGE – Cidades. Serviços de Saúde, 2005. Acesso em 25 de junho de 2009

Na AII do Rio Grande do Sul o município de Vacaria concentrava, em 2005, 20 estabelecimentos de saúde, perfazendo em termos percentuais a 23,65% do total dos equipamentos de saúde disponíveis, constituindo-se como um ponto de referência e apoio para vários municípios da região. Os municípios de São Francisco de Paula, Lagoa Vermelha e Bom Jesus, contribuem com: 15,29%, 12,94% e 11,76% da AII, em relação ao número de estabelecimentos de saúde. Quanto ao número de leitos disponíveis, ocorrem em somente seis dos quatorze municípios da AII, onde destacam-se: Vacaria com 166 leitos (42,86%) e Lagoa Vermelha, com 64 leitos (16,62%).

TABELA 5.3.14 - ESTABELECIMENTOS DE SAÚDE E NÚMERO DE LEITOS POR MUNICÍPIO DA AII DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (2005)

Municípios	Estabelecimentos de saúde	Percentual em relação ao total	Número de leitos	Percentual em relação ao total
Bom Jesus	10	11,76	42	10,91
Cambará do Sul	7	8,24	33	8,57
Campestre da Serra	3	3,53	0	-
Capão Bonito do Sul	1	1,18	0	-
Esmeralda	1	1,18	0	-
Ipê	4	4,71	0	-
Jaquirana	4	4,71	21	5,45
Lagoa Vermelha	11	12,94	64	16,62
Monte Alegre dos Campos	2	2,35	0	-
Muitos Capões	2	2,35	0	-
Pinhal da Serra	1	1,18	0	-
São Francisco de Paula	13	15,29	60	15,58
São José dos Ausentes	6	7,06	0	-
Vacaria	20	23,53	165	42,86
Total:	85	100,00	385	100,00
Total do RS:	4.601	1,85	30.600	1,26

FONTE: IBGE – Cidades. Serviços de Saúde, 2005 Acesso em 25 de junho de 2009

d) Saneamento

Saneamento consiste em um conjunto de medidas importantes à qualidade de vida da população permitindo evitar várias doenças. Saneamento básico engloba os serviços de

abastecimento de água, esgotamento sanitário e coleta de lixo. Constituído-se, portanto, em um importante indicador para avaliar o acesso da população às políticas públicas essenciais .

Neste tópico será analisado o acesso da população residente na All ao saneamento básico. Foram levantados os seguintes dados do IBGE: formas de abastecimento de água por domicílio, destino do lixo por domicílio, existência de banheiros ou sanitários por domicílio, destinação de dejetos e cobertura da rede de esgotamento sanitário.

Abastecimento de Água por Domicílio

A TABELA 5.3.15 e TABELA 5.3.16 apresentam as formas de abastecimento de água nos municípios de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Quanto às formas de abastecimento de água na All de Santa Catarina, observa-se que a forma mais preponderante de abastecimento é a por poço ou nascente, com 56,70%, vindo logo a seguir, o abastecimento da rede geral, com 40,37%. O abastecimento por rede geral ocorre em 5 dos 15 municípios integrantes dessa All, destacando-se; Balneário Arroio da Silva, com 88,84%, Timbé do Sul, com 66,06% e Praia Grande, com 55,46% dos domicílios ligados à rede geral. Os 10 municípios restantes são abastecidos por poço ou nascente, destes destacam-se: Passos das Torres, com 94,56% e São João do Sul, com 85,47% dos domicílios sendo abastecidos desse modo. No caso dos municípios da All catarinense, a taxa de urbanização parece não influenciar na capacidade de cobertura da rede de abastecimento de água. O número elevado de domicílios, cujo abastecimento de água se dava através de poços e nascentes, refletia o predomínio absoluto de domicílios em áreas rurais, como por exemplo: São João do Sul e Ermo, com 85,20% e 71,20%, respectivamente, da população vivendo em áreas rurais. No caso de outros municípios onde o percentual de abastecimento por poço ou nascente foi elevado, mesmo com a maioria dos domicílios localizados em áreas urbanas, verifica-se que os mesmos são municípios de pequeno porte com características fortemente rurais impressas inclusive nas zonas urbanas.

TABELA 5.3.15 - FORMAS DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA POR DOMICÍLIO DOS MUNICÍPIOS DA AII DE SANTA CATARINA (2000)

Municípios	Abastecimento de água da rede geral	Percentual da rede geral em relação ao total	Abastecimento de água de poço ou nascente na propriedade	Percentual do poço/nascente em relação ao total	Outros	Percentual das outras formas em relação ao total	Total dos domicílios pesquisados
Araranguá	8.423	53,06	7.377	46,48	73	0,46	15.873
Balneário Arroio do Silva	1.687	88,84	162	8,53	50	2,63	1.899
Balneário Gaivota	451	27,67	1.106	67,85	73	4,48	1.630
Ermo	133	22,97	437	75,47	9	1,55	579
Jacinto Machado	1.491	49,77	1.383	46,16	122	4,07	2.996
Maracajá	582	37,40	951	61,12	23	1,48	1.556
Meleiro	591	30,34	1.267	65,04	90	4,62	1.948
Morro Grande	252	31,94	465	58,94	72	9,13	789
Passo de Torres	59	4,65	1.199	94,56	10	0,79	1.268
Praia Grande	1.193	55,46	896	41,66	62	2,88	2.151
Santa Rosa do Sul	370	16,63	1.779	79,96	76	3,42	2.225
São João do Sul	223	11,37	1.678	85,57	60	3,06	1.961
Sombrio	626	9,56	5.434	82,96	490	7,48	6.550
Timbé do Sul	983	66,06	409	27,49	96	6,45	1.488
Turvo	1.490	48,98	1.515	49,80	37	1,22	3.042
Total:	18.554	40,37	26.058	56,70	1.343	2,92	45.955
Total de Santa Catarina:	1.117.430	74,56	344.610	22,99	36.702	2,45	1.498.742

FONTE: IBGE – Banco de Dados Agregados – SIDRA, 2000. Acesso em 25 de junho de 2009

Em relação aos municípios do Rio Grande do Sul inseridos na AII, o percentual de domicílios cujo abastecimento de água ocorria através da rede geral é preponderante, 73,06%. Dos quatorze municípios integrantes da AII, sete possuíam menos de 50% de



residências abastecidas, justamente aqueles com menor taxa de urbanização verificada em 2000. Ao observar os dados registrados na tabela abaixo, fica evidente que os moradores de Monte Alegre dos Campos e Muitos Capões, utilizavam como principal fonte de abastecimento de água poços e nascentes da região.

TABELA 5.3.16 - FORMAS DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA POR DOMICÍLIO DOS MUNICÍPIOS DA AII DO RIO GRANDE DO SUL (2000)

Municípios	Abastecimento de água da rede geral	Percentual da rede geral em relação ao total	Abastecimento de água de poço ou nascente na propriedade	Percentual do poço/nascente em relação ao total	Outros	Percentual das outras formas em relação ao total	Total dos domicílios pesquisados
Bom Jesus	2.521	70,58	1.025	28,70	26	0,73	3.572
Cambará do Sul	1.280	64,65	482	24,34	218	11,01	1.980
Campestre da Serra	287	30,60	606	64,61	45	4,80	938
Capão Bonito do Sul	N/A*		N/A*		N/A*		N/A*
Esmeralda	844	49,53	810	47,54	50	2,93	1.704
Ipê	787	50,32	758	48,47	19	1,21	1.564
Jaquirana	781	55,91	592	42,38	24	1,72	1.397
Lagoa Vermelha	7.070	79,33	1.734	19,46	108	1,21	8.912
Monte Alegre dos Campos	99	11,77	721	85,73	21	2,50	841
Muitos Capões	269	30,92	598	68,74	3	0,34	870
Pinhal da Serra	N/A*		N/A*		N/A*		N/A*
São Francisco de Paula	3.621	61,30	2.185	36,99	101	1,71	5.907
São José dos Ausentes	412	46,45	430	48,48	45	5,07	887
Vacaria	15.171	90,36	1.414	8,42	205	1,22	16.790
Total:	33.142	73,06	11.355	25,03	865	1,91	45.362
Total do RS:	2.423.264	79,66	509.413	16,75	109.362	3,60	3.042.039

FONTE: IBGE – Banco de Dados Agregados – SIDRA, 2000. Acesso em 25 de junho de 2009

NOTA: N.A.* Não Avaliado



Coleta e Tratamento do Lixo por Domicílio

A destinação do lixo é de fundamental importância para se avaliar as condições ambientais de uma localidade. Sabe-se que a falta de cuidados com a destinação do lixo causa problemas como contaminação do solo, contaminação das águas subterrâneas, rios e lagos.

Ao analisar o percentual de domicílios atendidos pela coleta pública de lixo é possível avaliar a eficácia deste tipo de serviço nos municípios da All.

A TABELA 5.3.17 mostra os percentuais do destino do lixo por domicílio nos municípios da All de Santa Catarina.

TABELA 5.3.17 – DESTINO DO LIXO POR DOMICILIO DOS MUNICÍPIOS DA AII SANTA CATARINA (2000)

Municípios	Coleta pública	Percentual da coleta pública em relação ao total	Queimado	Percentual do lixo queimado em relação ao total	Enterrado	Percentual do lixo enterrado em relação ao total	Jogado em terreno baldio ou logradouro	Percentual do lixo jogado em terreno baldio em relação ao total	Jogado em rio, lago ou mar	Percentual do lixo jogado nos rios/lagos/mares em relação ao total	Total dos domicílios pesquisados
Araranguá	13.581	85,56	1.993	12,56	184	1,16	85	-	6	0,04	15873
Balneário Arroio do Silva	1.794	94,47	91	4,79	11	0,58	2	0,11	0	-	1899
Balneário Gaivota	1.529	93,80	73	4,48	19	1,17	8	0,49	0	-	1630
Ermo	253	43,70	298	51,47	13	2,25	11	1,90	3	0,52	579
Jacinto Machado	1.627	54,31	1.184	39,52	61	2,04	103	3,44	10	0,33	2996
Maracajá	1.125	72,30	384	24,68	32	2,06	14	0,90	0	-	1556
Meleiro	847	43,48	989	50,77	70	3,59	36	1,85	3	0,15	1948
Morro Grande	197	24,97	553	70,09	25	3,17	11	1,39	3	0,38	789
Passo de Torres	1.085	85,57	151	11,91	16	1,26	11	0,87	3	0,24	1268
Praia Grande	1.397	64,95	582	27,06	72	3,35	80	3,72	5	0,23	2151
Santa Rosa do Sul	1.631	73,30	508	22,83	65	2,92	18	0,81	1	0,04	2225
São João do Sul	826	42,12	946	48,24	115	5,86	59	3,01	0	-	1961

Municípios	Coleta pública	Percentual da coleta pública em relação ao total	Queimado	Percentual do lixo queimado em relação ao total	Enterrado	Percentual do lixo enterrado em relação ao total	Jogado em terreno baldio ou logradouro	Percentual do lixo jogado em terreno baldio em relação ao total	Jogado em rio, lago ou mar	Percentual do lixo jogado nos rios/lagos/mares em relação ao total	Total dos domicílios pesquisados
Sombrio	5.490	83,82	936	14,29	42	0,64	63	0,96	4	0,06	6550
Timbé do Sul	671	45,09	706	47,45	62	4,17	42	2,82	5	0,34	1488
Turvo	1.179	38,76	1.139	37,44	76	2,50	32	1,05	5	0,16	3042
Total:	33.232	72,31	10.533	22,92	863	1,88	575	1,25	48	0,10	45.955
Total de Santa Catarina:	1.244.660	83,05	187.291	12,50	37.478	2,50	19.962	1,33	1.343	0,09	1.498.742

FONTE: IBGE – Banco de Dados Agregados – SIDRA, 2000. Acesso em 25 de junho de 2009

No ano de 2000, observa-se que em 72,31% do total dos municípios da AII do estado de Santa Catarina, a coleta de lixo era realizada pelo poder público. Dentre os quinze municípios integrantes da AII de Santa Catarina, em nove prepondera a coleta pública do lixo, os município que mais utilizavam a coleta pública eram: Balneário Arroio da Silva, com 94,47%, Balneário Gaivota, com 93,80% e Araranguá com 85,56%. Apenas 26,15% da população utilizavam outros tipos de destinação final do lixo, tais como: queimar, enterrar, jogar em terrenos baldios, dentre outros. O município da AII do estado de Santa Catarina que menos utilizava da coleta publica era Morro Grande, com 24,97% dos domicílios pesquisados. Nesse mesmo município a principal forma de destino do lixo é a queima, com 70,09%.

A TABELA 5.3.18 mostra os percentuais dos destinos do lixo por domicilio da AII do Rio Grande do Sul.

TABELA 5.3.18 – DESTINO DO LIXO POR DOMICILIO DA AII DO RIO GRANDE DO SUL (2000)

Municípios	Coleta pública	Percentual da coleta pública em relação ao total	Queimado	Percentual do lixo queimado em relação ao total	Enterrado	Percentual do lixo enterrado em relação ao total	Jogado em terreno baldio ou logradouro	Percentual do lixo jogado em terreno baldio em relação ao total	Jogado em rio, lago ou mar	Percentual do lixo jogado nos rios/lagos/mares em relação ao total	Total dos domicílios pesquisados
Bom Jesus	2.589	72,48	660	18,48	173	4,84	43	1,20	4	0,11	3.572
Cambará do Sul	1.652	83,43	235	11,87	33	1,67	43	2,17	0	-	1.980
Campestre da Serra	399	42,54	407	43,39	47	5,01	58	6,18	0	-	938
Capão Bonito do Sul	N/A*		N/A*		N/A*		N/A*		N/A*		
Esmeralda	820	48,12	545	31,98	164	9,62	114	6,69	2	0,12	1.704
Ipê	896	57,29	424	27,11	85	5,43	94	6,01	2	0,13	1.564
Jaquirana	286	20,47	412	29,49	74	5,30	100	7,16	9	0,64	1.397
Lagoa Vermelha	6.659	74,72	1.645	18,46	314	3,52	193	2,17	49	0,55	8.912
Monte Alegre dos Campos	41	4,88	608	72,29	100	11,89	70	8,32	4	0,48	841
Muitos Capões	118	13,56	498	57,24	160	18,39	56	6,44	0	-	870
Pinhal da Serra	N/A*		N/A*		N/A*		N/A*		N/A*	#VALUE!	
São Francisco de Paula	4.039	68,38	1.403	23,75	250	4,23	101	1,71	1	0,02	5.907
São José dos Ausentes	503	56,71	174	19,62	97	10,94	95	10,71	7	0,79	887
Vacaria	15.597	92,89	564	3,36	390	2,32	119	0,71	5	0,03	16.790
Total:	33.599	74,07	7.575	16,70	1.887	4,16	1.086	2,39	83	0,18	45.362
Total do RS:	2.558.120	84,09	322.374	10,60	84.374	2,77	49.001	1,61	3.180	0,10	3.042.039

FONTE: IBGE – Banco de Dados Agregados – SIDRA, 2000. Acesso em 25 de junho de 2009

NOTA: N/A* – Não avaliado

Da mesma forma, entre os municípios do Rio Grande do Sul inseridos na All, prepondera a coleta pública do lixo, com 74,07%. Dentre esses destacam-se: Vacaria, com 92,89%, Cambará do Sul, com 83,43% e Lagoa Vermelha, com 74,72% de coleta pública do lixo. Em Monte Alegre dos Campos e Muitos Capões a forma principal do destino do lixo é a queima, com 72,29% e 57,24%. Nota-se que tanto no caso de Santa Catarina, quanto no Rio Grande do Sul os municípios menos urbanizados foram os que apresentaram menor cobertura deste tipo de serviço. Ocorre que no desenvolvimento desse tipo de política pública as áreas rurais são as últimas a serem atendidas.

Existência de Banheiros ou Sanitários Por Domicílios

A TABELA 5.3.19 abaixo mostra os percentuais da existência de banheiros por domicílio pesquisados da All de Santa Catarina.

TABELA 5.3.19 - EXISTÊNCIA DE BANHEIROS OU SANITÁRIOS POR DOMICÍLIOS DOS MUNICÍPIOS DA ALL DE SANTA CATARINA (2000)

Municípios	Possuem banheiros	Porcentagem dos que possuem banheiro em relação ao total	Não possuem banheiros	Porcentagem dos que não possuem banheiro em relação ao total	Total dos domicílios pesquisados
Araranguá	15.157	95,49	716	4,51	15.873
Balneário Arroio do Silva	1.832	96,47	67	3,53	1.899
Balneário Gaivota	1.555	95,40	75	4,60	1.630
Ermo	505	87,22	74	12,78	579
Jacinto Machado	2.506	83,64	490	16,36	2.996
Maracajá	1.497	96,21	59	3,79	1.556
Meleiro	1.817	93,28	131	6,72	1.948
Morro Grande	731	92,65	58	7,35	789
Passo de Torres	1.182	93,22	86	6,78	1.268
Praia Grande	1.904	88,52	247	11,48	2.151
Santa Rosa do Sul	2.072	93,12	153	6,88	2.225
São João do Sul	1.772	90,36	189	9,64	1.961
Sombrio	6.271	95,74	279	4,26	6.550

Municípios	Possuem banheiros	Porcentagem dos que possuem banheiro em relação ao total	Não possuem banheiros	Porcentagem dos que não possuem banheiro em relação ao total	Total dos domicílios pesquisados
Timbé do Sul	1.321	88,78	167	11,22	1.488
Turvo	2.846	93,56	196	6,44	3.042
Total:	43.684	95,06	2.271	4,94	45.955
Total de Santa Catarina:	1.397.872	93,27	100.870	6,73	1.498.742

FONTE: IBGE – Banco de Dados Agregados – SIDRA, 2000. Acesso em 25 de junho de 2009

Em 2000, 95,06% dos municípios integrantes da AII catarinense, possuíam banheiros, destacando-se: Balneário Arroio da Silva e Maracajá, com 96,47% e 96,21%, respectivamente. Os municípios com menor percentual de banheiros existentes nos domicílios foram: Jacinto Machado e Ermo, com 83,64% e 87,22%, respectivamente.

No total, 95,06% dos domicílios pesquisados possuíam banheiro em casa, superior a média estadual equivalente a 93,27%.

A TABELA 5.3.20 mostra os percentuais da existência de banheiros em domicílios dos municípios inseridos na AII do Rio Grande do Sul.

TABELA 5.3.20 – EXISTÊNCIA DE BANHEIROS OU SANITÁRIOS POR DOMICÍLIOS DOS MUNICÍPIOS DA AII DO RIO GRANDE DO SUL (2000)

Municípios	Possuem banheiros	Porcentagem dos que possuem banheiro em relação ao total	Não possuem banheiros	Porcentagem dos que não possuem banheiro em relação ao total	Total dos domicílios pesquisados
Bom Jesus	2.988	83,65	584	16,35	3.572
Cambará do Sul	1.690	85,35	290	14,65	1.980
Campestre da Serra	849	90,51	89	9,49	938
Capão Bonito do Sul	N/A*	N/A*	N/A*	N/A*	
Esmeralda	1.215	71,30	489	28,70	1.704
Ipê	1.467	93,80	97	6,20	1.564
Jaquirana	927	66,36	470	33,64	1.397

Municípios	Possuem banheiros	Porcentagem dos que possuem banheiro em relação ao total	Não possuem banheiros	Porcentagem dos que não possuem banheiro em relação ao total	Total dos domicílios pesquisados
Lagoa Vermelha	7.830	87,86	1.082	12,14	8.912
Monte Alegre dos Campos	474	56,36	367	43,64	841
Muitos Capões	663	76,21	207	23,79	870
Pinhal da Serra	N/A*	N/A*	N/A*	N/A*	
São Francisco de Paula	4.887	82,73	1.020	17,27	5.907
São José dos Ausentes	696	78,47	191	21,53	887
Vacaria	15.312	91,20	1.478	8,80	16.790
Total:	38.998	85,97	6.364	14,03	45.362
Total do RS:	2.981.899	98,02	60.140	1,98	3.042.039

FONTE: IBGE - Banco de Dados Agregados – SIDRA, 2000. Acesso em 25 de junho de 2009

NOTA: *N/A – não avaliado

Em 2000, na All do Rio Grande do Sul, 85,97% dos municípios possuíam banheiros, os municípios com maiores percentuais de domicílios com banheiro foram: Ipê (93,80%) e Vacaria (91,20%) Os municípios que apresentaram menor percentual de domicílios com banheiros foram: Monte Alegre dos Campos (56,36%) e Jaquirana (66,36%)

Quando se compara com o total do Rio Grande do Sul que em 98,02% dos domicílios possuíam banheiro, os inseridos na All que possuíam banheiro em casa eram de 85,97%, ou seja, estes são 12,05% menores.

Coleta e Tratamento dos Dejetos Por Domicílio

Foi ainda analisado o destino dos desejos por domicilio dos municípios integrantes da All.

A TABELA 5.3.21 mostra os percentuais do destino dos dejetos por domicílio referentes aos municípios inseridos na All de Santa Catarina.

TABELA 5.3.21 – DESTINO DOS DEJETOS / ESGOTOS POR DOMICÍLIO DA AII DE SANTA CATARINA (2000)

Municípios	Rede geral	Porcentagem da rede geral em relação ao total	Fossa séptica	Porcentagem da fossa séptica em relação ao total	Fossa rudimentar	Porcentagem da fossa rudimentar em relação ao total	Lançamento em rios, lagos e mares	Porcentagem do lançamento em rios/lagos/mar es em relação ao total	Outros	Porcentagem das outras formas geral em relação ao total	Total dos domicílios pesquisados
Araranguá	2.084	13,13	11.591	73,02	1.627	10,25	105	0,66	54	-	15873
Balneário Arroio do Silva	29	1,53	1.773	93,36	61	3,21	0	-	0	-	1899
Balneário Gaivota	3	0,18	1.410	86,50	167	10,25	0	-	4	0,25	1630
Ermo	15	2,59	445	76,86	32	5,53	16	2,76	3	0,52	579
Jacinto Machado	9	0,30	2.233	74,53	473	15,79	29	0,97	7	0,23	2996
Maracajá	290	18,64	1.092	70,18	20	1,29	12	0,77	8	0,51	1556
Meleiro	74	3,80	1.643	84,34	89	4,57	11	0,56	14	-	1948
Morro Grande	34	4,31	637	80,74	67	8,49	15	1,90	4	0,51	789
Passo de Torres	1	-	1.197	94,40	23	1,81	3	0,24	0	-	1268
Praia Grande	19	0,88	1.567	72,85	327	15,20	10	0,46	67	3,11	2151
Santa Rosa do Sul	3	0,13	2.021	90,83	114	5,12	3	0,13	2	0,09	2225
São João do Sul	29	1,48	1.208	61,60	651	33,20	9	0,46	3	0,15	1961
Sombrio	503	7,68	4.485	68,47	1.238	18,90	35	0,53	17	0,26	6550
Timbé do Sul	30	2,02	846	56,85	373	25,07	11	0,74	14	0,94	1488
Turvo	421	13,84	2.295	75,44	190	6,25	27	0,89	8	0,26	3042



Municípios	Rede geral	Porcentagem da rede geral em relação ao total	Fossa séptica	Porcentagem da fossa séptica em relação ao total	Fossa rudimentar	Porcentagem da fossa rudimentar em relação ao total	Lançamento em rios, lagos e mares	Porcentagem do lançamento em rios/lagos/mar es em relação ao total	Outros	Porcentagem das outras formas geral em relação ao total	Total dos domicílios pesquisados
Total:	3.544	7,71	34.443	74,95	5.452	11,86	286	0,62	205	0,45	45.955
Total de Santa Catarina:	292.268	19,50	809.764	54,03	267.908	17,88	32.494	2,17	10.118	0,68	1.498.742

FONTE: IBGE - Banco de Dados Agregados – SIDRA, 2000. Acesso em 25 de junho de 2009

Em 2000, 74,95% dos municípios da All despejavam seus dejetos/ esgoto em fossa séptica. Desses, Passo de Torres e Balneário Arroio da Silva, possuíam os maiores percentuais, 94,40% e 93,36%, respectivamente, dos municípios ligados a fossa séptica. Em relação às ligações com a rede geral, somente 7,71% possuíam esse tipo de despejo. Desses, destacam-se com os maiores percentuais Maracajá e Araranguá, onde ocorreram o maior número de ligações a rede geral, ou seja, 18,64% e 13,13%, respectivamente. Outros 11,86% dos domicílios utilizavam a fossa rudimentar, 0,62% lançavam os dejetos diretamente em lagos e rios; outros e 0,45% utilizavam outras formas.

Na TABELA 5.3.22, é possível observar os percentuais da All do Rio Grande do Sul.

TABELA 5.3.22 – DESTINO DOS DEJETOS / ESGOTOS POR DOMICÍLIO DA AII DO RIO GRANDE DO SUL (2000)

Municípios	Rede geral	Porcentagem da rede geral em relação ao total	Fossa séptica	Porcentagem da fossa séptica em relação ao total	Fossa rudimentar	Porcentagem da fossa rudimentar em relação ao total	Lançamento em rios, lagos e mares	Porcentagem do lançamento em rios/lagos/mares em relação ao total	Outros	Porcentagem das outras formas geral em relação ao total	Total dos domicílios pesquisados
Bom Jesus	1.841	51,54	357	9,99	693	19,40	124	3,47	19	0,53	3.572
Cambará do Sul	381	19,24	910	45,96	218	11,01	5	0,25	39	1,97	1.980
Campestre da Serra	148	15,78	106	11,30	258	27,51	68	7,25	46	4,90	938
Capão Bonito do Sul	N/A*		N/A*		N/A*		N/A*		N/A*		
Esmeralda	16	0,94	199	11,68	1.198	70,31	0	-	2	0,12	1.704
Ipê	11	0,70	720	46,04	448	28,64	110	7,03	28	1,79	1.564
Jaquirana	315	22,55	425	30,42	275	19,69	8	0,57	8	0,57	1.397
Lagoa Vermelha	5.792	64,99	229	2,57	2.007	22,52	66	0,74	67	0,75	8.912
Monte Alegre dos Campos	0	-	2	0,24	373	44,35	3	0,36	18	2,14	841
Muitos Capões	2	0,23	2	0,23	638	73,33	10	1,15	3	0,34	870
Pinhal da Serra	N/A*		N/A*		N/A*		N/A*		N/A*		
São Francisco de Paula	94	1,59	3.421	57,91	1.357	22,97	77	1,30	98	1,66	5.907
São José dos Ausentes	74	8,34	164	18,49	347	39,12	14	1,58	7	0,79	887
Vacaria	12.372	73,69	2.039	12,14	1.412	8,41	305	1,82	52	0,31	16.790



Municípios	Rede geral	Porcentagem da rede geral em relação ao total	Fossa séptica	Porcentagem da fossa séptica em relação ao total	Fossa rudimentar	Porcentagem da fossa rudimentar em relação ao total	Lançamento em rios, lagos e mares	Porcentagem do lançamento em rios/lagos/mars em relação ao total	Outros	Porcentagem das outras formas geral em relação ao total	Total dos domicílios pesquisados
Total:	21.046	46,40	8.574	18,90	9.224	20,33	790	1,74	387	0,85	45.362
Total do RS:	834.294	27,43	1.245.931	40,96	723	0,02	816	0,03	24.962	0,82	3.042.039

FONTE: IBGE - Banco de Dados Agregados – SIDRA, 2000. Acesso em 22 de agosto de 2009

NOTA: N/A* Não Avaliado

Em 2000, a cobertura da rede de esgoto da All do estado do Rio Grande do Sul, apenas 46,40% dos domicílios estavam ligados à rede geral e 18,90% utilizava a fossa séptica. No caso de despejo de dejetos/esgotos a rede geral, destacam-se: Vacaria, que possuía a maior cobertura 73,69% dos domicílios, seguido por Lagoa Vermelha, com 64,99% de cobertura. Quanto ao despejo em fossa séptica, o município de maior percentual é São Francisco de Paula, com 57,91%. Em relação ao uso de fossa rudimentar, essas ocorrem em: Esmeralda (70,31%) e Muitos Capões (73,33%).

e) Frota de Veículos

A TABELA 5.3.23 à TABELA 5.3.28 e a FIGURA 5.3.6 à FIGURA 5.3.9 a seguir mostram a frota de veículos existentes nos municípios da All. Através das tabelas, observa-se que a frota da All, corresponde a 2,94% da frota total do estado de Santa Catarina, onde os automóveis representam 50,72%. Com relação a frota de veículos existentes na All do estado do Rio Grande do Sul, ela corresponde a 1,29% da frota total deste estado, onde os automóveis representam 60,97%.

TABELA 5.3.23 - FROTA DE VEÍCULOS EXISTENTES NA AII DO ESTADO DE SANTA CATARINA (2008)

Município	Automóvel	Caminhões e Caminhões-tratores	Caminhonete e Camioneta	Motocicleta e Motoneta	Reboques e semi-reboques	Ônibus e Microônibus	Tratores	Outros	Total
Araranguá	17.041	1595	2097	9600	1059	197	6	112	31.707
Balneário Arroio do Silva	1.321	81	175	659	50	28	2	7	2.323
Balneário Gaivota	1504	189	155	805	262	17	0	8	2.940
Ermo	487	60	71	471	10	7	8	0	1.114
Jacinto Machado	2301	419	362	1914	135	33	0	9	5.173
Maracajá	1.546	293	173	1031	260	8	0	8	3.319
Meleiro	1728	243	284	1151	79	18	0	14	3.517
Morro Grande	543	91	64	521	10	7	0	1	1.237
Passo de Torres	1312	107	202	540	54	20	0	22	2.257
Praia Grande	1517	182	233	1660	36	27	2	6	3.663
Santa Rosa do Sul	1642	340	214	1085	137	22	0	4	3.444
São João do Sul	1.265	193	174	1294	57	13	0	4	3.000
Sombrio	6803	898	800	3444	563	82	0	29	12.619
Timbé do Sul	978	146	160	920	16	17	1	3	2.241
Turvo	3241	475	604	2023	278	36	0	28	6.685
Total da AII	43.229	5.312	5.768	27.118	3.006	532	19	255	85.239
Total do Estado de SC	1.689.780	142.693	241.852	715.012	77.989	21.595	1.767	13.321	2.904.009

FONTE: DENATRAN/SC – 2008

TABELA 5.3.24 - FROTA DE VEÍCULOS TOTAL EXISTENTES NA AII DO ESTADO DE SANTA CATARINA (2008)

Frota de veículos	Total	Percentual em relação ao total do estado
Área de Influência Indireta	85.239	2,94
Santa Catarina	2.904.009	100

FONTE: TABELA 5.3.23

TABELA 5.3.25 - COMPARAÇÃO ENTRE FROTA DE VEÍCULOS TOTAL EXISTENTES NA AII DO ESTADO DE SANTA CATARINA POR CLASSE (2008)

Frota de veículos	Percentual em relação ao total da AII	Percentual em relação ao total do estado, por classe de veículo
Automóvel	50,72	2,56
Caminhões e Cam. Tratores	6,23	3,72
Caminhonete e Camioneta	6,77	2,38
Motocicleta e Motoneta	31,81	3,79
Reboques e Semi-Reboques	3,53	3,85
Ônibus e Microônibus	0,62	2,46
Tratores	0,02	1,08
Outros	0,30	1,91

FONTE: TABELA 5.3.23

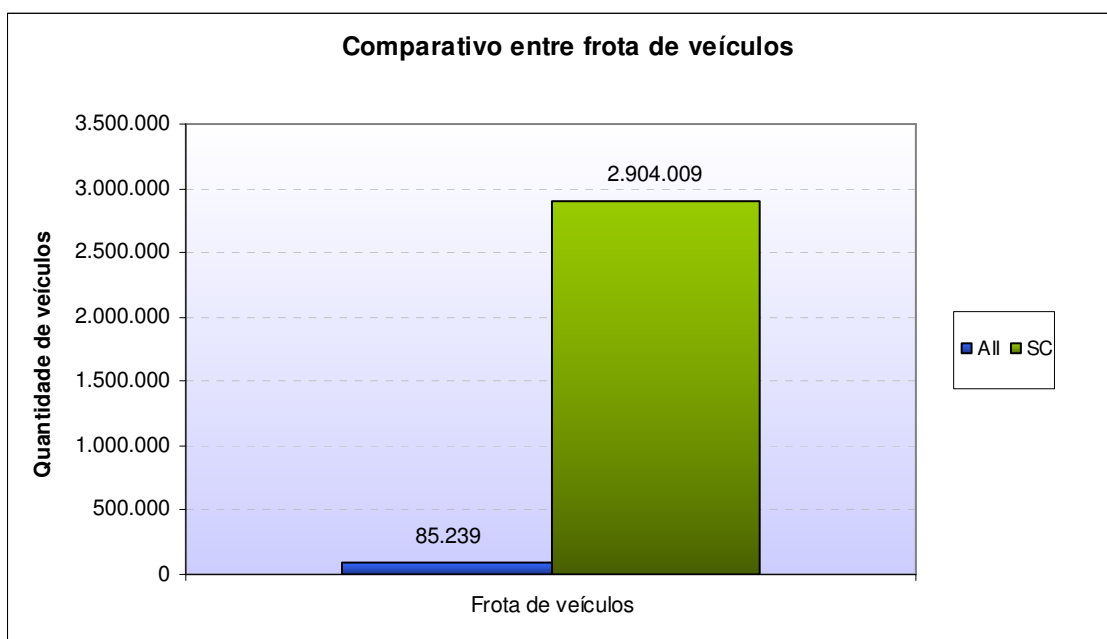


FIGURA 5.3.6 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO DA FROTA TOTAL DE VEÍCULOS ENTRE O ESTADO DE SANTA CATARINA EM RELAÇÃO A AII E POR CLASSE DE VEÍCULOS (2008)

FONTE: TABELA 5.3.24

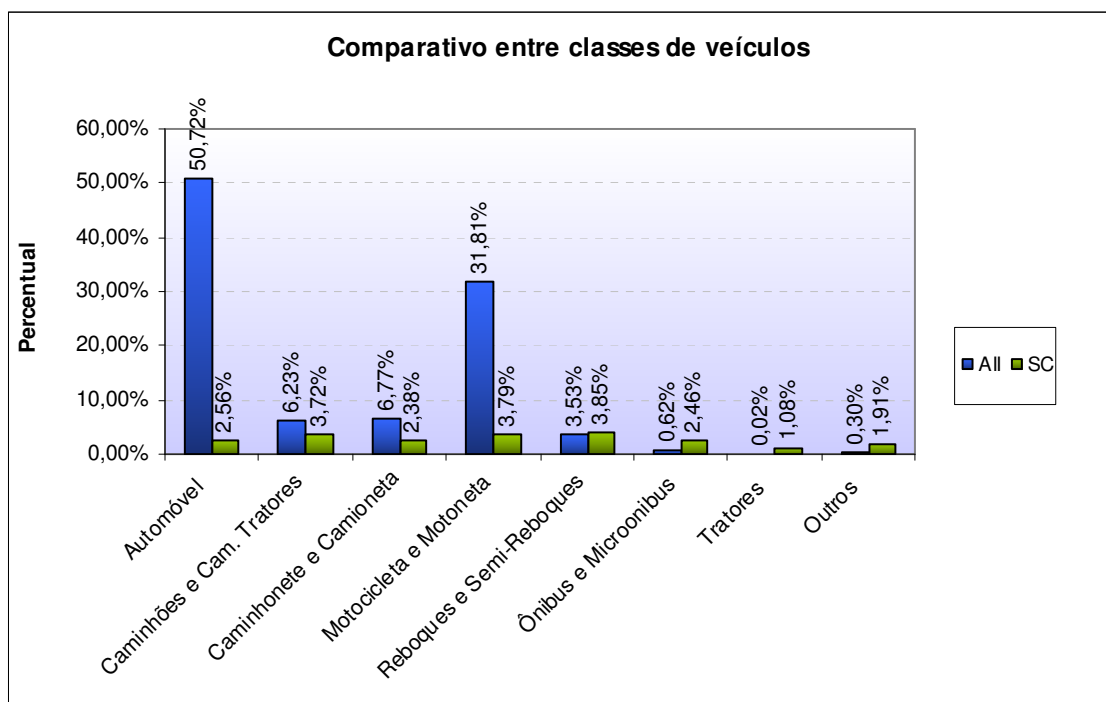


FIGURA 5.3.7 – GRÁFICO DA COMPARAÇÃO DA FROTA TOTAL DE VEÍCULOS ENTRE CLASSES DE VEÍCULOS DA AII E DO ESTADO DE SANTA CATARINA (2008)
 FONTE: TABELA 5.3.25

TABELA 5.3.26 - FROTA DE VEÍCULOS EXISTENTES NA AII DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (2008)

Município	Automóvel	Caminhões e Caminhões-tratores	Caminhonete e Camioneta	Motocicleta e Motoneta	Reboques e semi-reboques	Ônibus e Microônibus	Tratores	Outros	Total
Bom Jesus	1.867	331	570	230	38	52	-	6	3.094
Cambará do Sul	1.043	241	234	284	41	37	-	4	1.884
Campestre da Serra	574	117	159	219	120	11	-	-	1.200
Capão Bonito do Sul	204	17	77	38	2	5	-	-	343
Esmeralda	662	78	161	63	11	13	-	2	990
Ipê	1.375	242	339	246	38	37	2	6	2.285
Jaquirana	585	93	165	130	7	14	-	-	994
Lagoa Vermelha	6.760	958	1.374	622	210	92	1	26	10.043
Monte Alegre dos Campos	284	156	102	57	3	28	-	-	630
Muitões Capões	347	92	141	53	15	5	-	1	654
Pinhal da Serra	291	74	59	38	5	13	-	1	481
São Francisco de Paula	4.137	773	733	464	211	73	3	19	6.413
São José dos Ausentes	315	90	149	81	3	17	-	-	655
Vacaria	14.044	2.778	3.036	2.100	1.155	431	8	68	23.620
Total da AII	32.488	6.040	7.299	4.625	1.859	828	14	133	53.286
Total do Estado do RS	2.559.453	813.776	365.728	201.533	138.889	40.419	3.858	14.894	4.138.550

FONTE: Denatran/RS (2008)

TABELA 5.3.27 - FROTA DE VEÍCULOS TOTAL EXISTENTES NA AII DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (2008)

Frota de veículos	Total	Percentual em relação ao total do estado
Área de Influência Indireta	53.286	1,29
Rio Grande do Sul	4.138.550	100

FONTE: TABELA 5.3.26

TABELA 5.3.28 - COMPARAÇÃO ENTRE FROTA DE VEÍCULOS TOTAL EXISTENTES NA AII DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL E POR CLASSE (2008)

Frota de veículos	Percentual em relação ao total da AII	Percentual em relação ao total do estado, por classe de veículo
Automóvel	60,97	1,27
Caminhões e Cam. Tratores	11,34	0,74
Caminhonete e Camioneta	13,70	2,00
Motocicleta e Motoneta	8,68	2,29
Reboques e Semi-Reboques	3,49	1,34
Ônibus e Microônibus	1,55	2,05
Tratores	0,03	0,36
Outros	0,25	0,89

FONTE: TABELA 5.3.26

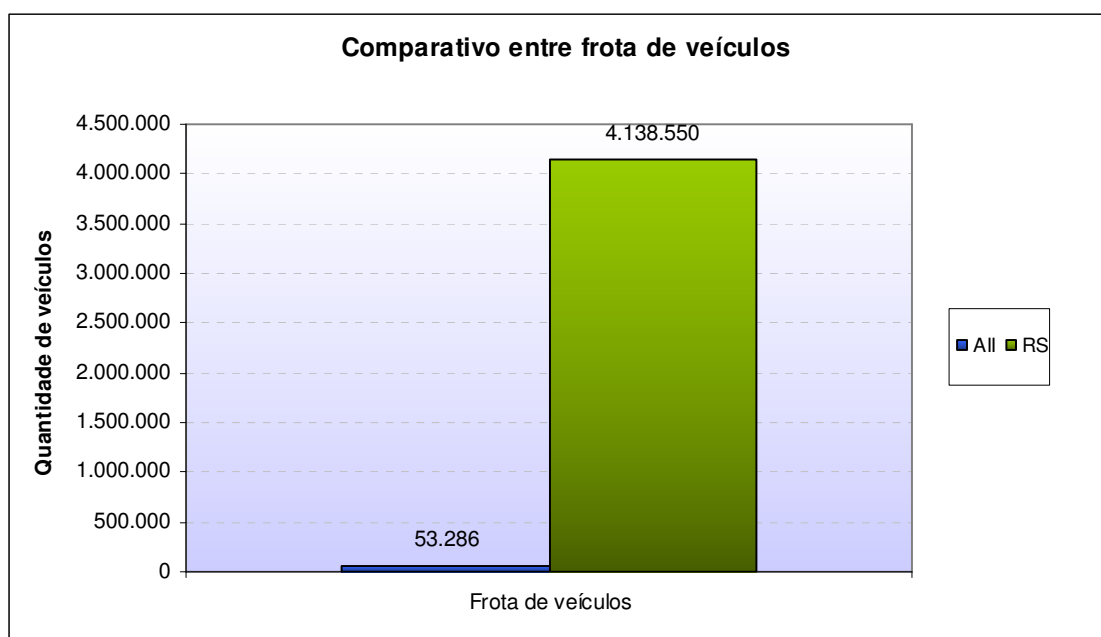


FIGURA 5.3.8 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO DA FROTA TOTAL DE VEÍCULOS ENTRE O ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL EM RELAÇÃO A AII E POR CLASSE DE VEÍCULOS (2008) FONTE: TABELA 5.3.27

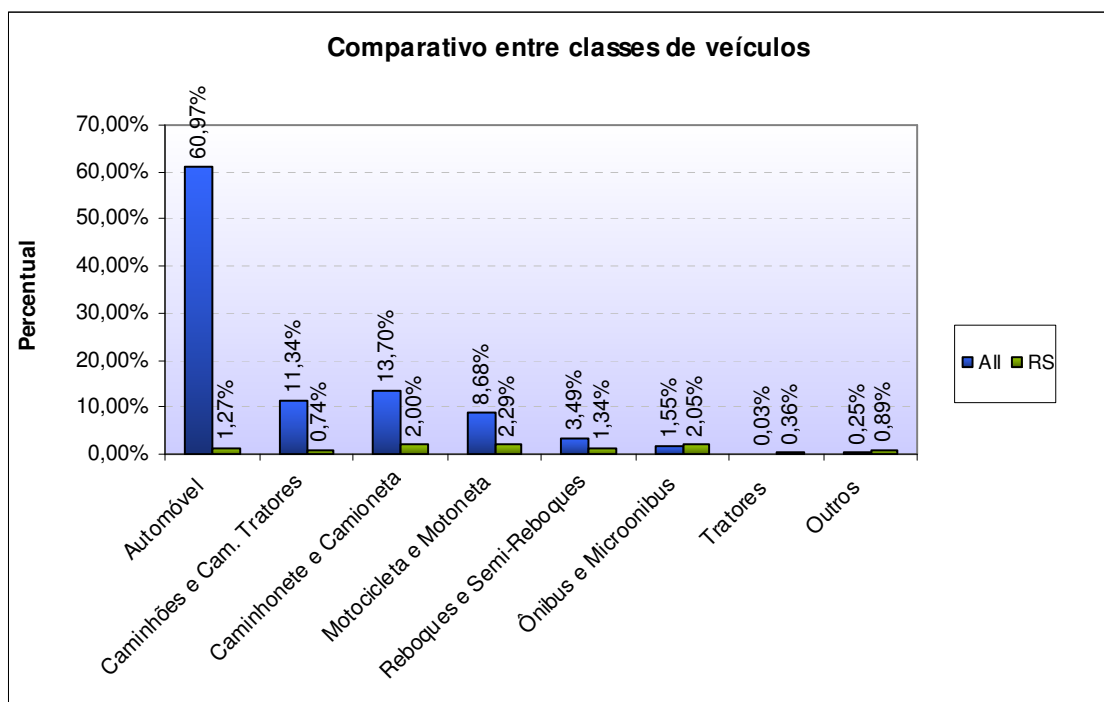


FIGURA 5.3.9 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO DA FROTA TOTAL DE VEÍCULOS ENTRE CLASSES DE VEÍCULOS DA AII E DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (2008)
FONTE: TABELA 5.3.28

f) Energia Elétrica

A TABELA 5.3.29 à TABELA 5.3.34 e a FIGURA 5.3.10 à FIGURA 5.3.13 a seguir mostram o número de consumidores de energia elétrica existentes na All dos estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul.

De acordo com as tabelas, observa-se que o percentual de consumidores dos municípios da All corresponde a 2,43% em relação ao total do estado de Santa Catarina. O tipo de consumo mais representativo na All desse estado é o residencial, com 77,37%. Já o maior percentual em relação ao total da All no estado do Rio Grande do Sul, está representado pelo tipo de consumo residencial, com 73,66%. Essa All representa em relação ao estado 1,46%.

TABELA 5.3.29 - NÚMERO DE CONSUMIDORES DE ENERGIA ELÉTRICA EXISTENTES NA AII DO ESTADO DE SANTA CATARINA (2008)

Município	Residencial	Industrial	Comercial	Rural	Setor Público	Outros	Total
Araranguá	17.583	769	2.249	2.386	193	3	23.183
Balneário Arroio do Silva	8.697	190	267	13	28	0	9.195
Balneário Gaivota	5.095	179	218	452	26	1	5.971
Ermo	0	0	0	0	0	0	0
Jacinto Machado	18	3	4	76	0	0	101
Maracajá	1.440	69	153	450	23	1	2.136
Meleiro	5	2	1	70	0	0	78
Morro Grande	-	-	-	-	0	-	0
Passo de Torres	8	4	4	87	2	0	105
Praia Grande	-	-	-	-	0	-	0
Santa Rosa do Sul	1.470	84	222	1.228	47	0	3.051
São João do Sul	0	0	0	1	0	0	1
Sombrio	7.172	407	939	1.216	62	3	9.799
Timbé do Sul	-	-	-	-	0	-	0
Turvo	0	0	0	1	1	1	3
Total da AII	41.488	1.707	4.057	5.980	382	9	53.623
Total do Estado de SC	1.710.254	69.957	175.056	222.026	20195	385	2.197.873

FONTE: CELESC/DPCM/DVME – 2008

TABELA 5.3.30 - NÚMERO DE CONSUMIDORES DE ENERGIA ELÉTRICA TOTAL EXISTENTES NA AII DO ESTADO DE SANTA CATARINA (2008)

Número de consumidores	Total	Percentual em relação ao total do estado
Área de Influência Indireta	53.623	2,44
Rio Grande do Sul	2.197.873	100

FONTE: TABELA 5.3.29

TABELA 5.3.31 - COMPARAÇÃO ENTRE OS CONSUMIDORES DE ENERGIA ELÉTRICA TOTAL EXISTENTES NA AII DO ESTADO DE SANTA CATARINA POR CLASSE DE CONSUMO (2008)

Número de consumidores	Percentual em relação ao total da AII	Percentual em relação ao total do estado, por classe de consumo
Residencial	77,37	2,43
Industrial	3,18	2,44
Comercial	7,57	2,32
Rural	11,15	2,69
Setor Público	0,71	1,89
Outros	0,02	2,34

FONTE: TABELA 5.3.29

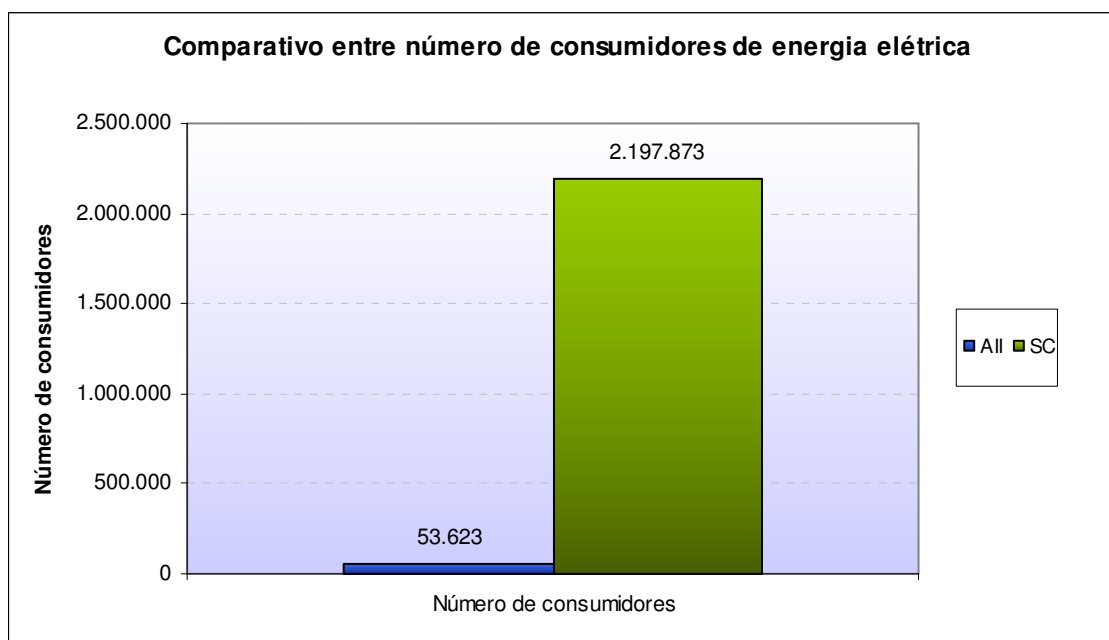


FIGURA 5.3.10 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO DO CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA TOTAL DAS AII E NO ESTADO DE SANTA CATARINA (2008)

FONTE: TABELA 5.3.30

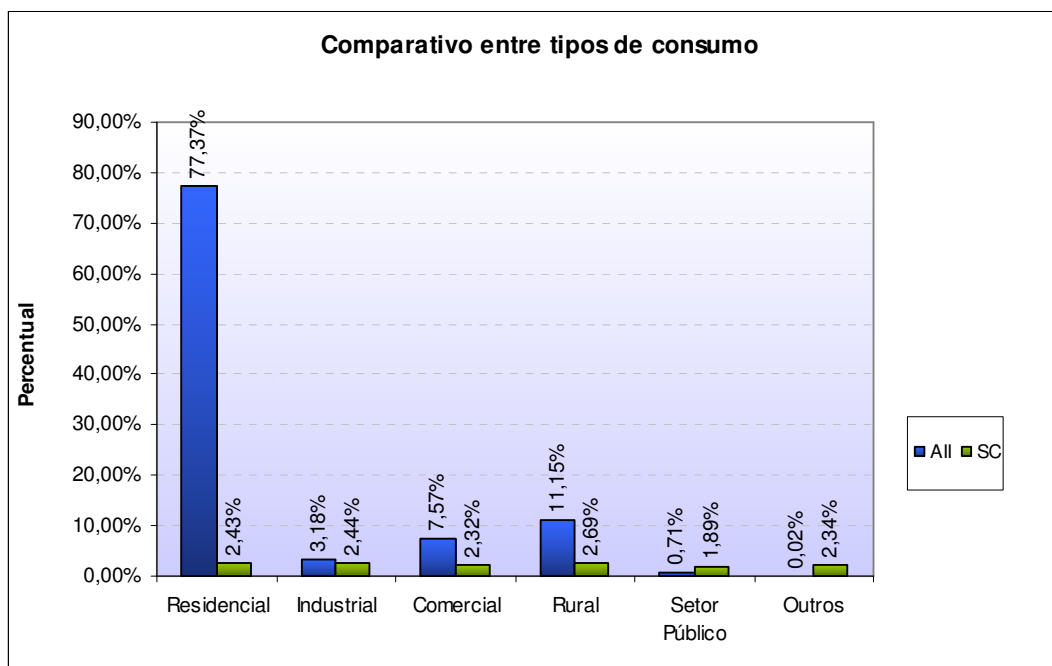


FIGURA 5.3.11 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO ENTRE OS CONSUMIDORES DE ENERGIA ELÉTRICA TOTAL EXISTENTES NA AII DO ESTADO DE SANTA CATARINA POR CLASSE DE CONSUMO. (2008)
FONTE: TABELA 5.3.31

TABELA 5.3.32 - NÚMERO DE CONSUMIDORES DE ENERGIA ELÉTRICA EXISTENTES NA AII DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (2008)

Município	Residencial	Industrial	Comercial	Rural	Setor Público	Outros	Total
Bom Jesus	3.234	32	269	756	59	1	4.351
Cambará do Sul	2.113	23	188	209	65	-	2.598
Campestre da Serra	602	10	87	675	32	-	1.406
Capão Bonito do Sul	242	3	32	434	25	-	736
Esmeralda	920	13	89	335	43	1	1.401
Ipê	1.181	56	160	1.193	41	-	2.631
Jaquirana	1.111	30	67	407	32	2	1.649
Lagoa Vermelha	8.334	168	957	1.234	108	2	10.803
Monte Alegre dos Campos	409	3	32	677	31	-	1.152
Muitões Capões	446	6	37	530	31	1	1.051
Pinhal da Serra	422	4	45	458	38	-	967
São Francisco de Paula	6.316	91	559	1.560	119	2	8.647
São José dos Ausentes	743	8	58	361	37	-	1.207
Vacaria	18.263	234	1.888	1.050	152	2	21.589
Total da AII	44.336	681	4.468	9.879	813	11	60.188
Total do Estado do RS	3.042.358	41.385	297.996	321.952	20.053	7.928	3.731.672

FONTE: FEE/FEEDADOS (2008)

TABELA 5.3.33 - NÚMERO DE CONSUMIDORES DE ENERGIA ELÉTRICA TOTAL EXISTENTES NA AII DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (2008)

Número de consumidores	Total	Percentual em relação ao total do estado
Área de Influência Indireta	60.188	1,61
Rio Grande do Sul	3.731.672	100

FONTE: TABELA 5.3.32

TABELA 5.3.34 - COMPARAÇÃO ENTRE OS CONSUMIDORES DE ENERGIA ELÉTRICA TOTAL EXISTENTES NA AII DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL POR CLASSE DE CONSUMO (2008)

Tipos de Consumo	Percentual em relação ao total da AII	Percentual em relação ao total do estado, por classe de consumo
Residencial	73,66	1,46
Industrial	1,13	1,65
Comercial	7,42	1,50
Rural	16,41	3,07
Setor Público	1,35	4,05
Outros	0,02	0,14

FONTE: TABELA 5.3.32

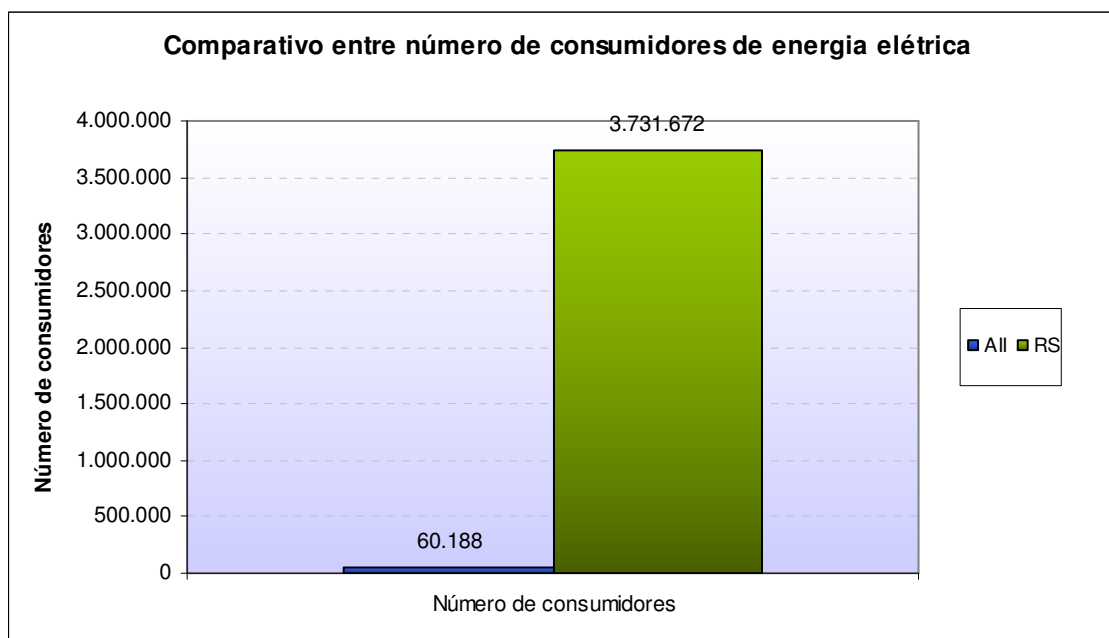


FIGURA 5.3.12 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO DO CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA TOTAL DAS AII E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (2008)

FONTE: TABELA 5.3.33

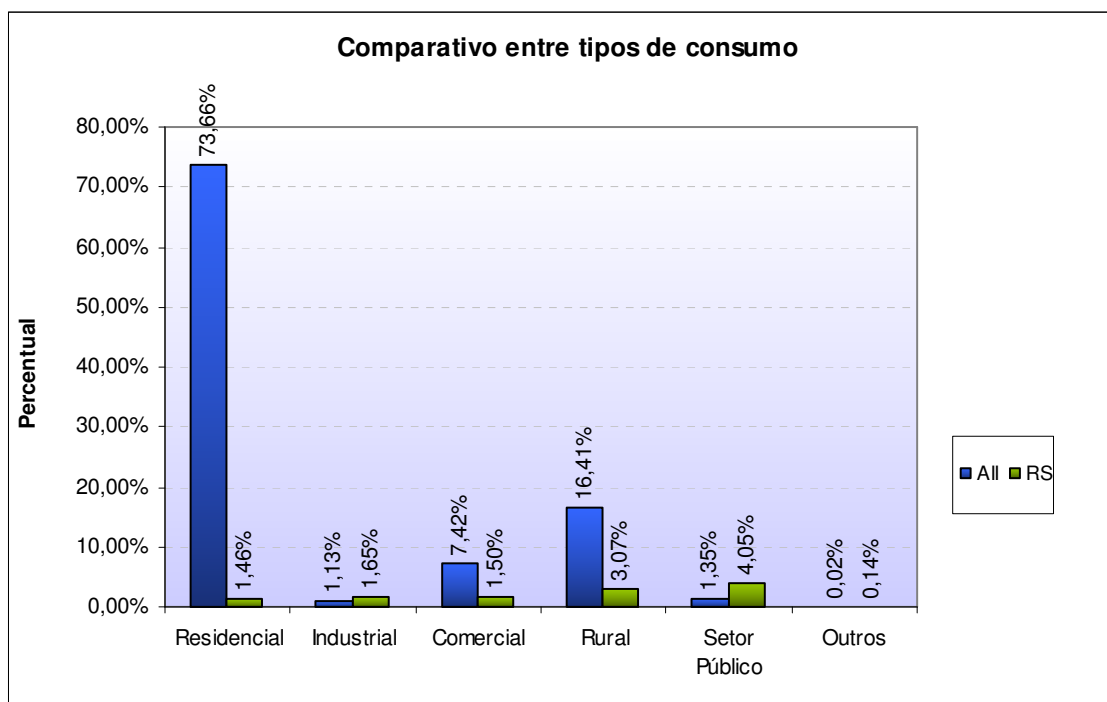


FIGURA 5.3.13 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO ENTRE OS CONSUMIDORES DE ENERGIA ELÉTRICA TOTAL EXISTENTES NA AII DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL POR CLASSE DE CONSUMO (2008)

FONTE: TABELA 5.3.34

5.3.2.2 Caracterização Populacional da Área de Influência Direta

a) Aspectos Demográficos

Segundo o IBGE, em 2007, Timbé do Sul possuía 5.133 habitantes distribuídos em uma área equivalente a 333 km² e a densidade demográfica do município era de 0,349 hab/ km². No mesmo período São José dos Ausentes possuía 3.180 habitantes em uma área de 1.177 km² e densidade demográfica de 0,418 hab/ km². Em termos percentuais, Timbé do Sul contribui com 61,75% da população da AID. (TABELA 5.3.35 e FIGURA 5.3.14)

TABELA 5.3.35 – POPULAÇÃO TOTAL, % DA POPULAÇÃO EM RELAÇÃO AO ESTADO E DENSIDADE DEMOGRÁFICA (2007)

Municípios	População	Percentual da população em relação ao total do seu estado	Area (Km ²)	Percentual da área em relação ao total do seu estado	Densidade demográfica (Hab/Km ²)
Timbé do Sul	5.133	0,088	333	0,349	15,41
São José dos Ausentes	3.180	0,030	1.177	0,418	2,70
Total AID:	8.313		1.510		
Total de Santa Catarina:	5.866.252		95.346		
Total do RS:	10.582.840		281.749		

FONTE: IBGE – Cidades - Síntese das Informações, 2007. Acesso em 19 de junho de 2009

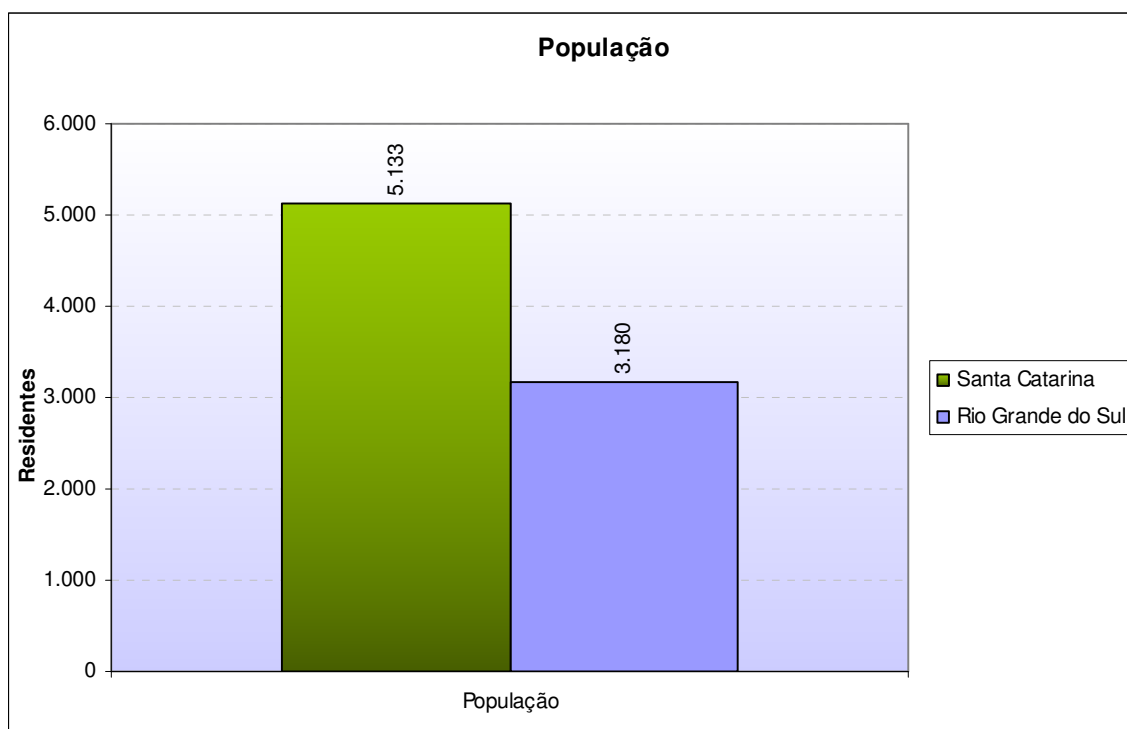


FIGURA 5.3.14 – GRÁFICO: POPULAÇÃO TOTAL, % DA POPULAÇÃO EM RELAÇÃO AO ESTADO E DENSIDADE DEMOGRÁFICA DE SC E RS (2007)

FONTE: TABELA 5.3.35

A distribuição dos domicílios em áreas urbanas e rurais está representada na TABELA 5.3.36 E FIGURA 5.3.15.

TABELA 5.3.36 – SITUAÇÃO DOS DOMICÍLIOS DA AID EM SC E RS (2000)

Municípios	Situação do domicílio				Total
	Urbano	% Urbano	Rural	% Rural	
Timbé do Sul	1.683	31,6	3.640	68,4	5.323
São José dos Ausentes	1.516	48,8	1.588	51,2	3.104
Total:	3.199	38,0	5.228	62,0	8.427
Total de SC:	4.217.931	78,7	1.138.429	21,3	5.356.360
Total do RS:	8.317.984	81,6	1.869.814	18,4	10.187.798

FONTE: IBGE – Cidades - Indicadores sociais municipais, 2000. Acesso em 19 de junho de 2009

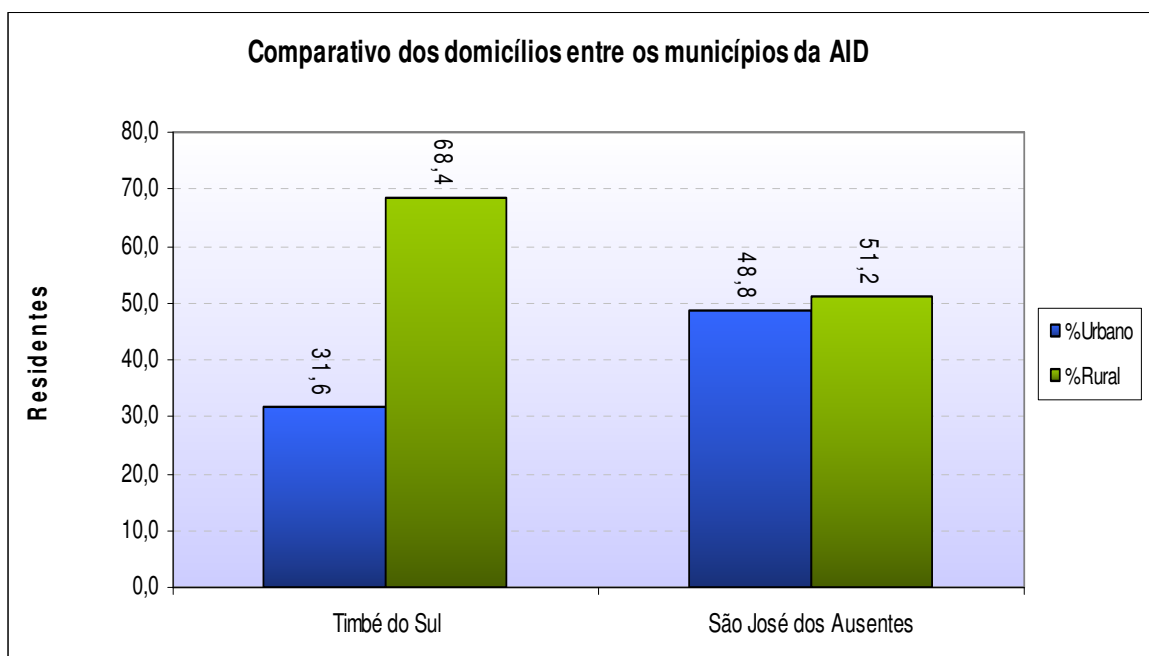


FIGURA 5.3.15 – GRÁFICO: SITUAÇÃO DOS DOMICÍLIOS NA AID E EM SC E RS (2000)

FONTE: TABELA 5.3.36

A distribuição dos domicílios em áreas urbanas e rurais ocorria de forma semelhante em Timbé do Sul e São José dos Ausentes. No ano de 2000, ambos os municípios apresentaram maioria dos domicílios localizados em áreas rurais: 68,38% em Timbé do Sul e 51,16% em São José dos Ausentes. Quanto aos totais da AID, 62,04% da população vive em áreas rurais e 37,96%, vive em áreas urbanas.

O município de Timbé do Sul apresentou um crescimento negativo no período de 2000 a 2007, ou seja, de -0,005. A queda total no número de pessoas, no período de 2000 a 2007, foi de 190 pessoas. Quanto a São José dos Ausentes o crescimento no período de 2000 a 2007 foi positivo (0,003) O incremento populacional foi de 76 pessoas.

Em relação ao total da AID, ocorreu um crescimento negativo de -0,002, com um decréscimo populacional de 114 pessoas. (TABELA 5.3.37).

TABELA 5.3.37 – TAXA DE CRESCIMENTO DA AID E EM SC E RS (2000-2007)

Municípios	População		Taxa de crescimento
	2000	2007	
Timbé do Sul	5.323	5.133	-0,005
São José dos Ausentes	3.104	3.180	0,003
Total AID:	8.427	8.313	-0,002
Total de Santa Catarina:	5.357.862	5.866.252	0,013
Total do RS:	10.187.841	10.582.840	0,005

FONTE: IBGE – Cidades - Síntese das Informações/População e Domicílios, 2000; 2007, Acesso em 20 de junho de 2009

Em ambos os municípios a distribuição da população por sexo foi equilibrada no ano de 2000: sendo o percentual de homens (50,34%) sensivelmente superior ao de mulheres (49,66%) em relação ao total da AID, conforme identificado na TABELA 5.3.38.

TABELA 5.3.38 - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR SEXO (2000)

Municípios	População				Total
	Masculino	% Masculino	Feminino	% Feminino	
Timbé do Sul	1.674	64	940	36	2.614
São José dos Ausentes	1.267	52,2	1.158	47,8	2.425
Total:	2.941	58,4	940	18,7	5.039
Total de Santa Catarina:	2.168.793	49,6	2.205.450	50,4	4.374.243
Total do RS:	4.107.066	48,6	4.338.078	51,4	8.445.144

FONTE: IBGE – Cidades - Indicadores sociais municipais. 2007. Acesso em 20 de junho de 2009

b) Índice de Desenvolvimento Humano

A tabela abaixo mostra o Índice de Desenvolvimento Humano da AID, bem como dos estados de SC e RS.

TABELA 5.3.39 - ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO MUNICIPAL DA AID E EM SC E RS (1991 – 2000)

Município	Longevidade		Educação		Renda		IDH-M	
	1991	2000	1991	2000	1991	2000	1991	2000
Timbé do Sul	0,729	0,767	0,718	0,844	0,598	0,708	0,682	0,773
São José dos Ausentes	0,652	0,733	0,753	0,835	0,570	0,647	0,658	0,738
SC	0,748	0,822	0,682	0,750	0,753	0,811	0,808	0,906
RS	0,753	0,807	0,702	0,754	0,729	0,785	0,827	0,904

FONTE: PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO – Desenvolvimento Humano – Atlas do Desenvolvimento Humano, 2000. Acesso em 25 de setembro de 2009

Conforme a classificação estabelecida pelo PNUD, os municípios de Timbé do Sul e São José dos Ausentes podem ser considerados como regiões de médio desenvolvimento humano por apresentarem IDH entre 0,5 e 0,8.

Nota-se que ocorreu um crescimento de todos os componentes do IDH tanto em Timbé do Sul, como em São José dos Ausentes, nos dois períodos aqui estudados. O componente que mais contribuiu para a melhora do IDH tanto em Timbé do Sul, quanto em São José dos Ausentes, foi a Educação. Em 2000 esse índice era de 0,844 e 0,835, respectivamente. Em Timbé do Sul o crescimento deste componente do IDH, foi de 16,43% e, em São José dos Ausentes o crescimento foi da ordem de 10,88%. Esse difere dos estados a que pertencem, pois tanto em Santa Catarina, como no Rio Grande do Sul o índice que teve o maior crescimento foi o da renda no período estudado.

c) Educação

As condições de educação podem ser avaliadas a partir de vários indicadores, como os equipamentos de educação existentes, a taxa de analfabetismo, o tempo médio de estudo, dentre outros. Tais indicadores permitem ao observador avaliar a eficácia das políticas públicas em democratizar o acesso ao ensino, principalmente aos segmentos ou classes sociais historicamente segregados.

O Governo do Brasil, nas últimas décadas e principalmente, a partir da década de 1990, modificou sua política de educação. Em 1996 com a aprovação da polêmica Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), a democratização do acesso a educação foi consolidada. Posteriormente, outras estratégias para a inclusão educacional foram adotadas, visando em boa parte melhorar seus índices de educação. Um bom exemplo é o pagamento de um valor mensal por filho regularmente matriculado na escola, programa

iniciado pelo Governo Fernando Henrique e ampliado no governo Lula. Diga-se de passagem, a inclusão educacional atingiu também o ensino superior, basta mencionar a proliferação de instituições privadas de ensino e, mais recentemente, a adoção de políticas de ações afirmativas para a inclusão de minorias étnicas, bem como o programa denominado REUNI – Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais.

Mesmo com a melhoria dos índices ligados à Educação, ainda há muito por ser feito. Ainda que a taxa de analfabetismo tenha diminuído e o tempo médio da população tenha aumentado, a evasão continuou elevada, principalmente nas séries do ensino médio. Nota-se ainda, embora com o aumento do tempo médio de escolaridade da população, o mesmo ainda continua abaixo do ideal, pois tanto nos municípios inseridos na AID, quanto nos seus respectivos estados o mesmo nem se aproxima dos 8 anos de estudo.

Índices de Educação

Como mencionado, a dimensão da educação foi a que apresentou maior crescimento dentre os componentes do IDH. Na tabela abaixo se observa que em Timbé do Sul e São José dos Ausentes houve redução da taxa de analfabetismo de 1991 para 2000, acompanhando a tendência das Unidades da Federação a qual pertencem. Em Timbé do Sul a taxa de analfabetismo caiu de 20,66% em 1991 para 14,48% em 2000, mantendo-se, contudo, acima da taxa de analfabetismo de Santa Catarina, como se observa na TABELA 5.3.40. Já em São José dos Ausentes apresentou taxa de analfabetismo menor: 17,46% em 1991 e 14,03% em 2000. (TABELA 5.3.40)

TABELA 5.3.40 - NÍVEL EDUCACIONAL DA POPULAÇÃO ADULTA (25 ANOS OU MAIS) DA AID (1991 – 2000)

Município	Taxa de analfabetismo		Menos de 4 anos de estudo (%)		Menos de 8 anos de estudo (%)		Média de anos de estudo	
	1991	2000	1991	2000	1991	2000	1991	2000
Timbé do Sul	20,66	14,48	52,37	43,42	87,76	83,71	3,74	4,23
São José dos Ausentes	17,46	14,03	46,33	36,45	88,46	76,79	3,71	4,79
Santa Catarina	11,51	7,45	31,11	22,77	72,09	63,12	5,24	6,2
Rio Grande do Sul	11,63	7,77	29,62	22,15	71,26	62,38	5,5	6,42

FONTE: PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO –Desenvolvimento Humano – Atlas do Desenvolvimento Humano, 2000. Acesso em 25 de setembro de 2009

Em relação ao tempo médio de estudo da população adulta nos dois municípios da AID, fica evidente que uma parcela significativa possuía menos de 4 anos de estudo. Em 1991 52,37% da população adulta de Timbé do Sul possuía menos de quatro anos de estudo. Em São José dos Ausentes o caso não era muito diferente, 46,33% dos adultos apresentavam esse mesmo tempo de estudo. Em 1991 esse perfil mudou um pouco, principalmente em São José dos Ausentes, pois a população com menos de quatro anos de estudo caiu para 36,45%.

Juntamente com a redução da taxa de analfabetismo, nota-se um aumento gradual da escolaridade média da população. Em 2000 a escolaridade média da população adulta em Santa Catarina, era de 6,2 anos de estudo e no Rio Grande do Sul 6,42. Timbé do Sul se manteve inferior a média do Estado, considerando que o tempo médio de estudo de sua população adulta era de 4,23 anos. Já São José dos Ausentes apresentou tempo médio de estudo visivelmente inferior à média do Rio Grande do Sul: 4,79 anos.

Fica evidente que a população dos dois municípios da AID possui baixa escolaridade e, conseqüentemente, pouca qualificação profissional.

Equipamentos de Educação

No que se refere aos equipamentos de educação existentes em Timbé do Sul e São José dos Ausentes, observa-se que, até 2007, nenhum dos dois municípios possuía instituição de nível superior. O número total de estabelecimentos de educação em Timbé do Sul era 12, em 2007, e em São José dos Ausentes 9 estabelecimentos. A maioria dos equipamentos de educação existentes, estavam vinculadas ao ensino pré-escolar público em Timbé do Sul (9) e em São José dos Ausentes era no ensino fundamental público, com um total de 7 estabelecimentos. Quanto ao ensino médio, só aparece um estabelecimento público em Timbé do Sul. (TABELA 5.3.41).

TABELA 5.3.41- ESTABELECIMENTOS DE EDUCAÇÃO – 2007

	Municípios	Timbé do Sul	São José dos Ausentes		Total:	Total de SC:	Total do RS:
Ensino pré-escolar	Público	8	1	9	3.036	4.087	
	Privado	0	-	0	634	1.410	
Ensino fundamental	Público	3	7	10	3.510	6.806	
	Privado	0	-	0	346	472	
Ensino médio	Público	1	1	2	652	1.036	
	Privado	0	-	0	206	340	
Ensino superior	Público	0	0	0	7	10	
	Privado	-	-	0	92	89	
Total	Público	12	9	21	7.205	11.939	
	Privado	0	0	0	1.278	2.311	

FONTE: IBGE – Cidades - Ensino - matrículas, docentes e rede escolar, 2007. Acesso em: 3 de agosto de 2009

d) Saúde

Condições de Saúde

Alguns indicadores são fundamentais para se avaliar as condições de saúde da população, a saber: a mortalidade infantil, a esperança de vida ao nascer e a taxa de fecundidade.

Ao observar na TABELA 5.3.42 a mortalidade entre menores de 1 ano, nota-se que a taxa decresceu nos dois estados. Em Santa Catarina a redução da mortalidade entre menores de 1 ano de idade foi mais intensa: em 1991 a taxa de mortalidade chegava a 24,84, ao passo que em 2000 esta taxa passou para 16,79. Já no estado do Rio Grande do Sul, essa taxa também teve uma redução, passou de 22,53 em 1991, para 17,00 em 2000. Quanto aos municípios da AID em São José dos Ausentes ocorreu a maior queda na Mortalidade até 1 ano de idade (por 1.000 nascidos vivos), ou seja, 10,25, passou de 34,12 para 23,17. A esperança de vida a nascer aumentou pouco entre 1991 e 2000, nos municípios da AID e em seus respectivos estados. Já em relação a esperança de vida ao nascer em Santa Catarina esse índice que era de 70,16 em 1991, passou para

73,69 em 2000, tendo portanto um acréscimo de 3,53; no Rio Grande do Sul o acréscimo foi da ordem de 3,37. Quanto aos municípios da AID, São José dos Ausentes teve o maior acréscimo, ou seja, 4,81. (TABELA 5.3.42).

TABELA 5.3.42 - INDICADORES DE LONGEVIDADE, MORTALIDADE E FECUNDIDADE DA AID E DE SC E RS (1991 – 2000)

Município	Mortalidade até 1 ano de idade (por 1.000 nascidos vivos)		Esperança de vida ao nascer		Taxa de Fecundidade (filhos por mulher)	
	1991	2000	1991	2000	1991	2000
Timbé do Sul	28,52	23,02	68,72	71,04	3,14	2,49
São José dos Ausentes	34,12	23,87	64,15	68,96	3,96	3,60
Santa Catarina	24,84	16,79	70,16	73,69	2,58	2,23
Rio Grande do Sul	22,53	17,00	68,76	72,13	2,38	2,16

FONTE: PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO – Desenvolvimento Humano – Atlas do Desenvolvimento Humano, 2000. Acesso em 25 de setembro de 2009

Nota-se que a taxa de fecundidade, ou seja, o número de filhos por mulher decresceu entre 1991 e 2000, ou seja, a taxa de fecundidade caiu tanto nos estados como nos municípios da AID, a média para essa em 1991, era de 3,55 filhos passando para 3,04, em 2000. Em 1991 a taxa de fecundidade do Rio Grande do Sul era, em média, de 2,38 filhos por mulher, ao passo que em São José dos Ausentes era mais alta: 3,96. Em 2000 a fecundidade do estado diminuiu, passando para os 2,23 filhos por mulher, caindo também em São José dos Ausentes para 3,60. Já em Santa Catarina também ocorreu uma diminuição nessa taxa, passou de 2,58 em 1991, para 2,23 em 2000, ou seja 0,35. O mesmo ocorreu em Timbé do Sul que teve uma queda de 0,65, superior a do estado.

Equipamentos de Saúde

Segundo levantamento realizado pelo IBGE, em 2005, a AID possuía no total 10 estabelecimentos de saúde e 46 leitos, esses localizados em Timbé do Sul. São José dos Ausentes não possuía leitos disponíveis de acordo com os dados disponibilizados pelo IBGE (2005). Em relação ao estado a que pertence, Timbé do Sul possuía em 2005,

0,11% dos estabelecimentos de saúde estado de Santa Catarina e São José dos Ausentes 0,13%. Quanto ao número total de leitos Timbé do Sul possuía 0,20 dos leitos disponíveis em Santa Catarina. O número de leitos recomendado pelo Ministério da Saúde é de 2,5 a três leitos para cada 1000 habitantes, Timbé do Sul está dentro da recomendação, pois possui, em média, 9 leitos para cada 1000 habitantes (TABELA 5.3.43)

TABELA 5.3.43 - ESTABELECIMENTOS DE SAÚDE E NÚMERO DE LEITOS POR MUNICÍPIO DA AID E DE SC E RS (2005)

Municípios	Estabelecimentos de saúde	Percentual em relação ao total	Percentual em relação ao total dos estados a que pertencem	Número de leitos	Percentual em relação ao total dos estados a que pertencem
Timbé do Sul	4	40	0,11	46	0,20
São José dos Ausentes	6	60	0,13	-	0
Total:	10	100		46	
Total de SC:	3.732			15.618	
Total do RS:	4.601			30.600	

FONTE: IBGE – Cidades - Serviços de Saúde, 2005. Acesso em 20 de agosto de 2009

e) Emprego e Renda

Segundo os dados do Atlas de Desenvolvimento Humano do Brasil (ano 2000), a renda per capita média dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul cresceram em 50,14% e 36,91%, respectivamente. Essa tendência se manteve em Timbé do Sul, onde a renda per capita aumentou em 92,27% e, em São José dos Ausentes, em 59,00%. Em todos os casos a proporção de pobres diminuiu. O índice de Gini (responsável por medir a desigualdade social), praticamente se manteve o mesmo, no período de 1991 a 2000, em ambos os estados. Em Timbé do Sul a desigualdade social aumentou em 0,7, ao passo que em São José dos Ausentes diminuiu. (TABELA 5.3.44)

TABELA 5.3.44 - INDICADORES DE RENDA, POBREZA E DESIGUALDADE DA AID E DE SC E RS (1991 E 2000)

Município	Renda per capita média (R\$ de 2000)		Proporção de Pobres (%)		Índice de Gini	
	1991	2000	1991	2000	1991	2000
	Timbé do Sul	140,68	270,49	36,09	19,37	0,45
São José dos Ausentes	118,53	188,47	60,4	36,02	0,56	0,54
Santa Catarina	232,27	348,72	27,10	16,24	0,55	0,56
Rio Grande do Sul	261,30	357,74	28,77	19,69	0,59	0,59

FONTE: PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO – Desenvolvimento Humano – Atlas do Desenvolvimento Humano, 2000. Acesso em 25 de setembro de 2009

f) Saneamento

Formas de Abastecimento de Água Por Domicílio

Na TABELA 5.3.45 é possível verificar as formas de abastecimento de água dos municípios que integram a AID. Em 2000, rede geral de abastecimento de água atendia a maioria dos domicílios de Timbé do Sul e São José dos Ausentes: 66,06% e 46,45% respectivamente. No mesmo período, 27,49% dos domicílios em Timbé do Sul e 48,48% dos domicílios em São José dos Ausentes eram abastecidos através de poços e nascentes.

TABELA 5.3.45 - FORMAS DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA POR DOMICÍLIO DA AID E DE SC E RS (2000)

Municípios	Timbé do Sul	São José dos Ausentes	Total:	Total de SC:	Total do RS:
Abastecimento de água da rede geral	983	412	1.395	1.117.430	2.423.264
Percentual da rede geral em relação ao total	66,06	46,45	58,74	74,56	79,66
Abastecimento de água de poço ou nascente na propriedade	409	430	839	344.610	509.413
Percentual do poço/nascente em relação ao total	27,49	48,48	35,33	22,99	16,75

Municípios	Timbé do Sul	São José dos Ausentes	Total:	Total de SC:	Total do RS:
Outros	96	45	141	36.702	109.362
Percentual das outras formas em relação ao total	6,45	5,07	5,94	2,45	3,60
Total dos domicílios pesquisados	1.488	887	2.375	1.498.742	3.042.039

FONTE: IBGE - Banco de Dados Agregados – SIDRA, 2000. Acesso em 25 de junho de 2009

Destino do lixo por domicílio

Quanto ao destino do lixo em Timbé do Sul, em 2000, a maior parte desse era queimado (47,45%). O restante da destinação final do lixo entre os domicílios pesquisados eram: atendidos pela coleta pública (45,09%), enterrado (4,17%), depositado em terrenos baldios (2,82%) e despejo em rios ou lagos (0,34%).

No mesmo período, em São José dos Ausentes 56,71% dos domicílios pesquisados eram atendidos pela coleta pública. A queima do lixo representava 19,62%. Em 10,94% dos domicílios a prática mais comum era a de enterrar o lixo e em 10,71% o lixo era depositado em terrenos baldios. Menos expressivo foi o percentual de domicílios que depositava o lixo em lagos e rios, apenas 0,79%. (TABELA 5.3.46).

TABELA 5.3.46 – DESTINO DO LIXO POR DOMICILIO DA AID E EM SC E RS (2000)

Municípios	Timbé do Sul	São José dos Ausentes	Total:	Total de SC:	Total do RS:
Coleta pública	671	503	1.174	1.244.660	2.558.120
Percentual da coleta pública em relação ao total	45,09	56,71	49,43	83,05	84,09
Queimado	706	174	880	187.291	322.374
Percentual do lixo queimado em relação ao total	47,45	19,62	37,05	12,50	10,60
Enterrado	62	97	159	37.478	84.734
Percentual do lixo enterrado em relação ao total	4,17	10,94	6,69	2,50	2,79
Jogado em terreno baldio ou logradouro	42	95	137	19.962	49.001
Percentual do lixo jogado em terreno baldio em relação ao total	2,82	10,71	5,77	1,33	1,61

Jogado em rio, lago ou mar	5	7	12	1.343	3.180
Percentual do lixo jogado nos rios/lagos/mares em relação ao total	0,34	0,79	0,51	0,09	0,10
Total dos domicílios pesquisados	1.488	887	2.375	1.498.742	3.042.039

FONTE: IBGE - Banco de Dados Agregados – SIDRA, 2000. Acesso em 26 de junho de 2009

Existência de Banheiros ou Sanitários por domicílios

Como pode ser observado na TABELA 5.3.47, em 2000, 88,78% dos domicílios localizados em Timbé do Sul possuíam banheiro em casa e apenas 11,22% não o possuía. Em São José dos Ausentes a existência de banheiro também foi verificada na maioria dos domicílios (78,47%). Outros 21,53% domicílios de São José dos Ausentes não possuíam banheiro em casa. Em ambos os municípios a percentagem em relação a existência de banheiros em casa é inferior a do estado a que pertencem.

TABELA 5.3.47 - EXISTÊNCIA DE BANHEIROS OU SANITÁRIOS POR DOMICÍLIOS DOS MUNICÍPIOS DA AID E EM SC E RS (2000)

Municípios	Possuem banheiros	Porcentagem		Porcentagem		Total dos domicílios pesquisados
		dos que possuem banheiro em relação ao total	Não possuem banheiros	dos que não possuem banheiro em relação ao total		
Timbé do Sul	1.321	88,78	167	11,22	1.488	
São José dos Ausentes	696	78,47	191	21,53	887	
Total:	2.017	84,93	358	15,07	2.375	
Total de SC:	1.397.872	93,27	100.870	6,73	1.498.742	
Total do RS:	2.780.508	91,40	261.531	8,60	3.042.039	

FONTE: IBGE - Banco de Dados Agregados – SIDRA, 2000. Acesso em 25 de junho de 2009

Destino dos Dejetos Por Domicílio

A cobertura da rede de esgoto verificada em 2000 abrangia uma pequena percentagem em ambos os municípios. O pior caso foi o de Timbé do Sul, onde a

cobertura da rede de esgoto era praticamente inexistente, sendo que apenas 2,02% dos domicílios eram atendidos. Já em São José dos Ausentes essa cobertura era maior, ao todo, 8,34% dos domicílios eram atendidos. A maioria dos domicílios possuía fossa séptica: 56,85% em Timbé do Sul e em São José do Ausentes, 39,12% dos domicílios usavam a fossa rudimentar como destino dos dejetos/esgoto. (TABELA 5.3.48).

TABELA 5.3.48 – DESTINO DOS DEJETOS / ESGOTOS POR DOMICÍLIO DA AID E EM SC E RS (2000)

Municípios	Timbé do Sul	São José dos Ausentes	Total:	Total de SC:	Total do RS:
Rede geral	30	74	104	292.268	834.294
Porcentagem da rede geral em relação ao total	2,02	8,34	4,38	19,50	27,43
Fossa séptica	846	164	1.010	809.764	1.245.931
Porcentagem da fossa séptica em relação ao total	56,85	18,49	42,53	54,03	40,96
Fossa rudimentar	373	347	720	267.908	723.816
Porcentagem da fossa rudimentar em relação ao total	25,07	39,12	30,32	17,88	23,79
Lançamento em rios, lagos e mares	11	14	25	32.494	24.962
Porcentagem do lançamento em rios/lagos/mares em relação ao total	0,74	1,58	1,05	2,17	0,82
Outros	14	7	21	10.118	28.134
Porcentagem das outras formas geral em relação ao total	0,94	0,79	0,88	0,68	0,92
Total dos domicílios pesquisados	1.488	887	2.375	1.498.742	3.042.039

FONTE: IBGE - Banco de Dados Agregados – SIDRA, 2000. Acesso em 25 de junho de 2009

g) Moradia

Adequação das moradias

A TABELA 5.3.49 e a FIGURA 5.3.16, FIGURA 5.3.17 e FIGURA 5.3.18 a seguir expressam a adequação das moradias para os dois municípios integrantes da AID, bem como para seus estados. Os dados mostram que a maior parte das moradias são, segundo os critérios estabelecidos pelo IBGE, semi-adequadas. Para Timbé do Sul corresponde a 67% das moradias e, para São José dos Ausentes, 76,2% das moradias. Dos totais de domicílios levantados, em Timbé do Sul somente 4,2% são inadequados e em São José dos Ausentes 6,0% são inadequados. Esses percentuais não seguem a média dos estados a que pertencem, em Santa Catarina, o percentual de moradias inadequadas é de 2,0% e do Rio Grande do Sul é de 1,9%.

TABELA 5.3.49 - ADEQUAÇÃO DAS MORADIAS DA AID E ESTADOS DE SC E RS (2000)

Município	Adequada	Porcentagem em relação ao total	Semi-adequada	Porcentagem em relação ao total	Inadequada	Porcentagem	Total
Timbé do Sul - SC	427	28,7	997	67,0	63	4,2	1.488
São José dos Ausentes - RS	158	17,8	676	76,2	53	6,0	887
Santa Catarina	801.163	53,5	667.173	44,5	29.735	2,0	1.498.071
Rio Grande do Sul	1.589.237	52,3	1.394.437	45,9	56.396	1,9	3.040.070

FONTE: IBGE - Banco de Dados Agregados – SIDRA, 2000. Acesso em 25 de outubro de 2009

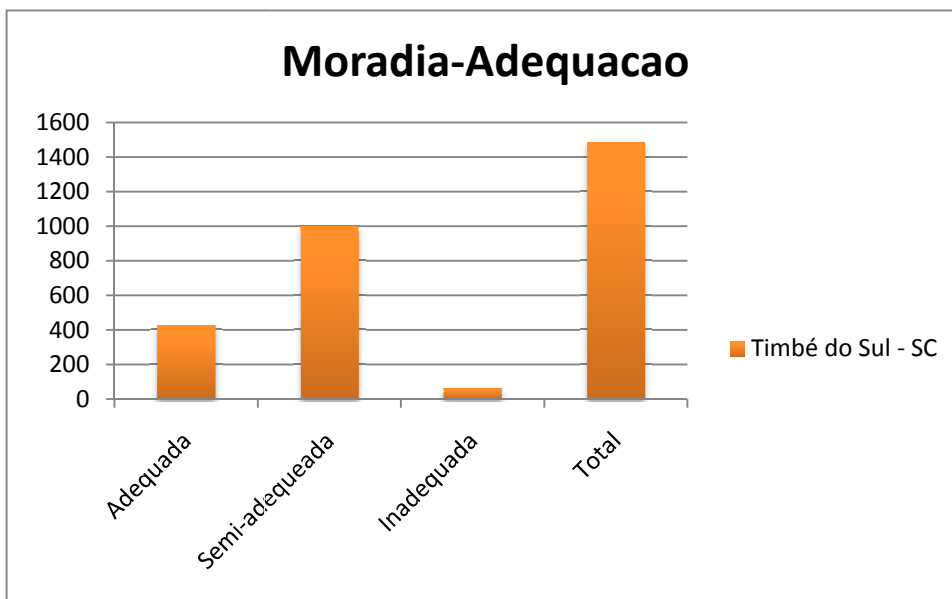


FIGURA 5.3.16 – GRÁFICO: ADEQUAÇÃO DAS MORADIAS DE TIMBÉ DO SUL (2000)
 FONTE: TABELA 5.3.49

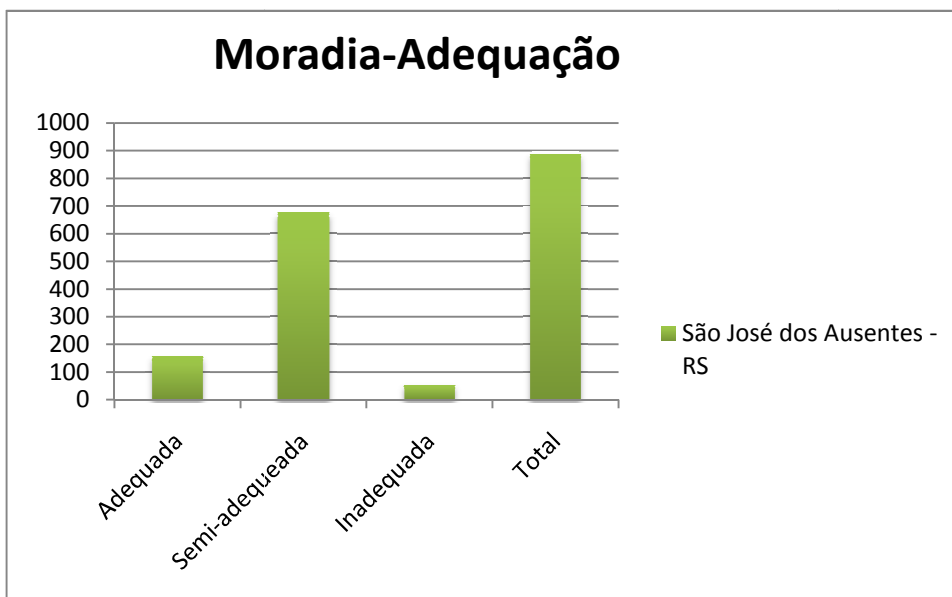


FIGURA 5.3.17 – GRÁFICO: ADEQUAÇÃO DAS MORADIAS DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES (2000)
 FONTE: TABELA 5.3.49

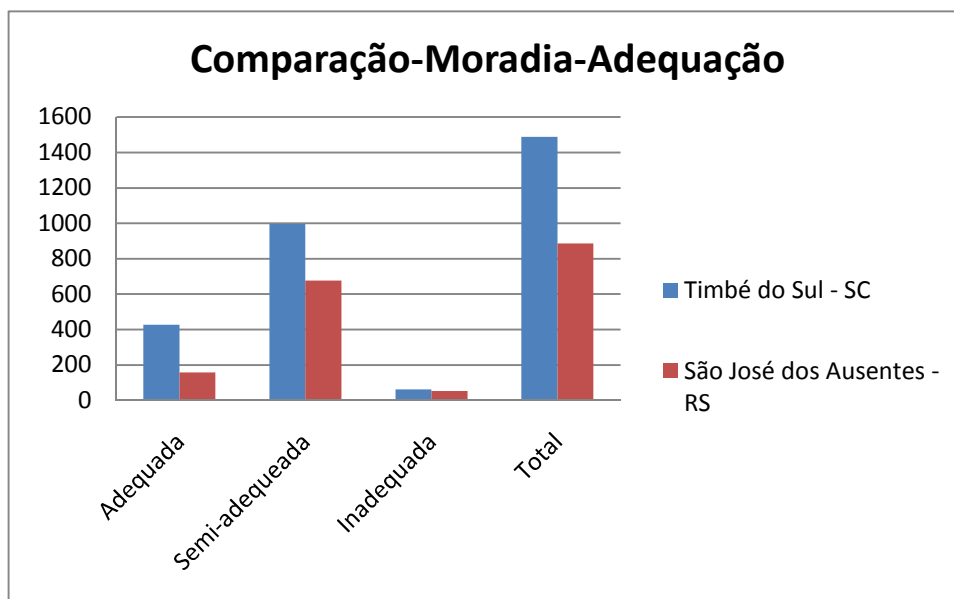


FIGURA 5.3.18 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO DA ADEQUAÇÃO DAS MORADIAS DE TIMBÉ DO SUL E SÃO JOSÉ DOS AUSENTES (2000)
 FONTE: TABELA 5.3.49

Condições das moradias

A TABELA 5.3.50 e a FIGURA 5.3.19, FIGURA 5.3.20, FIGURA 5.3.21 e FIGURA 5.3.22 a seguir expressam as condições das moradias para os dois municípios integrantes da AID, bem como para seus estados. Os dados mostram que a maior parte das moradias são próprias segundo os critérios estabelecidos pelo IBGE, ou seja, em Timbé do Sul corresponde a 79,30% das moradias e, para São José dos Ausentes, 65,95% das moradias. Esses percentuais seguem a média dos estados a que pertencem, em Santa Catarina, o percentual de moradias próprias é de 79,44% e do Rio Grande do Sul é de 78,27%.



TABELA 5.3.50 - CONDIÇÕES DAS MORÁDIAS DA AID E DOS ESTADOS DE SC E RS (2000)

Município	Próprio	Percentual	Alugado	Percentual	Cedido	Percentual	Outra forma	Percentual	Total
Timbé do Sul - SC	1.180	79,30	113	7,59	143	9,61	52	3,49	1.488
São José dos Ausentes - RS	585	65,95	48	5,41	248	27,96	6	0,68	887
Santa Catarina	1.190.558	79,44	187.957	12,54	113.522	7,57	6.705	0,45	1.498.742
Rio Grande do Sul	2.381.020	78,27	382.948	12,59	246.498	8,10	31.573	1,04	3.042.039

FONTE: IBGE - 2000

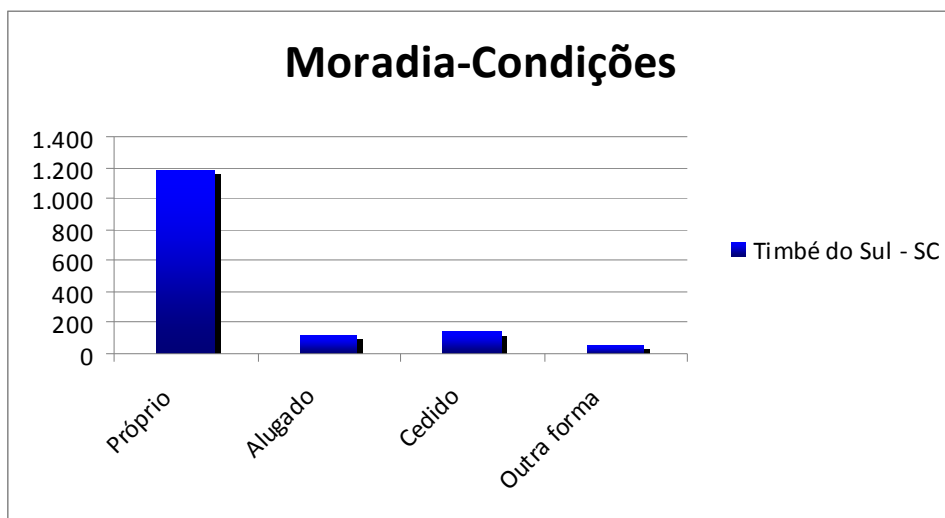


FIGURA 5.3.19 – GRÁFICO: CONDIÇÕES DAS MORADIAS DA AID DO MUNICÍPIO DE TIMBÉ DO SUL (SC) (2000)
 FONTE: TABELA 5.3.50

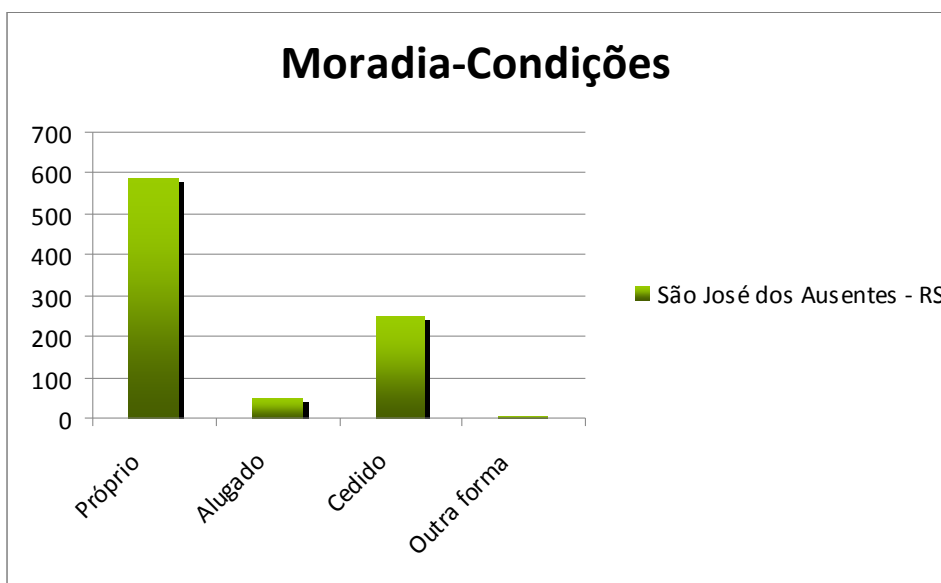


FIGURA 5.3.20 – GRÁFICO: CONDIÇÕES DAS MORADIAS DA AID DO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES (RS) (2000)
 FONTE: TABELA 5.3.50

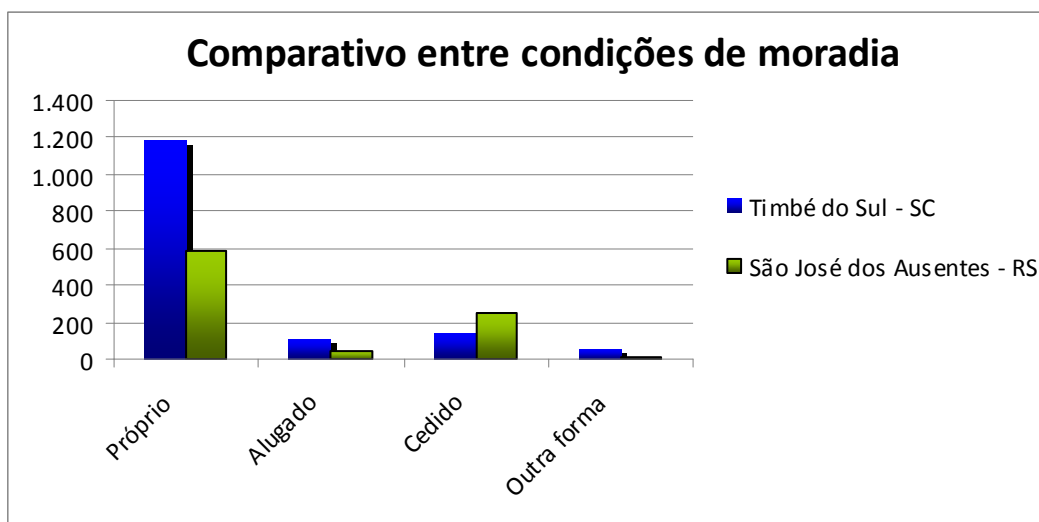


FIGURA 5.3.21 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO DAS CONDIÇÕES DAS MORADIAS DE TIMBÉ DO SUL E SÃO JOSÉ DOS AUSENTES (2000)
 FONTE: TABELA 5.3.50

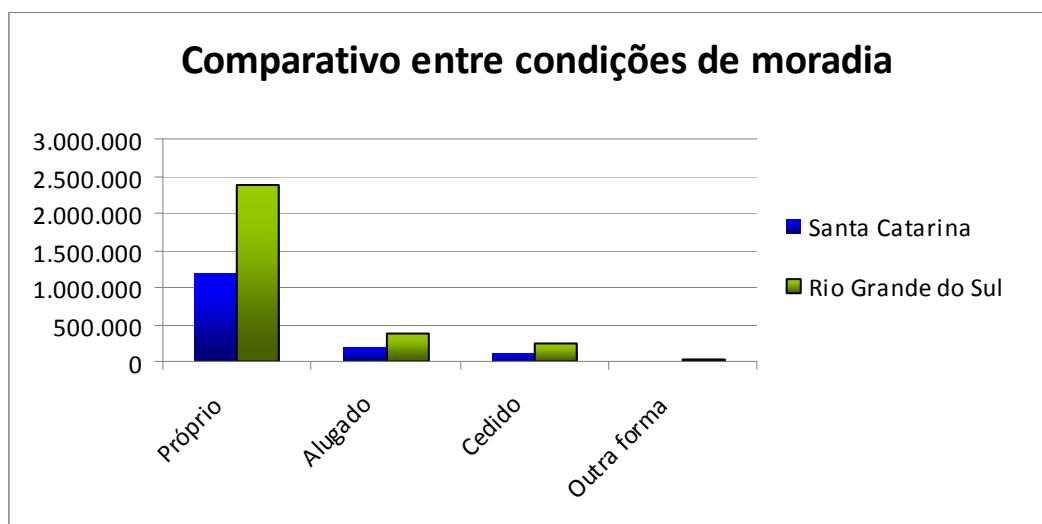


FIGURA 5.3.22 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO DAS CONDIÇÕES DAS MORADIAS DOS ESTADOS DE SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL (2000)
 FONTE: TABELA 5.3.50

h) Frota de Veículos

A TABELA 5.3.51 e a FIGURA 5.3.23 à FIGURA 5.3.30 a seguir mostram os tipos e quantidades de veículos existentes na AID. Através da tabela, observa-se que a frota de Timbé do Sul, corresponde a 0,04% da frota total de Santa Catarina e a frota de São José dos Ausentes, a 0,02% da frota total do Rio Grande do Sul. Fazendo uma comparação

por classe por município, observa-se que o estado de Santa Catarina apresenta uma frota por automóveis de 58% (onde Timbé do Sul representa 0,03% deste percentual), ao passo que o estado do Rio Grande do Sul apresenta uma frota por automóveis de 61,84% (onde São José dos Ausentes representa 0,01% deste percentual).

TABELA 5.3.51 - FROTA DE VEÍCULOS EXISTENTES NA AID (2008)

Município	Automóveis	Caminhões e Caminhões-tratores	Camionete e Camioneta	Motocicleta e Motoneta	Reboques e semi-reboques	Ônibus e Microônibus	Tratores	Outros	Total
Timbé do Sul - SC	978	146	160	920	16	17	1	3	2.241
São José dos Ausentes - RS	315	81	149	90	3	17	0	0	655
Santa Catarina	3.379.560	285.386	483.704	1.430.024	155.978	43.190	3.534	26.642	5.808.018
Rio Grande do Sul	2.559.453	201.533	365.728	813.776	138.889	40.419	3.858	14.894	4.138.550

FONTE: DENATRAM – SC, 2008; DENATRAM – RS, 2008

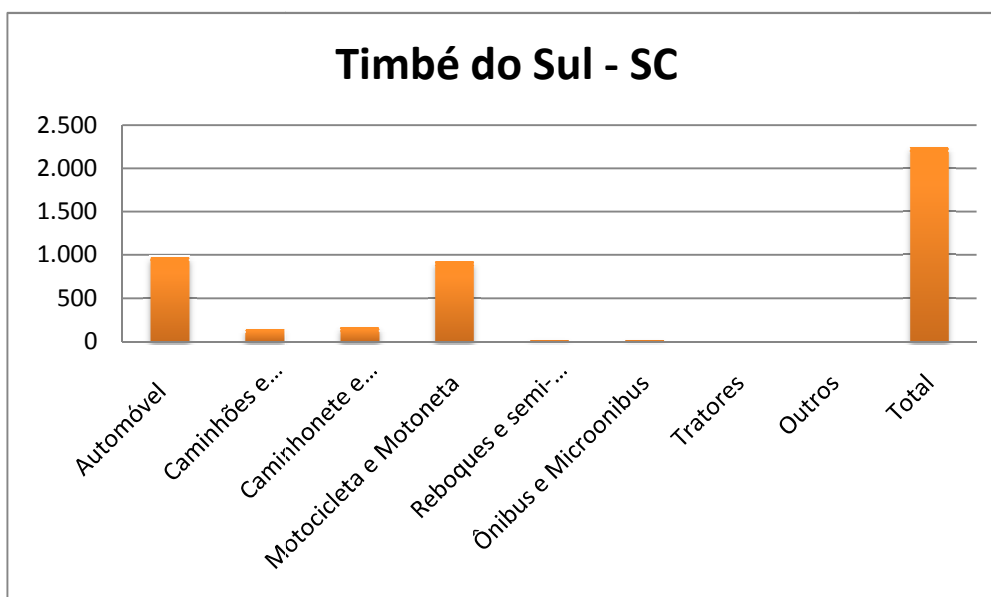


FIGURA 5.3.23 – GRÁFICO: FROTA DE VEÍCULOS DO MUNICÍPIO DE TIMBÉ DO SUL (SC) (2008)
FONTE: TABELA 5.3.51

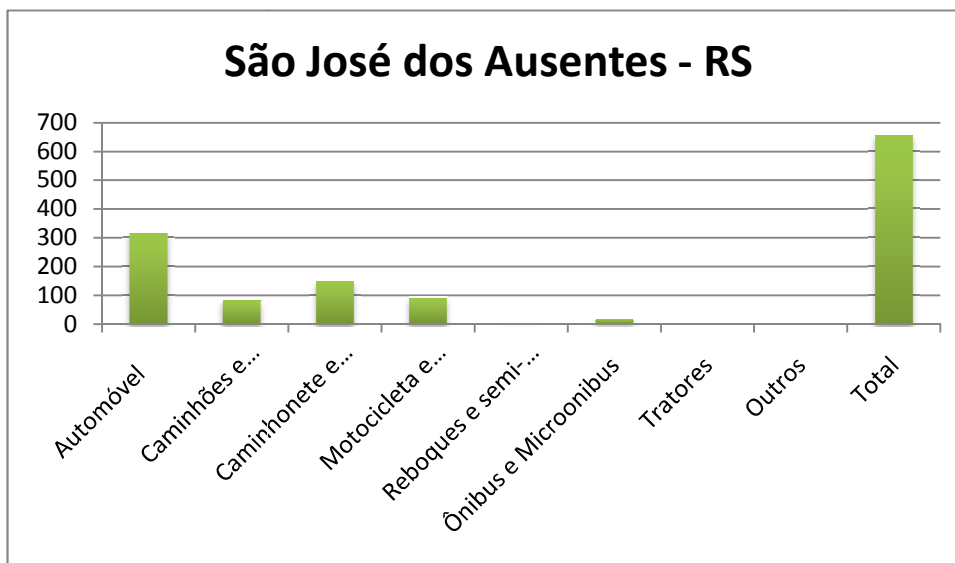


FIGURA 5.3.24 – GRÁFICO: FROTA DE VEÍCULOS DO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES (RS) (2008)
 FONTE: TABELA 5.3.51

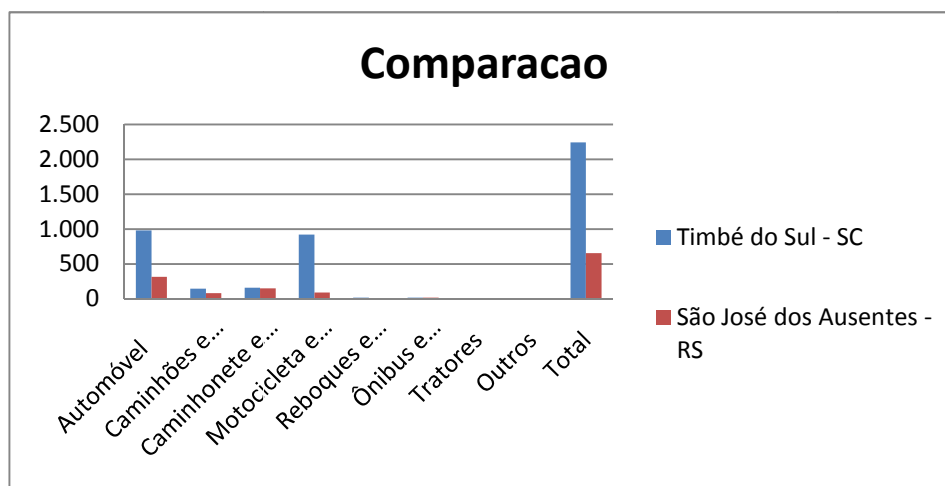


FIGURA 5.3.25 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO DA FROTA DE VEÍCULOS DOS MUNICÍPIOS DE TIMBÉ DO SUL E SÃO JOSÉ DOS AUSENTES (2008)
 FONTE: TABELA 5.3.51

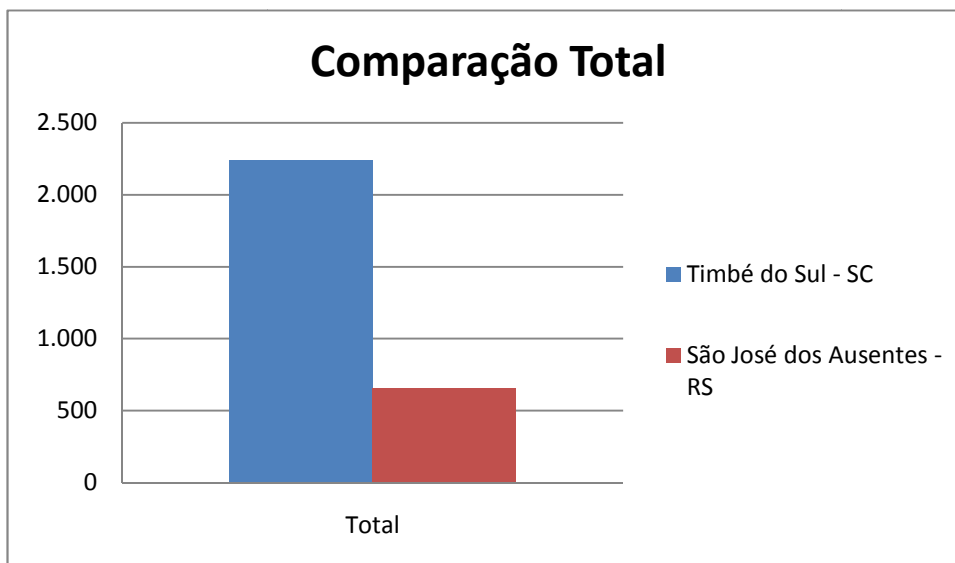


FIGURA 5.3.26 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO DA FROTA TOTAL DE VEÍCULOS ENTRE OS MUNICÍPIOS DE TIMBÉ DO SUL E SÃO JOSÉ DOS AUSENTES (2008)
 FONTE: TABELA 5.3.51

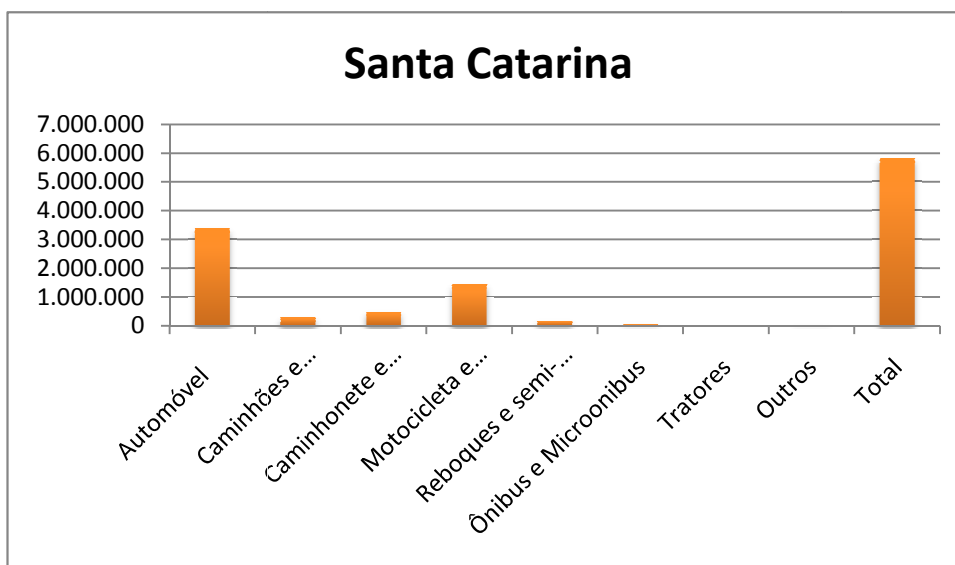


FIGURA 5.3.27 – GRÁFICO: FROTA DE VEÍCULOS DO ESTADO DE SANTA CATARINA (2008)
 FONTE: TABELA 5.3.51

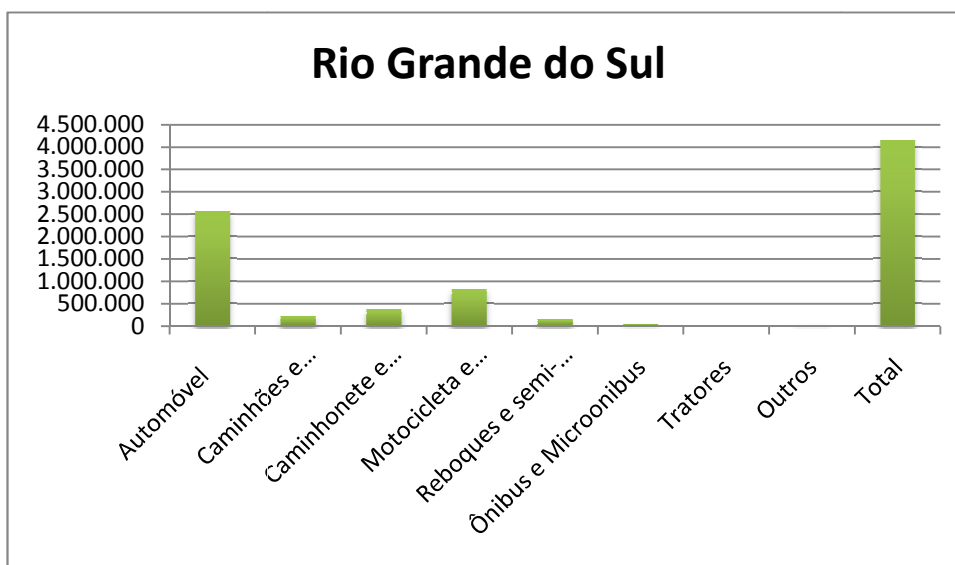


FIGURA 5.3.28 – GRÁFICO: FROTA DE VEÍCULOS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (2008)
 FONTE: TABELA 5.3.51

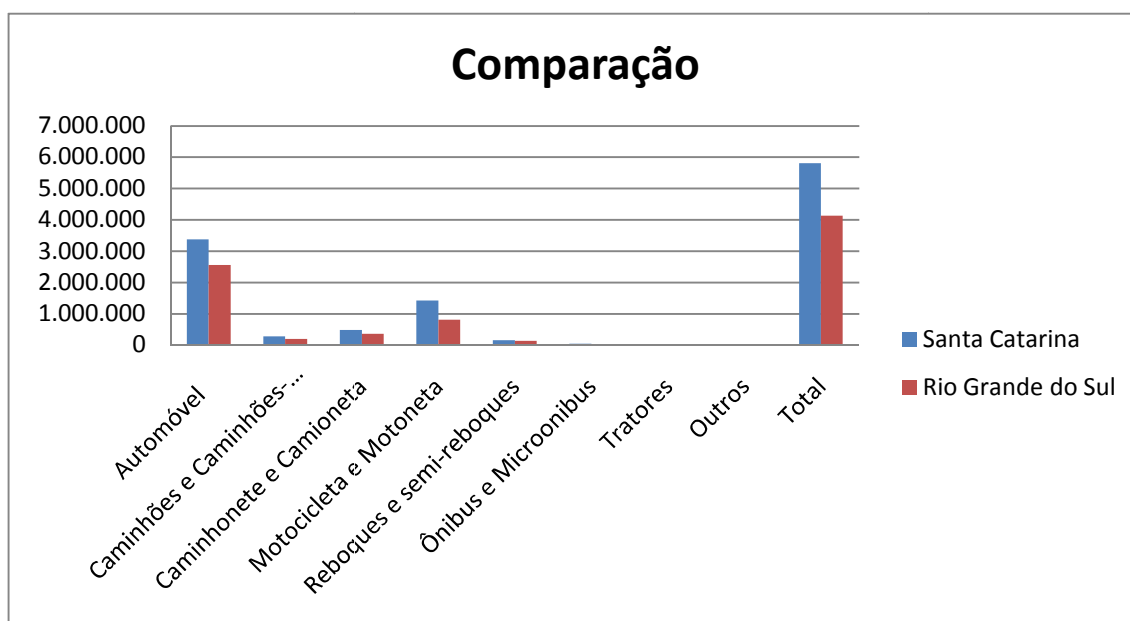


FIGURA 5.3.29 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO DA FROTA DE VEÍCULOS ENTRE OS ESTADOS DE SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL (2008)
 FONTE: TABELA 5.3.51

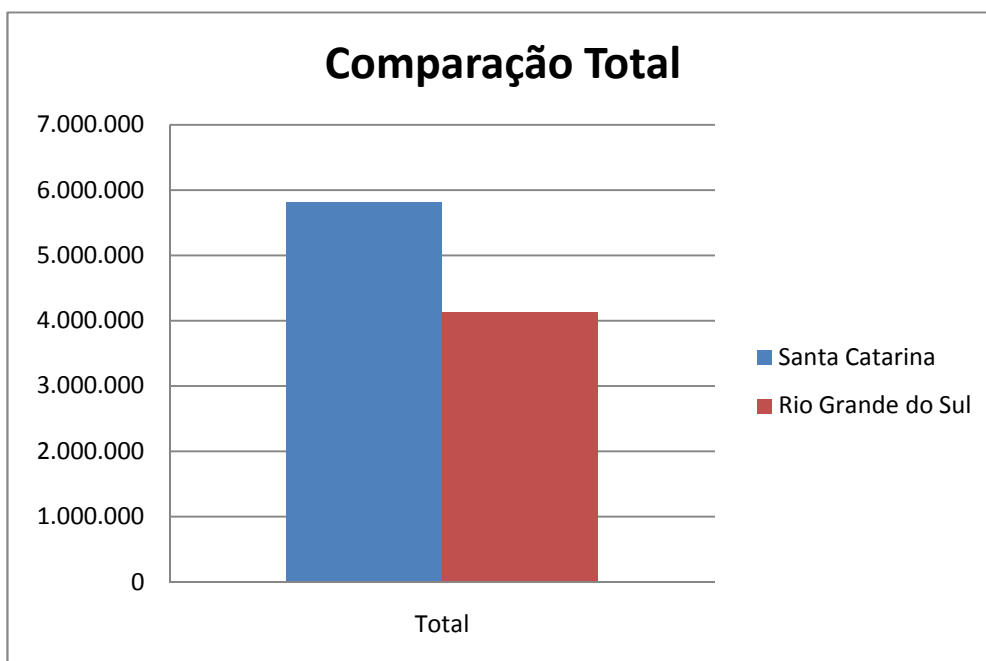


FIGURA 5.3.30 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO DA FROTA TOTAL DE VEÍCULOS ENTRE OS ESTADOS DE SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL (2008)
FONTE: TABELA 5.3.51

i) Segurança

A TABELA 5.3.52 mostra os dados de óbitos ocorridos devido a causas externas do município de Timbé do Sul (SC) e do estado de Santa Catarina. Os dados por município do estado do Rio Grande do Sul não foram apresentados, pois não estão disponíveis.

De acordo com a Secretaria de planejamento do estado de Santa Catarina, no ano de 2007 não foram registrados óbitos por causas externas no município de Timbé do Sul por homicídio, suicídio ou outros acidentes. Apenas, foram registrados 03 acidentes ocasionados por transportes, o que representa 0,23% do total do estado de Santa Catarina.

TABELA 5.3.52 - DADOS DE ÓBITOS POR CAUSAS EXTERNAS DA AID DE SANTA CATARINA (2007)

Municípios de Ocorrência	Acidentes de Transportes	Outros Acidentes	Acidentes Não especificados	Homicídio	Suicídio	Eventos cuja intenção é indeterminada	Demais causas externas	Total
Timbé do Sul	3	0	0	0	0	0	0	3
Santa Catarina	1.333	476	43	462	295	82	19	2.710

FONTE: SPG-SC 2007 (Secretaria de planejamento de estado - SC)

5.3.2.3 Aspectos das Imigrações

Seyferth (2009) relata que o povoamento do território catarinense, no seu começo, levou em conta os interesses das navegações portuguesas e espanholas, sendo que **Santa Catarina** era o ponto necessário para ser atingida a região do Rio da Prata. Com o passar dos anos – e o surgimento das capitânicas hereditárias -, formou-se, então, a capitania de Santana. Acontece que a colonização, nesse período, não se deu de maneira intensa e, agravante a essa situação, a Espanha considerava indiscutível seu direito a esse litoral.

Segundo o mesmo autor, com essa situação em tela, para dar impulso à colonização de tal região, Portugal – então metrópole das capitânicas – passou a incentivar a imigração açoriana, sendo esses os colonos que assentaram as bases do povoamento e da exploração da terra.

De acordo com o Governo do Estado de Santa Catarina (2009), as ilhas dos Açores estimularam a saída de parte de sua população, uma vez que sofria constantes abalos sísmicos terrestres e submarinos e, também, sua população com o precário desenvolvimento econômico e escassez de alimento. Pode-se dizer que os açorianos trouxeram consigo, como bagagem cultural, a tecelagem manual, técnicas de pesca, o folgado “boi-na-vara”, as danças (tais como os fandangos), as festividades do ciclo do Divino Espírito Santo e o seu substrato linguístico. Mesmo assim, essa ocupação se deu apenas no litoral catarinense, enquanto que todo o seu planalto continuava com baixa exploração, prestando-se apenas para a passagem de tropas de mula.

Em 1824, assentaram-se os primeiros alemães em Santa Catarina, mais precisamente na cidade de São Pedro de Alcântara. Esses imigrantes buscavam novas oportunidades de vida, tendo em vista os problemas sociais que a Europa estava passando. (Seyferth 2009b). A princípio, os alemães destacaram-se na olaria, na agricultura e na carpintaria. Aos poucos, foram firmando-se como comerciantes e industriais. Lembra-se, ainda, que povoaram outras regiões do estado, tais como o Vale do Itajaí e Açú, não esquecendo de Pomerode, a qual, até hoje, é considerada como “a mais alemã das cidades brasileiras”, continua o autor.

Seyferth (2009b) comenta ainda que quanto à imigração alemã, diferentemente do ocorrido em outras partes do território brasileiro, Santa Catarina teve sua imigração

proveniente de empresas particulares – quais sejam, a Hermann Meyer & Cia. e a Sociedade Hamburguesa de Colonização – e as colônias foram formadas segundo pequenas propriedades agrícolas. Citando como colônias alemãs que prosperam em solos catarinenses: a colônia de São Bento do Sul, a de Blumenau, a de Harmônia (hoje Ibirama), a de Brusque e a pioneira, São Pedro de Alcântara.

Pouco mais tarde, mas na mesma conjuntura histórica, deu-se a colonização italiana em Santa Catarina, sendo que se iniciou com a fundação da colônia Nova Itália (atual São João Batista), em 1836, com imigrantes da Ilha da Sardenha. (MACAGNAN, 2009).

O autor também comenta que os imigrantes tenham sido impulsionados à colonização brasileira pelas transformações socioeconômicas desenvolvidas no norte da Itália, afetando, sobremaneira, a propriedade da terra. Aponta-se que a imigração, em massa italiana, se iniciou pouco após a unificação italiana, ocorrida em 1871, mostrando que a identidade cultural italiana influiu, de maneira significativa, os costumes e tradições no sul brasileiro, especialmente Santa Catarina.

De acordo com o que foi postado ainda por Macagnan (2009), inicialmente, os imigrantes italianos se dirigiram, especialmente, a duas áreas de colonização, quais sejam, Brusque e Blumenau, sendo que daí partiram para as regiões interioranas, com o intuito de se formarem novas colônias. Relata-se que o imigrante italiano incorporou, nesse estado, as culturas da uva, do arroz, do milho, do fumo e, então, mais tarde, a industrialização do próprio vinho, advindo dessa mesma uva cultivada.

Segundo o Portal Brasil (2009), pode-se pontuar um aspecto peculiar do povoamento do estado de Santa Catarina por italianos: a partir de 1910, gaúchos vieram a migrar a tal estado, inclusive descendentes de italianos. Então, tais colonos ítalo-brasileiros colonizaram parte significativa do oeste catarinense.

Através de informações obtidas pelo mesmo portal, a partir do ano de 1871, o primeiro grupo de poloneses chegou na colônia de Brusque. Entretanto, não veio se fixar nessas terras, mas se transferiu para o estado do Paraná. Desta forma, somente no ano de 1889 é que, com novas levas de imigrantes, colonos poloneses e russos vieram-se estabilizar nos vales dos rios Itajaí, Itapocu e na localidade de São Bento do Sul. (PORTAL BRASIL, 2009)

Dados do IBGE (2009), relatam que esse fluxo de imigrantes eslavos só foi completado no século XX, no final da década de 60, através de fluxos internos de imigrantes de segunda geração, os quais rumaram ao oeste catarinense.

Finalmente – datando-se no pós Primeira e Segunda Guerra Mundial -, relata-se, ainda, que ocorrera a entrada de muitos novos imigrantes alemães e italianos, especialmente, em Santa Catarina, além de japoneses e eslavos, em menores proporções. (IHGSC, 2009).

Vale dizer que esses novos imigrantes contribuíram para o desenvolvimento econômico desse estado sulista, além de terem favorecido a industrialização catarinense

Por fim, pode ser entendido que os imigrantes tiveram – e ainda têm – um valor primordial em todas as áreas do desenvolvimento catarinense, desde seu povoamento, até sua industrialização. Até hoje, Santa Catarina possui um grande fluxo cultural – em seus costumes, em sua gastronomia, em sua arquitetura, em suas festas, além de tantos outros exemplos - advindo desses imigrantes.

A imigração no **Rio Grande do Sul** tem aspectos peculiares que merecem, nesse momento, serem tratados, uma vez que suas diversas facetas permitiram que o estado fosse, então, considerado como um dos mais miscigenados da história brasileira.

A primeira peculiaridade que se encontra nesse estado é a questão dele ter sido, em seus primórdios, inserido no Sistema Colonial Espanhol, sendo que sua primeira forma de ocupação européia fora empreendida pelos espanhóis. Assim sendo, pode ser dito que o Rio Grande do Sul abrange imigrantes açorianos – os quais vivem, hoje, nas pequenas cidades do vale do Jacuí -, além daqueles que vieram de outras localidades portuguesas propriamente ditas. Até hoje, podem ser identificados traços desses, diferenciando-os dos demais. Ainda, existe um outro Rio Grande do Sul, formado por descendentes de italianos e, também, de alemães, os quais formaram uma pequena “ilha” na região tipicamente portuguesa, sendo essas chamadas de pomeranos. Advindos também da Europa, presenciaram-se os poloneses, que chegaram nas localidades devido às diversas dominações e atrocidades que lhe acometeram nas duas grandes guerras mundiais. (Coletânea de Textos Rio Grande do Sul, 1964)

Segundo Quevedo (1999), no que tange a esses tristes episódios da história da humanidade, ocorrera, ainda, a contribuição para a chegada de japoneses e, também, de judeus para essa região. Mesmo assim, o que é de pouco conhecimento é que há, no Rio

Grande do Sul, parcela de descendentes de negros. Ressalta-se que em 1780, o número de escravos negros chegaram a representar 25% da população desse estado, concentrando-se, especialmente, na estrada dos tropeiros, qual ligava o extremo sul de tal ao resto do país.

Dessa maneira, ainda segundo o mesmo autor, chega-se à conclusão que, desde o seu início, a história do Rio Grande do Sul é marcada pela presença negra, apesar de serem pouco lembrados ou citados nos livros da história desse estado, vez que, para saber todo o seu processo colonizador, necessário se faz observar as notas que acompanham as narrativas ou em alguns episódios marcantes. Ainda assim, diz-se que a presença negra – e seus descendentes – marcam o desenvolvimento do Rio Grande do Sul já desde seus primórdios.

Segundo o site RS VIRTUAL (2009), passando, então, para a imigração portuguesa, diz-se que o colonialismo lusitano deixou suas marcas visíveis na bacia do Prata a partir do final do século XVII. Foi em 1680, com a fundação da Colônia do Sacramento, que se iniciou a agressiva campanha portuguesa na disputa pelas terras platinas. Essa povoação funcionou como um núcleo avançado que exigiu a montagem de toda uma infraestrutura de apoio para garantir a consolidação do expansionismo lusitano.

Além disso, segundo esse mesmo site, o Império Português defrontava-se com o problema de que, nas ilhas dos Açores, havia muita gente para pouca terra. Então, a coroa passou a promover a imigração de açorianos para a região do Rio Grande do Sul, ainda na época acima descrita. A idéia inicial era utilizar esses imigrantes para ocupar a região das Missões, sendo que esses acabaram por se instalarem às margens do rio Jacuí, contribuindo para a policultura da região. Pode-se dizer que a presença portuguesa fora de extrema importância para o desenvolvimento e consolidação do estado como parte integrante da unidade territorial brasileira.

Passando, então, adiante, tem-se a ocorrência da imigração alemã, datada, em sua primeira leva, do ano de 1824, com 38 pessoas dessa nacionalidade. Esses colonos deslocaram paulatinamente o centro da gravidade demográfica, econômica e política do Rio Grande do Sul, devendo a eles, o estado, boa parte de sua atual originalidade em relação ao resto da Federação, não só pelo fato de contar com eles, como também porque assumiram responsabilidades na sua sociedade. (QUEVEDO, 1999)

Quevedo (1999), diz ainda, que entre 1824 e 1939 o Rio Grande do Sul recebeu 75.000 imigrantes germânicos, cujos dois terços antes de 1914. Essa imigração, nesse estado, fora a mais numerosa e sobretudo a mais regular até a Segunda Guerra Mundial. Ainda dentro desse ponto, relata-se que a totalidade dos imigrantes alemães se radicou definitivamente no estado e as famílias, com essa origem, cresceram com uma taxa de natalidade muito alta, principalmente durante as duas primeiras gerações nascidas no Brasil. Finalmente, quanto à colonização alemã nesse estado, pode ser dito que graças à frequência às escolas e faculdades, vieram a constituir a cultura, a uma fração dos quadros administrativos, ocupam muitas funções eletivas, sendo partes integrantes do atual Rio Grande do Sul. Passando para a colonização italiana no Rio Grande do Sul, diz-se que os imigrantes italianos começaram a chegar em 1875, sendo que tiveram que suportar as maiores adversidades para se estabelecerem, em uma região montanhosa, isolada e de florestas virgens.

Os primeiros núcleos coloniais, hoje referidos na literatura como as colônias velhas, constituíram-se em centro da chamada região colonial italiana: a primeira geração dos imigrantes aí se fixou, mas as gerações seguintes, migrando à procura de terras para cultivar, expandiram-se para noroeste pelo corredor de matas que liga a escarpa da Serra com o Vale do Uruguai. Assim, outros municípios – além de Caxias do Sul, Farroupilha, Garibaldi, Bento Gonçalves, Flores da Cunha, Antônio Prado, Veranópolis, Nova Prata, Encantado e Guaporé – receberam contingentes ponderáveis de colonos italianos, tais como Lagoa Vermelha, Soledade Cruz Alta, Jaguari, Santiago, São Sepé, Caçapava e Cachoeira do Sul. (QUEVEDO, 1999)

O autor continua, afirmando que a região colonial italiana caracteriza-se, de certa forma, pela preponderância numérica de habitantes de origem e de nomes inconfundivelmente italianos; a língua italiana ou, antes, o dialeto vênето que predominou na área sobre outros e que se deixou modificar até certo ponto pela língua português, é ainda falado em cerca de 20% dos lares, sobretudo nas zonas rurais.

No que diz respeito a imigração judaica, essa inseriu-se no contexto das grandes correntes migratórias e, por conseguinte, provocada pelos mesmos fatores de expulsão (desequilíbrios demográficos e econômicos nos países de origem) e de atração (a procura de trabalho e o sonho de conseguir um pedaço de terra) junta-se um outro elemento, o

das discriminações e perseguições de que os judeus eram vítimas, primeiramente, no Império Russo e, posteriormente, do Nazismo europeu. (RS VIRTUAL, 2009).

No caso específico do Rio Grande do Sul, pode-se observar a presença de imigrantes judeus a partir da autorização dada pelo Governo do Estado à Companhia que fazia amparo aos emigrantes judeus – Jewish Colonization Association, datada do ano de 1903, sendo que, já nos primórdios, esses imigrantes estabeleceram-se na localidade denominada de Quatro Irmãos.

Por fim, pontua-se a imigração japonesa, iniciada a partir de 1908, sendo que esses, a princípio, tinham apenas a intenção de passar um breve período em terras brasileiras e voltar para o Japão com uma condição financeira mais estabilizada. Dessa maneira, não se estabeleceram definitivamente no país, sendo que apenas nos anos de 1956 a 1963, no período do pós guerra, é que outros imigrantes japoneses – número entre dois mil e dois mil e quinhentos indivíduos - vieram, ao estado, com esse ânimo (RS VIRTUAL, 2009).

Essa mesma imigração, segundo o RS Virtual (2009), guarda uma peculiaridade: contou-se com o apoio do próprio governo do Japão, qual procurou orientar e apoiar a emigração, fazendo com que os japoneses tivessem condições de se estabelecerem satisfatoriamente no Brasil. Esses imigrantes iniciaram a vida, aqui, como parceiros ou meeiros agrícolas. Aos poucos, procuraram comprar suas propriedades, organizando-se em núcleos, tais como nas localidades de Ivoti, Itapuã e Terra de Areia, onde surgiram grupos significativos de agricultores japoneses, dedicados ao cultivo de hortifrutigranjeiros.

A seguir serão apresentados os dados de imigração para a AID de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Através da TABELA 5.3.53, observa-se que os únicos imigrantes procedem dos estados do Paraná e Rio Grande do Sul em ambos os municípios da AID.

TABELA 5.3.53 - TOTAL DOS IMIGRANTES DA AID DE SC E RS

Municípios	Timbé do Sul	São José dos Ausentes	Total do Santa Catarina:	Total do RS:
AC	-	-	141	101
AL	-	-	472	381
AM	-	-	532	1.185
AP	-	-	36	267
BA	-	-	1.904	2.136
CE	-	-	1.316	1.752

Municípios	Timbé do Sul	São José dos Ausentes	Total do Santa Catarina:	Total do RS:
DF	-	-	1.548	1.836
ES	-	-	727	831
GO	-	-	2.278	1.557
MA	-	-	488	766
MG	-	-	3.050	3.158
MS	-	-	3.302	3.342
MT	-	-	4.231	2.958
PA	-	-	1.090	1.342
PB	-	-	583	645
PE	-	-	1.124	1.365
PI	-	-	310	510
PR	28	12	80.905	22.132
RJ	-	-	6.127	8.269
RN	-	-	685	789
RO	-	-	1.512	1.153
RR	-	-	49	232
RS	107	2.465	58.586	9.208.768
SE	-	-	258	259
SP	-	-	28.343	14.546
TO	-	-	54	728
Brasil sem especificação	-	21	1.464	620
País estrangeiro	6	-	6.328	9.604
Total	4.909	2.737	4.882.338	9.332.388

FONTE: Sidra – IBGE (1995)

5.3.2.4 Planos Diretores

O estado de Santa Catarina possui um **Zoneamento Agroecológico e Socioeconômico**, cujo objetivo é:

proporcionar um instrumento de orientação para a execução de políticas públicas para fixar o homem ao campo, de forma econômica e ecologicamente viável, buscando o desenvolvimento harmônico sustentável para o meio rural, estabelecendo zonas agroecológicas o mais homogêneas possível com relação ao clima, à vegetação primária predominante, à vegetação atual, às classes de aptidão de uso das terras; à geologia; à geomorfologia e às informações socioeconômicas,

possibilitando os subsídios necessários para a adoção de tecnologias adaptadas e geradas por órgãos de pesquisa e afins. (EPAGRI, 1999).

Nesse estado na área de estudo estão inseridas duas Zonas: Zona agroecológica 2B - Carbonífera, Extremo Sul e Colonial Serrana e a Zona Agroecologia 5 – Planalto serrano de São Joaquim.

Quanto à existência de Planos Diretores nas áreas de influência, observa-se com relação à Santa Catarina que: em três municípios os planos estão em execução (Araranguá, Maracajá e Meleiro). Em São João do Sul e Jacinto Machado possuem planos diretores, mas a data de aprovação só foi informada por Jacinto Machado e ocorreu em 2008. Na cidade de Timbé do Sul, um dos municípios integrantes da AID, não foi detectada a presença de plano diretor. (TABELA 7.3.54).

Na AII do RS os municípios que possuem plano diretor são em número de quatro: Lagoa Vermelha (data de aprovação 2006), São Francisco de Paula (data de aprovação não informada), São José dos Ausentes (data de aprovação 2009) e Vacaria (data de aprovação não informada). (TABELA 5.3.55).

TABELA 5.3.54 - EXISTÊNCIA DE PLANO DIRETOR PARA OS MUNICÍPIOS INTEGRANTES DA AII DE SC

Municípios	Plano diretor	Data
Araranguá	Em execução	A partir de 2002
Balneário Arroio do Silva	Não	-
Balneário Gaivota	Não	-
Ermo	Não	-
Jacinto Machado	Sim	2008
Maracajá	Em execução	Não informada
Meleiro	Em execução	Não informada
Morro Grande	Não	-
Passo de Torres	Não	-
Praia Grande	Não	-
Santa Rosa do Sul	Não	-
São João do Sul	Sim	Não informada
Sombrio	Não	-
Timbé do Sul	Não	-
Turvo	Não	-

TABELA 5.3.55 - EXISTÊNCIA DE PLANO DIRETOR PARA OS MUNICÍPIOS INTEGRANTES DA AII DO RS

Municípios	Plano diretor	Data
Bom Jesus	Não	-
Cambará do Sul	Não	-
Campestre da Serra	Não	-
Capão Bonito do Sul	Não	-
Esmeralda	Não	-
Ipê	Não	-
Jaquirana	Não	-
Lagoa Vermelha	Sim	2006
Monte Alegre dos Campos	Não	-
Muitos Capões	Não	-
Pinhal da Serra	Não	-
São Francisco de Paula	Sim	Não informada
São José dos Ausentes	Sim	2009
Vacaria	Sim	Não informada

Ressalta-se que em São José dos Ausentes, município integrante da AID do RS, existe plano diretor, aprovado em 2009 (Lei do Plano Diretor no. 811), cujas diretrizes que orientaram as ações estratégicas foram:

- transparência política e participação popular;
- crescimento e equidade socioeconômica e socioambiental;
- integração da sociedade e natureza;
- direitos sociais, função social da cidade e da propriedade urbana e rural.

(Ambiens Sociedade Cooperativa - Plano Diretor Participativo - São José dos Ausentes - RS, 2009).

As abordagens referentes à migração e caracterização da organização social, desse item (5.3.2), foram complementadas no questionário, nos tópicos intitulados Participação em organização social e Migração, aqui foram abordados o fator tempo, o local de procedência e os motivos da migração.

5.3.3 Caracterização das Condições de Saúde e Doenças Endêmicas

Segundo o Ministério da Saúde (2001), doenças endêmicas são as que ocorrem em determinada região e é de difícil erradicação porque geralmente são causadas por vetores e o homem é portador. Para erradicar seria preciso acabar com os vetores. Ex: *Aedes sp.* mosquito que causa a dengue, *Tripanossoma cruzi* - vetor triatomídeos (barbeiro) causa doença de Chagas, Anofelinos, mosquito que é vetor do protozoário que causa a malária. *Biofalaria sp.* caramujo vetor da cercária que transmite a Schistosomose. Portanto, doenças endêmicas são aquelas que ocorrem em determinada região e com certa frequência porque para eliminá-las é preciso antes, que se eliminem os vetores.

Ainda segundo o Ministério da Saúde (2001), convencionou-se no Brasil designar determinadas doenças, a maioria delas parasitárias ou transmitidas por vetor, como “endemias”, tais como: a malária, a febre amarela, a esquistossomose, as leishmanioses, as filarioses, a peste, a doença de Chagas, além do tracoma, da boubá, do bócio endêmico e de algumas helmintíases intestinais, principalmente a ancilostomíase.

De acordo com dados do Ministério da Saúde (2001), na área de influência direta das obras de implantação e pavimentação da BR-285, a única doença endêmica notificada foi a leptospirose. Foi registrado um caso de leptospirose, em 2008, em São José dos Ausentes e nenhum em Timbé do Sul. (TABELA 5.3.57)

Segundo levantamento do Tribunal de Contas da União, gastou apenas 26% das verbas destinadas ao programa de prevenção e preparação para emergências e desastres com prevenção. O governo federal repassou, em 2008, R\$ 2,4 milhões para serem usados em obras preventivas, como contenção de encostas e canalização de córregos, para Santa Catarina, enquanto mais de R\$ 7,4 milhões, por exemplo, foram encaminhados por meio do programa de "resposta aos desastres" para o Estado, ou seja, o triplo de recursos para remediar, e não prevenir.

A TABELA 5.3.56 à TABELA 5.3.59, FIGURA 5.3.31 e FIGURA 5.3.32 a seguir mostram os totais de agravos para o período de 2004 a 2008, dos municípios da AID (Timbé do Sul e São José dos Ausentes) e para os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em 2008, em Timbé do Sul só foi constatado apenas um caso de meningite e em São José dos Ausentes, foram constatados: um caso de leptospirose, dois de rubéola e dois de sarampo, perfazendo o total de cinco casos.

TABELA 5.3.56 - TOTAL DE AGRAVOS DE TIMBÉ DO SUL (2004-2008)

Agravo	2004	2005	2006	2007	2008
HEPATITE	0	1	0	1	0
LEPTOSPIROSE	2	0	0	0	0
MENINGITE	2	1	2	0	1
RUBEOLA	1	0	0	0	0
TOTAL	5	2	2	1	1

FONTE: SINAN-NET, 2008

TABELA 5.3.57 - TOTAL DE AGRAVOS DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES (2004-2008)

TOTAL de Agravos de São José dos Ausentes (2004-2008)					
Agravo	2004	2005	2006	2007	2008
LEPTOSPIROSE	0	0	0	0	1
RUBEOLA	0	0	2	1	2
SARAMPO	0	0	1	0	2
TOTAL	0	0	3	1	5

FONTE: SINAN-NET, 2008

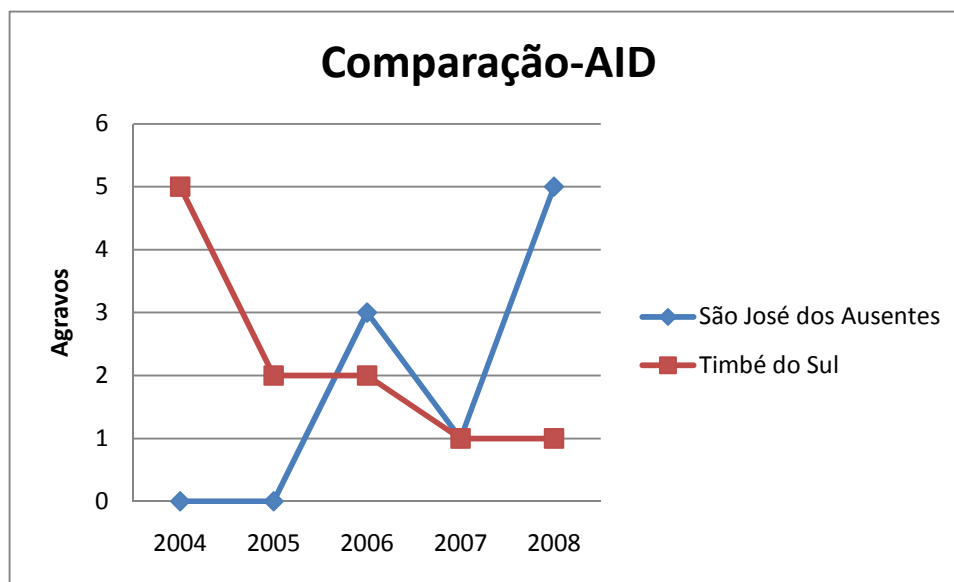


FIGURA 5.3.31 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO DOS TOTAIS DE AGRAVOS DE TIMBÉ DO SUL E SÃO JOSÉ DOS AUSENTES (2004-2008)

FONTE: TABELA 5.3.56 e TABELA 5.3.57

TABELA 5.3.58 - TOTAL DE AGRAVOS PARA O ESTADO DE SANTA CATARINA (2004-2008)

Agravo	2004	2005	2006	2007	2008
HANTAVIRUS	295	499	536	445	442
HEPATITE	1659	3491	3443	2285	3699
LEPTOSPIROSE	1277	1783	1402	1402	3641
MENINGITE	1183	1326	1789	1757	1072
RUBEOLA	1893	1983	1469	1944	1222
TOTAL	6307	9082	8639	7833	10076

FONTE: SINAN-NET, 2008

TABELA 5.3.59 - TOTAL DE AGRAVOS PARA O ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (2004-2008)

Agravo	2004	2005	2006	2007	2008
COQUELUCHE	450	422	257	320	475
HEPATITE	4248	8929	9176	4804	8884
LEPTOSPIROSE	2141	1963	1892	1981	1564
MENINGITE	2118	3142	2726	2426	2022
RUBEOLA	929	1340	1131	6383	1598
TOTAL	9886	15796	15182	15914	14543

FONTE: SINAN-NET, 2008

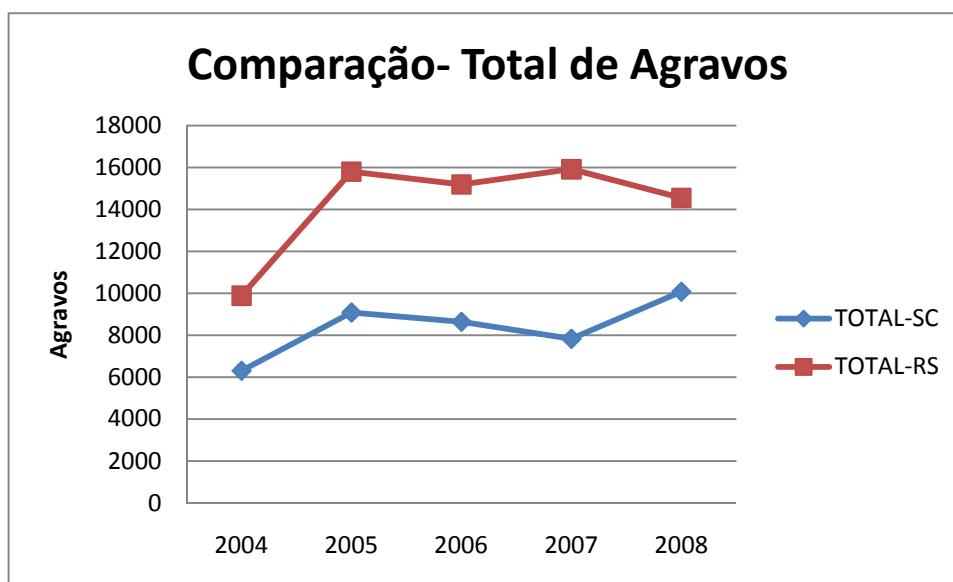


FIGURA 5.3.32 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO DOS TOTAIS DE AGRAVOS DE SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL (2004 – 2008)

FONTE: TABELA 5.3.58 e TABELA 5.3.59

De acordo com o levantamento acima, observa-se que na região não existem doenças endêmicas.

5.3.4 Estrutura Produtiva e de Serviços

5.3.4.1 Aspectos Econômicos da Área de Influência Indireta

Os municípios componentes da área de influência indireta das obras de implantação e pavimentação da rodovia BR-285 são em número de vinte e nove, desses, quinze se localizam na porção sul do estado de Santa Catarina e pertencem à Microrregião de Araranguá (IBGE). Os quatorze restantes se localizam à nordeste do Rio Grande do Sul e pertencem à Microrregião de Vacaria (IBGE).

Para a caracterização econômica dos municípios integrantes da área de influência indireta, optou-se por levantar e tratar os dados municipais disponíveis no IBGE, sendo abordados os seguintes temas: produto interno bruto total de cada município, bem como por setor de atividade, o valor adicionado, estabelecimentos agropecuários, lavouras permanentes, lavouras temporárias, tipos de rebanhos, extração vegetal, fundo de participação dos municípios, receita orçamentária, estrutura empresarial e pessoal empregado por tipo de estrutura empresarial.

a) Produto Interno Bruto

Segundo o IBGE (2006), o Produto Interno Bruto (PIB) é a soma de todos os serviços e bens produzidos num período (mês, semestre, ano), numa determinada região (país, estado, cidade, continente). O PIB é expresso em valores monetários, tendo uma importância como indicador da atividade econômica de uma região, vindo a representar o crescimento econômico. No cálculo do PIB, não são considerados os insumos de produção (matérias-primas, mão-de-obra, impostos e energia). Os dados disponibilizados pelo IBGE retratam o PIB, como Valor Adicionado, sendo que esse último tem a função de divulgar e identificar o valor da riqueza gerada pelo setor de atividade, além de pontuar como essa riqueza foi distribuída entre os contribuintes, direta ou indiretamente, para a sua geração. O Valor Adicionado constitui-se, então, da receita de venda deduzida dos custos dos recursos adquiridos de terceiros. É, portanto, o quanto cada setor de atividade contribuiu para a formação do Produto Interno Bruto (PIB) do país, estado ou município.

A TABELA 5.3.60 mostra o PIB a preço de mercado corrente do total dos municípios e dos estados da Área de Influência Indireta (All).

TABELA 5.3.60 - PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB) A PREÇO DE MERCADO CORRENTE DA AII (SC) – 2006

Municípios - Área de influência indireta	Mil Reais	Percentual em relação ao total da All	Percentual em relação ao total do Estado
Araranguá	544.166	33,96	0,58
Balneário Arroio do Silva	48.392	3,02	0,05
Balneário Gaivota	42.128	2,63	0,05
Ermo	37.603	2,35	0,04
Jacinto Machado	111.212	6,94	0,12
Maracajá	82.266	5,13	0,09
Meleiro	93.182	5,82	0,10
Morro Grande	21.495	1,34	0,02
Passo de Torres	45.183	2,82	0,05
Praia Grande	49.866	3,11	0,05
Santa Rosa do Sul	48.690	3,04	0,05
São João do Sul	51.675	3,22	0,06
Sombrio	211.763	13,22	0,23
Timbé do Sul	34.575	2,16	0,04
Turvo	180.183	11,24	0,19
Total:	1.602.379	100	1,72
Total de SC:	93.173.000		

FONTE: IBGE – Cidades - Síntese das Informações, 2006. Acesso em 10 de junho de 2009

Quanto aos totais da Área de Influência Indireta (All), em relação ao somatório total dessa área, o município de maior PIB em Santa Catarina é Araranguá (R\$ 544.166,00; 33,96%), sendo seguido por Sombrio (R\$ 211.763,00; 13,22%). O primeiro está localizado a beira mar, destaca-se pelo turismo, principalmente no verão, é expressivo no setor dos serviços, sendo seguido pela atividade industrial. Quanto aos valores integrais da All, em relação aos totais de Santa Catarina, Araranguá, também é o mais significativo, com um percentual de 0,58%, seguido por Sombrio, com 0,23%. A FIGURA 5.3.33 a seguir ilustra essa situação.

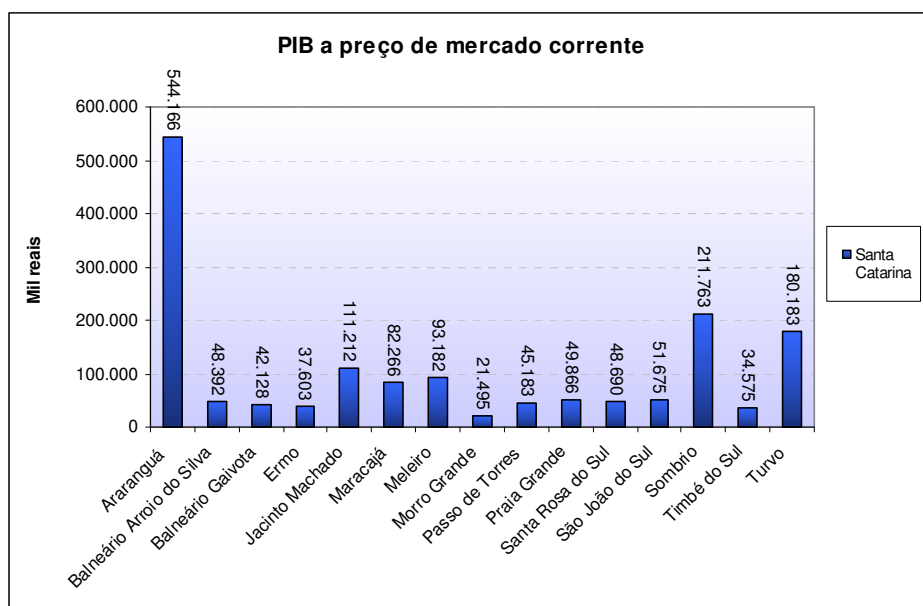


FIGURA 5.3.33 – GRÁFICO: PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB) A PREÇO DE MERCADO CORRENTE DA AII (SC) – 2006
FONTE: TABELA 5.3.60

A TABELA 5.3.61 mostra o PIB a preço de mercado corrente total dos municípios estados do RS.

TABELA 5.3.61 - PRODUTO INTERNO BRUTO A PREÇO DE MERCADO CORRENTE DA AII (RS) – 2006

Municípios - Área de influência indireta	Mil Reais	Percentual em relação ao total da AII	Percentual em relação ao total do Estado
Bom Jesus	91.654	4,86	0,06
Cambará do Sul	82.081	4,35	0,05
Campestre da Serra	52.475	2,78	0,03
Capão Bonito do Sul	37.488	1,99	0,02
Esmeralda	49.131	2,60	0,03
Ipê	73.460	3,89	0,05
Jaquirana	29.726	1,58	0,02
Lagoa Vermelha	314.755	16,68	0,20
Monte Alegre dos Campos	27.975	1,48	0,02
Muitos Capões	119.957	6,36	0,08
Pinhal da Serra	44.356	2,35	0,03
São Francisco de Paula	206.897	10,97	0,13
São José dos Ausentes	57.995	3,07	0,04
Vacaria	698.933	37,04	0,45
Total:	1.886.883	100	1,20
Total do Rio Grande do Sul:	156.883.000		

FONTE: IBGE – CIDADES - SÍNTESE DAS INFORMAÇÕES, 2006. ACESSADO EM 19 DE JUNHO DE 2009

Quanto ao estado do Rio Grande do Sul (RS), o município de maior PIB em relação aos totais da AII é Vacaria, sendo seguido por Lagoa Vermelha, sendo ambos expressos em reais e em percentuais: R\$ 698.933, 00 e 37,04%%; R\$ 314.775,00 e 16,68%, respectivamente. O setor de atividade mais expressivo, em ambos, é o de serviços. Em relação ao total do Rio Grande do Sul, Vacaria é também o que mais se destaca, contribuindo para tal com um percentual de 45%, sendo seguido por Lagoa Vermelha, com 0,20%. A FIGURA 5.3.34 a seguir ilustra essa situação.

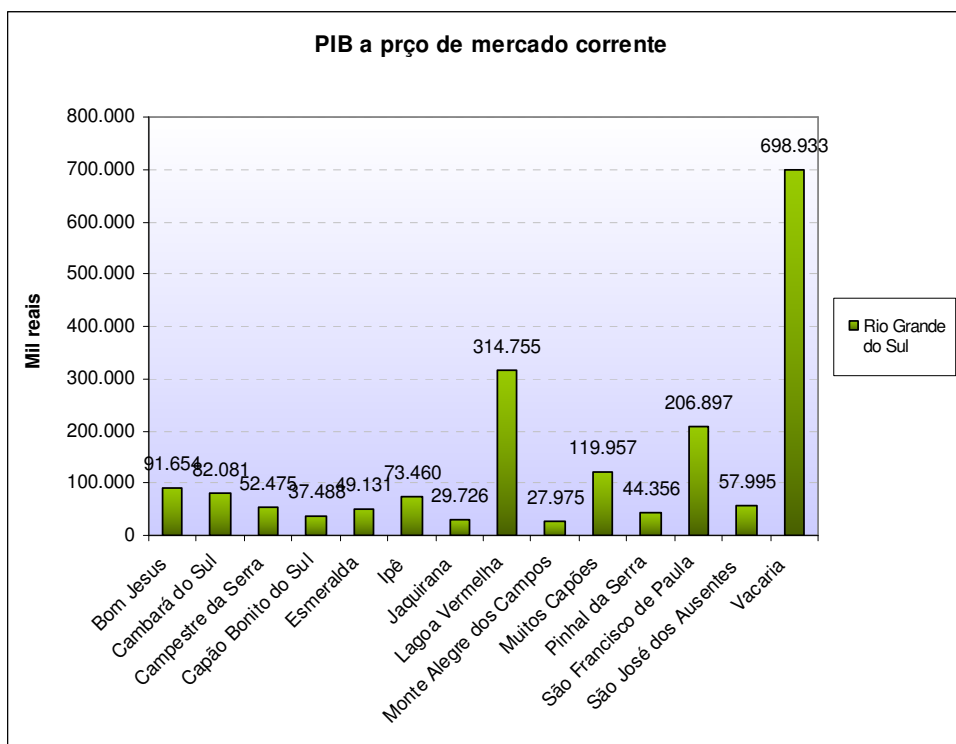


FIGURA 5.3.34 – GRÁFICO DO PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB) A PREÇO DE MERCADO CORRENTE DA AII (RS) – 2006
 FONTE: FIGURA 5.3.61

b) Valor Adicionado

A TABELA 5.3.62 e TABELA 5.3.63 mostram os dados disponibilizados pelo IBGE, retratando o Valor Adicionado, com objetivo de demonstrar o valor da riqueza gerada pelos setores agropecuário, industrial e de serviços. O Valor Adicionado constitui-

se da receita de venda deduzida dos custos dos recursos adquiridos de terceiros. É, portanto, o quanto cada setor de atividade contribuiu para a formação do Produto Interno Bruto (PIB) do município.

TABELA 5.3.62 - PIB, VALOR ADICIONADO NA AGROPECUÁRIA, INDÚSTRIA E SERVIÇOS DA AII (SC) – 2006

Municípios	Valores adicionados na agropecuária *	Percentual dos valores na agropecuária em relação a AII	Valores adicionados na indústria*	Percentual dos valores na indústria em relação a AII	Valores adicionados nos serviços*	Percentual dos valores no serviço em relação a AII
Araranguá	33.995	15,21	98.349	26,58	364.236	40,83
Balneário Arroio do Silva	2.591	1,16	7.052	1,91	36.262	4,07
Balneário Gaivota	6.782	3,03	6.915	1,87	26.441	2,96
Ermo	10.592	4,74	13.484	3,64	9.712	1,09
Jacinto Machado	21.650	9,69	43.673	11,80	39.268	4,40
Maracajá	6.416	2,87	19.337	5,23	47.357	5,31
Meleiro	23.097	10,33	22.646	6,12	42.915	4,81
Morro Grande	10.231	4,58	1.801	0,49	8.996	1,01
Passo de Torres	12.163	5,44	11.216	3,03	18.468	2,07
Praia Grande	9.322	4,17	9.535	2,58	28.768	3,23
Santa Rosa do Sul	10.448	4,67	7.598	2,05	27.389	3,07
São João do Sul	19.965	8,93	6.910	1,87	21.968	2,46
Sombrio	15.157	6,78	56.467	15,26	123.914	13,89
Timbé do Sul	13.600	6,08	2.395	0,65	17.328	1,94
Turvo	27.494	12,30	62.631	16,93	78.977	8,85
Total:	223.503	100	370.009	100	891.999	100
Total de SC:	6.225.443		25.317.920		43.017.306	

FONTE: IBGE, Cidades, 2006 Acesso em: 11 de jun de 2009.

NOTA - *Valores em Mil Reais

A TABELA 5.3.62 pontua que o município de maior valor adicionado na agropecuária é Araranguá, com R\$ 33.995,00, representando 15,21%, nesse setor de atividade na AII. O segundo em contribuição, nesse setor, é Turvo, com R\$ 27.494,00, ou seja, 12,30%. No setor da indústria, destaca-se Araranguá, com R\$ 98.349,00, totalizando 26,58%. Sombrio, é o segundo mais expressivo, com R\$ 56.467,00 representando 15,26% do total da indústria. No setor de serviço, se destacam, também, os dois municípios já citados, Araranguá com R\$ 364.236,00 (40,83% da AII nesse setor de atividade), seguido por Sombrio, contribui com R\$ 123.914,00 (13,89%). Pelos dados

levantados, pode se concluir que Araranguá é o município mais expressivo em valor adicionado.

A TABELA 5.3.63 e a FIGURA 5.3.35 a seguir foram concebidas através da agregação dos totais dos valores adicionados por setores de atividades da TABELA 5.3.62.

TABELA 5.3.63 - PIB, VALOR ADICIONADO NA AGROPECUÁRIA, INDÚSTRIA E SERVIÇOS DA AII NO ESTADO DE SANTA CATARINA – 2006

Setor de atividade	Total de valores adicionados em relação aos Setores de Atividades na AII*	Percentual em relação ao total da AII	Total de valores adicionados em relação aos Setores de Atividades em Santa Catarina*	Percentual da AII em relação ao total de SC
Agropecuária	223.503	15,05	6.225.443	0,30
Indústria	370.009	24,91	25.317.920	0,50
Serviço	891.999	60,04	43.017.306	1,20
Total	1.485.551	100	74.560.669	2,00

FONTE: TABELA 5.3.62

NOTA: *Valores em mil reais

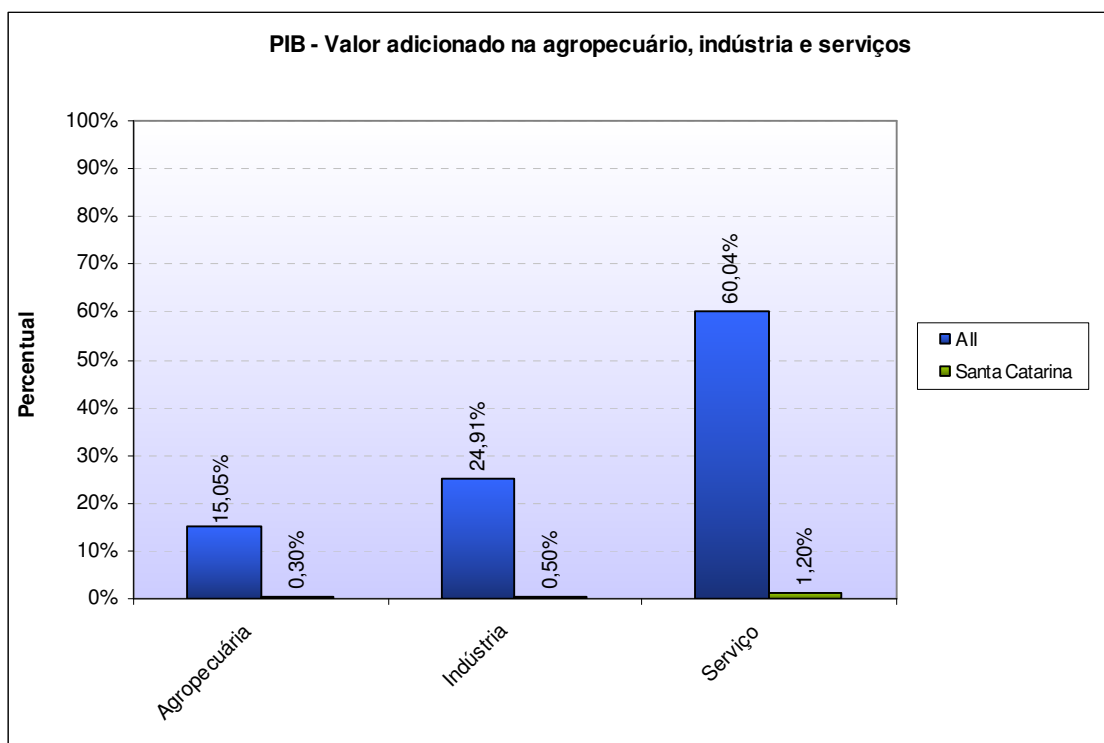


FIGURA 5.3.35 – GRÁFICO: PIB VALOR ADICIONADO NA AGROPECUÁRIA, INDÚSTRIA E SERVIÇOS DA AII NO ESTADO DE SANTA CATARINA – 2006

FONTE: TABELA 5.3.63

A TABELA 5.3.63 e a FIGURA 5.3.35 acima revelam que, em termos absolutos, o setor da atividade que mais contribui para o PIB da AII é o de serviços com R\$ 891.999,00, representando, em relação ao total, 60,04% da AII. Quanto à sua contribuição para o estado de Santa Catarina a porcentagem encontrada é de 1,20%, sendo a maior contribuição em comparação aos demais setores de atividade (indústria: 0,50%; agropecuária: 0,30%). O segundo setor expressivo na AII é o de indústria com 24,91%.

A TABELA 5.3.64 e TABELA 5.3.65 mostram os dados disponibilizados pelo IBGE, vindo a retratar o Valor Adicionado, demonstrando qual é o valor da riqueza gerada pelos setores agropecuário, industrial e de serviços, para os municípios integrantes da AII no estado do Rio Grande do Sul.

TABELA 5.3.64 - PIB, VALOR ADICIONADO NA AGROPECUÁRIA, INDÚSTRIA E SERVIÇOS DA AII (RS) – 2006

Municípios	Valores adicionados na agropecuária*	Percentual dos valores na agropecuária em relação a AII	Valores adicionados na indústria*	Percentual dos valores na indústria em relação a AII	Valores adicionados nos serviços*	Percentual dos valores no serviço em relação a AII
Bom Jesus	28.706	4,91	8.580	3,53	49.198	5,32
Cambará do Sul	16.788	2,87	26.601	10,96	32.170	3,48
Campestre da Serra	22.782	3,90	6.485	2,67	19.120	2,07
Capão Bonito do Sul	22.759	3,90	1.136	0,47	12.235	1,32
Esmeralda	24.159	4,14	1.819	0,75	20.883	2,26
Ipê	33.802	5,79	6.894	2,84	29.402	3,18
Jaquirana	7.887	1,35	4.191	1,73	16.267	1,76
Lagoa Vermelha	59.756	10,23	45.264	18,64	181.658	19,64
Monte Alegre dos Campos	14.978	2,56	1.310	0,54	11.203	1,21
Muitos Capões	87.951	15,06	2.951	1,22	26.365	2,85
Pinhal da Serra	10.422	1,78	22.648	9,33	10.489	1,13
São Francisco de Paula	81.696	13,99	20.760	8,55	93.398	10,10
São José dos Ausentes	37.923	6,49	2.377	0,98	16.594	1,79
Vacaria	134.515	23,03	91.776	37,80	405.811	43,88
Total:	584.124	100	242.792	100	924.793	100
Total do RS:	8.764.507		37.475.448		77.628.594	

FONTE: IBGE – Cidades - Síntese das Informações, 2006. Acesso em 19 de junho de 2009

NOTA - * Valores em Mil Reais

A tabela acima permite chegar à conclusão que o município de maior valor adicionado na agropecuária é Vacaria, com R\$ 134.515,00, representando 23,03% nesse setor de atividade na AII. O segundo, em contribuição, é Muitos Capões, com R\$ 87.951,00, ou seja, 15,06%. No setor da indústria, destaca-se, da mesma forma, Vacaria, com R\$ 91.776,00, representando 37,80%, desse setor de atividade. Lagoa Vermelha é o segundo mais expressivo, com R\$ 45.264,00, qual seja, 18,64% do total da indústria. No setor de serviço, tem expressão representativa o município de Vacaria, com R\$ 405.811,00, representando 43,88%, da AII nesse setor de atividade, seguido por Lagoa Vermelha, que contribui com R\$ 181.658,00 (19,64%). Pelos dados levantados, pode se concluir que Vacaria é o município mais expressivo em valor adicionado.

A TABELA 5.3.65 e a FIGURA 5.3.36 foram concebidas agregando os totais dos valores adicionados por setores de atividades da TABELA 5.3.64.

TABELA 5.3.65 - PIB, VALOR ADICIONADO NA AGROPECUÁRIA, INDÚSTRIA E SERVIÇOS DA AII NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – 2006

Setor de atividade	Total de valores adicionados em relação aos Setores de Atividades na AII*	Percentual em relação ao total da AII	Total de valores adicionados em relação aos Setores de Atividades no Rio Grande do Sul*	Percentual da AII em relação ao total do RS
Agropecuária	584.124	33,35	8.764.507	0,47
Indústria	242.792	13,86	37.475.448	0,20
Serviço	924.793	52,79	77.628.594	0,75
Total	1.751.709	100	123.868.549	1,42

FONTE: TABELA 5.3.64

NOTA- *Valores em Mil Reais

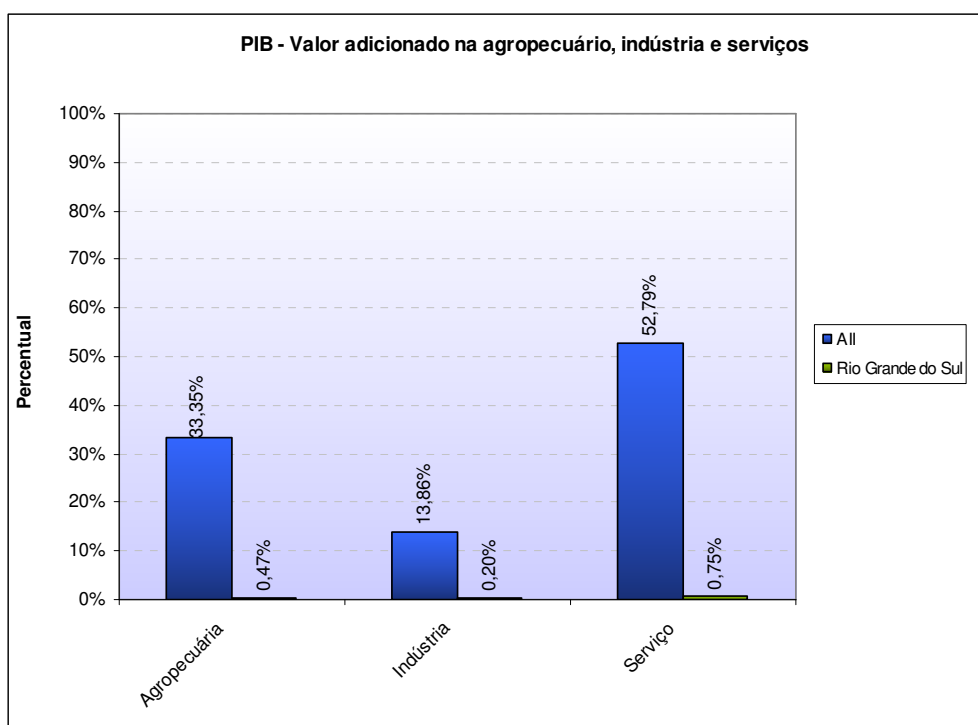


FIGURA 5.3.36 – GRÁFICO: PIB VALOR ADICIONADO NA AGROPECUÁRIA, INDÚSTRIA E SERVIÇOS DA AII NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – 2006
FONTE: TABELA 5.3.64

A análise da TABELA 5.3.65 e da FIGURA 5.3.36 permite concluir que, em termos absolutos, o setor da atividade que mais contribui para o PIB da AII é do serviço, com R\$ 924.793,00, representando, ao total, 52,79% da AII. Quanto a sua contribuição para o estado do Rio Grande do Sul, encontra-se a porcentagem de 0,75%, sendo essa a maior contribuição, se comparada aos demais setores de atividade (indústria, 0,20% e agropecuária, 0,47%). O segundo setor expressivo na AII é o da agropecuária com 33,35%.

c) Estabelecimentos Agropecuários

A TABELA 5.3.66 e TABELA 5.3.67 retratam o número total de **estabelecimentos agropecuários**, seus percentuais em relação à AII, bem com em relação à Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

TABELA 5.3.66 - NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS AGROPECUÁRIOS DA AII (SC) - 2006

Municípios - Área de influência indireta	Número de estabelecimentos	Percentual em relação ao total da AII	Percentual em relação ao total do Estado
Araranguá	1.019	11,42	0,52
Balneário Arroio do Silva	31	0,35	0,02
Balneário Gaivota	314	3,52	0,16
Ermo	207	2,32	0,11
Jacinto Machado	1.212	13,58	0,62
Maracajá	247	2,77	0,13
Meleiro	851	9,54	0,44
Morro Grande	408	4,57	0,21
Passo de Torres	97	1,09	0,05
Praia Grande	481	5,39	0,25
Santa Rosa do Sul	896	10,04	0,46
São João do Sul	1.279	14,33	0,66
Sombrio	646	7,24	0,33
Timbé do Sul	548	6,14	0,28
Turvo	689	7,72	0,35
Total:	8.925	100	4,59
Total de Santa Catarina:	194.533		

FONTE: IBGE – Cidades - Síntese das Informações, 2006. Acesso em 19 de junho de 2009

TABELA 5.3.67 - NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS AGROPECUÁRIOS DA AII (RS) - 2006

Municípios - Área de influência indireta	Número de estabelecimentos	Percentual em relação ao total da AII	Percentual em relação ao total do Estado
Bom Jesus	1.096	10,06	0,25
Cambará do Sul	400	3,67	0,09
Campestre da Serra	601	5,52	0,14
Capão Bonito do Sul	479	4,40	0,11
Esmeralda	532	4,88	0,12
Ipê	901	8,27	0,20
Jaquirana	576	5,29	0,13
Lagoa Vermelha	1.555	14,28	0,35
Monte Alegre dos Campos	779	7,15	0,18
Muitos Capões	487	4,47	0,11
Pinhal da Serra	565	5,19	0,13
São Francisco de Paula	1.321	12,13	0,30
São José dos Ausentes	563	5,17	0,13
Vacaria	1.038	9,53	0,23
Total:	10.893	100	2,46
Total do Rio Grande do Sul:	442.564		

FONTE: IBGE – Cidades - Síntese das Informações, 2006. Acesso em 19 de junho de 2009

No tocante aos estabelecimentos agropecuários na AII, pode-se constatar, nas duas tabelas acima, que o estado do Rio Grande do Sul possui o maior número de estabelecimentos (10.893), o percentual em relação ao total de estabelecimentos agropecuários do estado é de 2,46%. Os municípios que possuem maior número absoluto de estabelecimentos na AII do Rio Grande do Sul são: Lagoa Vermelha e São Francisco de Paula, com 1.555 e 1.321 estabelecimentos, respectivamente, correspondendo em percentuais, em relação ao total da AII, de 14,28% e a 12,13%. Quanto aos municípios da AII

de Santa Catarina, destacam-se São João do Sul, com 1.271 (14,33%) e Jacinto Machado com 1.212 (13,58%) estabelecimentos agropecuários.

Em relação ao total de estabelecimentos, a AII no Rio Grande do Sul, contribui para com 2,46% e em Santa Catarina a AII contribuí com 4,59%, dos totais de estabelecimentos rurais.

A FIGURA 5.3.37 a seguir, expressa os totais de estabelecimentos agropecuários na AII para os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, bem como os totais para tais estados.

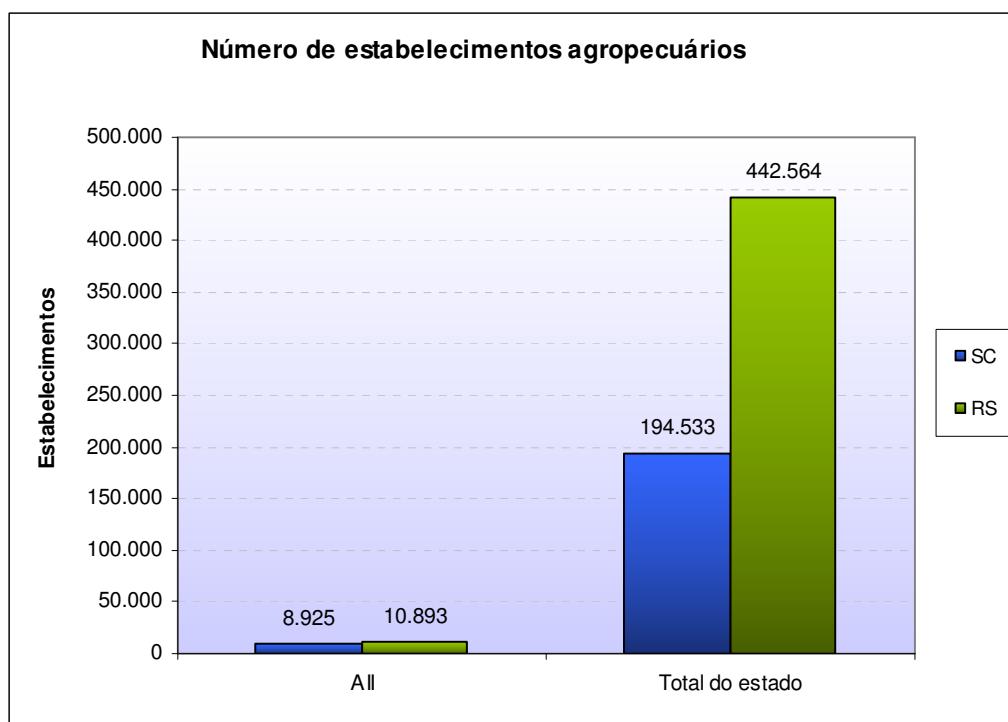


FIGURA 5.3.37 – GRÁFICO: NUMERO TOTAL DE ESTABELECIMENTOS DAS AII DE SC E RS E NÚMERO TOTAL DE ESTABELECIMENTOS DOS ESTADOS DE SC E RS – 2006
FONTE: TABELA 5.3.66 e TABELA 5.3.67

d) Lavouras Permanentes

No tocante às atividades agropecuárias, os dados foram levantados a partir do Censo Agropecuário, realizado em 2006, pelo IBGE, e disponibilizados em seu site. Para tal, foram levantados os principais tipos e quantidades referentes às **lavouras permanentes e temporárias** em toneladas, bem como o número de cabeças dos principais rebanhos existentes nos municípios integrantes da AII.

A TABELA 5.3.68 mostra o tipo e principais **lavouras permanentes**, em toneladas, para os municípios integrantes da AII no estado de **Santa Catarina**.

TABELA 5.3.68 - TIPOS E QUANTIDADES DAS PRINCIPAIS LAVOURAS PERMANENTES EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DO SANTA CATARINA (TONELADAS - T) – 2007

Municípios - Área de influência indireta	Banana (t)	Laranja (t)	Maracujá (t)	Total
Araranguá	70	1.170	115	1.355
Balneário Arroio do Silva	-	-	-	0
Balneário Gaivota	-	-	33	33
Ermo	-	6	-	6
Jacinto Machado	14.360	-	230	14.590
Maracajá	70	-	-	70
Meleiro	375	-	-	375
Morro Grande	72	-	-	72
Passo de Torres	-	-	-	0
Praia Grande	2.586	-	-	2.586
Santa Rosa do Sul	6.320	-	92	6.412
São João do Sul	-	-	116	116
Sombrio	1.496	-	345	1.841
Timbé do Sul	680	-	-	680
Turvo	848	64	-	912
Total:	26.877	1.240	931	29.048
Total de Santa Catarina:	655.973	125.118	5.904	786.995

FONTE: IBGE – Cidades - Síntese das Informações, 2007. Acesso em 19 de junho de 2009

Na AII de Santa Catarina, a lavoura permanente que mais se destaca é a da banana, com 26.877 toneladas, sendo seguida pela laranja (1.240 t) e maracujá (931 t). A maior produção, em toneladas, referentes aos totais de lavouras permanentes é a de Jacinto Machado, com 14.360 toneladas. O segundo município com maior produção, em toneladas, é Santa Rosa do Sul (6.320). O terceiro município, em produção total, é Praia Grande (2.586 t). Cabe ressaltar que Araranguá é o único município que possui os três principais tipos de lavoura permanente aqui identificadas. Entretanto, cabe a Jacinto Machado a maior produção em lavouras permanentes da AII, com 14.590 t (50,23%).

A TABELA 5.3.69 e a FIGURA 5.3.38 detalham os dados da tabela anterior, além de demonstrarem o número total da produção da AII e seu percentual em relação à Santa Catarina.

TABELA 5.3.69 - TOTAL DA PRODUÇÃO DAS LAVOURAS PERMANENTES EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DE SANTA CATARINA (TONELADAS - T) – 2007

Total de lavouras	Nº total de produção (t)	Percentual em relação ao total de SC
Área de influência indireta	29.048	3,69
Santa Catarina	786.995	100

FONTE: TABELA 5.3.68

A TABELA 5.3.69 mostra que o total da produção das lavouras, consideradas como permanentes da AII representam, para o estado de Santa Catarina somente 3,69%. A FIGURA 5.3.38 a seguir mostra essa relação.

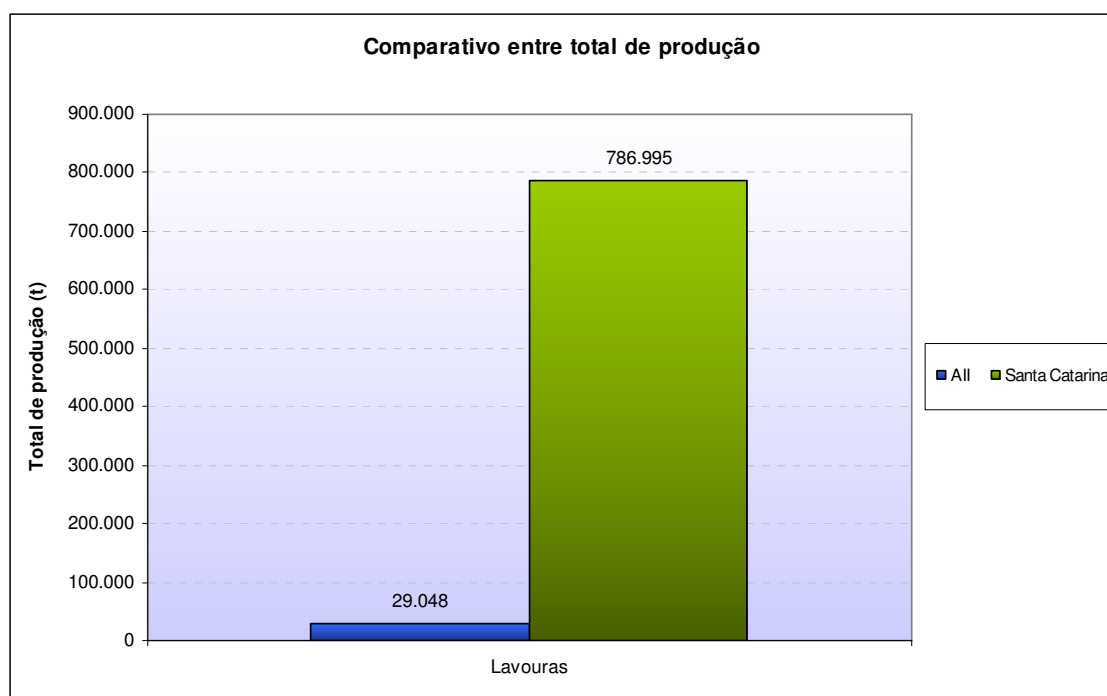


FIGURA 5.3.38 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO ENTRE O TOTAL DA PRODUÇÃO DAS LAVOURAS PERMANENTES EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DE SANTA CATARINA (TONELADAS – T) – 2007
FONTE: TABELA 5.3.69

A TABELA 5.3.70 e a FIGURA 5.3.39 detalham os dados da TABELA 5.3.68. Pontuam os percentuais dos tipos de lavouras permanentes em relação aos totais da AII, além dos percentuais em relação à Santa Catarina.

TABELA 5.3.70 - TIPOS DE LAVOURAS PERMANENTES EXISTENTES NA AII NO ESTADO DE SANTA CATARINA (PERCENTUAIS) – 2007

Tipo de lavoura	Percentual em	Percentual em
	relação ao total da AII	relação ao total de SC
Banana	92,53	4,10
Laranja	4,27	0,99
Maracujá	3,21	15,77
Total	100	20,86

FONTE: TABELA 5.3.69

A tabela acima mostra que, em termos percentuais, as lavouras permanentes que mais se destacam em relação a AII são: banana, com 92,53%, seguida pela laranja e

maracujá, com 4,27% e 3,21%, respectivamente. Relacionando essas lavouras com os totais do estado de Santa Catarina, o maracujá é a cultura permanente mais expressiva, contribuindo com 15,77% para o total da produção. A segunda e terceiras culturas da AII que mais contribuem para a produção de Santa Catarina são a banana (4,10%) e a laranja (0,99%). A figura a seguir expressa a TABELA 5.3.70 acima.

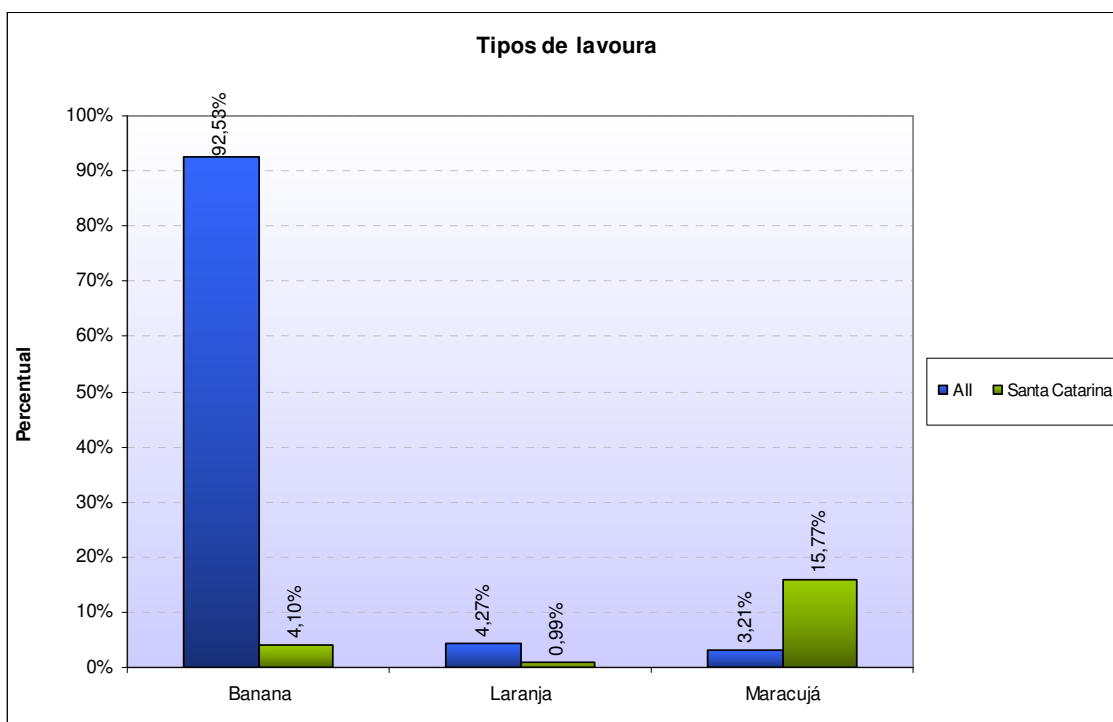


FIGURA 5.3.39 – GRÁFICO: TIPOS DE LAVOURAS PERMANENTES EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DE SANTA CATARINA (PERCENTUAIS) – 2007
 FONTE: TABELA 5.3.70

A TABELA 5.3.71 mostra o tipo e principais **lavouras permanentes**, em toneladas, para os municípios integrantes da AII no estado do **Rio Grande do Sul**.

TABELA 5.3.71 - TIPO E QUANTIDADE DAS PRINCIPAIS LAVOURAS PERMANENTES EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (TONELADAS - T) – 2007

Municípios - Área de influência indireta	Caqui (t)	Erva-Mate (t)	Figo (t)	Laranja (t)	Limão (t)	Maçã (t)	Pêra (t)	Pêssego (t)	Tangerina (t)	Uva (t)	Total
Bom Jesus	80	-	10	-	-	75.000	50	-	-	228	75.368
Cambará do Sul	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
Campestre da Serra	196	-	18	210	-	4.320	56	1.320	160	8.480	14.760
Capão Bonito do Sul	-	1.150	5	55	-	1.836	14	20	-	96	3.176
Esmeralda	8	60	-	30	-	-	8	10	-	20	136
Ipê	66	32	-	48	12	16.500	-	60	180	4.500	21.398
Jaquirana	42	-	24	36	-	990	-	366	-	48	1.506
Lagoa Vermelha	216	585	80	122	11	3.000	40	50	17	375	4.496
Monte Alegre dos Campos	-	-	28	60	-	17.550	14	68	20	7.130	24.870
Muitos Capões	-	-	4	576	11	37.500	7	25	-	90	38.213
Pinhal da Serra	-	100	-	48	-	20	14	2	6	195	385
São Francisco de Paula	-	-	-	171	24	19.250	-	-	-	405	19.850
São José dos Ausentes	-	-	-	-	-	13.350	-	-	-	-	13.350
Vacaria	220	-	-	84	12	180.000	320	500	-	100	181.236
Total:	828	1.927	169	1.440	70	369.316	523	2.421	383	21.667	398.744
Total do Rio Grande do Sul:	27.179	259.317	9.961	347.140	23.164	469.389	8.498	94.056	171.907	704.176	2.114.787

FONTE: IBGE – Cidades - Síntese das Informações, 2007. Acesso em 13 de junho de 2009

Na All do Rio Grande do Sul, a lavoura permanente que mais se destaca é a maçã, com 469.389 toneladas, presente em treze dos quinze municípios dessa All. Aqueles que se destacam na sua produção são: nos municípios de Vacaria (180.000 t) e Bom Jesus (75.000 t). A outra cultura permanente que se destaca é a da uva (21.667 t), encontrada também em treze municípios. Aqueles que mais se destacam na sua produção são: Campestre da Serra (8.480 t) e Monte Alegre dos Campos (7.130 t). Quanto aos totais dos municípios, Vacaria tem o destaque, com uma produção de 181.236 t (45,45%) em lavouras permanentes.

A TABELA 5.3.72 e a FIGURA 5.3.40 detalham os dados da tabela anterior e mostram o número total da produção da All e seu percentual em relação ao Rio Grande do Sul.

TABELA 5.3.72 - TOTAL DA PRODUÇÃO DAS LAVOURAS PERMANENTES EXISTENTES NA ALL E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (TONELADAS - T) – 2007

Total de lavouras	Nº total de produção (t)	Percentual em relação ao total do RS
Área de influência indireta	398.744	18,86
Rio Grande do Sul	2.114.787	100

FONTE: TABELA 5.3.71

A tabela acima mostra que a All contribui com 18,88% da produção das lavouras consideradas como permanente para o Rio Grande do Sul. A FIGURA 5.3.40 a seguir representa essa relação em termos absolutos.

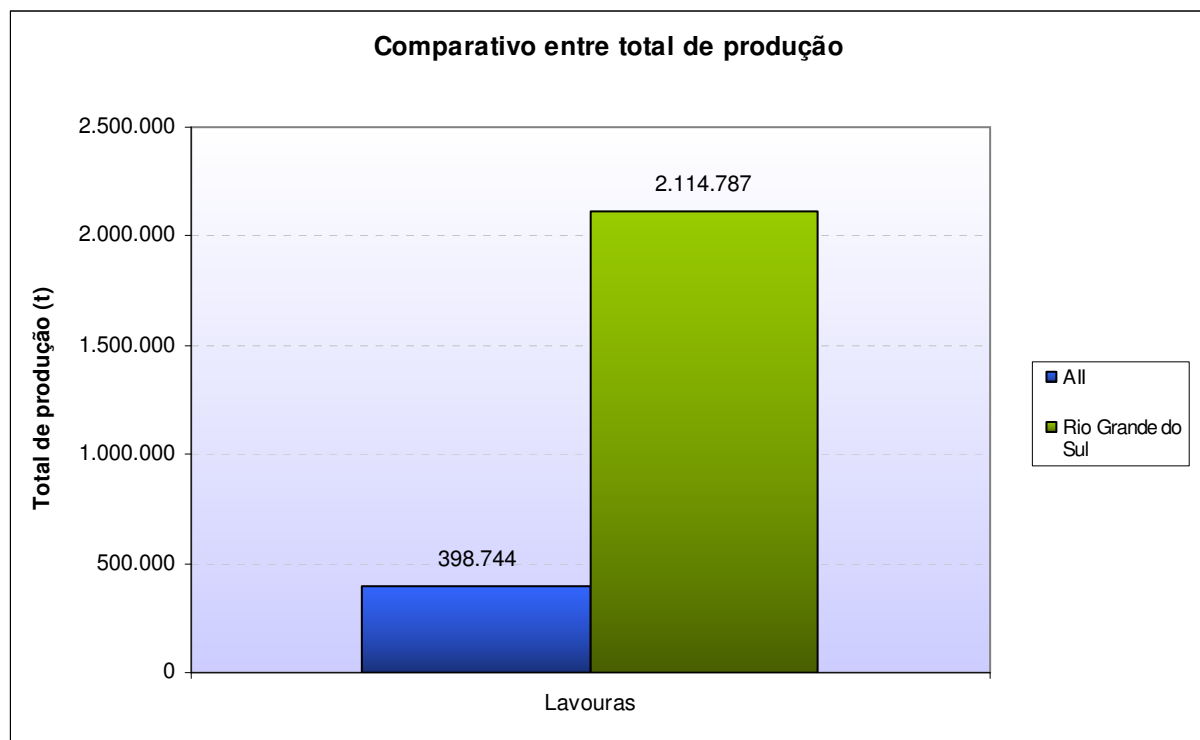


FIGURA 5.3.40 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO ENTRE O TOTAL DA PRODUÇÃO DAS LAVOURAS PERMANENTES EXISTENTES NA AII E NO ESTADO RIO GRANDE DO SUL – 2007
FONTE: TABELA 5.3.72

A TABELA 5.3.73 e a FIGURA 5.3.41 detalham os dados da TABELA 5.3.71 e mostram os percentuais dos tipos de lavouras permanentes em relação aos totais da AII e os percentuais em relação ao Rio Grande do Sul.

TABELA 5.3.73 - TIPOS DE LAVOURAS PERMANENTES EXISTENTES NA AII NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (PERCENTUAIS) – 2007

Tipo de lavoura	Percentual em relação ao total da AII	Percentual em relação ao total do RS
Caqui	0,21	3,05
Erva-Mate	0,48	0,74
Figo	0,04	1,70
Laranja	0,36	0,41
Limão	0,02	0,30
Maçã	92,62	78,68
Pêra	0,13	6,15
Pêssego	0,61	2,57
Tangerina	0,10	0,22
Uva	5,43	3,08
Total	100	

FONTE: TABELA 5.3.71

A tabela acima mostra que, em termos percentuais, as lavouras permanentes que mais se destacam em relação a AII são: maçã, com 92,62%, sendo seguido somente pela uva com 5,43% na AII. Relacionando essas lavouras com os totais do estado do Rio Grande do Sul, as mesmas culturas aparecem como principais, sendo que a AII contribui com 78,69% da produção total do estado de maçã, 6,15% de pêra e 3,08% da produção total do estado de uva. A FIGURA 5.3.41 a seguir expressa a tabela acima.

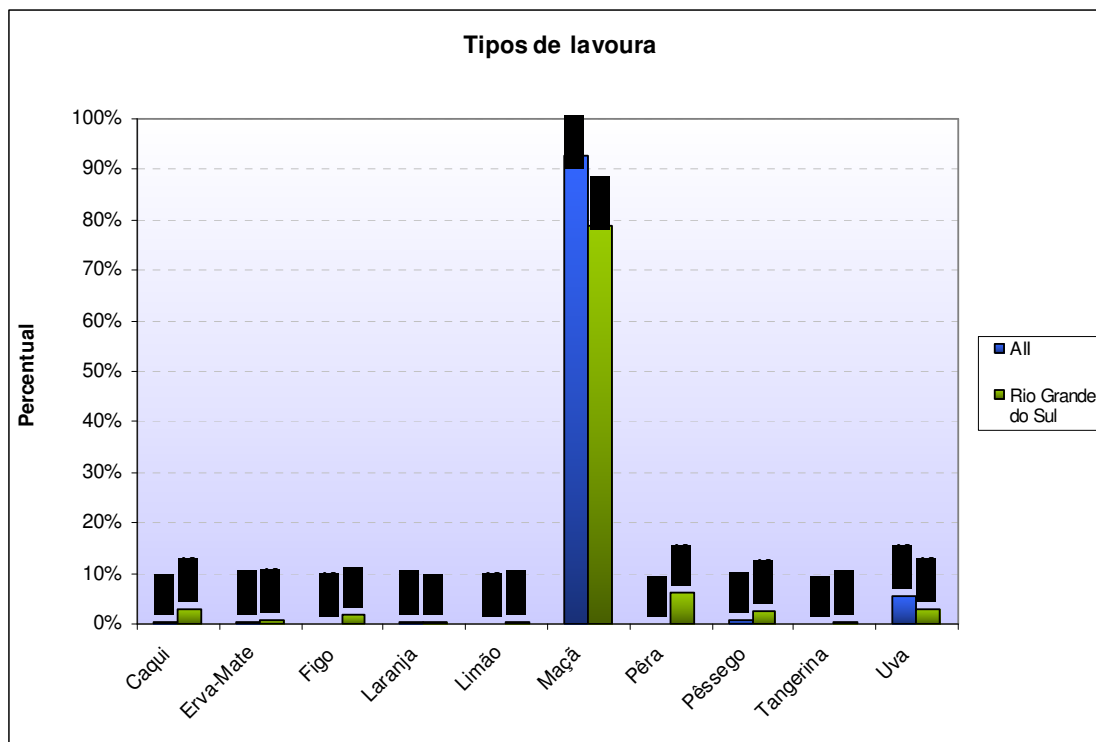


FIGURA 5.3.41 – GRÁFICO: TIPOS DE LAVOURAS PERMANENTES EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (PERCENTUAIS) – 2007
 FONTE: TABELA 5.3.71

e) Lavouras Temporárias

A TABELA 5.3.74 mostra o tipo e principais lavouras temporárias em toneladas para os municípios integrantes da AII no estado de Santa Catarina.



TABELA 5.3.74 - TIPOS E QUANTIDADES DAS PRINCIPAIS LAVOURAS TEMPORÁRIAS EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DE SANTA CATARINA (TONELADAS) – 2007

Municípios - Área de influência indireta	Abacaxi (mil frutos)	Arroz (t)	Cana de açúcar (t)	Feijão (t)	Fumo (t)	Mandioca (t)	Melancia (t)	Milho (t)	Soja (t)	Trigo (t)	Total
Araranguá	-	29.250	1.200	356	5.719	6.000	-	2.850	-	-	45.375
Balneário Arroio do Silva	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
Balneário Gaivota	-	-	-	-	642	750	-	874	-	-	2.266
Ermo	-	21.700	420	155	1.099	900	-	2.250	-	-	26.524
Jacinto Machado	-	41.230	3.920	160	1.502	150	-	4.050	-	-	51.012
Maracajá	-	10.150	290	85	684	450	-	1.450	-	-	13.109
Meleiro	-	70.500	1.001	305	1.323	150	-	6.380	-	-	79.659
Morro Grande	48	17.355	280	55	1.012	-	-	2.160	-	-	20.862
Passo de Torres	-	4.225	270	-	488	300	-	433	-	-	5.716
Praia Grande	-	9.100	2.340	15	414	210	-	1.320	-	-	13.399
Santa Rosa do Sul	-	5.000	720	95	2.008	3.000	-	1.710	-	-	12.533
São João do Sul	108	9.600	213	60	2.501	6.000	-	3.880	-	-	22.254
Sombrio	-	9.750	-	110	2.815	4.500	-	1.980	-	-	19.155
Timbé do Sul	-	15.400	1.330	105	1.857	30	-	5.710	-	-	24.432
Turvo	-	69.600	1.045	280	1.873	-	-	4.980	-	-	77.778
Total:	156	312.860	13.029	1.781	23.937	22.440	0	40.027	0	0	414.074
Total de Santa Catarina:	650	1.038.438	734.562	214.924	249.015	633.216	63.801	3.793.364	1.111.456	203.334	8.042.760

FONTE: IBGE – Cidades - Síntese das Informações, 2007. Acesso em 15 de junho de 2009

Na AII de Santa Catarina, a lavoura temporária que mais se destaca é a do arroz, com 312.860 toneladas, sendo seguida pelo cultivo do milho (40.027 t) e fumo (23.937 t). A maior produção, em toneladas, referente ao total de lavouras permanentes, é a de Meleiro, com 79.659 toneladas, sendo que, dessas, 70.5000 toneladas pertencem à produção de arroz. Essa localidade é a maior produtora de arroz da AII. O segundo município com maior produção em toneladas é Turvo (77.778 t), se destacando também na produção de arroz. O terceiro município, em produção total, é Jacinto Machado (51.012 t), é expressivo também como produtor de arroz, com 41.230 t.

A TABELA 5.3.75 detalha os dados da tabela anterior e mostra o número total da produção da AII e seu percentual em relação ao estado de Santa Catarina.

TABELA 5.3.75 - TOTAL DA PRODUÇÃO DAS LAVOURAS TEMPORÁRIAS EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DE SANTA CATARINA – 2007

Total de lavouras	Nº total de produção (t)	Percentual em relação ao total do SC
Área de influência indireta	414.074	5,15
Santa Catarina	8.042.760	100

FONTE: TABELA 5.3.74

A TABELA 5.3.75 mostra que o total da produção das lavouras consideradas como temporárias da AII, representa, para o estado de Santa Catarina, somente 5,15%.

A TABELA 5.3.76 e a FIGURA 5.3.42 detalham os dados da TABELA 5.3.75 e mostram os percentuais dos tipos de lavouras temporárias em relação aos totais da AII e os percentuais em relação à Santa Catarina.

TABELA 5.3.76 - TIPOS DE LAVOURAS TEMPORÁRIAS EXISTENTES NA AII NO ESTADO DE SANTA CATARINA (PERCENTUAIS) – 2007

Tipo de lavoura	Percentual em relação ao total da AII	Percentual em relação ao total do SC
Arroz	75,53	30,13
Cana-de- açúcar	3,15	1,77
Feijão	0,43	0,83
Fumo	5,78	9,61
Mandioca	5,42	3,54
Melancia	-	-
Milho	9,66	1,06
Soja	-	-
Trigo	-	-
Total	100,00	

FONTE: TABELA 5.3.75

A tabela acima mostra que, em termos percentuais, as lavouras temporárias que mais se destacam em relação a AII são: arroz, com 75,53%, seguido pelo fumo e milho, com 5,78% e 5,42%, respectivamente. Dentre as lavouras levantadas a menos expressiva é a do feijão, com 0,43%.

Relacionando essas lavouras com os totais do estado de Santa Catarina, o arroz é a cultura temporária mais expressiva, contribuindo com 30,13% para o total da produção. A segunda e terceiras culturas da AII que mais contribuem para a produção desse estado são o fumo (9,61%) e a mandioca (3,54%). A FIGURA 5.3.42 a seguir expressa a TABELA 5.3.76, acima.

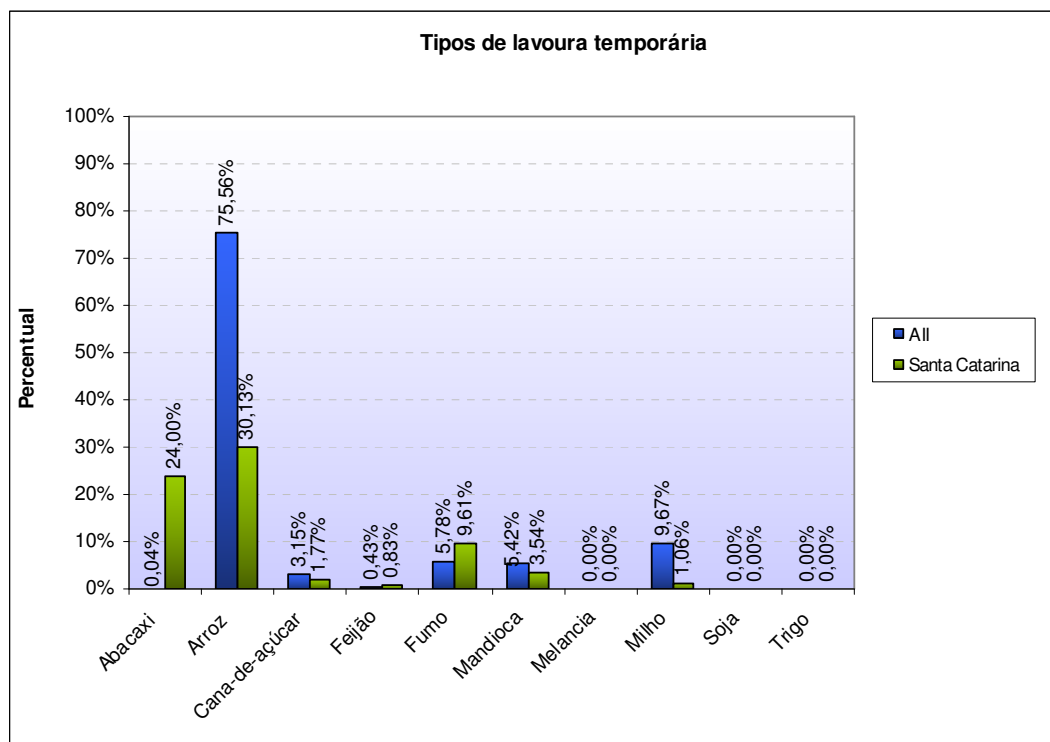


FIGURA 5.3.42- GRÁFICO: COMPARAÇÃO ENTRE O TOTAL DA PRODUÇÃO DAS LAVOURAS TEMPORÁRIAS EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DE SANTA CATARINA (TONELADAS – T) – 2007
 FONTE: TABELA 5.3.76

A TABELA 5.3.77 mostra o tipo e principais lavouras temporárias, em toneladas, para os municípios integrantes da AII no estado do Rio Grande do Sul.

TABELA 5.3.77 – TIPOS E QUANTIDADES DAS PRINCIPAIS LAVOURAS TEMPORÁRIAS EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (TONELADAS - T) – 2007

Municípios - Área de influência indireta	Alho (t)	Amendoim (t)	Aveia (t)	Batata Doce (t)	Batata Inglesa (t)	Cana de açúcar (t)	Cebola (t)	Cevada (t)	Ervilha (t)	Feijão (t)	Fumo (t)	Mandioca (t)	Milho (t)	Soja (t)	Tomate (t)	Trigo (t)	Total
Bom Jesus	-	-	-	-	37.500	-	-	-	-	750	-	-	27.000	7.200		540	72.990
Cambará do Sul	400	-	-	-	6.475	-	-	-	-	25	-	-	-	-		-	6.900
Campestre da Serra	1.620	-	-	-	-	20	-	1.155	9	195	-	300	11.000	7.920	1.600	5.265	29.079
Capão Bonito do Sul	-	1	660	13	600	-	10	700	-	156	4	405	30.000	41.850		16.800	91.199
Esmeralda	50	2	600	30	30	36	20	600	2	450	4	250	60.000	48.000	20	12.960	123.054
Ipê	3.000	15	560	45	400	-	5.200	600	30	360	27	480	22.500	12.000	350	1.680	47.247
Jaquirana	20		-	18	-	-	-	-	14	162	-	36	2.160				2.410
Lagoa Vermelha	30		2.250	-	7.200	36	300	495	4	450	57	1.095	48.000	90.240	24	22.000	172.181
Monte Alegre dos Campos	240	3	-	30	360	-	64	-	2	360	-	80	3.860	1.680	16	723	7.418
Muitos Capões	1.560	-	12.000	-	10.500	-	64	-	-	1.600	-	510	108.000	108.000	90	54.000	296.324
Pinhal da Serra	7	3	75	80	50	40	20	120	-	440	17	234	23.040	14.400		4.050	42.576



Municípios - Área de influência indireta	Alho (t)	Amendoim (t)	Aveia (t)	Batata Doce (t)	Batata Inglesa (t)	Cana de açúcar (t)	Cebola (t)	Cevada (t)	Ervilha (t)	Feijão (t)	Fumo (t)	Mandioca (t)	Milho (t)	Soja (t)	Tomate (t)	Trigo (t)	Total
São Francisco de Paula	1.260	13	-	-	94.100	-	240	-	-	260	-	165	11.400				107.447
São José dos Ausentes			-	-	54.000	-	-	-	-	120	-	-	1.824				55.944
Vacaria	240	1	1.200	50	8.220	100	400	1.400	6	1.692	525	-	82.800	84.000	600	16.038	197.272
Total:	8.436	38	17.345	266	219.435	232	6.318	5.065	67	7.020	634	3.555	431.584	415.290	2.700	134.056	1.252.041
Total do Rio Grande do Sul:	22.167	6.985	129.631	159.000	386.211	1.426.978	161.530	108.531	1.490	142.086	474.668	1.371.895	5.969.118	9.929.005	104.981	1.723.007	22.117.283

FONTE: IBGE – Cidades - Síntese das Informações, 2007. Acesso em 16 de junho de 2009

Na AII do Rio Grande do Sul, a lavoura temporária que mais se destaca é a do milho com 431.584 toneladas, presente em treze dos quatorze municípios integrantes dessa área. As outras culturas temporárias identificadas são a da soja e bata-inglesa com um total de 415.290 t e 219.435 t. O município de maior produção da AII no Rio Grande do Sul é Muitos Capões, com 296.564 toneladas, vindo logo a seguir Vacaria, com 197.272 toneladas.

A TABELA 5.3.78 detalha os dados da tabela anterior e mostra o número total da produção da AII, além de seu percentual em relação ao Rio Grande do Sul.

TABELA 5.3.78 - TOTAL DA PRODUÇÃO DAS LAVOURAS TEMPORÁRIAS EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (TONELADAS T)– 2007

Total de lavouras	Nº total de produção (t)	Percentual em relação ao total do RS
Área de influência indireta	1.252.041	5,66
Rio Grande do Sul	22.117.283	100

FONTE: TABELA 5.3.77

A TABELA 5.3.78 mostra que a AII contribui com 5,66% da produção das lavouras consideradas como temporárias para o Rio Grande do Sul.

A TABELA 5.3.79 e a FIGURA 5.3.43 detalham os dados da TABELA 5.3.77 e apresentam os percentuais dos tipos de lavouras temporárias em relação aos totais da AII e em relação ao Rio Grande do Sul.

TABELA 5.3.79 - TIPOS DE LAVOURAS TEMPORÁRIAS EXISTENTES NA AII NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (PERCENTUAIS) – 2007

Tipo de lavoura	Percentual em relação ao total da AII	Percentual em relação ao total do RS
Alho	0,67	38,06
Amendoim	-	0,54
Aveia	1,39	13,38
Batata Doce	0,02	0,17
Batata Inglesa	17,53	56,82
Cana-de-açúcar	0,02	0,02
Cebola	0,50	3,91
Cevada	0,40	4,67
Ervilha	0,01	4,50
Feijão	0,56	4,94
Fumo	0,05	0,13
Mandioca	0,28	0,26
Milho	34,47	7,23
Soja	33,17	4,18
Tomate	0,22	2,57
Trigo	10,71	7,78
Total	100	

FONTE: TABELA 5.3.77

Na análise da tabela acima, percebe-se que, em termos percentuais, as lavouras temporárias que mais se destacam, em relação à AII, são: milho, com 34,46%, seguida pela soja e batata-inglesa, com 33,16% e 17,52%, respectivamente. Dentre as lavouras levantadas, a menos expressiva é a de ervilha com 0,01%. Relacionando essas lavouras com os totais do estado do Rio Grande do Sul, a melancia é a cultura temporária mais expressiva, contribuindo com 39,17% para o total da produção. A segunda e terceira cultura da AII que mais contribuem para a produção desse estado são a mandioca (21,30%) e a cana-de-açúcar (15,82%). A FIGURA 5.3.43 a seguir expressa a tabela acima.

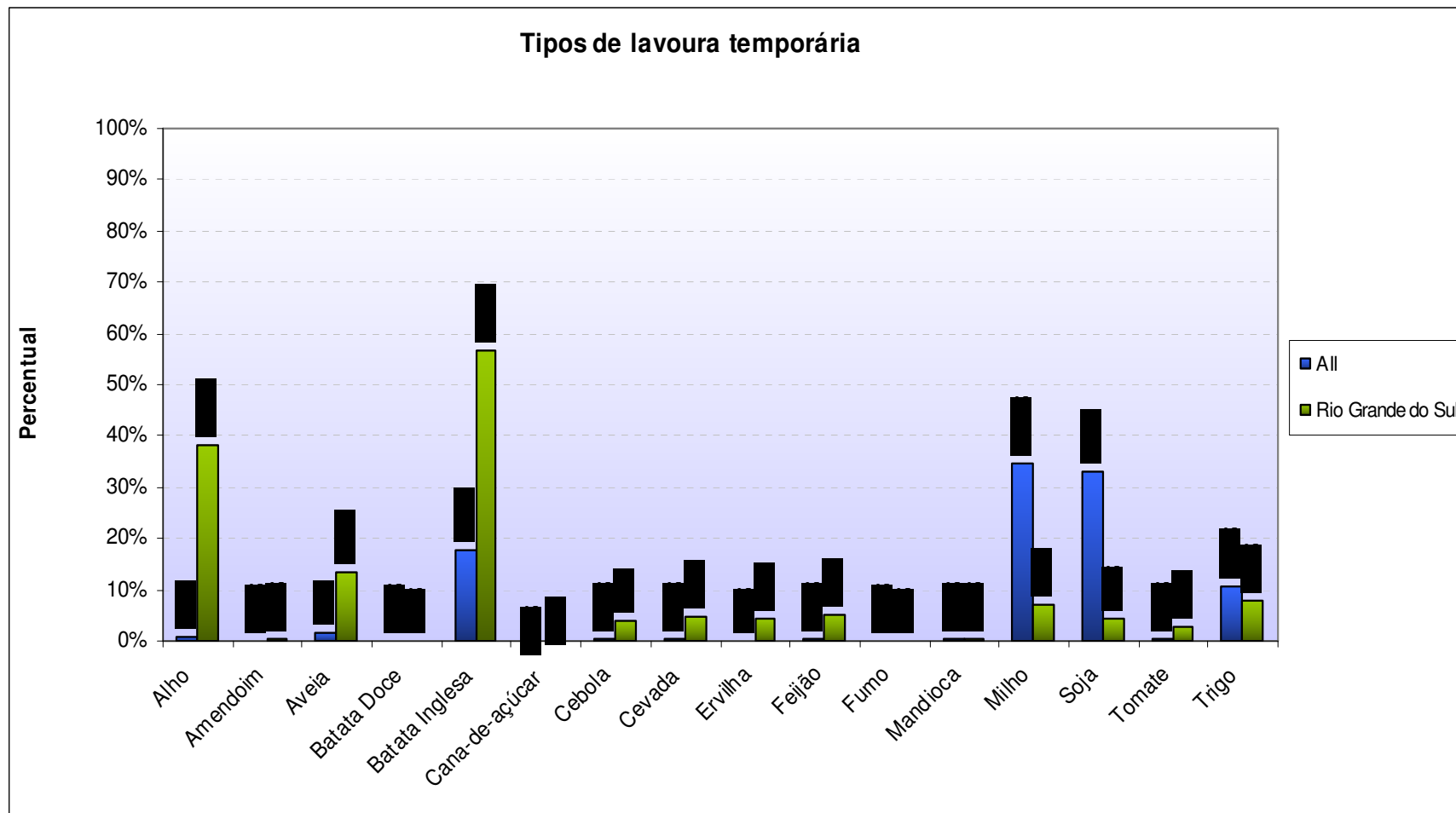


FIGURA 5.3.43 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO ENTRE O TOTAL DA PRODUÇÃO DAS LAVOURAS TEMPORÁRIAS EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (TONELADAS – T) – 2007
 FONTE: TABELA 5.3.79

f) Rebanhos

A TABELA 5.3.80 mostra o tipo e quantidade de rebanhos em número de cabeças para os municípios integrantes da AII no Estado de Santa Catarina.

TABELA 5.3.80 - TIPOS E QUANTIDADES DE REBANHOS EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DE SANTA CATARINA (CABEÇAS) – 2007

Municípios - Área de influência indireta	Bovinos	Suínos	Eqüinos		Bubalinos	Ovinos	Aves *	Caprinos	Total
			Assininos	Muares					
Araranguá	6.120	680	265	-	-	60	717.000	80	724.205
Balneário Arroio do Silva	1.305	100	10	-	-	-	590	-	2.005
Balneário Gaivota	4.310	370	-	-	-	520	518.000	38	523.238
Ermo	1.258	380	-	-	-	-	51.300	14	52.952
Jacinto Machado	8.296	5.540	-	-	-	120	830.000	65	844.021
Maracajá	2.510	290	10	-	-	-	105.000	-	107.810
Meleiro	4.280	1.110	-	-	-	13	850.000	65	855.468
Morro Grande	2.440	740	10	-	-	-	896.000	-	899.190
Passo de Torres	1.460	135	-	-	-	-	62.000	9	63.604
Praia Grande	4.310	1.150	160	-	-	80	15.000	68	20.768
Santa Rosa do Sul	6.380	910	130	-	-	83	80.400	185	88.088
São João do Sul	6.480	1.140	315	-	-	28	49.000	137	57.100
Sombrio	4.690	785	-	-	-	193	475.000	145	480.813
Timbé do Sul	4.050	5.440	-	-	-	118	1.600.000	16	1.609.624
Turvo	4.450	2.650	-	-	-	92	1.964.000	68	1.971.260
Total:	62.339	21.420	900	0	1.307	8.213.290	890	890	8.300.146
Total de Santa Catarina:	3.488.992	7.156.013	101.548	22.845	241.089	175.314.709	49.812	49.812	186.375.008

FONTE: IBGE – Cidades - Síntese das Informações, 2007. Acesso em 19 de junho de 2009

NOTA - * Galinhas, galos, frangos, pintos e codornas

Na AII de Santa Catarina, a criação que mais se destaca é a de aves, com um total de 8.213.290 cabeças, incluindo galinhas, galos, frangos, pintos e codornas, sendo seguida pela criação de bovinos (62.339 cabeças) e suínos (21.240 cabeças). O município com maior número de cabeças é o de Turvo, com um total de 1.971.260 cabeças, e, dessas, o destaque está na criação de aves com 1.964.000. Em seguida, aparece Timbé do Sul, com um total de 1.609.624 cabeças. Quanto à criação de bovinos, destacam-se na AII Jacinto Machado e São João do Sul, com 8.296 e 6.480 cabeças, respectivamente. Em relação aos suínos, os municípios da AII que se sobressaem são: Jacinto Machado e Timbé do Sul, com 5.540 e 5.440 cabeças cada um.

A TABELA 5.3.81 detalha os dados da tabela anterior e mostram o número de cabeças da AII e seu percentual em relação à Santa Catarina.

TABELA 5.3.81 - TOTAL DE REBANHOS EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DE SANTA CATARINA (CABEÇAS) – 2007

Total dos rebanhos	Nº total de cabeças	Percentual em relação ao total de SC
Área de influência indireta	8.300.146	4,45
Santa Catarina	186.375.008	100

FONTE: TABELA 5.3.80

A tabela mostra que o total de cabeças da AII, representa para o Estado de Santa Catarina, somente 4,45%.

A TABELA 5.3.82 e a FIGURA 5.3.44 detalham os dados da TABELA 5.3.80 e mostram os percentuais dos tipos de rebanhos em relação aos totais da AII e os percentuais em relação à Santa Catarina.

TABELA 5.3.82 - TIPOS DE REBANHOS EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DE SANTA CATARINA (PERCENTUAIS) – 2007

Tipo de rebanho	Percentual em relação ao total da AII	Percentual em relação ao total de SC
Bovinos	0,75	1,79
Suínos	0,26	0,30
Equinos/Assininos/Muare	0,01	0,89
Ovinos	0,02	0,54
Aves	98,95	4,68
Caprinos	0,01	1,79
Total	100	

FONTE: TABELA 5.3.80

A tabela acima mostra que, em termos percentuais, os tipos de rebanhos que mais se destacam em relação aos totais da AII são: aves, com 98,95%, seguido pelo rebanho de bovinos e suínos, com 0,75% e 0,26%, respectivamente. Dentre os rebanhos levantadas o menos expressivo é o de caprinos, com 0,02% (890 cabeças).

Relacionando esses rebanhos com os totais do Estado de Santa Catarina, a criação de galinhas, galos, frangos, pintos e codornas acaba por ser a atividade pecuária que mais contribui para o total do estado, com 4,68%. O segundo e terceiro rebanhos da AII que mais contribuem para a produção de Santa Catarina são os bovinos e caprinos, ambos com 1,79%. A FIGURA 5.3.44 a seguir expressa a TABELA 5.3.82.

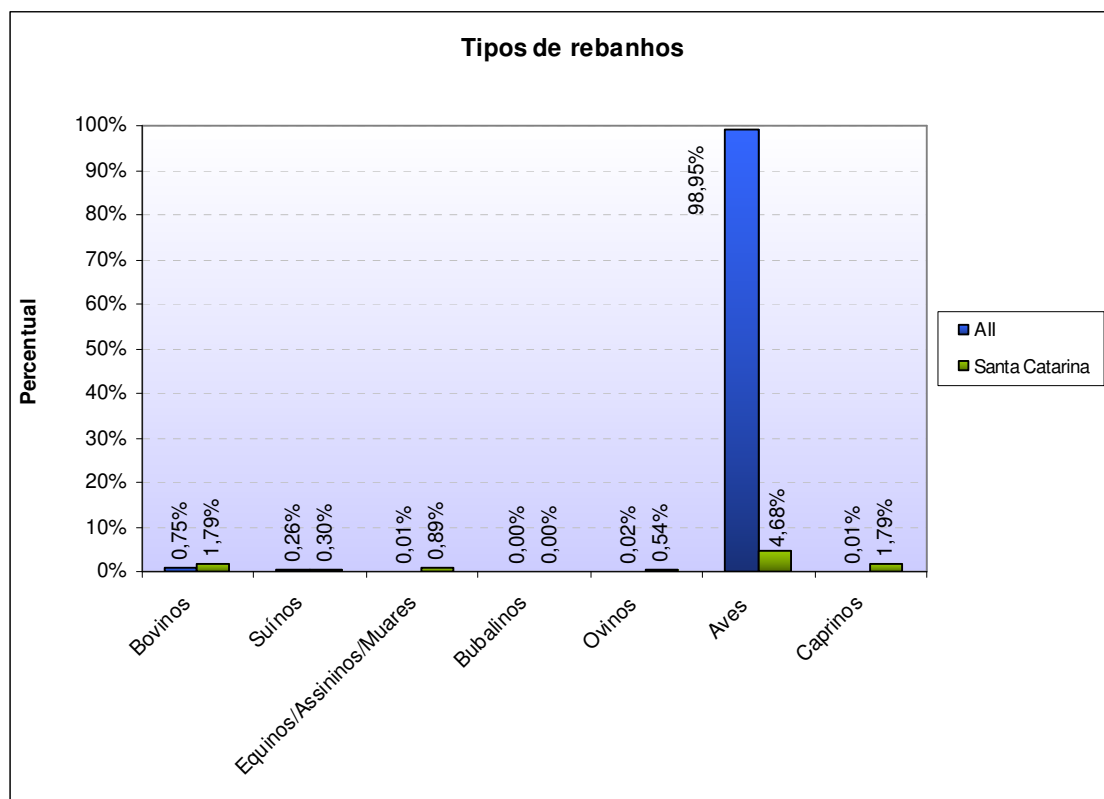


FIGURA 5.3.44 – GRÁFICO: TIPO DE REBANHOS EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DE SANTA CATARINA (PERCENTUAIS) – 2007
 FONTE: TABELA 5.3.82

A TABELA 5.3.83 demonstra o tipo e quantidade de rebanhos, em número de cabeças, para os municípios integrantes da AII no Estado do Rio Grande Sul.

TABELA 5.3.83 - TIPOS E QUANTIDADES DE REBANHOS EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (CABEÇAS) – 2007

Municípios - Área de influência indireta	Bovinos	Suínos	Eqüinos		Ovinos	Aves *	Caprinos	Total
			Assininos	Bubalinos				
			Muares					
Bom Jesus	116.184	2.277	1.973	185	5.503	14.778	33	140.933
Cambará do Sul	27.318	874	1.018	417	1.465	4.852	28	35.972
Campestre da Serra	15.163	3.140	550	-	680	19.550	-	39.083
Capão Bonito do Sul	10.825	745	385	8	2.310	9.335	30	23.638
Esmeralda	26.829	1.090	610	95	2.835	5.380	9	36.848
Ipê	25.546	27.906	985	258	2.188	534.798	226	591.907
Jaquirana	35.375	744	719	2	555	3.955	-	41.350
Lagoa Vermelha	25.322	2.390	1.110	70	3.200	21.640	105	53.837
Monte Alegre dos Campos	16.978	1.040	675	71	520	8.490	-	27.774
Muitos Capões	28.968	820	1.950	11	6.950	8.895	-	47.594
Pinhal da Serra	14.300	940	310	8	460	6.340	-	22.358
São Francisco de Paula	120.773	3.658	3.406	160	7.492	81.891	42	217.422
São José dos Ausentes	45.593	640	633	61	1.178	12.330	13	60.448
Vacaria	57.085	2.985	2.650	71	4.560	209.149	-	276.500
Total:	566.259	49.249	16.974	1.417	39.896	941.383	486	1.615.664
Total do Rio Grande do Sul:	13.516.426	5.197.008	455.841	71.724	3.830.061	134.518.213	88.771	157.678.044

FONTE: IBGE – Cidades - Síntese das Informações, 2007. Acesso em 17 de setembro de 2009

NOTA - * Galinhas, galos, frangos, pintos e codornas

Na All do Rio Grande do Sul, a criação que mais se destaca é a de aves, com um total de 941.383 cabeças, sendo seguida pela criação de bovinos (566.259 cabeças) e suínos (49.249 cabeças). O município com maior número total de rebanho é o de Ipê, com um total de 591.907 cabeças, e, dessas, o destaque fica para a criação de aves, com 534.798 cabeças. Em seguida, aparece Vacaria com um total de 276.500 cabeças. Em relação as aves, os municípios da All que se sobressaem são: Ipê e Vacaria, com 534.798 e 209.149 cabeças cada um. Quanto a criação de bovinos, destacam-se, na All, São Francisco de Paula e Bom Jesus, com 120.773 e 116.184 cabeças, respectivamente.

A TABELA 5.3.84 detalha os dados da tabela anterior e mostra o número de cabeças da All e seu percentual em relação ao Rio Grande do Sul.

TABELA 5.3.84 - TOTAL DE REBANHOS EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (CABEÇAS) - 2007

Total dos rebanhos	Nº total de cabeças	Percentual em relação ao total do RS
Área de influência indireta	1.615.664	1,02
Rio Grande do Sul	157.678.044	100

FONTE: TABELA 5.3.83

A tabela mostra que o total de cabeças da All, representa para o Estado do Rio Grande do Sul, somente, 1,02%.

A TABELA 5.3.85 e a FIGURA 5.3.45 detalham os dados da TABELA 5.3.83 e mostram os percentuais dos tipos de rebanhos em relação aos totais da All e os percentuais em relação ao Rio Grande do Sul.

TABELA 5.3.85 - TIPOS DE REBANHOS EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – 2007

Tipo de rebanho	Percentual em	Percentual em
	relação ao total da AII	relação ao total do RS
Bovinos	35,05	4,19
Suínos	3,05	0,95
Eqüinos/Assininos/Muares	1,05	3,72
Bubalinos	0,09	1,98
Ovinos	2,47	1,04
Aves *	58,27	0,70
Caprinos	0,03	0,55
Total	100	

FONTE: TABELA 5.3.83

Com os dados da tabela acima, pode-se observar que, em termos percentuais, os tipos de rebanhos que mais se destacam em relação aos totais da AII são: aves, com 58,27%, sendo seguido pelo rebanho de bovinos com 35,05%. Os demais rebanhos são inexpressivos nessa área de influência, sendo que o menos expressivo é o de caprinos, com 0,03%.

Relacionando esses rebanhos com os totais do Estado do Rio Grande do Sul, o rebanho bovino ganha destaque, sendo a atividade pecuária que mais contribui para o total do estado, com 4,19%. O segundo e terceiro rebanhos da AII que mais contribuem para a produção pecuária do Rio Grande do Sul são os eqüinos, asininos e muares (3,72%), seguido pelo de bubalinos (1,98%). A FIGURA 5.3.45 a seguir expressa a tabela acima.

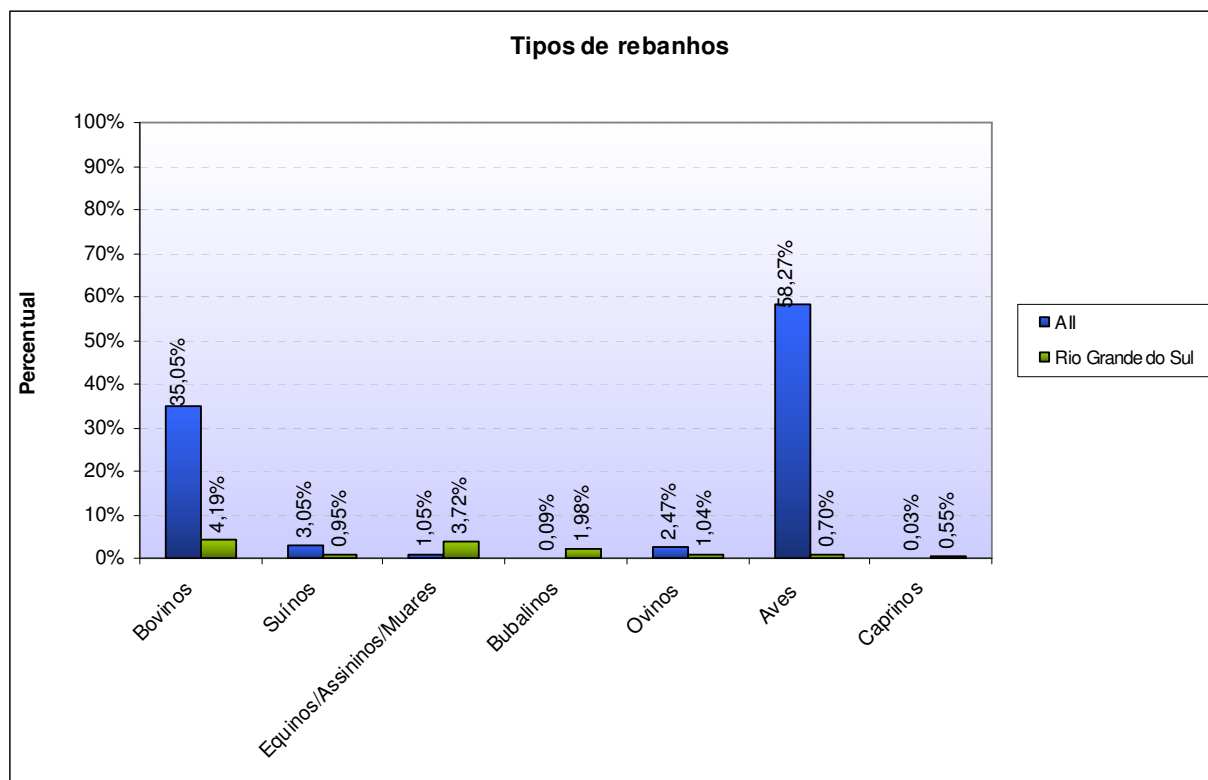


FIGURA 5.3.45 – GRÁFICO: TIPOS DE REBANHOS EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (PERCENTUAIS) – 2007
 FONTE: TABELA 5.3.85

g) Extração Vegetal

A TABELA 5.3.86 mostra o tipo e quantidade da extração vegetal e silvicultura, em toneladas (t) e metros cúbicos (m³), para os municípios integrantes da AII no Estado de Santa Catarina.

TABELA 5.3.86 - TIPOS E QUANTIDADE DA EXTRAÇÃO VEGETAL E SILVICULTURA NA AII E NO ESTADO DE SANTA CATARINA – 2007

Municípios - Área de influência indireta	Produtos da Silvicultura	Produtos da Silvicultura	Produtos da Silvicultura	Total em toneladas	Total em metros cúbicos
	Carvão vegetal quantidade produzida (t)	Lenha quantidade produzida (m³)	Madeira em tora para outras finalidades quantidade produzida (m³)		
Araranguá	139	18.100	4.500	139	22.600
Balneário Arroio do Silva	570	36.000	5.400	570	41.400
Balneário Gaivota	49	40.000	31.000	49	71.000
Ermo	-	2.300	440	0	2.740
Jacinto Machado	-	2.970	450	0	3.420
Maracajá	-	2.670	180	0	2.850
Meleiro	-	2.650	187	0	2.837
Morro Grande	-	1.400	5.350	0	6.750
Passo de Torres	-	6.300	120.000	0	126.300
Praia Grande	-	1.430	900	0	2.330
Santa Rosa do Sul	-	5.400	3.600	0	9.000
São João do Sul	-	4.300	900	0	5.200
Sombrio	-	3.600	530	0	4.130
Timbé do Sul	-	1.900	890	0	2.790
Turvo	-	1.880	200	0	2.080
Total:	758	130.900	174.527	758	305.427
Total de Santa Catarina:	8.538	5.221.508	8.744.851	8.538	13.966.359

FONTE: IBGE – Cidades - Síntese das Informações, 2007. Acesso em 19 de setembro de 2009

NOTA - *outras finalidades, diferentes de papel e celulose

Na All de Santa Catarina, os produtos da extração vegetal que mais se destacam são a extração de madeira em tora para outras finalidades diferentes de lenha, com 174.527 metros cúbicos. Também se destaca a extração de lenha com 130.900 metros cúbicos, e a extração do carvão vegetal, com 758 toneladas. A maior produção, em toneladas, referente ao total de extração vegetal da lenha situa-se em Balneário Gaivota, com 40.000 metros cúbicos, vindo, logo a seguir a extração em Balneário Arroio da Silva, com 36.000 metros cúbicos. Quanto à extração de madeira em tora para outras finalidades diferentes de lenha também se destaca o município de Balneário Gaivota, com 31.000 metros cúbicos. A maior extração de carvão vegetal ocorre em Balneário Arroio da Silva, com 570 toneladas.

A TABELA 5.3.87, a seguir, apresenta os dados da tabela anterior e mostra o número total de extração vegetal e silvicultura da All, contando, ainda, com seus percentuais em relação à Santa Catarina.

TABELA 5.3.87 - TOTAL DA PRODUÇÃO DE EXTRAÇÃO VEGETAL E SILVICULTURA EXISTENTES NA ALL E NO ESTADO DE SANTA CATARINA – 2007

Total de extração vegetal/silvicultura	Nº total de produção (t)	Percentual em relação ao total do SC	Nº total de produção (m³)	Percentual em relação ao total do SC
Área de influência indireta	758	8,88	305.427	2,19
Santa Catarina	8.538		13.966.359	

FONTE: TABELA 5.3.86

Observa-se que a All contribui para a produção de Santa Catarina, na extração vegetal e silvicultura na unidade toneladas (carvão vegetal) 8,88% e em metros cúbicos (lenha e madeira) 2,19%.

A TABELA 5.3.88 abaixo aponta os percentuais em relação aos totais das tipologias da extração vegetal e silvicultura para a All e Santa Catarina.

TABELA 5.3.88 - PERCENTUAIS EM RELAÇÃO AOS TOTAIS DAS TIPOLOGIAS DA EXTRAÇÃO VEGETAL E SILVICULTURA PARA A AII E ESTADO E SANTA CATARINA – 2007

Tipo de extração vegetal/silvicultura	Percentual em relação ao total da AII	Percentual em relação ao total do SC
Prod. Silv. - Carvão vegetal	100,00	8,88
Prod. Silv. - Lenha	42,86	2,51
Prod. Silv. - Madeira em tora (outras)	57,14	2,00

FONTE: TABELA 5.3.86

Analisando os dados apresentados, nota-se que, em relação à AII, a atividade que mais contribui é a silvicultura, com a extração do carvão vegetal (100%), sendo seguida pela extração de madeira em tora para outras finalidades diferentes de lenha em tora e lenha, com 57,14% e 42,86%, respectivamente. Quanto aos percentuais em relação à produção total de Santa Catarina, essa área de influência não tem um grande destaque, sendo que o único produto de expressão relativa é a silvicultura com o carvão vegetal (8,88%).

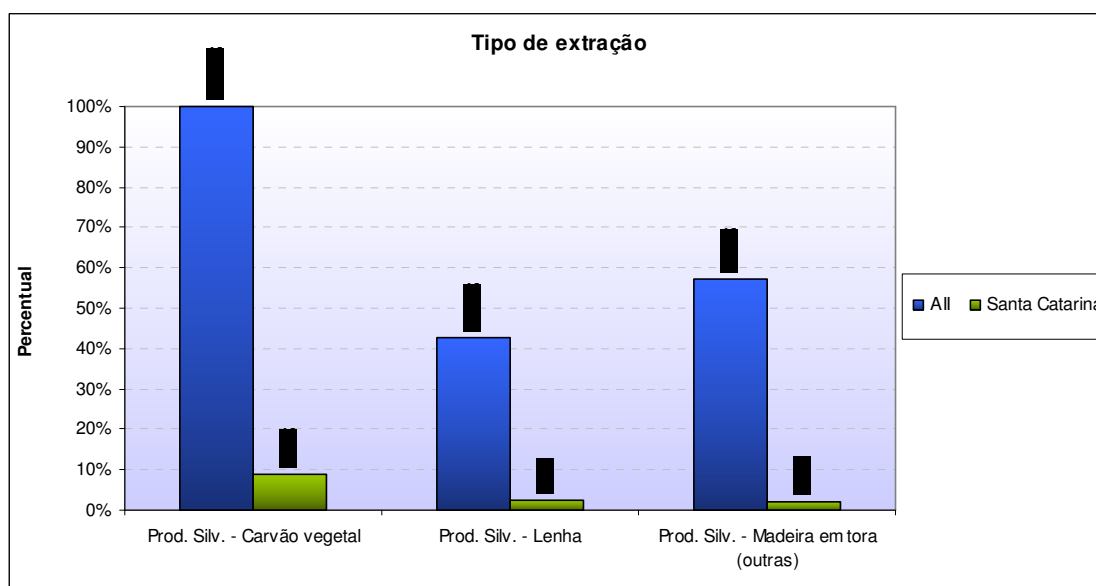


FIGURA 5.3.46 – GRÁFICO: PERCENTUAIS EM RELAÇÃO AOS TOTAIS DAS TIPOLOGIAS DA EXTRAÇÃO VEGETAL E SILVICULTURA PARA A AII E ESTADO DE SANTA CATARINA – 2007
FONTE: TABELA 5.3.88

A TABELA 5.3.89 mostra o tipo e quantidade da extração vegetal e silvicultura em toneladas (t) e metros cúbicos (m³) para os municípios integrantes da AII no Estado do Rio Grande do Sul.

TABELA 5.3.89 - TIPOS E QUANTIDADE DA EXTRAÇÃO VEGETAL E SILVICULTURA NA AII E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – 2007

Municípios – Área de influência indireta	Produtos Alimentícios Erva-mate cancheada quantidade produzida (t)	Produtos Alimentícios Pinhão quantidade produzida (t)	Madeiras Carvão vegetal quantidade produzida (t)	Madeiras Lenha quantidade produzida (m³)	Madeiras Tora quantidade produzida (m³)	Produtos da Silvicultura Carvão vegetal quantidade produzida (t)	Produtos da Silvicultura Lenha quantidade produzida (m³)	Produtos da Silvicultura Madeira em tora para papel quantidade produzida (m3)	Produtos da Silvicultura Madeira em tora para outras finalidades quantidade produzida (m3)	Produtos da Silvicultura Acácia-Negra quantidade produzida (t)	Total em toneladas	Total em metros cúbicos
Bom Jesus	-	38	-	2.200	-	-	13.200	10.565	64.600	-	38	90.565
Cambará do Sul	-	27	-	3.400	-	-	85.000	171.000	532.400	-	27	791.800
Campestre da Serra	-	2	-	1.500	50	0	2.000	-	500	-	2	4.050
Capão Bonito do Sul	28	3	-	900	90	-	1.000	-	2.500	-	31	4.490
Esmeralda	5	5	0	2.300	100	-	5.600	-	1.700	-	10	9.700
Ipê	2	3	-	2.394	-	-	2.971	-	100	-	5	5.465
Jaquirana	12	24	5	1.700	-	-	8.220	14.800	69.840	-	41	94.560
Lagoa Vermelha	17	11	3	10.000	60	4	10.000	-	10.000	-	35	30.060
Monte Alegre dos Campos	-	1	0	1.050	50	0	800	-	1.700	-	1	3.600
Muitos Capões	13	10	0	700	50	-	1.500	-	2.000	-	23	4.250
Pinhal da Serra	26	4	1	1.050	60	1	2.100	-	1.100	-	32	4.310
São Francisco de Paula	242	70	-	1.902	-	18	14.998	9.933	292.441	2.670	3.000	319.274
São José dos Ausentes	36	17	-	2.100	-	-	11.180	30.190	53.982	-	53	97.452
Vacaria	-	6	0	1.600	175	0	10.500	-	18.100	-	6	30.375



Municípios – Área de influência indireta	Produtos Alimentícios Erva-mate cancheada quantidade produzida (t)	Produtos Alimentícios Pinhão quantidade produzida (t)	Madeiras Carvão vegetal quantidade produzida (t)	Madeiras Lenha quantidade produzida (m ³)	Madeiras Tora quantidade produzida (m ³)	Produtos da Silvicultura Carvão vegetal quantidade produzida (t)	Produtos da Silvicultura Lenha quantidade produzida (m ³)	Produtos da Silvicultura Madeira em tora para papel quantidade produzida (m ³)	Produtos da Silvicultura Madeira em tora para outras finalidades quantidade produzida (m ³)	Produtos da Silvicultura Acácia-Negra quantidade produzida (t)	Total em toneladas	Total em metros cúbicos
Total:	381	221	9	32.796	635	23	169.069	236.488	1.050.963	2.670	3.304	1.489.951
Total do Rio Grande do Sul:	28.603	686	732	1.474.036	38.096	42.527	13.604.263	2.731.029	5.209.607	172.090	244.638	23.057.031

FONTE: IBGE – Cidades - Síntese das Informações, 2007. Acesso em 19 de setembro de 2009

NOTA - * outras finalidades, diferentes de papel e celulose

Na AII do Rio Grande do Sul, os produtos da extração vegetal que mais se destacam são produtos da silvicultura madeira em tora para outras finalidades, com 1.050.963 metros cúbicos, e a extração da Acácia-Negra, com 2.670 toneladas. A maior produção, em toneladas, referente ao total de extração vegetal de madeira em tora para outras finalidades situa-se em Cambará do Sul, com 532.400 metros cúbicos. Quanto a extração da Acácia-Negra o único município dessa AII que a extrai é São Francisco de Paula com 2.670 toneladas. Em relação ao total da produção de extração vegetal em metros cúbicos e em toneladas, se destacam-se os municípios de Cambará do Sul e São Francisco de Paula, 791.800 metros cúbicos e 3.000 toneladas, respectivamente.

A TABELA 5.3.90 detalha os dados da tabela anterior e mostra o número total de extração vegetal e silvicultura da AII, contando, ainda, com seus percentuais em relação ao Rio Grande do Sul.

TABELA 5.3.90 - TOTAL DA PRODUÇÃO DE EXTRAÇÃO VEGETAL E SILVICULTURA EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – 2007

Total de extração vegetal/silvicultura	Nº total de produção (t)	Percentual em relação ao total do RS	Nº total de produção (m³)	Percentual em relação ao total do RS
Área de influência indireta	3.304	1,35	1.489.951	6,46
Rio Grande do Sul	244.638		23.057.031	

FONTE: TABELA 5.3.89

Observa-se o quanto a AII contribui para a produção do Rio Grande do Sul na extração vegetal e silvicultura: na unidade toneladas (erva-mate, pinhão, carvão vegetal e acácia-negra), 1,35 %, e em metros cúbicos, (lenha, tora, madeira para papel e par outras finalidades) 6,46 %.

A TABELA 5.3.91 abaixo mostra os percentuais em relação aos totais das tipologias da extração vegetal e silvicultura para a AII e Rio Grande do Sul.

TABELA 5.3.91 - PERCENTUAIS EM RELAÇÃO AOS TOTAIS DAS TIPOLOGIAS DA EXTRAÇÃO VEGETAL E SILVICULTURA PARA A AII E ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – 2007

Tipo de extração vegetal/silvicultura	Percentual em relação ao total da AII	Percentual em relação ao total do RS
Prod. Alim. - Erva-mate	11,53	1,33
Prod. Alim. - Pinhão	6,69	32,22
Madeiras - Carvão vegetal	0,27	1,23
Madeiras - Lenha	2,20	2,22
Madeiras - Tora	0,04	1,67
Prod. Silv. - Carvão vegetal	0,70	0,05
Prod. Silv. - Lenha	11,35	1,24
Prod. Silv. - Madeira em tora (papel)	15,87	8,66
Prod. Silv. - Madeira em tora (outras)	70,54	20,17
Prod. Silv. - Acácia-Negra	80,81	1,55

FONTE: TABELA 5.3.89

Analisando a tabela acima, percebe-se que, em relação a AII, a atividade que mais contribui para os seus totais é a silvicultura, com a extração de madeira em tora para outras finalidades, com 70,54%, vindo logo a seguir a extração da madeira para fabricação de papel, com 15,87%. Quanto aos percentuais em relação à produção total do Rio Grande do Sul, essa área de influência se destaca na extração do Pinhão, com 32,22% e na extração da madeira em tora para outras finalidades, com 20,17%. A FIGURA 5.3.47 a seguir expressa esses dados.

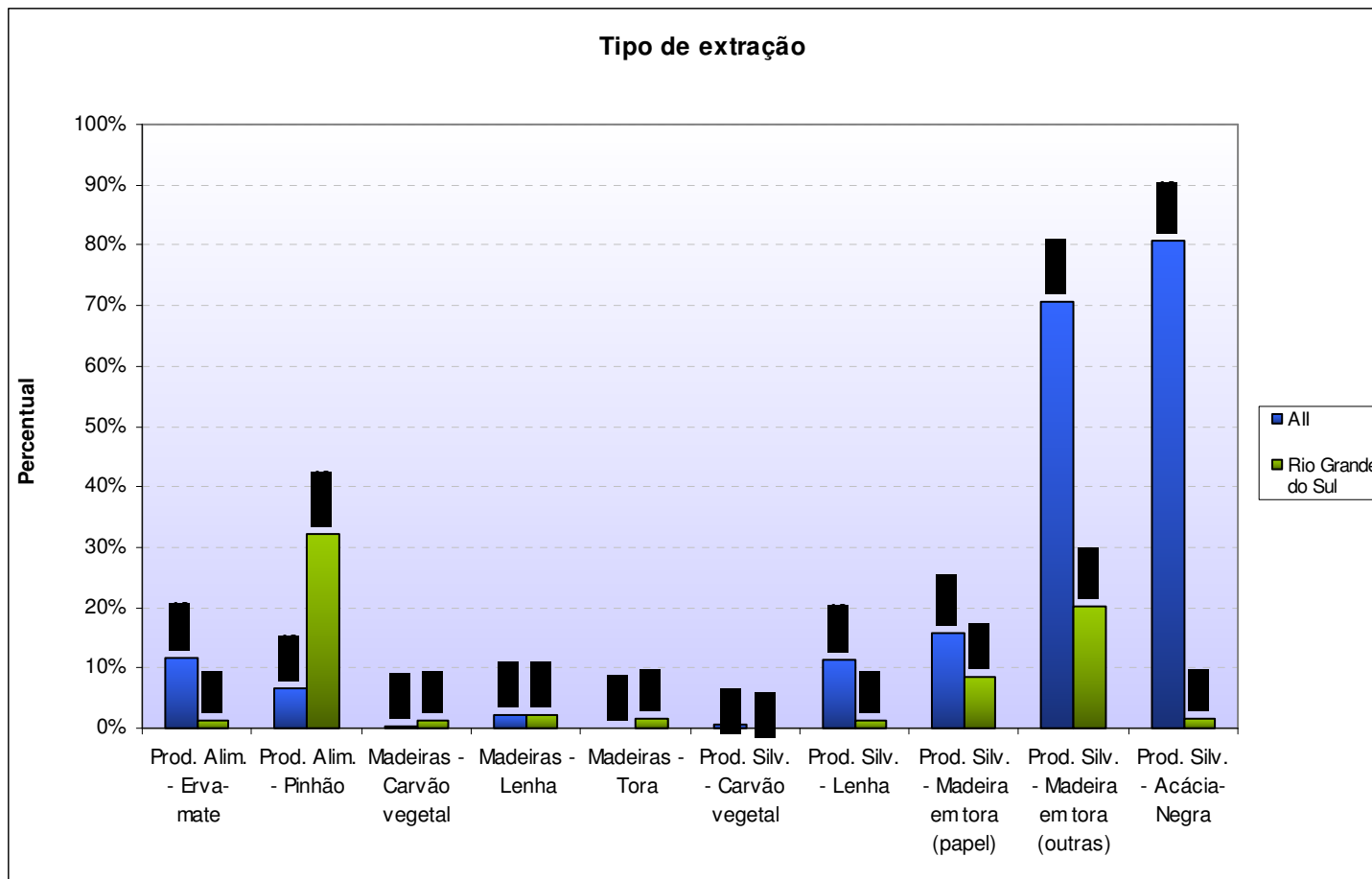


FIGURA 5.3.47 – GRÁFICO: PERCENTUAIS EM RELAÇÃO AOS TOTAIS DAS TIPOLOGIAS DA EXTRAÇÃO VEGETAL E SILVICULTURA PARA A AII E ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – 2007
 FONTE: TABELA 5.3.91

h) Fundo de Participação dos Municípios

O Fundo de Participação dos Municípios é uma transferência constitucional (CF, Art. 159, I, b), composto de 22,5% da arrecadação do Imposto de Renda e do Imposto sobre Produtos Industrializados. A distribuição dos recursos aos Municípios é feita de acordo com o número de habitantes, segundo dados informados pelo IBGE. A TABELA 5.3.92 apresenta os totais do fundo de participação dos municípios da All em reais, bem como seus percentuais em relação aos totais da All e de Santa Catarina.

TABELA 5.3.92 – FUNDO DE PARTICIPAÇÃO DOS MUNICÍPIOS TOTAIS EM REAIS (R\$) E PERCENTUAIS EM PARA A AII E ESTADO DE SANTA CATARINA– 2007

Municípios - Área de influência indireta	Fundo de participação dos municípios (R\$)	Percentual em relação ao total da All	Percentual em relação ao total do Estado
Araranguá	11.970.108,64	19,03	0,76
Balneário Arroio do Silva	3.344.940,69	5,32	0,21
Balneário Gaivota	3.201.317,24	5,09	0,20
Ermo	3.201.427,33	5,09	0,20
Jacinto Machado	4.064.772,91	6,46	0,26
Maracajá	3.283.024,70	5,22	0,21
Meleiro	3.092.311,40	4,92	0,20
Morro Grande	3.201.317,30	5,09	0,20
Passo de Torres	3.367.729,77	5,36	0,22
Praia Grande	3.201.317,24	5,09	0,20
Santa Rosa do Sul	3.201.317,30	5,09	0,20
São João do Sul	3.199.617,28	5,09	0,20
Sombrio	7.469.740,18	11,88	0,48
Timbé do Sul	2.997.696,36	4,77	0,19
Turvo	4.089.820,46	6,50	0,26
Total:	62.886.458,80	100	4,01
Total de SC:	1.565.148.529,89		

FONTE: IBGE – Cidades - Síntese das Informações, 2007. Acesso em 29 de setembro de 2009

Quanto ao fundo de participação dos municípios da All, observa-se que o total que a área de influência indireta recebe é de R\$ 62.886.458,80, representando, em relação ao Estado de Santa Catarina, em termos percentuais, 4,01%. Ainda, segundo a tabela acima, o município de maior arrecadação em relação a All é Araranguá, com 19,03

% (R\$ 11.970.108,64), seguido por Sombrio, com 11,88 %. Em relação ao Estado de Santa Catarina, aparecem, novamente, os dois municípios citados: Araranguá, com 0,76% e Sombrio, com 0,48 %.

A TABELA 5.3.93 aponta os totais do fundo de participação dos municípios da AII, em reais, contando, ainda, com seus percentuais em relação aos totais da AII e do Rio Grande do Sul.

TABELA 5.3.93 – FUNDO DE PARTICIPAÇÃO DOS MUNICÍPIOS TOTAIS EM REAIS (R\$) E PERCENTUAIS EM PARA A AII E ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – 2007

Municípios - Área de influência indireta	Fundo de participação dos municípios (R\$)	Percentual em relação ao total da AII	Percentual em relação ao total do Estado
Bom Jesus	4.419.885,15	7,24	0,16
Cambará do Sul	3.333.563,87	5,46	0,12
Campestre da Serra	-	-	-
Capão Bonito do Sul	3.230.036,09	5,29	0,12
Esmeralda	3.288.682,00	5,38	0,12
Ipê	3.297.498,24	5,40	0,12
Jaquirana	3.381.888,44	5,54	0,12
Lagoa Vermelha	7.694.162,61	12,60	0,28
Monte Alegre dos Campos	2.754.051,51	4,51	0,10
Muitões Capões	3.297.518,09	5,40	0,12
Pinhal da Serra	3.297.498,24	5,40	0,12
São Francisco de Paula	6.594.996,53	10,80	0,24
São José dos Ausentes	3.297.498,24	5,40	0,12
Vacaria	13.189.993,12	21,60	0,47
Total:	61.077.272,13	100	2,20
Total do Rio Grande do Sul:	2.780.134.046,92		

FONTE: IBGE – Cidades - Síntese das Informações, 2007. Acesso em 29 de setembro de 2009

Quanto ao fundo de participação dos municípios da AII, observa-se que o total que a área de influência indireta recebe é de R\$ 61.077.272,13, tendo como representação, no Estado do Rio Grande do Sul, em termos percentuais, 2,20%. Ainda, segundo a tabela apresentada, o município de maior arrecadação em relação à AII é Vacaria, com 21,60% (R\$ 13.189.993,12), seguido por Lagoa Vermelha, com 10,80%. Em

relação ao Estado do Rio Grande do Sul, aparecem, novamente, os dois municípios citados: Vacaria, com 0,47% e Lagoa Vermelha, com 0,28%.

i) Receitas Orçamentárias

As receitas orçamentárias, segundo o Anexo nº 3 da Lei nº 4.320/64, integram o orçamento público. Sua arrecadação depende de autorização legislativa, constante na própria lei do orçamento. São divididas em: receitas correntes, receita tributária (impostos, taxas e contribuições de melhoria), receita de contribuições, receita patrimonial, receita agropecuária, receita industrial, receita de serviços, transferências correntes, além de outras receitas correntes (receitas de capital: operações de crédito, alienação de bens, amortização de empréstimos, transferências de capital e outras receitas de capital).

A TABELA 5.3.94 mostra os totais das receitas orçamentária dos municípios da All em reais, contando, ainda, com seus percentuais em relação aos totais da All e de Santa Catarina.

TABELA 5.3.94– RECEITAS ORÇAMENTÁRIAS DOS MUNICÍPIOS, TOTAIS EM REAIS (R\$) E PERCENTUAIS EM PARA A AII E ESTADO DE SANTA CATARINA – 2006

Municípios - Área de influência indireta	Receitas orçamentárias realizadas (R\$)	Percentual em relação ao total da All	Percentual em relação ao total do Estado
Araranguá	47.647.992,28	26,69	0,60
Balneário Arroio do Silva	9.995.664,39	5,60	0,13
Balneário Gaivota	7.291.048,43	4,08	0,09
Ermo	5.068.256,35	2,84	0,06
Jacinto Machado	11.018.541,57	6,17	0,14
Maracajá	8.399.335,10	4,70	0,11
Meleiro	8.167.736,35	4,57	0,10
Morro Grande	5.905.052,50	3,31	0,07
Passo de Torres	8.051.743,08	4,51	0,10
Praia Grande	8.965.115,93	5,02	0,11
Santa Rosa do Sul	8.462.297,69	4,74	0,11
São João do Sul	7.634.872,68	4,28	0,10
Sombrio	22.799.944,05	12,77	0,29
Timbé do Sul	6.462.727,38	3,62	0,08

Municípios - Área de influência indireta	Receitas orçamentárias realizadas (R\$)	Percentual em relação ao total da All	Percentual em relação ao total do Estado
Turvo	12.685.861,41	7,10	0,16
Total:	178.556.189,19	100	2,25
Total de SC:	7.938.488.261,02		

FONTE: IBGE – Cidades - Síntese das Informações, 2007. Acesso em 30 de setembro de

Quanto as receitas orçamentárias dos municípios da All, observa-se que o total que a área de influência indireta capta é de R\$ 178.556.189,19, sendo que isso representa, em relação ao Estado de Santa Catarina, em termos percentuais, 2,25%. Ainda, segundo os dados apresentados acima, o município de maior receita em relação a All é Araranguá, com 26,69% (R\$ 47.647.992,28), tendo, logo após, Sombrio, com 12,77%. Em relação ao Estado de Santa Catarina, aparecem, novamente, os dois municípios citados: Araranguá, com 0,60%, e Sombrio, com 0,29%.

A TABELA 5.3.95 demonstra os totais das receitas orçamentária dos municípios da All em reais, bem como seus percentuais em relação aos totais da All e do Rio Grande do Sul.

TABELA 5.3.95 - RECEITAS ORÇAMENTÁRIAS DOS MUNICÍPIOS, TOTAIS EM REAIS (R\$) E PERCENTUAIS EM PARA A AII E ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – 2006

Municípios - Área de influência indireta	Receitas orçamentárias realizadas (R\$)	Percentual em relação ao total da All	Percentual em relação ao total do Estado
Bom Jesus	12.654.969,88	6,56	0,09
Cambará do Sul	14.696.488,83	7,62	0,11
Campestre da Serra	-	-	-
Capão Bonito do Sul	6.106.756,20	3,17	0,04
Esmeralda	7.750.540,00	4,02	0,06
Ipê	9.478.043,69	4,91	0,07
Jaquirana	7.104.340,63	3,68	0,05
Lagoa Vermelha	29.056.910,25	15,06	0,21
Monte Alegre dos Campos	6.461.186,78	3,35	0,05
Muitões Capões	8.669.562,22	4,49	0,06
Pinhal da Serra	7.426.049,28	3,85	0,05

Municípios - Área de influência indireta	Receitas orçamentárias realizadas (R\$)	Percentual em relação ao total da All	Percentual em relação ao total do Estado
São Francisco de Paula	20.940.070,03	10,86	0,15
São José dos Ausentes	8.104.123,39	4,20	0,06
Vacaria	54.452.822,34	28,23	0,39
Total:	192.901.863,52	100	1,40
Total do Rio Grande do Sul:	13.810.115.739,21		

FONTE: IBGE – Cidades - Síntese das Informações, 2007. Acesso em 30 de setembro de 2009

Quanto as receitas orçamentárias dos municípios da All, observa-se que o total da é de R\$ 192.901.863,52, representando, em relação ao Estado do Rio Grande do Sul, em termos percentuais, 1,40%. Ainda, segundo a tabela, o município de maior receita em relação à All é Vacaria, com 28,23% (R\$ 54.452.822,34), seguido por Lagoa Vermelha, com 15,06%. Em relação ao Estado do Rio Grande do Sul aparecem, mais uma vez, os dois municípios mencionados: Vacaria, com 0,39% e Lagoa Vermelha, com 0,21%.

j) Estrutura Empresarial

As tabelas a seguir foram concebidas a partir dos dados disponíveis na página eletrônica do IBGE para os municípios integrantes da área de influência indireta de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. (TABELA 5.3.96 e TABELA 5.3.97)

TABELA 5.3.96 – TIPOS DE ESTRUTURAS EMPRESARIAIS POR CATEGORIA NA AII E ESTADO DE SANTA CATARINA (UNIDADES) – 2006

Municípios - Área de influência indireta	Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	Pesca	Indústrias extrativas	Indústrias de transformação	Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	Construção	Comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos	Alojamento e alimentação	Transporte, armazenagem e comunicações	Intermediação financeira, seguros, previdência complementar e serviços relacionados	Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas	Administração pública, defesa e seguridade social	Educação	Saúde e serviços sociais	Outros serviços coletivos, sociais e pessoais.	Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais	Total
Araranguá	14	-	3	584	1	38	1673	153	128	29	204	11	59	69	235	-	3201
Balneário Arroio do Silva	2	-	1	22	1	10	154	24	5	1	22	2	1	3	13	-	261
Balneário Gaivota	5	-	-	42	1	4	109	10	9	3	7	2	-	1	18	-	211
Ermo	1	-	-	8	1	2	22	2	4	-	-	1	2	-	16	-	59
Jacinto Machado	12	1	1	59	2	3	187	5	25	3	7	1	35	9	49	-	399
Maracajá	4	-	2	55	1	3	88	10	24	1	9	1	1	2	17	-	218
Meleiro	7	-	1	43	1	5	161	12	17	3	16	3	2	3	76	-	350
Morro Grande	1	-	-	18	2	3	38	5	2	-	4	3	2	2	29	-	109
Passo de Torres	-	1	-	21	-	7	130	15	9	-	19	2	2	1	20	-	227
Praia Grande	-	-	6	62	2	7	134	16	11	2	8	1	5	5	64	-	323
Santa Rosa do Sul	-	-	3	53	-	1	139	8	30	2	10	3	8	1	22	-	280
São João do Sul	-	-	-	40	1	2	111	4	5	1	4	2	-	1	35	-	206
Sombrio	2	-	1	428	1	6	762	37	97	14	42	3	10	13	92	-	1508
Timbé do Sul	2	-	2	25	1	3	66	7	10	1	5	1	-	3	63	-	189
Turvo	13	-	3	104	2	15	273	22	13	14	22	2	10	11	85	-	589
Total:	63	2	23	1.564	17	109	4.047	330	389	74	379	38	137	124	834	0	8.130
Total de SC:	2.953	208	728	46.231	420	7.415	139.183	24.632	18.102	3.581	37.715	957	4.793	6.015	34.169	2	327.104

FONTE: IBGE – Cidades - Síntese das Informações, 2007. Acesso em 30 de setembro de 2009

Na All de Santa Catarina, a estrutura empresarial que mais se destaca é a do comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos, com um total de 4.047 estabelecimentos. O município com maior número de estabelecimentos é Araranguá, com um total de 3.201 estabelecimentos. Em seguida, aparece Sombrio, com, com um total de 1.508 empresas. Ambos estão localizados no extremo sul de Santa Catarina e são municípios limítrofes. A segunda e terceira estrutura empresarial que se apresentam como sendo indústria de transformação e outros serviços coletivos, sociais e pessoais, tendo, como números, respectivamente, 1.564 e 834 estabelecimentos. Observando a tabela acima, pode-se comprovar que Araranguá, também se destaca em ambos os casos.

A TABELA 5.3.97 detalha os dados da tabela anterior e mostra o número de estruturas empresariais da All e seu percentual em relação a Santa Catarina.

TABELA 5.3.97– TOTAIS DA ESTRUTURA EMPRESARIAL AII E ESTADO DE SANTA CATARINA – 2006

All e SC	Nº total de estruturas empresariais	Percentual em relação ao total do SC
Área de influência indireta	8.130	2,49
Santa Catarina	327.104	100

FONTE: TABELA 5.3.96

A tabela acima e a FIGURA 5.3.48 a seguir mostram que o total de estruturas empresariais da All representa, para o Estado de Santa Catarina, somente 2,49%. A figura a seguir demonstra essa relação.

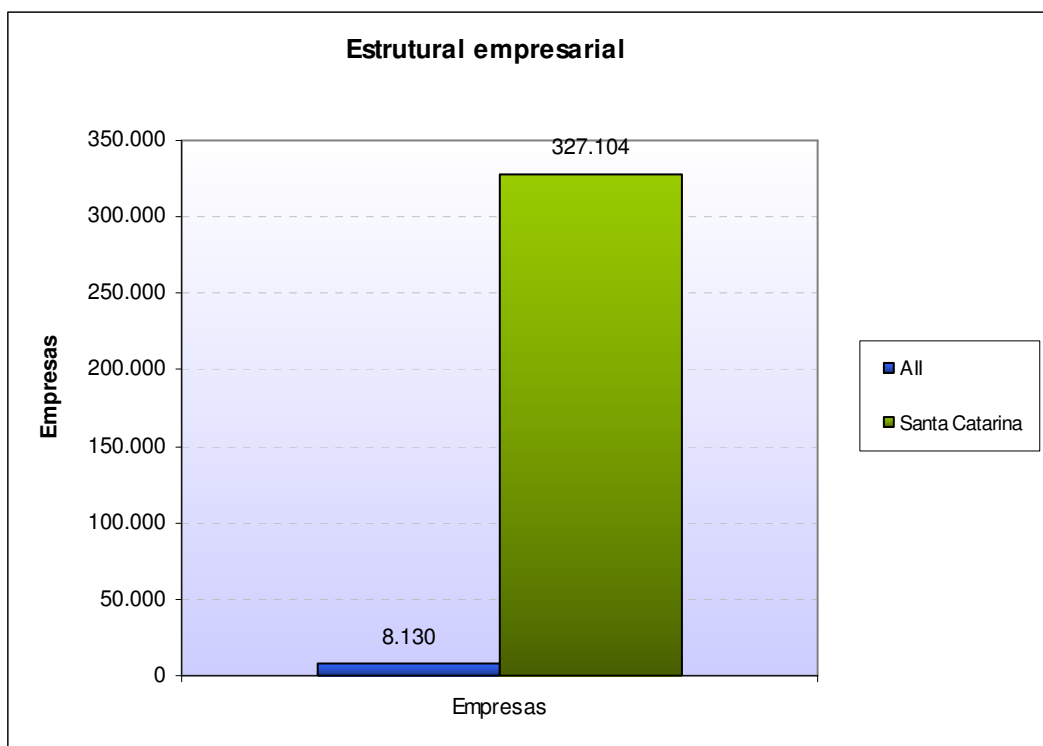


FIGURA 5.3.48 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO ENTRE O TOTAL DE ESTRUTURAS EMPRESARIAIS NA AII E NO ESTADO DE SANTA CATARINA – 2006
 FONTE: TABELA 5.3.97

A TABELA 5.3.98 a seguir mostra os tipos de estruturas empresarias para a AII do Estado do Rio Grande do Sul.

TABELA 5.3.98 – TIPOS DE ESTRUTURAS EMPRESARIAIS POR CATEGORIA NA AII E ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (UNIDADES) – 2006

Municípios - Área de influência indireta	Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	Pesca	Indústrias extrativas	Indústrias de transformação	Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	Construção	Comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos	Alojamento e alimentação	Transporte, armazenagem e comunicações	Intermediação financeira, seguros, previdência complementar e serviços relacionados	Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas	Administração pública, defesa e segurança social	Educação	Saúde e serviços sociais	Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	Internacionais e outras instituições	Total
Bom Jesus	45	-	1	69	2	6	221	28	18	3	15	4	2	4	43	-	461
Cambará do Sul	44	-	-	54	1	10	174	97	208	2	19	1	3	5	44	-	662
Campestre da Serra	4	-	-	19	-	-	48	10	21	2	5	1	1	-	7	-	118
Capão Bonito do Sul	1	-	-	2	1	-	22	2	2	-	1	1	-	-	8	-	40
Esmeralda	3	-	-	12	1	2	95	18	3	2	5	2	-	4	38	-	185
Ipê	7	-	13	97	1	2	99	26	26	3	8	1	2	2	42	-	329
Jaquirana	12	-	-	58	1	2	80	29	14	1	2	2	1	2	17	-	221
Lagoa Vermelha	19	1	-	281	3	26	923	112	80	19	88	3	24	20	149	-	1.748
Monte Alegre dos Campos	2	-	2	5	-	-	20	5	9	-	-	2	-	-	5	-	50
Muitos Capões	8	-	-	4	-	2	37	2	2	1	1	1	2	-	8	-	68
Pinhal da Serra	-	-	-	7	1	-	45	8	3	1	2	2	-	-	25	-	94
São Francisco de Paula	96	-	1	188	8	22	491	142	69	8	32	2	15	13	125	-	1.212
São José dos Ausentes	7	2	-	15	-	2	63	28	4	1	4	1	2	2	12	-	143
Vacaria	70	1	3	302	1	50	1569	278	240	25	160	4	38	41	219	-	3.001
Total:	318	4	20	1.113	20	124	3.887	785	699	68	342	27	90	93	742	0	8.332
Total do RS:	4.541	97	1.908	72.231	1.035	15.069	301.574	38.855	31.660	7.395	73.761	1.271	8.318	11.837	52.363	11	621.926

FONTE: IBGE – Cidades - Síntese das Informações, 2007. Acesso em 29 de setembro de 2009

Na AII do Rio Grande do Sul, a estrutura empresarial que mais se destaca é a de comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos, totalizando 3.887 estabelecimentos. Desses, 1.569 aparecem em Vacaria, município com maior número de estabelecimentos totais (3.001 estabelecimentos). Em seguida, aparece Lagoa Vermelha, com um total de 1.748 empresas. A segunda estrutura empresarial que se apresenta é a da indústria de transformação, com um total de 1.113 empresas.

A TABELA 5.3.99 e a FIGURA 5.3.49 a seguir detalham os dados da tabela anterior e mostram o número de estruturas empresariais da AII e seu percentual em relação ao Rio Grande do Sul.

TABELA 5.3.99 – TOTAIS DA ESTRUTURA EMPRESARIAL AII E ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – 2006

AII e RS	Nº total de estruturas empresariais	Percentual em relação ao total do RS
Área de influência indireta	8.332	1,34
Rio Grande do Sul	621.926	100

Fonte: TABELA 5.3.98

A tabela retrata que o total de estruturas empresariais da AII representa para o Estado do Rio Grande do Sul, somente 1,24%. A FIGURA 5.3.49 a seguir mostra tal relação.

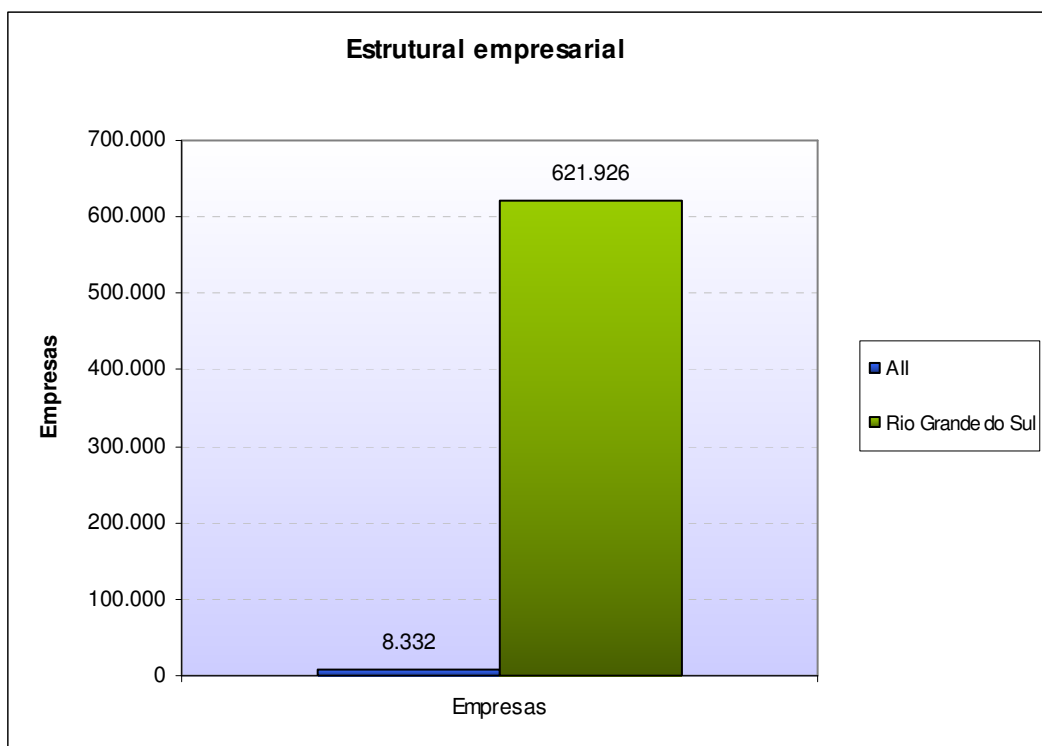


FIGURA 5.3.49 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO ENTRE O TOTAL DE ESTRUTURAS EMPRESARIAIS NA AII E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – 2006
 FONTE: TABELA 5.3.99

k) Pessoal ocupado por tipo de empresas

As tabelas que se seguem foram concebidas a partir dos dados disponíveis no site do IBGE para os municípios integrantes da AII dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, obtendo-se, ainda, os totais do pessoal ocupado em cada tipo de empresa. (TABELA 5.3.100 e TABELA 5.3.101)

TABELA 5.3.100 - PESSOAL OCUPADO POR TIPO DE ESTRUTURA EMPRESARIAL NA AII E ESTADO DE SANTA CATARINA – 2006

Municípios - Área de influência indireta	Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	Pesca	Indústrias extrativas	Indústrias de transformação	Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	Construção	Comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos	Alojamento e alimentação	Transporte, armazenagem e comunicações	Intermediação financeira, seguros, previdência complementar e serviços relacionados	Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas	Administração pública, defesa e seguridade social	Educação	Saúde e serviços sociais	Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais	Total
Araranguá	138	-	31	3.287	-	155	5443	439	684	165	631	792	261	695	480	-	13.201
Alneário Arroio do Silva	-	-	-	61	-	18	276	84	50	-	29	-	-	2	16	-	536
Alneário Gaivota	31	-	-	141	-	19	322	31	30	2	9	-	-	-	23	-	608
Armo	-	-	-	30	-	-	56	-	9	-	-	-	-	-	4	-	99
Acinto Machado	5	-	-	565	-	11	464	12	97	55	11	-	6	31	39	-	1.296
Aracajá	6	-	-	599	-	47	322	56	132	-	24	-	-	-	24	-	1.210
Beleiro	4	-	-	327	-	10	390	14	42	15	41	182	-	4	68	-	1.097
Corro Grande	-	-	-	140	-	4	57	7	-	-	5	110	-	-	12	-	335
Passo de Torres	-	-	-	320	-	121	273	25	23	-	47	-	-	-	50	-	859
Traiá Grande	-	-	8	541	-	43	283	36	20	-	17	-	15	10	81	-	1.054
Anta Rosa do Sul	-	-	6	242	-	-	333	20	85	-	53	226	115	-	13	-	1.093
ão João do Sul	-	-	-	126	-	-	241	2	10	-	5	-	-	-	22	-	406
ombrio	-	-	-	2.874	-	11	2332	221	452	43	86	409	100	26	199	-	6.753
mbé do Sul	-	-	-	143	-	8	211	13	56	-	7	-	-	18	72	-	528
urvo	58	-	2	1.072	-	361	832	33	101	95	41	-	59	51	353	-	3.058
Total:	242	0	47	10.468	0	808	11.835	993	1.791	375	1.006	1.719	556	837	1.456	0	32.133
Total de SC:	25.249	1.034	7.399	598.400	11.636	59.921	440.181	78.178	90.308	24.877	179.864	214.241	59.500	42.191	69.303	0	1.902.282

FONTE: IBGE – Cidades - Síntese das Informações, 2007. Acesso em 1 de outubro de 2009

Na AII de Santa Catarina, o total de pessoal empregado por tipo de estrutura empresarial que mais se destaca é no setor do comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos, com um total de 11.835 pessoas empregadas. Em segundo lugar, aparece a indústria de transformação, com 10.468 pessoas empregadas e, logo após, o setor de transporte, armazenagem e comunicações, com 1.791 pessoas empregadas. O município com maior número de pessoal empregado é o de Araranguá, com o número de 13.201 pessoas. Em seguida, aparece Sombrio com um total de 6.753. Os dois municípios que estão sendo tratados localizam-se no extremo sul de Santa Catarina.

A TABELA 5.3.101 detalha os dados da tabela anterior e mostram o número de empregos da AII e seu percentual em relação à Santa Catarina.

TABELA 5.3.101 – TOTAL DE EMPREGOS POR TIPOS DE ESTRUTURAS EMPRESARIAIS NA AII E ESTADO DE SANTA CATARINA – 2006

All e SC	Nº total de estruturas empresariais	Percentual em relação ao total do SC
Área de influência indireta	32.133	1,69
Santa Catarina	1.902.282	100

FONTE: TABELA 5.3.100

A tabela acima e a FIGURA 5.3.50 a seguir apontam que o total de empregos gerados pelas estruturas empresariais da AII, representa para o Estado de Santa Catarina, somente, 1,69 %. O gráfico a seguir mostra essa relação.

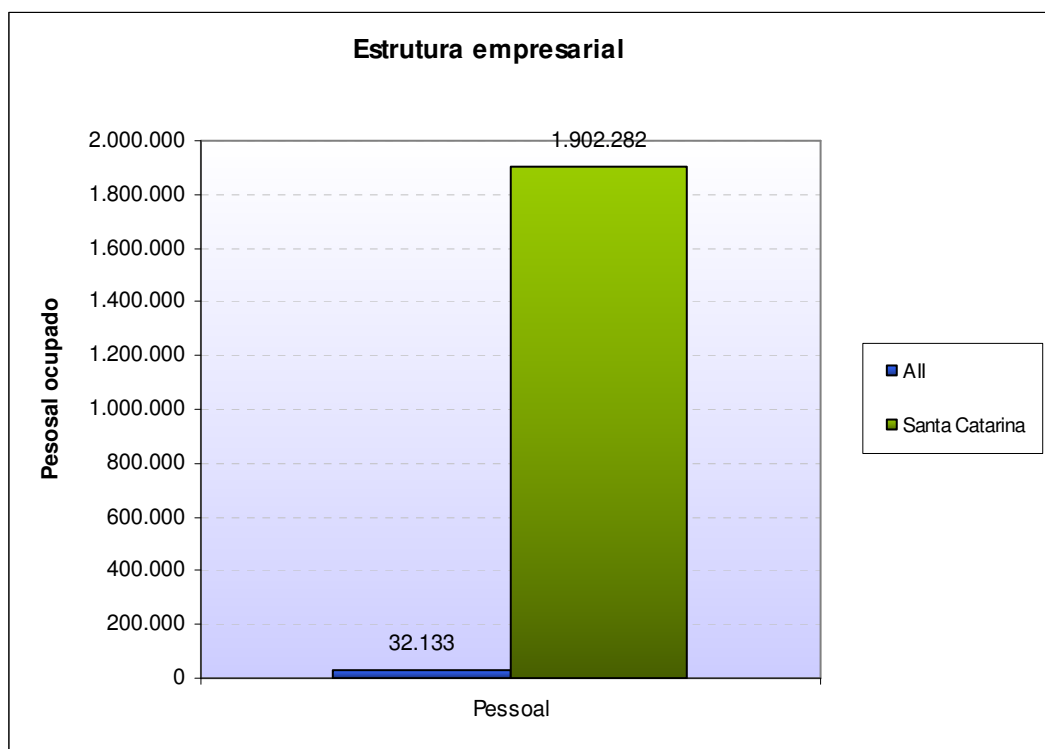


FIGURA 5.3.50 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO ENTRE O TOTAL DE EMPREGOS POR ESTRUTURAS EMPRESARIAIS NA AII E NO ESTADO DO SANTA CATARINA – 2006
 FONTE: TABELA 5.3.101

A TABELA 5.3.102 a seguir apresenta os números de empregos por tipo de estruturas empresariais para a AII do Estado do Rio Grande do Sul.

TABELA 5.3.102 - PESSOAL OCUPADO POR TIPO DE ESTRUTURA EMPRESARIAL NA AII E ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – 2006

Municípios - Área de influência indireta	Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	Pesca	Indústrias extrativas	Indústrias de transformação	Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	Construção	Comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos	Alojamento e alimentação	Transporte, armazenagem e comunicações	Intermediação financeira, seguros, previdência complementar e serviços relacionados	Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas	Administração pública, defesa e seguridade social	Educação	Saúde e serviços sociais	Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais	Total
Bom Jesus	388	-	-	294	-	6	440	49	25	20	27	226	-	36	52	-	1.563
Cambará do Sul	106	-	-	806	-	38	329	134	502	-	23	-	1	44	8	-	1.991
Campestre da Serra	26	-	-	122	-	-	135	17	54	-	6	-	-	-	5	-	365
Capão Bonito do Sul	-	-	-	-	-	-	43	-	-	-	-	-	-	-	-	-	43
Esmeralda	17	-	-	45	-	-	188	30	4	-	12	-	-	7	8	-	311
Ipê	59	-	15	401	-	-	230	50	41	15	12	-	-	-	28	-	851
Jaquirana	18	-	-	338	-	-	153	31	21	-	-	-	-	-	25	-	586
Lagoa Vermelha	36	-	-	1.776	15	124	2.048	206	177	89	219	399	127	116	103	-	5.435
Monte Alegre dos Campos	-	-	-	7	-	-	27	4	11	-	-	-	-	-	2	-	51
Muitos Capões	70	-	-	7	-	-	59	-	-	-	-	-	-	-	7	-	143
Pinhal da Serra	-	-	-	2	-	-	52	7	4	-	-	-	-	-	5	-	70
São Francisco de Paula	303	-	-	573	15	51	1.088	285	207	36	63	-	30	133	87	-	2.871

Municípios - Área de influência indireta	Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	Pesca	Indústrias extrativas	Indústrias de transformação	Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	Construção	Comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos	Alojamento e alimentação	Transporte, armazenagem e comunicações	Intermediação financeira, seguros, previdência complementar e serviços relacionados	Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas	Administração pública, defesa e seguridade social	Educação	Saúde e serviços sociais	Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais	Total
São José dos Ausentes	91	-	-	93	-	-	116	49	3	-	4	-	-	-	-	-	356
Vacaria	2.773	-	16	2.619	-	283	4.314	575	1.506	187	364	1.283	184	462	334	-	14.900
Total:	3.887	0	31	7.083	30	502	9.222	1.437	2.555	347	730	1.908	342	798	664	0	29.536
Total do RS:	30.094	143	7.537	716.673	17.422	198.050	767.629	107.238	158.179	59.921	266.372	456.136	91.467	118.792	116.329	27	3.112.009

FONTE: IBGE – Cidades - Síntese das Informações, 2007. Acesso em 2 de outubro de 2009

Na AII do Rio Grande do Sul, a estrutura empresarial que mais se destaca é a de comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos, totalizando 9.222 estabelecimentos. Desses, 4.314 aparecem em Vacaria, município com maior número de estabelecimentos totais (14.900 estabelecimentos). Em seguida, aparece Lagoa Vermelha, com um total de 5.435 empresas. A segunda estrutura empresarial que se apresenta é a de indústria de transformação, com um total de 7.083 empresas.

A TABELA 5.3.103 e a FIGURA 5.3.51 a seguir detalham os dados da tabela anterior e mostram o número de estruturas empresariais da AII e seu percentual em relação ao Rio Grande do Sul.

TABELA 5.3.103 – TOTAL DE EMPREGOS POR TIPOS DE ESTRUTURAS EMPRESARIAIS NA AII E ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – 2006

All e RS	Nº total de estruturas empresariais	Percentual em relação ao total do RS
Área de influência indireta	29.536	0,95
Rio Grande do Sul	3.112.009	100

FONTE: TABELA 5.3.102

Pode-se observar que o total do número de empregos nas estruturas empresariais da AII, representa para o Estado do Rio Grande do Sul, somente, 0,95%. A figura a seguir mostra essa relação.

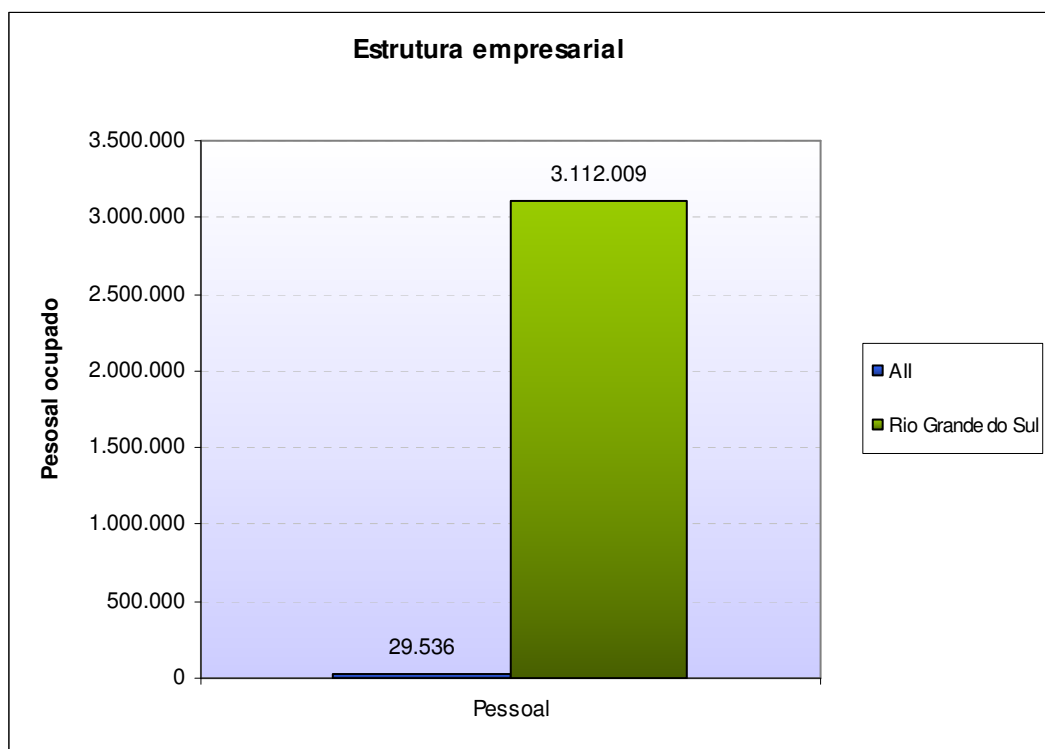


FIGURA 5.3.51 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO ENTRE O TOTAL DE EMPREGOS POR ESTRUTURAS EMPRESARIAIS NA AII E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – 2006
 FONTE: TABELA 5.3.102

5.3.4.2 Aspectos Econômicos da Área de Influência Direta

Os municípios componentes da AID do empreendimento são: Timbé do Sul e São José dos Ausentes. Timbé do Sul está localizado na porção sudoeste do Estado de Santa Catarina, e, segundo classificação do IBGE, está inserido na Mesorregião do Sul Catarinense, sendo integrante da Microrregião de Araranguá. Quanto a São José dos Ausentes, está localizado na porção nordeste do Rio Grande do Sul, está inserido na Mesorregião do Nordeste Rio-Grandense, fazendo parte da Microrregião de Vacaria, segundo o IBGE.

Segundo Goularti (2002), o padrão de crescimento da indústria catarinense, até meados dos anos 40, era baseado na pequena propriedade e nos setores tradicionais da economia. A partir daí a indústria catarinense começou a ampliar e a diversificar a sua base produtiva com o surgimento de setores dinâmicos: consolidação do setor eletro-metal-mecânico, liderado pelas médias e grandes indústrias. Também nos setores tradicionais, várias firmas se consolidaram, tornando-se líderes nacionais: nos setores de

alimentos (Sadia, Perdigão, Chapecó, Coopercentral, Seara e Duas Rodas), eletro-metal-mecânico (Tupy, Cônsul, Embraco, WEG, Kohibach, Busscar e Duque), cerâmico (Eliane, Cecrisa, Icisa, Portobello e Cesaca), têxtil-vestuário (Hering, Artex, Karsten, Teka, Sulfabril, Maiwee, Renaux, Buettner, Cremer, Marisol, Maiwee e Döhier), papel e celulose (Klabin, Igaras, Irani, Trombini e Rigesa), madeireiro (Sincol, Adami, Battistella e Fuck), carbonífero (CBCA, CCU, Metropolitana, Criciúma, Catarinense e Próspera), moveleiro (Cimo, Artefama, Rudnick e Leopoldo), plástico (Hansen — Tigre e Cipla —, Canguru e Akros) e porcelanas e cristais (Oxford, Schimitz, Ceramarte, Blumenau e Hering).

Ainda segundo o mesmo autor, as privatizações associadas ao novo ciclo de endividamento especulativo externo dos anos 90, resultam na formulação de novas políticas de desenvolvimento em bases nacionais. É dentro desse movimento mais amplo que ocorrem mudanças estruturais na economia catarinense pós 1990, como a redução das atividades estatais, a reestruturação da indústria cerâmica, o desmonte do setor carbonífero, a reestruturação patrimonial no complexo eletro-metal-mecânico, a desverticalização e a retração no segmento têxtil-vestuário e a desnacionalização no complexo agroindustrial.

A economia do Estado do Rio Grande do Sul é baseada na agricultura e pecuária, tendo como destaque a produção de: a soja, o trigo, o arroz e o milho. No setor industrial se destaca na produção de couros e calçados. Também fazem parte desse rol as indústrias: alimentícia, têxtil, madeireira, metalúrgica e química e petroquímica.

a) Produto Interno Bruto

A TABELA 5.3.104 e TABELA 5.3.105 mostram a posição dos municípios da AID em relação a All, em ordem crescente, quanto ao Produto Interno Bruto (PIB) a preço de mercado corrente, bem como seus percentuais em relação ao total da All e em relação ao total do Estado a qual pertencem.

TABELA 5.3.104 – POSIÇÃO DE TIMBÉ DO SUL EM RELAÇÃO PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB) A PREÇO DE MERCADO CORRENTE DA AII (SC) – 2006

Municípios - Área de influência indireta	Mil Reais	Percentual em relação ao total da AII	Percentual em relação ao total do Estado
Araranguá	544.166	34,42	0,58
Sombrio	211.763	13,40	0,23
Turvo	180.183	11,40	0,19
Jacinto Machado	111.212	7,03	0,12
Meleiro	93.182	5,89	0,10
Maracajá	82.266	5,20	0,09
São João do Sul	51.675	3,27	0,06
Praia Grande	49.866	3,15	0,05
Santa Rosa do Sul	48.690	3,08	0,05
Balneário Arroio do Silva	48.392	3,06	0,05
Passo de Torres	45.183	2,86	0,05
Balneário Gaivota	42.128	2,66	0,05
Ermo	37.603	2,38	0,04
Timbé do Sul	34.575	2,19	0,04
Total:	1.580.884	100	1,70
Total de SC:	93.173.000		

FONTE: TABELA 5.3.102

Timbé do Sul está posicionada em décimo quanto lugar em relação a AII, representando 2,19%. Quanto aos totais da AII em relação aos totais de Santa Catarina, também está em décima quarta posição, representando 0,04%. A FIGURA 5.3.52 a seguir ilustra essa situação.

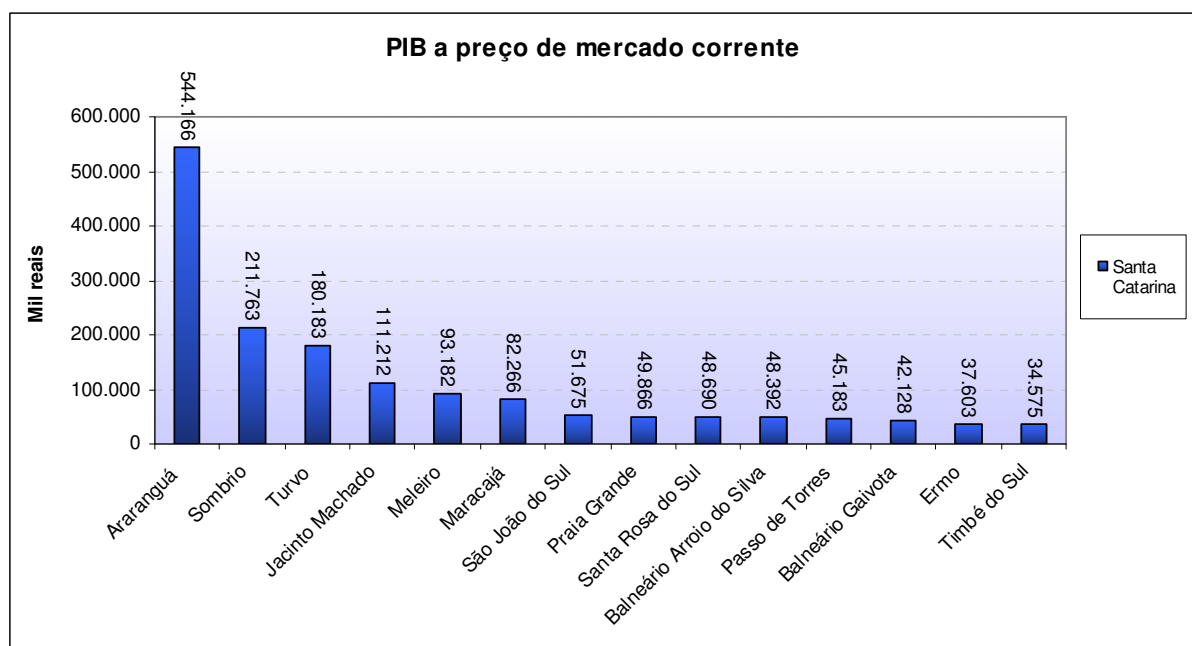


FIGURA 5.3.52 – GRÁFICO: PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB) A PREÇO DE MERCADO CORRENTE DA AII (SC) – 2006
FONTE: TABELA 5.3.104

A TABELA 5.3.105 mostra o PIB a preço de mercado corrente total dos municípios do Estado do Rio Grande do Sul.

TABELA 5.3.105 – POSIÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES EM RELAÇÃO AO PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB) A PREÇO DE MERCADO CORRENTE DA AII (RS) – 2006

Municípios - Área de influência indireta	Mil Reais	Percentual em relação ao total da AII	Percentual em relação ao total do Estado
Vacaria	698.933	42,47	0,45
Lagoa Vermelha	314.755	19,13	0,20
São Francisco de Paula	206.897	12,57	0,13
Muitos Capões	119.957	7,29	0,08
Bom Jesus	91.654	5,57	0,06
Cambará do Sul	82.081	4,99	0,05
Ipê	73.460	4,46	0,05
São José dos Ausentes	57.995	3,52	0,04
Total:	1.645.732	100	1,05
Total do Rio Grande do Sul:	156.883.000		

FONTE: TABELA 5.3.61

Quanto ao município de São José dos Ausentes (RS), observa-se que, em relação a AII, é o oitavo, tendo, como números, R\$ 57.995,00, ou seja, 3,52%. Em relação ao total do Rio Grande do Sul, São José dos Ausentes apresenta-se, ainda, como o oitavo colocado, contribuindo com um percentual de 0,04%. A FIGURA 5.3.53, a seguir apresenta essa situação.

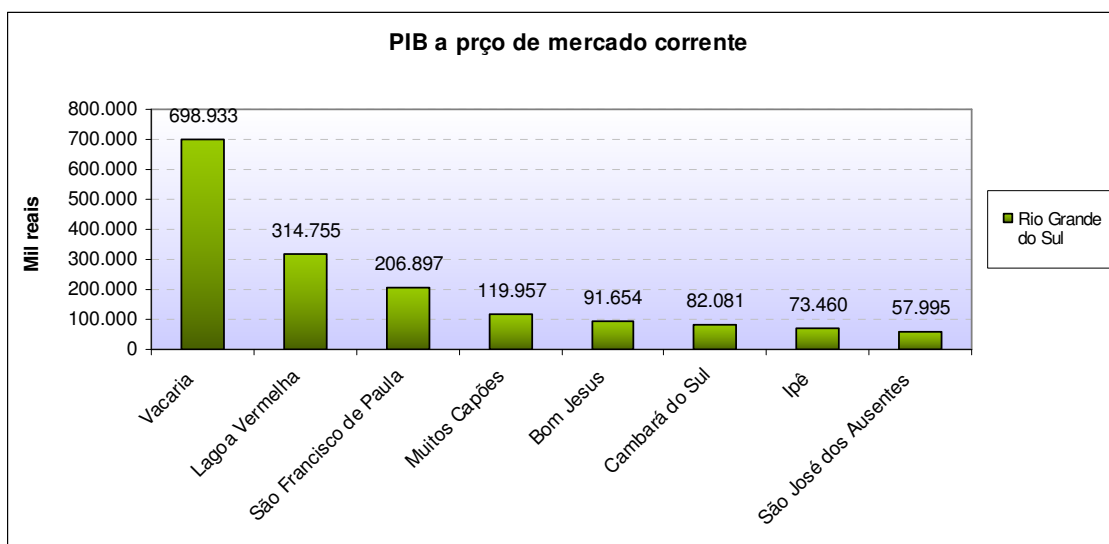


FIGURA 5.3.53 – GRÁFICO: PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB) A PREÇO DE MERCADO CORRENTE PARA OS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS INTEGRANTES DA AII (RS) – 2006
FONTE: TABELA 5.3.105

A TABELA 5.3.106 e a FIGURA 5.3.54 mostram o PIB dos dois municípios integrantes da AID, em reais e em percentuais, e sua posição em relação aos totais.

TABELA 5.3.106 - PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB) A PREÇO DE MERCADO CORRENTE DA AID – 2006

Municípios	Valores adicionados na agropecuária	Percentual dos valores na agropecuária em relação a AID	Valores adicionados na indústria	Percentual dos valores na indústria em relação a AID	Valores adicionados no serviços	Percentual dos valores no serviço em relação a AID
Timbé do Sul	13.600	26,40	2.395	50,19	17.328	51,08
São José dos Ausentes	37.923	73,60	2.377	49,81	16.594	48,92
Total AID:	51.523	100	4.772	100	33.922	100

FONTE: TABELA 5.3.104 e TABELA 5.3.105

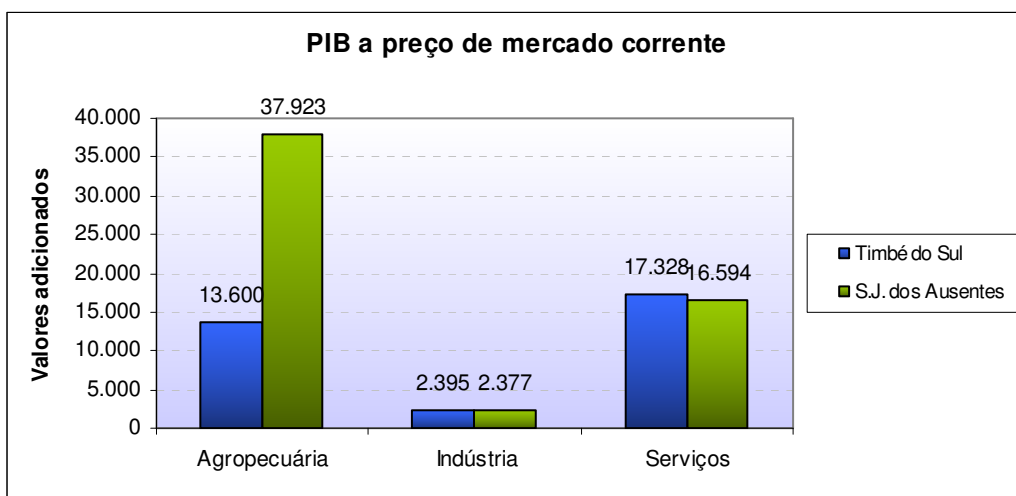


FIGURA 5.3.54 - PIB A PREÇO DE MERCADO CORRENTE
 FONTE: TABELA 5.3.106

Observa-se que o PIB de São José dos Ausentes é maior que o de Timbé do Sul, em relação o valor adicionado na agropecuária, com 73,60%. Para o valor adicionado na indústria e nos serviços, Timbé do Sul tem os maiores percentuais, com 50,19% e 51,08%, respectivamente.

b) Valor Adicionado

As tabelas a seguir levantam os dados disponibilizados pelo IBGE, cujos quais retratam o Valor Adicionado, com objetivo de demonstrar qual o valor da riqueza gerada pelos setores agropecuário, industrial e de serviços. O Valor Adicionado constitui-se da receita de venda, deduzida dos custos dos recursos adquiridos de terceiros. É, portanto, o quanto cada setor de atividade contribuiu para a formação do Produto Interno Bruto (PIB) do município.

A TABELA 5.3.107 mostra a posição do município de **Timbé do Sul**, em relação aos quinze municípios da AII de Santa Catarina, para os valores adicionados na agropecuária.

TABELA 5.3.107- POSIÇÃO DE TIMBÉ DO SUL EM RELAÇÃO PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB), VALOR ADICIONADO NA AGROPECUÁRIA PARA OS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS INTEGRANTES DA AII (SC) – 2006

Municípios	Valores adicionados na agropecuária *	Percentual dos valores na agropecuária em relação a AII
Araranguá	33.995	15,21
Turvo	27.494	12,30
Meleiro	23.097	10,33
Jacinto Machado	21.650	9,69
São João do Sul	19.965	8,93
Sombrio	15.157	6,78
Timbé do Sul	13.600	6,08
Total:	223.503	

FONTE: TABELA 5.3.106

NOTA (*) - Valores em Mil Reais

Observando a tabela acima, pode-se chegar a conclusão que o município de maior valor adicionado na agropecuária é Araranguá, com R\$ 36.995,00, representando 15,21%, nesse setor de atividade na AII. O segundo em contribuição é Turvo, com R\$ 27.494,00, com 12,30%. Timbé do Sul ocupa a sétima posição de um total de quinze municípios da AII de Santa Catarina, em relação ao valor adicionado na agropecuária, com R\$ 13.600,00 (6,08%).

A TABELA 5.3.108 mostra os valores adicionados no setor da indústria para os principais municípios da AII.

TABELA 5.3.108 - POSIÇÃO DE TIMBÉ DO SUL EM RELAÇÃO AO PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB), VALOR ADICIONADO NA INDÚSTRIA DA AII (SC) – 2006

Municípios	Valores adicionados na indústria*	Percentual dos valores na indústria em relação a AII
Araranguá	98.349	26,58
Turvo	62.631	16,93
Sombrio	56.467	15,26
Jacinto Machado	43.673	11,80
Meleiro	22.646	6,12
Maracajá	19.337	5,23
Ermo	13.484	3,64
Passo de Torres	11.216	3,03
Praia Grande	9.535	2,58
Santa Rosa do Sul	7.598	2,05
Balneário Arroio do Silva	7.052	1,91
Balneário Gaivota	6.915	1,87
São João do Sul	6.910	1,87
Timbé do Sul	2.395	0,65
Total:	370.009	

FONTE: TABELA 5.3.106

NOTA - * Valores em Mil Reais

No setor da indústria, destaca-se Araranguá, com R\$ 98.349,00, representando 26,58% desse setor de atividade. Turvo é o segundo município mais expressivo, com R\$ 62.631,00, representando 16,93% do total da indústria. Timbé do Sul aparece em décimo quarto lugar de um total de quinze municípios da AII de Santa Catarina, com R\$ 2.395,00, representando 0,65%. A TABELA 5.3.109 mostra os valores adicionados no setor dos serviços para os principais municípios da AII.

TABELA 5.3.109 - POSIÇÃO DE TIMBÉ DO SUL EM RELAÇÃO AO PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB), VALOR ADICIONADO NO SETOR DE SERVIÇOS DA ALL (SC) – 2006

Municípios	Valores adicionados nos serviços*	Percentual dos valores no serviço em relação a All
Araranguá	364.236	40,83
Sombrio	123.914	13,98
Turvo	78.977	8,85
Maracajá	47.357	5,31
Meleiro	42.915	4,91
Jacinto Machado	39.268	4,40
Balneário Arroio do Silva	36.262	4,07
Praia Grande	28.768	3,23
Santa Rosa do Sul	27.389	3,07
Balneário Gaivota	26.441	2,96
São João do Sul	21.968	2,46
Passo de Torres	18.468	2,07
Timbé do Sul	17.328	1,94
Total:	891.999	

Fonte: TABELA 5.3.106

NOTA - * Valores em Mil Reais

No setor de serviços, destacam-se, Araranguá e Sombrio, com R\$ 364.236,00 e R\$ 123.914,00, representando 40,83% e 13,98%, respectivamente, da All nesse setor de atividade. Timbé do Sul aparece em décimo terceiro lugar de um total de quinze municípios da All de Santa Catarina, com R\$ 17.328,00 (1,94%, da All).

De acordo com as tabelas acima, o município de **Timbé do Sul** é o mais expressivo no setor de **serviços**, e Araranguá em todos os setores.

A TABELA 5.3.110 apresenta a posição de **São José dos Ausentes** em relação aos quatorze municípios da All do rio Grande do Sul, para os valores adicionados na agropecuária.

TABELA 5.3.110 - POSIÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES EM RELAÇÃO AO PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB), VALOR ADICIONADO NA AGROPECUÁRIA PARA OS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS INTEGRANTES DA AII (RS) – 2006

Municípios	Valores adicionados na agropecuária*	Percentual dos valores na agropecuária em relação a AII
Vacaria	134.515	23,03
Muitos Capões	87.951	15,06
São Francisco de Paula	81.696	13,99
Lagoa Vermelha	59.756	10,23
São José dos Ausentes	37.923	6,49
Total:	584.124	

FONTE: TABELA 5.3.106

NOTA - *Valores em Mil Reais

Segundo os dados apresentados, o município de São José dos Ausentes ocupa na AII a quinta posição em relação ao total, ou seja, R\$ 37.923 (6,49%). O maior valor adicionado na agropecuária é Vacaria, com R\$ 134.515,00, representando 23,03% nesse setor de atividade na AII. O segundo em contribuição é Muitos Capões, com R\$ 87.951,00 (15,06%).

A TABELA 5.3.111 mostra a posição de São José dos Ausentes em relação ao valor adicionado na indústria na AII.

TABELA 5.3.111 - POSIÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES EM RELAÇÃO AO PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB), VALOR ADICIONADO NA INDÚSTRIA PARA OS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS INTEGRANTES DA AII (RS) – 2006

Municípios	Valores adicionados na indústria*	Percentual dos valores na indústria em relação a AII
Vacaria	91.776	37,80
Lagoa Vermelha	45.264	18,64
Cambará do Sul	26.601	10,96
Pinhal da Serra	22.648	9,33
São Francisco de Paula	20.760	8,55
Bom Jesus	8.580	3,53
Ipê	6.894	2,84
Campestre da Serra	6.485	2,67
Jaquirana	4.191	1,73
Muitos Capões	2.951	1,22
São José dos Ausentes	2.377	0,98
Total:	242.792	

FONTE: TABELA 5.3.106

* Valores em Mil Reais

No setor da indústria, leva-se em consideração o papel destacado do município de Vacaria, com R\$ 91.776,00, representando 37,80% desse setor de atividade. Lagoa Vermelha é o segundo mais expressivo, com R\$ 45.264,00, representando 18,64% do total da indústria. São José dos Ausentes aparece em décima primeira posição, em relação aos quatorze municípios integrantes da AII do Rio Grande do Sul, com R\$ 2.377,00 (0,98%).

A TABELA 5.3.112 apresenta a posição de São José dos Ausentes em relação ao valor adicionado no setor de serviços na AII.

TABELA 5.3.112 - POSIÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES EM RELAÇÃO PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB), VALOR ADICIONADO NO SETOR DE SERVIÇOS PARA OS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS INTEGRANTES DA AII (RS) – 2006

Municípios	Valores adicionados nos serviços*	Percentual dos valores no serviço em relação a AII
Vacaria	405.811	43,88
Lagoa Vermelha	181.658	19,64
São Francisco de Paula	93.398	10,10
Bom Jesus	49.198	5,32
Cambará do Sul	32.170	3,48
Ipê	29.402	3,18
Muitos Capões	26.365	2,85
Esmeralda	20.883	2,26
Campestre da Serra	19.120	2,07
São José dos Ausentes	16.594	1,79
Total:	924.793	

FONTE: TABELA 5.3.106

* Valores em Mil Reais

No setor de serviços, observa-se, também, a posição de Vacaria, com R\$ 405.811,00, representando 43,88% da AII nesse setor de atividade. O segundo colocado é Lagoa Vermelha, contribuindo com R\$ 181.658,00 (19,64%). São José dos Ausentes aparece em décima posição, em relação aos quatorze municípios integrantes da AII do Rio Grande do Sul, com R\$ 16.594,00 (1,79%).

De acordo com as tabelas acima, no município de **São José dos Ausentes** é mais expressivo no setor da **agropecuária** e o município de Vacaria é o mais expressivos em todos os setores.

A TABELA 5.3.113 foi concebida agregando os totais dos valores adicionados por setores de atividades das tabelas anteriores desse item.

TABELA 5.3.113 - PIB, VALOR ADICIONADO NA AGROPECUÁRIA, INDÚSTRIA E SERVIÇOS DA AID – 2006

Setor de atividade	Total de valores adicionados em relação aos Setores de Atividades em Timbé do Sul*	Percentual em relação ao total de Timbé do Sul	Total de valores adicionados em relação aos Setores de Atividades em São José dos Ausentes*	Percentual da AII em relação ao total de São José dos Ausentes
Agropecuária	13.600	40,81	37.923	66,66
Indústria	2.395	7,19	2.377	4,18
Serviço	17.328	52,00	16.594	29,17
Total:	33.323	100	56.894	100

FONTE: TABELA 5.3.107 à TABELA 5.3.112

NOTA - * Valores em Mil Reais

Os dados de valores adicionados em cada setor de atividade demonstram que em Timbé do Sul o setor mais expressivo é o dos serviços, em segundo lugar o da agropecuária, com 52,00% e 40,81%, respectivamente. Em São José dos Ausentes o setor mais representativo é o da agropecuária, com 66,66%, vindo a seguir o dos serviços, com 29,17%. Em ambos os municípios o setor menos significativo é do da indústria. A FIGURA 5.3.55 a seguir ilustra tal situação.

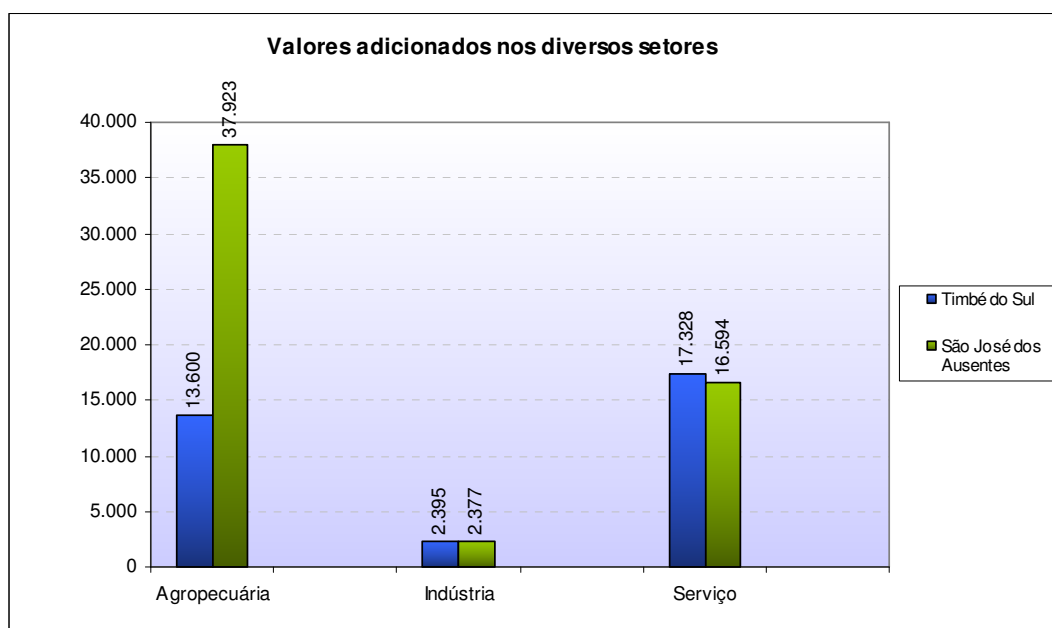


FIGURA 5.3.55 – GRÁFICO: PIB VALOR ADICIONADO NA AGROPECUÁRIA, INDÚSTRIA E SERVIÇOS DA AID – 2006

FONTE: TABELA 5.3.113

c) Estabelecimentos Agropecuários

A TABELA 5.3.114 e TABELA 5.3.115 retratam o número total de estabelecimentos agropecuários, seus percentuais e a posição dos municípios de Timbé do Sul e São José dos Ausentes, respectivamente, em relação aos municípios da AII de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

TABELA 5.3.114– POSIÇÃO DE TIMBÉ DO SUL EM RELAÇÃO AO NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS AGROPECUÁRIOS DA AII (SC) – 2006

Municípios - Área de influência indireta	Número de estabelecimentos	Percentual em relação ao total da AII	Percentual em relação ao total do Estado
São João do Sul	1.279	14,33	0,66
Jacinto Machado	1.212	13,58	0,62
Araranguá	1.019	11,92	0,52
Santa Rosa do Sul	896	10,04	0,46
Meleiro	851	9,54	0,44
Turvo	689	7,72	0,35
Sombrio	646	7,24	0,33
Timbé do Sul	548	6,14	0,28
Total:	8.925		
Total de Santa Catarina:	194.533		

FONTE: TABELA 5.3.66

TABELA 5.3.115 - POSIÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES EM RELAÇÃO AO NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS AGROPECUÁRIOS DA AII (RS) – 2006

Municípios - Área de influência indireta	Número de estabelecimentos	Percentual em relação ao total da AII	Percentual em relação ao total do Estado
Lagoa Vermelha	1.555	14,28	0,35
São Francisco de Paula	1.321	12,13	0,30
Bom Jesus	1.096	10,06	0,25
Vacaria	1.038	9,53	0,23
Ipê	901	8,27	0,20
Monte Alegre dos Campos	779	7,15	0,18
Campestre da Serra	601	5,52	0,14
Jaquirana	576	5,29	0,13
Pinhal da Serra	565	5,19	0,13
São José dos Ausentes	563	5,17	0,13
Total:	10.893		
Total do Rio Grande do Sul:	442.564		

FONTE: TABELA 5.3.67

No tocante a atividade agropecuária, na AII, pode-se constatar, nas tabelas acima, que Timbé do Sul ocupa a oitava posição quanto ao número de estabelecimentos agropecuários, com um número total de 548 estabelecimentos, sendo que, seu percentual em relação aos totais da AII, é de 6,14%. Em relação à AII do Rio Grande do Sul, São José dos Ausentes aparece em décimo lugar, com 563 estabelecimentos e o percentual de 5,17%.

A TABELA 5.3.116 apresenta o total e os percentuais de estabelecimentos agropecuários na AID.

TABELA 5.3.116 - NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS AGROPECUÁRIOS DA AID – 2006

Municípios - Área de influência direta	Número de estabelecimentos	Percentual em relação ao total da AID	Percentual em relação ao total do Estado
Timbé do Sul	548	49,32	0,28
São José dos Ausentes	563	50,68	0,13
Total AID:	1.111	100	0,41
Total de Santa Catarina:	194.533		
Total do Rio Grande do Sul:	442.564		

FONTE: TABELA 5.3.115

Em relação a AID, o município de São José dos Ausentes é mais expressivo em número absoluto e em percentuais no que tange ao número de estabelecimentos agropecuários (563 e 50,68 %). A FIGURA 5.3.56 abaixo ilustra essa relação.

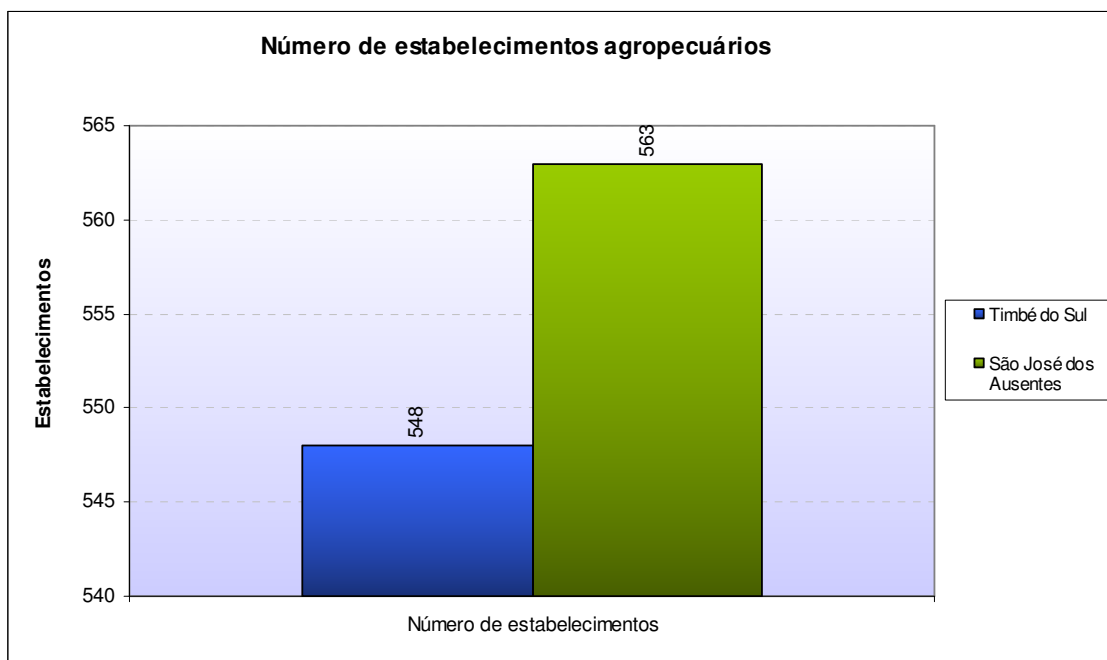


FIGURA 5.3.56 – GRÁFICO: NÚMERO TOTAL DE ESTABELECIMENTOS AGROPECUÁRIOS DA AID – 2006
 FONTE: TABELA 5.3.116

d) Lavouras Permanentes

No tocante às atividades agropecuárias, os dados foram levantados pelo Censo Agropecuário, realizado em 2006, pelo IBGE, disponibilizados em seu site. A TABELA 5.3.117 mostra a posição de **Timbé do Sul** na AII de **Santa Catarina**, em relação à quantidade das **lavouras permanentes** (toneladas).

TABELA 5.3.117 - POSIÇÃO DE TIMBÉ DO SUL EM RELAÇÃO A QUANTIDADE DE LAVOURAS PERMANENTES MAIS SIGNIFICATIVAS EXISTENTES NOS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS DA AII E NO ESTADO DE SANTA CATARINA (TONELADAS - T) – 2007

Municípios - Área de influência indireta	Total (t)
Jacinto Machado	14.590
Santa Rosa do Sul	6.412
Praia Grande	2.586
Sombrio	1.841
Araranguá	1.355
Turvo	912
Timbé do Sul	680

FONTE: TABELA 5.3.68

Na All de Santa Catarina, em relação aos totais de lavouras permanentes, o município que mais se destaca é Jacinto Machado, com 14.590 toneladas. O segundo município, com maior produção em toneladas, é Santa Rosa do Sul (6.412 toneladas). Quanto ao município de Timbé do Sul, comparado aos 15 municípios componentes da All, sua produção é inexpressiva, aparecendo em sétima posição (680 toneladas).

A TABELA 5.3.118 apresenta, em toneladas, as principais **lavouras permanentes** para os municípios integrantes da All no Estado do **Rio Grande do Sul**, bem como a posição do município de **São José dos Ausentes**.

TABELA 5.3.118 - POSIÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES EM RELAÇÃO QUANTIDADE DE LAVOURAS PERMANENTES MAIS SIGNIFICATIVAS EXISTENTES NOS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS DA ALL E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (TONELADAS - T) – 2007

Municípios - Área de influência indireta	Total (t)
Vacaria	181.236
Bom Jesus	75.368
Muitos Capões	38.213
Monte Alegre dos Campos	24.870
Ipê	21.398
São Francisco de Paula	19.850
Campestre da Serra	14.760
São José dos Ausentes	13.350

FONTE: TABELA 5.3.71

Na All do Rio Grande do Sul, em relação aos totais de lavouras permanentes, o município que mais se destaca é Vacaria, com 181.236 toneladas. Quanto ao município de São José dos Ausentes, esse apresenta o oitavo lugar com, 13.350 toneladas.

A TABELA 5.3.119 representa os totais das principais lavouras permanentes de Timbé do Sul e São José dos Ausentes. Essa relação é apresentada na FIGURA 5.3.57, FIGURA 5.3.58 e FIGURA 5.3.59.

TABELA 5.3.119- TIPOS E QUANTIDADES DAS PRINCIPAIS LAVOURAS PERMANENTES EXISTENTES NA AII E NO ESTADO DE SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL (TONELADAS - T) – 2007

Municípios - Área de influência direta	Banana (t)	Maça (t)	Total
Timbé do Sul	680	-	680
São José dos Ausentes	-	13.350	13.350
Total de Santa Catarina:	655.973	-	-
Total do Rio Grande do Sul	-	469.389	-

FONTE: Censo Agropecuário - Resultados Preliminares (IBGE, 2007)

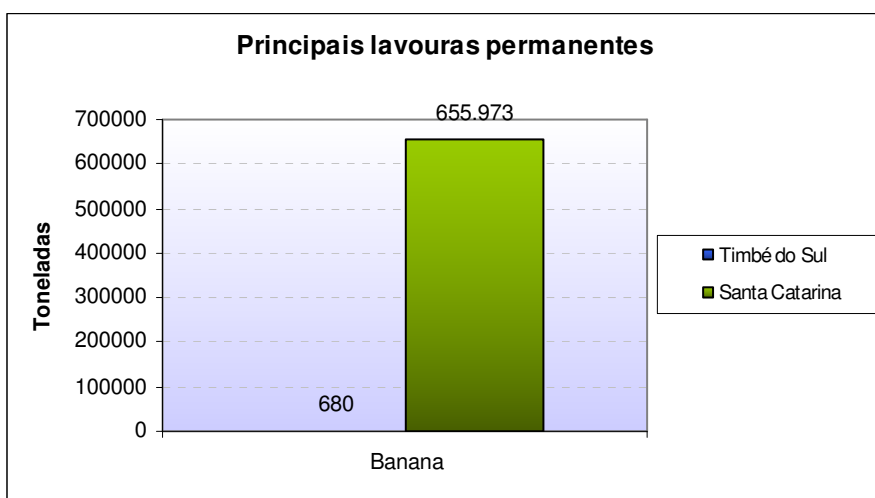


FIGURA 5.3.57 – GRÁFICO: LAVOURAS PERMANENTES
FONTE: TABELA 5.3.119

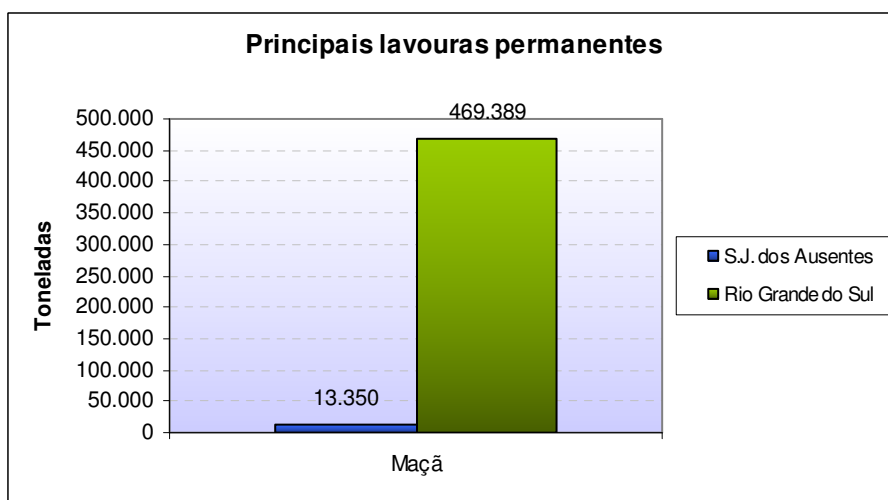


FIGURA 5.3.58 – GRÁFICO: LAVOURAS PERMANENTES
FONTE: TABELA 5.3.119

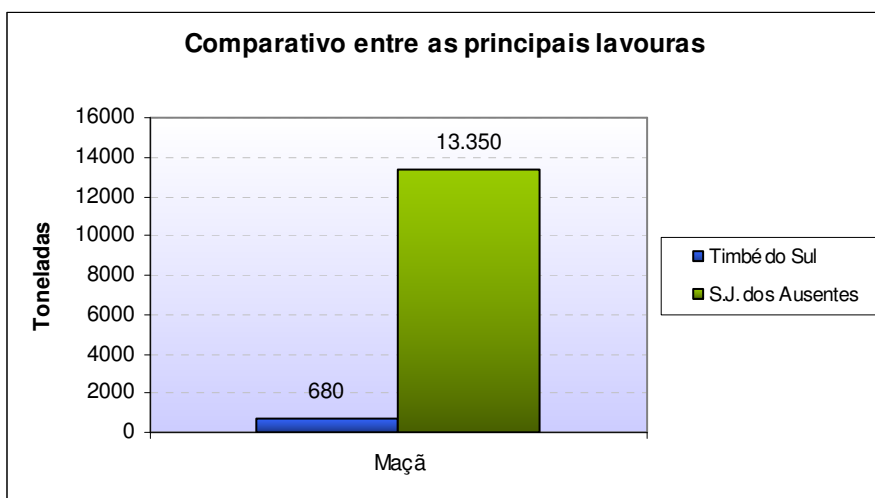


FIGURA 5.3.59 – GRÁFICO: LAVOURAS PERMANENTES
FONTE: TABELA 5.3.119

A tabela acima mostra que dos dois municípios supra mencionados, Timbó do Sul se destaca na produção de banana e São José dos Ausentes na produção de maçã, com 680 e 13.350 toneladas, respectivamente.

e) Lavouras Temporárias

A TABELA 5.3.120 mostra a posição de **Timbó do Sul** na AII de **Santa Catarina**, em relação à quantidade das **lavouras temporárias** (toneladas).

TABELA 5.3.120 - POSIÇÃO DE TIMBÓ DO SUL EM RELAÇÃO A QUANTIDADE DE LAVOURAS TEMPORÁRIAS MAIS SIGNIFICATIVAS EXISTENTES NOS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS DA AII E NO ESTADO DE SANTA CATARINA (TONELADAS) - 2007

Municípios - Área de influência indireta	Total
Meleiro	79.659
Turvo	77.778
Jacinto Machado	51.012
Araranguá	45.375
Ermo	26.524
Timbó do Sul	24.432

FONTE: TABELA 5.3.74

Na AII de Santa Catarina, em relação aos totais de lavouras temporárias, o município que mais se destaca é Meleiro, com 79.659. O segundo município, com maior

produção em toneladas, é Turvo (77.778 t). O município de Timbé do Sul aparece em sexto lugar, com uma produção de 24.432 toneladas.

A TABELA 5.3.121 pontua o tipo e as principais **lavouras temporárias**, em toneladas, para os municípios integrantes da AII no Estado do **Rio Grande do Sul**, além da posição de São José dos Ausentes.

TABELA 5.3.121 - POSIÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES EM RELAÇÃO A QUANTIDADE DE LAVOURAS TEMPORÁRIAS MAIS SIGNIFICATIVAS EXISTENTES NOS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS DA AII E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (TONELADAS - T) – 2007

Municípios - Área de influência indireta	Total (t)
Muitos Capões	296.564
Vacaria	197.272
Lagoa Vermelha	172.199
Esmeralda	123.054
São Francisco de Paula	107.447
Capão Bonito do Sul	91.199
Bom Jesus	72.990
São José dos Ausentes	55.944

FONTE: TABELA 5.3.77

Na AII do Rio Grande do Sul, em relação aos totais de lavouras temporárias, o município de maior relevância é o de Muitos Capões, com 296.584 toneladas. Quanto ao município de São José dos Ausentes, esse aparece em oitavo lugar, com 55.944 toneladas.

A TABELA 5.3.122 e a FIGURA 5.3.60 e FIGURA 5.3.61 mostram os totais das principais lavouras temporárias da AID.

TABELA 5.3.122 - TIPOS E QUANTIDADES DAS PRINCIPAIS LAVOURAS TEMPORÁRIAS MAIS SIGNIFICATIVAS EXISTENTES NA AID (TONELADAS - T) – 2007

Área de influência direta	Arroz em casca	Cana de açúcar	Feijão em grão	Fumo em folha	Mandioca	Milho em grão	Total
Timbé do Sul	15.400	1.330	105	1.857	30	5.710	24.432
Total de SC:	1.038.438	734.562	214.924	249.015	633.216	3.793.364	6.663.519

Área de influência direta	Batata inglesa	Feijão em grão	Milho em grão	Total
São José dos Ausentes	54.000	120	1.824	55.944
Total do Rio Grande do Sul:	386.211	142.086	5.969.118	6.497.415

FONTE: Censo Agropecuário - Resultados Preliminares (IBGE, 2007)

A TABELA 5.3.122 demonstra que, dos dois municípios integrantes da AID, São José dos Ausentes tem a maior expressão em lavouras temporárias, mais especificamente na produção da batata inglesa, com 54.000 toneladas. Em ambos os municípios cultiva-se o feijão em grão e o milho.

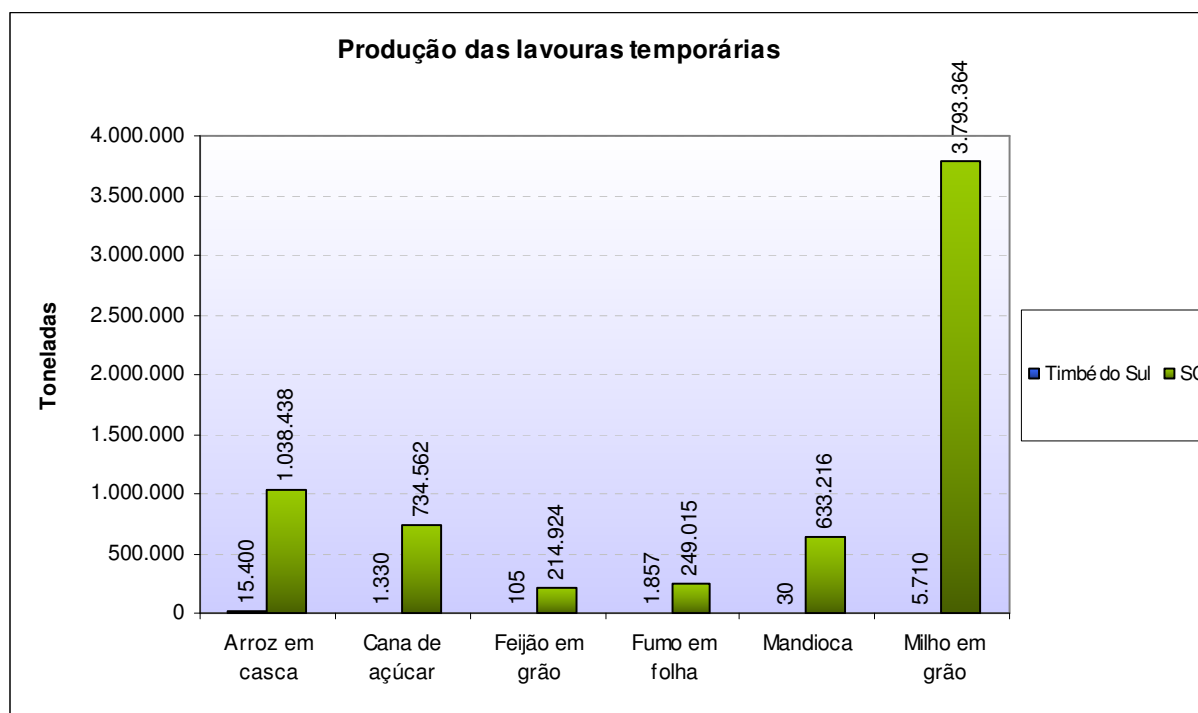


FIGURA 5.3.60 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO ENTRE A PRODUÇÃO DE LAVOURAS TEMPORÁRIAS DA AID – 2007

FONTE: TABELA 5.3.122

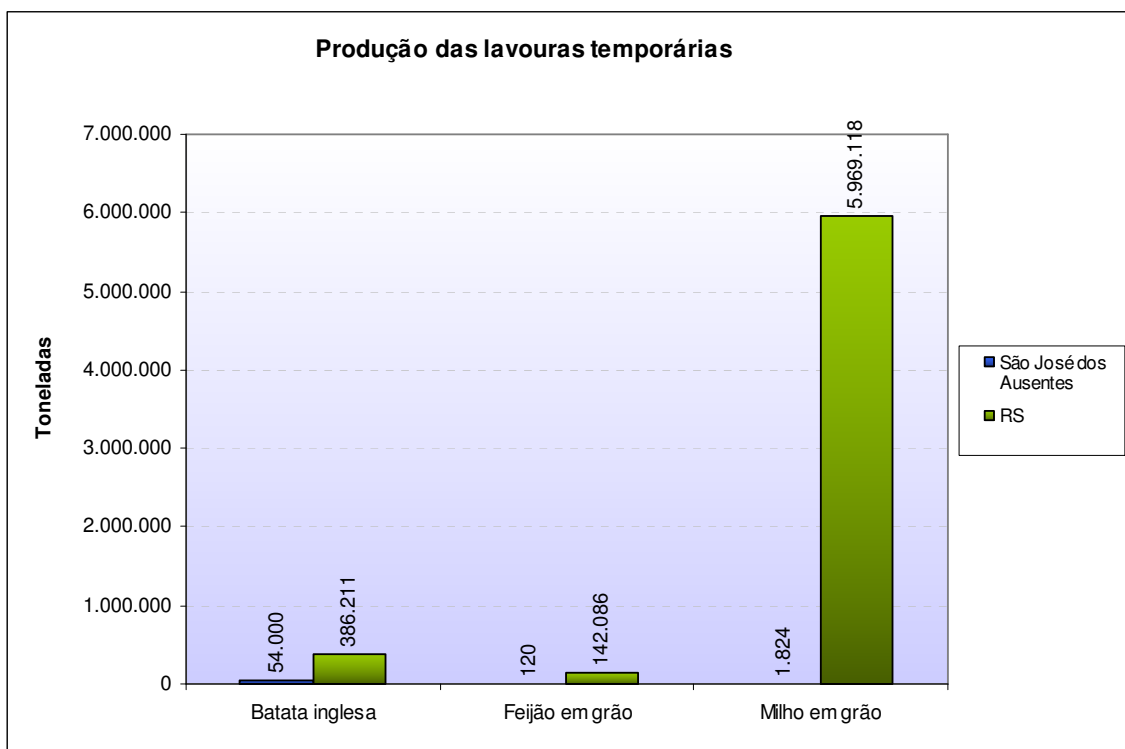


FIGURA 5.3.61 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO ENTRE A PRODUÇÃO DE LAVOURAS TEMPORÁRIAS DA AID – 2007

FONTE: TABELA 5.3.122

f) Rebanhos

A TABELA 5.3.123 cita o **tipo e a quantidade de rebanhos**, por número de cabeças, em relação aos quinze municípios integrantes da AII no Estado de **Santa Catarina**, posicionado Timbé do Sul dentre esses.

TABELA 5.3.123– POSIÇÃO DE TIMBÉ DO SUL EM RELAÇÃO AO TIPO E QUANTIDADES DOS REBANHOS MAIS SIGNIFICATIVOS EXISTENTES NOS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS DA AII E NO ESTADO DE SANTA CATARINA (CABEÇAS) – 2007

Municípios - Área de influência indireta	Bovinos	Suínos	Ovinos	Aves *	Caprinos	Total
Turvo	4.450	2.650	92	1.964.000	68	1.971.260
Timbé do Sul	4.050	5.440	118	1.600.000	16	1.609.624
Total da AII:	62.339	21.420	1.307	8.213.290	890	8.300.146
Total de Santa Catarina:	3.488.992	7.156.013	241.089	175.314.709	49.812	186.375.008

FONTE: TABELA 5.3.80

NOTA - * Galinhas, galos, frangos, pintos e codornas

Em relação ao número total de cabeças, destacam-se na AII: Turvo, com 4.450 cabeças, seguida por Timbé do Sul, com 4.050 cabeças. Ambos os municípios se destacam na criação de aves, com 1.964.000 e 1.600.000 cabeças, respectivamente. Quanto à colocação de Timbé do Sul aparece em segundo lugar.

A TABELA 5.3.124 mostra o tipo e a quantidade de rebanhos, em número de cabeças, para os principais municípios integrantes da AII no Estado do Rio Grande do Sul, bem como a posição de São José dos Ausentes.

TABELA 5.3.124 – POSIÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES EM RELAÇÃO AO TIPO E QUANTIDADES DOS REBANHOS MAIS SIGNIFICATIVOS EXISTENTES NOS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS DA AII E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (CABEÇAS) – 2007

Municípios - Área de influência indireta	Bovinos	Suínos	Eqüinos		Ovinos	Aves *	Caprinos	Total
			Assininos	Bubalinos				
Ipê	25.546	27.906	985	258	2.188	534.798	226	591.907
Vacaria	57.085	2.985	2.650	71	4.560	209.149	-	276.500
São Francisco de Paula	120.773	3.658	3.406	160	7.492	81.891	42	217.422
Bom Jesus	116.184	2.277	1.973	185	5.503	14.778	33	140.933
São José dos Ausentes	45.593	640	633	61	1.178	12.330	13	60.448
Total da AII:	566.259	49.249	16.974	1.417	39.896	941.383	486	1.615.664
Total do Rio Grande do Sul:	13.516.426	5.197.008	455.841	71.724	3.830.061	134.518.213	88.771	157.678.044

FONTE: TABELA 5.3.83

NOTA - * Galinhas, galos, frangos, pintos e codornas

Em relação aos totais da AII, o município de maior destaque é Ipê, sendo seguido por Vacaria, com 591.907 e 276.500 cabeças, respectivamente. Quanto a São José dos Ausentes está em quinto lugar em relação aos municípios da AII, com 50.448 cabeças. A criação de maior destaque, nesse município, é a de aves, sendo seguida pela de bovinos, segundo os dados da tabela acima.

A TABELA 5.3.125 e a FIGURA 5.3.62 contêm tipos e quantidades dos principais tipos de rebanhos da AID.

TABELA 5.3.125 - TIPOS E QUANTIDADES DOS PRINCIPAIS REBANHOS EXISTENTES NA AID (CABEÇAS) – 2007

Municípios - Área de influência direta	Bovinos	Suínos	Eqüinos Asininos Muares	Bubalin os	Ovinos	Aves *	Caprino s	Total
Timbé do Sul	4.050	5.440	-	-	118	1.600.000	16	1.609.624
São José dos Ausentes	45.593	640	633	61	1.178	12.330	13	60.448
Total:	49.643	6.080	633	61	1.296	1.612.330	29	1.670.072
Total de Santa Catarina:	3.488.992	7.156.013	101.548	22.845	241.089	175.314.709	49.812	186.375.008
Total do Rio Grande do Sul:	13.516.426	5.197.008	455.841	71.724	3.830.061	134.518.213	88.771	157.678.044

FONTES: TABELA 5.3.123 e
TABELA 5.3.124

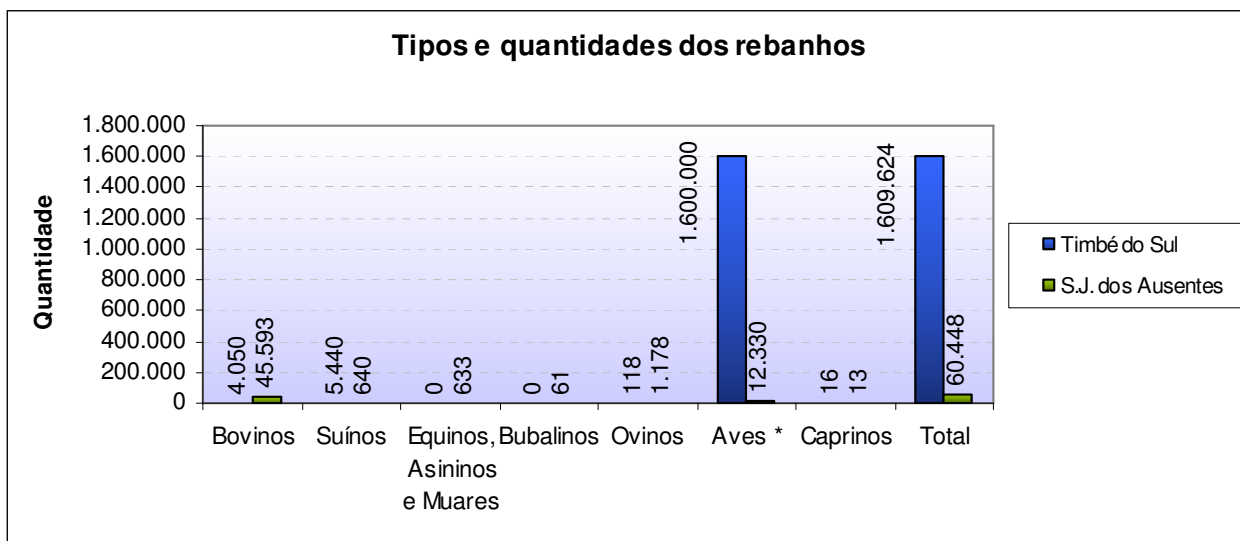


FIGURA 5.3.62 – GRÁFICO: TIPOS E QUANTIDADES DE REBANHOS
FONTES: TABELA 5.3.125

A tabela acima mostra que, dos dois municípios integrantes da AID, Timbé do Sul é o de maior expressão em rebanhos, com 1.609.624, se destacando na criação de aves (1.600.000 cabeças). Em São José dos Ausentes o destaque é para a criação de bovinos, com 45.593 cabeças.

g) Extração Vegetal

A TABELA 5.3.126 apresenta o tipo e a quantidade da extração vegetal e silvicultura, em toneladas (t) e metros cúbicos (m³), para os municípios integrantes da AII no Estado de Santa Catarina, bem como a posição de Timbé do Sul entre tais municípios.

TABELA 5.3.126 - POSIÇÃO DE TIMBÉ DO SUL EM RELAÇÃO AO TIPO E QUANTIDADE DA EXTRAÇÃO VEGETAL E SILVICULTURA MAIS SIGNIFICATIVAS NA AII E NO ESTADO DE SANTA CATARINA – 2007

Municípios - Área de influência indireta	Produtos da Silvicultura	Produtos da Silvicultura	Produtos da Silvicultura	Total em toneladas	Total em metros cúbicos
	Carvão vegetal quantidade produzida (t)	Lenha quantidade produzida (m ³)	Madeira em tora para outras finalidades quantidade produzida (m ³)		
Passo de Torres	-	6.300	120.000	0	126.300
Balneário Gaivota	49	40.000	31.000	49	71.000
Balneário Arroio do Silva	570	36.000	5.400	570	41.400
Araranguá	139	18.100	4.500	139	22.600
Santa Rosa do Sul	-	5.400	3.600	0	9.000
Morro Grande	-	1.400	5.350	0	6.750
São João do Sul	-	4.300	900	0	5.200
Sombrio	-	3.600	530	0	4.130
Jacinto Machado	-	2.970	450	0	3.420
Maracajá	-	2.670	180	0	2.850
Meleiro	-	2.650	187	0	2.837
Timbé do Sul	0	1.900	890	0	2.790
Total da AII:	758	130.900	174.527	758	305.427
Total de Santa Catarina:	8.538	5.221.508	8.744.851	8.538	13.966.359

FONTES: TABELA 5.3.86

NOTA - * outras finalidades, diferentes de papel e celulose

Na AII de Santa Catarina, o município que apresenta o maior número, em toneladas, é Balneário Arroio da Silva, com 570 toneladas. Timbé do Sul não apresenta produção em toneladas, ou seja, não produz carvão vegetal. Quanto a produção em

metros cúbicos, os municípios que se destacam são: Passo de Torres e Balneário Gaivota, com 126.300 e 71.000 metros cúbicos, respectivamente. Quanto a Timbé Sul, encontra-se na posição de número doze em relação aos demais municípios da All, tendo como destaque, os produtos da silvicultura, tais como: lenha (1.900 metros cúbicos) e madeiras para outras finalidades, com uma produção de 890 metros cúbicos.

A TABELA 5.3.127 mostra o tipo e quantidade da extração vegetal e da silvicultura, em toneladas (t) e metros cúbicos (m³), para os principais municípios integrantes da All no Estado do Rio Grande do Sul, além de situar São José dos Ausentes entre os totais produzidos.

TABELA 5.3.127 - POSIÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES EM RELAÇÃO AO TIPO E QUANTIDADE DA EXTRAÇÃO VEGETAL E SILVICULTURA MAIS SIGNIFICATIVAS NA AII E NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – 2007

Municípios - Área de influência indireta	Produtos Alimentícios Erva-mate cancheada (t)	Produtos Alimentícios Pinhão (t)	Madeiras Carvão vegetal (t)	Madeiras Lenha (m³)	Madeiras Tora (m³)	Produtos da Silvicultura Carvão vegetal (t)	Produtos da Silvicultura Lenha (m³)	Produtos da Silvicultura Madeira em tora para papel (m³)	Produtos da Silvicultura Madeira em tora para outras finalidades (m³)	Produtos da Silvicultura Acácia-Negra (t)	Total em toneladas	Total em metros cúbicos
Cambará do Sul	-	27	-	3.400	-	-	85.000	171.000	532.400	-	27	791.800
São Francisco de Paula	242	70	-	1.902	-	18	14.998	9.933	292.441	2.670	3.000	319.274
São José dos Ausentes	36	17	-	2.100	-	-	11.180	30.190	53.982	-	53	97.452
Total da AII:	381	221	9	32.796	635	23	169.069	236.488	1.050.963	2.670	3.304	1.489.951
Total do Rio Grande do Sul:	28.603	686	732	1.474.036	38.096	42.527	13.604.263	2.731.029	5.209.607	172.090	244.638	23.057.031

FONTE: TABELA 5.3.89

NOTA - * outras finalidades, diferentes de papel e celulose

Na AII do Rio Grande do Sul, o município que se destacou em relação ao número de metros cúbicos foi Cambará do Sul, com 791.800 metros cúbicos. Quanto a São José dos Ausentes, localiza-se na terceira colocação em relação aos demais municípios da AII, vez que possui extração vegetal, de 97.452 metros cúbicos, desses 1.050.963 metros cúbicos estão na extração de madeira em tora para outras finalidades.

A TABELA 5.3.128 esclarece os tipos e as quantidades dos principais produtos da extração vegetal e silvicultura da AID.

TABELA 5.3.128 - TIPOS E QUANTIDADES DOS PRINCIPAIS DA EXTRAÇÃO VEGETAL E SILVICULTURA NA AID – 2007

Área de influência direta	Produtos Alimentícios erva-mate cancheada quantidade produzida (t)	Produtos Alimentícios pinhão quantidade produzida (t)	Madeiras lenha quantidade produzida (m ³)	Produtos da Silvicultura Lenha quantidade produzida (m ³)	Produtos da Silvicultura madeira em tora quantidade produzida (m ³)	Produtos da Silvicultura madeira em tora para papel e celulose quantidade produzida (m ³)	Produtos da Silvicultura madeira em tora para outras finalidades* quantidade produzida (m ³)	Total em toneladas	Total em metros cúbicos
Timbé do Sul				1.900			890		2.790
São José dos Ausentes	36	17	2.100	11.180	84.172	30.190	53.982	53	181.624
Total de SC:				5.221.508			8.744.851		13.966.359
Total do Rio Grande do Sul:	28.603	686	1.474.036	13.604.263	7.940.636	2.731.029	5.209.607	29.289	30.959.571

FONTE: TABELA 5.3.125 e TABELA 5.3.126

NOTA - * outras finalidades, diferentes de papel e celulose

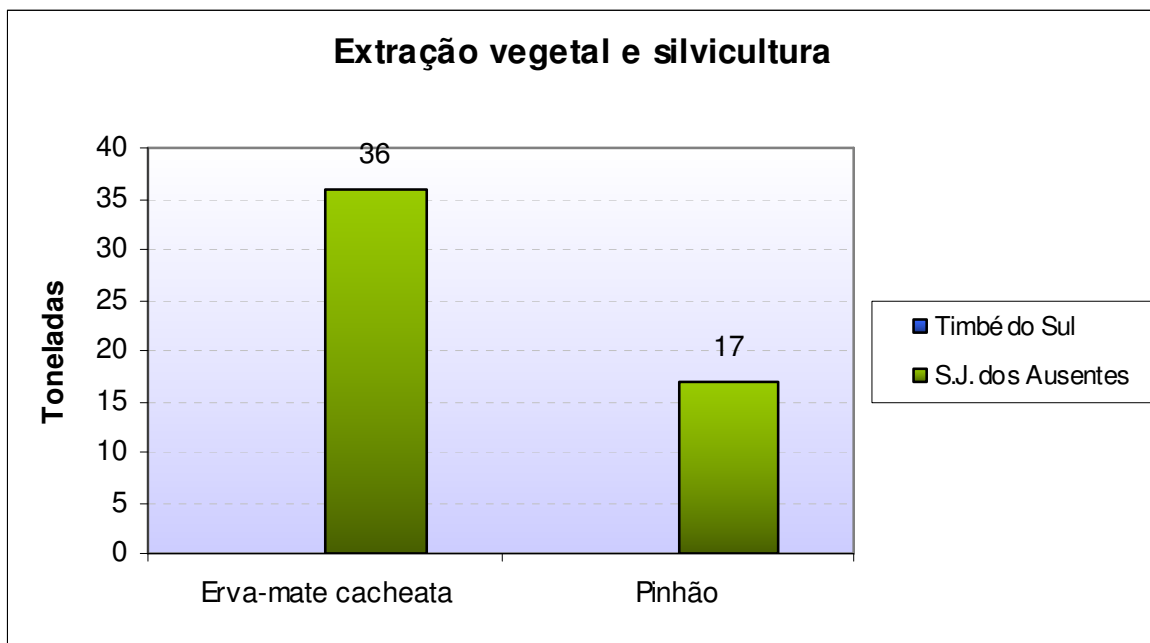


FIGURA 5.3.63 – GRÁFICO: EXTRAÇÃO VEGETAL E SILVICULTURA
 FONTE: TABELA 5.3.128

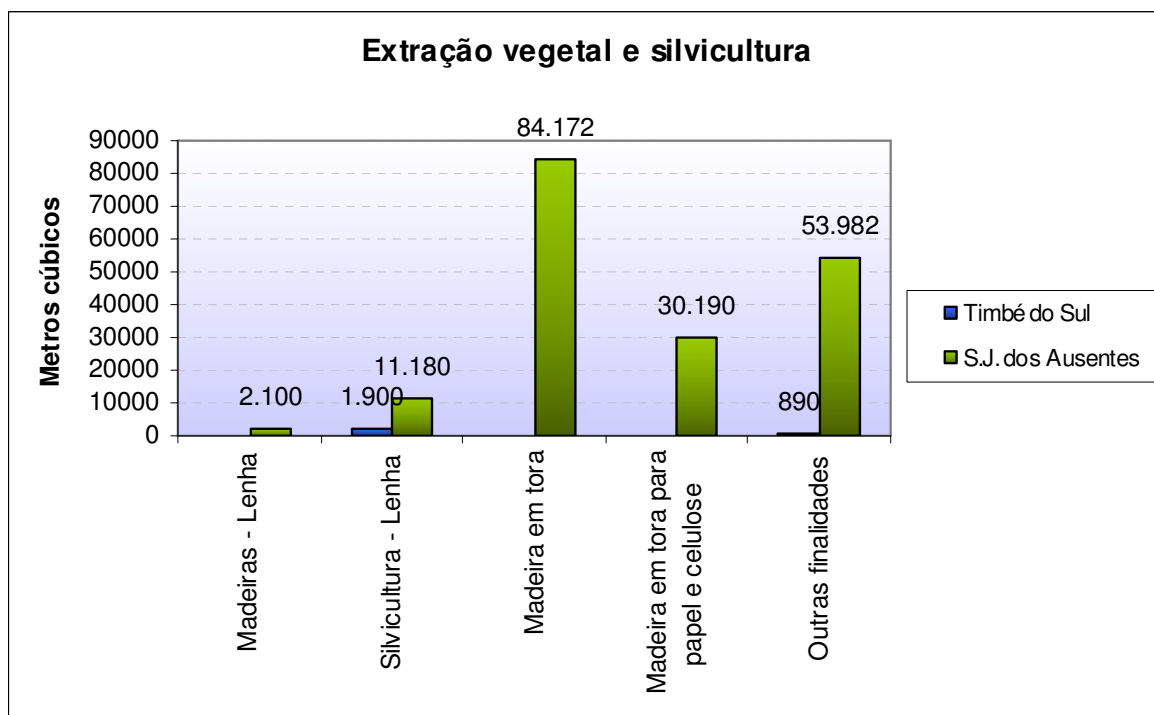


FIGURA 5.3.64 – GRÁFICO: EXTRAÇÃO VEGETAL E SILVICULTURA
 FONTE: TABELA 5.3.128

Na AID, o município que se destaca nos produtos da extração vegetal e silvicultura é São José dos Ausentes, com um total de 53 toneladas e 181.624 metros cúbicos.

h) Fundo de Participação dos Municípios

O Fundo de Participação dos Municípios é uma transferência constitucional (CF, Art. 159, I, b), composto por 22,5% da arrecadação do Imposto de Renda e do Imposto sobre Produtos Industrializados. A distribuição dos recursos aos Municípios é feita de acordo o número de habitantes, segundo dados informados pelo IBGE. Na TABELA 5.3.129, situam-se os totais do fundo de participação dos municípios da AII em reais, bem como seus percentuais em relação aos totais da AII de Santa Catarina. Vale dizer que o objetivo central da construção dessa tabela repousa na demonstração da posição de Timbé do Sul em relação aos demais municípios da AII.

TABELA 5.3.129 - POSIÇÃO DE TIMBÉ DO SUL EM RELAÇÃO AO FUNDO DE PARTICIPAÇÃO DOS MUNICÍPIOS PARA OS MUNICÍPIOS DA AII DO ESTADO DE SANTA CATARINA (TOTAIS EM REAIS E PERCENTUAIS)– 2006

Municípios - Área de influência indireta	Fundo de participação dos municípios (R\$)	Percentual em relação ao total da AII	Percentual em relação ao total do Estado
Araranguá	11.970.108,64	19,03	-
Sombrio	7.469.740,18	11,88	0,48
Turvo	4.089.820,46	6,50	0,26
Jacinto Machado	4.064.772,91	6,46	0,26
Passo de Torres	3.367.729,77	5,36	0,22
Balneário Arroio do Silva	3.344.940,69	5,32	0,21
Maracajá	3.283.024,70	5,22	0,21
Ermo	3.201.427,33	5,09	0,20
Morro Grande	3.201.317,30	5,09	0,20
Santa Rosa do Sul	3.201.317,30	5,09	0,20
Balneário Gaivota	3.201.317,24	5,09	0,20
Praia Grande	3.201.317,24	5,09	0,20
São João do Sul	3.199.617,28	5,09	0,20
Meleiro	3.092.311,40	4,92	0,20
Timbé do Sul	2.997.696,36	4,77	0,19
Total da AII	62.886.458,80		4,01
Total de SC:	1.565.148.529,89		

FONTE: TABELA 5.3.92

Conforme a tabela acima, o município de maior arrecadação, em relação à AII, é Araranguá, com 19,03% (R\$ 11.970.108,64), sendo seguido por Sombrio, com 11,88%. Quanto a Timbé do Sul, encontra-se na última posição em relação a AII, com R\$ 2.997.696,36, e percentual de 4,77%.

A TABELA 5.3.130 apresenta os totais do fundo de participação dos municípios da AII em reais, bem como seus percentuais em relação aos totais da AII e do Rio Grande do Sul. Mais uma vez, importante ressaltar que o objetivo da presente tabela é ressaltar a posição de São José dos Ausentes em relação aos demais municípios da AII.

TABELA 5.3.130- POSIÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES EM RELAÇÃO AO FUNDO DE PARTICIPAÇÃO DOS MUNICÍPIOS PARA OS MUNICÍPIOS DA AII DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (TOTAIS EM REAIS E PERCENTUAIS)– 2006

Municípios - Área de influência indireta	Fundo de participação dos municípios (R\$)	Percentual em relação ao total da AII	Percentual em relação ao total do Estado
Vacaria	13.189.993,12	25,46	0,47
Lagoa Vermelha	7.694.162,61	14,85	0,28
São Francisco de Paula	6.594.996,53	12,73	0,24
Bom Jesus	4.419.885,15	8,53	0,16
Jaquirana	3.381.888,44	6,53	0,12
Cambará do Sul	3.333.563,87	6,43	0,12
Muitões Capões	3.297.518,09	6,37	0,12
Ipê	3.297.498,24	6,37	0,12
Pinhal da Serra	3.297.498,24	6,37	0,12
São José dos Ausentes	3.297.498,24	6,37	0,12
Total:	51.804.502,53	100	1,86
Total do Rio Grande do Sul:	2.780.134.046,92		

FONTE: TABELA 5.3.93

O município de maior arrecadação, em relação à AII do Rio Grande do Sul é Vacaria, com 25,46 % (R\$ 13.189.993,12), seguido por Lagoa Vermelha, com 14,85%. Quanto a São José dos Ausentes este se posiciona em décimo lugar em relação aos municípios integrantes da AII, com uma arrecadação de R\$ 3.297.498,24, com percentuais de 6,36% em relação aos totais da AII e com 0,12% em relação ao Estado do Rio Grande do Sul.

A TABELA 5.3.131 mostra o fundo de participação dos municípios totais, em reais (R\$), e em percentuais, para os municípios da AID e dos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul – 2006.

TABELA 5.3.131 - FUNDO DE PARTICIPAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DA AID (TOTAIS EM REAIS E PERCENTUAIS)– 2006

Área de influência direta	Fundo de participação dos municípios (R\$)	Percentual em relação ao total da AID	Percentual em relação ao total do Estado	Receitas orçamentárias realizadas (R\$)	Percentual em relação ao total da AID	Percentual em relação ao total do Estado
Timbé do Sul	2.997.696,36	47,61	0,19	6.462.727,38	44,36	0,08
São José dos Ausentes	3.297.498,24	52,39	0,11	8.104.123,39	55,64	0,06
Total AID:	6.295.194,60	100		14.566.850,77	100	
Total de Santa Catarina:	1.565.148.529,89			7.938.488.261,02		
Total do Rio Grande do Sul:	2.780.134.046,92			13.810.115.739,21		

FONTE: Finanças públicas (IBGE, 2006)

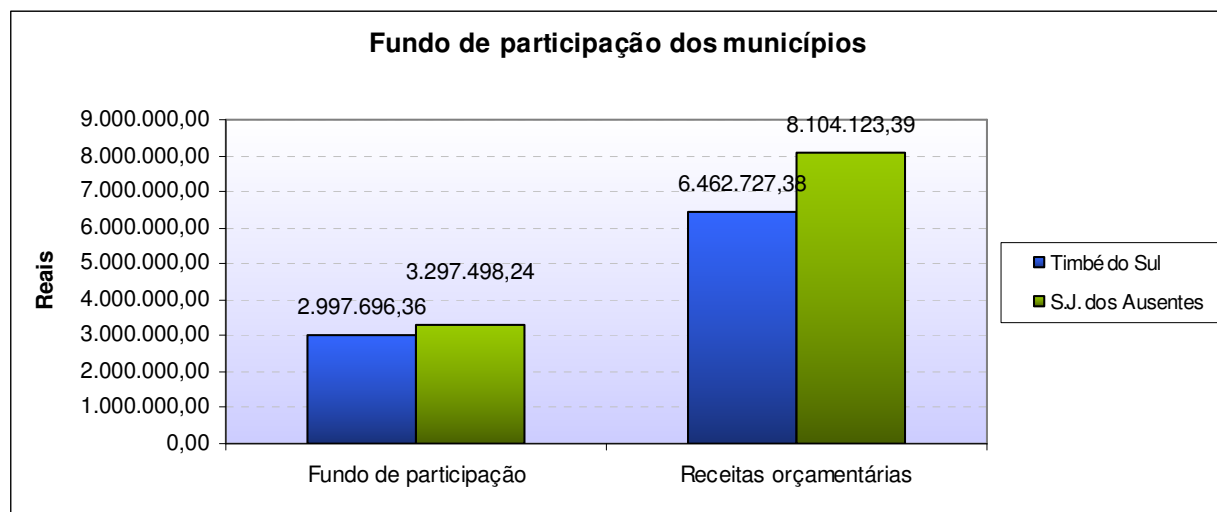


FIGURA 5.3.65 – GRÁFICO: RECEITAS ORÇAMENTÁRIAS
FONTE: TABELA 5.3.131

A partir da análise de tal tabela, pode-se entender que, em relação aos totais de arrecadação dos municípios da AID, São José dos Ausentes é o de maior percentual, qual seja, 52,39%. Quanto a seu percentual, em relação ao Estado a que pertence, Timbé do Sul é o município que mais recebe, com 0,19 %.

i) Receitas Orçamentárias

Na TABELA 5.3.132, encontram-se os totais das **receitas orçamentária** dos principais municípios da All, em reais e, também, em percentuais, relacionados aos totais da All e de Santa Catarina. O objetivo da construção dessa tabela é demonstrar o posicionamento de Timbé do Sul em relação aos demais municípios integrantes da All.

TABELA 5.3.132 – POSIÇÃO DE TIMBÉ DO SUL AS RECEITAS ORÇAMENTÁRIAS DOS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS DA AII E ESTADO DE SANTA CATARINA (EM REAIS E PERCENTUAIS) – 2007

Municípios - Área de influência indireta	Receitas orçamentárias realizadas (R\$)	Percentual em relação ao total da All	Percentual em relação ao total do Estado
Araranguá	47.647.992,28	28,43	0,60
Sombrio	22.799.944,05	13,61	0,29
Turvo	12.685.861,41	7,57	0,16
Jacinto Machado	11.018.541,57	6,57	0,14
Balneário Arroio do Silva	9.995.664,39	5,96	0,13
Praia Grande	8.965.115,93	5,35	0,11
Santa Rosa do Sul	8.462.297,69	5,05	0,11
Maracajá	8.399.335,10	5,01	0,11
Meleiro	8.167.736,35	4,87	0,10
Passo de Torres	8.051.743,08	4,80	0,10
São João do Sul	7.634.872,68	4,56	0,10
Balneário Gaivota	7.291.048,43	4,35	0,09
Timbé do Sul	6.462.727,38	3,86	0,08
Total:	167.582.880,34	100	2,12
Total de SC:	7.938.488.261,02		

FONTE: TABELA 5.3.94

Segundo a descrição da tabela, o município de maior receita, em relação à All, é Araranguá, com 28,43% (R\$ 47.647.992,28). Em segundo lugar, Sombrio, com 13,61%. Já em relação ao Estado de Santa Catarina, aparecem, novamente, os dois municípios citados: Araranguá, com 0,60% e Sombrio, com 0,29%. Timbé do Sul aparece em décimo terceiro lugar, com uma receita de R\$ 6.464.727,38, representando, em relação à All, 3,86% e, ao Estado de Santa Catarina, 0,08%.

Na TABELA 5.3.133, seguem-se os totais das receitas orçamentária dos principais municípios da All, em reais, bem como seus percentuais, em relação aos totais da All e do Rio Grande do Sul. O objetivo da construção dessa tabela é a apresentação do posicionamento de São José dos Ausentes em relação aos demais municípios integrantes da All.

TABELA 5.3.133 – POSIÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES EM RELAÇÃO AS RECEITAS ORÇAMENTÁRIAS DOS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS DA AII E ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (EM REAIS E PERCENTUAIS) – 2007

Municípios - Área de influência indireta	Receitas orçamentárias realizadas (R\$)	Percentual em relação ao total da All	Percentual em relação ao total do Estado
Vacaria	54.452.822,34	34,45	0,39
Lagoa Vermelha	29.056.910,25	18,38	0,21
São Francisco de Paula	20.940.070,03	13,25	0,15
Cambará do Sul	14.696.488,83	9,30	0,11
Bom Jesus	12.654.969,88	8,01	0,09
Ipê	9.478.043,69	6,00	0,07
Muitos Capões	8.669.562,22	5,49	0,06
São José dos Ausentes	8.104.123,39	5,13	0,06
Total da All:	192.901.863,52		1,40
Total do Rio Grande do Sul:	13.810.115.739,21		

FONTE: TABELA 5.3.95

Quanto as receitas orçamentárias dos municípios da All, o município de maior receita, em relação à All, é Vacaria, com 34,45% (R\$ 54.452.822,34), seguido por Lagoa Vermelha, com 18,38%. Em relação ao Estado do Rio Grande do Sul, mais uma vez, aparecem os dois municípios citados: Vacaria, com 0,39%, e Lagoa Vermelha, com 0,21%. Quanto a São José dos Ausentes, ocupa a oitava posição, com uma receita orçamentária de R\$ 8.104.123,39, tendo, em percentual, 5,13% em relação ao total da All e, em relação ao Estado do RS, 0,06%.

A TABELA 5.3.134 traduz os totais das receitas orçamentária dos principais municípios da AID em reais, além de seus percentuais em relação aos totais dessa área e Estado a que pertencem. A relação pode ser observada através da FIGURA 5.3.66.

TABELA 5.3.134 – FUNDO DE PARTICIPAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DA AID (TOTAIS EM REAIS E PERCENTUAIS)– 2007

Municípios – Área de influência direta	Receitas orçamentárias realizadas (R\$)	Percentual em relação ao total da AID	Percentual em relação ao total do Estado
Timbé do Sul	6.462.727,38	44,36	0,08
São José dos Ausentes	8.104.123,39	55,64	0,06
Total da AID	14.566.850,77	100	
Total de SC:	7.938.488.261,02		
Total do Rio Grande do Sul:	13.810.115.739,21		

FONTE: TABELA 5.3.132 e TABELA 5.3.133

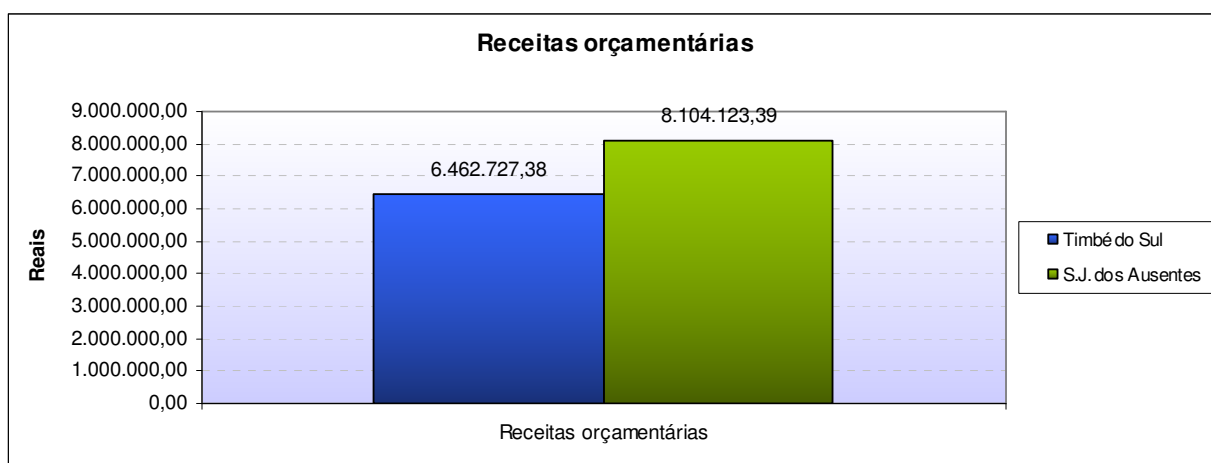


FIGURA 5.3.66 – GRÁFICO: RECEITAS ORÇAMENTÁRIAS
FONTE: TABELA 5.3.134

O município integrante da AID que possui maior receita orçamentária é São José dos Ausentes, com R\$ 8.104.123,39 (55,64%). Ambos são inexpressivos em relação ao Estado a que pertencem.

j) Estrutura Empresarial

As tabelas que se seguem apresentam os tipos de **estruturas empresariais** que aparecem, com maior frequência, nos municípios da AII. O objetivo da estruturação das tabelas a seguir, é demonstrar a posição de Timbé do Sul e São José dos Ausentes em relação aos demais municípios integrantes da AII.

TABELA 5.3.135 – POSIÇÃO DE TIMBÉ DO SUL EM RELAÇÃO AOS TIPOS DE ESTRUTURAS EMPRESARIAIS POR CATEGORIA PARA OS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS DA AII E ESTADO DE SANTA CATARINA – 2006

AII	Araranguá	Sombrio	Turvo	Jacinto Machado	Meleiro	Praia Grande	Santa Rosa do Sul	Balneário Arroio do Silva	Passo de Torres	Maracajá	Balneário Gaivota	São João do Sul	Timbé do Sul	Total da AII	Total de SC
Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	14	2	13	12	7	-	-	2	-	4	5	-	2	3201	2.953
Pesca	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	1	261	208
Indústrias extrativas	3	1	3	1	1	6	3	1	-	2	-	-	2	211	728
Indústrias de transformação	584	428	104	59	43	62	53	22	21	55	42	40	25	59	46.231
Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	1	1	2	2	1	2	-	1	-	1	1	1	1	399	420
Construção	38	6	15	3	5	7	1	10	7	3	4	2	3	218	7.415
Comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos	1673	762	273	187	161	134	139	154	130	88	109	111	66	350	139.183
Alojamento e alimentação	153	37	22	5	12	16	8	24	15	10	10	4	7	109	24.632



All	Araranguá	Sombrio	Turvo	Jacinto Machado	Meleiro	Praia Grande	Santa Rosa do Sul	Balneário Arroio do Silva	Passo de Torres	Maracajá	Balneário Gaivota	São João do Sul	Timbé do Sul	Total da All	Total de SC
Transporte, armazenagem e comunicações	128	97	13	25	17	11	30	5	9	24	9	5	10	227	18.102
Intermediação financeira, seguros, previdência complementar e serviços relacionados	29	14	14	3	3	2	2	1	-	1	3	1	1	323	3.581
Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas	204	42	22	7	16	8	10	22	19	9	7	4	5	280	37.715
Administração pública, defesa e seguridade social	11	3	2	1	3	1	3	2	2	1	2	2	1	206	957
Educação	59	10	10	35	2	5	8	1	2	1	-	-	-	1508	4.793
Saúde e serviços sociais	69	13	11	9	3	5	1	3	1	2	1	1	3	189	6.015
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	235	92	85	49	76	64	22	13	20	17	18	35	63	589	34.169



AII	Araranguá	Sombrio	Turvo	Jacinto Machado	Meleiro	Praia Grande	Santa Rosa do Sul	Balneário Arroio do Silva	Passo de Torres	Maracajá	Balneário Gaivota	São João do Sul	Timbé do Sul	Total da AII	Total de SC
Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8.130	2
Total	3201	1508	589	399	350	323	280	261	227	218	211	206	189	327.104	327.104

FORNE: TABELA 5.3.101

O município com maior número de estabelecimentos é Araranguá, com um total de 3.201. Em seguida, aparece Sombrio, com um total de 1.508 empresas. Timbé do Sul aparece na décima terceira colocação, com 189 estabelecimentos, tendo como setor de maior expressão o do comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos, contando com o número de 66 estabelecimentos, seguido pelo setor de outros serviços coletivos, sociais e pessoais, com 66 estabelecimentos.

A tabela, a seguir, mostra os tipos de estruturas empresarias nos municípios de maior destaque na All do Estado do Rio Grande do Sul, além de contar com a posição de São José dos Ausentes.

TABELA 5.3.136 - POSIÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES EM RELAÇÃO AOS TIPOS DE ESTRUTURAS EMPRESARIAIS POR CATEGORIA NA AII E ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – 2006

AII	Vacaria	Lagoa Vermelha	São Francisco de Paula	Cambará do Sul	Bom Jesus	Ipê	Jaquirana	Esmeralda	São José dos Ausentes	Toatl da AII	Total do RS
Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	70	19	96	44	45	7	12	3	7	318	4.541
Pesca	1	1	-	-	-	-	-	-	2	4	97
Indústrias extrativas	3	-	1	-	1	13	-	-	-	20	1.908
Indústrias de transformação	302	281	188	54	69	97	58	12	15	1.113	72.231
Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	1	3	8	1	2	1	1	1	-	20	1.035
Construção	50	26	22	10	6	2	2	2	2	124	15.069
Comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos	1569	923	491	174	221	99	80	95	63	3.887	301.574
Alojamento e alimentação	278	112	142	97	28	26	29	18	28	785	38.855



All	Vacaria	Lagoa Vermelha	São Francisco de Paula	Cambará do Sul	Bom Jesus	Ipê	Jaquirana	Esmeralda	São José dos Ausentes	Toati da All	Total do RS
Transporte, armazenagem e comunicações	240	80	69	208	18	26	14	3	4	699	31.660
Intermediação financeira, seguros, previdência complementar e serviços relacionados	25	19	8	2	3	3	1	2	1	68	7.395
Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas	160	88	32	19	15	8	2	5	4	342	73.761
Administração pública, defesa e seguridade social	4	3	2	1	4	1	2	2	1	27	1.271
Educação	38	24	15	3	2	2	1	-	2	90	8.318
Saúde e serviços sociais	41	20	13	5	4	2	2	4	2	93	11.837
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	219	149	125	44	43	42	17	38	12	742	52.363



All	Vacaria	Lagoa Vermelha	São Francisco de Paula	Cambará do Sul	Bom Jesus	Ipê	Jaquirana	Esmeralda	São José dos Ausentes	Total da All	Total do RS
Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	11
Total	3001	1748	1212	662	461	329	221	185	143	8.332	621.926

FONTE: TABELA 5.3.96

O município com maior número de estabelecimentos é Vacaria, com um total de 3.001 estabelecimentos. Em seguida, aparece Lagoa Vermelha, com um total de 1.748 empresas. Quanto a São José dos Ausentes, o número total é de 143 e o setor de maior expressão é o de comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos, com um total de 63 estabelecimentos. Outro setor que merece atenção é o de alimentação e alojamento, com 28 estabelecimentos.

A tabela abaixo representa os municípios da AID, com as suas principais estruturas empresariais, seus totais e percentagem.

TABELA 5.3.137 – TIPOS DE ESTRUTURAS EMPRESARIAIS POR CATEGORIA NA AID – 2006

Municípios - Área de influência direta	Timbé do Sul	São José dos Ausentes	Total AID:	Total de SC:	Total do RS:
Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	2	7	9	2.953	4.541
Pesca	-	2	2	208	97
Indústrias extrativas	2	-	2	728	1.908
Indústrias de transformação	25	15	40	46.231	72.231
Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	1	-	1	420	1.035
Construção	3	2	5	7.415	15.069
Comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos	66	63	129	139.183	301.574
Municípios - Área de influência direta	Timbé do Sul	São José dos Ausentes	Total AID:	Total de SC:	Total do RS:

Municípios - Área de influência direta	Timbé do Sul	São José dos Ausentes	Total AID:	Total de SC:	Total do RS:
Alojamento e alimentação	7	28	35	24.632	38.855
Transporte, armazenagem e comunicações	10	4	14	18.102	31.660
Intermediação financeira, seguros, previdência complementar e serviços relacionados	1	1	2	3.581	7.395
Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas	5	4	9	37.715	73.761
Administração pública, defesa e seguridade social	1	1	2	957	1.271
Educação	-	2	2	4.793	8.318
Saúde e serviços sociais	3	2	5	6.015	11.837
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	63	12	75	34.169	52.363
Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais	-	-	0	2	11
Total	189	143	332	327.104	621.926

FONTE: TABELA 5.3.96

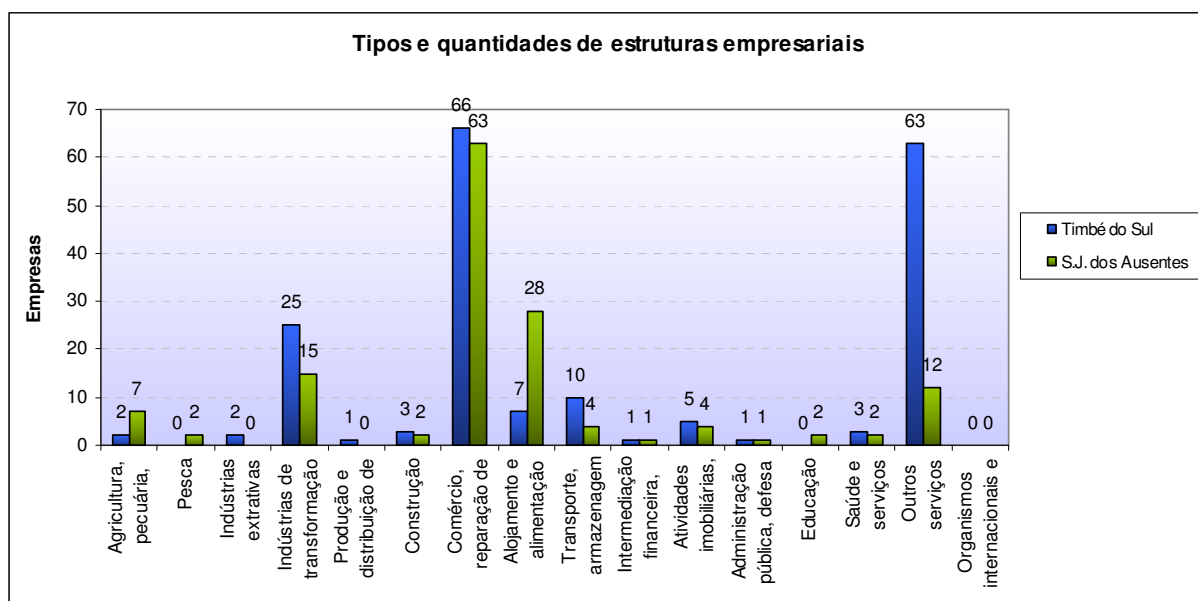


FIGURA 5.3.67 – GRÁFICO: TIPOS E QUANTIDADES DE ESTRUTURAS EMPRESARIAIS
FONTE: TABELA 5.3.137

A tabela acima pontua que a estrutura empresarial de maior expressão é o de comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos, contando com 129 empresas, além do setor de outros serviços coletivos, sociais e pessoais e indústria de transformação, com 75 e 40 empresas, respectivamente.

Quanto aos totais de cada município, ambos se destacam no comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos, Timbó do Sul, com 66 e São José dos Ausentes, com 63 empresas.

k) Empregos por Estrutura Empresarial

Nas tabelas abaixo, encontram-se localizados os totais de pessoal ocupado por tipos de estruturas empresariais que ocorrem com maior frequência para os municípios da All. O objetivo da estruturação da tabela é comparar a posição de Timbó do Sul e São José dos Ausentes em relação aos demais municípios integrantes da All.

TABELA 5.3.138 – POSIÇÃO DE TIMBÉ DO SUL EM RELAÇÃO AOS TOTAIS DE PESSOAL OCUPADO POR TIPOS DE ESTRUTURAS EMPRESARIAIS POR CATEGORIA PARA OS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS DA AII E ESTADO DE SANTA CATARINA – 2006

AII	Araranguá	Sombrio	Turvo	Jacinto Machado	Maracajá	Meleiro	Santa Rosa do Sul	Praia Grande	Passo de Torres	Balneário Gaivota	Balneário Arroio do Silva	Timbé do Sul	Total da AII	Total de SC
Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	138	-	58	5	6	4	-	-	-	31	-	-	242	25.249
Pesca	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	1.034
Indústrias extrativas	31	-	2	-	-	-	6	8	-	-	-	-	47	7.399
Indústrias de transformação	3287	2874	1072	565	599	327	242	541	320	141	61	143	10.468	598.400
Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	11.636
Construção	155	11	361	11	47	10	-	43	121	19	18	8	808	59.921
Comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos	5443	2332	832	464	322	390	333	283	273	322	276	211	11.835	440.181



All	Araranguá	Sombrio	Turvo	Jacinto Machado	Maracajá	Meleiro	Santa Rosa do Sul	Praia Grande	Passo de Torres	Balneário Gaivota	Balneário Arroio do Silva	Timbé do Sul	Total da All	Total de SC
Alojamento e alimentação	439	221	33	12	56	14	20	36	25	31	84	13	993	78.178
Transporte, armazenagem e comunicações	684	452	101	97	132	42	85	20	23	30	50	56	1.791	90.308
Intermediação financeira, seguros, previdência complementar e serviços relacionados	165	43	95	55	-	15	-	-	-	2	-	-	375	24.877
Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas	631	86	41	11	24	41	53	17	47	9	29	7	1.006	179.864
Administração pública, defesa e seguridade social	792	409	-	-	-	182	226	-	-	-	-	-	1.719	214.241
Educação	261	100	59	6	-	-	115	15	-	-	-	-	556	59.500



All	Araranguá	Sombrio	Turvo	Jacinto Machado	Maracajá	Meleiro	Santa Rosa do Sul	Praia Grande	Passo de Torres	Balneário Gaivota	Balneário Arroio do Silva	Timbé do Sul	Total da All	Total de SC
Saúde e serviços sociais	695	26	51	31	-	4	-	10	-	-	2	18	837	42.191
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	480	199	353	39	24	68	13	81	50	23	16	72	1.456	69.303
Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	0
Total	13.201	6.753	3.058	1.296	1.210	1.097	1.093	1.054	859	608	536	528	32.133	1.902.282

FONTE: TABELA 5.3.104

O município com maior número de pessoal empregado por tipo de estrutura empresarial na All é Araranguá, com um total de 13.201 pessoas empregadas. Logo após, aparece Turvo, com um total de 6.753 pessoas empregadas. No tocante à Timbé do Sul, ocupa o décimo segundo lugar, com 528 pessoas empregadas. O setor de maior expressão, em Timbé do Sul, é o de comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos, com o número de 211 pessoas empregadas. Outro setor que merece destaque, aparecendo em segundo lugar, é o da indústria de transformação, com 143 pessoas empregadas. Logo a seguir, tem-se o setor de outros serviços coletivos, sociais e pessoais, com um total de 72 pessoas empregadas.

A TABELA 5.3.139 que se segue aponta os totais de pessoal ocupado por tipos de estruturas empresariais que ocorrem com maior frequência para os municípios da All, para o Estado do Rio Grande do Sul e a posição de São José dos Ausentes.

TABELA 5.3.139 – POSIÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES EM RELAÇÃO AOS TOTAIS DE PESSOAL OCUPADO POR TIPOS DE ESTRUTURAS EMPRESARIAIS POR CATEGORIA PARA OS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS DA AII E ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – 2006

AII	Vacaria	Lagoa Vermelha	São Francisco de Paula	Cambará do Sul	Bom Jesus	Ipê	Jaquirana	Campeste de Serra	São José dos Ausentes	Total	Total do RS
Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	2773	36	303	106	388	59	18	26	91	3.887	30.094
Pesca	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	143
Indústrias extrativas	16	-	-	-	-	15	-	-	-	31	7.537
Indústrias de transformação	2619	1776	573	806	294	401	338	122	93	7.083	716.673
Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	-	15	15	-	-	-	-	-	-	30	17.422
Construção	283	124	51	38	6	-	-	-	-	502	198.050
Comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos	4314	2048	1088	329	440	230	153	135	116	9.222	767.629
Alojamento e alimentação	575	206	285	134	49	50	31	17	49	1.437	107.238



All	Vacaria	Lagoa Vermelha	São Francisco de Paula	Cambará do Sul	Bom Jesus	Ipê	Jaquirana	Campestre da Serra	São José dos Ausentes	Total	Total do RS
Transporte, armazenagem e comunicações	1506	177	207	502	25	41	21	54	0	2.555	158.179
Intermediação financeira, seguros, previdência complementar e serviços relacionados	187	89	36	-	20	15	-	-	-	347	59.921
Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas	364	219	63	23	27	12	-	6	4	730	266.372
Administração pública, defesa e seguridade social	1283	399	-	-	226	-	-	-	-	1.908	456.136
Educação	184	127	30	1	-	-	-	-	-	342	91.467
Saúde e serviços sociais	462	116	133	44	36	-	-	-	-	798	118.792
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	334	103	87	8	52	28	25	5	-	664	116.329



AII	Vacaria	Lagoa Vermelha	São Francisco de Paula	Cambará do Sul	Bom Jesus	Ipê	Jaquirana	Campestre da Serra	São José dos Ausentes	Total	Total do RS
Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	27
Total	14.900	5.435	2.871	1.991	1.563	851	586	365	356	29.536	3.112.009

FORNE: TABELA 5.3.105

O município que conta com maior número de pessoal empregado por tipo de estabelecimento é Vacaria, com um total de 14.900 pessoas empregadas. Seguido de Lagoa Vermelha, com um total de 5.435 pessoas empregadas. Quanto a posição de São José dos Ausentes, esse se encontra em nona posição dentre os quatorze municípios integrantes da AII. O setor de maior expressão em número de pessoas empregadas, em São José dos Ausentes é o de comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos, possuindo o número de 116 pessoas, contando, ainda, com o setor da indústria da transformação, 93 empregos. Em terceiro lugar, aparece o setor da agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal, com 91 empregados.

A TABELA 5.3.140 cita os municípios da AID, com os totais de pessoal empregado por tipos de estrutura empresarial, bem como os totais de pessoas empregadas para a AID e percentagens.

TABELA 5.3.140 – TOTAIS DE PESSOAL OCUPADO POR TIPOS DE ESTRUTURAS EMPRESARIAIS POR CATEGORIA PARA A AID – 2006

Municípios - Área de influência direta	Timbé do Sul	São José dos Ausentes	Total AID:	Total de SC:	Total do RS:
Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	-	91	91	25.249	30.094
Pesca	-	-	0	1.034	143
Indústrias extrativas	-	-	0	7.399	7.537
Indústrias de transformação	143	93	236	598.400	716.673
Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	-	-	0	11.636	17.422
Construção	8	-	8	59.921	198.050
Comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos	211	116	327	440.181	767.629
Alojamento e alimentação	13	49	62	78.178	107.238
Municípios - Área de influência direta	Timbé do Sul	São José dos Ausentes	Total AID:	Total de SC:	Total do RS:
Transporte, armazenagem e comunicações	56	3	59	90.308	158.179

Municípios - Área de influência direta	Timbé do Sul	São José dos Ausentes	Total AID:	Total de SC:	Total do RS:
Intermediação financeira, seguros, previdência complementar e serviços relacionados	-	-	0	21.920	59.921
Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas	7	4	11	179.864	266.372
Administração pública, defesa e seguridade social	-	-	0	214.241	456.136
Educação	-	-	0	59.500	91.467
Saúde e serviços sociais	18	-	18	42.191	118.792
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	72	-	72	69.303	116.329
Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais	-	-	0	-	27
Total	528	356	884	1.899.325	3.112.009

FONTE: TABELA 5.3.138 e TABELA 5.3.139

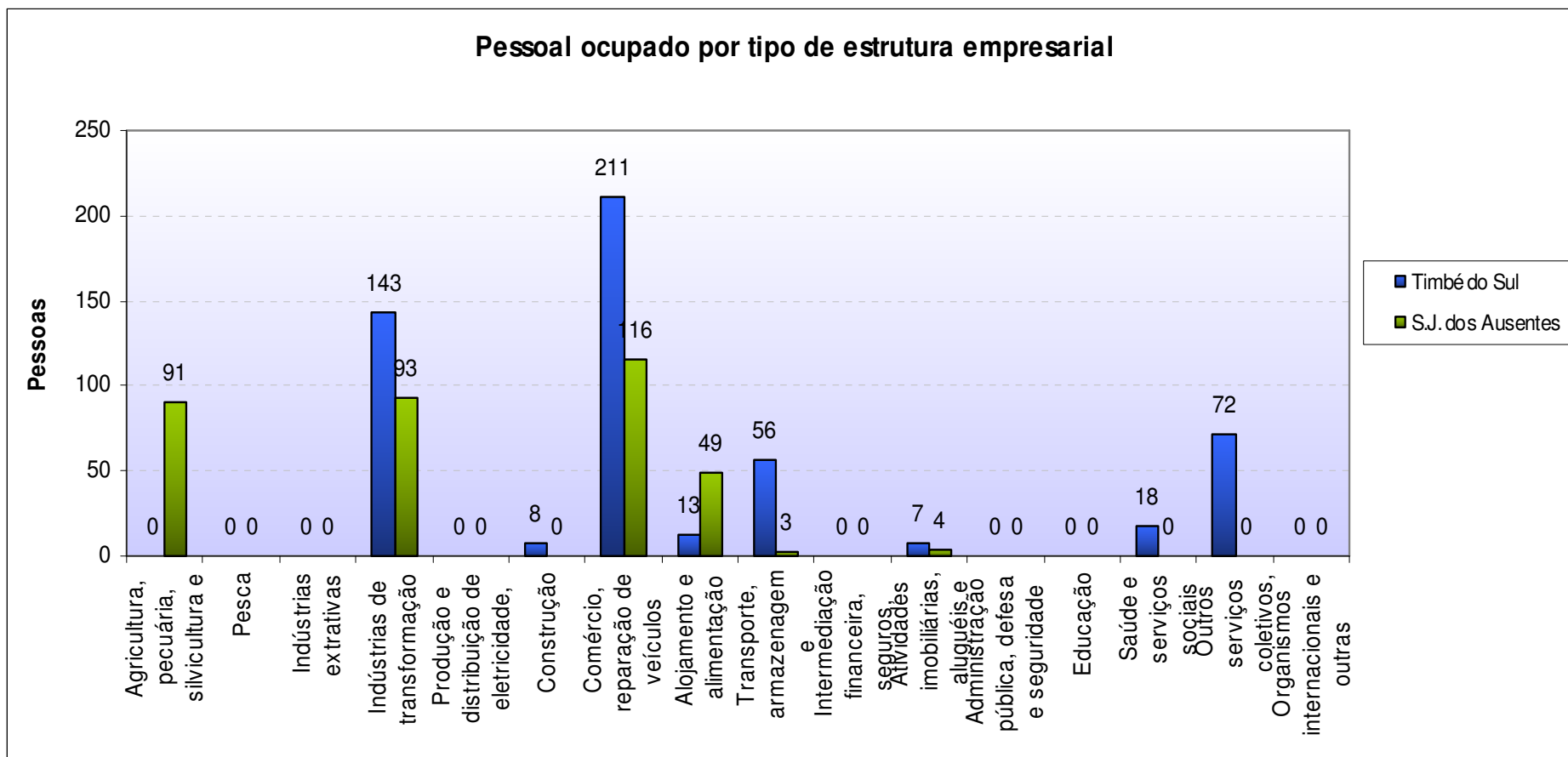


FIGURA 5.3.68 – GRÁFICO: PESSOAL OCUPADO POR TIPO DE ESTRUTURA
 FONTE: TABELA 5.3.140

A TABELA 5.3.140 demonstra que, em relação ao pessoal empregado por estrutura empresarial, o setor de maior expressão é o de comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos, tendo 327 pessoas empregadas. Em segunda posição, aparece o setor da indústria de transformação, com 236 pessoas. Em terceiro lugar, situa-se o setor da agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal, com um total de 91.

Quanto aos *vetores de crescimento* regional destacam-se os municípios de Araranguá e Vacaria pois possuem os maiores percentuais da All em relação ao Produto Interno Bruto, com 34,42% e 42,47%, respectivamente. Também são os primeiros colocados da All em relação ao Valor Adicionado na Agropecuária, na Indústria e nos Serviços: Araranguá com 15,21%, 26,58% e 40,83%, respectivamente e Vacaria com 23,03% na Agropecuária, 37,80% na Indústria e 43,88% nos serviços.

No tocante às atividades agropecuárias, os dados obtidos no Censo Agropecuário, realizado em 2006, pelo IBGE, mostram que os municípios da All de Santa Catarina que se destacam são: Jacinto Machado e Santa Rosa do Sul, com 14.500 e 6.412 toneladas de lavoura permanente, respectivamente. No Rio Grande do Sul o grande destaque é Vacaria com 181.236 toneladas e Bom Jesus, com 75.368 toneladas. Quanto às lavouras temporárias os municípios que se destacam são: Meleiro e Turvo, ambos situados em Santa Catarina, com uma produção de 79.659 e 77.778 toneladas, respectivamente. No estado do Rio Grande do Sul os dois municípios da All de maior produção de lavouras temporárias são Muitos Capões, com 296.564 toneladas e Vacaria, com 197.272 toneladas. Turvo e Timbé do Sul são expressivos na All de Santa Catarina quanto ao rebanho, com um total de 1.971.260 e 1.609.624 cabeças, respectivamente. No Rio Grande do Sul, aparecem Ipê com 591.507 cabeças e Vacaria, com 276.500 cabeças.

Em relação ao Fundo de Participação dos Municípios, Araranguá em relação a All de Santa Catarina, possui um percentual de 19,03% e Vacaria 25,46%, em relação a All do Rio Grande do Sul. A Receita Orçamentária de Araranguá também é a maior da All de Santa Catarina, com 28,43% e de Vacaria a maior da All do Rio Grande do Sul, com 34,45%. Ambos os municípios se destacam quanto a estrutura empresarial, Araranguá com 3.201, gerando 13.201 empregos e Vacaria com 3.001 empresas, com 14.900 empregos.

Os dois municípios de maior destaque na All são Araranguá e Vacaria, porém o maior pólo regional da All é Vacaria por se destacar em todos os setores.

5.3.5 Uso e Ocupação do Solo

5.3.5.1 Caracterização da Paisagem dos Municípios integrantes da AII

1. Estado de Santa Catarina

Primeiramente, faz-se importante frisar que o estado de SANTA CATARINA – localizado na porção sul do território brasileiro – encontra-se dividido, geograficamente, em seis mesorregiões, quais sejam: Grande Florianópolis, Norte Catarinense, Oeste Catarinense, Serrana, Sul Catarinense e Vale do Itajaí.

Assim sendo – e tendo em vista o objetivo central desse trabalho -, focar-se-á na mesorregião denominada como Sul Catarinense, especificamente em sua microrregião de Araranguá e, conseqüentemente, em seus quinze municípios, os quais são integrantes da Área de Influência Indireta e, por conseqüente Direta, das obras de implantação e pavimentação da BR-285, no trecho de Santa Catarina.

Nesse sentido, a análise dessa área será centrada em fatos históricos sociais e econômicos, referentes ao uso e ocupação do solo, para que seja possível, assim, a referente observância dos impactos que tal poderá vir a sofrer.

Dessa forma, aponta-se que essa microrregião possui uma área total de 2.962,214 km² e comporta uma população de 175.779 habitantes (segundos dados do IBGE, levantados no ano de 2006). Compõe-se dos municípios de: Araranguá, Balneário Arroio do Silva, Balneário Gaivota, Ermo, Jacinto Machado, Maracajá, Meleiro, Morro Grande, Passo de Torres, Praia Grande, Santa Rosa do Sul, São João do Sul, Sombrio, Timbé do Sul e Turvo, os quais serão estudados, a seguir, sucintamente.

a) Araranguá

O texto que se segue foi retirado basicamente de duas fontes: IBGE (2007) e (2007a).

Determina-se que o presente município fora desmembrado de Laguna, sendo elevado à categoria de município em 1883, tendo uma área de 298,42 km², com uma população estimada, em 2007, de 57.119 habitantes e possui um IDH de 0,816.

Geograficamente, a cidade situa-se às margens da BR-101, no corredor do MERCOSUL, estando localizada a 210 km de Florianópolis e a 220 km de Porto Alegre.

No que tange ao acesso, esse é feito por tal rodovia, possuindo, ainda, um terminal rodoviário, com transporte disponível a todas capitais do centro sul brasileiro, atendendo, ainda, às necessidades regionais.

Sua paisagem é caracterizada por morros, dunas, praias e rios, sendo uma cidade litorânea e visitada por turistas nacionais e estrangeiros, tendo no comércio e na agricultura as bases para sua sustentação.

Diz-se que essa é a “Cidade das Avenidas”, uma vez que tem como característica vias públicas com amplos canteiros centrais dividindo suas pistas, estabelecidas já no século XIX.

Ainda nesse mesmo século XIX, foi elaborada a planta da cidade, por Antônio Lopes de Mesquita, sendo que, anteriormente, sabe-se que tal cidade era destaque por seu movimentado porto e sua gigantesca reserva de carvão – a qual, hoje, abrange toda a região carbonífera polarizada por Criciúma, então município de Araranguá, emancipando-se em 1925.

Esquematiza-se, também, a questão do assoreamento da foz do rio Araranguá – o qual deixou de ser navegável -, tendo desenfreado inúmeras medidas com o objetivo de franquear-lhe a barra à navegação, mas nunca tendo sido conseguido tal propósito.

No que concerne à sua história de ocupação, relata-se que já em meados do século XVIII, enquanto os índios habitavam as florestas da região, eram estabelecidos caminhos de tropeiros, formando um grande triângulo de passagem de tropas, ajudando na formação de sua população pioneira.

Atualmente Araranguá conta com quatro distritos: Araranguá, Hercílio Luz, Balneário Morro dos Conventos e Sanga da Tora.

Em conseqüência, sua base cultural foi, inicialmente, constituída por imigrantes de etnias açoriana, italiana, alemã e, em menor número, africana, tendo predominado a açoriana, mas estando – até hoje – preservadas todas essas culturas.

Hoje, a população conta com uma ampla rede de ensino público estadual, municipal e Campus Universitário, além de contar com o maior hospital público do sul do estado – Hospital Regional de Araranguá Conta com dois distritos policiais, com a Delegacia da Mulher e do Menor, com o Batalhão da Polícia Militar e uma Guarnição do Corpo de Bombeiros.

A base de sua economia encontra-se pautada na própria agricultura, no comércio, no turismo e nas indústrias metalúrgicas, cerâmicas, moveleiras e confecções, juntamente com os setores de serviços. Do total de sua população, 16% reside no meio rural, dedicando-se ao cultivo de arroz, mandioca, feijão, fumo e milho.



FIGURA 5.3.69 – VISTA PANORÂMICA DE ARARANGUÁ

FONTE: Prefeitura Municipal de Araranguá - Aspectos gerais. Disponível em:

<<http://www.tiosam.net/enciclopedia/index.asp?q=ararangu%C3%A1>>. Acesso em: 28 novembro de 2009.

b) Balneário Arroio do Silva

Os dados aqui levantados foram retirados de duas fontes: IBGE(2007) e (2007a).

O município de Balneário Arroio do Silva localiza-se no extremo sul do estado catarinense, tendo uma população, em 2007, de 8.089 habitantes. Faz divisa com o oceano Atlântico e com os municípios de Balneário Gaivota e de Araranguá.

O nome Arroio da Silva fora proveniente de uma família cujo sobrenome era Silva e morava em uma casa de campo, a qual localizava-se às margens de um arroio que corria para o mar. Já na década de 30, pouco mais de 20 famílias fixaram ali suas residências, uma vez que havia fartura de pescados e boa localização. Ainda nessa época, tal localidade era pertencente ao município de Araranguá.

Com a chegada da década de 50, houve a implantação de redes de água e energia elétrica na região. Já com um grande número de moradores, com comerciantes, hotéis e tudo que se faz necessário em um município, no dia 20 de dezembro de 1995, Balneário Arroio da Silva fora elevado à categoria de município.

Tal como toda costa litorânea catarinense, esse município tem sua economia baseada nos costume e tradições da cultura açoriana, além da gaúcha, uma vez que esses representam mais de 85% dos turistas que visitam a região.

No que tange à sua fonte de arrecadação, diz-se que o turismo e a pesca têm importância fundamental, especialmente aquela realizada na Praia da Meta e nas lagoas que circundam a sede.

No que concerne ao turismo, diz-se que a prefeitura investiu no turista que está de passagem, vindo a criar áreas de estacionamento com chuveiros e banheiros públicos.

Por fim, pontua-se que duas famosas corridas de arrancada de caminhões, de fuscas e de motos, além dos campeonatos de esculturas na área, maratonas, passeios ciclísticos e o Carnarroio são fundamentais para a movimentação do turismo e da própria econômica da região.



FIGURA 5.3.70 - VISTA DO BALNEÁRIO ARROIO DO SILVA
FONTE: Prefeitura Municipal de Arroio do Silva - Município. Disponível em:
<<http://www.arroiodosilva.sc.gov.br/>> Acesso em 28 outubro de 2009.

c) Balneário Gaivota

Balneário Gaivota localiza-se no sul catarinense – totalizando uma área de 149 km², com uma população estimada, em 2007, de 7.307 habitantes, estando a 200 km da capital Florianópolis. (IBGE, 2007a).

Segundo a Associação dos municípios do extremo sul catarinense, tal município dispõe de recursos hídricos abundantes, belezas naturais, além de lagoas, praias e dunas.

Investigando sua história, relata-se que o território teve, como primeiros habitantes, os índios carijós, os quais tiveram um bom relacionamento com os visitantes que chegaram, no ano de 1534, oriundos de Buenos Aires, a qual, na época, era colônia espanhola.

Posteriormente, houve a chegada de colonizadores portugueses e, em 1830, a aquisição das chamadas “sesmarias”, dando início à colonização. Nessa época, ocorrera o desenvolvimento da religião, além da exploração da área litorânea. Passados os anos – e intensificadas tais atividades-, essa localidade, veio, em 29 de dezembro de 1995, adquirir o status de município.

Esse município dota-se de uma elevada infraestrutura, tendo um sistema viário com acesso ao sul e norte, através da BR 101, além de energia elétrica em todas as residências, a limpeza das ruas, coleta de lixo e um bom atendimento nas áreas de saúde e de educação.

Sabe-se que, quanto a economia, a indústria pesqueira, a pesca artesanal, o turismo – impulsionado por suas belezas naturais - e a agricultura têm notáveis papéis.

No tocante à agricultura, encontra-se mais desenvolvido o plantio do fumo, da mandioca, do milho em grão e do maracujá.

Além disso, o artesanato local tem destaque, especialmente na tecelagem e produção de objetos de vime, além da indústria, com enfoque à madeireira e produção de móveis.



FIGURA 5.3.71 - VISTA DO BALNEÁRIO GAIVOTA

FONTE: MUNICÍPIOS DE SANTA CATARINA - Detalhes dos Municípios. Disponível em: <<http://www.sc.gov.br/portalturismo> >. Acesso em: 28 outubro de 2009.

d) Ermo

Segundo fontes do IBGE (2007a), Ermo está localizado a 238 km de Florianópolis, no extremo sul catarinense. Possui uma área de 64 km², uma população de 1.843 habitantes, aos quais advêm, basicamente, das etnias oriundas da colonização, quais sejam, açoriana e italiana.

Descrevendo sua história, analisa-se sua colonização, a qual teve início na época do povoamento do Vale do Araranguá, entre os anos de 1848 e 1880, pelos primeiros açorianos e, a partir de 1920, por italianos.

Com o passar do tempo – e com a disponibilidade de eletricidade –, investidores de diferentes regiões estabeleceram-se no município, fundando inúmeras casas comerciais. Mais tarde, com a mecanização da lavoura, ocorreria o êxodo rural e as pequenas indústrias vieram a desaparecer.

Ermo fora distrito de Turvo desde 1956, sendo que ali realizou-se o primeiro plebiscito computadorizado da América Latina: 98% da população votou pela emancipação de Ermo. Então, depois de duas tentativas sem sucesso, em 1992, conseguiu-se sua emancipação política.

Avaliando sua economia, diz-se que o arroz irrigado é a principal cultura e fonte de arrecadação. Também, ali, encontram-se plantações de feijão e maracujá, além da

criação de aves. O problema que é avistado pela administração municipal são as estradas que ligam as várias comunidades ao centro, uma vez que a economia do município depende exclusivamente da agricultura. (PORTAL TURISMO, 2009)



FIGURA 5.3.72 - VISTA DE ERMO

FONTE: MUNICÍPIOS DE SANTA CATARINA - Detalhes dos Municípios. Disponível em: <<http://www.sc.gov.br/portalturismo>>. Acesso em: 28 outubro de 2009.

e) Jacinto Machado

Segundo dados do IBGE (2007a), Jacinto Machado está localizado a 254 km de Florianópolis, com uma extensão de 429 km² e 10.738 habitantes, segundo estatísticas do ano de 2007. As principais etnias que ali se encontram são: italiana, luso brasileira, açoriana e polonesa.

Sua história remete a um período anterior à colonização, quando então os índios Xokleng habitavam a região. Com a chegada de padres jesuítas, iniciou-se o contato desses índios com os colonizadores, o qual não fora bem aceito, nem pelos índios, nem por seus escravizadores. Mais adiante, no ano de 1712, com a fundação de Laguna, iniciou-se, de fato, a colonização luso brasileira.

Até a metade do século XVIII, poucos posseiros viviam em tal região, os quais viviam isolados, sobrevivendo da caça, da pesca e de pequenas plantações de mandioca e de milho.

A mudança desse quadro começara então no ano de 1750, com a chegada dos primeiros imigrantes, originários das ilhas dos Açores e da Madeira, trazidos pela coroa portuguesa para colonização de áreas desocupadas do sul do estado catarinense. Em decorrência, houve o incremento populacional e o surgimento de inúmeros núcleos de povoamento. Tais imigrantes introduziram os engenhos de farinha de mandioca, cuja produção passou a ser exportada a outras províncias brasileiras. Após o abandono da coroa portuguesa, tais comunidades adquiriram uma economia de subsistência, baseada na pesca, caça e produção de milho e mandioca.

Já no século XIX, a situação – com a chegada de imigrantes italianos, alemães e poloneses – mudou, formando-se novos núcleos colonizadores.

Para que esses fossem formados, necessitou-se uma intensa batalha entre os imigrantes e os latifundiários. Por esse mesmo motivo, diz-se que as técnicas agrícolas, trazidas pelos imigrantes italianos, empregadas nas terras e vindo mudar o perfil do lugar, foram banhadas com sangue até sair das mãos dos latifundiários.

As principais culturas que até hoje se encontram são as do fumo, arroz, feijão, milho e banana, destacando-se, ainda, a criação de suínos, de gado e a produção de hortifrutigranjeiros.

Elevado à categoria de município com a denominação de Jacinto Machado, pela lei estadual nº 348, de 21-06-1958, desmembrado de Araranguá. Sede no antigo distrito de Jacinto Machado. Constituído do distrito sede. Instalado em 03-07-1958.

O turismo é amparado pela proximidade do local com o Parque dos Aparados da Serra – onde se localiza o maior cânion do Brasil. Também, a trilha da Serra da Pedra – “estrada dos conventos”, ligando Jacinto Machado a Cambará do Sul – é um atrativo impulsionador do turismo regional.



FIGURA 5.3.73 - VISTA DE JACINTO MACHADO

FONTE: MUNICÍPIOS DE SANTA CATARINA - Detalhes dos Municípios. Disponível em: <<http://www.sc.gov.br/portalturismo>>. Acesso em: 28 outubro de 2009.

f) Maracajá

Maracajá localiza-se no extremo sul do estado de Santa Catarina, a 211 km de Florianópolis, possuindo uma área de 63 km² e uma população, segundo dados do ano de 2007, de 5.909 habitantes. (IBGE, 2007a)

Ainda segundo a mesma fonte, os primeiros moradores dessa região exploravam os ambientes abertos e as incipientes matas; com a expansão e o adensamento dessas, oferecendo novos recursos, as populações as penetraram e algumas ali se fixaram. Entende-se que, em Maracajá, foram identificados 9 sítios arqueológicos, atribuídos a grupos caçadores – coletores e ceramistas, respectivamente.

Com o advento da colonização no Vale de Araranguá – uma vez que Maracajá era parte do distrito de Araranguá -, observou-se a presença esparsa de agriculturas, geralmente ligados ao centro urbano tradicional da sede municipal, além de fábricas de aguardente, engenhos de açúcar grosso, de farinha de mandioca e torrefação de café.

Apesar disso, Morretes – como era anteriormente chamada a cidade de Maracajá, (ocorrendo a mudança de nome devido á duplicidade com uma cidade do Paraná), teve o real início de sua colonização com a construção da estrada de ferro Dona Tereza Cristina, em 1920, com a ligação dos municípios de Criciúma e Araranguá. Fora essa

construção que propiciou a chegada de imigrantes açorianos, alemães e italianos, contribuindo para a formação dos primeiros núcleos comerciais.

Em meados de 1967, os habitantes dessa localidade reivindicaram - na voz de Euzébio Ferreto, frei responsável pela emancipação do município – o desmembramento do município de Araranguá.

Sabe-se que desde a criação de tal local, a agricultura fora sua principal expressão econômica, com destaque para o cultivo do fumo, do arroz, da mandioca, do milho e do feijão.

No momento atual, busca-se a diversidade de suas fontes de receita, com o investimento na indústria de confecções e no incremento do turismo de compras nas lojas das fábricas, às margens da BR 101.

Por fim, diz-se que esse município, apesar de não possuir muitos atrativos naturais, sua principal atração reside no Morro da Cruz, em sua tradicional caminhada que ocorre em toda Sexta – Feira Santa.



FIGURA 5.3.74 - VISTA PANORÂMICA DE MARACAJÁ

FONTE: MUNICÍPIOS DE SANTA CATARINA - Detalhes dos Municípios. Disponível em: <<http://www.sc.gov.br/portalturismo>>. Acesso em: 28 outubro de 2009.

g) Meleiro

Todos os dados aqui levantados foram retirados do IBGE (2007a). Meleiro é uma cidade localizada a 230 km de Florianópolis, com uma área de 187 km² e com uma população de 6.880 habitantes, em 2007.

Seu nome originou-se da fartura de mel que existia nos primórdios de sua colonização. Apesar de tal cultura ter diminuído de maneira significativa, fora essa que propiciou o desenvolvimento inaugural de tal localidade, nos primórdios de sua colonização.

Segundo o PORTAL TURISMO (2009), por volta do ano de 1890, quando chegaram os primeiros colonizadores, a região era composta de índios e tigres. Em 1892, começou, de fato, a imigração italiana, sendo esses os desbravadores das terras onde se localiza, hoje, tal município. Tal imigração de expandiu até o ano de 1911 e, em 1961, deu-se, oficialmente, a fundação do distrito de Meleiro, sede do município.

A cultura e a tradição italiana são sentidas principalmente nas localidades interioranas do município. O dialeto da região do norte da Itália e outras características são fortes indícios da preservação das tradições.

Na análise de sua economia, avalia-se que seu solo fértil possibilita o cultivo do arroz irrigado, do milho, do fumo e do feijão. Considerável parcela de sua população tem suas próprias terras, sendo que, quem não trabalha na área rural, acaba por estar empregado nas indústrias de calçados. Africanos, australianos, canadenses, ingleses e russos importam os sapatos fabricados em Meleiro.



FIGURA 5.3.75 - VISTA PANORÂMICA DE MELEIRO

FONTE: MUNICÍPIOS DE SANTA CATARINA - Detalhes dos Municípios. Disponível em: <<http://www.sc.gov.br/portalturismo>>. Acesso em: 28 outubro de 2009.

h) Morro Grande

Esse município localiza-se no sul do estado catarinense, possuindo uma área de 256 km², uma população de 2.727 habitantes e um IDH em número de 0,790. (IBGE, 2007a).

Morro Grande possui belezas naturais, tais como as furnas cavadas pelos índios Xokleng e a Cachoeira Queda do Risco.

Sua história remete à data de 1918, quando então os primeiros colonizadores desbravaram as terras onde hoje se encontra tal localidade. Esses pioneiros eram famílias descendentes de italianos, vindas de Rancho dos Bugres, Morro da Fumaça, Rio Galo, Urussanga, Vila Nova, Içara e Criciúma, atraídos pela promessa de solo fértil.

Ao logo de 10 anos, a comunidade fora sendo formada por centenas de imigrantes, levando à construção de sua primeira escola. Com o seu desenvolvimento, Morro Grande veio a emancipar-se no ano de 1992, do distrito de Meleiro. Sua população considera que, em todos os aspectos, a emancipação trouxe melhorias à sua qualidade de vida.

Argumenta-se que sua economia é baseada na agricultura, especialmente no cultivo de arroz, milho, feijão e banana, além do beneficiamento da madeira. Além disso, em tempos mais recentes, vem sendo incentivada a implantação de aviários e a exploração de seu potencial turístico.

Um ponto alarmante, segundo o PORTAL TURISMO (2009), é que seu êxodo, nos últimos anos, tem sido expressivo. Para contornar a situação, acredita-se que o desenvolvimento do turismo, com a criação de novos postos de trabalho e uma maior movimentação local, venha a ser de extrema relevância para sua mudança.



FIGURA 5.3.76 - VISTA DE MORRO GRANDE

FONTE: MUNICÍPIOS DE SANTA CATARINA - Detalhes dos Municípios. Disponível em: <<http://www.sc.gov.br/portalturismo> >. Acesso em: 28 outubro de 2009.

i) Passo de Torres

Passo de Torres é um município localizado a 265 km de Florianópolis, com uma área total de 95 km², uma população média – segundo dados recentes – de 5.313 habitantes e um IDH de 0,789. Sua base cultural é açoriana e encontra-se às margens do Rio Mampituba – o qual serve de divisa entre os estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. (IBGE, 2007 a).

Segundo esse mesmo site, sua história confunde-se com seu nome, uma vez que esse se originou do trânsito de mercadorias e pessoas que vinham de Laguna ao território de São Pedro do Rio Grande.

Nos primórdios, a localidade era habitada pelo “homem de Sambaqui” (o qual vivia da caça e da pesca) e, mais tarde, pelos índios carijós, sendo que a chegada do homem colonizador ocorrera após a fundação de Laguna pelos portugueses, em 1720. Pontua-se que, durante a Revolução Farroupilha (1837) e a Revolução Federalista (1893), o povoado fora ocupado diversas vezes pelas forças revolucionárias.

Desde 1920, essa cidade é ligada ao Rio Grande do Sul, mais precisamente à cidade de Torres por uma balsa e uma ponte, a partir de 1964. Diz-se que fora apenas em

1944, com a fundação de sua capela, que a estrutura da comunidade fora consolidada, podendo ser considerado esse o marco original da cidade de Passo de Torres.

Com seu desenvolvimento, ocorrera, em 1991, o desmembramento e emancipação do distrito de Passo de Torres de seu distrito sede, qual seja, São João do Sul.

Cita-se que a principal característica econômica do município é a pesca, sendo que, por dia, são pescados quase que 5 toneladas de peixe. De igual maneira, diz-se que o turismo vem expandindo seus potenciais econômicos, uma vez que tal localidade possui inúmeras praias ainda intocadas. Outro ponto forte do município é a gastronomia, possuindo diversos restaurantes de frutos do mar. (PORTAL TURISMO, 2009).



FIGURA 5.3.77 - VISTA DE PASSO DE TORRES

FONTE: MUNICÍPIOS DE SANTA CATARINA - Detalhes dos Municípios. Disponível em: <<http://www.sc.gov.br/portalturismo>>. Acesso em: 28 outubro de 2009.

j) Praia Grande

Segundo dados do IBGE, esse município localiza-se no extremo sul de Santa Catarina, possuindo de área 279 km², com uma população de 7.120 habitantes, em 2007. Está distante 300 km de Florianópolis. (IBGE, 2007a)

No que concerne a sua geografia, Praia Grande possui uma bacia hidrográfica de grande importância, qual seja, a do rio Mampituba, tendo aproximadamente 30 km de

extensão. Demonstram-se, ainda, derrames de basálticos datados de 137 milhões de anos, os quais vieram a formar montanhas arredondadas e, sendo os rios iniciados na parte superior da encosta da Serra, descem rapidamente, formando corredeiras e cachoeiras, além de esculpir o basalto e contribuir para a formação dos canyons.

Ainda, existe no município o que restou da Mata Atlântica e, em decorrência de sua vasta riqueza ambiental, há unidades de conservação do meio ambiente, além de parques nacionais.

Com relação a sua colonização, evoca-se o ano de 1890, quando então os portugueses, vindos de São Francisco de Paula e Taquara, no Rio Grande do Sul, chegaram na localidade examinada.

Apesar disso, a colonização, por descendentes de italianos e portugueses só veio realmente se desenvolver em meados de 1916 e 1917, quando então iniciaram a abertura de estradas, trazendo energia e construindo casas fixas.

Documenta-se que sua economia é pautada na agricultura, indústria, comércio, turismo e a agroecologia. O turismo é pautado nos Canyons que rodeiam a cidade e sua proximidade com o Vale do Itaimbezinho, o qual encanta pela beleza e grandiosidade. (PORTAL TURISMO, 2009).

Elevado à categoria de município com a denominação de Praia Grande, em 1958, desmembrado de Turvo. O município é constituído de 2 distritos: Praia Grande e Cachoeira de Fátima. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 14-5-2001. (IBGE,2007a).



FIGURA 5.3.78 - VISTA DE PRAIA GRANDE

FONTE: MUNICÍPIOS DE SANTA CATARINA - Detalhes dos Municípios. Disponível em: <<http://www.sc.gov.br/portalturismo>>. Acesso em: 28 outubro de 2009.

k) Santa Rosa do Sul

Essa localidade encontra-se no extremo sul catarinense, abrangendo uma área de 151 km² e estando a 242 km de Florianópolis. Abriga uma população de cerca de 7.749 habitantes e possui IDH de 0,762. (IBGE, 2007a)

Sua geografia destaca-se por possuir terras de extrema fertilidade, além de abrigar o Parque Municipal Cachoeira da Peroba, o qual abarca, quase que em sua totalidade, cobertura da Mata Atlântica.

Os primeiros habitantes do local foram os índios carijós e tupis guaranis. No decorrer de seus acontecimentos, a sesmaria, adquirida por Manoel Rodrigues da Silva, deu início à sua colonização, por volta de 1730. Em 1732, dois imigrantes foram assassinados em um dos morros da região, sendo que tal fato deu origem ao nome Morro das Mortes. Com a chegada de três famílias ao local, cujos patriarcas denominavam-se Alfredo, o local passou a ser chamado de Três Alfredos.

Já em 1932, fora construída a sua primeira capela e escolhida, como padroeira da cidade, Santa Rosa de Lima. Definiu-se, então, o seu nome, sendo batizada, definitivamente, como Santa Rosa do Sul, quando então de seu desmembramento do município de Sombrio, em 1988.

Essa localidade passou por diversas transformações ao longo dos anos. Na agricultura, por exemplo, destacou-se com o fumo, com a banana e com o polvilho – extraído da mandioca. Hoje, o turismo promete ser a sua nova fonte de arrecadação, com a construção do Parque Municipal Cachoeira da Peroba, já citado anteriormente.

Outro quadro que merece ser destacado é a questão acerca de sua educação: Santa Rosa do Sul é um dos municípios da 15ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE) que mais investiu em educação. Convênios com a Escola Agrotécnica Federal de Sombrio e com a Universidade do Sul de Santa Catarina, de Tubarão, estão formando os filhos dos agricultores da região, possibilitando o estudo conjuntamente com a vida no campo. (PORTAL TURISMO, 2009)

Segundo o site do IBGE (2007a), o município de Santa Rosa do Sul possui as seguintes localidades: Vila Bitencourt, Novo Horizonte, Lageado, Linha Tamandaré, Peroba, Vila Nova, Pontão, Sanga D´Areia, Forquilha do Cedro, Bela Vista, Vila São Cristóvão, Jaguarari e Glorinha.



FIGURA 5.3.79 - VISTA DE SANTA ROSA DO SUL

FONTE: MUNICÍPIOS DE SANTA CATARINA - Detalhes dos Municípios. Disponível em: <<http://www.sc.gov.br/portalturismo> >. Acesso em: 28 outubro de 2009.

I) São João do Sul

Localizado a 278 km de Florianópolis e com uma área de 183 km², São João do Sul abriga 6.916 habitantes – advindos da colonização portuguesa, alemã e italiana - e possui um IDH de 0,758. (IBGE, 2007 a).

Sua localidade geográfica permite a utilização da terra para a agricultura, além dos potenciais marítimos para a pesca.

Segundo registros históricos, em 1860, a localidade já era ocupada por diversas famílias que viviam da pesca, mas fora em meados de 1900 que a cidade se deu efetivamente colonizada, com a chegada de imigrantes alemães e portugueses, os quais diversificaram sua cultura e deram início a seu desenvolvimento agrícola.

Fora em 1961, com sua ascensão a distrito – desligando-se de Sombrio -, que seu nome como São João do Sul efetivou-se, em homenagem a seu padroeiro: São João Batista.

A base de sua economia é na agricultura, sendo o maior produtor de “moranguinho” do estado de Santa Catarina, possuindo, ainda, cultivos de milho, arroz, fumo, mandioca e abacaxi.

Outro ponto que se destaca, segundo o PORTAL TURISMO, (2009) é o turismo, quando então na época da Festa do Colono e da Festa de São João, padroeiro da cidade, reunindo um grande número de visitantes das cidades que lhe rodeiam.

Segundo o site do IBGE, supra citado, São João do Sul possui um distrito, Vila Conceição e 17 comunidades: Vila Santa Catarina, Campestre, Beira Rio, Forquilha, Glorinha, Vila São José, Passo Magnus, Poço Negro, Nova Fátima, Rio Verde, Sertão do Piritu, Sociedade, Timbopeba, Três Coqueiros, Querência, Sanga da Anta e Cipriano Alves.



FIGURA 5.3.80 - VISTA DE SÃO JOÃO DO SUL

FONTE: MUNICÍPIOS DE SANTA CATARINA - **Detalhes dos Municípios**. Disponível em: <<http://www.sc.gov.br/portalturismo> >. Acesso em: 28 outubro de 2009.

m) Sombrio

Sombrio é um município que conta com 24.424 habitantes (IBGE, 2007a), estando localizado a 240 km de Florianópolis e 230 km de Porto Alegre. Possui uma área de cerca de 143 km², sendo que, desses, 23 km são de balneários. Seu IDH médio é de 0,804.

Esse local conta com extensas belezas naturais, tais como as furnas - as quais percorre todo o sul do município, estando juntas à BR-101 - a sua lagoa – tendo uma área de 54 km² e uma profundidade de 3 metros -; e o Morro da Moça, o qual o tempo acaba por ser responsável de modificações profundas nas paisagens. (PORTAL TURISMO, 2009)

Segundo o site IBGE (2007 a) cidades, sua história é datada no ano de 1723, quando então tropeiros que saíam de Laguna, com destino à Viamão, no Rio Grande do Sul, buscaram descanso sob as imensas figueiras de tal localidade, quando ainda era habitada por índios carijós. Daí, então, originou-se o nome da cidade, qual seja, Sombrio.

Pouco mais adiante, no ano de 1820, o historiador francês Saint-Hilaire interessou-se pela região, vindo a estudar seu solo, fauna, flora e cultura dos índios carijós. Seus trabalhos despertaram o interesse de dois irmãos portugueses – Manoel e

Luciano Rodrigues -, que adquiriram sesmarias no lugar, vindo a colonização prosperar 10 anos após tal data, quando então, João José Guimarães – outro português – instalou-se de forma definitivamente às margens da Lagoa Sombrio.

Com o advento da Guerra do Paraguai, em 1880, imigrantes alemães e italianos chegaram à localidade, sendo que, ainda nessa época, Sombrio era pertencente ao município de Araranguá. Então, com o desenvolvimento dessa região, em 1953, Sombrio é elevada à categoria de município, vindo a se desmembrar de Araranguá. (PORTAL TURISMO, 2009)

Nesse tempo como município, muito de sua economia fora aprimorada. Primeiramente, cita-se que há o destaque para a produção agropecuária, tendo o cultivo de arroz, fumo e banana, além da criação de gado leiteiro e de corte, avicultura e suinocultura.

Sua indústria diversificada também possui uma grande importância, destacando-se o setor calçadista – focando, basicamente, o mercado interno -, a cerâmica – especialmente tijolos e telhas esmaltadas-, além do setor moveleiro e a indústria de alimentos.

No que concerne ao comércio, pontua-se que Sombrio é sinônimo do chamado “Turismo de Compras”, sendo que dois centros atacadistas vieram a se instalar às margens da BR 101, vindo a influenciar a criação de postos de trabalho direto e indireto.

Por fim, diz-se que seus atrativos naturais, tais como as furnas, a Lagoa Sombrio e o Morro da Moça vêm impulsionando, cada vez mais, o turismo na região. Atualmente Sombrio possui um distrito: Nova Guarita. (IBGE, 2007a).



FIGURA 5.3.81 - VISTA DE SOMBRIO

FONTE: Governo do Município de Sombrio. Disponível em: <<http://www.sombrio.sc.gov.br>>. Acesso em: 09 junho de 2009.

n) Timbé do Sul

Timbé do Sul localiza-se na região sul do estado catarinense – mais especificamente ao pé da Serra Geral, contando com uma população de 5.133 habitantes em 2007, com uma IDH de 0,773 e com uma densidade demográfica de 15,9 hab/km². (IBGE, 2007 a).

Conta com uma área total de 333 km², tendo como bioma, essencialmente, a Mata Atlântica, estando localizada a 270 km da capital do estado, qual seja, Florianópolis. (PORTAL TURISMO, 2009)

Primeiramente nomeada de Rocinha, o município passou a se chamar Timbé do Sul em alusão ao nome de uma planta abundante na região, a taimbé. Adentrando ao seu histórico, diz-se que sua colonização iniciou-se entre os anos de 1872 a 1914, quando então ocorreria o incentivo do governo federal.

Nesse período, a ocupação das terras – cedidas aos imigrantes – fora planejada, com o fornecimento de sementes, ferramentas e alimentos até a primeira colheita.

No mesmo período, dois gaúchos – Luiz Gonzaga da Rocha e Scheineider – receberam do governo, igualmente, uma sesmaria, compreendendo grande parte dessa localidade em questão, sendo que, em 1915, resolveram lotear tais terras, vendendo-as,

em 1917, a outros imigrantes italianos, os quais deslocaram-se de Nova Veneza, localizada no Rio Grande do Sul.

Nessa conjuntura, a localidade veio a se desenvolver, e já em 1919, iniciou-se a abertura da estrada de rodagem Araranguá, incrementando ainda mais tal desenvolvimento.

Já em 1920, Timbé do Sul recebeu a instalação de sua primeira casa de comércio e a sua primeira serraria, sendo que, sete anos após, foram construídas a sua primeira escola e igreja.

Nesse período, ainda, o distrito era subordinado ao município de Araranguá, sendo que, em um período posterior viera a ser subordinado a Turvo e só no ano de 1967 é que Timbé do Sul fora elevado à categoria de município. (IBGE, 2007a).

Acontece que, no ano de 1995, a localidade viu sua história mudar: uma enchente no Natal desse ano devastou a cidade, desviou o leito de alguns e matou 16 pessoas. Graças à união dos moradores e do esforço coletivo da comunidade, a localidade se reergueu, sendo que, para o escoamento de sua produção agrícola, por exemplo, especialmente do fumo e do arroz, foram construídas novas pontes e melhorados os seus acessos.

Pontua-se, ainda, que catástrofes naturais são uma constante no desenrolar de sua história: No ano de 2008, um ciclone extratropical afetou a cidade, provocando perdas em sua infraestrutura pública e na produção agrícola. No tocante à sua economia, cita-se que os serviços e a agropecuária representam a maior parte de sua receita, sendo seguidas pela indústria.

Quanto à agropecuária, especifica-se a avicultura, a qual se firmou como uma atividade de alto rendimento, com geração de emprego e renda para a pequena propriedade rural. Atualmente, o município conta com mais de 72 aviários, e com perspectiva de aumento desse número logo em breve.

Os serviços apresentam-se como uma boa fonte de renda para a região devido ao turismo, uma vez que várias são as festividades que lhe fortalecem, sendo que a mais expressiva é o Festival Nacional de Vôo Livre (essa festa é responsável pela vinda de cerca de 5.000 visitantes à cidade, uma vez que essa acaba por ser um dos melhores pontos para a prática de tal atividade).

Também, o turismo ecológico desponta como nova alternativa econômica, especialmente devido às belezas naturais da região, podendo ser citadas: Morro das

Antenas (considerado um dos melhores pontos nacionais para a prática de voo livre); Rio dos Saltos (possuindo quedas d'água, trilhas e escavações resultados da erosão – furnas); Poço do Caixão (formação de uma enorme piscina natural, decorrente do Rio Serra Vermelha). Associação dos municípios do extremo sul catarinense – AMESC (2009).



FIGURA 5.3.82 - VISTA DE TIMBÉ DO SUL

FONTE: MUNICÍPIO DE TIMBÉ DO SUL. Disponível em: <<http://www.sul-sc.com.br/afolha/cidades/timbetul.html>>. Acesso em: 06/2009.

o) Turvo

Os dados levantados nesse item são das fontes: IBGE (2007) e AMESC (2009). Localizada a 249 km de Florianópolis e com uma área total de 234 km², Turvo abriga 11.031 habitantes – segundo dados do IBGE, datados do ano de 2007 – e possui um IDH elevado, qual seja, 0,821.

A Mata Atlântica aparece como sendo o bioma mais abrangente de tal localidade e sua evolução populacional encontra-se estável desde o ano 2000.

No que concerne à sua história, a referente colonização se iniciou com imigrantes italianos, os quais conseguiram, do governo catarinense, grandes extensões de terras devolutas, advindas como forma de pagamento de seus serviços, tais como aberturas de estradas no estado.

Mais tarde, em 1912, outros imigrantes – também italianos -, vieram a comprar terrenos no baixo Rio Turvo, desmatando sua mata nativa e fazendo as primeiras

plantações. Também, foram esses os responsáveis pelo aparecimento do primeiro engenho de farinha e de uma serraria, atraindo mais colonos para a vizinhança.

Com seu desenvolvimento, fora aberta, na cidade, sua primeira estrada e, posteriormente, sua primeira capela, funcionando, nos dias da semana, também como escola.

No ano de 1930, Turvo foi elevada à categoria de distrito de Araranguá e, em 1948, fora, então, criado o município de Turvo, de maneira definitiva. Atualmente conta com um distrito, Morro Chato.

Pontua-se, apenas, que os principais moradores da cidade são descendentes de italianos e, até hoje, tentam conservar suas tradições. O PIB desse município é composto, basicamente, em três setores: serviços, indústrias e agropecuária. Destaca-se o papel dos serviços, que vêm a contabilizar a maior renda para a cidade, tendo em vista seu potencial e seu desenvolvimento turístico.

Para explicitar tal situação, destacam-se, algumas das principais festividades da região, quais sejam: Arrancada de Tratores (nascida em 1987, pelo interesse dos próprios agricultores da região em criar um evento diferenciado); Festa do Colono (a comunidade turvense vê, na festa, uma justa homenagem ao árduo trabalho do agricultor, merecendo ser destaca a gastronomia da festividade, tendo em vista as tantas variedades de pratos italianos); Festália (festa típica italiana do município).



FIGURA 5.3.83 - VISTA DE TURVO

FONTE: MUNICÍPIOS DE SANTA CATARINA - Detalhes dos Municípios. Disponível em: <<http://www.sc.gov.br/portalturismo>>. Acesso em: 28 outubro de 2009.

2. Estado do Rio Grande do Sul

Localizado no extremo sul do território brasileiro, o estado do RIO GRANDE DO SUL tem como sua capital a cidade de Porto Alegre e divide-se, no que concerne à sua geografia, em sete mesorregiões, sendo elas: Centro Ocidental, Centro Oriental, Metropolitana de Porto Alegre, Nordeste, Noroeste, Sudeste e Sudoeste.

Tendo em vista todas as peculiaridades de cada uma das mesorregiões, além de suas decorrentes microrregiões, necessário se demonstra o enfoque, para melhor compreensão e desenvolvimento, na mesorregião foco centro desse estudo, qual seja, a mesorregião do Nordeste Rio Grandense.

Dessa maneira, diz-se que tal sítio geográfico tem uma área de 25.749,128 km², possuindo 1.035.932 habitantes, segundo estimativas datadas de 2008 do IBGE e com IDH médio de 0,833. Comporta 53 municípios, estando agrupados em exatas três microrregiões, quais sejam: Caxias do Sul, Guaporé e Vacaria. (IBGE, 2007).

Especificando ainda mais o estudo em questão, passa-se, agora, ao exame da microrregião de maior importância para o presente, qual seja, a microrregião de Vacaria, a qual, por sua vez, foi definida como sendo a Área de Influência Indireta e por conseqüente, Direta das obras de implantação e pavimentação da BR-285 no Estado do Rio Grande do Sul.

Argumenta-se que essa citada microrregião possui uma área de 17.257,515 km² e divide-se em quatorze municípios – Bom Jesus, Cambará do Sul, Campestre da Serra, Capão Bonito do Sul, Esmeralda, Ipê, Jaquirana, Lagoa Vermelha, Monte Alegre dos Campos, Muitos Capões, Pinhal da Serra, São Francisco de Paula, São José dos Ausentes e Vacaria -, os quais serão investigados a seguir.

a) Bom Jesus

Bom Jesus encontra-se situada a 237 km² da capital do estado, Porto Alegre, possuindo uma área de 2.626 km². Sua população traduz-se em 11.843 habitantes, segundo dados de 2007 do IBGE. Suas principais vias de acesso são: BR 285 e BR 110. (IBGE, 2007a)

No que diz respeito à sua geografia, Bom Jesus conta com a presença de muitos rios em seu interior – Rio das Antas, Rio Pelotas, Rio dos Touros, Rio Cerquinha -, os

quais contribuem para a formação de cachoeiras e possibilitam a construção de trilhas em suas margens.

Sua história, tal qual a própria história nacional, inicia-se com a ocupação indígena. Mais tarde, apareceram os primeiros bandeirantes paulistas e tropeiros lagunenses, procurando gado e, mais ainda, uma melhor ligação entre São Paulo e a Colônia de Sacramento, sendo que, muitos desses, acabaram fixando-se nessas terras.

Em seu início, o município pertencia à cidade de Santo Antônio da Patrulha e, depois, à Vacaria, vindo a ser conhecida como Terceiro Distrito da Costa, devido sua proximidade com o mar. Mesmo estando pertencente à Vacaria, Bom Jesus estava distante e possuía meios de transportes precários. Então, o povo começou a lutar para a construção de uma capela mais próxima da povoada, sendo que em 1878, fora construída a capela Senhor Bom Jesus do Bom Fim, alusão a Manoel Silveira de Azevedo, dono das terras, o qual, indo à guerra do Paraguai, fez uma promessa que, se voltasse a salvo, iria construir uma capela com esse nome.

Em 1913, então, Bom Jesus emancipou-se, sendo que o seu interesse político, por parte do governo, era de que ali se localizou o maior posto de arrecadação de impostos da região na época do império.

Avaliando sua colonização, diz-se que as famílias colonizadoras vieram de diferentes cidades, estados e países – especialmente portugueses, italianos e alemães-, trazendo consigo diversos hábitos, costumes e usos para o desenvolvimento do município.

Relaciona-se, ainda, a Bom Jesus, a passagem de grandes mártires em operação de guerra, tal como na Revolução Farroupilha, tendo como exemplos Anita Garibaldi, Bento Gonçalves, David Canabarro, entre outros.

Evocando sua economia, exprime-se o papel de destaque da agropecuária, tendo como produtos exponenciais o milho, a soja, a maçã e o feijão, além do trigo e da uva. Também se destaca, de maneira importante, seus rebanhos de bovinos, além da indústria varejista e a prestação de serviços, especialmente no setor destinado ao turismo. (MUNICÍPIOS GAÚCHOS, 2009)



FIGURA 5.3.84 - VISTA DE BOM JESUS

FONTE: RS VIRTUAL. Disponível em: <<http://www.riogrande.com.br/municipios/bomjesus.htm>>. Acesso em 19 junho de 2009.

b) Cambará do Sul

Segundo os dados levantados no IBGE (2007), Cambará do Sul, encontra-se a uma distância de 190 km² de Porto Alegre, com uma população de 6.959 habitantes, instalados em uma área de 1.213 km², apresentando, ainda, IDH médio de 0,76.

Sua geografia é marcada pela presença de parques nacionais, entre eles o Parque Nacional de Aparados da Serra e o Parque Nacional da Serra Geral, com a presença dos cânions de Itaimbezinho, Fortaleza, Churriado e Malacara. (MUNICÍPIOS GAÚCHOS, 2009).

Seus primórdios remetem a um período posterior ao próprio descobrimento do Brasil, uma vez que já em 1494, o território desse município pertencia aos reis da Espanha. Combinada a essa situação, cita-se, ainda, o fato de terem vivido, aqui, os índios do grupo Jê, além de referências de passagem de portugueses, baianos e paulistas, datadas pós o descobrimento do país, com a finalidade de capturarem índios para escravizar.

Em um período posterior, por volta de 1700, os netos e bisnetos daqueles primeiros colonizadores tropeavam por essa região, levando gado para São Paulo e Minas Gerais, principalmente.

Acontece que esses gados, introduzidos no local por padres espanhóis, encontraram nos campos do Rio Grande do Sul, lugares apropriados para o seu desenvolvimento, sendo que, então, alguns dos tropeiros ali se fixaram, dando origem às primeiras fazendas.

Então, já em 1780, taxa-se o início da abertura dos caminhos que conduziram a zona litorânea ao planalto, sendo esses os responsáveis pelo grande mercado de distribuições dos animais daqui levados.

Apesar disso, fora em 1864 que se iniciou, de fato, o povoamento do município. Ao lado da igreja de barro, começaram a aparecer as primeiras moradias, sendo que, quase um século depois, em 1963, Cambará do Sul fora elevada à categoria de município.

Hoje, diz-se que boa parte da renda do município advém do turismo, em decorrência das belezas naturais da região. Ainda, frisa-se a importância do rebanho de bovinos, além da produção de lã, leite e das plantações de milho, feijão e maçã. (MUNICÍPIOS GAÚCHOS, 2009).



FIGURA 5.3.85 - VISTA DE CAMBARÁ DO SUL

FONTE: MUNICÍPIOS GAÚCHOS - Municípios. Disponível em: <<http://www.riogrande.com.br/municipios/>>. Acesso em: 02 dezembro de 2009.

c) Campestre da Serra

Localizado a 197 km de Porto Alegre, e com uma área de 538 km², o município de Campestre da Serra comporta 3.205 habitantes , além de contar com um IDH médio de 0,782. (IBGE, 2007). Localizada ao norte do estado do Rio Grande do Sul, essa cidade possui, como marca geográfica, porções de planalto basáltico, tendo como clima o subtropical úmido.

No que atine à sua história, relata-se que, inicialmente denominada de “Vila Korff” – referência ao nome do primeiro colonizador que ali se estabeleceu -, o povoado viveu um surto de crescimento desde a inauguração da “Ponte de Korff”, fato ocorrido no ano de 1907, sendo essa a primeira ponte construída sobre o Rio das Antas, estando conservada até hoje.

Mais tarde, o nome da cidade alterou-se para Campestre da Serra, sendo que o “Campestre” surgiu em decorrência da existência de um pequeno campo cercado de matas, ou seja, um verdadeiro campestre.

O nascimento desse município fora possível pela construção da rodovia BR 116, a qual possibilitou um deslocamento da população de São Manuel, junto à estrada Rio Branco, para essa localidade, a qual cresceu rapidamente até se tornar um município, em 1992.

Sua economia é abastecida, especialmente, por rebanhos de bovinos, suínos e galinhas, tendo, ainda, produção expressiva de leite e de lã. Também, conta, anualmente, com safras de arroz, feijão, milho, soja, trigo, erva mate, uva e maçã. Ainda, diz-se que a agropecuária, a indústria e o comércio de serviços são os principais aspectos econômicos ali existentes. (MUNICÍPIOS GAÚCHOS, 2009).



FIGURA 5.3.86 - VISTA DE CAMPESTRE DA SERRA

FONTE: RS VIRTUAL. Disponível em: <<http://www.riogrande.com.br/municipios/campestredaserra.htm>>. Acesso em 19 junho de 2009.

d) Capão Bonito do Sul

O município de Capão Bonito do Sul tem sua origem atrelada à cidade de Lagoa Vermelha, sendo que está localizado a 380 km de Porto Alegre. Com uma área de 527 km² e contando com uma população de 1.837 pessoas, essa localidade possui como bioma a Mata Atlântica. (IBGE, 2007).

Capão Bonito do Sul situa-se na porção norte do estado do Rio Grande do Sul, fazendo divisa com os municípios de Esmeralda, Lagoa Vermelha e Muitos Capões. Narra-se o início de sua trajetória no ano de 1954, quando se elevou, então, a subdistrito. Em 1996, desmembrou-se do município de Lagoa Vermelha. (MUNICÍPIOS GAÚCHOS, 2009).

Examinando sua economia, conclui-se que a agropecuária e o comércio de serviços possuem papel de destaque, seguidos pela indústria.

Quanto à agropecuária, citam-se os rebanhos de bovinos, suínos, ovinos, equinos e galinhas, além das plantações de arroz, feijão, milho, soja e trigo.

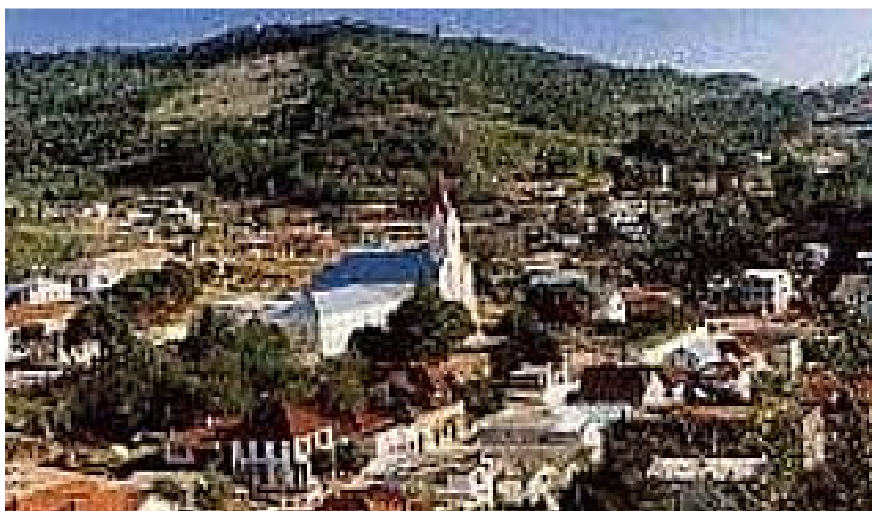


FIGURA 5.3.87 - VISTA DE CAPÃO BONITO DO SUL

FONTE: MUNICÍPIOS GAÚCHOS - Municípios. Disponível em: <<http://www.riogrande.com.br/municipios/>>. Acesso em: 02 dezembro de 2009.

e) Esmeralda

Esmeralda é um município do estado do Rio Grande do Sul localizado a 302 km de Porto Alegre, contando com 3.234 habitantes e possuindo uma extensão de 833 km². Conta, ainda, com um IDH médio de 0,079. (IBGE, 2007).

Descreve-se que tem, como bioma, a Mata Atlântica, clima subtropical e, ainda, seu relevo é ocupado pelo planalto basáltico. (MUNICÍPIOS GAÚCHOS, 2009).

Trava-se sua história a partir do ano de 1867, quando então Antônio Joaquim Velho ali possuía uma fazenda. Precisa-se, ainda, que a primeira denominação dessa região fora fazenda São João e, mais tarde, passou a chamar-se Vila Esmeralda, vez que o médico que atendia toda essa localidade (por volta dos anos 1900), dizia que o nome deveria ser Esmeralda, tendo em vista a beleza dos campos ondulados, das matas abundantes e pinheiros verdejantes ali presentes.

O município foi criado em 1963, quando desmembrado de Vacaria.

No tocante à sua economia, esquematiza-se que, essencialmente, a agropecuária e os serviços têm valor fundamental nas suas receitas, seguidos pela indústria presente no local.

Rebanhos de bovinos, suínos, ovinos, equinos, galinhas, além da produção de leite e de lã, compõem a agropecuária dessa região. Além desses, reúne-se, ainda, as plantações de arroz, soja, milho, feijão, trigo, erva mate, fumo e uva, traçando-se, assim, em vistas gerais, a economia do município. (MUNICÍPIOS GAÚCHOS, 2009).



FIGURA 5.3.88 - VISTA PANORÂMICA DE ESMERALDA

FONTE: MUNICÍPIOS GAÚCHOS - Municípios. Disponível em: <<http://www.riogrande.com.br/municipios/>>. Acesso em: 02 dezembro de 2009.

f) Ipê

O município de Ipê localiza-se na porção norte do estado do Rio Grande do Sul, contando com 5.875 habitantes, os quais possuem IDH médio de 0,78 e com uma área de 600 km². (IBGE, 2007).

Ipê está localizado a 188 km de Porto Alegre, destaca-se por suas belezas naturais, contando com grandes produções de botões de rosas, inúmeras cachoeiras, grutas naturais, além do cultivo abundante de frutas e legumes. (MUNICÍPIOS GAÚCHOS, 2009)

Seus atrativos naturais confundem-se, até mesmo, com a própria história da cidade, vez que a exuberante árvore do Ipê, abundante na região, deu origem ao nome desse município, surgido por meio das tropeadas.

Iniciada sua história no fim do século XIX, mais exatamente no ano de 1880, relata-se que muitos gaúchos desciam de Vacaria, trazendo consigo gado para vender em outras regiões, parando onde, hoje, se localiza Ipê.

Até então, estima-se que apenas os indígenas percorriam a região, qual possuía várias florestas quase que intocáveis, contando com imensos pinheirais e muitos frutos. Então, diz-se que, com a passagem e pouso de tropeiros que, partindo dos campos de Vacaria e indo rumo a São Leopoldo, através da Serra do Rio das Antas, muitos fazendeiros ali começaram a se estabelecer, dando origem a plantações de milho, além da criação de gado.

Nesse sentido, Ipê teve sua economia organizada, basicamente, na agropecuária, vindo, mais tarde, contar com a receita advinda dos serviços.

No que tange à própria agropecuária, citam-se, como exponenciais, os rebanhos de bovinos, suínos, aves e, em menor escala o de ovinos. Somam-se, ainda, as produções de leite, lã, além das plantações de arroz, feijão, fumo, milho, soja, trigo, erva mate, maçã e uva.

Por fim, precisa-se que, no terceiro setor, o comércio varejista e a indústria de transformação acabam por serem as mais destacadas na localidade. O município foi criado em 1987, quando se desmembrou de Vacaria.

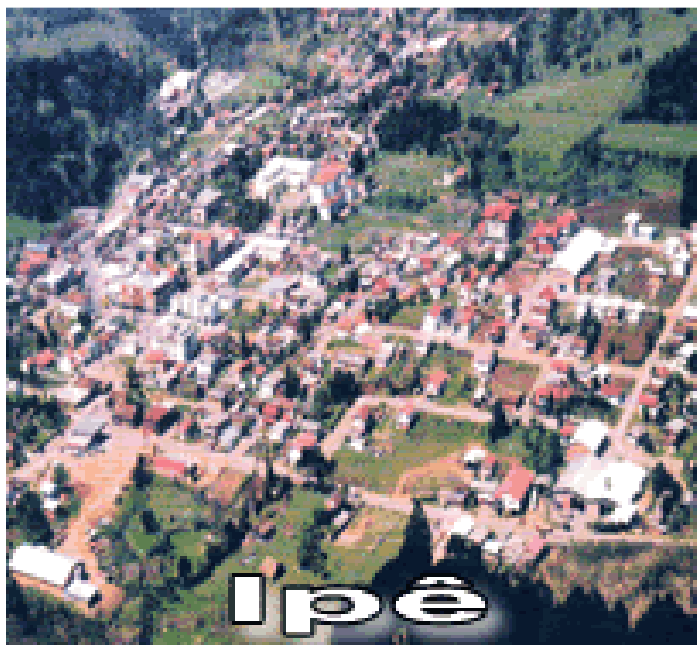


FIGURA 5.3.89 - VISTA PANORÂMICA DE IPÊ

FONTE: MUNICÍPIOS GAÚCHOS - Municípios. Disponível em: <<http://www.riogrande.com.br/municipios/>>. Acesso em: 02 dezembro de 2009.

g) Jaquirana

Jaquirana é uma cidade localizada no nordeste do estado do Rio Grande do Sul, situando-se a 209 km de sua capital, qual seja, Porto Alegre. Com uma área de 908 km² e uma população estimada de 4.404 habitantes (IBGE, 2007). Jaquirana conta com um IDH médio de 0,734. (IBGE, 2007a)

Integrante da Rota dos Campos de Cima da Serra, esse município dispõe, analisada sua exuberante natureza, de condições propícias para o desenvolvimento do ecoturismo e turismo rural. (MUNICÍPIOS GAÚCHOS, 2009).

Ainda segundo o mesmo site, esquematizam-se os traços de sua colonização na cultura portuguesa, espanhola e italiana, sendo que sua narrativa fática inicia-se na época do desbravamento e colonização da serra gaúcha, quando então esses colonizadores citados buscavam a madeira, considerada, na época, o “ouro branco”.

Nesse desenrolar, diversos núcleos estabeleceram-se, especialmente nas regiões dos vales dos rios das Antas e das Tainhas, uma vez que, nessa época, as florestas coníferas, principalmente a araucária, formavam um imenso tapete verde, ainda sem desbravadores.

Então, no ano de 1900, um grupo, vindo a comprar meia colônia de sesmaria, reuniu-se, para formar um povoado, sendo que já em 1916, veio reconhecido como Distrito, pelo então município de São Francisco de Paula.

Com o passar dos tempos – e o desenrolar de suas atividades e de sua própria história -, Jaquarina se viu na necessidade de emancipar, tendo em vista que já possuía todas as características para se tornar um município. Assim, em 1987, veio a se emancipar e, como consequência, deu-se sua criação, desmembrando-se de São Francisco de Paula.

Analisando suas receitas, calcula-se que a maior parte de sua arrecadação e circulação de capital advenha dos rebanhos de bovinos, com a decorrente imensa produção de leite. Também, discrimina-se a imensa renda advinda, especialmente, das plantações de maçãs, seguida pelas plantações de uva, erva mate, feijão e milho.

Sintetiza-se sua formação econômica dizendo que, ainda, há grande participação o comércio varejista e a indústria de transformação.



FIGURA 5.3.90 - VISTA DE JAQUIRANA

FONTE: MUNICÍPIOS GAÚCHOS - Municípios. Disponível em: <<http://www.riogrande.com.br/municipios/>>. Acesso em: 02 dezembro de 2009.

h) Lagoa Vermelha

Lagoa Vermelha possui uma extensão de 1.262 km², abrigando, 27.434 pessoas (IBGE/2007), as quais, ainda, contam com um IDH médio de 0,755. (IBGE, 2007a).

O seu clima acaba por ser favorável à saúde e para uma série de culturas agrícolas de verão e de inverno, tal como para a fruticultura. Descreve-se, ainda, que apesar do desmatamento de suas terras – formadas por campos e planaltos-, Lagoa Vermelha conserva uma floresta consideravelmente extensa, tendo como representação de seu relevo, especificamente, a coxilha grande, demarcando a linha divisória das águas da bacia do Rio Pelotas, com dois rios que correm para o Rio das Antas e Alto Taquari. (MUNICÍPIOS GAÚCHOS, 2009).

Sua história inicia-se quase que conjuntamente com a história do país, quanto então jesuítas espanhóis, em missão de catequese, começaram a penetrar em terras antes então apenas habitadas pelos “coroados”, dos quais, até hoje, existem descendentes. Eram esses mesmos jesuítas que iniciaram a ocupação do território por gado, sendo que, em pouco tempo, o pequeno rebanho reproduziu-se em mais de um milhão de cabeças. (IBGE, 2007a).

Tal localidade, com o desenrolar das eras, tornou-se, entre os anos de 1730 e 1740, rota de tropeiros, os quais vinham de diversos pontos do estado, indo em direção à Feira de Sorocaba, sendo que aqui paravam para descansar antes de prosseguirem viagem. (MUNICÍPIOS GAÚCHOS, 2009).

Então, em 1740, houve a formação dos primeiros povoados, sendo que apenas em 1754 é que esses começaram a receber os títulos de posse das terras. Mesmo assim, a quantidade de gado disperso, a beleza natural da região, além da crise no comércio de mulas atraiu, em 1840, muitos posseiros, especialmente aqueles vindos de São Paulo e Paraná, os quais passaram a se dedicar à pecuária.

Nesse quadro disposto, começaram a surgir problemas sobre a posse das terras, sendo que, por volta de 1842, José Ferreira Bueno, um posseiro que tinha uma fazenda na região, escolheu essa localidade para a fundação da vila que, posteriormente, tornou-se o município. Em 1881, foi desmembrado de Vacaria, tornando-se município

Mesmo tendo estabelecido os limites da vila, ainda assim, Lagoa Vermelha fora palco de batalhas sangrentas por ocasião da Revolução Federalista ocorrida em 1893.

Com a estabilização dos conflitos, a localidade se viu em seu primeiro esteio econômico devido a sua pecuária extensiva: nos campos abertos, o gado desconhecia fronteiras, enquanto os colonizadores – italianos, alemães e poloneses -, fixando moradias, marcavam as reses que criavam ou lhes aprisionavam. Só mais tarde, com o incremento das propriedades rurais, no começo do século seguinte, é que as delimitações tornaram-se mais efetivas.

Esses imigrantes citados foram, também, maravilhados pelas terras férteis, pela madeira de lei e pinheiro que ali existiam, sendo que, em decorrência do movimento revolucionário de 1923, e a intensa movimentação de tropas, a população do município cresceu e esse veio a se desenvolver.

Em decorrência de seu desenvolvimento, a receita orçamentária de sua economia é composta, de maneira primordial, pelos serviços, especialmente o comércio varejista e a indústria de transformação, seguidas pelo comércio varejista.

Em decorrência de sua história, Lagoa Vermelha conta com um grande número de rebanho bovino, seguido pelo de aves, suínos, ovinos, eqüinos e caprinos, respectivamente, tendo, ainda, com uma vasta produção de leite e, em menor escala, de lã.

Suas principais culturas agrícolas, por fim, concentram-se nas plantações de arroz, feijão, erva mate, milho, trigo, soja, maçã e uva.

Lagoa Vermelha conta hoje com 7 distritos: Lagoa Vermelha (sede), André da Rocha, Caseiros, Clemente Argolo, Chimarrão, Tupinambá e Santa Luzia.



FIGURA 5.3.91 - VISTA DE LAGOA VERMELHA

FONTE: MUNICÍPIOS GAÚCHOS - Municípios. Disponível em: <<http://www.riogrande.com.br/municipios/>>. Acesso em: 02 dezembro de 2009.

i) Monte Alegre dos Campos

Esse município, localizado a 282 km de Porto Alegre, tem uma extensão de 550 km², além de 3.122 habitantes (IBGE, 2007) e um IDH de 0,708. (IBGE, 2007a).

Segundo o site MUNICÍPIOS GAÚCHOS, 2009, Monte Alegre dos Campos, desde seus primórdios, despertou interesse por possuir belezas naturais intensas, tais como o Penhasco dos Macacos Brancos – hoje, um recanto ecológico com ampla área verde, quedas d'água, grandes penhascos rochosos, cavernas e grutas -, além de ser palco do encontro dos rios Refugiado e das Antas. Também, é uma das cidades integrantes da Rota dos Campos de Cima da Serra.

Argumenta-se que sua origem seja ao final do século passado, quando, em 1820, fora fundada a Capela Nossa Senhora da Luz, sendo que, em 1917, o povoado ali então existente fora elevado à categoria de distrito, passando a se chamar Vila Esteira – vindo a emancipar-se, com sua criação, no ano de 1995, quando foi desmembrado de Vacaria.

Conta-se que um tropeiro, de passagem pela localidade, resolveu parar nessas terras e acabou num pequeno monte, com belas pastagens verdes e brilhantes, as quais reluziam o ao sol e destacavam os animais que ali pastavam. Além desse fato lhe chamar a atenção, felicitou-se pela hospitalidade da população que ali habitava e, então, acabou adquirindo terras e instalando-se ali com sua família.

Sua economia tem, por pilares, essencialmente a agropecuária e os serviços, sendo seguidos, em menor escala, pela indústria.

Na agropecuária, destacam-se os rebanhos de bovinos e de aves, além da grande produção de leite. Conta, ainda, com a produção do feijão, do milho, da soja, do trigo, da maçã e da uva. Já nos serviços, dá-se o destaque, especialmente, para o comércio varejista.

j) Muitos Capões

Muitos Capões situa-se a 191 km da capital do estado, Porto Alegre, tendo uma área de 1.193 km², contando com 2.969 habitantes (IBGE, 2007), além de ter, como IDH médio, o número de 0,748. (IBGE, 2007a).

Avaliando a geografia do local, diz-se que ali se localiza a cascata do Rio Saltinho, tendo a instalação de uma usina – Usina do Saltinho -, a qual encontra-se em pleno funcionamento. O município abrange, ainda, a Estação Ecológica do Aracuri, criada para a preservação do ecossistema, com a existência de Araucárias e Papagaio Charão. Muitos Capões chamava-se, em seu começo, Raia da Capoeira. Ainda nessa época, em 1901, a localidade viu a inauguração de sua primeira capela, a Capela de Santo Antônio dos Muitos Capões. (MUNICÍPIOS GAÚCHOS, 2009).

Então, com o passar dos anos e o conseqüente desenvolvimento sócio econômico da região, Muitos Capões viu-se na iminência da criação de um distrito, sendo que esse ato viera ocorrer no ano de 1917.

No distrito, ainda, contou com a inauguração de uma usina hidrelétrica, em 1939, o que lhe trouxe, em decorrência, maior independência e progresso. Mas, mesmo assim, sua emancipação só foi ocorrer na data de 1995, quando foi desmembrado dos seguintes municípios: Vacaria, Lagoa Vermelha e Esmeralda.

Adquirindo sua independência político administrativa, o município vem, agora, conquistar sua identidade cultural própria, através da Festa do Pinhão. Essa festa tem,

também, o objetivo de fortalecer economicamente o município, propiciando, ainda, lazer à comunidade e aos visitantes.

Traçando seu paralelo econômico, relata-se que a cidade possui a sua renda advinda, basicamente, dos serviços, visto que possui muitos atrativos, além de contar com um grande número de estabelecimentos focados ao comércio varejista.

Seguido dos serviços, encontra-se, com grande relevância, a agropecuária, especialmente nos rebanhos de bovinos, ovinos e aves, tendo, além disso, produção de leite e de lã. Suas safras são compostas, basicamente, do arroz, do feijão, do milho, da soja, do trigo, da erva mate, da maçã e da uva.



FIGURA 5.3.92 - VISTA PANORÂMICA DE MUITOS CAPÕES

FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE MUITOS CAPÕES. Disponível em:

<<http://www.muitoscapoes.rs.cnm.org.br/portal1/municipio/historia.asp?ldMun=100143249>>. Acesso: 26 junho de 2009.

k) Pinhal da Serra

A localidade denominada de Pinhal da Serra abrange 434 km² do estado do Rio Grande do Sul – localizando-se a 326 km da capital, Porto Alegre -, comportando uma população de 2.058 pessoas, em 2007. (IBGE, 2007a).

Pinhal da Serra tem como bioma a Mata Atlântica, comporta uma hidrografia privilegiada, com grande potencial hidrelétrico, tendo como exponenciais o Rio Pelotas e o Rio Bernardo José. Seu relevo caracteriza-se pela presença de planaltos, com áreas

planas e serras bem acentuadas, especialmente àquelas à margem do Rio Pelotas. (MUNICÍPIOS GAÚCHOS, 2009).

O município ainda é um dos integrantes da Rota das Araucárias, oportunizando o conhecimento da cultura deixada pelo tropeirismo, datada do final do século XVIII, e de belas paisagens naturais.

Pinhal da Serra, nos primórdios de sua história, pertencia ao município de Vacaria, tendo como seu primeiro nome São José dos Tocos, especialmente devido ao desmatamento feito para limpar a área onde deveria ser formado o povoado.

No ano de 1920, os moradores desse local, juntamente com os da Serra dos Gregórios, uniram-se para construção da capela em honra a São José, sendo que, em 1938, a capela passou a chamar-se Pinhal da Serra, especialmente pelo crescimento populacional.

Mais tarde, em 1994, formou-se o Movimento Emancipacionista de Pinhal da Serra, sendo que um plebiscito fora realizado em 1996, tendo sido, então, criado o município de Pinhal da Serra, desmembrado de Esmeralda.

Ainda assim, contando com esse plebiscito, a história política da região contou com a discordância da Justiça Eleitoral de Vacaria, a qual tentou, sem sucesso, a anulação do referido plebiscito. Mesmo assim, essa referida impediu a participação de Pinhal da Serra nas eleições gerais do ano de 1996, ficando esse município quatro anos estagnado.

Como, no período, foram criados 30 municípios no estado do Rio Grande do Sul – e esses mesmos foram impedidos das eleições -, fora criada a Associação Gaúcha de Apoio aos Municípios, sendo que, através de deputados federais, veio a encaminhar dois projetos de leis que marcavam eleições extraordinárias nesses, obtendo aprovação no Congresso Nacional. Apesar disso, foram vetados pelo Presidente da República em exercício.

Então, somente em 2000 é que Pinhal da Serra obteve o direito de participar das eleições e eleger sua primeira administração política. No tocante à sua economia, diz-se que sua renda advém das indústrias, dos serviços e da agropecuária, necessariamente nessa ordem, sendo que, na agropecuária, os rebanhos de bovinos, aves e suínos, além das plantações de arroz, feijão, milho, soja e trigo, consistem nos mais primordiais para a arrecadação de renda ao município.



FIGURA 5.3.93 - VISTA PANORÂMICA DE PINHAL DA SERRA

FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE PINHAL DA SERRA. Disponível em:

<http://www.pinhaldaserra.rs.cnm.org.br/005/00502001.asp?ttCD_CHAVE=25874>. Acesso em: 26 junho de 2009.

I) São Francisco de Paula

Os dados que se seguem foram extraídos das seguintes fontes: IBGE (2007a) e MUNICÍPIOS GAÚCHOS, (2009).

São Francisco de Paula localiza-se na serra gaúcha, a 112 km da capital, Porto Alegre, possuindo uma extensão de 3.274 km². Contava em 2007, segundo o IBGE, com 21.278 habitantes e um IDH médio de 0,757.

Sua área urbana é de 190 km² e a rural, 3.099 km². Apresenta uma temperatura agradável no verão, além de contar com um inverno rigoroso, atraindo muitos turistas, os quais ficam na expectativa de que nevascas venham ocorrer.

A maior parte de sua vegetação é composta por gramíneas, além de capões, os quais se constituem em agrupamento de árvores diversas. Há a presença de Araucárias, simbolizando o território e contribuindo, ainda, para a existência de turistas.

Sua geografia contribui para que a cidade faça parte do chamado Caminho das Neves, da Rota Romântica, da Rota dos Campos de Cima das Serras e, por fim, da Região das Hortênsias.

Aponta-se que os primeiros habitantes da região foram os índios Caaguás. Acontece que, por volta de 1.700, esses estavam praticamente dizimados por bandeirantes e por doenças.

Dessa maneira, a real história da região remete ao início do século XVIII, quando então servia de parada no caminho das tropas de gado do Rio Grande para o centro do país.

Então, com o decorrer da divisão espacial do estado do Rio Grande do Sul, em 1835, sabe-se que essa região era denominada de Capela, mas, ainda assim, desconhece-se a sua data de elevação à tal categoria.

Pouco mais tarde, em 1878, a localidade passou à categoria de vila, tendo a denominação de São Francisco de Paula de Cima da Serra. Mesmo assim, ocorreram, ainda, duas extinções dessa, uma vez que fora anexada a outros territórios, sendo que apenas em 1902 é que se deu a data de sua efetiva criação.

Nesse quadro, verifica-se que São Francisco de Paula sofreu com muitos altos e baixos, uma vez que, devido a sua proximidade geográfica, serviu de refúgio da Guerra do Paraguai e da Guerra dos Farrroupilhas.

Assim, em 1889, não havia condições de levar o município adiante e, então, recorreram à ajuda de Taquara. O município só conseguiu se organizar e estruturar quando Jonathas Abbott, vindo de Porto Alegre, fora nomeado para a função de intendente, em 1902. Daí para frente começou a estruturação administrativa do município, tendo, em 1903, a inauguração de sua sede administrativa.

Tendo isso em vista, diz-se que a identidade de São Francisco de Paula pode ser reconhecida em cada serrano, pois os costumes tradicionalistas estão presentes diariamente na comunidade, nos eventos, na culinária e nas lidas campeiras.

Economicamente, examina-se o grande desenvolvimento de seus serviços, tendo em vista a boa estrutura em suas hospedagens, no âmbito gastronômico, no de lazer e de compras, contando com 358 estabelecimentos varejistas, além de um número considerável de indústrias de transformações.

Sua renda conta, também, com uma agropecuária ativa, com importantes rebanhos de bovinos, aves, ovinos, eqüinos, suínos e caprinos, respectivamente, tendo produções de leite e de lã, com safras, ainda, de arroz, milho, trigo, feijão, soja, maçã, uva e soja.



FIGURA 5.3.94 - VISTA DE SÃO FRANCISCO DE PAULA

FONTE: MUNICÍPIOS GAÚCHOS - Municípios. Disponível em: <<http://www.riogrande.com.br/municipios/>>. Acesso em: 02 dezembro de 2009.

m) São José dos Ausentes

Os dados que se seguem foram extraídos das seguintes fontes: IBGE (2007 a) e MUNICÍPIOS GAÚCHOS, 2009.

São José dos Ausentes, nesse estudo, tem uma grande relevância, tendo em vista ser a cidade que interliga, através da BR 285, à cidade de Timbé do Sul, localizada no estado de Santa Catarina.

Nesse sentido, verifica-se que esse município em questão, qual seja, São José dos Ausentes, está localizado a 233 km de distância da capital do estado, Porto Alegre, abrangendo uma parcela territorial de 1.177 km². Sua população é estimada em 3.180 habitantes, equilibradamente divididos entre as zonas rurais e urbanas, contando com um IDH médio de 0,738, sendo considerado como médio.

A cidade localiza-se no extremo nordeste do Rio Grande do Sul, acabando por ser conhecida pela beleza de suas paisagens, além de possuir um desenvolvido turismo rural.

Assim sendo, sintetiza-se sua geografia dizendo que, tendo como bioma a Mata Atlântica, São José dos Ausentes possui famosos paredões – os chamados cânions, os quais servem como marco divisor dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Identifica-se, ainda, a presença dos rios Divisa e Silveira, a Cascata do Perau Branco – no Rio Sepultura-, além de várias trilhas nas bordas de seus cânions. A viração da costa – ou cerração – é fenômeno quase que diário da cidade, sendo que, na riqueza de seu manancial hídrico, brotam as nascentes do Rio das Contas e do Rio das Antas, afluentes na formação das bacias do Guaíba e Uruguai.

Sua história confunde-se com seu próprio nome, vez que o fato de seus primeiros donos não assumirem as fazendas que, por duas vezes, fora leiloada, devido à ausência dos seus proprietários ou à inexistência de sucessores, originou-se, então, o nome de “Ausentes”.

Correlacionado a esse fato, fala-se que a Fazenda dos Ausentes era o maior latifúndio do estado, abrangendo uma área de mais de mil quilômetros quadrados. A abertura dos campos, para a implantação da fazenda, teve seu início no ano de 1729, quando Souza e Faria abriu o “Caminho dos Conventos”.

Nessa localidade, ficaram vestígios nos colossais mangueirões de pedra, advindos do primeiro caminho de tropeiros que cruzavam os Campos de Cima da Serra e da passagem de alguns jesuítas que fugiam das Missões. Hoje, esses compõem museus de pedra ao ar livre e estão entre as construções mais antigas do estado.

São José dos Ausentes era território de sua vizinha, a cidade de Bom Jesus, vindo a se emancipar em 1992. Hoje, o município é considerado um postal dos Campos de Cima Serra, abrigando as mais altas nascentes de águas claras do estado.

Examinados já seus aspectos históricos, passa-se, agora à análise de sua economia, relatando-se que sua renda advém, especialmente, da agropecuária, sendo seguida pelos serviços e, mais, pelas indústrias.

No que concerne aos aspectos da agropecuária, demonstram-se mais importantes os rebanhos de bovinos, seguidos pelos de aves, de ovinos, de eqüinos, de suínos e, em menor escala, de caprinos, contando a região, ainda, com a vasta produção de leite e de lã.

Sua produção agrícola resume-se em plantações de feijão, milho e maçã, tendo, ainda, exponencial desenvolvimento do turismo, especialmente no ramo do turismo rural, dando ênfase ao ramo hoteleiro, gastronômico, passeios turísticos e ao comércio varejista, totalizado em 45 estabelecimentos.

Finalmente, destaca-se sua indústria de transformação, sendo determinadas, na região, em número de 19.



FIGURA 5.3.95 - VISTA DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES

FONTE: SÃO JOSÉ DOS AUSENTES/RS, BRASIL. Disponível em: <<http://www.ausentesonline.com.br/>>. Acesso em: 19 junho de 2009.

n) Vacaria

Importante cidade do estado do Rio Grande do Sul, Vacaria serviu de nome, além do município, para a microrregião que é integrante, tendo em vista ser a maior e mais relevante da região. Localizada a 237 km de Porto Alegre, ao norte do estado, a cidade comporta uma população de 59.938 habitantes (IBGE, 2007), em uma área de 2.124 km², tendo como IDH o valor de 0,805, considerado como elevado. E segundo IBGE (2007a), conta ainda, com uma privilegiada localização geográfica, permitindo o seu fácil acesso, pelas rodovias BR 285 e BR 116.

Adentrando aos seus aspectos físicos, afirma-se ser seu clima subtropical, com verões amenos com invernos mais rigorosos, sendo comuns as geadas. Seu território comporta, ainda, uma terra fértil, possibilitando ser a cidade a responsável por 22% da colheita nacional de maçãs, sendo a maior produtora da fruta no estado e a segunda maior em âmbito nacional. (MUNICÍPIOS GAÚCHOS, 2009).

Além disso, suas terras contam com o valo do Rio Pelotas, o Morro Agudo – um dos pontos mais altos do município -, o Canyon dos Encantados, o Parque das Cachoeiras, além do Vale da Capitulina.

Especifica-se que foram os missionários jesuítas, por volta do ano de 1700, que iniciaram a colonização da região, deixando o gado solto para sua criação, os quais foram trazidos das Missões.

Seu nome está diretamente ligado à expressão espanhola Baqueria de los Piñales, denominação dos jesuítas espanhóis para aos Campos de Cima da Serra. Entre 1727 e 1729, abriu-se a estrada das tropas, destinada, primeiramente, ao comercio de gado, acabou por liga a região dos Campos de Cima da Serra a Lages, Curitiba e São Paulo, possibilitando, mais uma vez, o desenvolvimento e a ocupação dessas localidades.

Dessa forma, em 1761, fundou-se a Capela de Nossa Senhora de Oliveira de Vacaria e, em 1785, levantou-se que havia 24 ocupantes de terras com títulos legais e 64 sem título algum. Desses, destaca-se o lagunense Manoel Rodrigues de Jesus, visto que sua prole desdobrou-se incalculavelmente, acreditando serem os habitantes da cidade, de alguma forma, seus descendentes.

Passado mais algum tempo, em 1850, a Freguesia de Nossa Senhora da Oliveira de Vacaria fora elevada à categoria de vila e, em 1936, quase um século depois, fora delimitada sua classificação como sendo cidade de Vacaria.

Sendo, hoje, uma das cidades mais desenvolvidas do estado do Rio Grande do Sul, a economia de Vacaria baseia-se na agropecuária, na floricultura, na fruticultura, nas indústrias e nos serviços, especialmente aqueles destinados ao turismo e ao transporte rodoviário.

Conta com grandes números de rebanhos bovinos, aves, suínos, equinos e caprinos, tendo produção significativa de leite e de lã. Seus principais produtos agrícolas são: feijão, milho, soja, trigo, uva e, de maneira exponencial, a maçã.

Para que seu desenvolvimento seja ainda maior, sua prefeitura iniciou um programa de benefícios para instalação de novas empresas, contando com a isenção de impostos municipais por até cinco anos, terraplanagem, transporte de terra e fornecimento de cascalho.

Por fim, diz-se que o Rodeio Crioulo Internacional que ali acontece é uma das tradições folclóricas e culturais gaúchas de maior importância, além de possuir o Museu Municipal, o Ateliê Livre, o Mercado Público, o Centro de Artesanato e a Casa do Povo – única obra do arquiteto Oscar Niemeyer no estado do Rio Grande do Sul.



FIGURA 5.3.96 - VISTA DE VACARIA

FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE VACARIA. Disponível em: <<http://www.vacaria.rs.gov.br/>>. Acesso em: 26 junho de 2009.

5.3.5.2 Núcleos Populacionais e Evolução da População nas Áreas de Influência Indireta e Direta do Meio Socioeconômico

A TABELA 5.3.141 e a TABELA 5.3.142 a seguir expressam a data de criação dos municípios da AII de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, bem como os distritos (sede municipal) e comunidades localizadas em tais municípios.

TABELA 5.3.141 – ANO DE CRIAÇÃO, DISTRITOS E LOCALIDADES DOS MUNICÍPIOS DA AII DE SANTA CATARINA

Municípios da AII de SC	Ano de Criação do Município	Distritos/ Localidades
1. Araranguá	1883	Araranguá Distritos: Hercílio Luz, Balneário Morro dos Conventos e Sanga da Tora.
2. Balneário Arroio da Silva	1995	Balneário Arroio da Silva
3. Balneário Gaivota	1995	Balneário Gaivota
4. Ermo	1956	Ermo
5. Jacinto Machado	1958	Jacinto Machado

Municípios da AII de SC	Ano de Criação do Município	Distritos/ Localidades
6. Maracajá	1967	Maracajá
7. Meleiro	1961	Meleiro
8. Morro Grande	1992	Morro Grande
9. Passo de Torres	1991	Passo de Torres
10. Praia Grande	1958	Praia Grande Distrito: Cachoeira de Fátima
11. Santa Rosa do Sul	1998	Sede do município Santa Rosa do Sul Localidades: Vila Bitencourt, Novo Horizonte, Lageado, Linha Tamandaré, Peroba, Vila Nova, Pontão, Sanga D´Areia, Forquilha do Cedro, Bela Vista, Vila São Cristóvão, Jaguarari e Glorinha.
12. São João do Sul	1961	São João do Sul Distrito: Vila Conceição Comunidades (17): Vila Santa Catarina, Campestre, Beira Rio, Forquilha, Glorinha, Vila São José, Passo Magnus, Poço Negro, Nova Fátima, Rio Verde, Sertão do Piritu, Sociedade, Timbopeba, Três Coqueiros, Querência, Sanga da Anta e Cipriano Alves.
13. Sombrio	1953	Sombrio Distrito: Nova Guarita
14. Timbé do Sul	1967	Timbé do Sul
15. Turvo	1948	Turvo Distrito: Morro Chato

FONTE: IBGE – Cidades. MUNICÍPIOS DE SANTA CATARINA - Detalhes dos municípios

TABELA 5.3.142 – ANO DE CRIAÇÃO, DISTRITOS E LOCALIDADES DOS MUNICÍPIOS DA AII DO RIO GRANDE DO SUL

Municípios da AII do RS	Ano de Criação do Município	Distritos
1. Bom Jesus	1913	Bom Jesus
2. Cambará do Sul	1963	Cambará do Sul
3. Campestre da Serra	1992	Campestre da Serra

Municípios da All do RS	Ano de Criação do Município	Distritos
4. Capão Bonito do Sul	1996	Capão Bonito do Sul
5. Esmeralda	1963	Esmeralda
6. Ipê	1987	Ipê
7. Jaquirana	1987	Jaquirana
8. Lagoa Vermelha	1881	Lagoa Vermelha Distritos: André da Rocha, Caseiros, Clemente Argolo, Chimarrão, Tupinambá e Santa Luzia
9. Monte Alegre dos Campos	1995	Monte Alegre dos Campos
10. Muitos Capões	1995	Muitos Capões
11. Pinhal da Serra	1996	Pinhal da Serra
12. São Francisco de Paula	1902	São Francisco de Paula
13. São José dos Ausentes	1992	São José dos Ausentes
14. Vacaria	1850	Vacaria

FONTE: IBGE – Cidades. MUNICÍPIOS GAÚCHOS - Municípios

As tabelas acima mostram que os dois municípios mais antigos são Araranguá e Vacaria, que também são pólos regionais e vetores de crescimento econômico da região. Nas tabelas também se observam que Araranguá teve sua criação no ano de 1883, e abrange os distritos de: Hercílio Luz, Balneário Morro dos Conventos e Sanga da Tora. Já Vacaria teve sua criação no ano de 1850 e não possui nenhum distrito. As tabelas também apontam como municípios recentes o de Santa Rosa do Sul (1998) no estado de Santa Catarina e Pinhal da Serra e Capão Bonito do Sul (1996) no estado do Rio Grande do Sul.

O mapa mostra os principais núcleos populacionais e malha viária da área de influencia indireta do meio socioeconômico. Analisando a distribuição espacial da ocupação humana em tal mapa, se observa que maior concentração de núcleos urbanos ocorre na porção leste da área de influência indireta do meio socioeconômico, nas proximidades de Araranguá, justamente por onde passa a BR 101. Outra concentração de núcleos populacionais ocorre a noroeste de Vacaria, por onde passa a BR 285, porém com menor expressão. Nas demais regiões da All a distribuição espacial da ocupação

humana é esparsa e pouco significativa. Ressalta-se que ao longo dos lotes 1 e 2 da BR 285 (28 km) existem apenas pontos isolados de ocupação, não aparecendo áreas urbanas, com exceção de Timbé do Sul e São José dos Ausentes. (Figura 5.3.97 – Mapa: malha viária existente e núcleos urbanos da área de influência indireta do meio socioeconômico – VIDE VOLUME V)

A TABELA 5.3.143 e TABELA 5.3.144 foi concebida com o intuito de mostrar as rodovias que interceptam a All, para tal foi dividida em duas categorias: federais e estaduais, também foram levantados os municípios ligados por essas, e a situação: trecho, tipo de pista, se são pavimentadas ou não e as suas extensões.

TABELA 5.3.143 - SISTEMA RODOVIÁRIO FEDERAL, ESTADUAL E MUNICIPAL NA ÁREA DE INFLUÊNCIA INDIRETA

Rodovia		Municípios Interceptados pela Rodovia	Situação (trecho, pista simples/duplicada, pavimentada/não pavimentada, extensão)
SC			
		ENTR SC-445 (P/MARACAJÁ) – ENTR BR-285(A)/SC-449 (ARARANGUÁ)	- do 400,10 km ao 409,60 km - Extensão de 9,50 km - Pista em obra de duplicação
		ENTR BR-285(A)/SC-449 (ARARANGUÁ) – ENTR BR-285(B)/SC-285 (P/ERMO)	- do 409,60 km ao 423,7 km - Extensão de 14,10 km - Pista em obra de duplicação
		ENTR BR-285(B)/SC-285 (P/ERMO) – ENTR SC-447 (SOMBRIO)	- do 423,70 km ao 433,90 km - Extensão de 10,20 km - Pista em obra de duplicação
BR-101		ENTR SC-447 (SOMBRIO) – ENTR SC-450 (P/SÃO JOÃO DO SUL)	- do 433,90 km ao 454,00 km - Extensão de 20,10 km - Pista em obra de duplicação
		ENTR SC-450 (P/SÃO JOÃO DO SUL) – DIV SC/RS	- do 454,00 km ao 462,80 km - Extensão de 8,80 km - Pista em obra de duplicação
		ENTR BR-101 (JUNTO AO CANAL ITAJAÍ MIRIM) – PORTO DE ITAJAÍ *TRECHO URBANO	- do 0,00 km ao 6,30 km - Extensão de 6,30 km - Pista pavimentada

SC

Rodovia		Municípios Interceptados pela Rodovia	Situação (trecho, pista simples/duplicada, pavimentada/não pavimentada, extensão)
Federal	Estadual		
BR-285		ENTR BR-101(A) (ARARANGUÁ) – ENTR BR-101(B)/SC-285 (SANGA DA TOCA)	- do 0,00 km ao 14,10 km - Extensão de 14,10 km - Pista em obra de duplicação
		ENTR BR-101(B)/SC-285 (SANGA DA TOCA) – ENTR SC-108(A)/488 (ERMO)	- do 14,10 km ao 20,50 km - Extensão de 6,40 km - Pista planejada
		ENTR SC-108(A)/488 (ERMO) – ENTR SC-108(B) (TURVO)	- do 20,50 km ao 28,60 km - Extensão de 8,10 km - Pista planejada
		ENTR SC-108(B) (TURVO) – TIMBÉ DO SUL	- do 28,60 km ao 49,40 km - Extensão de 20,80 km - Pista planejada
		TIMBÉ DO SUL – DIV SC/RS	- do 49,40 km ao 69,80 km - Extensão de 20,40 km - Pista planejada
	SC-100	Araranguá Baln. Arroio do Silva Baln. Gaivota Passo de Torres Divisa SC/RS (ao sul)	- Pista dupla planejada (vide mapa)
	SC-108	Meleiro – Turvo	- Extensão de 11 km - Pista pavimentada
		Turvo (BR-285) – Ermo (BR-285)	- Extensão de 8 km - Pista pavimentada
		Ermo – Jacinto Machado	- Extensão de 13 km - Pista pavimentada
		Jacinto Machado – Praia Grande (SC- 450)	- Extensão de 33 km - Pista em leito natural
	SC-443	Rio Cedro Médio – Meleiro	- Extensão de 15 km - Pista em leito natural
	SC-445	Forquilha – Macarájá (BR-101)	- Extensão de 15 km - Pista em leito natural
	SC-447	Balneário Gaivota – Sombrio	- Extensão de 8 km - Pista pavimentada
		Sombrio – Jacinto Machado	- Extensão de 19 km - Pista pavimentada
	SC-448	SC-449 (Araranguá) – Ermo	- Extensão de 14 km - Pista em leito natural
	SC-449	Baln. Arroio do Silva – Araranguá	- Extensão de 11 km - Pista pavimentada
		Araranguá – Meleiro	- Extensão de 13 km - Pista pavimentada
		Meleiro – Morro Grande	- Extensão de 12 km - Pista pavimentada
	SC-450	São João do Sul (BR-101) – Praia Grande	- Extensão de 22 km - Pista pavimentada
		Praia Grande – Parque Nacional da Serra Geral	- Extensão de 15 km - Pista pavimentada

FONTE: Ministério dos Transportes / Banco de Informações e Mapas dos Transportes

TABELA 5.3.144 - SISTEMA RODOVIÁRIO FEDERAL, ESTADUAL E MUNICIPAL NA ÁREA DE INFLUÊNCIA INDIRETA

		RS	
Rodovia		Municípios Interceptados pela Rodovia	Situação (trecho, pista simples/duplicada, pavimentada/não pavimentada, extensão)
Federal	Estadual		
BR-116		DIV SC/RS (RIO PELOTAS) – ENTR BR-285(A) (P/VACARIA)	- do 0,00 km ao 37,60 km - Extensão de 37,60 km - Pista pavimentada
		ENTR BR-285(A) (P/VACARIA) – ENTR BR-285(B) (VACARIA)	- do 37,60 km ao 38,80 km - Extensão de 1,20 km - Pista pavimentada
		ENTR BR-285(B) (VACARIA) – ENTR RS-122 (P/IPE)	- do 38,80 km ao 57,70 km - Extensão de 18,90 km - Pista pavimentada
		ENTR RS-122 (P/IPE) – ENTR RS-437 (CAMPESTRE DA SERRA)	- do 57,70 km ao 79,80 km - Extensão de 22,10 km - Pista pavimentada
BR-285		DIV SC/RS (SERRA DA ROCINHA) – ENTR RS-020 (ENCRUZILHADA DAS ANTAS)	- do 0,00 km ao 3,80 km - Extensão de 3,80 km - Pista planejada
		ENTR RS-020 (ENCRUZILHADA DAS ANTAS) – SÃO JOSÉ DOS AUSENTES	- do 3,80 km ao 15,40 km - Extensão de 11,60 km - Pista planejada
		SÃO JOSÉ DOS AUSENTES – ENTR RS-110 (BOM JESUS)	- do 15,40 km ao 59,70 km - Extensão de 44,30 km - Pista em obra de pavimentação
		ENTR RS-110 (BOM JESUS) – ENTR BR-116(A) (P/VACARIA)	- do 59,70 km ao 117,00 km - Extensão de 57,30 km - Pista pavimentada
		ENTR BR-116(A) (P/VACARIA) – ENTR BR-116(B) (VACARIA)	- do 117,00 km ao 118,20 km - Extensão de 1,20 km - Pista pavimentada
		ENTR BR-116(B) (VACARIA) – ENTR RS-456 (P/ESMERALDA)	- do 118,20 km ao 141,50 km - Extensão de 23,30 km - Pista pavimentada
		ENTR RS-456 (P/ESMERALDA) – ENTR BR-470(A) (BARREIROS)	- do 141,50 km ao 184,10 km - Extensão de 42,60 km - Pista pavimentada
	ENTR BR-470(A) (BARREIROS) – ENTR BR-470(B) (LAGOA VERMELHA)	- do 184,10 km ao 197,20 km - Extensão de 13,10 km - Pista pavimentada	
BR-453	RS-453	ENTR RS-476 (LAJEADO GRANDE) – ENTR RS-110 (VÁRZEA DO CEDRO)	- do 198,90 km ao 221,50 km - Extensão de 22,60 km - Pista pavimentada
		ENTR RS-110 (VÁRZEA DO CEDRO) – ENTR RS-020(A) (P/SÃO FRANCISCO DE PAULA)	- do 221,50 km ao 238,50 km - Extensão de 17,00 km - Pista pavimentada
		ENTR RS-020 – Estação Ecológica de Aratinga	- Extensão de 15 km - Pista pavimentada

RS

Rodovia		Municípios Interceptados pela Rodovia	Situação (trecho, pista simples/duplicada, pavimentada/não pavimentada, extensão)
Federal	Estadual		
BR-470	RS-470	ENTR RS-477 (PONTÃO) – CLEMENTE ARGOLO	- do 36,00 km ao 49,40 km - Extensão de 13,40 km - Pista planejada
		CLEMENTE ARGOLO – ENTR BR-285(A) (LAGOA VERMELHA)	- do 49,40 km ao 78,30 km - Extensão de 28,90 km - Pista planejada
		ENTR BR-285(A) (LAGOA VERMELHA) – ENTR BR-285(B) (BARRETOS)	- do 78,30 km ao 91,40 km - Extensão de 13,10 km - Pista pavimentada
		ENTR BR-285(B) (BARRETOS) – VILA TURVO	- do 91,40 km ao 106,10 km - Extensão de 14,70 km - Pista planejada
RS-020	RS-020	Várzea (Divisa RS/SC ao norte) – São José dos Ausentes	- Extensão de 48 km - Pista em leito natural
		São José dos Ausentes (BR-285) – BR-285	- Extensão de 12 km - Pista em leito natural
		BR-285 – Cambará do Sul	- Extensão de 34 km - Pista implantada
		Cambará do Sul – Parque nacional de Aparados da Serra	- Extensão de 16 km - Pista em pavimentação
		Parque nacional de Aparados da Serra – Tainhas	- Extensão de 17 km - Pista pavimentada
		Tainhas – RS-484	- Extensão de 12 km - Pista pavimentada
		RS-484 – São Francisco de Paula	- Extensão de 22 km - Pista pavimentada
RS-110	RS-110	SC-345 (Divisa RS/SC ao norte) – Bom Jesus	- Pista planejada
		Bom Jesus – RS-476	- Extensão de 33 km - Pista pavimentada
		RS-476 – RS-439	- Extensão de 5 km - Pista em pavimentação
		RS-439 – Várzea do Cedro	- Extensão de 27 km - Pista em pavimentação
		Várzea do Cedro – São Francisco de Paula	- Extensão de 23 km - Pista Implantada
RS-122		BR-116 – Ipê (RS-437)	- Extensão de 39 km - Pista pavimentada
RS-126		Lagoa Vermelha	- Pista pavimentada
RS-429		Parque nacional de Aparados da Serra – Taimbezinho	- Extensão de 11 km - Pista pavimentada
RS-437		Ipê – Campestre da Serra	- Pista Planejada
RS-439		Jaquirana – RS-110	- Extensão de 12 km - Pista em leito natural
RS-455		Ibiraíaras – RS-470	- Extensão de 16 km - Pista implantada
RS-456		Esmeralda – BR-285	- Extensão de 38 km - Pista implantada

RS

Rodovia		Municípios Interceptados pela Rodovia	Situação (trecho, pista simples/duplicada, pavimentada/não pavimentada, extensão)
Federal	Estadual		
	RS-470	Divisa RS/SC (ao norte) – Lagoa Vermelha	- Extensão de 42 km - Pista em pavimentação
	RS-476	RS-110 (Jaquirana) – Lajeado Grande	- Extensão de 26 km - Pista implantada
		Lajeado Grande – RS-466	- Extensão de 28 km - Pista implantada
	RS-484	RS-020 – Barra do Ouro	- Extensão de 27 km - Pista implantada
	RS-486	Tainhas – Est. Ecológica de Aratinga	- Extensão de 15 km - Pista pavimentada

FONTE: Ministério dos Transportes / Banco de Informações e Mapas dos Transportes

A TABELA 5.3.145 e TABELA 5.3.146 e a FIGURA 5.3.98 e FIGURA 5.3.99 mostram a evolução da população da AII dos estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul.

TABELA 5.3.145 - EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO DA AII DE SC

Municípios	1970	1980	1991	1996	2000	2007
Araranguá	26.211	33.679	48.415	55.449	54.706	57.119
Balneário Arroio do Silva	-	-	-	-	6.043	8.089
Balneário Gaivota	-	-	-	-	5.450	7.307
Ermo	-	-	-	-	2.057	1.843
Jacinto Machado	13.689	12.334	11.514	11.039	10.923	10.738
Maracajá	-	-	4.642	-	5.721	5.909
Meleiro	11.306	10.697	9.755	7.009	7.080	6.880
Morro Grande	-	-	-	2.597	2.917	2.727
Passo de Torres	-	-	-	3.667	4.400	5.313
Praia Grande	8.140	7.608	7.579	7.492	7.286	7.120
Santa Rosa do Sul	-	-	7.227	7.742	7.810	7.949
São João do Sul	8.577	7.408	8.985	6.790	6.784	6.916
Sombrio	18.049	17.293	22.253	25.532	22.962	24.424
Timbé do Sul	6.300	5.878	5.705	5.580	5.323	5.133
Turvo	11.159	12.205	12.494	12.778	10.887	11.031
Total:	103.431	107.102	138.569	145.675	160.349	168.498
Total do Santa Catarina:	2.930.411	3.687.652	4.538.248	4.875.244	5.349.580	5 866 252

FONTE: IBGE- Censos demográfico (1970, 1980, 1991, 2000, 2007)

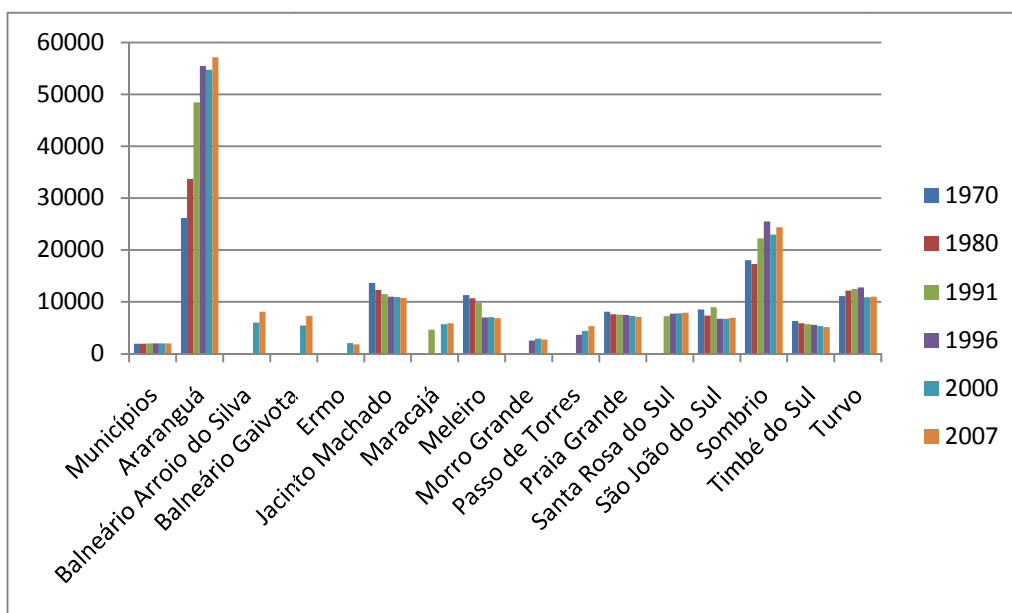


FIGURA 5.3.98 – GRÁFICO: EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO DA AII DO ESTADO DE SANTA CATARINA
 FONTE: TABELA 5.3.145

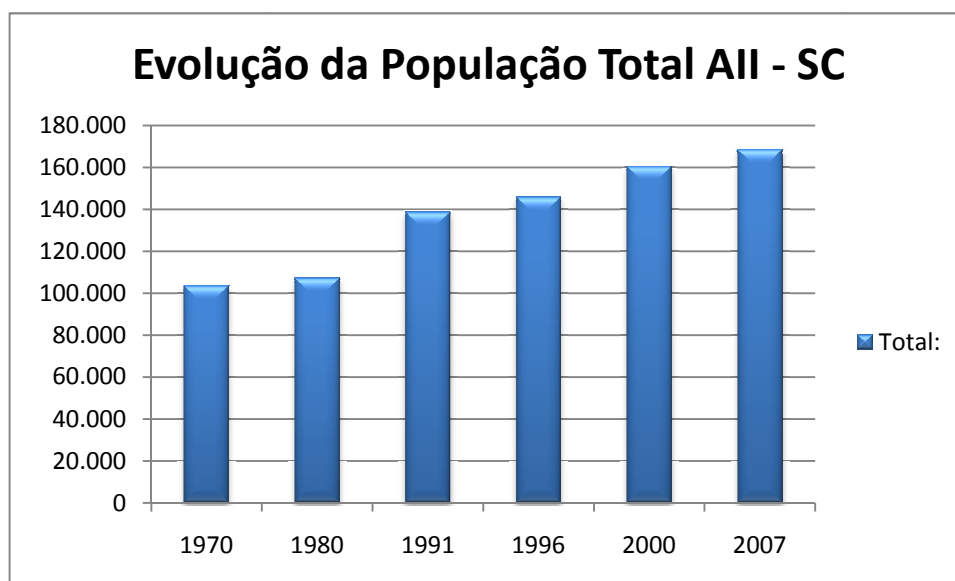


FIGURA 5.3.99 – GRÁFICO: EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO TOTAL DA AII DO ESTADO DE SANTA CATARINA
 FONTE: TABELA 5.3.145

Através das tabelas e dos gráficos acima representados, observou-se que no estado de Santa Catarina, o município de Araranguá foi o que apresentou uma evolução significativa ao longo dos anos de 1970 a 2007. Os demais municípios ora apresentaram aumento, ora redução durante esses períodos. Entretanto, quando se compara o total dos municípios da AII observa-se que se a comparação fosse feita para o ano de 1970 e 2007, isso representaria um crescimento de 62,9%.

Já a TABELA 5.3.146 e a FIGURA 5.3.100 e FIGURA 5.3.101 abaixo, representam a evolução da população por municípios da AII e total para o estado do Rio Grande do Sul.

TABELA 5.3.146 - EVOLUÇÃO TOTAL DA POPULAÇÃO DA AII DE RS

Municípios	1970	1980	1991	1996	2000	2007
Bom Jesus	24.023	16.748	16.190	12.333	12.014	11.843
Cambará do Sul	8.578	6.779	7.092	6.936	6.840	6.959
Campestre da Serra	-	-	-	3.054	3.170	3.205
Capão Bonito do Sul	n/a					1.837
Esmeralda	8.672	6.399	5.800	5.528	5.521	3.234
Ipê	-	-	5.718	5.543	5.456	5.875
Jaquirana	-	-	4.053	4.320	4.814	4.404
Lagoa Vermelha	28.791	28.270	28.733	29.402	29.833	27.434
Monte Alegre dos Campos	-	-	-	-	3.040	3.122
Muitos Capões	-	-	-	-	2.867	2.969
Pinhal da Serra						2.058
São Francisco de Paula	31.805	23.140	19.251	18.631	19.725	21.278
São José dos Ausentes	-	-	-	3.080	3.104	3.180
Vacaria	5.7107	58.563	58.610	58.534	57.341	59.938
Total:	158.976	139.899	145.447	147.361	153.725	157.336
Total do RS:	6.755.458	7.942.722	9.135.479	9.634.688	10.181.749	10.582.840

FONTE: IBGE- Censos demográfico (1970, 1980, 1991, 2000, 2007)

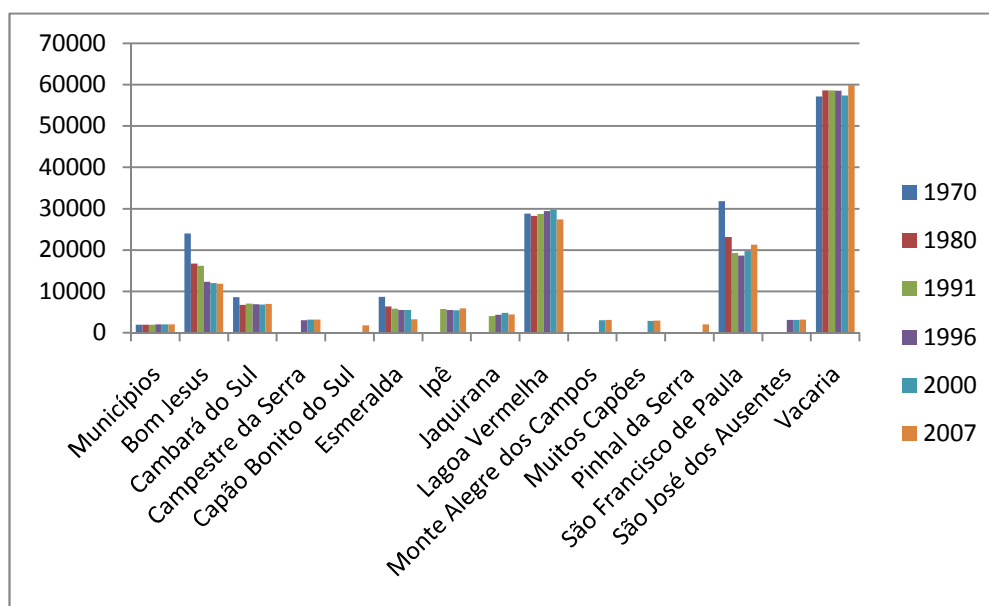


FIGURA 5.3.100 – GRÁFICO: EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO AII – RS
FONTE: TABELA 5.3.146

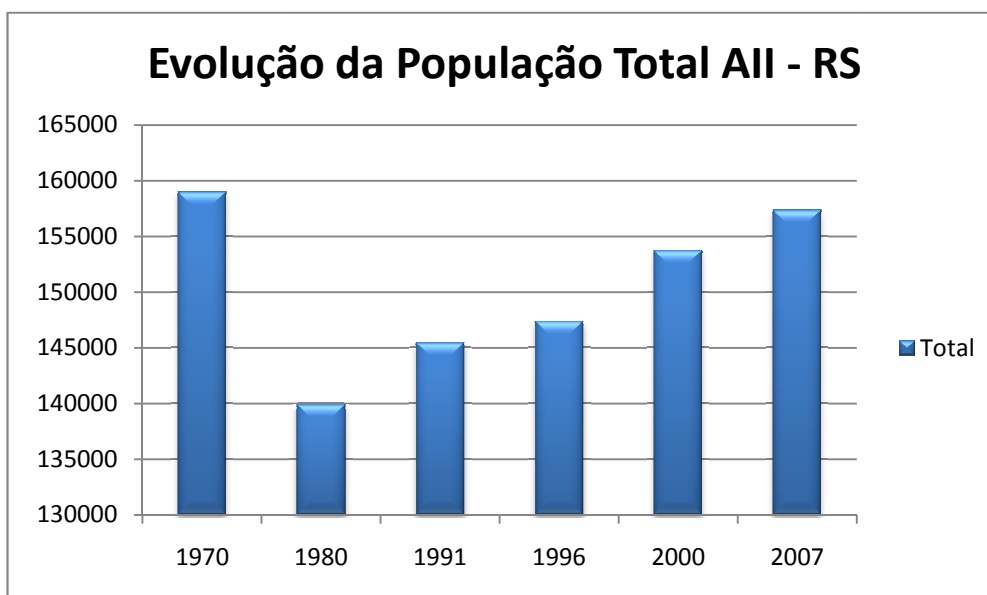


FIGURA 5.3.101 – GRÁFICO: EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO TOTAL DA AII DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
 FONTE: TABELA 5.3.146

Já no estado do Rio Grande do Sul o município de Vacaria foi o que apresentou algum crescimento da população nos períodos estudados. Se, por exemplo, a comparação fosse feita para os anos de 1970 e 2006, isso representaria para o município um acréscimo de menos de 5% (4,72%). Entretanto, quando se compara o total dos municípios da AII, observa-se que houve um decréscimo muito acentuado entre as décadas de setenta e oitenta (13,62%). Após essa data, o que se observa é um aumento na população total da AII até o período de 2006, embora isso não atinja a população total observada no ano de 1970.

As tabelas e figuras a seguir mostram a evolução da população da área de influência direta do meio socioeconômico. A TABELA 5.3.147 e a FIGURA 5.3.102 abaixo apresentam dados da evolução da população de São José dos Ausentes. O que se observa é um crescimento de 6,5% se a comparação fosse feita para o ano de 1993 e 2007.

TABELA 5.3.147 - EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO SÃO JOSÉ DOS AUSENTES

Evolução da população - São José dos Ausentes						
Ano	1970	1980	1991	1993	2000	2007
População				2974	3.104	3180

FONTE: FEÊ-RS

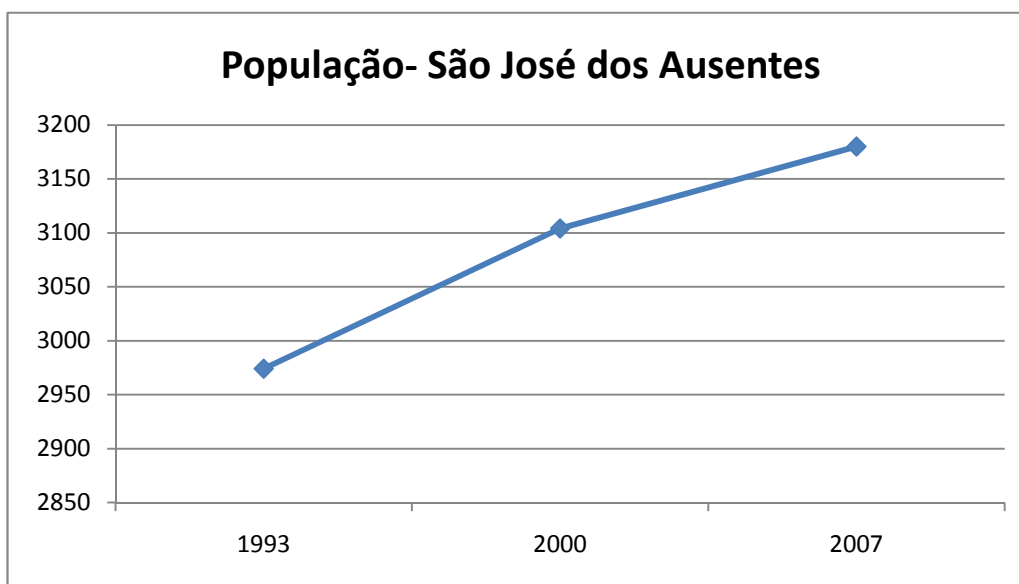


FIGURA 5.3.102 – GRÁFICO: EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES
 FONTE: TABELA 5.3.147

A TABELA 5.3.148 e a FIGURA 5.3.103 mostram a evolução da população do município de Timbé do Sul entre os anos de 1970 a 2007. O que se observa é um decréscimo na população de 18,52% do ano de 1970 e 2007.

TABELA 5.3.148 - EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO DE TIMBÉ DO SUL

Evolução da população - Timbé do Sul- SC						
Ano	1970	1980	1991	1996	2000	2007
População	6.300	5.878	5.705	5.580	5.323	5.133

FONTE: IBGE, Censos Demográficos (1970-2007)

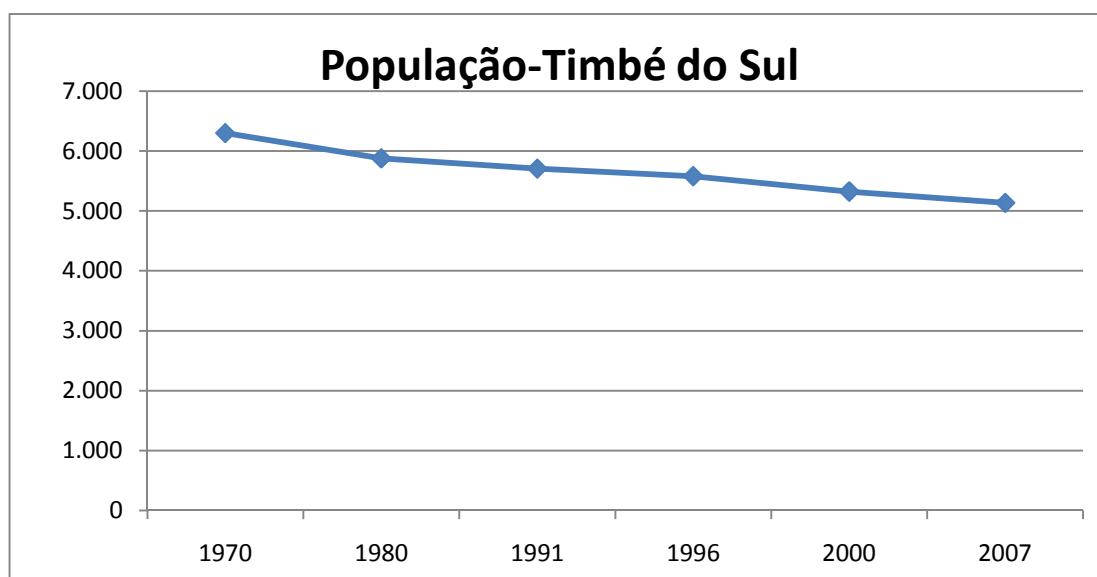


FIGURA 5.3.103 – GRÁFICO: EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES
 FONTE: IBGE, Censos Demográficos (1970-2007)

A FIGURA 5.3.104 mostra uma comparação da evolução da população dos municípios de São José dos Ausentes e Timbé do Sul, mostrando claramente os apontamentos afirmados: decréscimo no município de Timbé do Sul e crescimento no município de São José dos Ausentes.

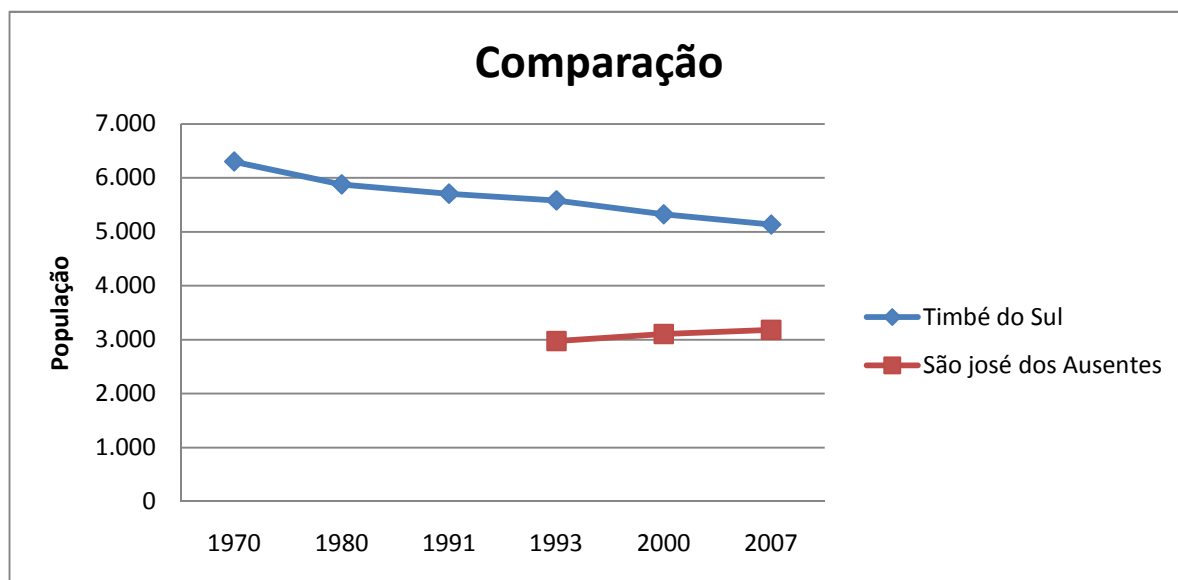


FIGURA 5.3.104 – GRÁFICO: COMPARAÇÃO DA EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES E TIMBÉ DO SUL
 FONTE: IBGE, Censos Demográficos (1970-2007)

5.3.5.3 Uso e ocupação do solo nas Áreas de Influência Indireta e Direta do Meio Socioeconômico

Para atender esse item do Termo de Referência optou-se por elaborar um mapeamento, através de imagens de satélite LANDSAT – TM, com resolução espacial de 15 metros, fusionada – bandas 3, 4 e pancromática, do ano de 2008, associado a levantamentos e aferições de campo. Os mapas aqui gerados foram elaborados através de processamento digital de imagens e interpretação visual.

Para a área de influência indireta foram gerados dois mapas: Uso e Ocupação da Terra na Microrregião de Araranguá e Uso e Ocupação da Terra na Microrregião de Vacaria.

No mapa do Uso e Ocupação da Terra na Microrregião de Araranguá, observa-se que predominam duas áreas a da Floresta Ombrófila Densa, na região da serra, com uma área de 115.924 hectares, correspondendo a um percentual em relação ao total de 39,1

%; e o uso voltado para agricultura, com 80.995 hectares (27,3%). Nessa tipologia de uso se sobressaem os municípios de: São João do Sul, Jacinto Machado, Araranguá e Santa Rosa do Sul. No tocante as lavouras permanentes destaca-se a produção de banana em Jacinto Machado. Nas lavouras temporárias, aparece como principal cultura o milho, nos municípios de: Meleiro, Turvo e Jacinto Machado; todos localizados na porção central dessa área. Essa microrregião também se destaca pela criação de aves principalmente em Timbé do Sul e Turvo, tal atividade pode aparecer também na classe de uso denominada como agricultura, bem como nas classes de agricultura perene, pastagens e campos e uso misto. (FIGURA 5.3.105 – MAPA: USO E OCUPAÇÃO DA TERRA NA MICRORREGIÃO DE ARARANGUÁ – VIDE VOLUME V)

A tabela a seguir quantifica cada uma das classes de uso e ocupação da terra mapeadas.

TABELA 5.3.149 - TIPOS DE USO E OCUPAÇÃO DA TERRA NA ÁREA DE INFLUÊNCIA INDIRETA DE SANTA CATARINA

Tipos de Ocupação e Uso da Terra	Área (hectares)	Percentual da área em relação ao total da AII
Agricultura	80.995	27,3
Agricultura Perene	1.753	0,6
Área Urbanizada	4.585	1,5
Corpos d'Água	6.320	2,1
Faixa de Dunas	7.625	2,6
Floresta Ombrófila Densa	115.924	39,1
Pastagens e Campos	17.014	5,7
Restingas	5.768	1,9
Uso Misto Agricultura- Campos	4.967	1,7
Uso Misto Floresta -Agricultura	34.035	11,5
Uso Misto Floresta -Campos	8.478	2,9
Vegetação de Várzea	9.041	3,1
Total	296.505	100

FONTE: Mapa de Uso e Ocupação do Solo na Microrregião de Araranguá

No mapa do Uso e Ocupação da Terra na Microrregião de Vacaria, observa-se que predominam três classes de uso da terra áreas: as pastagens e campos, com 822.403 hectares (47,64% da área total da AII); a Floresta Ombrófila Mista, com 436.755 hectares (25,30%) e as área onde aparecem as florestas e campos, com 431.810

hectares (25,01%). Nesta região destacam-se as atividades agropecuárias nos municípios de Lagoa Vermelha, São Francisco de Paula e Vacaria. Quanto as lavouras permanentes se sobressai a produção de maça em Vacaria. Nas lavouras temporárias, se destacam o milho e a soja, nos municípios de: Muitos Capões e Vacaria, ambos localizados na porção central dessa área. A criação de aves e de bovinos merece atenção especial nessa microrregião, principalmente nos municípios de Ipê e Vacaria (aves); São Francisco de Paula e Bom Jesus (bovinos). (FIGURA 5.3.106 - MAPA DO USO E OCUPAÇÃO DA TERRA NA MICRORREGIÃO DE VACARIA – VIDE VOLUME V)

A tabela a seguir quantifica cada uma das classes de uso e ocupação da terra mapeadas.

TABELA 5.3.150 - TIPOS DE USO E OCUPAÇÃO DA TERRA NA ÁREA DE INFLUÊNCIA INDIRETA DO RIO GRANDE DO SUL

Tipos de Ocupação e Uso da Terra	Área (hectares)	Percentual da área em relação ao total da All
Agricultura	8.144	0,47
Agricultura Perene	444	0,02
Área Urbanizada	4.059	0,24
Corpos d'Água	986	0,06
Floresta Ombrófila Mista	436.755	25,30
Reflorestamento	19.950	1,16
Pastagens e Campos	822.403	47,64
Uso Misto Floresta -Agricultura	1.680	0,10
Uso Misto Floresta -Campos	431.810	25,01
Total	1.726.239	100

FONTE: Mapa de Uso e Ocupação do Solo na Microrregião de Vacaria

Para a área de influência direta foram gerados dois mapas: Uso e Ocupação da Terra de Timbé do Sul (SC) e Uso e Ocupação da Terra de São José dos Ausentes (RS).

No mapa do Uso e Ocupação da Terra de Timbé do Sul, observa-se que predomina a Floresta Ombrófila Densa, na região da serra, com uma área de 24.784 hectares, correspondendo a um percentual em relação ao total de 74,3 %; em segundo lugar aparece o uso voltado para agropecuária, totalizando 8.502 hectares (25,5%); a área urbanizada é pequena, com 81 hectares, ou seja, representa 0,2% de um total de 33.367 hectares. Os dados de valores adicionados em cada setor de atividade demonstram que em Timbé do Sul o setor mais expressivo é o dos serviços, em segundo

lugar o da agropecuária, com 52%. Nas tipologias de uso que envolve o setor agropecuário, os dados levantados no item 5.3.4 desse, mostram que Timbé do Sul possui 548 estabelecimentos. O cultivo de banana é a lavoura permanente que mais se sobressai, e o arroz se destaca como lavoura temporária. Em relação ao número total de cabeças, Timbé do Sul, possui 1.609.624 cabeças, se destacando na criação de aves. (FIGURA 5.3.108 – MAPA: USO E OCUPAÇÃO DA TERRA DE TIMBÉ DO SUL – VIDE VOLUME V).



FIGURA 5.3.107 – AVIÁRIO EM TIMBÉ DO SUL
 Autor: Everton Passos. 18/12/2009.

A tabela a seguir quantifica cada uma das classes de uso e ocupação da terra mapeadas.

TABELA 5.3.151 - TIPOS DE USO E OCUPAÇÃO DA TERRA NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DIRETA DE SANTA CATARINA

Tipos de Ocupação e Uso da Terra	Área (hectares)	Percentual da área em relação ao total da AID
Agricultura	793	2,4
Área Urbanizada	81	0,2

Tipos de Ocupação e Uso da Terra	Área (hectares)	Percentual da área em relação ao total da AID
Floresta Ombrófila Densa	24.784	74,3
Pastagens e Campos	3.031	9,1
Uso Misto Agricultura- Campos	3.151	9,4
Uso Misto Floresta -Agricultura	1.527	4,6
Total	33.367	100

FONTE: Mapa de Uso e Ocupação do Solo de Timbé do Sul

No mapa do Uso e Ocupação da Terra de São José dos Ausentes, observa-se que predominam as Pastagens e Campos, com uma área de 66.675 hectares, correspondendo a um percentual em relação ao total de 54,06 %; em segundo lugar aparece a Floresta Ombrófila Mista, totalizando 35.018 hectares (29,73%); a área urbanizada é aparece em último lugar, com 99 hectares, ou seja, representa 0,08%, de um total de 117.787 hectares. Os dados de valores adicionados em São José dos Ausentes demonstram que o setor mais expressivo é o da agropecuária, com 66,66%, vindo a seguir o dos serviços, com 29,17%. Nas tipologias de uso que envolve o setor agropecuário, os dados levantados no item 5.3.4 desse, mostram que São José dos Ausentes possui 563 estabelecimentos. O cultivo de maçã é a lavoura permanente que mais se sobressai, e o da batata inglesa se destaca como lavoura temporária. Em relação ao número total de cabeças, São José dos Ausentes, possui 60.648 cabeças, se destacando na criação de aves. (FIGURA 5.3.109 – MAPA: USO E OCUPAÇÃO DA TERRA DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES – VIDE VOLUME V). (FIGURA 5.3.110 e TABELA 5.3.152).



FIGURA 5.3.110 – REFLORESTAMENTO DE PINUS
 AUTOR: Everton Passos. 18/12/2009.

TABELA 5.3.152 - TIPOS DE USO E OCUPAÇÃO DA TERRA NA ÁREA DE INFLUÊNCIA DIRETA DO RIO GRANDE DO SUL

Tipos de Ocupação e Uso da Terra	Área (hectares)	Percentual da área em relação ao total da All
Agricultura	213	0,18
Agricultura Perene	622	0,53
Área Urbanizada	99	0,08
Floresta Ombrófila Mista	35.018	29,73
Pastagens e Campos	63.675	54,06
Reflorestamento	5.984	5,08
Uso Misto Floresta -Campos	12.176	10,34
Total	117.787	

FONTE: Mapa de Uso e Ocupação do Solo de São José dos Ausentes

5.3.5.4 Aspectos do Turismo nas Áreas de Influência Indireta e Direta do Meio Socioeconômico

No que diz respeito ao turismo da área de influência indireta do meio socioeconômico, faz-se importante saber que diversas são as peculiaridades de suas cidades, sendo, agora, analisadas.

A primeira delas, Araranguá (SC), é conhecida como a “Cidade das Avenidas”, uma vez que, decorrente de seu planejamento, o município conta com avenidas largas e com um bom tráfego.

Também, a cidade conta com uma natureza exuberante e com o Morro dos Conventos: um paredão rochoso, lembrando as formas de um convento quando avistado do mar, sendo esse próprio o cartão postal da cidade.

As praias e a biodiversidade da região – contribuição especial do rio Araranguá, o qual atravessa as terras dessa localidade - costumam atrair uma grande quantidade de turistas, tanto brasileiros, quanto estrangeiros.

Ainda, como atração, ocorrem ali a Festa Nossa Senhora Mãe dos Homens (padroeira da cidade), o Quilômetro de Arrancada de Caminhões, o Agostocultural e o Natal-Verão. (GUIA VIRTUAL DE ARARANGUÁ, 2010).

Adentro ao turismo de Balneário Arroio do Silva (SC), pontua-se que esse vem a ser conhecido nacionalmente por contar com a maior orla em extensão do estado e uma das maiores do Brasil.

A cidade acaba por ser conhecida, também, em decorrência do Quilômetro de Arrancada de Caminhões, Fuscas e Motos – principal atração do local -, pelos campeonatos de escultura na areia, maratonas, passeios ciclísticos e pelo Carnarroio, dispondo de uma estrutura adequada ao turismo. (GUIA VIRTUAL DE BALNEÁRIO ARROIO DO SILVA, 2010).

Já o município de Balneário Gaivota (SC) conta com 23 km de litoral, atraindo os turistas especialmente no verão. Suas praias mais famosas são Turimar, Village, Dunas, Areias Claras, Lagoinha e Ouro Verde. Também é possível desfrutar de restaurantes e praticar camping, uma vez que há espaço para tal. (GUIA VIRTUAL DE BALNEÁRIO GAIVOTA, 2010).

No que diz respeito à cidade de Ermo (SC), essa se localiza no roteiro turístico Caminho dos Canyons em Santa Catarina, contando, ali, com a Pista de Santana, a qual recebeu a Copa Sul de Motocross de 2009. (COPA SUL DE MOTOCROSS 2009, 2010).

O município Jacinto Machado (SC) desperta o interesse dos turistas por estar localizado próximo do Parque Aparado da Serra, onde se localiza o maior cânion do Brasil – o Cânion Fortaleza.

Além dessa atração, Jacinto Machado conta com cascatas que formam piscinas naturais e com a Trilha da Pedra (trata-se da antiga estrada dos conventos, ligando esse município à Cambará do Sul), sendo uma muralha natural com 1.000 metros de altura.

Adentrando às peculiaridades turísticas de Maracajá (SC), pode ser dito que esse município conta com o ecoturismo e com um turismo religioso muito forte.

No que tange a sua natureza, o local conta com o Parque Ecológico de Maracajá, o qual fora criado em 1990 para proteger o remanescente da Mata Atlântica da região. Encontra-se no município, também, o Morro da Cruz – ponto de peregrinação, onde ocorre, todos os anos, a procissão da Sexta Feira Santa.

Em Maracajá, ainda, podem ser visitadas a Gruta de Nossa Senhora de Fátima e a Igreja Imaculada Conceição. (PREFEITURA MUNICIPAL DE MARACAJÁ, 2010).

Já em Morro Grande (SC), o turismo ecológico tem uma grande possibilidade de exploração, uma vez que muitas são suas belezas naturais, tais como as Furnas das Três Barras (cavernas escavadas nas montanhas), a Serra do Pilão e o Morro do Realengo, sendo esses dois últimos ideais para a prática de trekking e de rappel. Ainda, ali se encontram as cachoeiras da Queda do Risco e a do Saltinho (ideal para acampamentos e pesca). (PREFEITURA MUNICIPAL DE MORRO GRANDE, 2010).

A próxima cidade a ser analisada, Passo de Torres (SC), oferece ao turismo um vasto litoral, contando com 24 praias, sendo que a maioria delas continuam intocadas. Possui, além de suas praias, a Lagoa da Tapera e Braço Morto e o Rio Mampituba, propícios à pesca.

Passo de Torres possui, também, o Parque Ecológico Espigão do Pirutu, com morros, rios, cachoeiras e uma vasta vegetação. Por fim, a Festa dos Navegantes que ali ocorre é uma grande atração que atrai muitos turistas. (PREFEITURA MUNICIPAL DE PASSO DE TORRES, 2010).

Dispondo de uma considerável reserva florestal, o município de Praia Grande (SC) dispõe de atrativos naturais. O primeiro deles vem a ser sua parte integrante ao

Parque Nacional de Aparados da Serra e Serra Geral. Também, a cidade – conhecida como a Cidade dos Cânions - encontra-se aos pés dos gigantes Cânions de Aparados da Serra e Serra Geral, oferecendo ângulos privilegiados do local e sendo um importante pólo de ecoturismo. (ECOVIAGEM, 2010).

A próxima cidade a ter seu turismo analisado é Santa Rosa do Sul (SC), a qual conta com o turismo como uma nova alternativa de arrecadação. A localidade possui o Parque Municipal Cachoeira da Peroba, no Morro da Peroba, sendo perfeito para o turismo ecológico, contando com trilhas, uma cachoeira e duas piscinas naturais. (PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA ROSA DO SUL, 2010).

Nessa microrregião de Araranguá encontra-se, da mesma forma, São João do Sul. Essa cidade tornou-se um centro turístico quando então da descoberta de um grande lençol subterrâneo de água em seu território, sendo que esse se tornou a única instância de água termal salgada do Brasil, com águas terapêuticas – indicadas para o tratamento de diversos problemas de saúde-, classificadas como uma das melhores do mundo.

Já o município de Sombrio (SC) destaca-se por possuir uma orla litorânea de 23 km de balneários, sendo que a mais procurada pelos turistas vem a ser a Praia das Gaivotas. Outros três atrativos naturais da cidade vêm a ser a Lagoa Sombrio (onde se desenvolvem competições náuticas), as Furnas de Sombrio (cinco furnas localizadas às margens da BR-101) e o Morro da Moça (ligado até meia altura com o Morro da Garuva). (SUL – SC ONLINE, 2010).

Sua festividade que mais atrai turistas é o Arraialfest, o qual fora criado em 1993, com o objetivo de resgatar as tradições e costumes de seus colonizadores.

A próxima cidade a ser analisada, Timbé do Sul (SC), conta com atrativos naturais de relevância ao turismo ecológico, quais sejam: Morro das Antenas (considerado um dos melhores pontos nacionais para a prática de voo livre, abrigando o Festival Nacional de Voo Livre), Rio dos Saltos (com a presença de furnas, quedas d'água e trilhas) e Poço do Caixão (local onde passa o Rio Serra Vermelha, formando uma piscina natural, além ali pousarem asa deltas).

No que tange ao município de Turvo (SC), pode ser dito que o turismo religioso emplaca como uma de suas principais formas, contando com a Capela de Madre Gertrudes, com a Capela de São Peregrino, com a Igreja Nossa Senhora da Oração (Igreja Matriz) e com o Seminário Servos de Maria.

Turvo possui, ainda, festas que acabam por captarem turistas, tais como a Festa do Colono – que acontece a cada dois anos, tendo como principal atração a Arrancada Catarinense de Trator -, o Desfile de Máquinas Agrícolas, a Festa da Emancipação e a Festália – festa típica italiana. (PREFEITURA MUNICIPAL DE TURVO, 2010).

Adentrando à análise do turismo nos municípios situados na microrregião de Vacaria, no Rio Grande do Sul, inicia-se com a cidade de Bom Jesus. A cidade encontra-se na Rota dos Tropeiros, sendo que a própria cultura tropeira encontra-se muito presente, com os corredores de tropeada, os passeios de mula e a confecção de animais em miniatura por artesãos locais. No inverno, a paisagem da região é tomada por geadas e neves, atraindo pessoas ao local. (BOM JESUS – CAMPOS DE CIMA DA SERRA – RIO GRANDE DO SUL – BRASIL, 2010).

Em seguida, passa-se ao estudo do turismo em Cambará do Sul (RS). Esta cidade é a principal porta de entrada para os parques nacionais de Aparados da Serra e da Serra Geral. Em ambos, as principais atrações são os cânions - atingindo 900 metros de altura e com 7 km de extensão -, além de contarem com cachoeiras e parte coberta pela floresta da mata Atlântica.

O município possui ainda, como atrativos turísticos, o Centro Cultural Dr. Santo Bornéo, o Museu Irmã Tarcila Afonso, a Igreja Matriz São José e a árvore cambará, encontrada na praça central de Cambará do Sul. (CAMBARÁ ON-LINE, 2010).

Já Campestre da Serra (RS) marca a passagem de duas paisagens distintas: dos campos e da serra. Também, possui o cultivo de rosas como diferencial e a vista ao valo do Rio das Antas, cortado pela BR 116. (SITERS – MUNICÍPIOS, 2010).

Adiante, Capão Bonito do Sul (RS) sugere que seus turistas conheçam os vestígios de casas subterrâneas de autóctones, com a idade de cerca de 10 mil anos e, também, que visitem um capão de araucária existente nas imediações da cidade. (PORTAL MUNICIPAL, 2010).

Em Esmeralda (RS), seus visitantes podem desfrutar do Museu Público e Histórico de Esmeralda, além de poderem contar com a paisagem da serra gaúcha, tornando possível o desenvolvimento do turismo rural na região.

Adentrando à cidade de Ipê (RS), observa-se que seus atrativos turísticos baseiam-se tanto nos naturais, quanto em suas construções. No que tange a suas belezas naturais, elenca-se o Sítio das Rosas (produzindo cerca de 460 mil botões de rosas por ano), as cachoeiras localizadas na Usina do Saltinho, a Cascata da Rola, o

Passeio do Segredo (com a presença da gruta natural de Nossa Senhora de Lourdes), o Passeio do Lambari (proporciona a visita a três tocas onde viveram índios), além da sua natureza possibilitar a prática de rapel, cascading, jeep aventura e escalada.

Em suas construções, as visitas se concentram nas igrejas de Pompéia, São Pedro, São Vicente, São Miguel, São Luiz Rei (Igreja Matriz), além dos moinhos Candiago e do Susin. (PREFEITURA DE IPÊ – RS, 2010).

A cidade de Jaquirana (RS) abriga cachoeiras, trilhas ecológicas e passeios a cavalo – típicos do turismo rural. Sua principal cachoeira é a dos Venâncios, sendo própria para o banho.

Suas festividades também são parte de suas atrações, sendo as estas as suas principais: Rodeio Crioulo Nacional de Jaquirana, Cavalgada Aparados da Serra e Festa do Gaúcho. (PORTAL MUNICIPAL, 2010).

Agora, vindo a estudar o turismo da cidade de Lagoa Vermelha (RS), pode-se constatar que seus atrativos naturais são em números consideráveis, sendo eles: a cascata do rio Inhandava, a Biquinha (fonte de água natural que nunca secou) e a própria Lagoa Vermelha que, segunda a lenda local, após um conflito entre índios, bandeirantes e padres jesuítas, a lagoa teria ficado vermelha devido à quantidade de sangue ali derramado. Conta, ainda, com o Centro Cultural Lagoanse e a Igreja de Santo Antônio. (A LENDA DA LAGOA VERMELHA, 2010).

No que tange a Monte Alegre dos Campos (RS), a localidade possui, para serem visitados, o Penhasco dos Macacos Brancos (recanto ecológico com áreas verdes, trilhas, queda d'água, penhascos rochosos, grutas e árvores) e o Fervedor – encontro dos rios Refugiado e das Antas (existe no local um poço natural que recebe a água dos dois rios, fazendo com que essa “ferva” devido à força e à profundidade do poço), além de contar com belezas naturais próprias das cidades que se localizam nos campos de cima da serra. (RS VIRTUAL, 2010).

Tendo tudo isso em vista, passa-se, nesse momento, à cidade de Muitos Capões (RS). Pode ser dito que a sua natureza se destaca, com a presença da cascata do Rio Saltinho (maior rio do município, sendo que a Usina do Saltinho revela-se como um patrimônio histórico do lugar) e com a Estação Ecológica do Aracuri (objetivando a preservação dos ecossistemas com Araucárias e a continuidade do Papagaio Charão). (MUITOS CAPÕES - RS, 2010).

No que concerne a Pinhal da Serra (RS), entende-se que seu turismo se baseia em seu potencial natural, com a presença de cascatas, trilhas ecológicas, rios, contando, ainda, com a Usina Hidrelétrica da Barra Grande (ainda em fase de construção) e com a Rota das Araucárias (aspecto cultural decorrente dos tropeiros que ali passaram). (PINHAL DA SERRA, 2010).

Tendo em vista o turismo de São Francisco de Paula (RS), observa-se que a cidade encontra-se na Serra Gaúcha, contando tanto com atrativos de turismo urbano, quanto de turismo rural, sendo que, em seu inverno, as paisagens são tomadas por neve, servindo como mais uma atração turística.

Em seu turismo urbano, há o destaque para a praça Capitão Pedro da Silva Chaves (onde está localizado o padroeiro da cidade, o Santo São Francisco de Paula, feito com material reciclado), a Igreja Matriz, a barragem da CORSAN, monumentos à Cuia e ao Neguinho Pastoreio, o Busto e a Carta – Testamento de Getúlio Vargas, o monumento ao carreteiro, entre outros.

Já no turismo rural, ali se localiza a Floresta Nacional (reserva natural de araucárias e mata atlântica), a Barragem do Salto (represa com grande volume de água, contando com passeios aos turistas), o Passo do Inferno, o Parque das 8 Cachoeiras e das Cascatas, além do belvedere da serra do Umbu e da Pêra. (SÃO FRANCISCO DE PAULA – RS – BRASIL, 2010).

Em São José dos Ausentes (RS), o turismo explora, predominantemente, suas disposições naturais, sendo que, entre os mais importantes pontos, encontram-se a trilha das Cachoeiras, do Cachoeirão dos Rodrigues, do Desnível, do Monte Negro (levando ao cânion e ao pico do Monte Negro – ponto mais alto do estado do Rio Grande do Sul, com 1.403 metros), da Cascata do Perau Branco e o desnível dos rios, onde os rios Divisa e Silveira transportam suas águas juntos, com uma diferença de 18 metros de altura. O município também conta, em seu inverno, com a presença da neve. (GUIA DE TURISMO, 2010).

Finalmente, a última cidade a ter seu turismo descrito é Vacaria. Este local, sendo o segundo pólo produtor de maçãs no país, tem como uma de suas principais atrações as visitas às plantações da fruta, mas possui, ainda, diversas outros pontos em destaque, tais como: a Catedral Nossa Senhora da Oliveira (considerada como sendo o símbolo do município), o Museu Público Nacional, o Parque das Cachoeiras, o rio Pelotas, o cânion

dos Encantados, o vale da Capitulina e o Oratório Santo Antônio. (TURISMO E CULTURA, 2010).

As fotos a seguir mostram alguns pontos turísticos da AID.



FIGURA 5.3.111 – FOTO: POUSADA VALE DAS TRUTAS – SÃO JOSÉ DOS AUSENTES
AUTOR: Everton Passos. 18/12/2009.



FIGURA 5.3.112 – FOTO: SÍTIO DE LAZER NAS MARGENS DA BR-285 – SÃO JOSÉ DOS AUSENTES
AUTOR: Everton Passos. 18/12/2009.



FIGURA 5.3.113 – FOTO: POSTO DE CONTROLE AMBIENTAL NA MARGEM DA BR-285 – TIMBÉ DO SUL
AUTOR: Everton Passos. 18/12/2009.



FIGURA 5.3.114 – FOTO: VISTA PANORÂMICA – TIMBÉ DO SUL
AUTOR: Everton Passos. 18/12/2009.

ROTA DOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA

Tendo sido estudados os principais aspectos do turismo das citadas cidades do Rio Grande do Sul, passa-se, nesse momento, à análise da chamada Rota dos Campos de Cima da Serra.

Inicialmente, pontua-se que tal rota localiza-se no nordeste gaúcho – parte mais alta do estado - e está delimitada por nove municípios, quais sejam: Bom Jesus, Cambará do Sul, Esmeralda, Jaquirana, Monte Alegre dos Campos, Muitos Capões, São Francisco de Paula, São José dos Ausentes e Vacaria. (FIGURA 5.3.115 – CARTOGRAMA DA ROTA DOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA)

Serra Gaúcha - Rio Grande do Sul - Brasil



MAPA SEM ESCALA
DISTÂNCIAS APROXIMADAS

FONTE:
www.rotacamposdecimadaserra.com.br

DNIT



FIGURA 5.3.115 - CROQUI DA ROTA DOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA

A Rota dos Campos de Cima da Serra, em seu aspecto turístico, é marcada pela própria cultura gaúcha e pela sua natureza peculiar, contando, também, com a presença do traçado dos tropeiros.



FIGURA 5.3.116 – FOTO: ROTA DOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA
AUTOR: Everton Passos. 18/12/2009.

No que concerne ao aspecto cultural, o local guarda fortes traços da comida típica gaúcha, pelo fogo de chão e pelo misticismo que envolve toda a rota do chimarrão. Pode-se perceber a unicidade da cultura e tradição gaúcha quando então se visita essa localidade.

Adentrando à natureza do local, ali se localizam os Cânions Itaimbezinho, Fortaleza, Josafá e Churriado; o Vale Xokleng; o Rio Camisas; o Lago São Bernardo; a Cascata do Perau Branco, a Cachoeira dos Venâncios, a Cachoeira Princesa dos Campos e os Cachoeirões do Rio Cerquinha; o Balneário Barra do Moraes; o Penhasco dos Macacos Brancos; o Morro Agudo; o Vale da Capitulina; o Fervedor; a Reserva Ecológica de Aracuri; o Lajeado das Margaridas e o Pico do Monte Negro.

Finalmente, além dos traços culturais e naturais, a região abriga, ainda, outras atrações aos turistas, tais como: os Parques de Rodeios Alfredo José dos Santos, o dos Aparados da Serra, o da Serra Geral, o das 8 Cachoeiras e o das Cascatas; o Sítio

Arqueológico dos índios Kaingang; os Santuário do Bom Jesus e da Nossa Senhora Oliveira; a Catedral de Pedra; o Memorial José Mendes; o Espaço Cultural Ney Azambuja; a Usina do Saltinho; os Monumentos à Cuia, ao Negrinho do Pastoreio a ao Carreteiro.

Dessa forma apresentado, pode ser entendido que o turismo nesse local vem a ser um fator importante para toda sua economia e desenvolvimento. (ROTA CAMPOS DE CIMA DA SERRA, 2010).

Quanto aos vetores de crescimento regional destacam-se os municípios de Araranguá e Vacaria pois possuem os maiores percentuais da All em relação ao Produto Interno Bruto, com 34,42% e 42,47%, respectivamente. Também são os primeiros colocados da All em relação ao Valor adicionado na Agropecuária, na Indústria e nos Serviços: Araranguá com 15,21%, 26,58% e 40,83%, respectivamente e Vacaria com 23,03% na Agropecuária, 37,80% na Indústria e 43,88% nos serviços. No tocante às atividades agropecuárias, os dados obtidos no Censo Agropecuário, realizado em 2006, pelo IBGE, mostram que os municípios da All de Santa Catarina que se destacam são: Jacinto Machado e Santa Rosa do Sul, com 14.500 e 6.412 toneladas de lavoura permanente, respectivamente.

No Rio Grande do Sul o grande destaque é Vacaria com 181.236 toneladas e Bom Jesus, com 75.368 toneladas. Quanto às lavouras temporárias os municípios que se destacam são: Meleiro e Turvo, ambos situados em Santa Catarina, com uma produção de 79.659 e 77.778 toneladas, respectivamente. No estado do Rio Grande do Sul os dois municípios da All de maior produção de lavouras temporárias são Muitos Capões, com 296.564 toneladas e Vacaria, com 197.272 toneladas. Turvo e Timbé do Sul são expressivos na All de Santa Catarina quanto ao rebanho, com um total de 1.971.260 e 1.609.624 cabeças, respectivamente. No Rio Grande do Sul, aparecem Ipê com 591.507 cabeças e Vacaria, com 276.500 cabeças.

Em relação ao Fundo de Participação dos Municípios, Araranguá em relação a All de Santa Catarina, possui um percentual de 19,03% e Vacaria 25,46%, em relação a All do Rio Grande do Sul. A Receita Orçamentária de Araranguá também é a maior da All de Santa Catarina, com 28,43% e de Vacaria a maior da All do Rio Grande do Sul, com 34,45%. Ambos os municípios se destacam quanto a estrutura empresarial, Araranguá com 3.201, gerando 13.201 empregos e Vacaria com 3.001 empresas, com 14.900 empregos.

Os dois municípios de maior destaque na All são Araranguá e Vacaria, porém o maior pólo regional da All é Vacaria por se destacar em todos os setores.

Cabe aqui ressaltar que o turismo poderá ser impulsionado com a implantação e pavimentação da BR-285, no trecho entre Timbé do Sul e São José dos Ausentes, visto que tal região possui uma belas paisagens naturais, contrastando entre duas unidades da paisagem a Serra e o Planalto, onde já está sedimentado um turismo rural através da Rota dos Campos de Cima da Serra que está delimitada por nove municípios: Bom Jesus, Cambará do Sul, Esmeralda, Jaquirana, Monte Alegre dos Campos, Muitos Capões, São Francisco de Paula, São José dos Ausentes e Vacaria, também está incluído aí o Caminho dos Tropeiros.

O trecho aqui estudado da BR-285 facilitará não só o deslocamento de turistas de Santa Catarina para o Rio Grande do Sul e vice-versa, mas também poderá propiciar o desenvolvimento de mais rotas, suscitando não só a construção de hotéis, mas a geração de empregos e todos os serviços advindos de tal atividade. Além disso, poderá vir a facilitar o escoamento da produção regional.

A BR-285 é um importante eixo de ligação entre a planície costeira de Santa Catarina, através de sua conexão com a BR-101, passando por uma região de planalto: Ermo e Turvo até chegar a Timbé do Sul, a partir daí encontra a unidade de paisagem da serra, onde é interrompida em sua ligação com o noroeste do Rio Grande do Sul, mais precisamente até São José dos Ausentes. Acredita-se que a sua pavimentação e implantação se constituem no “fechamento” de uma importante rede de ligação, não só para os municípios do Rio Grande do Sul, desde a fronteira com a Argentina, mas também de Santa Catarina. Assim poderá gerar algumas alterações na paisagem, através de áreas que poderão vir a serem desmatadas.

Foram identificados três principais vetores de desmatamento: o primeiro vetor é aquele onde se implantarão as obras de pavimentação e implantação da BR-285 (mapeadas e analisadas nos itens 2.1.4 e 2.2). O segundo vetor é aquele decorrente das atividades econômicas, principalmente a turística; poderá ocorrer um aumento de instalações ligadas às atividades turísticas, principalmente as do turismo rural. O terceiro vetor de desmatamento é o decorrente das atividades agropecuárias, onde poderá ocorrer um aumento na circulação de veículos, não só de passeio, mas também no transporte de cargas, tal vetor poderá propiciar a implantação de serviços de apoio, tais como: postos de abastecimento de combustível, vendas, hotéis, entre outros.

A estrutura fundiária está descrita e analisada no item 5.3.6 desse estudo de impacto ambiental. Ressalta-se que na área não existem projetos de assentamentos rurais.

Quanto a exploração mineral, está contemplado no item 5.1.3, referente a Geologia.

Optou-se por um questionário para completar e elucidar alguns itens desse Termo de Referência (5.3.2, 5.3.4 e 5.3.5), bem como obter uma melhor compreensão e caracterização das pessoas que serão afetadas pelo empreendimento. Os resultados do questionário foram inseridos em um item à parte, “5.3.10 – Pesquisa de Campo - Enquete sobre a pavimentação e implantação da BR-285”.

As abordagens referentes às expectativas da comunidade em relação ao empreendimento foram identificadas no questionário, com os seguintes questionamentos: importância da construção e pavimentação da estrada, benefícios que a construção e pavimentação da estrada traria para a região. Uma outra questão foi quanto ao traçado alternativo para o trecho entre São José dos Ausentes até a fronteira RS/SC. Foram apresentados três traçados aos entrevistados onde eles teriam que optar por um dos três traçados ou marcar a alternativa indiferente.

5.3.6 Reassentamento e Desapropriação

O presente item foi elaborado a partir das informações existentes nos projetos dos lotes 1 e 2 da BR-285, realizados respectivamente pelas empresas ENECON S.A., em setembro de 2000 e IGUATEMI – Consultoria e Serviços de Engenharia Ltda., em março de 2006; bem como aferições de campo.

Como todas as áreas a serem desapropriadas competem aos proprietários, e não invasores ou posseiros, o tratamento é exclusivamente de projeto de desapropriação, não havendo, portanto, necessidade de reassentamento.

Desta forma, o projeto de desapropriação consiste, em linhas gerais, em garantir uma compensação adequada para aqueles que terão parte de suas terras desapropriadas face ao interesse público. A realização se dará na forma de indenizações pelas terras e benfeitorias existentes.

a) Levantamento Cadastral

Para cada propriedade as empresas consultoras elaboraram plantas cadastrais das áreas de desapropriação nas quais foram identificados os proprietários, sua localização, tamanho dos terrenos e das benfeitorias (quando existentes) e a avaliação monetária. Essas informações constam na TABELA 5.3.153 e na TABELA 5.3.154 respectivamente para o lotes 1 e 2.

Segundo informações fornecidas pela Prefeitura de São José dos Ausentes, os proprietários das áreas pertencentes ao Lote 1 aceitaram ceder suas terras em benefício da União por meio de Termo Cessão, sem portanto, obrigatoriedade de indenização e consequentemente as áreas não foram valoradas.

TABELA 5.3.153 - ÁREAS A SEREM DESAPROPRIADAS NO LOTE 1

Área	PROPRIETÁRIO	LOCALIZAÇÃO (km + m)			ÁREA DO TERRENO (M ²)
		INÍCIO	FINAL	LADO	
01	Madeira Perimetral	45+841,28	46+385,85	D/E	37.919,28
02	Rogério Vieira	46+385,85	47+511,54	D/E	78.340,24
03	Antônio Cardoso Bandeira	47+511,54	48+504,29	D/E	46.144,20
04	Nadir Rovaris	47+990,18	48+556,43	D/E	26.143,40
05	Antônio Cardoso Bandeira	48+882,20	49+105,65	D	3.411,68
06	Juarez Esmeraldino Farias	48+556,43	49+657,00	D/E	75.908,64
07	Juarez Esmeraldino Farias	49+662,00	50+500,00	D/E	59.100,79
08	Antônio Cardoso Bandeira	50+500,00	54+176,55	D/E	255.300,84

FONTE: Empresa ENECON S.A.

TABELA 5.3.154 - ÁREAS A SEREM DESAPROPRIADAS NO LOTE 2

Área	PROPRIETÁRIO	Localização (km + m)			ÁREA DO TERRENO (m ²)	ÁREA DE BENFEITORIAS (m ²)	ÁREA TOTAL (m ²)	Valor Estimado (R\$)
		Início	Final	Lado				
01	Valmor Arcaro	km 33+800 m	km 33+953 m	D/E	714,03		714,03	R\$ 17.850,75
02	Luiz Daniel	km 33+953 m	km 34+217 m	D/E	7.933,15		7.933,15	R\$ 198.328,75
03	Valmir Pizoni	km 34+217 m	km 34+369 m	D/E	4.556,11		4.556,11	R\$ 113.902,75
04	Herdeiros de Afonso Savi	km 34+369 m	km 34+758 m	D/E	11.671,33		11.671,33	R\$ 291.783,25
05	Alberto Búrigo	km 34+758 m	km 34+846 m	D/E	2.616,69		2.616,69	R\$ 65.417,25
06	Artur Piazzoli	km 34+846 m	km 35+254 m	D/E	12.262,86		12.262,86	R\$ 306.571,50
07	Tido Romão e Celito Romão	km 35+254 m	km 36+348 m	D/E	32.788,30		32.788,30	R\$ 819.707,50
08	Gilnei Pizzolo	km 36+347 m	km 36+457 m	D/E	3.303,99		3.303,99	R\$ 82.599,75
09	Miguel Nápoli e Sandro Nápoli	km 36+457 m	km 36+663 m	D/E	6.172,94		6.172,94	R\$ 154.323,50
10	Donaldo Stanlher	km 36+664 m	km 36+846 m	D/E	5.487,55		5.487,55	R\$ 137.188,75
11	Armando Nápoli	km 36+842 m	km 37+040 m	D/E	5.812,54		5.812,54	R\$ 145.313,50
12	Luiz Nápoli	km 37+040 m	km 37+275 m	D/E	7.057,06		7.057,06	R\$ 176.426,50
13	Sebastião Vieira	km 37+275 m	km 37+446 m	D/E	5.724,51		5.724,51	R\$ 143.112,75
14	Abel Dalpoint	km 37+466 m	km 37+540 m	D/E	2.087,99		2.087,99	R\$ 52.199,75
15	Riziere Scussel	km 37+540 m	km 37+774 m	D/E	6.659,62		6.659,62	R\$ 166.490,50
16	Leufinir Scussel	km 37+694 m		D/E	422,26	52,36	474,62	R\$ 34.860,50
17	Francisco de Assis Machado	km 37+880 m	km 37+920,75 m	D/E	145,84	48,26	194,10	R\$ 20.172,00

FONTE: Volume 3.A – Projeto de Desapropriação (Elaborado pela Iguatemi – Consultoria e Serviços de Engenharia Ltda.)

A FIGURA 5.3.117 (VIDE VOLUME V) e FIGURA 5.3.118 (VIDE VOLUME V) a seguir ilustram as localizações das áreas de desapropriação para os lotes 1 e 2 da BR-285.

b) Reserva Legal

No que diz respeito a Reserva Legal, no Lote 1 (localizado no Rio Grande do Sul) foram observados fragmentos em forma de pequenos capões da Floresta Ombrófila Mista ao longo da rodovia. Em geral, o trecho possui segmentos antropizados pela atividade agropecuária (servindo de abrigo para rebanhos), o que pode ser observado pela FIGURA 5.3.119.



FIGURA 5.3.119 - FOTO ABRIGO PARA REBANHOS

Além disso, observa-se a ocorrência de áreas de brejos (pequenos pântanos circulares) e a interseção com pequenas planícies de inundação que contemplam as áreas de várzea encharcada e matas ciliares, ilustrados na FIGURA 5.3.120.



FIGURA 5.3.120 - FOTO: PÂNTANO CIRCULAR

Para o Lote 2 (localizado em Santa Catarina), por tratar-se de áreas a serem desapropriadas em meio urbano (FIGURA 5.3.121) não há que se referir a reservas legais.

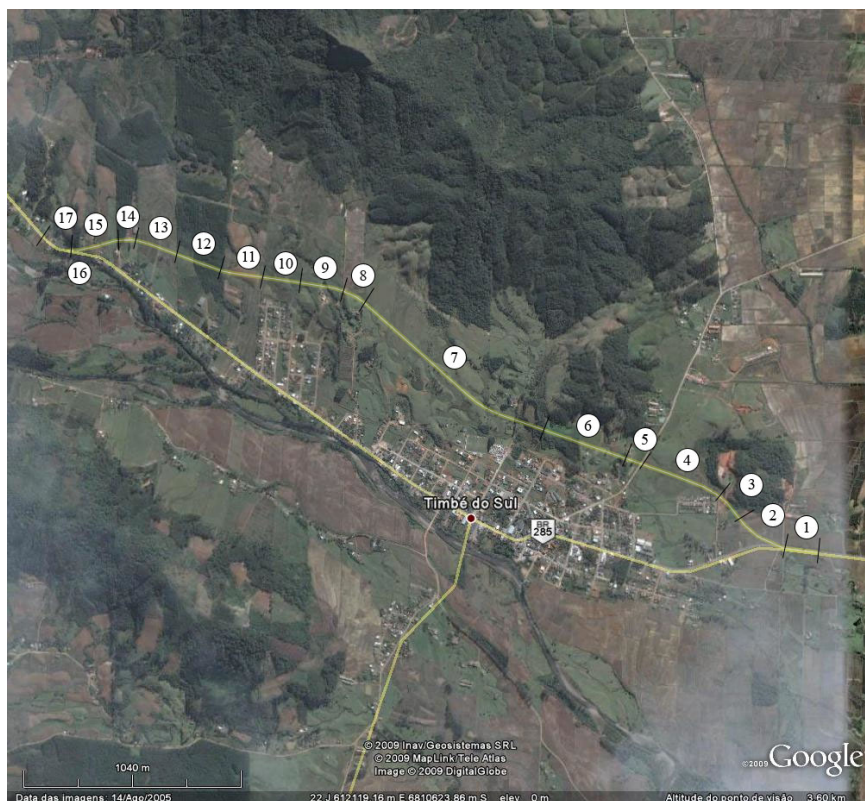


FIGURA 5.3.121 - LOCALIZAÇÕES DAS ÁREAS DE DESAPROPRIAÇÃO NO MEIO URBANO DE TIMBÉ DO SUL, SC

FONTE: Volume 3.A – Projeto de Desapropriação (Elaborado pela Iguatemi – Consultoria e Serviços de Engenharia Ltda.) (Base Cartográfica Google Earth Pro 2)

5.3.7 Caracterização das Comunidades Tradicionais e Quilombolas

Em levantamento de informações e verificações de campo, entre São José dos Ausentes/RS e Timbé do Sul/SC, atendendo ao disposto no Termo de Referência elaborado pelo IBAMA, ao analisar-se as áreas de influência direta e indireta definidas no presente estudo, quando se trata da existência ou não de comunidades quilombolas constata-se a não existência dessas comunidades.

5.3.8 Caracterização das Comunidades Indígenas

Em levantamentos realizados junto a FUNAI constata-se a não existência de grupos indígenas instalados na área de influência do empreendimento.

5.3.9 Patrimônio Histórico, Cultural e Arqueológico

5.3.9.1 Evolução dos Estudos Arqueológicos no Brasil

A pesquisa arqueológica no Brasil possui uma tradição bastante recente, remontando à segunda metade do século XX, quando aportam no País equipes internacionais.

A primeira equipe foi uma missão franco-brasileira, que atuou no estado do Paraná em parceria com a Universidade Federal do Paraná, coordenada pela Professora Annete Laming-Emperaire. A segunda, foi o casal americano Betty Meggers e Clifford Evans que, a partir de convênios com instituições brasileiras, implementou o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA).

As Missões Franco-Brasileiras chegam ao país no começo dos anos de 1960, em razão da amizade entre Paul Rivet (diretor do Musée de l'Homme de Paris) e Paulo Duarte, da Universidade de São Paulo. Como consequência foi criado o Instituto de Pré-História da USP – IPH e possibilitada a vinda ao Brasil de José Emperaire, que treinou os primeiros técnicos do IPH e os arqueólogos do Paraná. Este pesquisador iniciou

escavações estratigráficas em sambaquis, na baía de Paranaguá/PR, trazendo métodos como a coleta de grãos de pólen e de diatomáceas.

Os representantes da escola francesa e seus membros trouxeram para o Brasil uma preocupação bastante acentuada quanto aos métodos, introduzindo a escavação por estratigrafia natural, a metodologia de estudo das indústrias líticas e a análise da arte rupestre.

Atualmente, a herança destes pesquisadores franceses se faz presente através do setor de arqueologia do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais, coordenado por André Prous, e pela Fundação do Homem Americano em São Raimundo Nonato-Piauí, coordenado por Niéde Guldon, sendo que ambos têm treinado uma grande quantidade de pesquisadores em suas equipes, tanto em nível de graduação como de pós-graduação.

O Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas - PRONAPA – surgiu dos convites realizados pelo Professor José Loureiro Fernandes, então diretor do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Paraná (CEPA/UFPR), no ano de 1954, ao casal Clifford Evans e Betty Meggers para que realizassem um curso de treinamento para arqueólogos brasileiros. Dez anos mais tarde, em outubro de 1964, após muitas negativas e dificuldades, ocorreu um grande seminário ministrado pelo casal americano.

Formalizava-se, a partir daí, o PRONAPA. O seu objetivo foi o de resgatar e criar um conhecimento básico sobre a realidade arqueológica brasileira. Sua fundamentação teórica foi o modelo histórico-cultural em voga na escola norte-americana, alicerçado, basicamente, em coletas superficiais e de cones estratigráficos, criando um primeiro modelo sobre conhecimento pré-colonial brasileiro.

Naquele momento, não se dispunha de dados, ou mesmo de modelos que orientassem o trabalho. O programa, desta forma, representou um salto qualitativo, pois, em cinco anos possibilitou um acentuado volume de sítios conhecidos e um esquema para a periodização e a organização das sociedades pré-coloniais, representado pelo modelo Tradição e Fase, tanto que Barreto (1999-2000, p. 45) afirma: Apesar de muitos arqueólogos questionarem o seu uso, a maior parte dos resultados de pesquisas em nível regional foi e continua sendo organizada em "fases" e "tradições" arqueológicas".

Embora bastante criticado, este modelo continua sendo utilizado, muitas vezes com outras roupagens que, ao invés de superar os limites da proposta histórico-cultural

trazida pelo PRONAPA, reforçam-na com novas terminologias pretensamente embasadas em uma reflexão teórica e, ainda que os modelos teóricos sejam passageiros, os dados produzidos permanecem e não podem ser descartados em nome da teoria, ate porque os sítios arqueológicos constituem-se em uma fonte de informações não-renováveis.

O principal resultado deste programa foi o de criar um esboço geral, ainda que introdutório, sobre a diversidade cultural brasileira pré-colonial, além de marcar o inicio de várias equipes de Arqueologia nas universidades brasileiras. Valemo-nos das palavras de Dias:

A implantação do Programa representou um salto quantitativo e qualitativo para a arqueologia brasileira. Sua implementação possibilitou que em apenas cinco anos fossem levantados e prospectados mais de 7500 novos sítios arqueológicos, enquadrados em um modelo cronológico e espacial de que carecia a pré-história brasileira. A partir das pesquisas do PRONAPA, em um curto período de tempo, pode-se perceber a amplitude, a antiguidade e a complexidade da ocupação humana no Brasil anterior a presença européia. (Dias, 1995, p. 35)

5.3.9.2 A ocupação do Planalto Sulbrasileiro

A cobertura atual da Floresta Ombrófila Mista alcança apenas 20.000 km² contra 175.000 km² da cobertura original, o que equivale a pouco mais de 11%. Essa devastação se deu em razão da derrubada da araucária para dar lugar à agricultura e aos campos de pastagens a partir da colonização do planalto sulbrasileiro por imigrantes europeus, na segunda metade do século XIX. Além de sua madeira ter sido intensamente exportada em meados do século XX.

Alem das matas com araucária, o planalto é recoberto por formações não-florestais denominadas de savanas. As savanas apresentam na região sul, três formações: Savana Arbórea Aberta, Savana-Parque e Savana Gramíneo-Lenhosa.

A Savana Arbórea Aberta encontra-se principalmente nos terrenos aplainados de origem arenítica, caracterizando-se como formações típicas de Savana (Cerrado), apresentando um extrato arbóreo-arbustivo esparso (Leite & Klein, 1990, p. 133). Essa formação vegetal tem sido substituída pelo avanço da agricultura.

A Savana Parque apresenta uma uniformidade florística e fisionômica em que predominam dois estratos: um arbóreo-arbustivo esparso e outro rasteiro. Foram

identificadas duas formações características: A primeira situa-se em terrenos ondulados localizados em cotas altimétricas superiores a 1.000m; A outra formação característica da Savana Parque esta no Planalto Sul-Rio-Grandense. A topografia do relevo é fortemente ondulada e até montanhosa (Leite & Klein, 1990, p. 134).

A fisionomia do planalto, portanto, caracteriza-se principalmente pela ocorrência de matas com araucária, dominando especialmente as encostas e bordas dos cursos d'água e pela ocorrência de campo, dominando as porções mais altas e planas.

Finalmente, nos ambientes onde houve retirada da cobertura vegetal original, percebe-se outra variedade de espécies, na qual predomina a bracaatinga (*Mimosa scabrella*), a canela-guaicá (*Ocotea puberula*), o vassourão-branco (*Piptocarpha angustifolia*), o angico-branco (*Anadenanthera colubina*), o vassourão-preto (*Vernonia discolor*), o café-do-mato (*Casearia sylvestris*), as vassouras (*Baccharis spp*) e a samambaia-das-taperas (*Pteridium aquilinum*) (Leite & Klein, 1990).

Além dos recursos vegetais, essas populações contavam, ainda com a fauna (mamíferos, aves, peixes, répteis, anfíbios, insetos e larvas) como recurso disponível para subsistência.

No Município de Vacaria, Planalto do Rio Grande do Sul, e São José dos Ausentes, a fauna foi identificada em ao menos seis comunidades diferentes: a floresta com araucária, as áreas de mata ciliar, os campos abertos e macegas, os rios, os lagos e banhados e as áreas alteradas pela sociedade moderna (antropizadas).

O ponto de partida dos trabalhos realizado permitiu a identificação de ao menos 5 tipos de sítios bem claros, a saber: as casas subterrâneas, os sítios superficiais litocerâmicos, os montículos, os abrigos com sepultamentos e as áreas entaipadas.

Os sítios arqueológicos são nossas unidades mínimas de análise. É a partir deles que construímos o conhecimento sobre as populações pré-coloniais.

O conceito de Padrão de Assentamento foi amplamente discutido e utilizado na literatura arqueológica e partir dos trabalhos de Gordon Willey (1953) no Vale do Virú, no Peru. Desde então tem sido discutido por vários autores, levando ao desenvolvimento de múltiplas definições que acabam por conferir diferentes conotações.

Para Alcina Franch (1989) o estudo dos padrões de assentamento deve ser percebido como um método que está ligado tanto a Ecologia Cultural quanto ao Funcionalismo. A partir da Ecologia Cultural procura, entender a distribuição dos assentamentos e suas mutuas relações no que se refere a subsistência, tecnologia e

meio ambiente. Para o Funcionalismo, o estudo busca entender a distribuição espacial dos artefatos dentro dos sítios arqueológicos e daí realizar inferências sobre organização social, política e religiosa do grupo humano que ocupou aquele sítio.

Outro aspecto importante quanto à caracterização de um assentamento é o fato de que o sítio arqueológico pode conter mais de um componente. Isso é fruto da sucessão de ocupações em um determinado espaço, quer por sociedades diferentes quer pelas modificações que uma sociedade pode apresentar no seu padrão de assentamento, fruto das alterações no seu modo de vida.

A compreensão das diferentes formas de assentamento em uma determinada área permite vislumbrar as articulações que se estabelecem entre os mesmos. Dessa forma, esta perspectiva não fica restrita à idéia de um sítio isoladamente, mas procura entender de que forma os vários tipos de sítios estão articulados, fazendo parte de um todo, constituindo, portanto, um sistema de assentamento.

Trabalhar com um modelo de sistema de assentamento para as populações ceramistas implica em reavaliar as evidências arqueológicas, procurando elementos de uma integração entre os diferentes assentamentos; mas não apenas isso implica que tenhamos claro que esse sistema faz parte de um sistema cultural que transcende às formas de assentamento e integra as diferentes esferas da cultura.

A intenção é de fornecer uma visão sistêmica com os dados disponíveis para o planalto sulbrasileiro. Entende-se por visão sistêmica a articulação que ocorreu entre os diferentes tipos de assentamentos.

Evidentemente a sistematização proposta é nada mais do que a construção de um modelo decorrente dos dados disponíveis, e enquanto modelo, não pode se propor definitiva, mas sim tão fiel quanto os dados o permitam.

Assim, a compreensão dos sítios arqueológicos como parte de um sistema de assentamento implica que sejam entendidos como parte de uma dinâmica que pode ser considerada tanto sincrônica como diacrônica. A consideração sincrônica percebe os diferentes sítios como respostas adaptativas de uma cultura em função das necessidades que se impõe, criando múltiplos tipos de assentamento. A consideração diacrônica refere-se às modificações que esses assentamentos apresentam no tempo através das alterações dos padrões de implantação dos sítios, que podem estar refletindo novas formas de adaptação cultural.

Assim, a compreensão dos diferentes padrões de assentamento define uma seqüência e, mais ainda, a compreensão de como esses diferentes padrões se relacionam, definindo um sistema de assentamentos e, por isso, que busca-se entender a relação dos diferentes padrões. Por ora, procura-se resgatar os dados básicos produzidos pelos projetos já desenvolvidos, tanto os mais antigos, do final dos anos de 1960 e nas décadas de 1970 e 1980, e dos últimos 10 anos.

A visão desses diferentes projetos, concebidos em consonância aos modelos teórico-metodológicos vigentes em suas épocas, proporciona uma nova perspectiva da ocupação do planalto sulbrasileiro.

A compreensão dos dados disponíveis é fundamental para delimitação do problema que se procura solucionar. Compreender a ocupação do planalto sulbrasileiro sem olhar os sítios propriamente ditos dificultaria a percepção do conjunto de informações disponíveis, bem como os seus limites.

A sistematização é feita a partir dos projetos desenvolvidos no planalto sulbrasileiro. Procura-se apresentá-los em ordem cronológica de execução, salientando suas contribuições.

Os trabalhos iniciam-se na década de 1960, com uma equipe formada pelos arqueólogos Pedro Ignácio Schmitz, Fernando La Sálvia, Guilherme Naue, Ítala I, Basile Becker, José J. J. Proenza Brochado, João A. Rohr, Pedro A. Mentz Ribeiro, em paralelo às pesquisas desenvolvidas por Eurico Muller no contexto do PRONAPA (Schmitz, 1967, p 5).

Essa equipe realizou, a partir do ano de 1966, levantamentos arqueológicos nos Municípios de Caxias do Sul, São Francisco de Paula e Flores da Cunha, sendo registrados 53 sítios e um total de ao menos 167 casas medidas e outras identificadas, nas quais apenas o sítio foi registrado. Os resultados desses trabalhos foram publicados em 1967 (Schmitz 1967) e 1988 (Schmitz. 1988b). Esses levantamentos tiveram continuidade até o ano de 1977 e foram financiados pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional – IPHAN.

Além dos trabalhos de localização foi realizada a escavação de um sítio com 36 casas, no interior de um capão de mato. O sítio possuía uma casa grande ao centro, cercada por outras menores, além de 39 pequenos “cômoros artificiais”.

No município de Bom Jesus (Lazzaroto et al., 1971) foram identificados 5 sítios, sendo 3 deles com casas subterrâneas, um abrigo sob rocha denominado "Gruta do Matemático" e um sítio a céu aberto.

O primeiro sítio, denominado Cipriano Silveira (FIS-309), é composto por um conjunto de 23 casas que circundam uma elevação e formam pequenos núcleos com até 6 casas distantes até 600 m entre si. O tamanho das casas está entre 5 e 8 m de diâmetro e algumas delas são ditas pequenas. Possui ainda dois montículos: um com 10 m de diâmetro e o outro com 5 m.

Esse sítio tem ainda dois cordões de terra que circundam, pelo lado sul, a elevação onde estão as casas subterrâneas. Essas possuem 1,5 m de largura por 0,5 m de altura.

O segundo sítio encontrado é composto por 6 casas subterrâneas, sendo a primeira delas com 8 m de diâmetro por 6 m de profundidade. As outras 3 tem cerca de 5m de diâmetro. Aproximadamente 400m desse conjunto foram identificadas mais 2 casas com 5m de diâmetro, identificadas como Sítio Cláudio Friggeri.

No terceiro sítio com casas subterrâneas, denominado Capão do Pinheiro, são encontradas 2 casas com 7 m de diâmetro, circundadas com os mesmos cordões de terra que os encontrados no Sítio Cipriano Silveira.

Aproximadamente 3.000 m a sudoeste do sítio Capão do Pinheiro foi encontrado um sítio litocerâmico que apresentou pouco material. Alguns fragmentos de cerâmica da Fase Guatambu e 3 raspadores em basalto.

Nesse conjunto de pesquisas no Rio Grande do Sul as áreas foram trabalhadas a partir de uma estratégia de levantamento, na sua imensa maioria contando com as indicações dos proprietários.

Os conjuntos dos trabalhos caracterizam-se pela coleta das evidências cerâmica e/ou líticas e descrição dos sítios. Entretanto, a coleta é assistemática, o que impossibilita perceber a espacialidade. Não se encontram mapas de distribuição espacial do material que permitam inferir comportamentos culturais associados à apropriação do espaço.

Dado o caráter das pesquisas não foram realizadas escavações sistemáticas nos conjuntos de estruturas. Na sua grande maioria são coletas superficiais que não permitem perceber o funcionamento e estruturação de uma aldeia, nem tampouco inferir sua espacialidade, exceção feita a escavação realizada em Santa Lúcia do Piauí, no Município de Caxias do Sul.

Nesse sentido podemos perceber que:

A dimensão das estruturas varia de pequenas, com cerca de 2m até outras que podem atingir 21m de diâmetro. Quanto à profundidade, estas podem variar de pouco mais de 30 cm até próximo dos 8 m.

Com relação à forma, são, em sua grande maioria, caracterizadas como circulares, mas podem ocorrer estruturas elípticas ou mais de uma que se interseccionam. Podem ocorrer isoladas ou agrupadas, em conjuntos de 2 até 36 casas, podem ter apenas casas subterrâneas ou casas subterrâneas e montículos.

Da mesma forma, a casa 1 do sítio RS-A-29 serve como exemplo: sedimento proveniente de sua escavação foi acumulando no montículo que está a 40m dela. Uma parte menor foi utilizada para nivelar a borda baixa da mesma casa. Retomamos o relatório das escavações sobre o montículo:

O material dos primeiros 50cm originou-se da remoção do basalto decomposto no fundo da casa 1; e o material argiloso da outra camada da escavação dos primeiros níveis da mesma casa 1. Perto da superfície apareceram algumas lascas que podem ser verdadeiras e podem ter-se originado no momento da escavação e remoção do material da casa 1, ou da quebra fortuita da rocha ao ser removida. O montículo é tipicamente o acúmulo da terra e rochas retiradas da casa 1, que sobrou depois de feito o nivelamento da borda mais baixa da casa. Nele não há carvão, cerâmica ou instrumentos, nem sinal de sepultamentos. (Schmitz et al., 2002, p66)

Além desses 2 casos, temos ainda o montículo do sítio RS-AN-03 escavado no município de Bom Jesus, estado do Rio Grande do Sul, que, segundo seus autores:

A escavação realizada no Aterro nos apresenta uma estratigrafia exatamente inversa das encontradas nas estruturas escavadas "A" e "C", demonstrando tratar-se o Aterro de acúmulo de terra proveniente do processo construtivo das estruturas escavadas. (Copé & Saldanha, 2002, p.116)

Temos aqui a primeira função dos montículos associados às aldeias com casas subterrâneas, ou seja, depósitos dos sedimentos provenientes da construção das casas, tanto que estão próximas as mesmas, fazendo parte do assentamento. Outra função que identificamos, são os montículos funerários, dos quais trataremos mais adiante.

5.3.9.3 Arqueologia Regional

Os Grupos Ceramistas da Tradição Taquara/Itararé caracterizaram um sistema de assentamento no planalto sulbrasileiro, sendo que, no Rio Grande do Sul, destacam-se os municípios de Vacaria e Bom Jesus, distantes 105 km do município de São José dos Ausentes. Esse sistema envolve quatro tipos de sítios diferentes, relacionados cultural e espacialmente: casas subterrâneas, assentamentos litocerâmicos, áreas entaipadas com montículos funerários e grutas com sepultamentos. Algumas funções podem ser estabelecidas com segurança: as casas subterrâneas foram áreas domésticas ocupadas em diferentes momentos; os sítios litocerâmicos, igualmente, foram áreas domésticas, porém não há indícios de que tenham sido reocupados, como percebe-se no caso das casas; os montículos, cercados por taipas, foram espaços funerários, nos quais eram sepultados os indivíduos mais destacados, da mesma forma que as grutas, porém, nestas, eram sepultados os demais indivíduos.

As informações que embasam essas conclusões obtidas a partir da análise da bibliografia disponível, especialmente com a sistematização dos resultados das pesquisas realizadas durante o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), complementada por outros trabalhos posteriores. A metodologia adotada foi a de criação de uma base de dados informatizada, a qual permitiu um tratamento estatístico, além de uma análise qualitativa das evidências. Avaliou-se a bibliografia com base em seus contextos históricos e teórico-metodológicos, resgatando suas contribuições.

A ocupação do planalto pode ser caracterizada como uma adaptação por parte de grupos ceramistas, especializados na coleta e na utilização do pinhão, os quais habitavam casas com pisos rebaixados – as chamadas casas subterrâneas. Produziam cerâmicas de pequenas dimensões e alguns artefatos líticos indispensáveis para o tratamento da madeira. Para as áreas caracterizadas pela escarpa do planalto, com a diminuição da altitude, os grupos da Tradição Taquara adotaram um tipo de assentamento com casas sem os pisos rebaixados. A subsistência nesse ambiente provavelmente estava baseada na horticultura, possibilitando a vida em aldeias.

A arqueologia é antes de tudo uma busca, da mesma forma que a História, procurando conhecer do passado das civilizações. A razão disso é a curiosidade instintiva em se conhecer o passado e se responder a dúvida existencial sobre quem somos e por que estamos aqui.

O sítio que parece ser mais marcante na região de estudo e associado ao período do último milênio é conhecido como casas subterrâneas, também chamadas de buracos de bugre. São uma forma de adaptação das populações humanas a um ambiente de Mata Ombrófila Mista, caracterizadas como depressões circulares e/ou hemisféricas, localizadas tanto no interior da mata com araucária, como em áreas de campo.

Essas estruturas foram encontradas tanto isoladas como agrupadas com até 68 depressões, tais como aquelas que podem ser vistas no município de São José do Cerrito, em Santa Catarina. Além desses vestígios, ocorrem também pequenos montículos, taipas e grutas, contendo ossos humanos, no município de Vacaria, no Rio Grande do Sul.

Junto a estes sítios, podem ser encontrados fragmentos de cerâmica que apresentam formas cilíndricas ou cônicas, podendo alcançar até 35 cm de altura. As cores predominantes são: marrom, parda ou cinza; apresentam alisamento interno e externo, podem apresentar linhas horizontais ou verticais, com ponteados, ungulados, pinçados, carimbados, impressões de cestaria, esteiras ou cordas.

Este fenômeno foi denominado na literatura arqueológica como Tradição Taquara, no Estado do Rio Grande do Sul, e como Itararé, em Santa Catarina e no Paraná.

A primeira – Tradição Taquara – foi definida por Eurico Miller (1967), a partir dos fragmentos cerâmicos encontrados no Morro da Formiga, no município de Taquara, no estado do Rio Grande do Sul. Foi caracterizada pela cerâmica que é pequena, com uma decoração plástica composta em muitos casos e pela impressão de cestaria, unhas ou outros artefatos, além de fragmentos sem decoração. As áreas de estudo situam-se em São José dos Ausentes, de acordo com a FIGURA 5.3.122 - MAPA: CROQUI DA LOCALIZAÇÃO DA TRADIÇÃO TAQUARA.

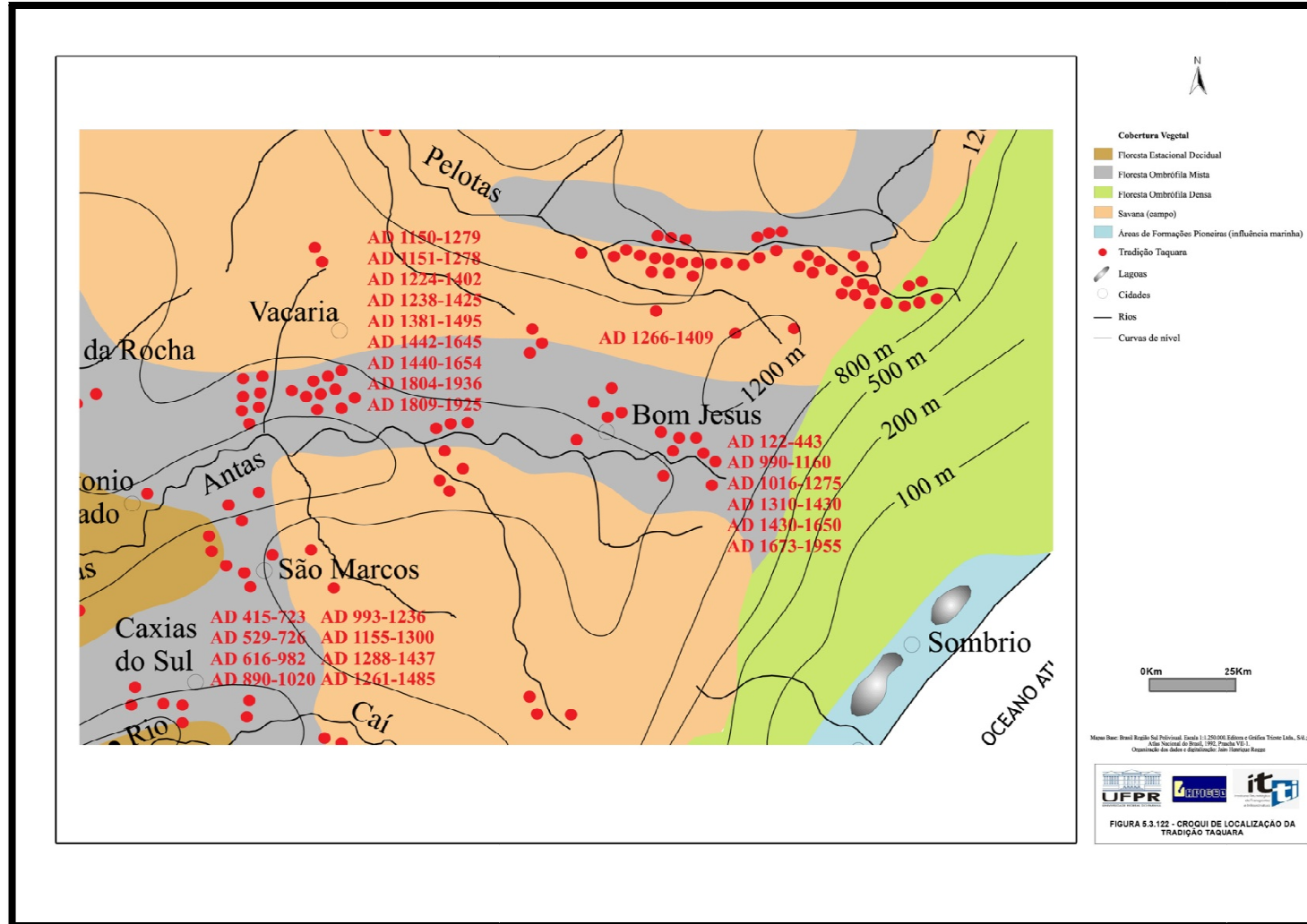


FIGURA 5.3.122 - MAPA: CROQUI DA LOCALIZAÇÃO DA TRADIÇÃO TAQUARA

A segunda – Tradição Itararé – foi definida por Igor Chmyz (1967) no estado do Paraná, caracterizada por sítios a céu aberto, localizados às margens de rios, tais como: o Itararé, o Iguaçu, o Piquiri e o Paraná; no litoral, é encontrada na baía de Paranaguá, na baía de Antonina e na baía de Guaratuba; no Estado de Santa Catarina, localizam-se no Vale do Rio Pinheiros, na Ilha de São Francisco do Sul, na Praia das Laranjeiras, na Ilha de Santa Catarina e no Planalto Catarinense. Esta Tradição não ocorre na área de pesquisa.

As cerâmicas são de pequenas dimensões, com paredes finas, sem decoração ou, quando muito, restringindo-se a uma coloração avermelhada, e cinza e preto. Apresenta-se com faces alisadas ou polidas e as paredes externas frequentemente são brunidas a ponto de refletir a luz incidente. Em alguns casos apresenta decoração plástica, a qual poucas vezes ultrapassa os 10% do total. Os motivos podem ser unglados, ponteados, incisos ou carimbados.

As pesquisas no planalto sulbrasileiro tiveram seu início quando da realização do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PHONAPA), desenvolvido entre os anos de 1965 e 1971. Em termos teóricos, estava inserido no modelo histórico-cultural da pesquisa norte-americana em voga na metade do século XX. O programa realizou o levantamento, a identificação e a localização dos sítios, criando as primeiras unidades arqueológicas, do ponto de vista descritivo e taxonômico.

Além das pesquisas efetuadas sob a sigla do PRONAPA, outros pesquisadores, não vinculados ao programa, igualmente dedicaram-se ao Planalto Sul-Brasileiro, especialmente a equipe capitaneada pelo Instituto Anchieta de Pesquisas (IAP), que desenvolveu levantamentos e escavações no Rio Grande do Sul, entre os anos de 1966 e 1972. No Estado de Santa Catarina, destaca-se a intensa atividade do jesuíta João Alfredo Rohr, defensor intransigente do patrimônio arqueológico e responsável pelo levantamento de inúmeros sítios arqueológicos.

As pesquisas, após um começo bastante promissor durante a segunda metade da década de 1960, sofreram um declínio nos anos de 1970 e 1980, momento em que a maioria das equipes voltaram seus trabalhos para outros estados brasileiros. Alguns trabalhos se destacam neste sentido: relativo a compreensão e a implantação dos espaços das casas subterrâneas (Reis, 1980), sobre os sítios a céu aberto, os conjuntos de casas subterrâneas, as galerias, os abrigos e as áreas entaipadas, no município de

Esmeralda (Mentz Ribeiro Ribeiro, 1985), e ainda, levantamentos realizados no Vale do Rio Pelotas.

O tema retornou novamente como objeto de pesquisa somente em meados da década de 1990, quando as equipes retomaram os trabalhos no sul do Brasil, especialmente no estado do Rio Grande do Sul. Entre outras destacam-se: a equipe de Arqueologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul iniciando suas atividades em 1996; o Projeto Pré-História do Planalto Sul-Rio-Grandense: estudos de paisagens arqueológicas em Bom Jesus e São José dos Ausentes, (Cope, 1999); o Instituto Anchietano de Pesquisas (IAP) implementando em 1998 o Projeto Vacaria (Schmitz et al., 2002b); também destacam-se trabalhos de salvamento arqueológico em obras de impacto ambiental, como Monticelli & Landa (1999), De Masi (2002), Caldarelli & Herberts (2002), Copé Saldanha & Cabral (2002).

Durante os quarenta anos de pesquisas no planalto sul-brasileiro foi possível a identificação de ao menos cinco tipos de sítios diferentes: casas subterrâneas, abrigos com sepultamentos, áreas com cerâmicas dispersas, áreas entaipadas e áreas com montículos, todos ligados à mesma cultura.

O traço comum da maior parte destes trabalhos, além do fato de estarem alicerçados em pesquisas prospectivas, a partir das quais foram identificadas as tradições e suas respectivas fases, conforme o modelo histórico-cultural inaugurado pelo PRONAPA.

A finalidade desse programa foi justamente a de obter as seqüências cronológicas que permitiram criar o primeiro quadro da difusão da cerâmica, suas rotas e formas de propagação nas terras baixas da América do Sul.

Outra questão importante foi definir o modo de vida das populações responsáveis por aqueles sítios (Schmitz, 1967 e 1968) sugerindo que seriam sociedades baseadas na coleta, na caça e na horticultura.

Para La Sálvia (1983, p. B), seriam grupos de caçadores-coletores de pinhão no período anterior à conquista e, após 1500, agricultores incipientes. Mentz Ribeiro (1980), por sua vez, sugere que as casas subterrâneas teriam sido produto de um grupo horticultor ou agricultor incipiente e, mais tarde (Mentz Ribeiro & Ribeiro, 1985) propuseram que seriam grupos horticultores praticantes da caça e da coleta.

Com o exame destes trabalhos, percebe-se a necessidade do aprofundamento de algumas questões, especialmente aquelas relativas ao território, à dinâmica dos sítios, à cronologia das ocupações e à origem dessas populações.

Neste sentido, procurou-se entender qual o significado das diferenças de tamanho das casas subterrâneas, que tipo de função poderiam estas estarem desempenhando na estrutura de assentamento do grupo. Outro elemento de importante compreensão foram os sítios, ou mesmo os conjuntos que concentram dezenas de casas subterrâneas, como os descritos por Maria José Reis (1980), em que ocorrem 15 sítios em um raio de aproximadamente 2.000 m, com 68 casas subterrâneas e 4 aterros. Seguramente, trata-se de um espaço privilegiado que estaria refletindo uma grande densidade demográfica ou, uma grande persistência temporal ou, talvez, ambas. Qual seria a significação desse tipo de organização em termos sociais, funcionais e cronológicos? Nesse sentido, outras questões também seriam pertinentes: os montículos e as áreas entaipadas poderiam ser espaços cerimoniais? Qual a sua importância dentro do sistema de assentamento destes grupos? E, quanto aos abrigos com sepultamentos, que tipo de diferenças estariam indicando: sociais, cronológicas ou funcionais?

Por fim, a bibliografia arqueológica brasileira afirmou, em um primeiro momento, que estes grupos se caracterizavam como sociedades caçadoras-coletoras com uma horticultura incipiente, em um nível social tribal. Não há possibilidade de que esses grupos estivessem organizados de forma mais complexa?

Isto quer dizer que uma pequena parte desta compreensão foi produzida. Apenas foram identificados os problemas e lançadas as primeiras questões. Percebe-se a ausência de uma análise que identifique a diversidade dos assentamentos como um sistema.

Com base nos elementos levantados, associado à abundância, a diversidade dos sítios e ao volume das pesquisas realizadas, conclui-se que os sítios arqueológicos do planalto fazem parte de um sistema de assentamento que integra os diferentes tipos de sítios identificados, quais sejam: abrigos - usados como jazigos funerários; casas subterrâneas, montículos, áreas entaipadas e aldeias a céu aberto. A compreensão desta realidade exige uma nova forma de abordagem para esses diferentes tipos de sítios e uma nova leitura sobre os dados existentes, mesmo porque já existe uma gama bastante consistente de dados sobre a implantação no ambiente. Os trabalhos recentes fornecem informações novas sobre a organização dos sítios, sua composição e sua sucessão

cronológica, não restando dúvida de que estas façam parte de uma mesma tradição cultural, a qual foi identificada pela cerâmica, como sendo Taquara/Itararé e, atualmente, é relacionada aos grupos indígenas descritos na documentação histórica como Kaingang, os quais possuem remanescentes morando em reservas na Região Sul do Brasil.

A metodologia utilizada consistiu na análise da bibliografia disponível, tomada aqui como uma organização dos dados existentes naquele momento e, portanto, determinada pelos pressupostos que lhes eram contemporâneos. Em razão disso, considerou-se o resultado das análises um conjunto de dados que possuem suas condicionantes históricas e culturais, coerentes com o momento em que foram produzidos (Foucault, 1995).

Consideradas as pesquisas como discursos e, como já mencionadas, uma apropriação fragmentada de uma realidade complexa, esses conceitos são passíveis de releituras. Inclusive, por não esgotarem as possibilidades explicativas dos dados e, a partir de sua confrontação com os novos aportes teóricos e com os novos dados que foram produzidos, permite que novas conclusões e novas formulações sejam construídas e assim, novas conclusões sejam obtidas (Foucault, 1995, 1996).

Dessa forma, perceber os sítios arqueológicos como partes constitutivas de um sistema de assentamento, com uma dinâmica tanto sincrônicas como diacrônicas e com uma rede de relações multidirecionais, que envolve o ambiente e o homem, permite uma nova percepção dos fenômenos culturais das populações humanas do planalto sulbrasileiro (Foucault, 1995, 1996).

Para tanto, foi organizado um banco de dados a partir das informações disponíveis, tanto nas fichas de registros como na bibliografia. Esse banco de dados poderá servir de base para um cadastro georreferenciado, uma das propostas iniciais, entretanto, a necessidade de novas pesquisas de campo para esta tarefa acabou por inviabilizar esta iniciativa, razão pela qual procura-se organizar os dados existentes sobre uma forma que possa servir de suporte para trabalhos futuros.

Além disso, retrata-se aqui a experiência da equipe técnica, diante da participação ativa nas etapas do Projeto Vacaria - tanto no levantamento e na identificação dos sítios, como na sua prospecção e escavação – além da participação em vistorias de sítios fora da área desse projeto, nos municípios de André da Rocha e São Marcos, no Estado do Rio Grande do Sul. Esta experiência permitiu uma visão concreta da realidade

arqueológica e possibilitou uma compreensão mais detalhada dos fatos e como eles se expressam no local.

Portanto, a confrontação da bibliografia disponível, a partir de uma perspectiva sistêmica, permite a busca de novas respostas, até por que os sistemas não se repetem da mesma forma e configuram-se como realidades específicas, ajustando-se às determinantes locais. Com isso a arqueologia da paisagem, em sua vertente sintética, é um dos componentes metodológicos a fornecer ferramentas para a compreensão dos sítios arqueológicos como parte construtiva de um sistema. E, ainda, que seja possível estabelecer algum nível de generalização, esta somente será viável justamente com a idéia de sistema.

5.3.9.4 Pesquisas sobre as tradições ceramistas Taquara e Itararé

As pesquisas no planalto sulbrasileiro foram realizadas, predominantemente, por pesquisadores vinculados ao PRONAPA e, ainda que Laming-Emperarie trabalhasse no Paraná, desvinculada daquele programa, suas atividades estão voltadas para a escavação de sambaquis. Desta forma, os primeiros dados de que dispomos para os estados sulinos são resultados desta primeira etapa de aproximação, representada pelo modelo histórico-cultural. Foram definidas, assim, duas tradições: Taquara, ocorrendo no estado do Rio Grande do Sul, e Itararé, nos estados de Santa Catarina, Paraná e São Paulo.

Tradição Taquara

A Tradição Taquara foi definida a partir da cerâmica identificada no Morro da Formiga, no Município de Taquara, Rio Grande do Sul, por Eurico Miller, no final dos anos de 1960.

Posteriormente, com o avanço das pesquisas, essa tradição foi caracterizada não apenas pela cerâmica, mas também pelos trabalhos de movimentação de terra, pela construção de depressões semicirculares ou elipsóides, montículos, espaços cerimoniais e, ainda, pelos sepultamentos em grutas.

A cerâmica associada é de pequeno porte, com vasilhas de até 40 cm de altura; a decoração plástica, em muitos casos, é composta pela impressão de cestaria, unhas ou outros artefatos.

Essa tradição foi bastante estudada no início da década de 1970 e parcialmente abandonada nas duas décadas seguintes para reaparecer como tema de pesquisa, somente no final dos anos de 1990 e início de 2000. Muitos resultados dessas novas pesquisas ainda não estão disponíveis, pois encontram-se em desenvolvimento. No entanto, nenhum deles, até o momento, rompeu com o esquema básico criado pelo PRONAPA, ou seja, o de subdividir uma tradição em diferentes fases, até por que tal empreitada exigiria um volume de trabalho e de revisão dos dados disponíveis que está além dos propostos pela maioria das pesquisas.

As fases definidas para a tradição Taquara foram: São José dos Ausentes, Taquara, Cai, Erveiras, Guabiju, Taquaruçu, Giruá, Xaxim e Itapiranga. (FIGURA 5.3.122)

Tradição Itararé

A Tradição Itararé foi definida por Igor Chmyz em 1967. a partir dos projetos desenvolvidos pelo PRONAPA. Essa se caracteriza por sítios a céu aberto, localizados no estado de Santa Catarina e do Paraná. Neste último, os sítios podem ser encontrados às margens do Rio Itararé, no Alto Vale do Rio Parapanema, no Rio Iguazu, no médio curso do Rio Piquiri, na margem esquerda do Rio Paraná, na baía de Paranaguá, na baía de Antonina e na baía de Guaratuba; no estado de Santa Catarina, ocorrem no Rio Pinheiros, na Ilha de São Francisco do Sul, na Praia das Laranjeiras e na Ilha de Santa Catarina.

Essa Tradição está dividida em pelo menos sete fases: Itararé, Açungui, Catanduva, Candói, Xagu, Cantú e Pacitá. Além disso, foram encontrados vestígios nos litorais catarinense e paranaense, associados a sambaquis.

A cerâmica é de pequeno porte, de paredes finas, sem decoração ou restringindo-se a desenhos nas cores vermelha, cinza ou preto. Em alguns casos apresenta decoração plástica, que em poucas situações ultrapassa os 10% do total, caracterizando-se como unglados, ponteados, incisos e carimbados.

5.3.9.5 Arqueologia Local

Na área demarcada para nosso trabalho temos o registro de dois grupos humanos que, à primeira vista são distintos. A não ser pela localização geográfica e distribuição territorial similar, não possuímos outros elementos que possam servir como suporte para estabelecermos uma continuidade entre a tradição Taquara e o índio Kaingang, pelo menos não de maneira explícita.

Algumas vezes o registro etnográfico é falho, como constatou-se durante a execução do trabalho. Estas falhas, sobretudo, nas descrições realizadas pelos primeiros cronistas e viajantes se devem a falta de formação específica por parte destes observadores. Na maioria dos casos, eram homens contratados para descrever o diferente, o exótico, encontrado no Novo Mundo que aos poucos era ocupado por pessoas com hábitos e cultura que diferiam daquela registrada entre os vários grupos indígenas das diferentes tribos aqui residentes.

Um exemplo disto são os relatos do engenheiro belga Alphonse Mabilde, por nós utilizados como fonte primária de informação e para a posterior comparação entre os dados arqueológicos e os registros etnográficos. Recém formado em engenharia, Mabilde deixou a Bélgica por questões políticas no ano de 1833. Ao chegar ao Brasil trabalhou em vários estabelecimentos exercendo várias funções até começar a trabalhar como engenheiro contratado pelo governo da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul.

A curiosidade pelos habitantes desta província e por seus hábitos, em especial a dos grupos indígenas, faz com que o engenheiro belga começasse a observar e registrar sempre que possível, os seus hábitos, especificamente os dos membros das tribos Kaingang, na época chamados de Coroados. Estes hábitos são registrados sob a forma de um diário pessoal e de correspondências que foram enviadas a membros do governo a quem tinha que prestar conta de seus serviços. Posteriormente foram compilados e publicados por suas netas, no ano de 1983.

Mabilde registrou aquilo que chamou mais a sua atenção e com o que ele estava mais familiarizado. No primeiro caso, sua atenção recaiu sobre o modo de vida dos Kaingang. No segundo, sua formação de engenheiro, fez com que descrevesse com exatidão as dimensões das habitações feitas pelos membros destas tribos. Contudo, alguns itens ou não foram percebidos ou talvez Mabilde não tenha realizado uma observação tão completa assim, dispõem-se de um relato feito por um estrangeiro sem

formação no campo da etnografia e carregado dos preconceitos da época para com os grupos humanos nativos deste continente, que eram tidos como primitivos devido a sua cultura material e selvagens por causa de sua organização social.

As informações registradas no seu trabalho e em pesquisas posteriores produziram muitas informações sobre as culturas indígenas, especialmente com relação aos contrastes entre o europeu, em um primeiro momento e, depois entre seus descendentes com os índios.

Com o passar do tempo, os estudos etnográficos começaram a apresentar bem mais do que simples descrições sobre os hábitos indígenas. Com o avanço dos estudos antropológicos e do desenvolver das pesquisas etnográficas, novas contribuições a respeito da cultura indígena foram feitas. Até mesmo a falsa atribuição de que os índios seriam um único grupo hoje não é mais aceita. O que temos, não é um único grupo, mas sim, muitas culturas que representam os diversos povos indígenas ainda existentes.

As comparações e analogias feitas no presente trabalho visam unir estas duas áreas, pois, como vimos ao longo de sua execução, encontramos elementos similares nas duas linhas de pesquisas. Mas como explicar as diferenças?

Estas diferenças são poucas, mas marcantes. Entre elas tem-se a forma de construir as habitações que, conforme os registros arqueológicos eram estruturas escavadas no solo com formato circular de vários tamanhos e profundidades, com uma cobertura aérea. Recentemente este tipo de vestígio arqueológico voltou a ser objeto de discussão entre os pesquisadores que se dedicam a esta temática. Já os registros etnográficos descrevem que as habitações seriam feitas sobre o solo e possuíam um formato retangular. Somente Gabriel Soares de Souza no século XVI, aponta que existiam estruturas escavadas no solo, feitas pelos Kaingangs, que neste período eram chamados de Guaianases.

O tamanho das aldeias dos respectivos grupos Taquara e Kaingang, também apresentam algumas diferenças. Os primeiros construíam duas "casas subterrâneas" a cada ocupação. Posteriormente, alguma destas estruturas era reocupada e novas eram erguidas próximas das que eram abandonadas. Os segundos construíam quatro ou cinco habitações destinadas a todos os membros da tribo. Com o passar do tempo à morada antiga era abandonada e outra nova era feita.

Outra diferença, esta na forma de enterrar os mortos. A tradição Taquara depositava seus mortos em abrigos sob rocha. Mais recentemente começou a ser

constatado que em áreas onde estes abrigos são poucos ou não existem, as sepulturas resumem-se a aterros circulares com evidências de que os corpos eram cremados. O índio Kaingang realiza somente o segundo tipo de enterro, sendo que não se vale da cremação.

Estes três exemplos servem para demonstrar a dificuldade em se estabelecer um vínculo comum entre estes grupos. Devemos nos lembrar de que com o passar dos anos, os padrões culturais não só dos habitantes das terras altas da região sul, mas na história da humanidade como um todo, sofreram alterações. Isto se deve a soma de variados fatores. Alguns são inerente a própria cultura que, com o passar do tempo, se auto-recicla, mudando padrões arraigados já desde gerações; outros devido a influências externas oriundas de outros grupos humanos.

Acreditamos que entre a tradição Taquara e os índios Kaingangs temos uma diferença na nomeação por parte de arqueólogos e etnógrafos, pois estamos tratando com o mesmo grupo humano que teve sua difusão pelo Planalto Meridional, adaptando-se a ele e criando todo um sistema cultural que lhe serviu ao longo de sua expansão e fixação nas áreas pertencentes a região sul do atual Estado Nacional

Temos também que considerar o fato de que ao entrar em contato, ainda que de forma esporádica com o homem branco, que estaria iniciando a ocupação do território indígena, algumas expressões de sua cultura começam a mudar. No decorrer da pesquisa, percebemos que os traços culturais dessas populações ainda se mantêm, mas sob outras formas. Se os Kaingangs não mais constroem estruturas subterrâneas é porque aprenderam a fazer suas habitações de outras maneiras e com outros formatos, utilizando igualmente outras ferramentas.

Os motivos para que isto tenha acontecido podem estar ligados a vários fatores, tais como: a diminuição do território devido à penetração nas áreas nativas pelo homem branco, com a implantação de novos núcleos populacionais e exploração do antigo território indígena através da derrubada da mata, para a abertura de estradas, o plantio em larga escala e pastoreio, fazendo com que aos poucos os remanescentes nativos sejam levados a outras áreas e lá adotem os costumes do homem branco, entre eles a construção de casas de madeira com formato retangular, o uso de roupa e muitos outros aspectos verificados nos estudos etnográficos já produzidos

Estas afirmações são fáceis de fazer, mas como são difíceis de provar, mesmo que nos últimos cinco anos tenha havido progressos consideráveis e muita reflexão. Muito

mais pesquisa é necessária para que as hipóteses levantadas até o momento tenham um maior embasamento, ou para que se verifique se as mesmas se equivocaram durante a realização das analogias feitas e. Para termos compreensão e provas de como essas populações se estabeleceram no Planalto Meridional, se adaptaram aos novos ambientes. se diversificaram socialmente e vieram a ser as diversas tribos Kaingang, sucessoras e descendentes das populações que os arqueólogos continuarão a identificar sob a denominação de tradição Taquara/Itararé.

É igualmente necessária uma maior aproximação entre os processos investigativos utilizados pela arqueologia com as técnicas de pesquisas referentes aos estudos etnográficos. Os novos estudos etno-arqueológicos caminham nesta direção. Talvez as novas pesquisas apresentem uma forma mais consistente de unificar estes dois campos.

Talvez, o presente trabalho não tenha avançado muito na resolução dos problemas encontrados, mas a compilação dos dados aqui apresentados pode contribuir com outras pesquisas que venham a ser desenvolvidas. Nossa intenção, como foi apontada anteriormente, era a de produzir uma história contínua, mas como podemos constatar, as informações registradas pelas pesquisas arqueológicas e os dados dos relatos etnográficos, em certos tópicos, ainda necessitam de mais reflexão e de subsídios mais pontuais que possibilitem uma maior aproximação entre estas duas abordagens.

As soluções aqui apontadas para explicar as diferenças encontradas entre os registros da tradição Taquara e os dados referentes ao índio Kaingang, podem ser tomadas como proposta para outras pesquisas que venham a completar ou suplantar o presente trabalho.

Tendo em vista os elementos acima apontados, registra-se mais uma vez a necessidade de que todas as obras da BR-285 recebam acompanhamento arqueológico, pois evidências poderão surgir e estas são pontos de contato com a realidade passada.

5.3.9.6 A pesquisa realizada

Arqueologia Local

Atendendo às exigências do Termo de Referência elaborado pelo IBAMA, para o empreendimento em questão, a etapa de diagnóstico foi realizada de forma preliminar e

não interventiva, fundamentada em informações secundárias. Este acompanhamento arqueológico preliminar está registrado no IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, sob nº 01512004185/2009-61, de 08/12/09 e cumpre todos os requisitos impostos pela legislação pertinente.

O trecho da rodovia BR-285 em análise inicia no município de São José dos Ausentes, próximo a pedreira atualmente em operação, e segue até a fronteira entre os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina (lote 01); daí em diante segue sobre o leito da rodovia já implantada até a sede do município de Timbé do Sul, em Santa Catarina. No trecho existente (em Santa Catarina – Lote 2) a rodovia está em operação há mais de 50 anos, com revestimento primário, portanto já bastante antropizado.

Em visita realizada por ocasiões do diagnóstico arqueológico preliminar, houve a preocupação em se verificar as potencialidades arqueológicas da área, para a elaboração de um futuro plano de prospecção e de resgate arqueológico.

Tanto nas vistorias realizadas de 25 a 27 de agosto de 2009, bem como entre 09 e 10 de dezembro de 2009, constatou-se que não há registros de sítios arqueológicos na área de influencia direta da rodovia.

Resultados

Na primeira visita nenhum sítio foi localizado; na segunda visita foi encontrado material na cascalheira do rio Rocinha Alto, conforme relatório fotográfico abaixo. Salienta-se que durante a execução obra, deverá ter o acompanhamento de arqueólogo, conforme a legislação em vigor.



FIGURA 5.3.123 – FOTOS QUE CARACTERIZAM O PLATÔ SUPERIOR



FIGURA 5.3.124 - FOTOS QUE CARACTERIZAM O PLATÔ INFERIOR. (a) +/- 300M, DIREITA DA NOVA ESTRADA, ENTRE A COHAB E A TORRE DE CELULAR. A FRENTE PLANTAÇÃO DE ARROZ; (b) +/- 300 M, ESQUERDA DA NOVA ESTRADA, ENTRE A COHAB E A TORRE; (c) ACESSO AO MORRO DA GUARITA, ÁREA COM GASODUTO; (d) ENTRE O ACESSO A GUARITA E O EIXO DA NOVA ESTRADA. DIREITA, PINUS. ESQUERDA PLANTAÇÃO; (e) TIMBÉ DO SUL PARA SÃO JOSÉ DOS AUSENTES. FIM DO ASFALTO, INÍCIO DA ESTRADA VELHA; (f) TIMBÉ DO SUL PARA SÃO JOSÉ DOS AUSENTES, ESTRADA VELHA, 4M À FRENTE; (g) MARGEM ESQUERDA DO RIO ROCINHA ALTA CASCALHEIRA, 2 PEÇAS; (h) FRENTE A PROPRIEDADE DE VALDEVINO ALANO, À DIREITA, FURNAS, +/- 7KM. DA NOVA ESTRADA. EM LINHA RETA 300 KM.



FIGURA 5.3.125 – FOTOS QUE CARACTERIZAM O PLATÔ INFERIOR – LOCALIDADE DE ROCINHA/TIMBÉ DO SUL/SC. GRUTAS: (A) PORÇÃO POSTERIOR DA GRUTA 1; (B) ACESSO A GRUTA 2; (C) PLATÔ QUE ANTECEDE AS GRUTAS, LADO ESQUERDO, MOSTRANDO PAREDÃO ROCHOSO E CASCALHEIRA; (D) FALHA ARENÍTICA, QUE SERVE DE PASSAGEM PARA O LOCAL DAS GRUTAS.

5.3.10 Turismo Regional

Os registros da atividade turística aparecem pela primeira vez nos primórdios das civilizações, a partir os movimentos migratórios temporários das antigas sociedades ocidentais e orientais. Sua evolução é potencializada durante o Mercantilismo e, consolida-se, mesmo que ainda não reconhecidamente, após a Revolução Industrial. Embora a nomenclatura date do século XIV, a compreensão do turismo como segmento econômico se dá a partir do século XX, com o surgimento dos primeiros destinos turísticos que assim identificaram-se, como a Espanha – em especial o Caminho de Santiago -, as grandes cidades-pólo européias, como Paris e Roma, por exemplo, bem como pelas viagens com interesses religiosos – capitaneadas pelo catolicismo -, de estudos, e as com motivação histórica e cultural – onde citamos, como exemplo, os

resquícios das civilizações Egípcia, Maia, Inca e Asteca -, e, não poderíamos deixar de mencionar, as viagens já contemporâneas para o centro financeiro mundial e para a 'Indústria da Fantasia' nos EUA, Nova Iorque e Disney World, respectivamente.

No Brasil, registram-se importantes marcos no turismo com descoberta do Rio de Janeiro como destino de lazer e sol e praia, a partir da Copa do Mundo de 1950, a projeção dos Carnavais, o desenvolvimento econômico da cidade de São Paulo como centro financeiro e de negócios nacional, o conhecimento da Amazônia, do Pantanal e das Cataratas do Iguaçu, como destinos turísticos âncoras na percepção e consumo do mercado internacional e da abertura do Brasil ao comércio exterior, incentivada na década de noventa.

Esta gigantesca 'indústria' mundial, segundo dados da OMT (Organização Mundial do Turismo), movimenta 52 setores econômicos através do consumo gerado por seus clientes – os turistas – que interagem com diversos elos da cadeia produtiva para efetivar o consumo do produto turístico que motivou seu deslocamento.

O turismo apresentou entre 1995 e 2000 um crescimento de fluxo internacional de 4,8%, e nos anos seguintes 5,5% (2006), 6,61% (2007) e 5% (2008). Acusa ainda o volume de 6% a 8% do total de empregos gerados do mundo. A liberação das formalidades aduaneiras, a eliminação de vistos, as parcerias comerciais e a unificação de documentos estimulam as viagens internacionais. Os segmentos de turismo cultural, rural e ecoturismo são os que mais crescem devido ao aumento da urbanização e ausência de áreas naturais nos grandes centros, o que incentiva viagens de férias e finais de semana.

O Brasil, segundo a OMT, é o 36º destino turístico em número de visitantes e 39º em faturamento, registrando melhores desempenhos nos segmentos de negócios, ecoturismo, turismo rural, aventura e cultural, mas, enfrenta o desafio da informalidade, já que dos 2 milhões de empreendimentos, apenas 900 mil são formais e 1.100.000 informais. Com a criação do Ministério do Turismo em 2003, foram desenvolvidos os Planos *Nacionais do Turismo (2004 – 2007; 2007 – 2010)*, os planos de marketing e comercialização *Aquarela* (Nacional), *Cores* (Internacional), estabelecendo diretrizes nacionais para o desenvolvimento do setor. A aprovação da Lei do Turismo (Lei 11.771 de 18 de setembro de 2008), e a idealização de grandes projetos nacionais, a exemplo Programa de Regionalização do Turismo, fazem o Brasil iniciar um novo posicionamento de sua imagem como destino turístico para o exterior e também para o mercado interno,

através de iniciativas profissionais de intervenção para a transformação do cenário da oferta do País. Como consequência deste processo, e pela grande concentração de pequenas empresas na atividade turística, o SEBRAE Nacional estabelece importantes parcerias com o MTur e Embratur para a competitividade e desenvolvimento sustentável de pequenos negócios e dos destinos turísticos brasileiros, incentivando a descentralização da gestão, a inovação na oferta, a qualificação do setor e o acesso a mercados.

O Rio Grande do Sul, por sua vez, tem na atual conjuntura econômica e social, o turismo como um setor já consolidado apenas na Serra Gaúcha (Microrregiões Hortênsias e Uva e Vinho) – hoje, terceiro maior destino de viagem do Brasil e detentor de 2 pólos indutores do turismo (MTUR / FGV): Gramado e Bento Gonçalves, porém, acusa considerável potencial para o desenvolvimento e crescimento da atividade nas demais regiões turísticas ancoradas pelas principais cidades pólo microrregionais, conforme a divisão turística estadual. A variedade de culturas e povos (etnias), o sistema geográfico favorável (proximidade, via aérea, das capitais do Mercosul), a posse de produtos diferenciados em círculos concêntricos num raio de 500km como serra e mar, compras, atividades de inverno, e a forte identidade cultural endossam a viabilidade de atuação no setor. A Serra Gaúcha, que por sua vez, destaca-se na economia do RS pela pujança da indústria e do agronegócio, tem no turismo uma importante atividade econômica geradora de inclusão social nas regiões das Hortênsias e Uva e Vinho, cuja maturidade setorial é reconhecida nacionalmente. Contudo, neste cenário, surge no final da década de 90 um novo destino, com inegável riqueza de atrativos naturais e culturais – os Campos de Cima da Serra com seus platôs e campos imensos, a marca forte da cultura tradicionalista, do movimento do tropeirismo, e da vivência rural e acolhida campeira ainda presentes no comportamento do gaúcho serrano – bem como dos Aparados da Serra, a cadeia de montanhas da Região Sul que contrasta os grandes canyons brasileiros, a mata atlântica e matas de araucária preservadas, com um clima diferenciado e o inverno mais frio do País. O setor, ainda tímido na matriz econômica da Região, depara-se com a exploração agrícola de monoculturas como a silvícola e frutícola, onde grandes fazendas respondem por quase a totalidade da produção deste que é o principal setor econômico regional. Tendo a indústria baixa expressividade no território, e o comércio uma estrutura simplificada para suprir as necessidades das populações locais, surge o turismo como uma oportunidade de desenvolvimento regional, para diversificar a economia,

preservando o meio ambiente impactado pela exploração inadequada do agronegócio, e buscando, ainda que de forma incipiente, a valorização sociocultural para manutenção das famílias nos seus lugares de origem. Neste cenário encontramos os empreendedores do turismo, grande parte que empreendeu por necessidade para a sobrevivência e permanência no território, mas que, a partir da percepção, mesmo que simplificada, de oportunidades de negócio, investiram no setor e permanecem buscando, com apoio principalmente do SEBRAE, a perpetuação e crescimento da atividade e o do setor na Região. O início dos trabalhos no turismo dos Campos de Cima da Serra ocorreu com um projeto estruturante no período de 2005 a 2008, e se estabelece com força e efetiva participação de lideranças privadas através do Projeto Caminho dos Tropeiros na Região dos Campos de Cima da Serra, construído de acordo com as diretrizes do Programa de Fomento a Competitividade de Destinos Turísticos e do Artesanato Gaúcho que, através de seus focos estratégicos e ações implementam a estratégia setorial, ancorados sobre todos os pilares e diretrizes nacionais para o turismo. Diante deste contexto, compreende-se a continuidade da atuação do SEBRAE no turismo nos Campos de Cima da Serra de suma relevância para a competitividade dos pequenos negócios e a sustentabilidade do território a partir do fomento ao desenvolvimento do setor. A formatação de produtos turísticos diferenciados com foco no mercado só é possível através da cooperação e do estabelecimento de parcerias entre as MPE's, desta forma, a roteirização integrada com estratégias de marketing e comercialização que promovemos através do Projeto, aproximando diferentes elos da cadeia produtiva, é a possibilidade efetiva de potencializar o aumento de fluxo turístico, e como consequência, o faturamento das micro e pequenas empresas – necessidade e expectativa dos empreendedores do Projeto.

A maioria das micro e pequenas empresas do setor do turismo nos Campos de Cima da Serra é fruto do empreendedorismo por necessidade, não obstante da realidade nacional, conforme identificado pela pesquisa GEM 2009. Ao iniciar a movimentação turística na região no final da década de noventa, especialmente nos municípios de Cambará do Sul e São José dos Ausentes, famílias da área rural e urbana passaram a hospedar turistas, oferecer refeições e adequar suas casas e fazendas para atender este público consumidor. A maioria destas famílias sobrevivia da agricultura, ou do trabalho nas serrarias e áreas relacionadas a produção rural. Com a descoberta pelo mercado dos atrativos naturais da Região, estes empreendedores passaram a agregar a atividade turística como forma de geração de renda adicional, contudo, a ampliação das áreas de

cultivo das monoculturas, e a baixa capacidade de compra das populações locais contribuíram para a que o turismo se tornasse a principal atividade destas famílias. Junto a esta transformação, as outras regiões turísticas da Serra Gaúcha, Hortênsias e Uva Vinho, com destinos já consolidados, passaram a comercializar alguns dos atrativos dos Campos de Cima da Serra incluídos nas suas ofertas ao mercado, mas sem usufruir dos serviços disponíveis na região – ou seja, a hospedagem, gastronomia, etc.

Diante de todo este cenário o Sebrae inicia sua atuação fomentando o desenvolvimento turístico regional. Sensibiliza os empreendedores, busca estabelecer parcerias e intervém junto as mpe's para a formação de núcleos nos municípios e para capacitação das mesmas para melhoria da gestão e serviços. A partir deste trabalho, e com o conhecimento de mercado adquirido ao longo do tempo, o SEBRAE, as empresas e os parceiros iniciam uma nova etapa, mantendo a capacitação e qualificação das mpe's, tendo em vista o histórico de implantação destes empreendimentos familiares, mas buscando o acesso ao mercado e o desenvolvimento de produtos competitivos para o consumo nos pólos emissores alvo do Sul e Sudeste do Brasil – assim, inicia-se em 2009 o Projeto Rota dos Tropeiros na Região dos Campos de Cima da Serra, cujo nome foi alterado em decisão coletiva para *Caminho dos Tropeiros na Região dos Campos de Cima da Serra e a Formação da Rede de Cooperação Técnica para Roteirização Aparados da Serra*. As empresas do Projeto, e por conseqüência o Destino Turístico, necessitam desenvolver produtos turísticos integrados e inseri-los no mercado, para assim, gerar fluxo de consumo que dê estabilidade financeira as empresas para que prossigam em atividade, visto que a sazonalidade no setor na região é um fator crítico de sucesso. Atualmente registra-se uma ocupação que varia de 85% a 95% no inverno (15 junho a 30 julho) e 15% a 30% nas demais estações do ano. Neste contexto, justificamos a relevância do Projeto para as MPE's, artesãos e produtores rurais, e propomos através das ações, a formatação de produtos integrados entre as empresas fomentando as redes de cooperação, gerando assim ofertas segmentadas e com foco nos mercados já mapeados nas pesquisas de Perfil do Turista (SEBRAE RS 2008), Pesquisa Turistas – Nacional (MTUR / IMB 2009) e Pesquisa Operadoras – Nacional (MTUR / IMB 2009). Além da formatação de produtos integrados, o Projeto intervém também para o fortalecimento da cadeia produtiva do setor na região, incluindo o artesanato e a produção associada do turismo na criação desta oferta diferenciada e na conquista conjunta do mercado. A cooperação entre todos estes atores, a integração através de novos produtos

turísticos, o acesso efetivo ao mercado e a melhoria da gestão e dos serviços das empresas contribuem significativamente para a competitividade e sustentabilidade das micro e pequenas empresas, realizando a razão de ser do SEBRAE.

Alguns números que caracterizam o aumento das atividades turísticas na região, nos últimos anos:

- Aumento da taxa de ocupação nos meios de hospedagens em 7% até 2010, sendo 3% em 2009 e 4% em 2010.

- Aumento do número de refeições servidas em 8% até 2010, sendo 3% em 2009 e 5% em 2010.

- Aumento do número de clientes atendidos pelas agências de viagens em 3% até 2010, sendo 1% em 2009 e 2% em 2010.

5.3.11 Pesquisa de Campo - Enquete sobre a pavimentação e implantação da BR-285

A pesquisa de opinião utilizada foi realizada no período do mês de outubro e início do mês de novembro de 2009 para os municípios de Araranguá, Meleiros, Timbé do Sul e Turvo no estado de Santa Catarina e no município de São José dos Ausentes no estado do Rio Grande do Sul. Ao todo foram entrevistadas 380 pessoas, sendo que 86,8% do estado de Santa Catarina e 13,2% do estado do Rio Grande do Sul. Ressalta-se que o Lote 1 - RS, tem uma extensão de 8 km e o Lote 2 – SC, uma extensão de 20 km.

a) Análise dos dados coletados

As principais informações e análises, tabelas e gráficos da enquete seguem abaixo.

1. Caracterização e Identificação

Local da Entrevista

A pesquisa através do questionário foi realizada para uma amostra de 380 entrevistados, distribuídos conforme se observa na TABELA 5.3.155 e na FIGURA 5.3.126 e na FIGURA 5.3.127. No estado de Santa Catarina, as cidades participantes foram: Timbé do Sul, Araranguá, Meleiro, Turvo e Jacinto Machado, totalizando 86,8% da

amostra. Já no estado do Rio Grande do Sul foi realizada em São José dos Ausentes representando 13,2% do total da amostra.

TABELA 5.3.155 - PERCENTUAL DOS LOCAIS DA ENTREVISTA

Municípios	Total	%
São José dos Ausentes - RS	50	13,2
Timbé do Sul - SC	122	32,1
Ararangua - SC	40	10,5
Meleiro - SC	12	3,2
Turvo - SC	154	40,5
Jacinto Machado- SC	2	0,5
Total	380	100,0

Estados	Total	%
Santa Catarina	330	86,8
Rio Grande do Sul	50	13,2
Total	380	100,0

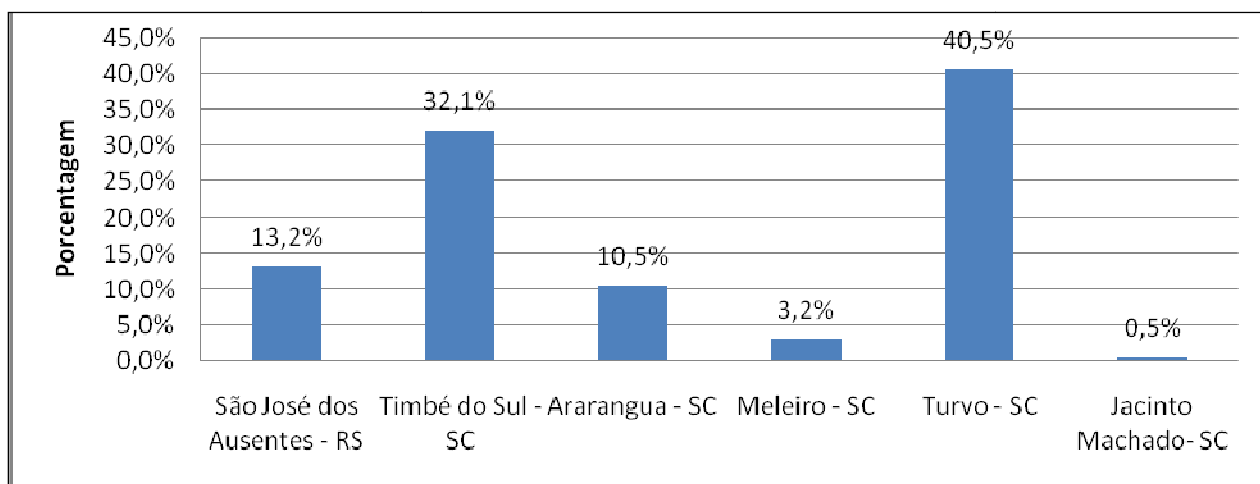


FIGURA 5.3.126 – GRÁFICO: LOCAIS DA ENTREVISTA - POR MUNICÍPIOS
FONTE: TABELA 5.3.155

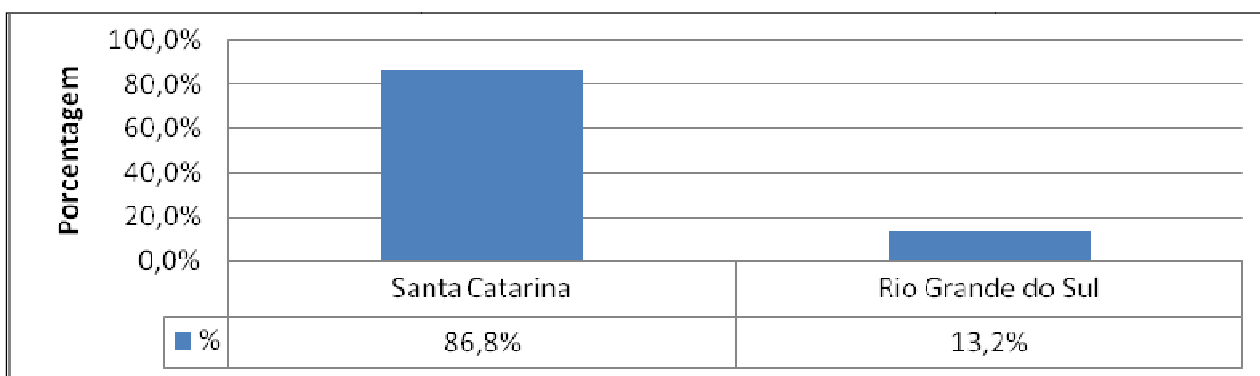


FIGURA 5.3.127 - GRÁFICO: LOCAIS DA ENTREVISTA - POR ESTADO
FONTE: TABELA 5.3.155

Gênero/Faixa Etária

Através da TABELA 5.3.156 pode-se concluir que, dos entrevistados, 60,53% eram homens e 36,05% mulheres. A faixa etária que apresentou maior representatividade foi entre 18 a 39 anos (46,05%). Nas tabelas e gráficos abaixo, pode ser observada a distribuição de gênero e faixa etária por municípios e depois, na FIGURA 5.3.130 e na FIGURA 5.3.131 por estados em percentual.

TABELA 5.3.156 - DISTRIBUIÇÃO POR GÊNERO E FAIXA ETÁRIA DA AMOSTRA

Faixa Etária	Homens	Mulheres	Total
Menos de 18	2	2	4 (1,05%)
18 a 39	88	87	175 (46,05%)
40 a 60	114	41	155 (40,79%)
Acima de 60	26	7	33 (8,68%)
Total	230 (60,53%)	137 (36,05%)	367 (96,57%)
Omitido	7	6	13 (3,43%)
Total	237	142	380 (100%)

TABELA 5.3.157 - DISTRIBUIÇÃO DE GÊNERO POR MUNICÍPIOS

Municípios	Masc.	%M/Município	Fem	% F/ Município	Omitido	% Omt/Município	Total
São José dos Ausentes - RS	21	42,0	29	58,0	0	0,0	50
Timbé do Sul - SC	88	72,1	34	27,9	0	0,0	122
Ararangua - SC	5	12,5	32	80,0	3	7,5	40
Meleiro - SC	5	41,7	6	50,0	3	25,0	14
Turvo - SC	115	74,7	36	23,4	1	0,6	152
Jacinto Machado - SC	2	100,0	0	0,0	0	0,0	2
Total	236	62,1	137	36,1	7	1,8	380

TABELA 5.3.158 - DISTRIBUIÇÃO DE FAIXA ETÁRIA POR MUNICÍPIOS

Municípios	<18	% <18	18 a 39	% 18 a 39	40 a 60	% 40 a 60	Acima de 60	% >60	Omitido	% Omitidos	Total
São José dos Ausentes - RS	0	0,0%	25	50,0	19	38,0	4	8,0	2	4,0	50
Timbé do Sul - SC	1	0,8%	50	41,0	54	44,3	16	13,1	1	0,8	122
Ararangua - SC	0	0,0%	28	70,0	8	20,0	1	2,5	3	7,5	40
Meleiro - SC	0	0,0%	6	50,0	4	33,3	1	8,3	1	8,3	12
Turvo - SC	3	1,9%	66	42,9	69	44,8	10	6,5	6	3,9	154
Jacinto Machado - SC	0	0,0%	0	0,0	1	50,0	1	50,0	0	0,0	2
Total	4	1,1%	175	46,1	155	40,8	33	8,7	13	3,4	380

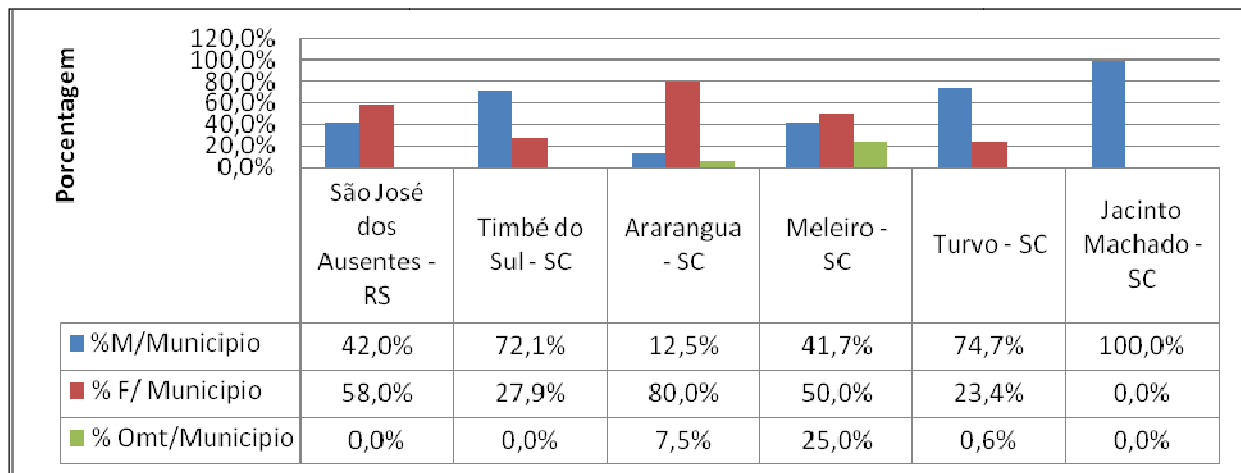


FIGURA 5.3.128 – GRÁFICO: DISTRIBUIÇÃO DE GÊNERO POR MUNICÍPIOS ENTREVISTADOS
 FONTE: TABELA 5.3.157

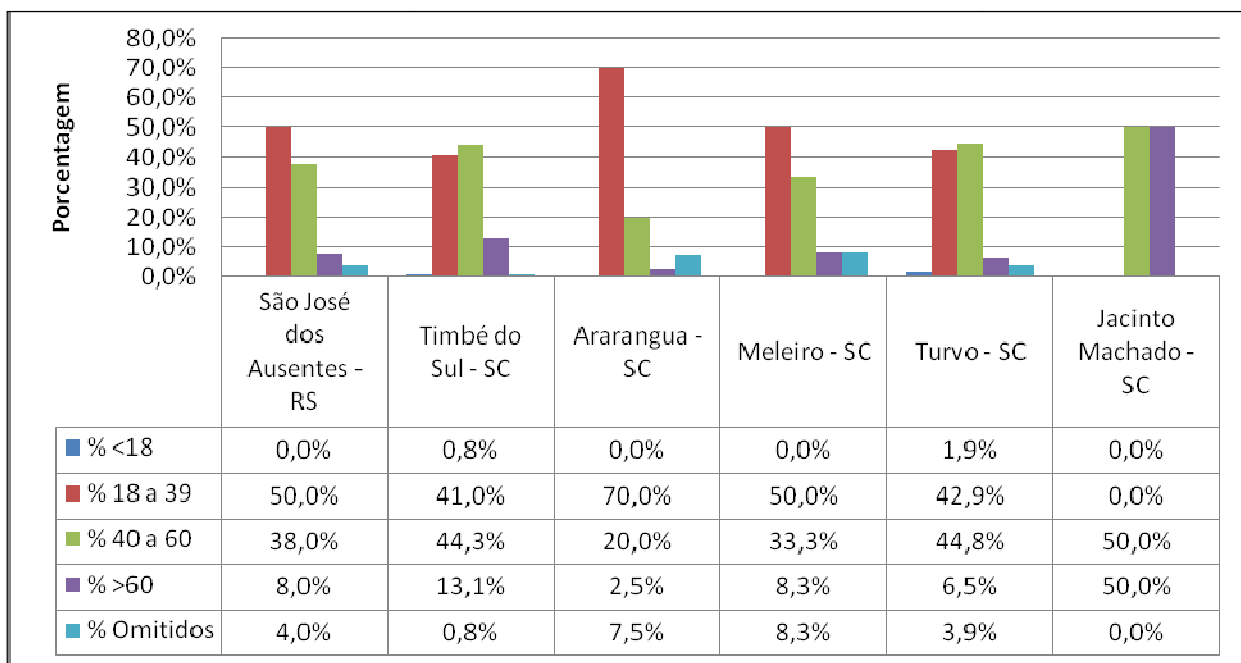


FIGURA 5.3.129 – GRÁFICO: DISTRIBUIÇÃO DE FAIXA ETÁRIA POR MUNICÍPIOS ENTREVISTADOS
 FONTE: TABELA 5.3.158

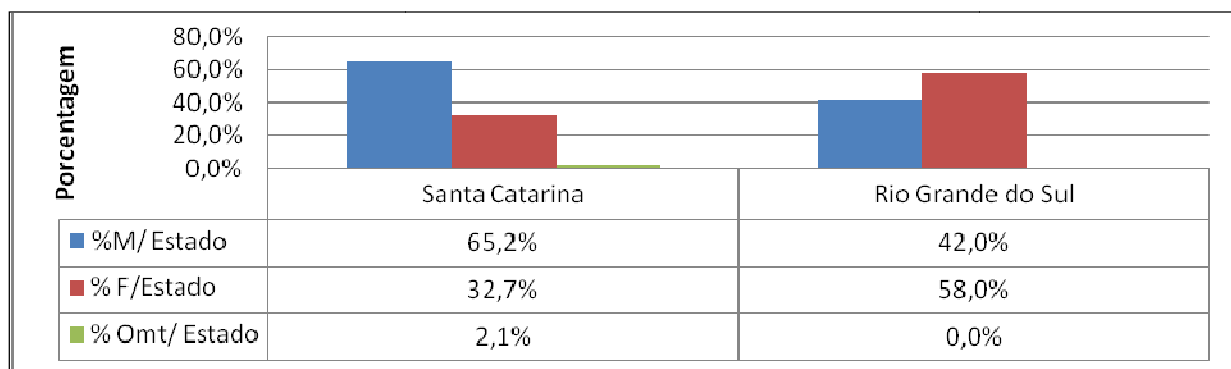


FIGURA 5.3.130 – GRÁFICO: DISTRIBUIÇÃO DE GÊNERO POR ESTADOS ENTREVISTADOS
 FONTE: TABELA 5.3.157

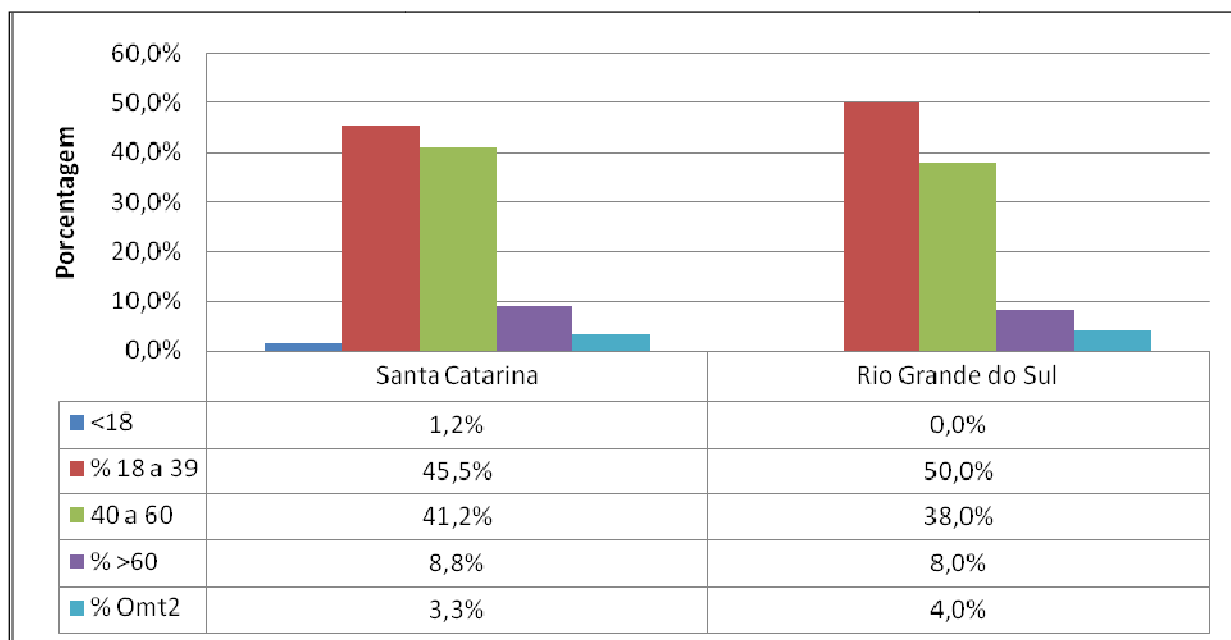


FIGURA 5.3.131 – GRÁFICO: DISTRIBUIÇÃO DE FAIXA ETÁRIA POR ESTADOS ENTREVISTADOS
 FONTE: TABELA 5.3.158

Profissão

Como a questão perguntada sobre qual a profissão do entrevistado exercida era aberta, resolveu-se agrupar e apresentar as profissões por setor (primário, secundário e terciário) para facilitar a tabulação, sendo apresentado primeiro o total da amostra, segundo por município e finalmente por estado. Isso pode ser observado pela TABELA 5.3.159 à TABELA 5.3.161 e FIGURA 5.3.132 à FIGURA 5.3.134.

TABELA 5.3.159 - PROFISSÃO (SETOR) - TOTAL

SETOR	No	%
Primário	60	15,8
Secundário	31	8,2
Terciário	245	64,5
Estudante	5	1,3
Aposentado ou desempregado	17	4,5
Omitidos	22	5,8
Total	380	100,0

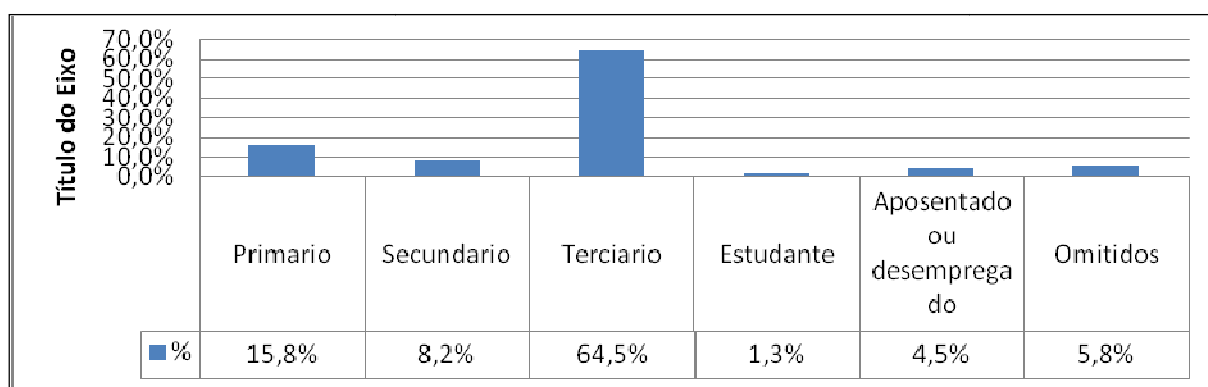


FIGURA 5.3.132 – GRÁFICO: PROFISSÃO (SETOR) - TOTAL
FONTE: TABELA 5.3.159

Através da tabela e gráfico acima apresentados, vê-se que, no geral, 64,5% dos entrevistados fazem parte do setor terciário, onde a maioria são comerciantes e agricultores.

Já quando se distribuem as profissões por municípios, o setor terciário também é o que apresenta maior percentual, e na cidade de Araranguá, no estado de Santa Catarina, isso representa 90%. (TABELA 5.3.160 e FIGURA 5.3.133).

TABELA 5.3.160 - PROFISSÃO (SETOR) - MUNICÍPIOS

Municípios	Primario	% Primario	Secundario	% Secundario	Terciario	% Terciario	Estudante	% Estudante	Aposentado ou desempregado	% Aposentado ou desempregado	Omitidos	% Omitido	Total
São José dos Ausentes - RS	10	20,0	3	6,0	31	62,0	0	0,0	3	6,0	3	6,0	50
Timbé do Sul - SC	23	18,9	11	9,0	71	58,2	2	1,6	6	4,9	9	7,4	122
Ararangua - SC	0	0,0	0	0,0	36	90,0	0	0,0	0	0,0	4	10,0	40
Meleiro - SC	0	0,0	3	25,0	9	75,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	12
Turvo - SC	26	16,9	14	9,1	97	63,0	3	1,9	8	5,2	6	3,9	154
Jacinto Machado - SC	1	50,0	0	0,0	1	50,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2
TOTAL	60	15,8	31	8,2	245	64,5	5	1,3	17	4,5	22	5,8	380

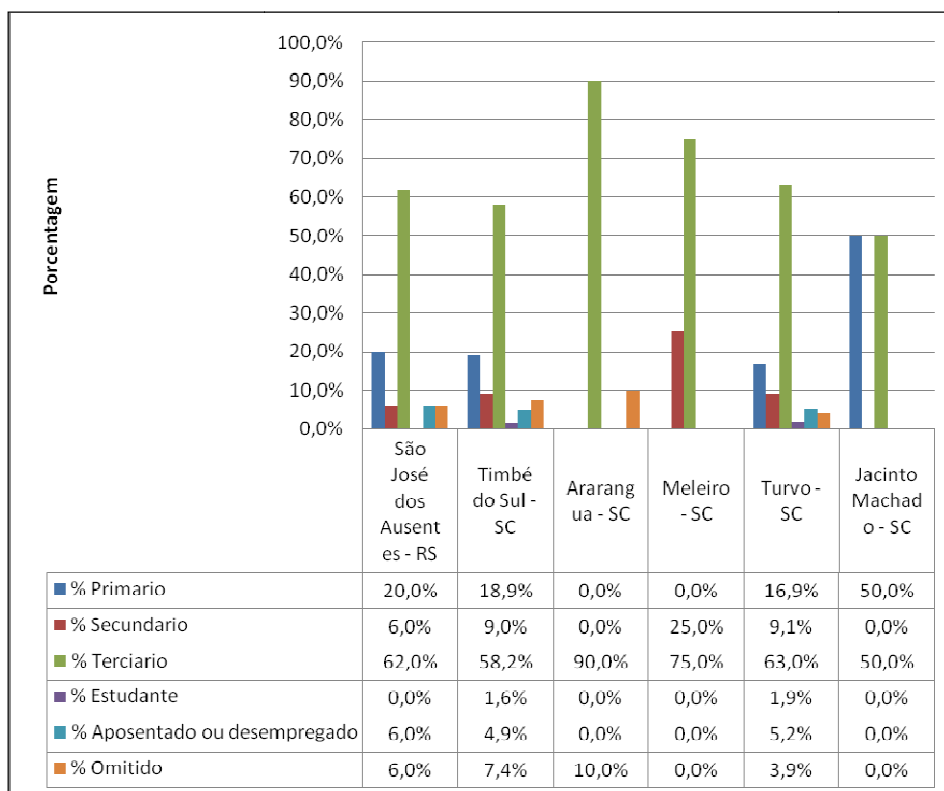


FIGURA 5.3.133 – GRÁFICO: PROFISSÃO (SETOR) - MUNICÍPIOS
FONTE: TABELA 5.3.160

A seguir é representado através da TABELA 5.3.161 e da FIGURA 5.3.134 as profissões por setor representadas por estado. O estado de Santa Catarina apresenta 64,8% dos entrevistados trabalhando no setor terciário, e no estado do Rio Grande do Sul isso representa também a maioria (62%).

TABELA 5.3.161 - PROFISSÃO (SETOR) - ESTADO

Estados	Primario	% Primario	Secundario	% Secundario	Terciario	% Terciario	Estudante	% Estudante	Aposentado ou desempregado	% Aposentado ou desempregado	Omitidos	% Omitido	Total
Santa Catarina	50	15,2	28	8,5	214	64,8	5	1,5	14	4,2	19	5,8	330
Rio Grande do Sul	10	20,0	3	6,0	31	62,0	0	0,0	3	6,0	3	6,0	50
Total	60	15,8	31	8,2	245	64,5	5	1,3	17	4,5	22	5,8	380

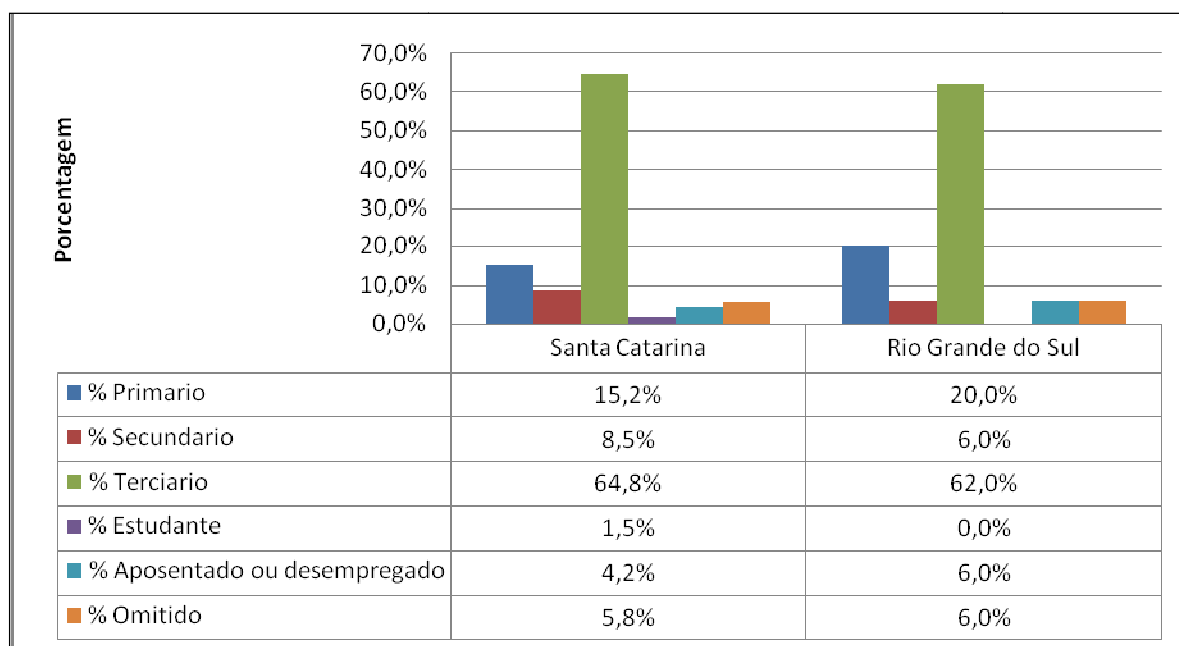


FIGURA 5.3.134 – GRÁFICO: PROFISSÃO (SETOR) - ESTADO
FONTE: TABELA 5.3.161

Participação em Organização Social

Quando foram perguntados sobre se pertenciam a alguma organização social ou associação, 63,68% dos entrevistados responderam que não, e 31,05% pertenciam. Isso pode ser observado na TABELA 5.3.162 e na FIGURA 5.3.135.

TABELA 5.3.162 - ORGANIZAÇÃO SOCIAL OU ASSOCIAÇÃO (GERAL)

Opção	No	%
Sim	118	31,05
Não	242	63,68
Omitidos	20	5,26
Total	380	100,00

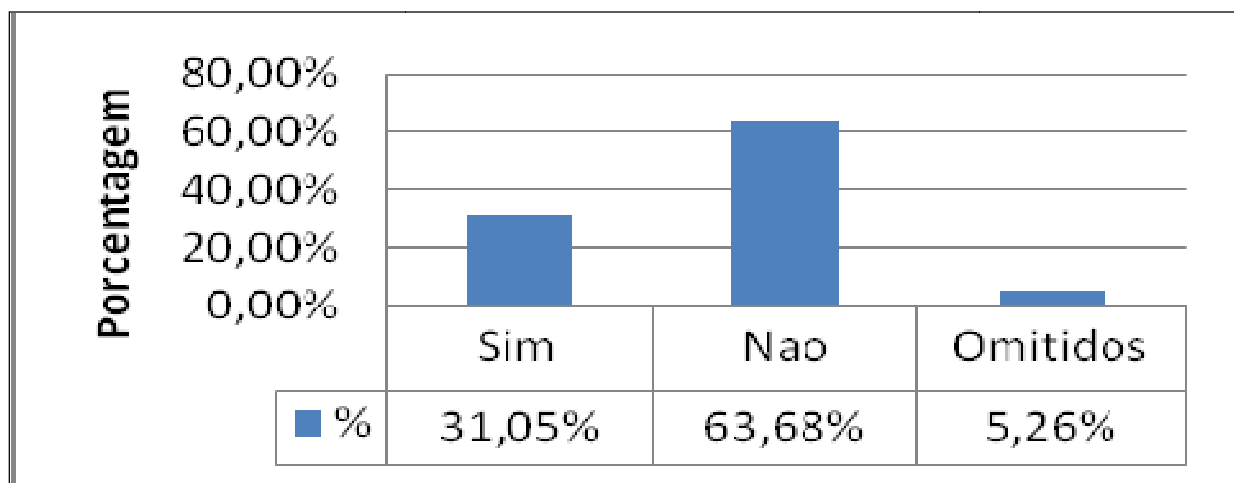


FIGURA 5.3.135 – GRÁFICO: ORGANIZAÇÃO SOCIAL OU ASSOCIAÇÃO (GERAL)
FONTE: TABELA 5.3.162

Já a TABELA 5.3.163 apresenta esses percentuais distribuídos por município, onde observa-se que foi no município de Meleiro no estado de Santa Catarina onde essa participação com uma Organização Social foi mais intensa (66,67%). Já no estado do Rio Grande do Sul, isso representou apenas 18%. Na TABELA 5.3.164 e na FIGURA 5.3.136, entretanto, isso é apresentado por estado, onde Santa Catarina têm a maior representatividade na participação dos entrevistados em alguma organização social (33%).

TABELA 5.3.163 - PARTICIPAÇÃO EM ORGANIZAÇÃO SOCIAL – POR MUNICÍPIO

Municípios	Sim	% Sim	Não	% Não	Omitidos	% Omitido	Total
São José dos Ausentes - RS	9	18,00	41	82,00	0	0,00	50
Timbé do Sul - SC	50	40,98	67	54,92	5	4,10	122
Ararangua - SC	5	12,50	32	80,00	3	7,50	40
Meleiro - SC	8	66,67	4	33,33	0	0,00	12
Turvo - SC	45	29,22	97	62,99	12	7,79	154
Jacinto Machado - SC	1	50,00	1	50,00	0	0,00	2
TOTAL	118	31,05	242	63,68	20	5,26	380

TABELA 5.3.164 - PARTICIPAÇÃO EM ORGANIZAÇÃO SOCIAL – POR ESTADO

Estados	Sim	% Sim	Não	% Não	Omitidos	% Omitido	Total
Santa Catarina	109	33,0	201	60,9	20	6,1	330
Rio Grande do Sul	9	18,0	41	82,0	0	0,0	50
Total	118	31,1	242	63,7	20	5,3	380

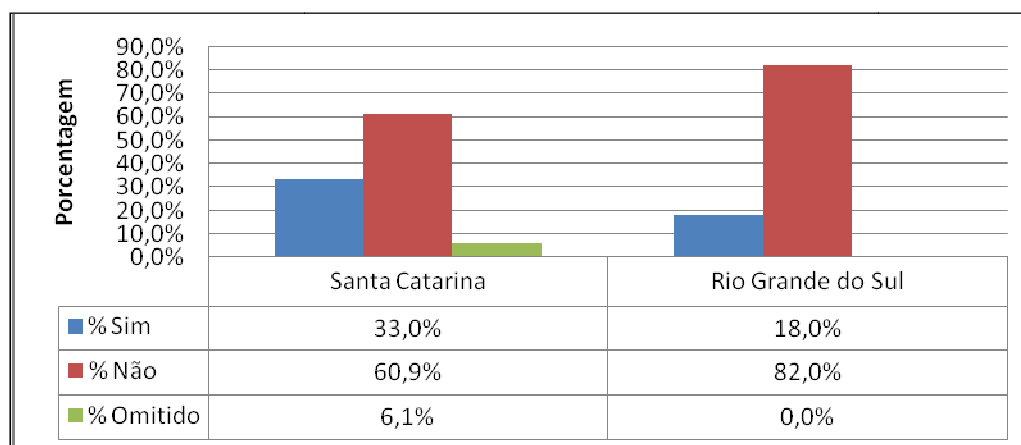


FIGURA 5.3.136 – GRÁFICO: PARTICIPAÇÃO EM ORGANIZAÇÃO SOCIAL – POR ESTADO
FONTE: TABELA 5.3.164

E em caso afirmativo, ou seja, caso pertencessem a alguma organização social, deveriam informar qual era essa organização. Aqui houve uma grande diversidade de respostas, no entanto, para facilitar a tabulação dos dados, essas foram agrupadas em sete categorias que serão descritas abaixo e apresentadas através da TABELA 5.3.165 e da TABELA 5.3.166 e FIGURA 5.3.137 e FIGURA 5.3.138.

- religiosa - Associação Comunitária Irmã Úrsula Heidemann, Sociedade Cultural e beneficente Sta. Terezinha, etc...

- educativa – Associação de Universitários, Professores, etc...

- profissional - Associação dos Artesãos, CDL (Câmara dos Dirigentes Lojistas), etc...
- social – Rotary Club, Lyons, etc...
- vicinal – Associação de Moradores da Rocinha.
- política – ASTJ (Associação dos Servidores do Tribunal de Justiça), SDR (Secretaria do Desenvolvimento Rural), etc...
- de lazer – AABB (Associação Atlética do Banco do Brasil), Jeep Club, Movimento Feminino, etc...

TABELA 5.3.165 - PARTICIPAÇÃO EM ORGANIZAÇÃO SOCIAL POR MUNICÍPIO E POR CATEGORIA

Municípios	Religiosa	% Religiosa	Educativa	%Educativa	Profissional	%Profissional	Social	%Social	Vicinal	%Vicinal	Política	%Política	de lazer	%de Lazer	omitidos	%Omitidos	Total
São José dos Ausentes - RS	0	0,0	2	4,0	6	12,0	0	0,0	0	0,0	0	0	0	0	1	2,0	9
Timbé do Sul - SC	2	1,6	1	0,8	8	6,6	4	3,3	29	23,8	3	2,5	0	0	3	2,5	50
Ararangua - SC	0	0,0	0	0,0	3	7,5	1	2,5	0	0,0	0	0	0	0	1	2,5	5
Meleiro - SC	1	8,3	0	0,0	4	33,3	3	25,0	0	0,0	0	0	0	0	0	0	8
Turvo - SC	7	4,5	0	0,0	26	16,9	4	2,6	2	1,3	0	0	5	3,2	1	0,6	45
Jacinto Machado - SC	0	0,0	0	0,0	1	50,0	0	0,0	0	0,0	0	0	0	0	0	0	1
TOTAL	10	2,6	3	0,8	48	12,6	12	3,2	31	8,2	3	0,8	5	1,3	6	1,6	118

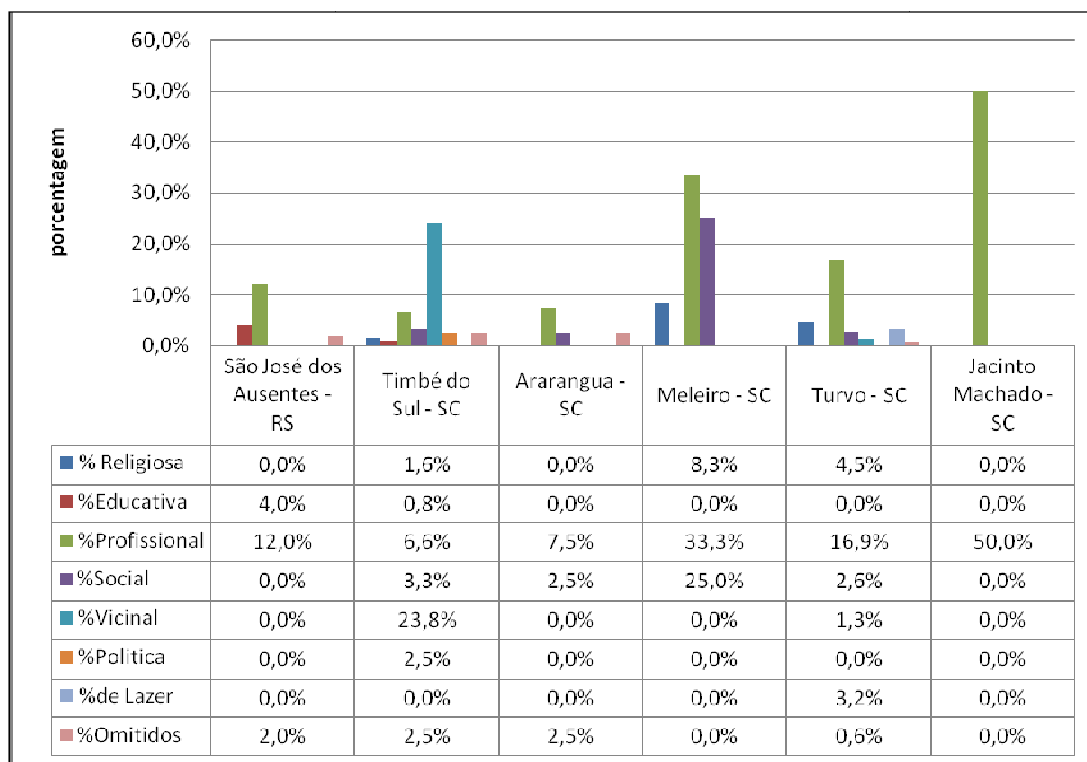


FIGURA 5.3.137 – GRÁFICO: PARTICIPAÇÃO EM ORGANIZAÇÃO SOCIAL POR MUNICÍPIO E POR CATEGORIA
FONTE: TABELA 5.3.165

TABELA 5.3.166 - PARTICIPAÇÃO EM ORGANIZAÇÃO SOCIAL POR ESTADO E POR CATEGORIA

Estados	Religiosa	% Religiosa	Educativa	% Educativa	Profissional	% Profissional	Social	% Social	Vicinal	% Vicinal	Política	% Política	de lazer	% de Lazer	omitidos	% Omitidos	Total
Santa Catarina	10	3,0	1	0,3	42	12,7	12	3,6	31	9,4	3	0,9	5	1,5	5	1,5	109
Rio Grande do Sul	0	0,0	2	4,0	6	12,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	2,0	9
Total	10	2,6	3	0,8	48	12,6	12	3,2	31	8,2	3	0,8	5	1,3	6	1,6	118

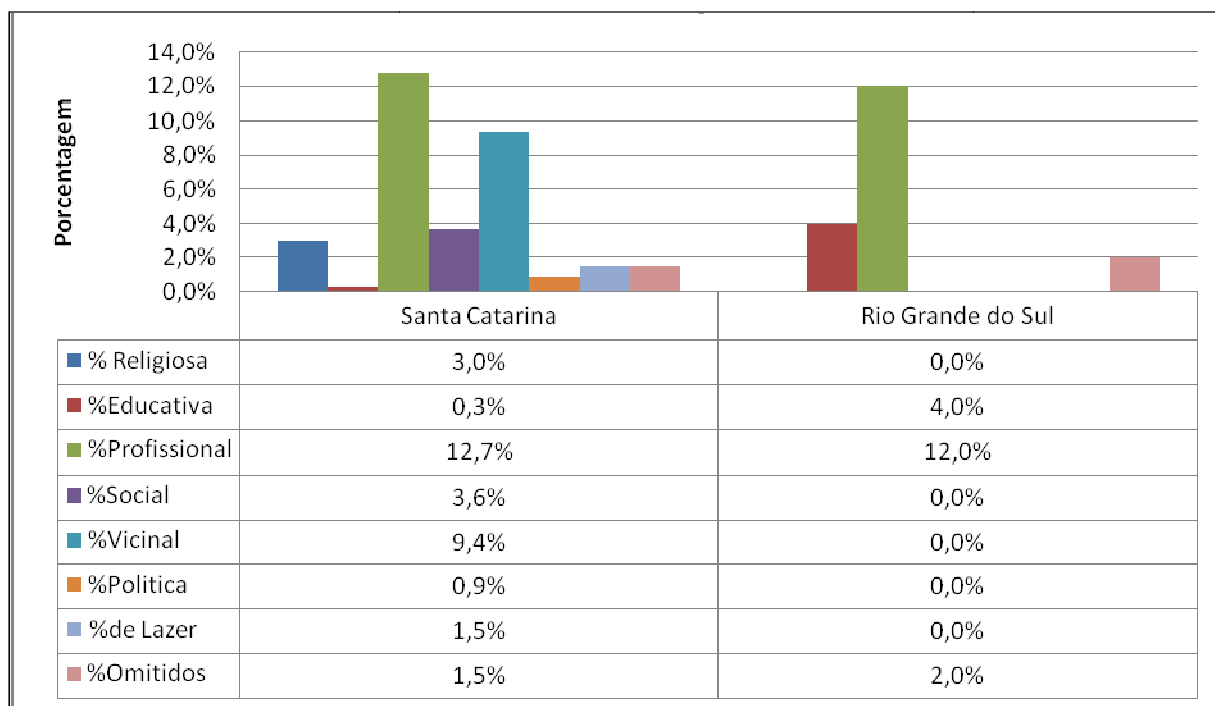


FIGURA 5.3.138 - GRÁFICO PARTICIPAÇÃO EM ORGANIZAÇÃO SOCIAL POR ESTADO E POR CATEGORIA
FONTE: TABELA 5.3.166

Migração

Caso o entrevistado não fosse natural do município onde foi realizada a entrevista, eram questionados a responder:

- A quantos anos mora na região?
- De onde veio?
- Por que saiu da região onde morava anteriormente?

Assim, têm-se os resultados apresentados nas tabelas e gráficos mostrados a seguir.

TABELA 5.3.167 - QUANTOS ANOS MORA NA REGIÃO - TOTAL

IDADE	No	%
1 a 4	21	17,36
5 a 9	12	9,92
10 ou mais	88	72,73
TOTAL	121	100,00

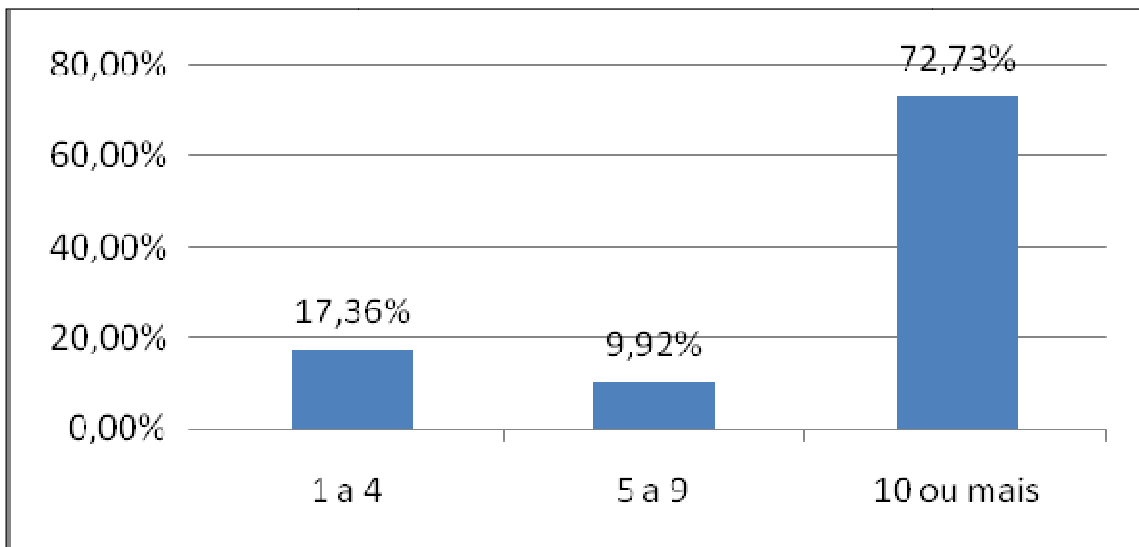


FIGURA 5.3.139 – GRÁFICO: QUANTOS ANOS MORA NA REGIÃO - TOTAL
 FONTE: TABELA 5.3.167

Quando questionados de onde vieram, a maioria, 55,37% dos entrevistados responderam serem procedentes de cidades pertencentes às Áreas de Influência Indireta (All), 22,31%, migraram de outros locais de Santa Catarina e 17,36% do Rio Grande do Sul. Ressalta-se que dos totais de entrevistados somente 4,69% migraram de outros. TABELA 5.3.168 e FIGURA 5.3.140.

TABELA 5.3.168 - PROCEDÊNCIA DOS ENTREVISTADOS

Região	No	%
All	67	55,37
RS	21	17,36
SC	27	22,31
Outros	6	4,96
Total	121	100,00

A TABELA 5.3.169 refina os dados anteriores e mostra, em detalhes, de onde migraram as pessoas que moram nos locais da entrevista. De um modo geral se observa que a grande maioria dos migrantes procedem da região sul, mais precisamente, de cidades próximas de onde moram atualmente.

TABELA 5.3.169 – QUADRO: PROCEDÊNCIA DOS ENTREVISTADOS

LOCAL DA ENTREVISTA	DE ONDE VEIO
ARARANGUÁ	Caixias do Sul / RS
	Criciuma / SC
	Cruz Alta / RS
	Alta Floresta / MT
	Jacinto Machado / SC
	Maracaja / SC
	Meleiro / SC
	Nova Veneza / SC
	Morro Grande / SC
	Xangrila / RS
	Sombrio / SC
MELEIRO	Timbé do Sul / SC
	Tubarão / SC
	Criciuma / SC
TIMBÉ DO SUL	Lauro Muller/SC
	Forquilha / SC
	Bom Jesus / RS
	Cambara do Sul / RS
	Nova Petropolis / RS
	Criciuma / SC
	Turvo / SC
	Jacinto Machado / SC
	Tubarão / SC
	Meleiro / SC
	Caixias do Sul / RS
	Sombrio / SC
	Nova Veneza / SC
	Ararangua / SC
São Bonifacio / SC	
São José dos Ausentes / RS	
Morro Grande / SC	
USA	
TURVO	Ararangua / SC
	Chapecó / SC
	Criciuma / SC
	Ermo / SC
	Francisco Beltrão / PR
	Jacinto Machado / SC
	Praia Grande / SC
	Sanga da Toca / SC
	Meleiro / SC
	Salvador / BA
Santa Barbara do Sul / RS	

LOCAL DA ENTREVISTA	DE ONDE VEIO
SÃO JOSÉ DOS AUSENTES	Santa Cruz do Sul / RS
	São Lourenço do Oeste / SC
	São Miguel do Iguaçu / PR
	Piçarras / SC
	Timbé do Sul / SC
	Bom Jesus / RS
	Caixias do Sul / RS
	Cambara do Sul / RS
	São Leopoldo / RS
	Criciúma / SC
	Canoas / RS
	Curitibanos / SC
	Esteio / RS
	Ararangua / SC
	Viamão / RS
	Lages / SC
	Viamão / RS
	Santa Maria / RS
	São Joaquim / SC
	Taquara / RS
Timbé do Sul / SC	
Três Coroas / RS	

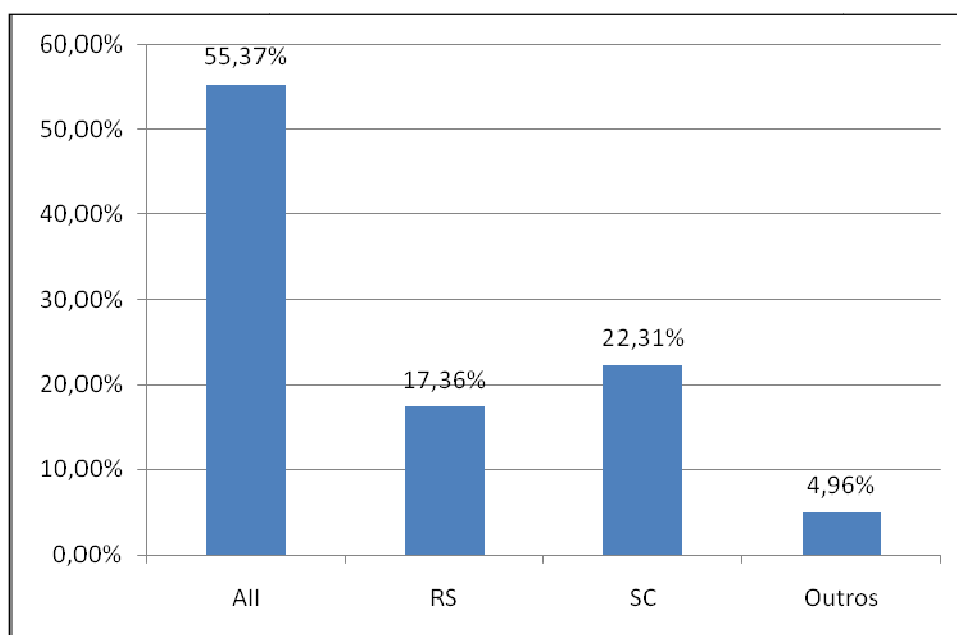


FIGURA 5.3.140 – GRÁFICO: PROCEDÊNCIA DOS ENTREVISTADOS
 FONTE: TABELA 5.3.168

Após responder de onde o entrevistado teria vindo, ele deveria responder o motivo pelo qual ele saiu da região onde morava para morar onde está atualmente. Deste modo, eram fornecidas algumas opções de escolha, onde o entrevistado poderia escolher mais de uma opção. Elas serão apresentadas a seguir:

- vendeu a terra
- arrendou terra
- assumir emprego
- procurar emprego ou trabalho
- melhores condições de atendimento a saúde
- adquiriu terra
- perdeu o emprego na cidade onde morava
- pouco trabalho ou sem trabalho
- doença na família e falta de hospital
- veio para a cidade para dar oportunidade de estudo para os filhos
- motivo de família (casamento, separação, morte)
- ficar mais próximos dos familiares
- outro

O resultado pode ser observado através da TABELA 5.3.170 e da FIGURA 5.3.141 apresentado abaixo.

TABELA 5.3.170 - MOTIVO DA MIGRAÇÃO

Motivos	No	%
Vendeu Terra	7	5,79
Adquiriu Terra	25	20,66
Arrendou Terra	1	0,83
Perdeu emprego na cidade onde morava	2	1,65
Assumiu emprego	32	26,45
Melhores condições de atendimento a saúde	6	4,96
Dar oportunidade de estudo aos filhos	6	4,96
Motivos de família (casamento separação, morte)	24	19,83
Ficar mais próximo a familiares	7	5,79
Outro *	11	9,09
Total	121	100,00

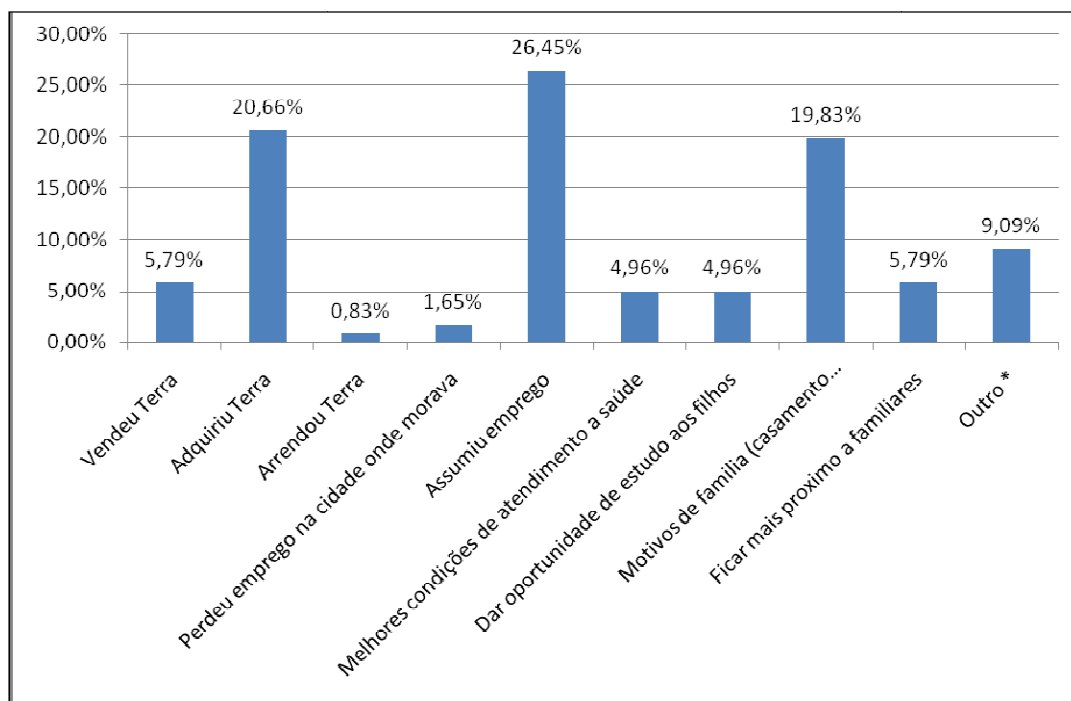


FIGURA 5.3.141 – GRÁFICO: MOTIVO DA MIGRAÇÃO
 FONTE: TABELA 5.3.170

Desta forma, observa-se que os itens mais votados pelo motivo da mudança de cidade foram: para assumir emprego (26,45% dos entrevistados) e por motivos de aquisição de terra no local (20,66%), que ficou muito próximo do motivo Família (19,83%).

Expectativas da Comunidade em relação ao Empreendimento

Nesta etapa do questionário, foi explicado aos entrevistados que está prevista a construção de uma estrada e eles deveriam responder se achavam importante ou não a construção dessa estrada e quais os benefícios que essa construção traria para a região.

Assim, da Tabela 5.3.171 à Tabela 5.3.173 e da TABELA 5.3.142 à Figura 5.3.144 referem-se à importância da construção da estrada. As informações foram separadas por município, estado e o geral avaliado. Como se pode observar, 97,37% dos entrevistados acreditam que a construção da estrada é importante. No estado do Rio Grande do Sul, por exemplo, essa opção representa 100% dos entrevistados

TABELA 5.3.171 - IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO DA ESTRADA – AVALIAÇÃO POR MUNICÍPIO

Municípios	Si m	% Sim	Nã o	% Não	Sem resposta	%Omitido s	Tota l	%
São José dos Ausentes - RS	50	100,0	0	0,0	0	0,0	50	13,16
Timbé do Sul - SC	118	96,7	0	0,0	4	3,28	122	32,11
Ararangua - SC	40	100,0	0	0,0	0	0,00	40	10,53
Meleiro-SC	12	100,0	0	0,0	0	0,00	12	3,16
Turvo-SC	148	96,1	1	0,6	5	3,25	154	40,53
Jacinto Machado - SC	2	100,0	0	0,0	0	0,00	2	0,53
Total	370	97,4	1	0,3	9	2,37	380	100,00

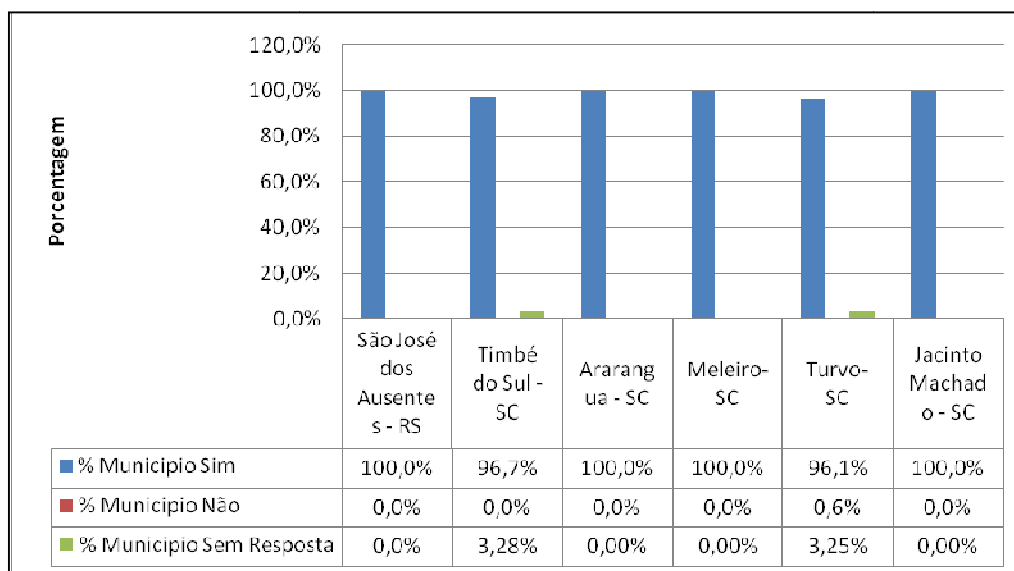


FIGURA 5.3.142 – GRÁFICO: IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO DA ESTRADA – AVALIAÇÃO POR MUNICÍPIO

FONTE: TABELA 5.3.171

TABELA 5.3.172 - IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO DA ESTRADA – AVALIAÇÃO POR ESTADO

Estados	Sim	% Sim	Não	% Não	Omitidos	% Omitidos	Total
Santa Catarina	320	97,0	1	0,3	9	2,7	330
Rio Grande do Sul	50	100,0	0	0,0	0	0,00	50
Total	370	97,4	1	0,3	9	2,37	380

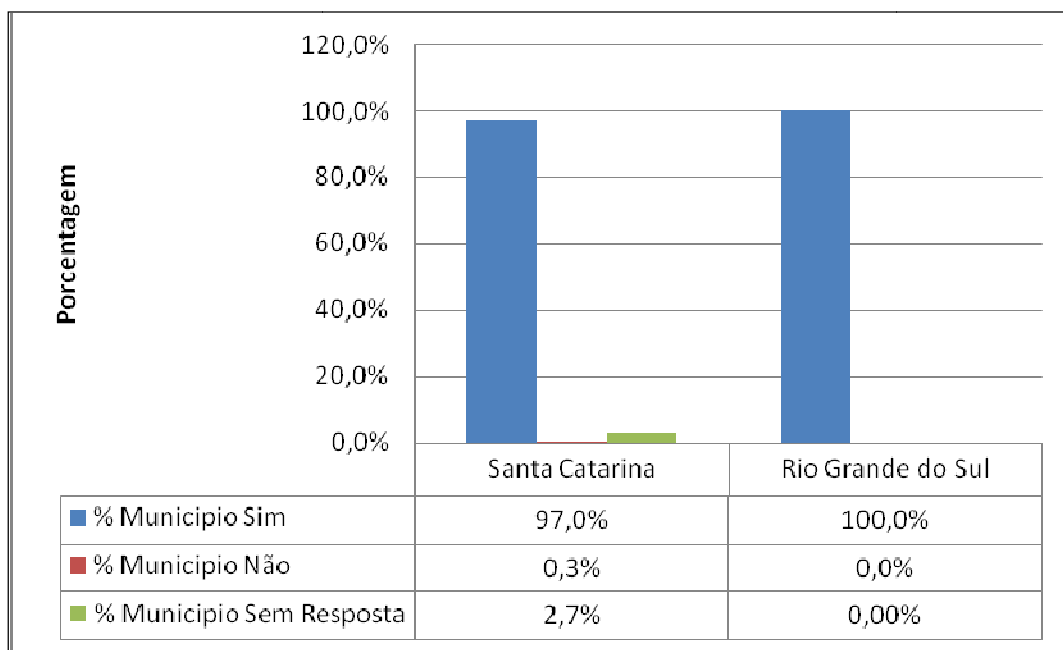


FIGURA 5.3.143 – GRÁFICO: IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO DA ESTRADA – AVALIAÇÃO POR ESTADO

FONTE: TABELA 5.3.172

TABELA 5.3.173 - IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO DA ESTRADA – AVALIAÇÃO GERAL

Municípios	No	%
Sim	370	97,37
Não	1	0,26
Sem resposta	9	2,37
TOTAL	380	100,00

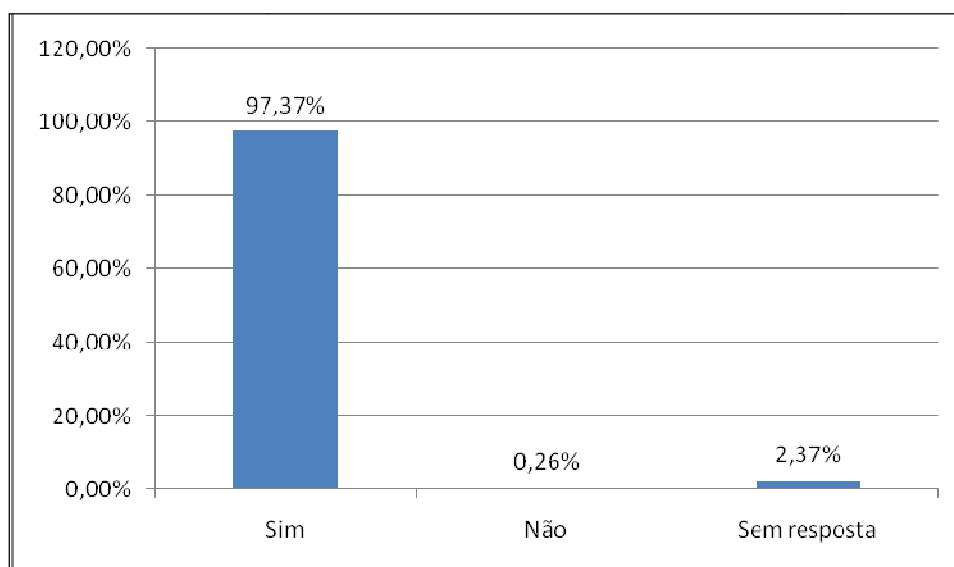


FIGURA 5.3.144 – GRÁFICO: IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO DA ESTRADA – AVALIAÇÃO GERAL

FONTE: TABELA 5.3.173

Os entrevistados também foram questionados sobre quais os benefícios que a construção da estrada traria para a região. Para essa questão, foram colocadas algumas alternativas, onde poderia ser escolhida mais de uma opção, as quais seguem abaixo:

- nenhum benefício
- escoamento de mercadorias
- desenvolvimento do comércio local e regional
- desenvolvimento do turismo
- facilidade de acesso
- outros

Os resultados são apresentados por município, por estado e no geral (total). Assim, através da TABELA 5.3.171 à TABELA 5.3.173 e da FIGURA 5.3.145 à FIGURA 5.3.147 pode-se afirmar que a opção mais votada foi a opção que fala do benefício do desenvolvimento do comércio local e regional. Essa alternativa apresentou 100% de votação na cidade de Meleiro, no estado de Santa Catarina, o que representou 92,10% do estado, a opção menos votada no estado foi a de escoamento de mercadorias nos dois estados. Em Santa Catarina isso representou 71,2% e no estado do Rio Grande do Sul 68%. No Rio Grande do Sul a opção mais votada também foi a do desenvolvimento do comércio (92%), porém empatando com a opção de facilidades de acesso, que também obteve esse percentual no estado.

TABELA 5.3.174 - BENEFÍCIOS DA CONSTRUÇÃO DA ESTRADA PARA A REGIÃO – AVALIADA POR MUNICÍPIO

Municípios	Nenhum	% Nenhum	Escoamento de Mercadorias	% Escoamento de Mercadorias	Desenvolvimento do comércio local e regional	% Desenvolvimento do comércio	Desenvolvimento de turismo	% Desenvolvimento de turismo	Facilidade de acesso	% Facilidade de acesso	Outros	% Outros	Sem Resposta	% Sem Resposta	Total
São José dos Ausentes - RS	0	0,00	34	68,00	46	92,00	44	88,00	46	92,00	3	6,00	0	0,00	173
Timbé do Sul - SC	0	0,00	106	86,89	117	95,90	114	93,44	116	95,08	21	17,21	0	0,00	474
Araranguá - SC	0	0,00	24	60,00	36	90,00	26	65,00	30	75,00	1	2,50	0	0,00	117

Municípios	Nenhum	% Nenhum	Escoamento de Mercadorias	% Escoamento de Mercadorias	Desenvolvimento do comércio local e regional	% Desenvolvimento do comércio	Desenvolvimento de turismo	% Desenvolvimento de turismo	Facilidade do acesso	% Facilidade do acesso	Outros	% Outros	Sem Resposta	% Sem Resposta	Total
Meleiro - SC	0	0,00	9	75,00	12	100,0	11	91,67	11	91,67	0	0,00	0	0,00	43
Turvo - SC	1	0,65	94	61,04	138	89,61	132	85,71	137	88,96	17	11,04	2	1,30	521
Jacinto Machado - SC	0	0,00	2	100,00	1	50,00	1	50,00	1	50,00	0	0,00	0	0,00	5
Total	1	0,26	269	70,79	350	92,11	328	86,32	341	89,74	42	11,05	2	0,53	1333

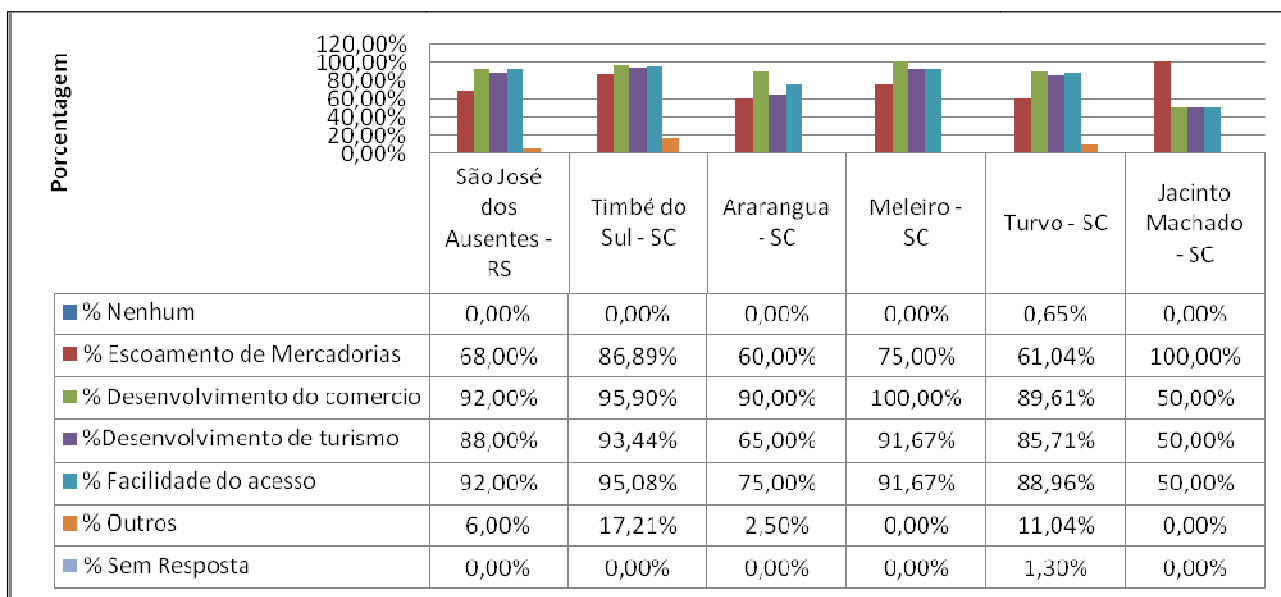


FIGURA 5.3.145 – GRÁFICO: BENEFÍCIOS DA CONSTRUÇÃO DA ESTRADA PARA A REGIÃO – AVALIADA POR MUNICÍPIO
FONTE: TABELA 5.3.174

TABELA 5.3.175 - BENEFÍCIOS DA CONSTRUÇÃO DA ESTRADA PARA A REGIÃO – AVALIADA POR ESTADO

	Nenhum	% Nenhum	Escoamento de Mercadorias	% Escoamento de Mercadorias	Desenvolvimento do comercio local e regional	% Desenvolvimento do comercio	Desenvolvimento de turismo	% Desenvolvimento de turismo	Facilidade do acesso	% Facilidade do acesso	Outros	% Outros	Sem Resposta	% Sem Resposta	Total
Santa Catarina	1	0,3	235	71,2	304	92,1	284	86,1	295	89,4	39	11,8	2	0,6	1160
Rio Grande do Sul	0	0,0	34	68,0	46	92,0	44	88,0	46	92,0	3	6,0	0	0,0	173
Total	1	0,3	269	70,8	350	92,1	328	86,3	341	89,7	42	11,1	2	0,5	1333

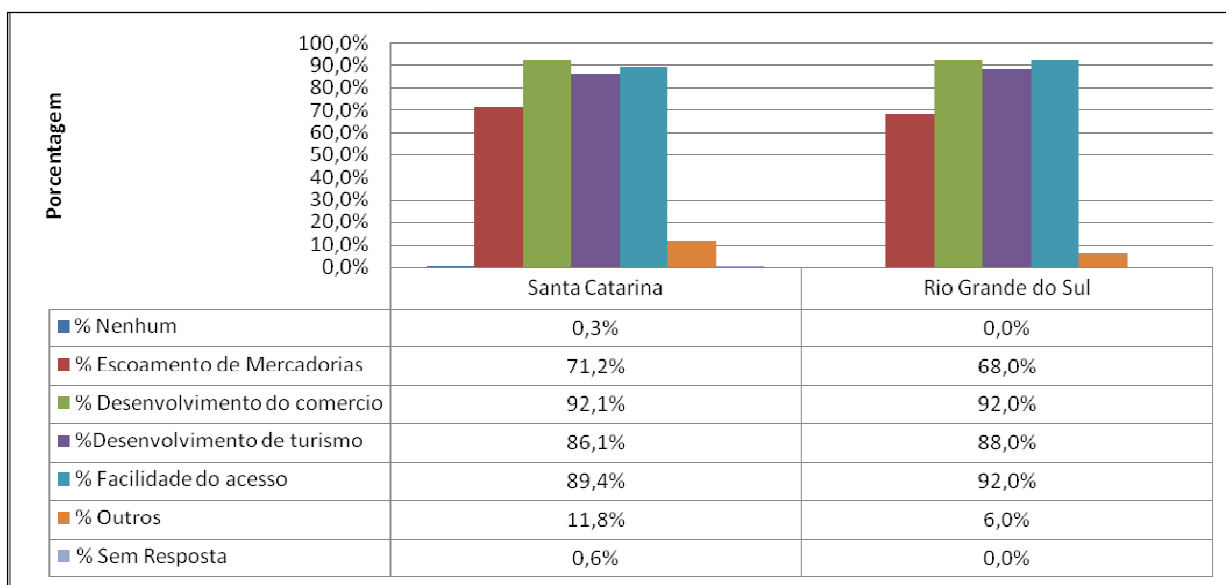


FIGURA 5.3.146 – GRÁFICO: BENEFÍCIOS DA CONSTRUÇÃO DA ESTRADA PARA A REGIÃO – AVALIADA POR ESTADO
 FONTE: TABELA 5.3.175

TABELA 5.3.176 - BENEFÍCIOS DA CONSTRUÇÃO DA ESTRADA PARA A REGIÃO – AVALIAÇÃO GERAL (TOTAL)

Benefícios	No	%
Nenhum	1	0,08
Escoamento de Mercadorias	269	20,21
Desenvolvimento do comercio local e regional	350	26,30
Desenvolvimento de turismo	328	24,64
Facilidade do acesso	341	25,62
Outros	42	3,16
Total	1331	100,00

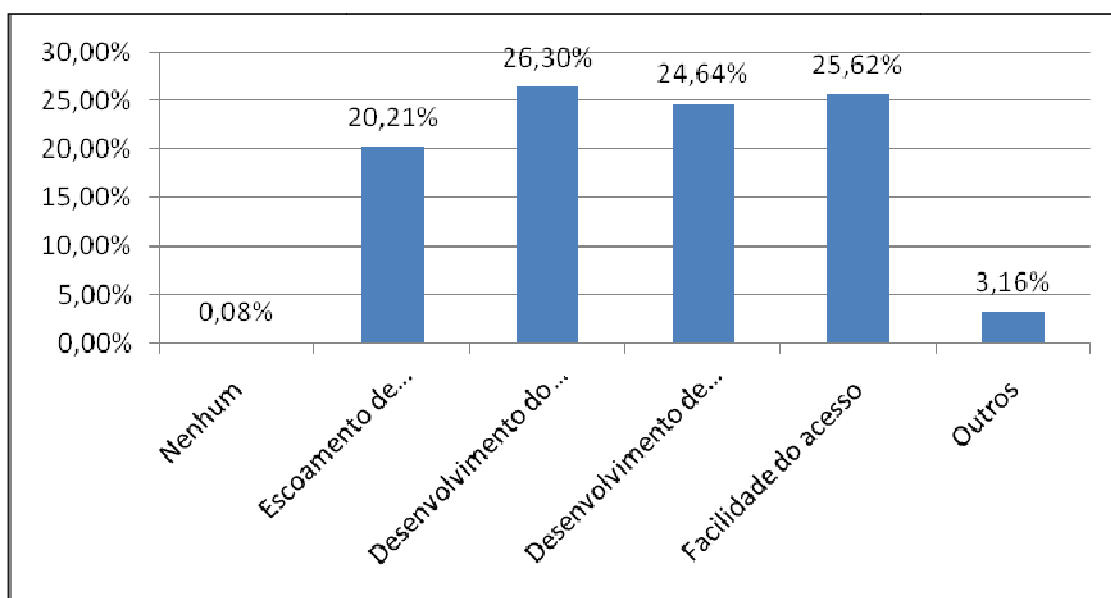


FIGURA 5.3.147 - GRÁFICO: BENEFÍCIOS DA CONSTRUÇÃO DA ESTRADA PARA A REGIÃO – AVALIAÇÃO GERAL (TOTAL)

FONTE: TABELA 5.3.176

A próxima questão abordada tem a ver com a pavimentação que já foi concluída no trecho que liga Bom Jesus a São José dos Ausentes, onde se questiona se trouxe benefícios ou não para a região. O que pode ser observado através da TABELA 5.3.177 à TABELA 5.3.179 e da FIGURA 5.3.148 à FIGURA 5.3.150 é que o maior índice de rejeição foi observado no município de Meleiro, que apresentou 25% de pessoas que não acreditam que a pavimentação concluída naquele trecho tenha trazido algum benefício. Por outro lado, o município de São José dos Ausentes, no estado do Rio Grande do Sul, 100% dos entrevistados dizem que há benefícios na obra executada. Dos municípios de Santa Catarina, o único que apresentou um índice unânime favorável para esse questionamento foi Jacinto Machado.

TABELA 5.3.177 - BENEFÍCIOS DA PAVIMENTAÇÃO JÁ CONCLUÍDA – BOM JESUS E SÃO JOSÉ DOS AUSENTES – AVALIAÇÃO POR MUNICÍPIOS

Municípios	Sim	%Sim	Não	%Não	Omitida	%Omitida	Total
São José dos Ausentes - RS	50	100,00	0	0,00	0	0,00	50
Timbé do Sul - SC	113	92,62	7	5,74	2	1,64	122
Ararangua - SC	37	92,50	3	7,50	0	0,00	40
Meleiro - SC	9	75,00	3	25,00	0	0,00	12
Turvo - SC	141	91,56	11	7,14	2	1,30	154
Jacinto Machado - SC	2	100,00	0	0,00	0	0,00	2
Total	352	92,63	24	6,32	4	1,05	380

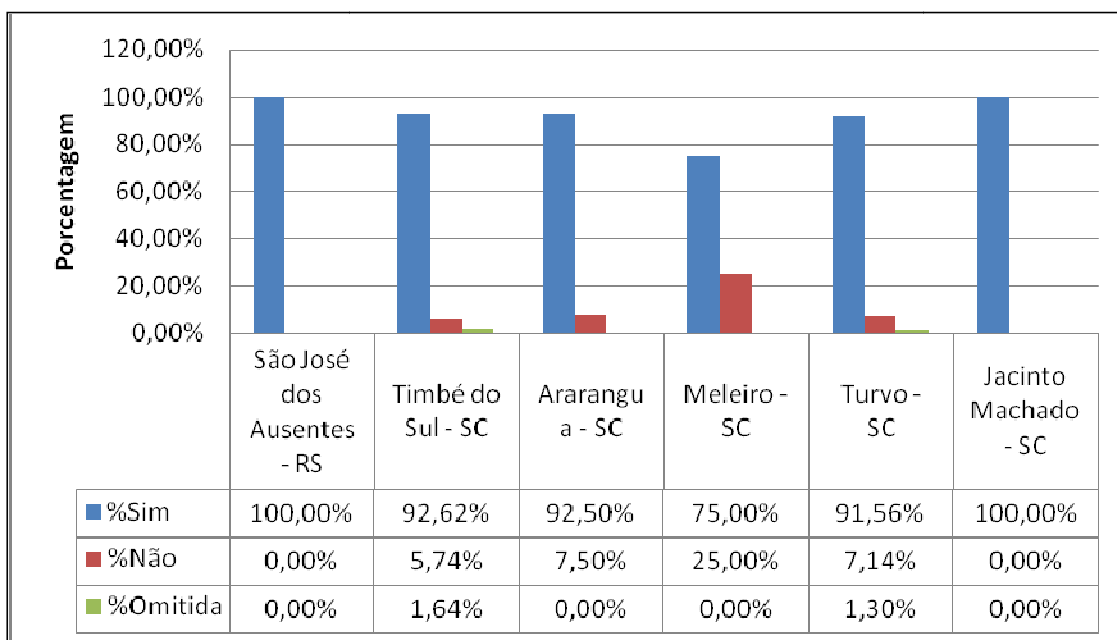


FIGURA 5.3.148 - GRÁFICO: BENEFÍCIOS DA PAVIMENTAÇÃO JÁ CONCLUÍDA – BOM JESUS E SÃO JOSÉ DOS AUSENTES – AVALIAÇÃO POR MUNICÍPIOS
FONTE: TABELA 5.3.177

TABELA 5.3.178 - BENEFÍCIOS DA PAVIMENTAÇÃO JÁ CONCLUÍDA – BOM JESUS E SÃO JOSÉ DOS AUSENTES – AVALIAÇÃO POR ESTADO

Estados	Sim	%Sim	Não	%Não	Omitido	%Omitido	Total
Santa Catarina	302	91,5	24	7,3	4	1,2	330
Rio Grande do Sul	50	100,0	0	0,0	0	0,0	50
Total	352	92,6	24	6,3	4	1,1	380

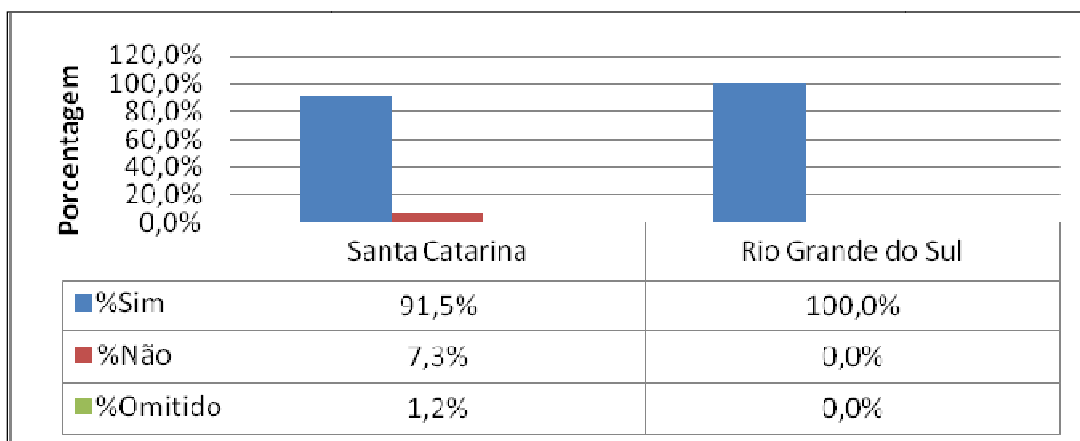


FIGURA 5.3.149 - GRÁFICO: BENEFÍCIOS DA PAVIMENTAÇÃO JÁ CONCLUÍDA – BOM JESUS E SÃO JOSÉ DOS AUSENTES – AVALIAÇÃO POR ESTADO
FONTE: TABELA 5.3.178

TABELA 5.3.179 - BENEFÍCIOS DA PAVIMENTAÇÃO JÁ CONCLUÍDA – BOM JESUS E SÃO JOSÉ DOS AUSENTES – AVALIAÇÃO GERAL (TOTAL)

Municípios	No	%
Sim	352	92,63
Não	24	6,32
Sem resposta	4	1,05
TOTAL	380	100,00

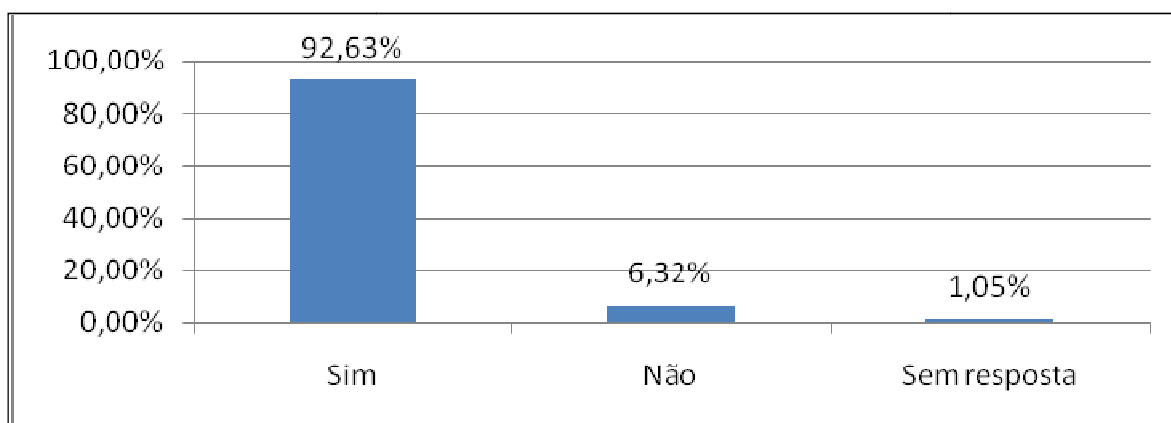


FIGURA 5.3.150 - GRÁFICO: BENEFÍCIOS DA PAVIMENTAÇÃO JÁ CONCLUÍDA – BOM JESUS E SÃO JOSÉ DOS AUSENTES – AVALIAÇÃO GERAL (TOTAL)
FONTE: TABELA 5.3.179

A TABELA 5.3.180 à TABELA 5.3.182 e a FIGURA 5.3.151 à FIGURA 5.3.153 referem-se à pavimentação concluída do trecho entre Timbé do Sul e a BR-101, com o mesmo objetivo da questão anterior vem investigar a opinião dos entrevistados sobre se houve benefício ou não para a região. Desta forma, conclui-se que Jacinto Machado novamente foi a cidade com maior índice de rejeição (50%), os demais municípios, tanto do estado de Santa Catarina como do Rio Grande do Sul apresentaram índices positivos

quanto aos benefícios trazidos maior do que 90%. De uma maneira geral, 97,11% dos entrevistados acreditam que este trecho já pavimentado (Timbé do Sul – BR101) trará sim benefícios à sua região.

TABELA 5.3.180 - BENEFÍCIOS DA PAVIMENTAÇÃO JÁ CONCLUÍDA – TIMBÉ DO SUL – BR 101 - AVALIAÇÃO POR MUNICÍPIOS

Municípios	Sim	%Sim	Não	%Não	Omitida	%Omitida	Total
São José dos Ausentes - RS	47	94,00	2	4,00	1	2,00	50
Timbé do Sul - SC	120	98,36	2	1,64	0	0,00	122
Ararangua - SC	39	97,50	1	2,50	0	0,00	40
Meleiro - SC	11	91,67	1	8,33	0	0,00	12
Turvo - SC	151	98,05	1	0,65	2	1,30	154
Jacinto Machado - SC	1	50,00	1	50,00	0	0,00	2
Total	369	97,11	8	2,11	3	0,79	380

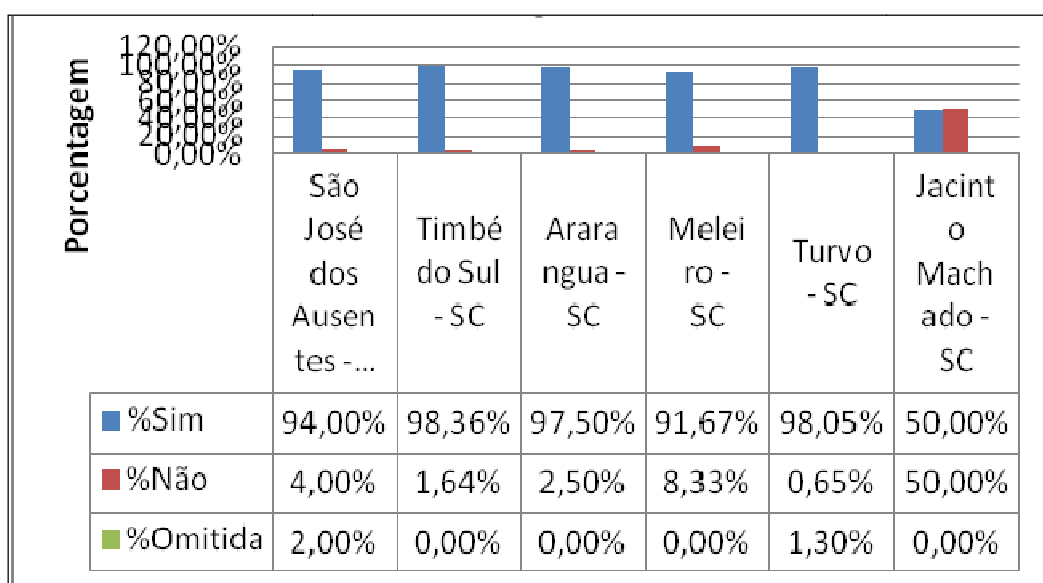


FIGURA 5.3.151 – GRÁFICO: BENEFÍCIOS DA PAVIMENTAÇÃO JÁ CONCLUÍDA – TIMBÉ DO SUL – BR 101 - AVALIAÇÃO POR MUNICÍPIOS
FONTE: TABELA 5.3.180

TABELA 5.3.181 - BENEFÍCIOS DA PAVIMENTAÇÃO JÁ CONCLUÍDA – TIMBÉ DO SUL / BR 101 – AVALIAÇÃO POR ESTADO

Estados	Sim	%Sim	Não	%Não	Omitida	%Omitida	Total
Santa Catarina	322	97,58	6	1,82	2	0,61	330
Rio Grande do Sul	47	94,00	2	4,00	1	2,00	50
Total	369	97,11	8	2,11	3	0,79	380

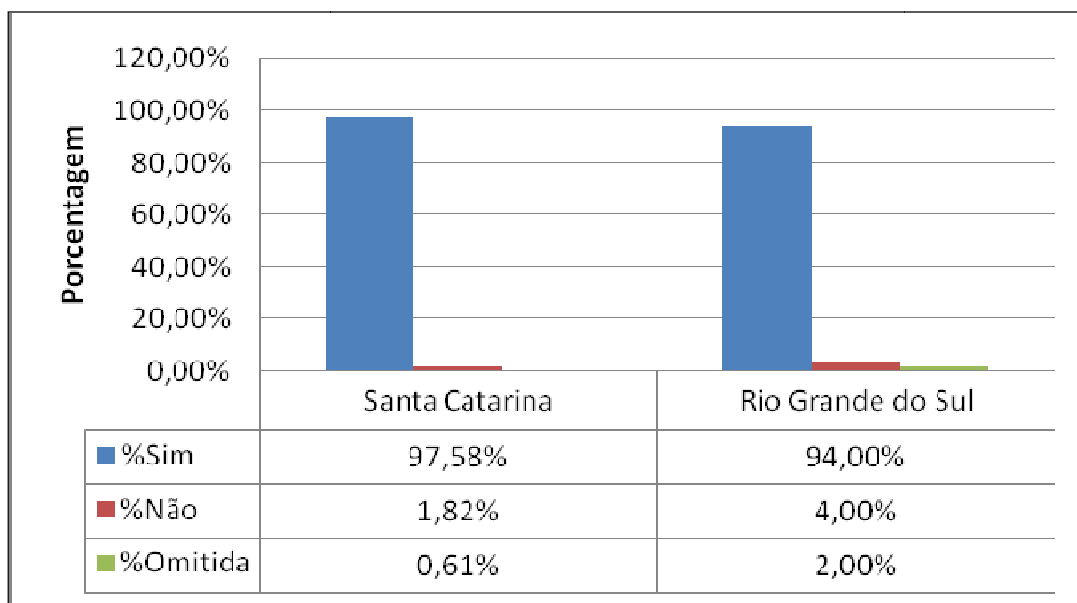


FIGURA 5.3.152 – GRÁFICO: BENEFÍCIOS DA PAVIMENTAÇÃO JÁ CONCLUÍDA – TIMBÉ DO SUL / BR 101– AVALIAÇÃO POR ESTADO
FONTE: TABELA 5.3.181

TABELA 5.3.182 - BENEFÍCIOS DA PAVIMENTAÇÃO JÁ CONCLUÍDA – TIMBÉ DO SUL / BR 101– AVALIAÇÃO GERAL (TOTAL)

Municípios	No	%
Sim	369	97,11
Não	8	2,11
Sem resposta	3	0,79
TOTAL	380	100,00

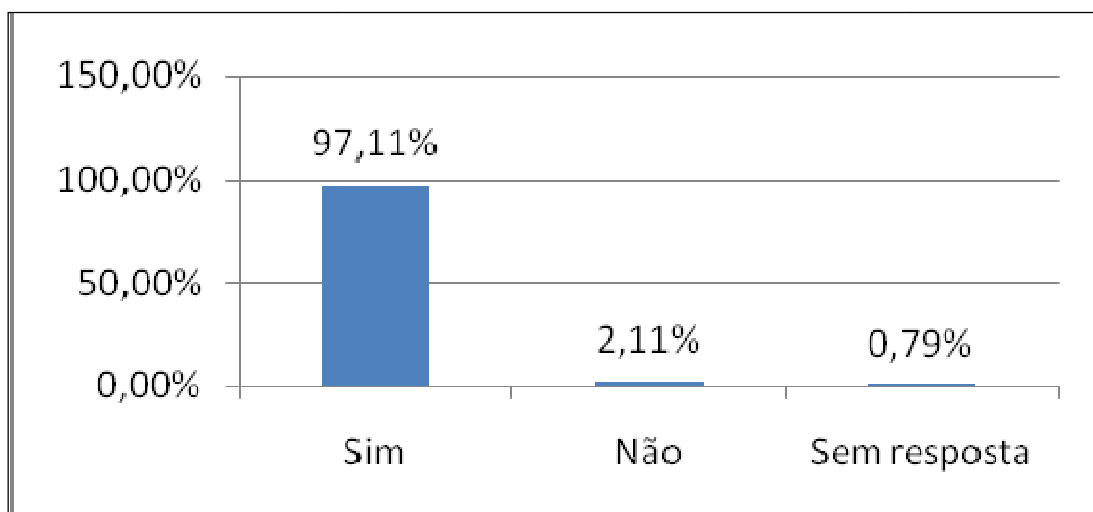


FIGURA 5.3.153 - GRÁFICO: BENEFÍCIOS DA PAVIMENTAÇÃO JÁ CONCLUÍDA – TIMBÉ DO SUL / BR 101– AVALIAÇÃO GERAL (TOTAL)
FONTE: TABELA 5.3.182

Os entrevistados também foram questionados sobre a importância da continuidade da pavimentação entre São José dos Ausentes e Timbé do Sul. Os

resultados são apresentados na TABELA 5.3.183 à TABELA 5.3.185 e na FIGURA 5.3.154 à FIGURA 5.3.156, onde obtiveram-se os seguintes resultados: com exceção aos municípios de Timbé do Sul, curiosamente e Turvo, todos os demais apresentaram 100% na votação que afirma ser importante a continuação da pavimentação de São José dos Ausentes a Timbé do Sul. Entretanto os índices foram bastante significativos, 98,48% no estado de Santa Catarina e 100% no estado do Rio Grande do Sul, no geral, o percentual de rejeição foi de 0,79%.

TABELA 5.3.183 - IMPORTÂNCIA DA CONTINUAÇÃO DA PAVIMENTAÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES A TIMBÉ DO SUL – AVALIAÇÃO POR MUNICÍPIOS

Municípios	Sim	%Sim	Não	%Não	Omitida	%Omitida	Total
São José dos Ausentes - RS	50	100,00	0	0,00	0	0,00	50
Timbé do Sul - SC	120	98,36	2	1,64	0	0,00	122
Ararangua - SC	40	100,00	0	0,00	0	0,00	40
Meleiro - SC	12	100,00	0	0,00	0	0,00	12
Turvo - SC	151	98,05	1	0,65	2	1,30	154
Jacinto Machado - SC	2	100,00	0	0,00	0	0,00	2
Total	375	98,68	3	0,79	2	0,53	380

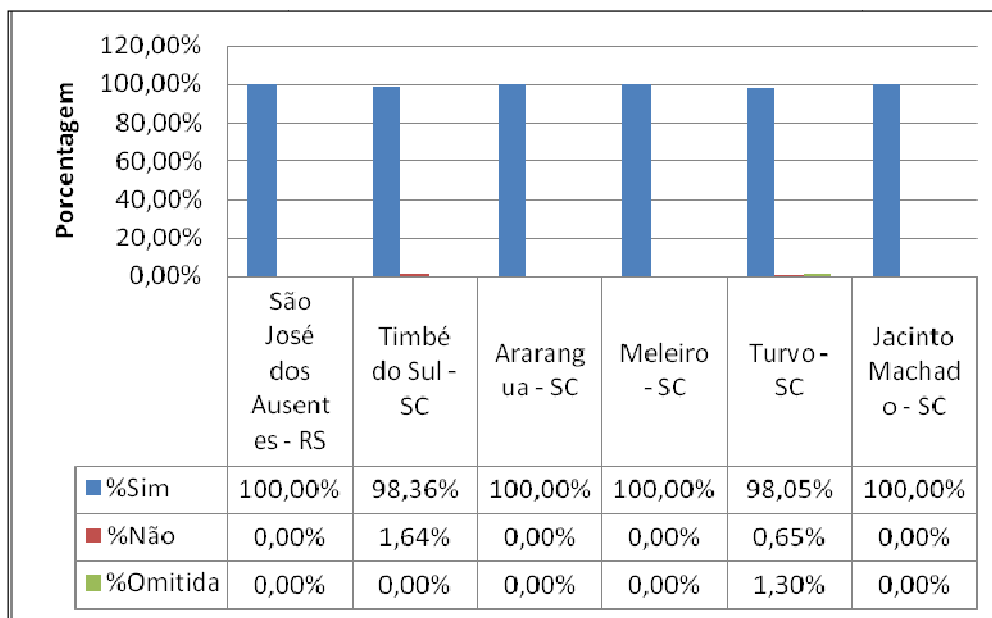


FIGURA 5.3.154 - GRÁFICO: IMPORTÂNCIA DA CONTINUAÇÃO DA PAVIMENTAÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES A TIMBÉ DO SUL – AVALIAÇÃO POR MUNICÍPIOS
FONTE: TABELA 5.3.183

TABELA 5.3.184 - IMPORTÂNCIA DA CONTINUAÇÃO DA PAVIMENTAÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES A TIMBÉ DO SUL – AVALIAÇÃO POR MUNICÍPIOS

Estados	Sim	%Sim	Não	%Não	Omitida	%Omitida	Total
Santa Catarina	325	98,48	3	0,91	2	0,61	330
Rio Grande do Sul	50	100,00	0	0,00	0	0,00	50
Total	375	98,68	3	0,79	2	0,53	380

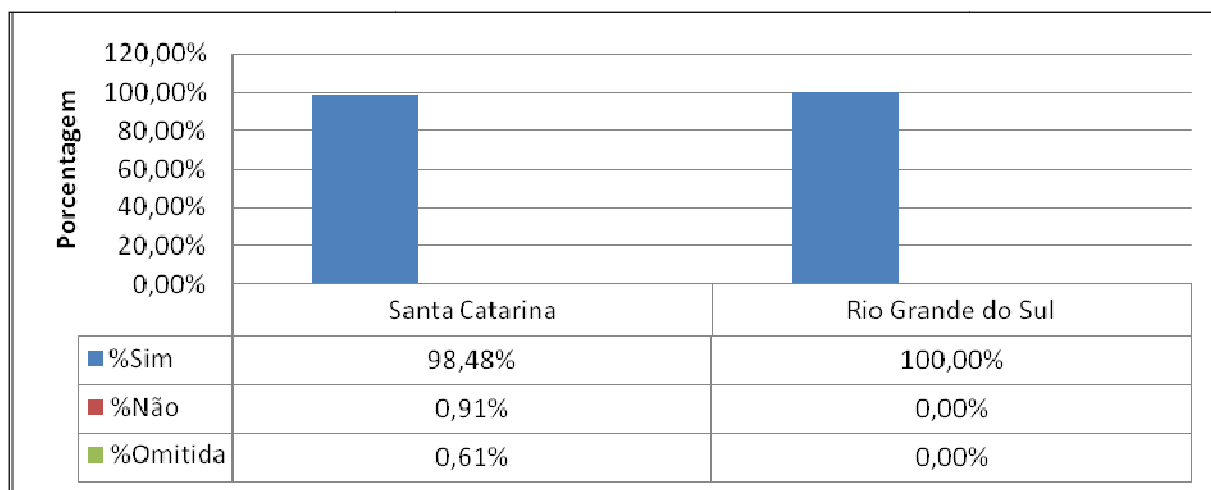


FIGURA 5.3.155 – GRÁFICO: IMPORTÂNCIA DA CONTINUAÇÃO DA PAVIMENTAÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES A TIMBÉ DO SUL – AVALIAÇÃO POR MUNICÍPIOS
FONTE: TABELA 5.3.184

TABELA 5.3.185 - IMPORTÂNCIA DA CONTINUAÇÃO DA PAVIMENTAÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES A TIMBÉ DO SUL – AVALIAÇÃO GERAL (TOTAL)

Opção	No	%
Sim	375	98,68
Não	3	0,79
Sem Resposta	2	0,53
TOTAL	380	100,00

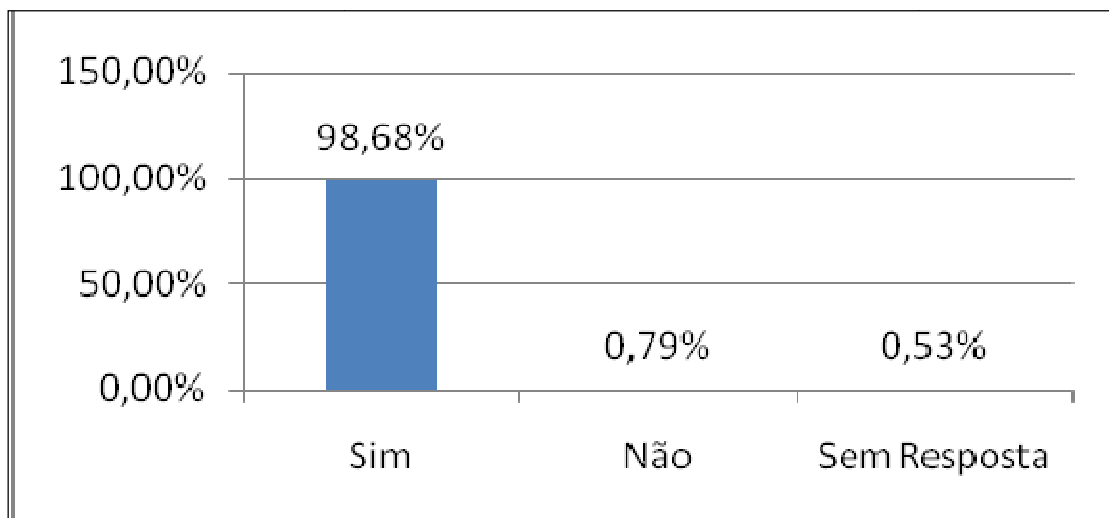


FIGURA 5.3.156 – GRÁFICO: IMPORTÂNCIA DA CONTINUAÇÃO DA PAVIMENTAÇÃO DE SÃO JOSÉ DOS AUSENTES A TIMBÉ DO SUL – AVALIAÇÃO GERAL (TOTAL)
 FONTE: TABELA 5.3.185

A próxima questão está relacionada ao traçado alternativo para o trecho entre São José dos Ausentes até a fronteira RS/SC. Foram apresentados três traçados aos entrevistados onde eles teriam que optar por um dos três traçados ou marcar a alternativa *indiferente*. E na seqüência foi questionado sobre o traçado alternativo entre Timbé do Sul e a fronteira SC/RS, apresentando dois traçados alternativos para serem apontados pelos entrevistados. Deste modo, a TABELA 5.3.186 à TABELA 5.3.191 e a FIGURA 5.3.157 à FIGURA 5.3.162 apresentam as informações desta pesquisa.

Com relação aos traçados alternativos para o trecho entre São José dos Ausentes até a fronteira RS/SC, os resultados foram os descritos na seqüência. Numa avaliação feita por municípios, quase todos mostraram uma preferência maior do que 80% pelo primeiro traçado alternativo. Apenas o município de Timbé do Sul que apresentou dados bem divididos entre o primeiro traçado (58,20%) e a opinião de que seria indiferente (38,52%). Entre os estados, o de Santa Catarina apresentou 81,52% votos para o primeiro traçado e o do Rio Grande do Sul esse índice é de 84%. No geral, 81,84% das pessoas entrevistadas mostraram preferência pelo traçado 1.

Com relação aos traçados alternativos para o trecho entre Timbé do Sul e a fronteira SC/RS, os resultados foram: entre os municípios também houve uma preferência significativa (>80%) pelo primeiro traçado alternativo. O estado de Santa Catarina apresentou uma preferência de 93,03% pelo primeiro traçado e o estado do Rio Grande

do Sul esse índice foi de 80%. De um modo geral, apenas 1,58% dos entrevistados tiveram preferência pelo segundo traçado alternativo.

TABELA 5.3.186 - QUAL TRAÇADO ALTERNATIVO ESCOLHERIA (SÃO JOSÉ DOS AUSENTES – FRONTEIRA RS/SC) – AVALIAÇÃO POR MUNICÍPIOS

Município	T1	% T 1	T 2	% T 2	T 3	%T 3	Indiferente	% Indif.	Omitido	% Omt	Total
São José dos Ausentes - RS	42	84,00	4	8,00	1	2,00	3	6,00	0	0,00	50
Timbé do Sul - SC	71	58,20	2	1,64	1	0,82	47	38,52	1	0,82	122
Ararangua - SC	35	87,50	0	0,00	1	2,50	4	10,00	0	0,00	40
Meleiro - SC	12	100,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	12
Turvo - SC	149	96,75	1	0,65	0	0,00	2	1,30	2	1,30	154
Jacinto Machado - SC	2	100,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	2
Total	311	81,84	7	1,84	3	0,79	56	14,74	3	0,79	380

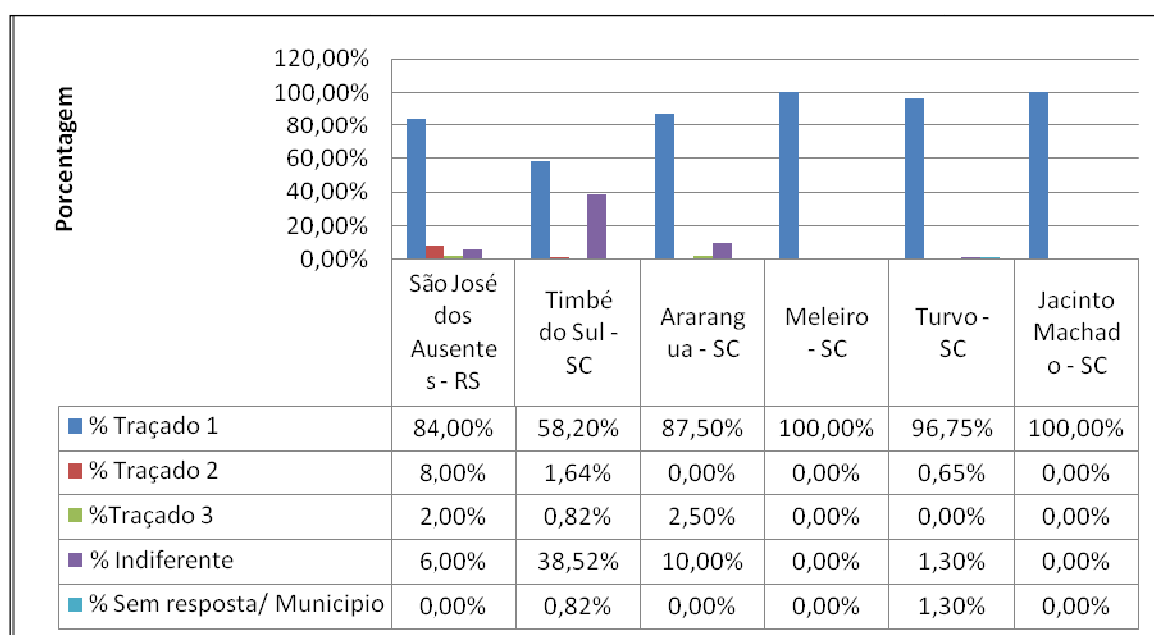


FIGURA 5.3.157 – GRÁFICO: QUAL TRAÇADO ALTERNATIVO ESCOLHERIA (SÃO JOSÉ DOS AUSENTES – FRONTEIRA RS/SC) – AVALIAÇÃO POR MUNICÍPIOS

FONTE: TABELA 5.3.186

TABELA 5.3.187 - QUAL TRAÇADO ALTERNATIVO ESCOLHERIA (SÃO JOSÉ DOS AUSENTES – FRONTEIRA RS/SC) – AVALIAÇÃO POR ESTADO

Estados	T1	% T1	T 2	% T 2	T 3	%T 3	Indiferente	% Indif.	Omitido	% Omt	Total
Santa Catarina	269	81,52	3	0,91	2	0,61	53	16,06	3	0,91	330
Rio Grande do Sul	42	84,00	4	8,00	1	2,00	3	6,00	0	0,00	50
Total	311	81,84	7	1,84	3	0,79	56	14,7	3	0,79	380

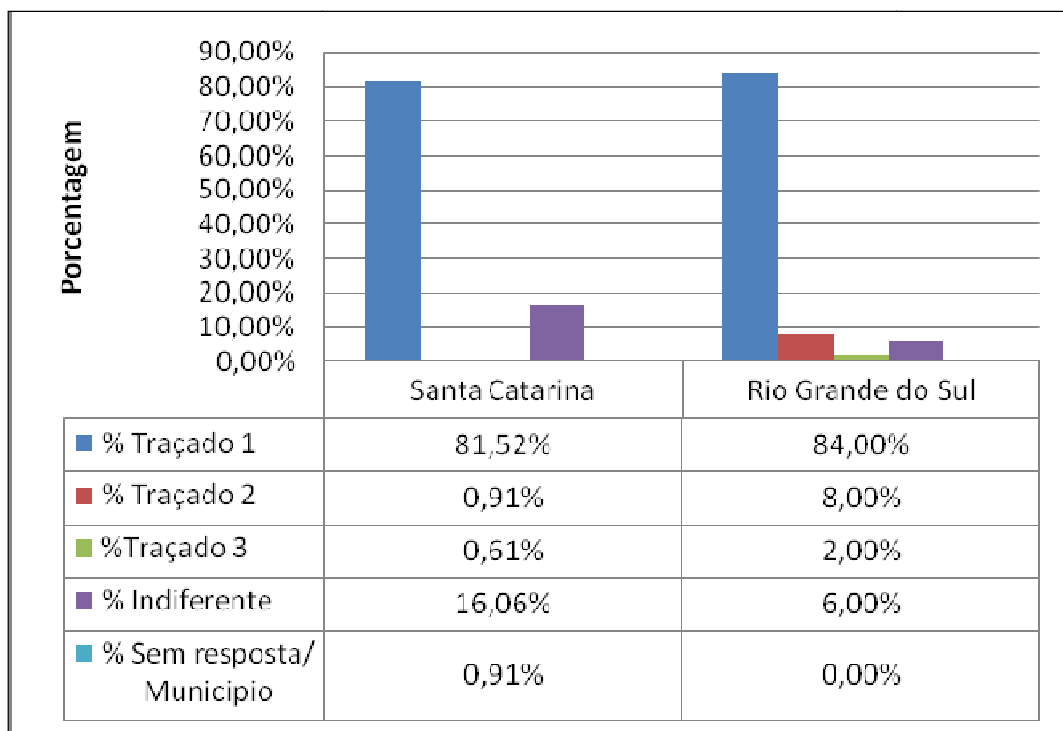


FIGURA 5.3.158 – GRÁFICO: QUAL TRAÇADO ALTERNATIVO ESCOLHERIA (SÃO JOSÉ DOS AUSENTES – FRONTEIRA RS/SC) – AVALIAÇÃO POR ESTADO
FONTE: TABELA 5.3.187

TABELA 5.3.188 - QUAL TRAÇADO ALTERNATIVO ESCOLHERIA (SÃO JOSÉ DOS AUSENTES – FRONTEIRA RS/SC) – AVALIAÇÃO GERAL (TOTAL)

Traçado	No	%
01	311	81,84
02	7	1,84
03	3	0,79
Indiferente	56	14,74
Sem Resposta	3	0,79
Total	380	100,00

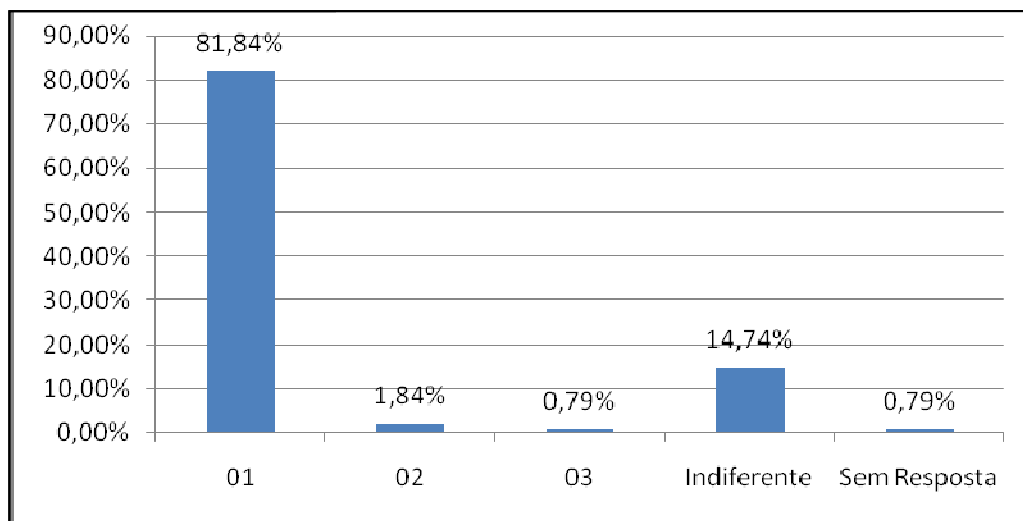


FIGURA 5.3.159 – GRÁFICO: QUAL TRAÇADO ALTERNATIVO ESCOLHERIA (SÃO JOSÉ DOS AUSENTES – FRONTEIRA RS/SC) – AVALIAÇÃO GERAL (TOTAL)
FONTE: TABELA 5.3.188

TABELA 5.3.189 - QUAL TRAÇADO ALTERNATIVO ESCOLHERIA (TIMBÉ DO SUL – FRONTEIRA SC/RS) – AVALIAÇÃO POR MUNICÍPIOS

Municípios	T1	%T1	T2	% T2	Indiferente	% Indif.	Omitidos	%Omitidos	Total
São José dos Ausentes - RS	40	80,00	4	8,00	6	12,00	0	0,00	50
Timbé do Sul - SC	107	87,70	2	1,64	12	9,84	1	0,82	122
Ararangua - SC	36	90,00	0	0,00	4	10,00	0	0,00	40
Meleiro - SC	12	100,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	12
Turvo - SC	150	97,40	0	0,00	2	1,30	2	1,30	154
Jacinto Machado - SC	2	100,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	2
Total	347	91,32	6	1,58	24	6,32	3	0,79	380

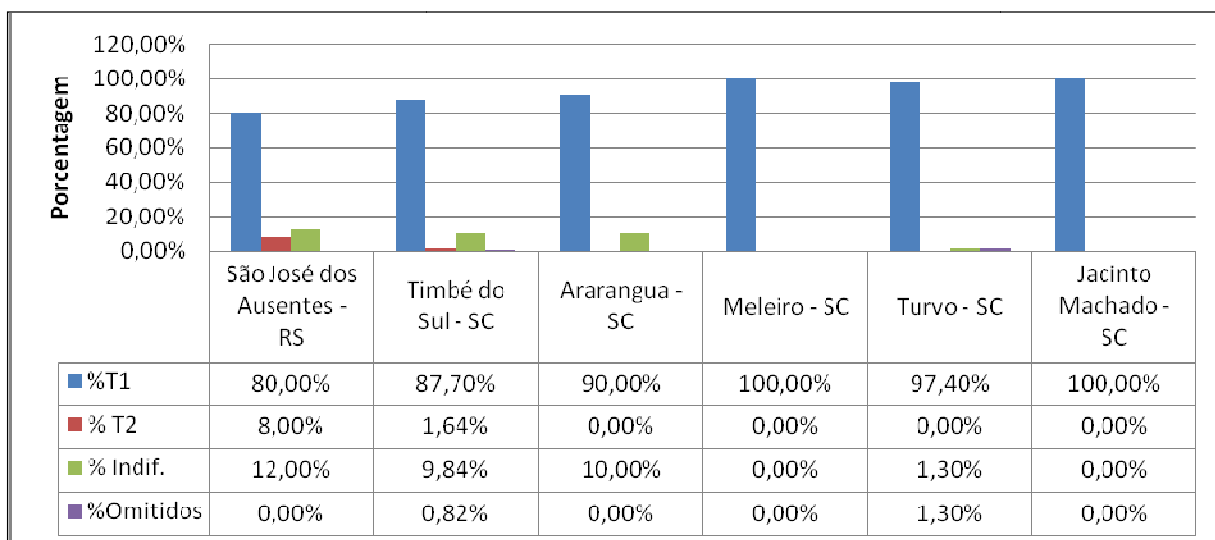


FIGURA 5.3.160 - GRÁFICO: QUAL TRAÇADO ALTERNATIVO ESCOLHERIA (TIMBÉ DO SUL – FRONTEIRA SC/RS) – AVALIAÇÃO POR MUNICÍPIOS
FONTE: TABELA 5.3.189

TABELA 5.3.190 - QUAL TRAÇADO ALTERNATIVO ESCOLHERIA (TIMBÉ DO SUL – FRONTEIRA SC/RS) – AVALIAÇÃO POR ESTADO

Estados	T1	% T1	T2	% T2	Indiferente	% Indif.	Omitidos	% Omt.	Total
Santa Catarina	307	93,03	2	0,61	18	5,45	3	0,91	330
Rio Grande do Sul	40	80,00	4	8,00	6	12,00	0	0,00	50
Total	347	91,32	6	1,58	24	6,32	3	0,79	380

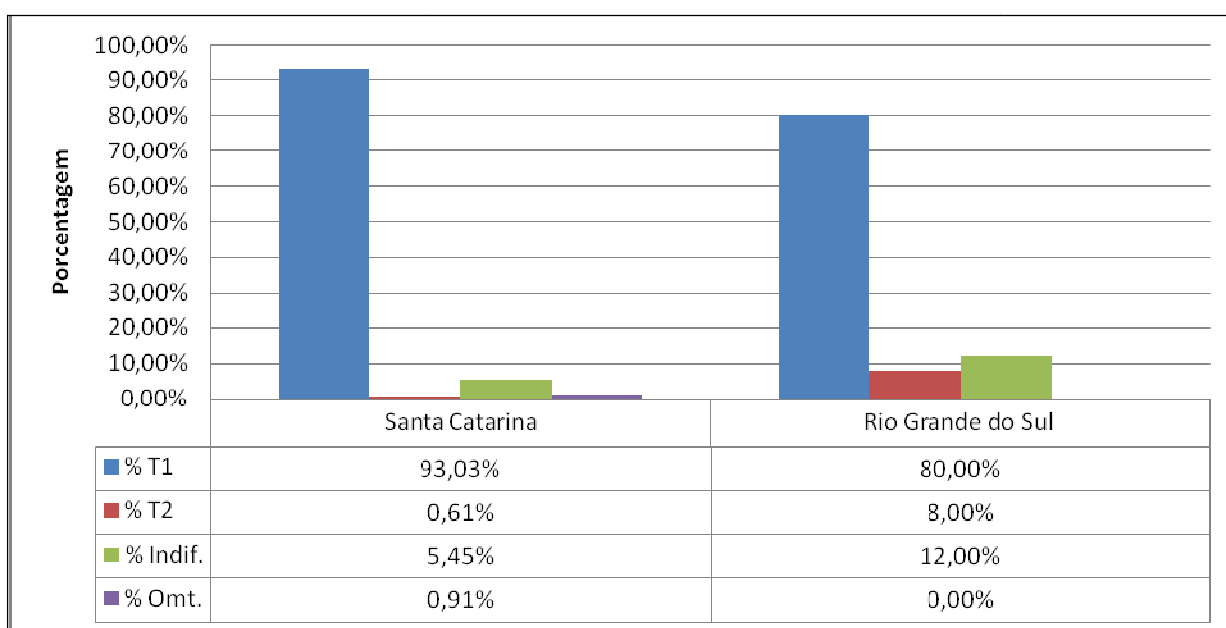


FIGURA 5.3.161 - GRÁFICO: QUAL TRAÇADO ALTERNATIVO ESCOLHERIA (TIMBÉ DO SUL – FRONTEIRA SC/RS) – AVALIAÇÃO POR ESTADO
FONTE: TABELA 5.3.190

TABELA 5.3.191 - QUAL TRAÇADO ALTERNATIVO ESCOLHERIA (TIMBÉ DO SUL – FRONTEIRA SC/RS) – AVALIAÇÃO GERAL (TOTAL)

Opção	No	%
01	347	91,32
02	6	1,58
Indiferente	24	6,32
Sem Resposta	3	0,79
TOTAL	380	100,00

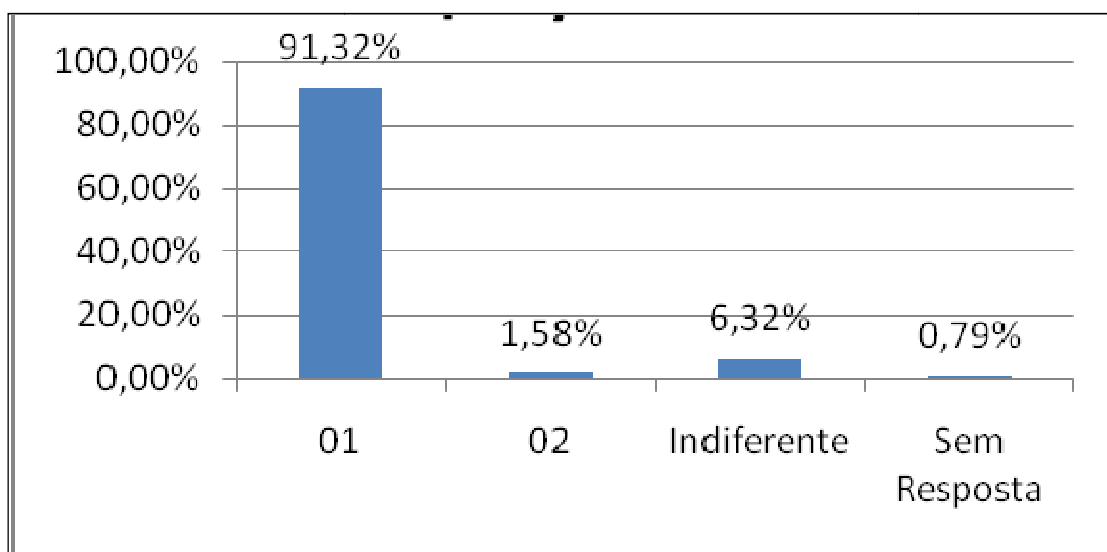


FIGURA 5.3.162 - GRÁFICO: QUAL TRAÇADO ALTERNATIVO ESCOLHERIA (TIMBÉ DO SUL – FRONTEIRA SC/RS) – AVALIAÇÃO GERAL (TOTAL)
 FONTE: TABELA 5.3.191.

Quanto aos vetores de crescimento regional e suas interferências com o empreendimento proposto, foram contempladas no item 5.3.5, uma vez que aí foi solicitada também. Quanto às expectativas da comunidade estão no item 5.3.10 e já foram também solicitadas e explicitadas no item 5.3.5.

5.4 Passivos Ambientais

Os passivos ambientais relativos ao meio físico caracterizam-se por áreas de empréstimos (material para confecção de aterros), jazidas (solos e rochas), bota-foras e locais de instabilidade geotécnica e/ou sujeitos a processos erosivos.

Na situação atual, onde o Lote 1 ainda não foi submetido a nenhuma intervenção (trecho em terreno virgem), não existem passivos ambientais pretéritos. Relativo às intervenções futuras, o Projeto Final de Engenharia indica a localização destas áreas, conforme descrito no Capítulo 2 deste EIA.

Com relação ao Lote 2 a situação é diversa, pois o trecho encontra-se em operação há mais de 50 anos e são inúmeros os locais com processos erosivos e de instabilidade já instalados. Este levantamento, inclusive com caracterização geográfica e fotográfica está apresentado no item 5.1 (diagnóstico do meio físico), sub-ítem 5.1.3 (Geologia), sendo que os pontos de instabilidade geotécnica estão apontados na FIGURA 5.1.26.

Embora o Projeto Final de Engenharia indique soluções preventivas e corretivas para serem implantadas nestes locais, a dinâmica evolutiva destes processos, notadamente no trecho da Serra da Rocinha, exige que sejam concebidas soluções específicas para cada caso, as quais só poderão ser detalhadas simultaneamente à execução da obra.

Na fase de apresentação dos Projetos Básicos Ambientais (PBA's) será realizado um levantamento cartográfico atualizado, em escala adequada, possibilitando a fiel identificação do estado evolutivo destes processos erosivos e de instabilidade, culminando com o detalhamento das soluções propostas para cada local.